

LIBRARY
OF THE
MUSEUM

2599

H.8

2599

HISTORIA
GENEALOGICA
DA
CASA REAL
PORTUGUEZA.

THE
LIBRARY
OF THE
MUSEUM OF
ART AND HISTORY
OF THE
CITY OF BOSTON
1850

2599

HISTORIA GENEALOGICA

DA CASA REAL PORTUGUEZA,



DESDE A SUA ORIGEM ATÉ O PRESENTE,
com as Familias illustres, que procedem dos Reys,
e dos Sereníssimos Duques de Bragança.

JUSTIFICADA COM INSTRUMENTOS,
e Escritores de inviolavel fé,

E OFFERECIDA A ELREY

D. JOÃO V.

NOSSO SENHOR

P O R

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA,

Clerigo Regular, e Academico do numero da Academia Real.

TOMO VII.



LISBOA OCCIDENTAL.

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

M. DCC. XL

Com todas as licenças necessarias.

GENERAL

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

INDEX

DOS CAPITULOS,

que se contém nesta Parte.

LIVRO VII.

CAPITULO I. *DelRey D. Joaõ IV.* pag.1.

CAP. II. *Do Principe D. Theodosio*, pag.263.

CAP. III. *Da Infanta D. Catharina*, Rainha de
Inglaterra, pag.281.

CAP. IV. *DelRey D. Affonso VI.* pag.339.

CAP. V. *DelRey D. Pedro II.* pag.425.

Erra-

Erratas.

Pag.472. lin.5. de 1682
Pag.671. lin.4. politica
Pag.679. lin.6. Cap.X.
Pag.693. lin.7. Ornero
Pag.732. lin.2. Campanhia

Emendas.

de 1681.
policia
Cap. VI.
Ornano.
Campainha

HISTO-

HISTORIA
GENEALOGICA
D A
CASA REAL
PORTUGUEZA.

LIVRO VII.

CONTÉM

ElRey D. Joaõ IV.

ElRey D. Affonso VI.

ElRey D. Pedro II.

ElRey D. Joaõ V. nosso Senhor.

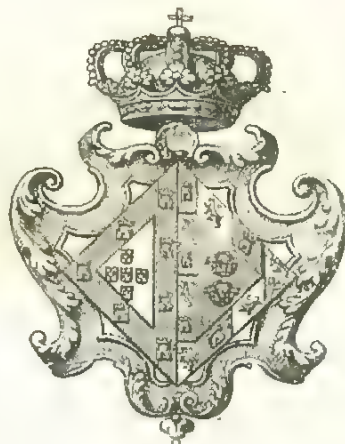
17 ElRey D. Joaõ IV.

18	O Principe D.Theodosio.	A Infanta Dona Catharina, Rainha da Grãa Bretanha,	ElRey D. Af- fonso VI.	ElRey D. Pe- dro II.	A Infanta D. Joanna.	A Senhora D. Maria legiti- mada.
----	----------------------------	--	---------------------------	-------------------------	-------------------------	--

19	A Infanta D. Isabel.	ElRey D. Jo. 6 V.	O Infante D.Francis- co.	O Infante D. Anto- nio.	A Infanta D. There- sa.	O Infante D.Manuel.	A Infanta D.Francis- ca.	A Senhora D. Luiza legitimad.	O Senhor D.Miguel legitimad.	O Senhor D. Joseph legitimad.
----	-------------------------	----------------------	--------------------------------	-------------------------------	-------------------------------	------------------------	--------------------------------	-------------------------------------	------------------------------------	-------------------------------------

20	A Infanta D. Maria, Princ. das Athurias.	O Principe D. Joseph.	O Infante D. Carlos.	O Infante D. Pedro.	O Infante D. Alexandre.	D. Joanna Perpetua de Bragan- ça.	D. Pedro, Duque de Lafuens.	D. Joaõ de Bragança.
----	---	--------------------------	-------------------------	------------------------	----------------------------	--	-----------------------------------	-------------------------

21	A Princeza da Beira D.Maria.	A Infanta D. Maria Anna.	A Infanta D. Ma- ria Francisca.
----	---------------------------------	-----------------------------	------------------------------------



HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL PORTUGUEZA.

CAPITULO I.

Del Rey D. João IV.

17



ORRIA o anno de 1640 ;
em que se contavaõ quasi ses-
senta annos , que estava sus-
pensa a serie dos nossos Reys
naturaes , porque o poder em
calamitoso tempo corrompeo
no principio a justiça , e de-
pois com industriosa politica manteve em Portugal
a dominação Castelhana : de que já cansados os
Tom.VII. A leaes

leaes Portuguezes, sacudiraõ taõ pezado jugo, que a constancia, e o valor sustentou gloriosamente contra o formidavel poder dos Hespanhoes, pelas maximas Christãas de hum Principe prudente, e vigilante, ornado de excellentes virtudes, que o elevaraõ ao Throno no fausto dia do primeiro de Dezembro do referido anno, em que foy acclamado Rey o Duque de Bragança D. Joaõ II. do nome, e IV. entre os gloriosos Reys seus predecessores, a quem a boa memoria do Serenissimo Duque de Bragança D. Joaõ I. seu avô deu o nome, e a Coroa Portugueza o indisputavel direito de sua avó a Senhora D. Catharina, como temos dito nos Capitulos precedentes. Nasceo em Villa-Viçosa em 18 de Março do anno de 1604 Duque de Barcellos. Foy celebrado o seu nascimento de seus parentes, vassallos, e criados, com Reaes demonstrações de contentamento. No dia seguinte, que era da festa do Glorioso Patriarcha S. Joseph, houve Missa solemnemente cantada na Capella em acção de graças pelo recémnascido Principe, e ordenou o Duque seu pay, que em todos os annos se celebrasse com toda a solemnidade pelo dito Principe, em memoria da merce, que Deos lhe fizera no seu nascimento na Vespera do dito Santo: pelo que parece, que no dia de S. Joseph celebrava ElRey os seus annos, como vemos de muitos Panegyricos impressos, prégados no dia do Santo, em que festejava o seu nascimento, tendo sido no dia antecedente.

Foy

Foy bautizado a 25 do dito mez por seu tio o Senhor D. Alexandre, Arcebispo de Evora: e sendo preparada a Capella Ducal com ricas armações, depois de terem os Capellães rezado Completas no Coro, levou o Deaõ recado, de que estava tudo prompto; e sahio o Duque de Barcellos da Camera da Duqueza sua mãy nos braços de Luiz Gonçalves de Menezes, Veador, e com elle Sua Alteza a Senhora D. Catharina sua avó, e o Duque seu pay, o Senhor D. Duarte, e o Senhor D. Philippe seus tios, com todos os Fidalgos, Dónas, Damas, e Officiaes da sua Corte. Levavaõ as insignias para o Bautismo, Christovaõ de Brito Pereira o prato da fogaça, e a véla; Antonio de Sousa de Abreu, o prato, e gomil; Ruy de Sousa Pereira, o faleiro. Precediaõ ao acompanhamento todos os ministros, atabales, trombetas, charamellas, Arautos com Armas, Porteiros da Cana, e Porteiros da Maça, e todos os mais Officiaes da Casa, e o Veador da Senhora D. Catharina, e a esta levava de braço o Senhor D. Duarte, e a cauda D. Francisca de Noronha, e sahiraõ pela falla grande do Paço, Terreiro, passadiços, e rua da varanda, que tudo estava armado de ricos panos de Arraz até à porta da Capella de huma, e outra parte. Já neste tempo estava na Capella o Arcebispo de Evora, revestido em Pontifical com Capa, e Mitra, e sentado em huma cadeira encoistado ao Altar da parte da Epistola, e da do Euangelho estava a Cruz de Metro-

politano, e Bago, e todos os Capellães, e mais Religiosos, que assistiaõ. Assim que chegou o acompanhamento à porta da Capella, se levantou o Arcebispo, e com a Cruz diante, e Bago, e todos os Capellães em Procissão, foraõ à porta da Igreja, e no meyo della, estando já em o mesmo lugar a Senhora D. Catharina, o Duque de Bragança, e o Duque de Barcellos nos braços de Luiz Gonçalves de Menezes, tirou ao Arcebispo a Mitra o Deaõ da Capella, e sem ella começou a fazer o officio, na fórma costumada: e conferido o Santo Bautismo, tocaraõ os atabales, e charamellas, e mais ministros em final de graças, com que se acabou este acto: e o Arcebispo sobindo ao Altar, se despio das insignias Pontificaes, e acompanhou à Senhora D. Catharina, e aos Duques, e voltaraõ pelo mesmo caminho, por onde tinhaõ vindo, até à Camera da Duqueza. Foraõ Padrinhos do Duque de Barcellos o Senhor D. Duarte seu tio, Marquez de Frechilha, e Sua Alteza a Senhora Dona Catharina: acompanhavaõ ao Duque de Barcellos doze Moços da Camera com tochas, e sahindo da Camera com ellas apagadas, se accenderaõ na Capella quando se começou a cerimonia do Bautismo, e volta-raõ com ellas accesas acompanhando ao Duque de Barcellos até à Camera da Duqueza, donde haviaõ sahido.

A Duqueza sua mãy, em quem resplandeceraõ com singularidade excellentes virtudes, estimando

do mais as fantas Leys da natureza , do que as da fortuna , porque se não diminue a authoridade dos Principes no excessão do carinho dos filhos , assistia à obrigação de Aya , e Mestra do Duque de Barcellos , igualmente com o amor , e respeito de mãy. Porém como lhe durou pouco a vida , não pode o Duque de Barcellos ter tempo de reconhecer , o que devia ao amor de sua mãy , a qual trocando seu grande Estado por melhor Reyno , faleceo no anno de 1607 no mais florido tempo da idade , não contando mais , que vinte e seis annos , cheyos de grande numero de virtudes , como fica escrito no Capitulo XVIII. do Livro VI. Deulhe o Duque seu pay por Ayo a Dom Diogo de Mello , e por Mestre ao Doutor Jeronymo Soares , o primeiro criado , e bom servidor da Casa , bem instruido nos bons preceitos da antiga Corte Portugueza ; o segundo varão sabio , e virtuoso , como mostrou na sua vida , e escritos. Foraõ differentes entãõ as razoes de Estado sobre o modo da sua creação , porque os mais austéros requeriaõ o mais constante progresso do Duque de Barcellos ; tanto , que alguns fizeraõ entender ao Duque Dom Theodosio , que crear hum filho com magestade , era fazello reo della , e que assim toda a moderação era precisa , contentando-se com o lograr , porque depois a sua mesma grandeza o distinguiria. Grandes fins deviaõ encobrir a politica , que obrigava a que se faltasse naquelle tempo ao culto de hum tão grande

de

de herdeiro. Não he culpavel defeito , nem de notar ao Duque D. Theodosio , quando os mayores lisongeiros de seu filho não puderaõ desconhecer as faltas , que nelle deixou impressas a falta desta observancia. Soube com tudo da Latinidade com perfeição , seguindo mais a pia , que a erudita. Foylhe familiar a Escritura Sagrada , gostando mais desta lição , do que da profana ; donde procedeo não aproveitar a Latinidade nas noticias , que com ella pudera adquirir de outra erudição. Depois começou a ser inclinado ao campo , seguindo o exercicio da caça , que continuava livre , com todos os preceitos do decóro , e da temperança. O Duque seu pay agradado de ver o de Barcellos , que o imitava em alguns costumes , sendo aquelles os de menor inconveniente , o acompanhava muitas vezes ao monte com satisfação , sendolhe depois agradaveis as fadigas , que do filho Duque de Barcellos lhe referiaõ : pelo que algumas com o exemplo lho occasionava de novo , porque não punha nos olhos do desejo mais , que em o ver livre dos riscos daquella idade , para o que lhe facilitava novas occasioens em divertimentos innocentes , em que passasse com gosto o tempo. Entre estes foy o da Musica o a que teve particular inclinação , e nella por Mestre a Roberto Tornar , Inglez de nação , discipulo de Geri de Gresen , o qual em Madrid havia tido lições do celebre Capitan ; a elle mandou vir o Duque seu pay , e foy Mestre da Cappella

pella Ducal de Villa-Viçosa. Foraõ os progressos taõ admiraveis nesta estimadissima Arte, como adiante diremos.

Resolveo-se ElRey D. Filippe III. no anno de 1619 passar a Portugal a celebrar Cortes em Lisboa, a que assistio o Duque de Bragança como Condestavel do Reyno, e o acompanhou nesta occasiaõ o Duque de Barcellos seu filho, e foy a primeira pessoa, que neste acto jurou, o qual de poucos annos veyo aprender a Lisboa as ceremonias, com que se coroavaõ os Reys de Portugal, como escreveo a elegancia do Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes na sua estimada Obra do *Portugal Restaurado*. Nesta mesma occasiaõ succedeo aquella Ericeira, Portug. Restaurado, liv. 1. tom. 1. pag. 42. defordem, que já referimos no Capitulo XVIII. movida entre os Soldados da Guarda, e Moços da Estribeira do Duque, sobre o lugar da assistencia dos cavallos de ambos os Duques, o que o de Barcellos intentou castigar, levado do ardor dos seus poucos annos, que eraõ quinze; e que a prudencia de seu grande pay, que tudo advertia, atalhou, dizendolhe: *Anday filho, que ElRey nos guarda as costas.*

Por morte do Duque D. Theodosio, foy o VIII. Duque de Bragança, e depois V. de Guimaraens, sendo o III. de Barcellos. Costumaõ de ordinario as mortes dos Principes causar mudanças no governo das suas Casas, porque as inclinações os levaõ a quererem a assistencia daquelles, que favorecem.

cem. Pelo que a mayor parte das feitura do Duque D. Theodosio as desfez logo o Duque Dom Joaõ, fabricando outras de novo. Nomeou a D. Antonio de Mello, Estribeiro môr, a Fernaõ Rodrigues de Brito, Camereiro môr, a Dom Luiz de Noronha, Caçador môr, Salvador de Brito, Trinchante, Veador da Casa Pedro de Mello de Castro, a Fr. Agostinho dos Anjos, Eremita de Santo Agostinho, Confessor, a Antonio Paes Viegas, Secretario, e outros nos mais officios mayores, e subalternos da sua Casa, e a Francisco de Sousa Coutinho elegeo para residir na Corte de Madrid, onde principiou a instruirse para as grandes Embaixadas, que depois exercitou com tanto credito seu, e da Naçaõ. Depois accommodou em menores officios differentes pessoas: e naõ he pequeno elogio da grandeza de hum Senhor particular, qual o Duque D. Joaõ a este tempo representava, achar-se com criados, com que pudesse formar a Casa passada, e a presente, nos do velho, e novo Principe.

Das primeiras acções do novo governo naõ ficaraõ individuaes noticias. Representaraõ os Ministros do Estado de Bragança o desempenho mais licito dos seus reditos, que era melhor pagar o que se devia, que dar o que naõ era obrigado. Pelo que ordenou o novo Duque se suspendessem largas tenças, com que o Duque seu pay soccorria alguns Fidalgos pobres, e independentes da sua familia,

huns

huns para se sustentarem nos estudos , outros no serviço Militar , e tambem alguns na Corte, onde viviaõ com pobreza , como dissemos na vida do Duque D. Theodosio.

Entre os parentes da Casa de Bragança naõ era o menos lustroso , mas a ella pouco aceito D. Fernando de Faro , III. Senhor de Vimieiro , a qual Villa com o titulo de Conde havia possuido Dom Francisco de Faro seu pay. Andava neste tempo vivo o discurso , e pratica do casamento do Duque de Bragança , e cada servidor , ou afeiçoado seu , segundo o affecto , ou os interesses , lhe propunha esposa : entre os mais delles D. Fernando de Faro , que residia na Corte de Madrid , onde havia casado , inculcava com instancia as vodas de D. Marianna de Toledo e Portugal , filha de D. Fernando Alvares de Toledo e Portugal , VI. Conde de Oropeza , filho unico do Senhor D. Duarte , irmão do Duque D. Theodosio II. que havia casado com a herdeira da grande Casa , e Condado de Oropeza , como se dirá no Livro VIII. Dizia D. Fernando , que o Duque de Bragança na eleição de esposa havia de preferir a sua varonia , a qual se achava em D. Marianna , a que se ajuntavaõ as qualidades da mãy , e avó desta Senhora , pois sua avó era filha de D. Fernando Alvares de Toledo , V. Conde de Oropeza , e sua mãy filha de D. João Affonso Pimentel , VIII. Conde de Benavente , e que em idade , e pessoa tambem podia preferir a qualquer ou-

tra Princeza , com dote igual às mais ricas , e às proximas esperanças de ser immediata a hum só irmão , menor , e enfermo , cuja herdeira a consideravaõ entaõ todos (o que não veyo a ser:) desta sorte se correspondia nesta eleição a Casa de Oropesa , a qual já o havia feito entregando a sua herdeira a hum filho segundo da de Bragança.

Dom Francisco de Mello era outro parente da Casa de Bragança , mas favorecido , e feitura sua , o qual se oppunha a este casamento com evidentes argumentos , e dizia , que havendo de casar em Hespanha o Duque de Bragança , não tinha , que buscar outra Casa , quando na de Medina Sidonia havia hum filha para tomar estado , no que lhe dera exemplo o mayor Duque de Bragança D. Jayme , que aos passados excedeo na qualidade de Principe herdeiro do Reyno , e naquella grande Casa escolhera a consorte : e que quando agora em Dona Luiza Francisca de Gusmaõ , filha do Duque D. Manoel Affonso Peres de Gusmaõ , *el Bueno* , não houvera taõ qualificada qualidade no nascimento ; as suas partes a faziaõ digna de alta fortuna. E quando as partes , e nascimento fossem inferiores , o grande interesse , que o Valido mostrava nestas vodas , era sufficiente para as fazer iguaes aos mayores merecimentos ; e das suas perfeições se lembrava já o grande Poeta Hespanhol Dom Luiz de Gongora no Romance , que principia : *Ave de plumage negra* ; porque nenhum Vassallo podia permanec-

manecer sem a graça do favorecido, por cuja mão se dispensava a efficaz virtude do Monarca; que os Duques de Bragança pela mesma causa, que sustentaraõ conservar-se independentes da valia, tinhaõ sabido, que o seu Estado se não podia conservar sem a contemporisação della; que os Reys soberanos se valiaõ da graça dos Valídos dos outros, porque mais negocios acabava a industria, que a força: e sendo esta maxima de Rey a Rey, quanto mais absoluta seria entre o Principe, e o Vassallo.

Assim discorria D. Francisco de Mello, com tudo não faltava quem cuidasse, que nestas negociações entremetia subtilmente os seus augmentos, dourando no zelo o interesse. O Conde Duque por secretos officios mostrava querer corresponder ao grande titulo de Pay, que o de Bragança lhe havia offerecido. Ao que se não persuadirá hum poderoso ajudado da lissonja, de quem com ella o faz mais poderoso? Foy entaõ toda a destreza certificar ao Duque D. João, que elle se não entremeteria neste negocio, e por elle mesmo foy delle encarregado, e assim veyo o Conde Duque a ser rogado com o seu proprio desejo.

Era grande o dote, que se prometia, e mayores as promessas, que eraõ a restitução da posse do Ducado de Guimaraens, alienado da Casa por dote invalido do Duque D. Theodosio I. ao Infante seu cunhado, como já deixamos referido; a ratificação dos privilegios, que tinhaõ feito litigiosos

os Procuradores Regios; o cumprimento de antigos alvitres, os commodos decentíssimos a seus irmãos, as merces aos criados, e propicia a graça delRey. Até este ponto chegou a negociação de D. Francisco de Mello, o qual já participava influxos da benignidade Real, porque sobre o lugar de Veador, ou Mordomo da Rainha, sahio a mostrar o seu talento na Embaixada de Saboya, cuja occupação foy atalho breve para chegar aos mayores lugares da Monarchia Hespanhola, do qual já sentimos a ingratidão, com que nelles pagou tão mal à Casa de Bragança, a que devia igualmente a origem, e a fortuna.

A's ultimas conferencias deste negocio entrou na Corte de Madrid Francisco de Sousa Coutinho, e nella seguiu mais justificado, que satisfeito, as proposições de seu antecessor, e assim veyo a dar fim ao ajuste deste tratado, que logo participou a seu Senhor.

Com a noticia, que o Duque teve de estar ajustado o seu casamento, em hum Domingo, que se contavaõ 25 de Janeiro de 1632, sahindo às duas horas da tarde da sua Camera, acompanhado de seus irmãos os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, participou aos Fidalgos da sua Corte o ajuste do seu casamento com a filha do Duque de Medina Sidonia: pelo qual todos lhe beijaraõ a mão, e baixando à Capella, onde já esperava o Deaõ, e Dignidades, revestidos com capas ricas de téla, e chaparia

paria de ouro, com todos os Capellães, e Cantores, e levantado pelo Deão o *Te Deum*, foy protegido pelos Musicos, e Cantores a tres córos; à noite esteve o Palacio illuminado, em que arderão duzentas tochas, e toda a Villa poz luminarias. Passou-se o referido contrato a hum tratado publico, que se celebrou em Madrid a 17 de Novembro do referido anno de 1632: pelo qual se obrigou o Duque de Medina Sidonia a dar a sua filha em dote cento e vinte mil ducados, e vinte mil em joyas, e mais cousas pertencentes ao seu enchoval, e que a poria à sua custa na Raya de Portugal, e que por sua morte se lhe dariaõ mais vinte e tres mil ducados, por augmento de seu dote, quando não quizesse entrar nas partilhas com o Conde de Niebla; com condiçaõ, que ainda que não coubessem nas legitimas dos Duques seu pay, e mãy, o dito dote, se lhe faria sempre certo, o que ElRey corroborou por hum Alvará, em que derogava todas as Leys em contrario, e ultimamente a que limitava, e taxava a quantia dos dotes, publicada em Madrid no anno de 1534, e a Pragmatica promulgada em 10 de Janeiro de 1623, as quaes revogou, e todas as demais, para que tivesse effeito o dito contrato, e foy passada a Carta em Madrid no anno de 1633. E porque depois por morte do Duque de Medina Sidonia lhe succedeo seu filho o Duque D. Gaspar, e excediaõ as dividas; elle como successor no Ducado, e Casa de Medina Sidonia,

Prova num. 1.

Prova num. 2.

nia, assignou em diversas partes dos seus Estados certas quantias para complemento da satisfação do dote, e foy feita esta obrigação em S. Lucar a 18 de Fevereiro de 1637.

ElRey D. Filippe querendo mostrar o quanto estimava este tratado, mandou dizer ao Duque de Bragança, que lhe fazia merce do titulo de Duque de Guimaraens de juro para elle, e seus descendentes, e que lhe daria a jurisdicção da Villa de Guimaraens, para o que estava ao presente impossibilitado pelos embargos, que a dita Villa punha: Que no caso, de que o Duque quizesse pleitear o direito com a Villa, se cumpriria com toda a justiça, tendo Sua Magestade poder para revogar o privilegio delRey D. Affonso V. o que não tendo effeito, por ElRey lhe não poder dar a jurisdicção da dita Villa, no tal caso lhe fazia merce de vinte e quatro mil cruzados, que eraõ quatorze mil cruzados mais, em que fora avaliada a dita jurisdicção, os quaes lhe seriaõ consignados no alvitre da canella, que lhe prerogava, e que o pudesse nomear para sempre em quem quizesse: Que lhe dariaõ Juizes quando ao Duque lhe conviesse, diante dos quaes se justificariaõ os titulos das justiças de Guimaraens, que valiaõ de treze até quatorze mil cruzados: Que acabado o pleito da jurisdicção da Villa, sem embargo de Sua Magestade a ter satisfeito ao Duque, lhe faria a merce, que coubesse, e houvesse lugar conforme o animo de Sua Magestade,

de, que era metello de posse da jurisdicção: Que fazia mais merce ao Duque dos Concelhos de Moz, Rebordãos, Guster, Castanheira, Verborada, e Val de Prado: Que se lhe dariaõ quatro habitos das Ordens de S. Bento de Aviz, e Santiago, para que na sua Casa, e serviço, houvesse Cavalleiros de todas as tres Ordens Militares: Que se renovariaõ todos os despachos, e merces, que se fizeraõ ao Duque D. Theodosio seu pay no seu casamento, e se lhe passariaõ as Provisoes, que pedisse: Que se confirmariaõ ao Duque todos os titulos, e privilegios da Casa de Bragança, que por omisção se deixaraõ de confirmar, desde a sua fundação até o presente; e que duvidando-se em Portugal de algumas das ditas cousas da sua confirmação, ou das merces deste seu casamento, lhe dava, e assignava Sua Magestade dous Ministros em Madrid, que seriaõ Juizes, e elles communicariaõ cara a cara a Sua Magestade os taes negocios: Que a proposta de pedir o Duque foga, e cutello no lugar onde assiste, não tinha por entaõ lugar para lhe deferir por justos respeitos, e que lhe ficava reservada esta merce para outra occasião.

Celebrado com todas estas circumstancias o tratado do casamento do Duque em o primeiro de Janeiro de 1633, teve noticia por hum Expresso mandado da Cidade de S. Lucar, em que a Duqueza D. Luiza partiria no dia 3 do referido mez; e a 6 teve o Duque noticia por outro Expresso, que

que já havia partido, e assim determinou o Duque ir buscar sua esposa à Raya, e a 11 de Janeiro partio para Elvas. Hia vestido de campo de cor parda, calções, e roupeta de damasco frizado cor de amendoa, alamares largos, bordados em ramos de ouro, o farragoulo de chamalote de aguas com alamares na mesma forma, forrado de tafetá dobrado bordado de laçaria de ouro, chapeo negro, centilho de diamantes, e por joya hum ramo de quasi meyo palmo de diamantes, plumas pardas, espada, cinto, e adaga dourados, com os talabartes de recamado bordado, meyas, ligas, e rosas pardas com pontilha de ouro, collar grosso de peças de ouro, e as mangas do jubaõ todas bordadas de ouro. Os Senhores Dom Duarte, e D. Alexandre, seus irmãos, vestiraõ tambem da mesma cor parda, calções, e roupetas de damasco ondeado, golpeados sobre téla encarnada, farragoulo de chamalote sem aguas, forrados de téla de flores encarnada, alamares de seis voltas de caracolilho de ouro, centilho, e joyas de diamantes, plumas pardas, espadas, cintos, e adagas douradas, meyas, ligas, e rosas com pontilha de ouro, collares grossos de peças, e mangas bordadas. Desta sorte baixou o Duque com seus irmãos, acompanhado de todos os Officiaes, Fidalgos, e mais criados accrescentados da sua Casa; e depois de entrar com seus irmãos no coche, que era de veludo encarnado, e ouro, com pregaria de prata, com todas

as ferragens douradas, tirado por seis mullas, e os Cocheiros com vaqueiros de veludo verde de quatro mangas, gorras do mesmo guarnecidas de passamanes de prata, levavaõ à mão sómente tres cavallos, hum castanho para o Duque com cella, e porta manteo de téla encarnada com passamanes, e laços de caracolillo de ouro, teliz da propria téla, freyo, estribeiras, e ferragens de prata, e as estribeiras tauxeadas de ouro. O do Senhor D. Duarte era ruço pombo, com pouca differença mais, que em a cor da téla ser cor de rosa. O do Senhor D. Alexandre era mellado rodado de branco com jaezes verdes, e guarnições de laçaria de prata, teliz de veludo com franjas, e borlas de prata, e verde. Para a Duqueza hiaõ dous cavallos, hum delles sobregualdrapa de veludo negro, trazia hum filhaõ de ouro ao buril, e meyo relevo, com diversas figuras, folhagens, e outras obras feitas com toda a delicadeza, e primor; a gualdrapa era toda de bordadura de ouro de diversos labores atravessados com chaparia de ouro da mesma largura de laços travados, e meyos satyros, e figuras, as cabeçadas, que desciaõ cobrindo o pescoço desde o arçaõ até os copos do freyo, eraõ embocadas da mesma chaparia com outra ordem de peças mais pequenas como por guarnição sobre os olhos, que mal se divisavaõ, tendo hum quadro de quatro figuras em circulos, prezos de hum meyo globo vasado como rede; as fivellas, ferragens, e o estribo de

Tom. VII. C voltas

voltas de ouro: cobria-se com hum teliz de veludo negro com borlas, e franjas de ouro, e negro. O outro cavallo levava hum filhaõ de prata com pouca differença no feitio, guarnições, e chaparia, tambem sobre gualdrapa de veludo negro. Hia tambem hum cadeira de mãos, e hum liteira de veludo carmesim com pregaria dourada sobre passamanes de ouro: os Cadeireiros vestiaõ vaqueiros de veludo encarnado guarnecidos de passamanes de ouro, e os Liteireiros na mesma fórma. No dia antecedente já tinha ido para Elvas hum bella, e rica carroça feita em Roma, lavrada com grande primor, assim nas talhas, como nos bronzes dourados, com o tecto de veludo negro, forrado de razo encarnado com seis ramalhetes de flores de ouro estofadas, cercada de muitas borlas de ouro, e negro, e cordoens com as almofadas, e encostos de veludo encarnado bordado com laços, e flores de ouro, cortinas de damasco franjadas de ouro, a qual era tirada por seis cavallos ruços rodados com guarnições de veludo negro franjadas de ouro, e as ferragens de ouro de Milaõ defumadas de ouro fino com diversas fórmas, tendo em algumas partes as Armas do Duque, principalmente nas cabeçadas, de que pendiaõ quatro borlas de ouro, e seda: os cavallos foraõ à mão até Elvas, e a carroça levada até àquella Cidade por mullas.

Marchava diante deste vistoso apparato hum Trombeta com libré como os Moços da Estribeira, e lo-

e logo os Timbaleiros , e Trombetas montados em cavallos acobertados de verde , varias danças , duzentos Soldados de libré verde com ligas , e bandas da mesma cor , chapeos aleonados , meyas da mesma cor , plumas verdes , e aleonadas , os quaes o acompanharaõ até chegar a Villa-Viçosa. Seguiaõ-os vinte e quatro Moços da Camera vestidos de veludo verde , calções , e roupetas golpeadas sobre tafetá branco , os golpes rematados em moscas de prata , mangas de razo azul largueadas de morenilho de prata , farragoulos de pano fino de Segovia com oito bandas de veludo acaireladas de prata , chapeo , e o mais como os Moços da Guarda-Roupa , que eraõ oito , que vestiaõ calções , e roupetas de veludo razo verde golpeados sobre téla branca , botoens de prata , os calções com almenilhas , mangas de razo azul agaloadas a tres galoens de prata ; e no espaço , que havia de huns a outros galoens , havia golpes sobre téla branca , chapeos negros com tranças pequenas , rosas azues encrespadas de pontilha de prata com muitas plumas brancas , e azues , cintos , e espadas , e adagas prateadas , farragoulos de raxa de Florença verde , forrados de espolim azul com altos de flores brancas , meyas , ligas , e rosas azues cobertas de pontilha de prata. Oito Moços Fidalgos com vestidos de taby de prata , e verde com flores de ouro , roupetas guarnecidas de morenilhos de prata sobre foguilhas de fetim azul , os calções de seis partidos

com almenilhas , e botoens de prata até a liga , os farragoulos de oito forrados de chamalotes de aguas azues com flores amarelas tostadas , mangas dos juboens do mesmo chamalote em ondas bordadas como de caracolilho de prata , chapeos negros com centilhos de ouro , e plumas verdes , brancas , e azues , cintos prateados , meyas , e ligas , e rosas azues cobertas de pontilha de prata. Os Porteiros da Camera do Duque, e Duqueza, se vestirão com calções , e roupetas de setim avelutado negro, chapeos , meyas , e ligas negras , farragoulos de pano vintadozeno de Segovia. Seis Muficos da Camera vestidos quasi da propria sorte. Seis Porteiros da Cana com vestidos , calções , e roupetas , e farragoulos de pano vintadozeno negro. Vinte e quatro Moços da Estribeira vestidos de veludo verde , farragoulos , calções , e roupetas com prezilhas de prata , cintos , espadas , e adagas prateadas , chapeos negros , tranças torcidas de tafetá branco , e azul , ligas do proprio com as meyas azues , plumas brancas , e verdes. Vinte e quatro homens da guarda do Duque com calções , e roupetas atravessados de faxas de veludo azul com vivos brancos , mangas de veludo azul com morenilho , e botoens de prata , capas rodeadas de huma faxa do mesmo veludo com vivos , e os capellos dellas com duas fachas , chapeos negros , tranças torcidas de tafetá branco , plumas verdes , e brancas , meyas azues , e brancas , cintos , espadas , e adagas douradas.

das. O seu Tambor hia vestido de tafetá negro coberto todo de passamanes de prata , com liga branca , meyas , e chapeo negro com trança , e plumas brancas. O Capitão da Guarda Francisco Serraõ da Veiga vestia capa, roupeta, e calções de rizzo anogueirado , o farragoulo forrado de téla de ouro encarnada , com trinta alamares de ouro de seis laçadas, e doze furtados atraz de caracolilho de ouro ; a roupeta, e calções com os mesmos alamares golpeados sobre a mesma téla de ouro encarnada, chapeo negro, e joya de diamantes, plumas anogueiradas, meyas , e ligas, e rosas da mesma cor com pontilha de ouro , collar de peças, as mangas do jubaõ de téla encarnada quasi coberta com laços , e caracoes de caracolilho de ouro , cinto , espada, e adaga douradas: hia montado em hum cavallo com os jaezes de verde , e ouro : tudo isto marchava em ordem, sendo o ultimo o Capitão da Guarda , que com ella cobria o coche, em que hia o Duque. No seu alcance hiaõ quarenta Fidalgos, e Commendadores da sua Casa, e seus criados em coches , liteiras, e outros a cavallo , e mais de duzentos homens, pessoas da sua familia, o acompanharão a cavallo. Chegou o Duque já tarde a Elvas com a comitiva de mais de oitocentas pessoas a cavallo , Vassallos, e obrigados seus, que no caminho se hiaõ continuamente multiplicando. Pouco menos de huma legoa antes da Cidade tendo o Duque montado a cavallo, e seus irmãos,

irmãos, veyo o Magistrado, e Justiças da Cidade a recebello em grande distancia, com quasi trezentos homens de cavallo, em que vinhaõ Fidalgos, e gente nobre, muy luzidos, com coches, cavallos à destra, e hum numero grande de danças, e outros festins, com que celebravaõ o gosto daquellas vodas; o Duque os tratou com tanto agrado, que todos aquelles Fidalgos ficaraõ satisfeitos. A pouco espaço chegou com seus sobrinhos o Bispo D. Sebastiaõ de Mattos de Noronha (que entaõ governava aquella Igreja) com luzido acompanhamento, e passados os cumprimentos, entraraõ na Cidade: aposentou-se o Duque no Palacio do Bispo, e na Cathedral de Elvas haviaõ de receber as benções, e descansar na Cidade situada com pouca desigualdade entre Villa-Viçosa, e Badajoz, por onde entrava em Portugal a Duqueza de Bragança, a quem logo o Duque mandou hum recado por D. Antonio de Mello, seu Estribeiro mór, saber como havia passado na jornada.

Naquelle mesmo dia com tres coches de criados partio o Senhor D. Duarte pela posta a Badajoz a visitar a Duqueza, onde se detinha, até que estivesse prompto o apparatus da sua entrada. O Conde de Niebla, que a acompanhava, sabendo, que vinha o Senhor D. Duarte, sahio fóra da Cidade em grande distancia a encontrar-se com elle, e metendo-se ambos no coche, voltaraõ à Cidade, onde a visita duraria meya hora, e se recolheo a
Elvas.

Elvas. No dia seguinte 12 de Janeiro partio a Duqueza de Badajoz na carroça de Roma, que o Duque lhe mandara, com todos os Fidalgos, e Nobres daquela Cidade, e com os que de S. Lucar lhe vinhaõ assistindo: entre Fidalgos, criados, e pessoas particulares, eraõ pouco menos de quatrocentos, lustrosamente trajados, e com tanta riqueza, e bizarría, que mostravaõ a grandeza do Duque de Medina Sidonia. Trazia seis coches de Damas, e Fidalgos, sessenta e duas cargas com reposteiros, e penachos, e peitoraes de cascaveis, e dez, que eraõ da sua recamera, com reposteiros de veludo encarnado com bordados de cortado com as Armas do Duque seu pay; as azemelas com peitoraes de franjas, cabeçadas de seda, os cascaveis arochos, ferragens, antolheiras, e laminas com as Armas, tudo de prata.

Haviaõ dado nove horas, quando o Duque entrou no coche: e sahindo de Elvas com toda a sua Corte, passou a ponte do Caya, e a pouco espaço encontrou a luzida comitiva Castelhana, e emparelhando com a carroça da Duqueza, se passou a ella com seus irmãos, onde feitas aquellas cortesias, a que o respeito obriga, tomaraõ o assento de diante o Senhor D. Duarte, e Conde de Niebla, e a Estribeira direita o Senhor D. Alexandre.

Chegaraõ a Elvas entre as tres, e quatro horas da tarde, entre muita agua, que choveo, que naõ podia diminuir o gosto daquelle dia. Apearaõ-se

se no adro da Sé, onde a Duqueza foy levada na cadeira, que lhe estava prevenida, nos braços de quatro Moços da Camera do Duque até a porta principal da Sé, onde o Bispo estava esperando. Sahio da cadeira a Duqueza em corpo deixando o boheme, que levava, e recebeo a agua benta da mão do Bispo, e entrou com o Duque, e os Senhores, levando-a de braço o Senhor D. Duarte, e a cauda da cota a Camereira môr. Ao entrar tocaraõ os orgaons, charamellas, e outros alegres instrumentos, até chegarem ao lugar, que lhe estava preparado: commungaraõ os Duques da mão do Deaõ da sua Capella; o Bispo ratificou o matrimonio, e lhe lançou as benções, soando entre tanto acorde Musica, que com papeis feitos ao intento applaudiaõ a felicidade daquella Real voda. O Duque hia vestido de taby anogueirado razo, guarnecido de passamanes de ouro bordados de grande altura, dos passamanes sahiaõ huns ramos largos volteados, bordados de ouro, e perolas, e todo o mais campo do vestido era de enlaçados SS com perolas nos meynos, e extremos; e no espaço, que ficava de hum a outro, de ramos quasi com flores de Lyz de chaparia de ouro: o farragoulo forrado do mesmo taby de flores, e cento e vinte botoens, que tinha o vestido, eraõ de ouro, em que se engastavaõ grossos rubins, e diamantes, entrefechados hum diamante, e hum rubim, e todos se acompanhavaõ de quatro perolas, arrematando no extremo

Pereira, Epit. das Fests do Duque de Bragança, pag. 20.

tremo do meyo com hum S; tinha o vestido dezoito mil perolas, em que havia muitas, que na estimação valiaõ mais de vinte cruzados, muitas de quinze, e nenhuma menos de dous; as mangas do jubaõ eraõ de hum taõ apertado bordado, que parecia ouro de martello. A espada, cinto, e adaga, era tauxiada de prata, e ouro; levava tambem hum collar de grossas perolas, e rubins, estimado em oitenta mil escudos de ouro; este collar deu ElRey D. Manoel ao Duque D. Jayme seu sobrinho no dia, em que foy jurado Principe herdeiro do Reyno de Portugal. Era o chapeo negro, o centilho obra igual à do collar, a joya huma pluma de quasi meyo palmo de rubins, no reverso sahiaõ a pouca distancia diversas plumas brancas; meyas, ligas, e rosas brancas, cobertas de pontilha de ouro, e çapatos negros. A Duqueza hia vestida de huma cota inteira de quatro mangas, as cahidas de pontas cortadas quasi a triangulo, abertas, e forradas de taby de prata de flores, em lugares tomadas com huma joya de diamantes. Era a cota verde bordada de huma nova invençaõ de laços de flores, e ramos de prata, e ouro taõ tecidos, que apenas se deixava divisar a cor verde. Do pescoço se suspendia huma banda da propria cor, tecida de ouro, e prata, com huma grande joya de diamantes de grande valor, volta, e alça-cuello à Castelhana, os cabellos toucados de rosas verdes com pontilhas de ouro, e prata, ao hombro hum boheme

Tom.VII. D como

como a cota, chapeo branco coberto de largas pontas de renda de ouro, e plumas brancas. O Senhor D. Duarte hia vestido de lhama anogueirada, guarnecida de passamanes de ouro bordados, e por entre elles lantheyoulas de prata, e o campo bordado de SS de ouro com chaparia de prata, o farragoulo forrado de taby de flores de ouro anogueirado, espada, cinto, e adaga como o Duque, meyas, ligas, e rosas anogueiradas com pontilha de prata, chapeo negro com plumas anogueiradas, joya, e centilho de rubins, e hum collar de diamantes de grande valor, que a Princeza Dona Joanna mandara à Senhora D. Catharina, quando se effectuaraõ as vodas com o Duque D. Joaõ I. seus gloriosissimos avós. O Senhor D. Alexandre hia vestido de risso verde, com guarnição de passamanes bordados de meya tranca, e briscada, com entremeyos de casquilho, e meyas perolas de prata, o mais campo era de trocados SS bordados de prata, e chaparia de prata, o farragoulo forrado de lhama branca emprensada, meyas, ligas, e rosas verdes com pontilha de prata, chapeo negro, plumas brancas, centilho, e joyas de diamantes, collar de ouro de peças, debaixo de outro, em que trazia a Veneranda Ordem de Christo guarnecida de diamantes, e espada de ouro ornada de diamantes, com a qual fora armado Cavalleiro o Infante D. Duarte seu vifavô, no dia, em que recebeu a Ordem da Cavallaria de Christo, e hum punhal tambem rico. O
Conde

Conde de Niebla sahio nesta occasião como em os mais dias , que affistio em Villa-Viçosa , com ricos vestidos , joyas , e collares , não só elle , mas os seus criados , e os do Duque com excellentes galas , e collares , faziaõ na multidaõ , e riqueza hum a agradável , e magnifica Corte.

Acabadas as ceremonias da Igreja , recebidas as benções da mão do Bispo , e os parabens , com que todos se congratulavaõ da felicidade daquelle dia , o foraõ todos acompanhando ao Paço do Bispo : o Duque levou a Duqueza de mão até à cadeira , em que foy levada pelos mesmos , que a tiraraõ do coche , assistindolhe o Duque sempre junto à vidraça. Chegando ao Paço , foy magnifica a hospedagem , e exquisita a pompa prevenida pelo Bispo , que era de animo altivo , e generoso. Não se detiveraõ os Duques muito à mesa , ainda que as iguarias eraõ muitas , e assim se despediraõ do Bispo , que por sua indisposição se dispensou de os acompanhar. Refere-se , que o Bispo no tempo , que recebera os Duques se embarçou em si mesmo , e que cahira , contentando-se entaõ a fortuna de ameaçallo com o precipicio , que guardava para outro tempo , e que logo com intrinseco desgosto pagara aquelle Prelado a demasia da sua vaidade , vendo-a não lograda , porque os Duques isentando-se da hospedagem , pertenderaõ antes pagalla , que merecella. Foy fama , que com hum collar de grande valor (a sessenta mil cruzados o sobi-

raõ alguns) quizera o Duque D. Joaõ satisfazer os dispendios daquella entrada; porém o Bispo se deu por melhor pago naquella demonstraçaõ, por não pôr em litigio a grandeza. Neste successo quize-raõ muitos, se houvesse fundado aquelle odio, que deste dia até o ultimo da sua vida, o Bispo exercitou contra o Duque, e assim o mostraraõ os tempos.

Pouco antes da noite entraraõ os Duques no coche, e partiraõ de Elvas, aonde se lhe fizeraõ as mayores festas, que naquella Cidade em algum tempo foraõ feitas. Marcharaõ na ordem, que permittia o tempo, as cargas, e recamera da Duqueza, e muitos criados seus, hiaõ huns no alcance dos outros, e assim foraõ chegando a Villa-Viçosa, aonde os Duques chegaraõ às duas horas depois da meya noite: e como o tempo estava nublado, e fazia escuro, se prevenio hum grande numero de tochas accesas, e vinte e quatro lanternoens grandes de campo accesos, que rodeavaõ o coche, que fez não tivessem detrimento no escuro. Entraraõ na Villa, que estava toda guarnecida com dous mil arcabuzeiros das Ordenanças da Villa, e de Borba, debaixo do mando dos Capitães Antonio Rodrigues Robles, Francisco Paes, e Bartholomeu Rodrigues, que haviaõ servido muitos annos em Flandes, e ao mesmo tempo estava toda illuminada, entre os repiques dos sinos, e salvas da artilharia do Castello, descargas da mosquetaria, trom:

trombetas, atabales, clarins, e tambores, e os vivas do povo, que com diferentes danças, e festins, fazião em huma confusão alegre magestosa a entrada. As ruas por onde passavaõ, estavaõ ornadas, e entre flores, e outras especies de aromas, que as Damas lançavaõ das janellas aos Duques, e com vivas, e acclamações, demonstradoras do gosto, chegaraõ ao Paço, em que ardiaõ duzentas tochas; e acompanhados da sua Corte, e dos Senhores, que lhe vieraõ assistir, sobiraõ, levando o Duque de maõ de huma parte a Duqueza, e da outra de braço o Senhor D. Duarte. O Bispo da Guarda D. Fr. Lopo de Sequeira, descendo com sua mãy D. Isabel Pereira de Vasconcellos, e com D. Filippa de Brito, beijaraõ a maõ à Duqueza, e esta ultima tomou a cauda da cota, e depois das dividas cortezias sobiraõ: o Senhor D. Alexandre querendo mostrar o quanto estimava aquella voda, se abaixava a cada degrao, que sobia a Duqueza, tomando a cota para que lhe naõ servisse de embaraço. A' entrada da falla estava a Cruz Metropolitana levantada, e o Arcebispo de Evora D. Joseph de Mello, filho do Marquez de Ferreira; e depois de feitas as cortezias, que permittiaõ os muitos annos, e cabiaõ na sua grande Dignidade, os foy acompanhando até à Camera da Duqueza, aonde fazendolhe, e ao Duque, breve visita, se recolheo; algum espaço depois fizeraõ os Senhores o mesmo.

No

No dia seguinte comeo o Duque em publico, e sahindo da sua antecamera com os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, atravessou a falla, e foy a bulcar ao seu quarto ao Conde de Niebla, que logo sahio com elle, e voltaraõ todos para a mesa, que estava posta em hum sala bem armada, e no meyo hum estrado grande de dous degraos cobertos de excellentes alcatifas, que cobria hum docel de veludo carmesim, e quatro cadeiras: defronte estavaõ dous doceis de téla amarella com as Armas bordadas, os quaes tinhaõ debaixo dous grandes aparadores, com seis degraos cobertos de veludo, em hum estavaõ cento e cincoenta peças de prata dourada de excellente feitio, e exquisito gosto; o outro estava guarnecido de prata branca lisa para o serviço, a que se ajuntava em hum, e outro muitas peças de prata grandes, bem obradas, que serviaõ sómente de ornato. Sentaraõ-se à mesa, o Duque na cadeira do meyo, à sua mão direita o Conde de Niebla, e logo o Senhor D. Duarte, e à esquerda o Senhor D. Alexandre, ficando todos quatro debaixo do docel. Depois de sentados, o Bispo da Guarda se sentou tambem da parte do Senhor D. Duarte, e D. Fernando de Mello da mesma parte, mas na volta da mesa. Benzeo-se a mesa na fórma costumada; da parte direita ficaram os Fidalgos da Casa do Duque, e os Gentilhomens, que acompanharaõ a Duqueza, todos descobertos. Entraraõ os Porteiros da Cana, e os da

da Maça com ellas ao hombro; seguiaõ-se os Arautos, e Passavantes com cotas de razo encarnado, e branco, e nellas os Castellos, e Quinas de Portugal, e logo o Veador do Duque, e o Mantieiro com o gomil, e prato de bastioens dourado; traziaõ mais dous, hum criado accrescentado da Casa do Duque, e outro hum Moço da Camera: e depois de feitas as devidas cortezias, o Mantieiro lançando agua no prato, o beijou, e entregou ao Trinchante, que com a mesma cerimonia o poz diante do Duque, e lhe deu agua às mãos, e ao Conde, e Senhores D. Duarte, e D. Alexandre; depois de elles, o criado accrescentado a deu ao Bispo, e o Moço da Camera a D. Fernando: e tirando o Mantieiro a toalha, se foraõ os demais, tardando pouco em voltar com as iguarias, que acompanhavaõ os Soldados da Guarda do Duque. Assim, que se apresentaraõ as iguarias, deu huma salva o Castello com toda a artilharia, e começaraõ a soar as trombetas, charamellas, atabales, e miniftris. Foraõ as iguarias muitas, muy delicadas, e com excellentes invenções de diversos triunfos, figuras de animaes, aves, peixes, coroas, conformes ao uso daquelle tempo, em que naõ eraõ menos pomposas, que aprasiveis, e vistosas as mesas. Todos os dias, que o Conde de Niebla esteve na Corte, sempre o Duque comeo em publico com o mesmo Estado.

Neste mesmo dia à tarde começaraõ as festas:
corre-

correrão-se Touros ; à noite estava tudo illuminado como os mais dias , e havia diversas festas de jogos , danças , e mascaras pelas ruas , e houve artificios de fogo em duas naos , de que sahiraõ muitas , e galantes invenções , com que se passou com alegria a noite.

No dia seguinte , que era huma festa feira , que se contavaõ 14 de Janeiro , mandou o Duque à Duqueza hum presente de peças , e joyas de rubins , diamantes , e perolas , obradas com admiravel arte , e de grande preço , e valor. A Duqueza se ornou logo com algumas , e sahio a ouvir Missa à sua Tribuna , com huma cota de taby anogueirado , e flores de prata , acompanhada da Camereira môr , e as suas Damas. O Duque fez o mesmo na sua Tribuna com o Conde de Niebla , seus irmãos , o Arcebispo de Evora , e Bispo da Guarda ; foy a Missa rezada , e no tempo , que se dizia , cantou a Capella o Hymno : *Te Deum laudamus* , e depoz diversos Vilhancicos feitos à vinda da Duqueza , o que se continuou com outros differentes ao mesmo intento nos mais dias , que duraraõ as festas. Na tarde houve Carreiras , que correo Antonio Galvaõ , hum dos Escribeiros do Duque , o qual no mesmo lugar o servio depois de Rey , e foy Fidalgo da sua Casa , Commendador de Santiago de Orem , e N. Senhora da Caridade na Ordem de Christo , e seu filho Manoel Galvaõ servio no dito emprego a ElRey D. Pedro , e seu neto Lourenço Luiz

Luiz Galvão actualmente a ElRey Dom Joaõ V. Era muito déstro na arte de Cavallaria, de que fez hum Tratado, que imprimio no anno de 1678, e nelle repete em laminas abertas as admiraveis obras, que entaõ fez, e na verdade excedem a toda quanta destreza se póde imaginar. Foy a primeira, correndo com o pé no chaõ, e tornando-se à cella com incrível velocidade, parou. A segunda, soltando da maõ muitas vezes hum lenço, o tomava do chaõ, indo sempre na mayor carreira do cavallo. A terceira, depois de começar a carreira, voltando-se na cella, se poz com os pés em cima, e correo até o meyo, e tornando-se com os pés aos estribos em hum instante, acabou a carreira. A quarta, correndo, foy pondo o pé muitas vezes no chaõ. A quinta, fazendo ao parar pôr as ancas no chaõ ao cavallo diante dos Duques, e seus irmãos, acabou fazendolhe cortezia. Depois da admiravel destreza, com que Antonio Galvão satisfez os mais difficultosos primores da arte da Cavallaria, com grande applauso dos Duques, e toda a Corte, se seguiu hum Comedia publica em vistoso theatro, que para este fim se fez perto da janellas do Paço, em que os Duques assistiraõ, e seus irmãos. Na noite houve luminarias naõ só no Paço, e no Terreiro, que se illuminou com muita variedade, mas em toda a Villa. No campo estavaõ duzentos Arcabuzeiros com o seu Capitaõ promptos para acompanharem as salvas do Castello, os quaes faziaõ ex-

ercicio militar com descargas, e ao mesmo tempo se viaõ em outra parte Borlatins com extraordinaria ligeireza, que entretinhaõ, e levavaõ atraz de si o povo.

Pela parte de S. Joaõ do Carrascal veyo hum encamizada, que fez a sua entrada pela de Santo Agostinho. Trazia diante hum trombeta bastarda, e logo os Atabaleiros em mullas com cobertas verdes bordadas de cortado amarello, quatro trombetas, hum terno de charamellas, todos bem montados, e hum grande numero de danças, e folias, entre ellas dous carros triunfaes, hum de charamellas, e outro de Musica: seguiaõ-se vinte e quatro Moços da Estribeira, e vinte e quatro Moços da Camera descobertos com tochas accesas nas mãos, e dous cavallos à dextra, cobertos com telizes de veludo carmesim bordados de cortado de flores de téla amarella, os quaes hiaõ no meyo dos Moços da Estribeira.

Seguia-se a primeira parelha, que eraõ os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, montados em soberbos cavallos: o do primeiro era castanho claro, o do segundo bayo rodado de branco, com mochillas encarnadas bordadas de passamanes de ouro, chareis de ouro, e seda, enfitados de varias cores, com estribos, boças, e enceladas de prata; os vestidos de ambos eraõ de veludo negro, golpeados sobre téla branca, os golpes com moscas de prata, as mangas do jubaõ de téla branca mosqueadas

queadas de negro, capas negras forradas da mesma téla, chapeos negros com tranças de velilho de prata, e humas rosas grandes illustradas de temblantes, e argentaria de ouro, e prata, de que sahiaõ plumas brancas; o Senhor D. Duarte trazia atravessada hum a liga do proprio velilho, e o Senhor D. Alexandre sobre a cadea do habito hum talim de bordado recamado, e com tochas de quatro pavios nas mãos, e logo os seguiaõ vinte e duas parrelhas de singulares Cavalleiros com tochas accensas, vestidos ricamente, e com bom gosto, de télas, e tabys de cores, plumas, joyas, collares, e jaezes, que faziaõ hum a agradavel, e pomposa vista: a esta entrada correspondeo o Castello com hum a salva de toda a artilharia, os Moços da Camera, e Estribeira ficaraõ conforme a sua graduação póstos em ala ao pé da janella dos Duques, fazendo o mesmo a Guarda, que havia acompanhado aos Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, e da outra parte hum a Companhia dos Arcabuzeiros, occupando huns, e outros o espaço da carreira: e quanto, que estas se correrã, sahiraõ com a mesma ordem, e foraõ passear as ruas da Villa, que estava toda illuminada.

No dia 15 houve Touros, e foraõ os Cavalleiros D. Luiz de Noronha, Caçador môr do Duque, Fernã Rodrigues de Brito, seu Camereiro môr, Salvador de Brito, seu Trinchante, todos Commendadores da Ordem de Christo, e Antonio

Galvão, hum dos seus Estribeiros; mostraraõ todos sciencia, e arte, que a ventura fez nas fortes mais luzida, matando muitos Touros. Na noite houve Comedia no Paço. O Duque querendo em tudo divertir o Conde de Niebla seu cunhado, determinou fossẽm huma tarde à sua singular Tapada; e assim sahio o Duque do Paço com seus irmãos, e o Conde, e entraraõ no coche, ao mesmo tempo os salvou o Castello com a artilharia, soando as trombetas, atabales, charamellas, pifanos, e tambores. Marchavaõ diante dezasete coches, e os cavallos da caça atraz; gastou-se a tarde com applauso, porque se mataraõ gamos, e javalis, e voltaraõ ainda de dia para Villa-Viçosa. Foy applaudida a sua entrada com outra salva da artilharia do Castello, e continuaraõ na Villa as festas com diversas invenções de danças, e festins, a que acodia muita gente, e ainda mais, porque das janellas o Senhor D. Duarte, e D. Alexandre, lançavaõ muitas patacas, e escudos, e outras moedas ao povo, que deu causa a huma tumultuosa pendencia. Na mesma noite houve fogo do ar, que ardeo em huma magnifica Torre com vistosos artificios, que durou largo tempo.

Contavaõ-se 17 de Janeiro, dia que se destinou para hum magnifico jogo de Canas Reaes, que se dividio em duas quadrilhas, cada huma de dezoito Cavalleiros; a primeira era do Senhor D. Duarte com D. Luiz de Noronha, Caçador môr; a se-

a segunda do Senhor Dom Alexandre com Fernão Rodrigues de Brito, Camereiro môr do Duque, ajuntaraõ-se no campo do Carrascal, donde sahindo por Santa Luzia à rua da Corredoura, entraraõ na fôrma seguinte.

Diante hia huma bastarda, e seis trombetas, quatro atabales, todos com vaqueiros guarnecidos de passamanes de prata, montados em mullas cobertas com gualdrapas de pano verde, bordadas de cortados de amarello; logo as danças, e entre ellas com divisaõ tres ternos de charamellas, e as do Duque com sua libré; seguiaõ-se duas azemelas de canas cobertas de reposteiros de veludo verde com as Armas bordadas de ouro, e prata com cadilhos de varias cores; as ferragens, arrochos, e testeiros das Armas eraõ de prata. Entraraõ oitenta cavallos à déstra com jaezes de ouro, e prata, os mais delles do Duque; dos ultimos eraõ doze dos Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, com jaezes de ouro, perolas, e aljofre, boçaes, e enceladas do mesmo, cobertas as cellas de ricos telizes de varias cores; vinhaõ prezos pelos cordoens das cabeçadas, que levavaõ homens vestidos com marlotas de tafetá azul, e verde: foraõ os Padrinhos Dom Christovaõ Manoel, e D. Antonio de Mello, Estribeiro môr do Duque, que hiaõ montados em soberbos cavallos; seguia-se o Meirinho da Casa, doze Moços da Estribeira, e doze da Guarda, que levavaõ no meyo ao Senhor D. Duarte, e à sua estribeira

tribeira doze Moços da Camera, hum dos quaes levava a adarga com a sua empreza, que era hum Loureiro verde, e quatro Coroas do proprio suspendidas delle, com esta letra : *Nondum aruit*, e no estandarte da lança levava huma Aguia com os pés atados, e a letra, que dizia : *Semper eadem*. Assim os desta, como da outra quadrilha vestiaõ à Mourisca com marlotas, e capellares de velilho de ouro, e azul, franjados de ouro, forros de tafetá azul, barretes vermelhos sem plumas, e suas emprezas : não levava mais differença o Senhor Dom Duarte, que ter esporas, e traçado de ouro, e aljofres, e o seu cavallo, que era bayo, ir guarnecido com joyas, freyo, encelada, e boças do mesmo ouro, e aljofres. Os da outra quadrilha vinhaõ com marlotas, e capellares de velilho de ouro verde; o Senhor D. Alexandre hia em hum cavallo castanho claro, no mais igualava em tudo com seu irmão, com outros tantos Moços da Camera, Estribeira, e Guarda: levava na adarga por empreza hum Sol sahindo de huma nuvem escura, com esta letra : *Post tenebras spero lucem*, e no estandarte da lança huma Arpa, com a letra, que dizia : *Quid erit in Cælo ?* Ultimamente marchava hum esquadrão de duzentos Soldados, com bandeira, tambor, e pifano, que governava o Alferes môr do Duque, Soldado veterano, que tinha militado em Flandes, todos com luzidos vestidos, bandas, e plumas.

Entra-

Entraraõ desde Santo Agostinho pela parte do Convento das Chagas: tanto, que chegaraõ à janella, em que estavaõ os Duques, tirando com bizzarria as lanças do hombro, com abaixarlhe as pontas fizeraõ as cortezias, passãdo a dar principio às carreiras, e no fim dellas às Canas, que correaõ com desembaraço, e bizzarria, e depois com huma vistosa escaramuça; e acabando ultimamente com carreiras, se despediraõ na fórma, que haviaõ entrado, o que applaudio o Castello com huma salva da artilharia, e sabiraõ a passear as ruas da Villa: na noite houve Comedia no Paço.

A satisfação, que o Conde de Niebla teve da passada montaria, o obrigou a pedir ao Duque voltassem ao campo, o que logo se poz em pratica, sendo o dia ainda de mayor gosto, pelos muitos veados, e javalis, que mitarraõ. Nesta mesma tarde houve Comedia publica, e na noite outro magnifico fogo do ar, representado em fontes, e outras admiraveis invenções. Na quinta feira 20 do mez de Janeiro no tempo, que o Conde de Niebla estava mais divertido, e gostoso na companhia dos Duques, foy chamado do Duque seu pay, deixando em todos saudosas memorias da sua agradavel companhia, as quaes eraõ mais vivas na Duqueza sua irmãa, que sentio se ausentasse taõ depressa. O Duque com seus irmãos o acompanharaõ até junto da Tapada; e já se havia despedido hum dia antes o Arcebispo de Evora, e o Bispo da

Guar-

Guarda , e outros Senhores , retardando-se alguns mais o Marquez de Ferreira, em quem o parentesco era tão chegado, como a estimação no Duque, sendo esta Casa em todo o tempo a mais attendida dos Duques de Bragança, e tambem elles os mayores servidores della. Relatámos estas festas com alguma individuação, sómente para que se não perca de todo a memoria do antigo, tão estimado no bom gosto dos curiosos. Dellas se imprimio hum livro em Evora no anno de 1633, feito por Diogo Ferreira, com o titulo : *Epitome das Festas, que se fizeram no Casamento do Principe Dom João, deste nome segundo, e oitavo Duque de Bragança.* Em Sevilha se imprimio tambem huma Relação desta festa. Manoel de Galhegos, hum dos scientes Poetas daquelle tempo, celebrou estas vodas em hum admiravel Poema, que se imprimio em Lisboa no anno de 1635 com o titulo : *Templo da Memoria, Poema Epithalamico nas felicissimas bodas do Excellentissimo Senhor Duque de Bragança, e de Barcellos.*

Todas estas demonstrações de gosto eraõ hum prognostico dos corações dos Vassallos na felicidade, que se havia de seguir deste ditoso thalamo, em que entraraõ; contando o Duque vinte e oito annos, e a Duqueza vinte. Foy neste mesmo anno nomeada para o governo de Portugal Margari-da de Saboya, Duqueza de Mantua, viuva de Francisco Gonzaga, IV. Duque daquelle Estado, a qual

qual era prima com irmãa delRey D. Philippe IV. por ser filha da Infanta D. Catharina, filha delRey D. Philippe II. a qual casou com Carlos Manoel, Duque de Saboya. Achava-se esta Princeza em Pavia, lançada fóra do mesmo Estado, que dominara; porque por morte de seu marido, ficandolhe hum só filha, que foy a Princeza Maria Gonzaga, a quem havia excluido daquella soberania Carlos Gonzaga, Duque de Nevers, como Varaõ, a quem tocava por morte do Duque Vicente seu primo sem successão, e com effeito lhe succedeo, e foy Duque de Mantua, e casou com a mesma Princeza, como deixámos escrito no Livro III. pag. 431. Havia ElRey D. Philippe entretido a Duquesa Margarida com o governo de Pavia, donde a foy buscar o Conde Duque para o governo de Portugal, contra os privilegios, que lhe foraõ concedidos em Thomar por ElRey Dom Philippe II. a quem excluía o ser mulher, e não estar naquelle grao de parentesco com ElRey, dos que se haviaõ determinado nas Cortes. Havia sido esta eleição inspirada pelo Duque de Villa-Hermosa, quando acabando o tempo de Vice-Rey D. Diogo de Castro, cuidou o Conde Duque entregar o governo a Dom Francisco de Borja, Principe de Esquilache, com o pretexto de ser descendente de Portuguezes, o que lhe ficava já distante, pois era neto da Duquesa de Gandia D. Leonor de Castro, mulher do Duque D. Francisco, que hoje venera a Igreja Ca-

tholica collocado nos Altares com o nome de S. Francisco de Borja: porém desta ao seu parecer justa eleição, o tirou o Duque de Villa-Hermosa, irmão do Principe de Esquilache, tal vez pelo capricho de se ver preferido nos merecimentos, e lhe inculcou a Duqueza de Mantua para o governo de Portugal, onde entrou no fim do referido anno de 1634. O Duque de Bragança a mandou visitar a Elvas, e darlhe os parabens da sua vinda por Francisco de Sousa Coutinho, seu Aposentador mór, o qual como era dotado de hum grande talento, e bem exercitado nas politicas da Corte, com o desejo de servir a seu Senhor, soube penetrar da pratica, que teve com o Marquez de la Puebla, o genio da Duqueza; e voltando a Villa-Viçosa, assentou, do que referio ao Duque, desvanecerse a idéa, em que estava, de se avistar com ella, evitando assim o preciso dissabor, que a ambos se podia seguir da visita. Continuou a Duqueza de Mantua a sua jornada a Lisboa, onde entrou em Janeiro de 1635, assistindolhe o Marquez de la Puebla, que de Madrid veyo na sua companhia sem occupação, só para a aconselhar no governo nas materias de mayor importancia. Porém esta disposição não teve effeito, porque fogueitando-se totalmente ao arbitrio do Secretario Miguel de Vasconcellos, ordenava sem contradição, e mandava executar sem dependencia.

Era grande a harmonia, e correspondencia,
com

com que o Duque vivia com seus irmãos; mas tanto, que o Duque se vio casado, houve de faltar àquelle affecto, que destinou para a esposa. Seguiu-se passar neste tempo a servir em Alemanha o Senhor D. Duarte, como deixámos escrito no Capitulo XIX. do Livro VI. Entenderão o Duque, e a Duquesa de Bragança, que viverião em grande conformidade ausente o Senhor D. Duarte, porque nos olhos da emulação, era reputado como pedra do familiar escandalo das suas vontades; porém apartando-se o Senhor D. Duarte, logo se descobriraõ novas causas de descontentamento. Originou-se este, porque o Duque D. João se declarou taõ affeição-do às Comedias, que já se notava publicamente o excesso, tal vez incitado das queixas, que a Duquesa sentia, porque a delicia do Duque seu marido naõ parava sómente nos theatros. As continuas jornadas ao bosque, e dilação nelle, davaõ naõ menos causa a semelhante effeito.

Havia nos primeiros annos o Duque D. João aprendido com felicidade a sciencia da Musica, a que voltando agora parte do appetite, que lhe sobejava de outras inclinações, se empregou nella tanto, que chegou ao seu perfeito conhecimento. Alguns politicos excitaraõ se convinha aos Principes a Musica, e a Poesia, sendo profissoens honestas, e louvaveis: deixadas as razoes, em que fundaõ a sua opiniaõ, senaõ he paradoxo, he admiravel o que hum Filosofo suspeitou neste caso, que como

os homens não podem igualar aos Principes nos dotes da fortuna, não sofrem, que os Principes os possam exceder nos da natureza.

Nasceo por este tempo a 8 de Fevereiro de 1634 o Duque de Barcellos D. Theodosio, primogenito da Casa de Bragança, que serenando domesticas discordias, com novo, e mais delizioso vinculo unio as vontades dos Duques seus pays, que o tempo foy adiantando cada dia com novos pe-nhores da fecundidade da Duqueza; porque logo no anno seguinte a 21 de Janeiro nasceo a Senhora Dona Anna, que no mesmo dia voou à Eternidade com grande mágoa de seus pays. Porém com pouco intervallo de tempo, mas preciso, se enxugaram as saudades dos Duques com o nascimento da Senhora Dona Joanna a 18 de Setembro de 1636. Porém, que juizo póde pezar na balança do tempo os bens, e os males, para que pendaõ igualmente? Mas assim succedeo, porque a não largo espaço de tempo do nascimento destes Principes, succedeo a morte do Senhor D. Alexandre seu tio em idade florente, ornada de igual gentileza, que virtude, como no Livro VI. Capitulo XVIII. deixámos referido. O Duque com liberal providencia proveo no Senhor D. Duarte as Commendas vagas por seu innaõ, de sorte, que ficava com sufficiente renda para sustentar o titulo de Principe de Bragança, que em Alemanha lograva.

A Casa de Bragança sempre foy a emulação dos
dos

dos Grandes de Castella, (de cuja ordem era o Valido) e não podiaõ conformar-se, que julgando-se elles por immediatos à Magestade, dentro de Hespanha se achasse quem fosse todo mayor, que elles. Por esta causa, córados de varios pretextos os seus fins, desejavaõ a troco de ver ao Duque de Bragança seu igual, introduzillo nos lugares, em que elles tambem desejavaõ introduzir-se. Passou este pensamento a pratica, que approvou o Conde Duque, e assim em trages de lisonja procedia a inveja. Propozle no Conselho de Estado, que pois a Monarchia estava na presente conjuntura mais opulenta de occasioens, do que de sугeitos, não era tempo de deixar de cultivar, os que floreciaõ: que havia annos, que durava o silencio da Casa de Bragança, tempo bastante para compor as suas primeiras turbacões: que o presente Duque por idade, e talento, estava capaz de grandes occupações: que era justo não augmentar o silencio, em que se tinha aquella Casa, que parecia, que a presumpção, ou o desprezo a fazia escusar-se do serviço, eximindo-se do jugo de Vassallo; e quando fosse esta causa, por lhe exercitar o merecimento da obediencia, que o Duque D. João se achava com hum filho herdeiro, e com immediatos penhores, com que se assegurava a sua Casa, e tambem as pertencções propostas para a segurança do seu augmento; e assim pedia a razão fosse admittido ao mesmo, que os outros Grandes da Monarchia: pelo que podia

ElRey

ElRey edificar na sua pessoa hum General, hum Criado, e hum Ministro. A esta pratica se mostrou propicio, e obrigado o Conde Duque, não se eximindo da censura de alguns, que por seus proprios fins o denunciaraõ Author daquelle soborno. Taes são as subtilezas dos politicos, e a diversidade, com que se vestem nas Cortes.

Birago, *Hist. di Portogallo*, liv. 2. pag. 159.

A esta proposta se seguiu a Consulta com a conformidade dos votos, que o Duque de Bragança D. Joaõ passasse ao governo de Milaõ, e Vigaiaria de Italia, cujos postos eraõ já mais reputados pela guerra, que se esperava certa, que a paz, que se ouvia incerta com Saboya, pois os Catalãos estavaõ promptos a seguir a resolução de Alemanha, interessados pelos Protestantes na eleição de Rey dos Romanos; e Veneza com os Principes de Italia não menos promptos, que suspeitos a fomentar as novidades convenientes à sua conservação. Ignorava o Duque de Bragança este negocio, que o Valido havia fecho com novo segredo, por lhe não dar tempo à prevenção das escusas: chegou o dia do aviso, taõ artificiofamente despachado, que só a Francisco de Sousa Coutinho disse em Madrid o Conde Duque tinha ElRey feito merce a seu Senhor.

Foy largo o projecto, que se seguiu a esta determinação, que em fim se revogou; porque sendo conferida como merce, mostraraõ haverse contradito o dictame Real; porque o Duque recusou o empre-

emprego com o pretexto, de que inteiramente ignorava os negocios de Italia. Affirmaraõ com tudo os politicos naõ ser sincera, mas artificiosa a conformidade do preceito, e a escusa; porque hum vez conhecido o animo do Duque de Bragança, seria facil obrigarlo a cahir em outro mais barato modo de abatimento, de que se satisfizesse melhor a emulação, de tal sorte interpretou aquella temperança esta malicia. Alguns criados do Duque sem passar o discurso adiante, do que ouviaõ, pelo receyo da vingança, temiaõ a escusa: porém o Duque recebeu o aviso de sorte, que penetrando a difficuldade conhecia, que se alterava a harmonia, em que vivia, sendo muy grande o numero da familia, que muitas vezes passou de seiscentos criados, muitos de grandeza, e qualidade, reconhecida de seus Senhores por obrigação do sangue, e memoria dos antepassados; de sorte, que sahindo da sua casa, era forçoso despojar-se do thesouro, ou da grandeza.

A Monarchia de Hespanha, cuja tea começou a ordir ElRey D. Fernando, e a teceo Carlos seu neto, para que a vestisse o Segundo Filippe, já naõ chegou inteira ao Terceiro, e veyo rota ao Quarto: este Principe, sendo hum dos mais pacificos do Mundo, veyo por disposição dos fados a ser hum dos mais opprimidos delle. He notoria a declinação, que naquelle tempo padecia Hespanha, e censurada dos Principes de Europa pela confu-

são

ção do governo do Conde Duque; e se admiravaõ os politicos de ver , que ElRey D. Philippe IV. admittisse Conselho fóra da conservação do Duque de Bragança , entrando no pensamento de o transplantar de Portugal , pelo claro , e manifesto sentimento do Reyno na sua falta , vendo , que o damno crescia de sorte , que ameaçava à cabeça da Monarchia.

Seguiu-se huma inundaçaõ de novos tributos , e segundo as-vontades estavaõ dispostas , naõ se sabe se primeiro se estabeleceraõ , ou se approvaraõ. Sentiraõ os póvos a oppressaõ , e nas queixas desaffogavaõ da violencia. Começou em Evora a pratica de procurar o modo de se livrarem da vexaçaõ , a qual he Cidade opulenta , antiga , e nobre da Lusitania , e foy theatro de militares , e pacificas maravilhas , e Corte dos nossos Reys. Naõ sofriaõ os corações dos Portuguezes já opprimidos , e taõ violentados pelo Valido delRey de Castella , a fogueitar-se a estes novos impostos , pois era huma publica infracçaõ dos Tratados assentados em Cortes , repetidas vezes jurados , e muitas mais quebrados ; com que consternados os animos vacillavaõ com a ultima ruina , que esperavaõ na pertençaõ de reduzirem o Reyno ao estado de Provincia. Esta pratica , sobre que se trabalhava , exasperou aos verdadeiros Portuguezes para tomarem a generosa resoluçaõ de acabarem em hum dia com taõ peza-do jugo.

Come-

Começou no anno de 1635 a dispor-se a liberdade por meynos disproporcionados; como foram os tumultos de Evora, porque o vulgo amante da liberdade nunca já mais disputa o que he mais conveniente: à primeira vista lhe parece tudo licito, e o mais justificado. Atraz daquella esperança correu o povo de Evora com barbaro movimento, com taes excessos, que o menor era a sedição; passou o seu contagio a inficionar alguns Lugares da Provincia de Alentejo, e Algarve, e não faltou quem dissesse, que se Evora estivesse mais perto do Rey, e mais longe do Duque, não se mostrara tão briosa. Chegaram a Villa-Viçosa estas vozes no anno de 1638, com que se alvoroçaram seus moradores de sorte, que cobertos com a capa da noite, começaram a acclamar alguns ao Duque D. João Rey de Portugal; porém não era ainda chegado o tempo decretado pela Divina Providencia para a liberdade da Patria. O Duque, que se achava impossibilitado com huma grave enfermidade, para poder socegar aquelle rumor com o acordo, que pedia negocio, em que se interessava a sua pessoa; e Casa, mandou na mesma noite sair pelas ruas ao Duque de Barcellos seu filho, que não tendo mais, que quatro annos, resplandecerao nelle as luzes das suas virtudes, de que depois se ornou este excellente Principe, e com a sua presença compoz o rumor do povo; e se recolheu ao Paço, deixando tudo socegado, e a seu pay livre do

cuidado, que lhe havia causado o tumulto.

Entraraõ a divisar ao longe as consequencias daquelles motins, o temor, e a malicia de Diogo Soares, Portuguez, inimigo da Patria, que servia na Corte de Madrid com o emprego de Secretario do Conselho de Portugal, e tinha a graça do Valido; e disse em publico a El Rey, que não seria Senhor de Portugal, em quanto a Praça de Villa-Viçosa se não tornasse hum prado sempre verde. Temia o sequito do Duque D. João, e desprezando a Patria, buscava o remedio para fazer mayores as suas conveniencias. O Conde Duque reconheceo logo o perigo, e propoz evitallo, armando-se de confiança contra a desconfiança, receando, que como o Reyno estava resignado na vontade do Duque de Bragança, intentou destramente fazello suspeito ao povo com publicos finaes da sua infidencia; porém os Portuguezes constantes na inteira resolução do seu proposito, interpretaraõ facilmente o temor, e o artificio. Os Grandes de Portugal, que ao principio desprezaraõ o primeiro movimento popular, já o respeitavaõ, e aquelles, que em segredo não o approvavaõ, já o não contradiziaõ em publico. Não se póde saber qual era entaõ o mayor numero das vozes, se as que pediaõ a liberdade, se o remedio: porém como os Vassallos não esperavaõ seguillas, fenaõ à custa do sangue, nem o Principe sem elle, se determinavaõ na emenda.

Esta

Esta foy a primeira vez, que o Valido Castelhano vio de perto o mau semblante da fortuna; porque todos os passados accidentes da Monarchia, que se padeceraõ nas Provincias distantes, posto que grandes, se diminuiãõ, e levantavaõ, conforme a sua distancia. Temiaõ os Ministros, que se adiantassem os tumultos de Portugal, e assim procuravaõ o remedio com igual destreza ao seu perigo. A huns pareceo se devia dissimular com aquelles póvos inquietos até melhor tempo, a troco de encobrir às de mais Nações da Monarchia, que se achava entre ellas huma taõ ousada; outros entenderaõ, que com a noticia do erro, convinha chegasse o castigo. Misturaraõ-se imprudentes as armas, e as negociações, estas paravaõ ao estrondo daquellas, e os Portuguezes na tardança conheciaõ até donde podia chegar sem temor a ousadia. O Cardeal de Richeliev, primeiro Ministro delRey de França, e taõ attento à gloria daquella Monarchia, como deseioso de abater a Hespanhola, mandou no anno de 1638 a Portugal com huma instrucção ao Senhor de Saint-Pé, a explorar os animos dos Portuguezes, e a persuadir-lhe com a sua admiravel politica a opportuna occasiaõ para a liberdade da Patria, offerecendolhe Tropas, e Armadas para poderem triunfar dos seus inimigos. E tambem referem, que escrevera ao Duque, que recuperasse o Reyno de seus avós, que França, e outros Principes o auxiliariaõ.

Tom.VII.

G ii

Ao

Memoires pour l'Hist. du Cardinal de Richeliev, tom.2. pag. 122. Passarel. de Bello Lusitano, lib. 1. pag.9. impresso em Pariz no anno de 1684.

Ao Duque de Bragança occorriaõ diversas materias de Estado ; a primeira era a sua conservaçaõ para poder acodir a qualquer parte onde a fortuna o chamasse ; e assim convinha estar isento da suspeita, abraçando todos os meynos da justificaçaõ, de tal sorte, que se conviesse, até os proprios interessados os ignorassem ; porque como sabio reservava as accões contingentes, depositadas no coração. Taõ efficazes foraõ as demonstraçoẽs do Duque D. Joaõ, ou porque naõ appetecia o Sceptro, ou porque elle mesmo o naõ cria, de sorte, que parecia a todos dissuadido de tal desejo ; e muitos dos que pertendiaõ sacrificar-se em obsequio da Patria, desmayaraõ à vista da inteireza, ou indifferença do mais interessado.

Entaõ foy o Duque encarregado de aplacar, e moderar as alteraçoẽs dos Lugares de Alentejo, e de seus delinquentes, porque interposta a sua authoridade, e seu nome, seria instrumento, e fiador do perdaõ aos culpados. Havia apartado por muito tempo huma grave doença ao Duque dos olhos do povo, e este mal lhe importou a vida, e a Coroa depois, porque sem duvida vendo-o presente, benigno, forte, como lhe parecia, se ajustariaõ os sediciosos, ouvindo soar a voz do seu nome. Para este fim foy mandado de Madrid o Conde de Linhares D. Miguel de Noronha, a quem pelo deservir havia inculcado Diogo Soares para este negocio, do qual elle mesmo lhe impedio depois a
com.

composição. Pedio o Conde para o acompanharem na expedição dos negocios a Dom Alvaro de Mello, ao Inquisidor Antonio da Sylveira de Menezes, e a D. Francisco Manoel de Mello, que se achava em Madrid assistindo aos negocios do Duque de Bragança, o qual era ornado de sciencia, e grande talento, como justificação as Obras, que temos suas impressas, e manuscritas, e era preciso nesta commissão para conciliar os animos do Duque de Bragança, e do Conde de Linhares, de cuja uniaõ estava persuadido o Conde Duque, e pendia o ajustamento das alterações de Evora. Foraõ-lhe concedidos os tres, sem mais titulo, que para lhe assistirem. Partio o Conde, e a poucas jornadas chegou ordem para que voltassem a Madrid D. Alvaro de Mello, e Antonio da Sylveira, e que só D. Francisco Manoel continuasse a jornada. Conheceo o Conde ser aquella ordem fabricada pela industria de Diogo Soares, para lhe embaraçar os meynos da execuçaõ, e o fazer cumplice na infelicidade da empreza. Não alterou este incidente a jornada, que continuou o Conde com D. Francisco Manoel até Villa-Viçosa, onde se avistou com o Duque de Bragança. Conferiraõ os remedios mais efficazes de atalhar o damno da Patria, e para este fim seguiu o Duque ao Conde, affirm a assistencia do seu poder, como a obediencia dos seus Vassallos. Passou o Conde a Evora, e depois de haver conferido com os da Junta, sem declarar o poder

poder da sua instrucção , declarou a fórma , com que ElRey havia de aceitar a obediencia dos Povos. Foy tomado este projecto tão mal , que não pode o Conde conseguir nenhum dos effeitos da sua commissão. Seguio-se mandar-se ordem à Duqueza de Mantua para que passasse a Evora o Corregedor da Corte Diogo Fernandes Salema com todos os Ministros , que parecessem necessarios. O ruido das armas visinhas tirava o receyo aos Ministros de justiça , e assim que chegaraõ a Evora , se começaraõ a dividir os sediciosos , sem outro conselho , do que o temor. Cezinando Rodrigues , Juiz do Povo , e João Barradas , seu Escrivaõ , que eraõ avaliados por zeladores da liberdade , e por esta causa estimados , se ausentaraõ. Os mais fiados em pouco conhecidos , se deixaraõ ficar para seu mal , e alguns , que o Corregedor prendeo , foraõ sentenceados , e sahiraõ a enforcar em estatua o Juiz , e Escrivaõ , com pregoens , que os declaravaõ por traidores , promettendo-se certos premios a quem vivos , ou mortos , os entregasse à justiça. Os demais , que se prenderaõ , foraõ hums enforcados , outros lançados a Galés , e todos com este exemplo ficaraõ socegados. Ao mesmo tempo , que em Evora se havia executado o castigo , se praticou o mesmo no Reyno do Algarve , ainda com mais rigor , onde tambem havia chegado o intento dos de Evora.

A este tempo com o pretexto de dar melhor
fórma

fórma aos accidentes referidos , havia o Conde Duque instituido huma Junta de varios Ministros Castelhanos em Badajoz , e outra em Ayamonte , com taõ largos poderes , que ficavaõ sem exercicio os Tribunaes de Portugal , querendo com esta industria politica facilitar aos Portuguezes a infracção dos seus privilegios , para poder assim introduzir insensivelmente o desejado intento de ElRey reduzir Portugal de Reyno a Provincia , e os Portuguezes de Vassallos a escravos. Por ordem destas Juntas se lançavaõ os novos tributos , que haviaõ de ser satisfacção do castigo dos Póvos , e da cobiça dos Ministros Castelhanos. Assim se começaraõ a esgotar os cabedaes do Reyno , e para de todo o acabarem , chamaraõ por ordem delRey a Madrid as principaes pessoas do Reyno , assim em sangue , como em letras , e tanto Ecclesiasticas , como seculares , para o que se mandaraõ varias Cartas delRey à Duqueza de Mantua , que ella logo mandou entregar a D. Rodrigo da Cunha , Arcebispo de Lisboa , a D. Sebastiaõ de Mattos de Noronha , Arcebispo Primaz , a D. Joaõ Coutinho , Arcebispo de Evora , a D. Gaspar do Rego da Fonseca , Bispo do Porto , a Dom Diogo da Sylva , Conde de Portalegre , a Diogo Lopes de Sousa , Conde de Miranda , a D. Martinho Mascarenhas , Conde de Santa Cruz , a D. Francisco Castellobranco , Conde de Sabugal , a D. Francisco Luiz de Lencastre , Commendador môr de Aviz , a Francisco de Andrade

drade Leitaõ , Desembargador dos Aggravos , a Joaõ Pinheiro , Desembargador do Paço , e aos Padres Sebastiaõ do Couto , Alvaro Pires Pacheco , e Gaspar Correa , da Companhia de Jesu ; porém dos tres só o ultimo chegou a Mádrid. Recebidas as Cartas , se puzeraõ a caminho todos os nomeados.

Esta taõ extraordinaria novidade , que succedeo no anno de 1638 , adiantou nos Portuguezes tanto o recco , que cada hum esperava a hora , em que havia de ser chamado , temendo justamente o infelice remate daquella machina. Os que chegaraõ a Madrid naõ tiveraõ em muitos dias mais ordem , que seguir a Corte , sem poderem descobrir qual fosse o negocio para que os chamaraõ. Obri-gavaõ aos Castelhanos a grande cuidado as armas de França em terra , e mar , por se porem aquelle anno grandes Exercitos , e Armadas em varias partes contra o poder de Hespanha ; mas Portugal accrescentando o esforço de seis milhoens pagos à sua defenfa ordinaria , se foy dos ameaçados , naõ foy dos feridos. Com o motivo do aperto da Monarchia determinava artificiosamente o Conde Duque tirar de Portugal ainda mayor numero de pessoas particulares , depois que tivessem effeito as levas , que mandava fazer em todo o Reyno. Mas ainda havia outra idéa mais principal , em que mais se trabalhava , que era o modo de apartar do Reyno ao Duque de Bragança ; porque a sua Real
pessoa

peessoa era o seu mayor cuidado, pois da sua assistencia em Portugal parecia grande o perigo de qualquer execucao violenta, se o Duque se declarasse defensor da liberdade do Reyno, porque sabiaõ, que os Portuguezes o respeitavaõ, e que todos o seguiriaõ; e assim por industria o queriaõ dividir, para que quando chegasse o tempo de exasperallos, fosse infructuosa qualquer resolucao, que emprendessem. Ordenou-se a D. Affonso de Lencastre, Marquez de Porto-Seguro, para que fizesse em Lisboa huma leva de Cavallaria, sem se limitar numero; e a todas as Provincias, e Comarcas do Reyno, e às Ilhas dos Açores mandaraõ diversos Fidalgos levantar grande numero de gente com o pretexto da guerra de França. Tambem se mandou entregar à ordem do Almirante Thomás de Chauburum todos os navios de guerra, que se achassem nos pórtos do Reyno; e ao Duque de Bragança chegou ordem para tirar das suas terras mil Vassallos armados, e que os entregasse a Dom Antonio Tello. Todas estas ordens se executavaõ sem contradicao, de que inteirado o Conde Duque, ordenou, que todos os Portuguezes, que haviaõ sido chamados à Corte, acodisse cada hum a casa de varios Ministros Castelhanos à mesma hora, para que sem se communicarem, fosse cada hum à casa do Ministro apontado, com comminacao de graves penas impostas, ao que revelasse o segredo. Porém nada bastou, porque logo se rompeo, que

a proposta fora lerse a cada hum dos Ministros Portuguezes hum papel, em que se determinava, que o Reyno de Portugal se reduzisse a Provincia, perdendo a regalia de Reyno; o que ElRey determinara, porque estava livre do juramento, que fizera nas Cortes, pois delle o havia desobrigado a perfidia Portugueza, (como elles diziaõ) fingindo cascos, e concluindo, que este era o parecer dos seus Theologos, e Juristas, que o livravaõ de todo o escrupulo, e que ainda em taõ justificada causa não queria ElRey executalla, sem o parecer de cada hum daquelles Ministros, para que dessem o modo, com que se havia de introduzir o novo governo de Portugal, e qual seria o meyo para mais facilmente se promulgarem as Leys: advertindo-se, que se não pedia parecer se convinha, ou não aquella resolução, mas sómente a fórma, em que se havia de executar.

Esta escandalosa proposta bastava sómente para justificar o procedimento dos Portuguezes, ainda que não fora o fim principal eximirem-se de serem Vassallos de hum Rey intruso, tendo em o Duque de Bragança Senhor verdadeiro, e natural, em quem concorriaõ as disposições das Leys fundamentaes do mesmo Reyno. Porque havendo-se ElRey D. Filippe II. introduzido em Portugal contra o mesmo, que se havia ajustado, depois nas Cortes de Thomar desobrigou os Portuguezes de toda a sujeição da sua Coroa, se elle, ou seus descendentes

dentes quebrantassem os fóros do Reyno. E ainda no caso, que ElRey D. Philippe IV. fora legitimo possuidor de Portugal, sem escrupulo poderiaõ os Portuguezes negarlhe as obediencias, como já o deixou ponderado o Doutor Antonio de Sousa de Macedo na erudita Obra da *Lusitania Liberata*, e a elegancia do Conde da Ericeira na sua estimadissima Obra do *Portugal Restaurado*; porque as fantasticas culpas, de que o Conde Duque os arguía; não eraõ motivo sufficiente para lhes usurpar a liberdade, pois as alterações de Evora tiveraõ origem de tributos injustos; de mais, que nellas não tiveraõ parte mais, que pessoas de baixa condicão, que foraõ punidas com mortes, galés, destierros, e depois com gravissimos tributos: e assim não merecia todo o Reyno pena da culpa, em que não tivera parte, cujos delinquentes haviaõ já satisfeito com as penas os delictos. Determinava o Conde Duque executar esta resolução sem embarço, para o que havia ordenado a D. Antonio de Oquendo, que governava hum grande Armada, passasse a invernar com ella no porto de Lisboa, para com a sombra deste poder se introduzir o novo governo: porém a Divina Providencia, que he sobre as disposições humanas, fez, que primeiro fosse esta poderosa Armada destruida pelos Hollandezes no Canal de Inglaterra, do que castigo de Portugal no rio de Lisboa. Este segredo taõ recomendado se rompeo de sorte, que bastou para obrigar

Sousa de Macedo, *Lusitania Liberata*, lib. 2. cap. 3. impr. em Londres em 1645.
Ericeira, *Portug. Restaurado*, tom. 1. liv. 2. pag. 80.
Passarel. de *Bello Lusitano*, lib. 1. pag. 10.

aos Portuguezes a que acordassem do lethargo , em que viviaõ , dispondo os meynos mais convenientes da liberdade da Patria.

Esta resolução tomada pelo Conde Duque , a que não responderaõ os Portuguezes , que consultou , sennaõ com escusas , fundadas em não terem sufficiente poder para tratarem materia taõ grave , foy motivo para se passarem contra Portugal as ordens mais injustas ; porque ao mesmo tempo foraõ quebradas as Leys , e rotos os privilegios , sem que houvesse extorção , que se não executasse , não se isentando o sagrado da immundade Ecclesiastica , como experimentou o Colleiitor Alexandre Castracani , a quem remetteraõ prezo de Lisboa a Madrid , deixando elle a Portugal na tribulação de hum interdicto , de que se seguiraõ gravissimos danos : assim continuavaõ successivamente os males , a que já os generosos corações dos Portuguezes buscavaõ remedio.

He preciso em beneficio da mesma Historia , recorrer ao progresso de alguns estranhos accidentes , que entaõ passaraõ , manifestando a sua origem. Corria já entre os Portuguezes , havia sessenta annos , huma opiniaõ , ou Seita , que a muitos teve credulos , de que vivia peregrinando pelo Mundo ElRey D. Sebastiaõ , estes eraõ com nome alegre chamados *Sebastianistas* : estendeo-se ella não só aos antigos Vassallos , mas se deduzio a filhos , e netos , cujo engano comprehendia homens virtuosos , e sabios.

sabios. Muitos destes Filósofos perfilhando ao entendimento os erros da vontade, fundavaõ as suas esperanças nas letras, e na Escriitura Sagrada, interpretando a Esdras, Daniel, Ezequiel, Isaiás, e ainda alguns lugares do Apocalypse, a favor do seu Encoberto. Explicaraõ nelle alguns dos oraculos das Sibyllas, naõ poucos de Santo Isidoro, e do Abbade Joachim: e ultimamente dando nova luz à sua cegueira os escritos apocrifos, ou sejaõ verdadeiros, de hum homem dito Gonçalo Annes, o Bandarra, de virtude desconhecida, crassa ignorancia, sangue suspeito, porém tido de longos tempos por vaticinante; assim preferiaõ a todo o discurso as suas chimeras, e desarmando o tempo aquella poderosa chave, com que abre, e descobre todos os humanos segredos, quizeraõ, que a pezar seu por tantos annos estivesse encerrado. Desta sorte, revestido de tantas ficções, seguiraõ por tantos annos os seus sequazes ao Encoberto, tal vez servindo de pretexto às suas paixões: e como era taõ grande o numero dos descontentes, por consequencia se augmentava o dos Sebastianistas, como que se naõ fosse impia medicina aquella, que para curar os interesses particulares descompunha os communs. O merecimento, e a virtude haviaõ já fogido da Republica. Naõ vio o Mundo idade tanto de ouro, e de ferro. Os mais sabios suspensos da gloria do silencio, se lhe entregavaõ inteiramente, outros inutilmente com fraquissimos braços

ços oppostos à corrente das adversidades, procuravaõ rompella, ao menos por salvarse.

D. Francisco Manoel,
Tacito Portug. M.S.

Era difficuloso naquelles tempos daremse regras de verdadeiro Republico; porque ver arder Roma, e ajudar o incendio, he tyrannia, que Nero não quiz repartir com outro barbaro: contentarse de não ser complice no estrago, quem devia ser author do remedio, he confirmar as disposições do tyranno: offerecerse, e lançar-se no fogo, que se não apaga com huma só vida, he desesperação, e não zelo. Tantas, e mais differenças de animos concorriaõ em Portugal naquelles dias. Muitos solicitavaõ o seu damno, os mais o occasionavaõ, os menos o preveniaõ, porque em quanto foraõ toleraveis os males, os sofriaõ com segredo; porém depois, que passaraõ a exorbitantes os agravos, conhecendo, que o castigo futuro não podia ser mayor, que o mal presente, passaraõ os zelosos da Patria a offerecer voluntariamente a vida pela sua liberdade.

Foraõ diversos os discursos, porém nenhum os segurava na esperança sennaõ aquelles, que se fundaraõ no direito, e justiça do Duque de Bragança, em quem concorria valor para emprender semelhante empreza, e nos Póvos afeiçãõ, e amor para lhe sustentar a Coroa. He bem de advertir, diziaõ elles, que observado o Duque, não lhe descobriaõ outra inclinação, fóra do divertimento da caça; mas que nas alterações de Evora não só desprezara

prezara as repetidas offertas dos Póvos, persuadindo-o muitos da Nobreza, que as aceitasse; mas que fora publico se justificara com ElRey, e que assim não era prudencia offerecer-lhe, o que não havia de aceitar. Embaraçados os discursos com estas duvidas, recorriaõ alguns a chamar seu irmão o Senhor D. Duarte, ornado de excellentes virtudes, valor, e experiencias militares, a quem chegaraõ alguns a communicar esta idéa, opprimidos da desconfiança, de que o Duque dimittia de si esta empreza, concorrendo nelle pela mesma justiça a successão do Reyno, como escrevemos no Capitulo XIX. do Livro VI. Tambem a outros lembrava formar humá Republica, a que lhe dava exemplo modernamente Hollanda, e mais antigamente Veneza, e Genova; porque entãõ sendo as utilidades commuas, e os riscos iguaes, era incontrastavel a uniaõ. Porém todas estas idéas padeciaõ terriveis contrariedades, vacillando os discursos, mas não os animos em se haverem de sacrificar pela faude da Patria.

Quasi por este tempo havia chamado com louvavel appetite o Conde Duque de Italia a Hespanha ao Marquez Virgilio Maluezzi, natural de Bolonha, entãõ celebrado pelo mayor Politico de Italia, cuja reputaçãõ procedia mais dos seus escritos, que das suas acções. Introduzio novas maximas este Politico no ministerio ao Valido, e entendendo-se elle fora o Author delRey nomear ao
Duque

Prova num. 3.

Prova num. 4.

Prova num. 5.

Duque de Bragança por Governador General das Armas de todo o Reyno, cuja Carta patente, passada em Ventosilha de Sayo a 28 de Janeiro de 1639, lhe enviou ElRey com outra da mesma data, em que lhe participava, que pelos avisos, que tinha, de que os Francezes aprestavaõ huma grande Armada contra Portugal, e por evitar o damno, que se poderia seguir, senão se prevenisse de sorte, que não podessem os inimigos lograr os seus designios, se resolvera entregarlhe o governo das Armas do Reyno, debaixo das ordens da Princeza Margarida sua prima. Seguiaõ-se a esta eleição não poucos inconvenientes, o que discursando o Duque, tratou de divertilla, não poupando a este fim diligencia alguma: porém não se admittiraõ em Castella as muitas escusas, que representou, sendo a resposta a instrucção do posto, assinada por ElRey em Madrid a 25 de Março do referido anno, a qual por sua ordem lhe remeteo o Secretario D. Fernando Rodrigues de Contreras, e assim lhe foy preciso aceitar o posto, e passar a Almada. Foraõ diversos os discursos, que sobre esta acção se levantaraõ, porque huns tiveraõ por errada maxima do Conde Duque esta eleição. Diziaõ elles, que entregar as armas do Reyno ao mesmo, que tinhaõ pelo mayor inimigo, era segurarlhe a vitoria, quando o faziaõ arbitro das tropas; e que o Duque, em cujos ouvidos ainda estavaõ soando as vozes, que o acclamaraõ Rey nas alterações de Evora, saberia

ria dispor as armas do Reyno de modo , que dellas o não despojassem. Outros por differente modo diziaõ , que toda aquella confiança , que se fazia do Duque , era para o mostrarem Vassallo aos Portuguezes , que o consideravaõ Soberano : e adiantando o discurso penetraraõ , que havendo pela obrigação do posto visitar as Torres , e os navios da Armada , era facil prendello , e levalllo a Cadiz , onde quando não perdesse a vida , seria ao menos a liberdade. He fama , que se averiguara não haver duvida , em ser esta a tenção do Conde Duque : porém toda esta grande idéa não pode ter effeito.

Havendo o Duque D. Joaõ de fazer jornada , a exercitar o mando das tropas do Reyno , veyo , à imitação de seu pay , a accommodarse na Villa de Almada. Aqui foy visitado de todos os Grandes , e Senhores , fundando na occasião a sua mayor esperança ; porque vendo-o , e tratando-o mais familiarmente , que em outra occasião , havia muitas de lhe tentar o animo , e a sufficiencia. Dizem , que por coroa de hum largo discurso das misérias , que o Reyno padecia , se lhe introduzio a pratica do remedio , e muitos se resolveraõ a descobrirlhe o animo , em que estavaõ de o servirem , e outros tentavaõ o modo de saber qual era o seu intento ; mas o Duque D. Joaõ com algum artificio os ouvia , qualificando as queixas com o zelo da Patria , mais como filho , do que como Senhor della ; e assim se houve até penetrar os fins de todos os segredos,

Nicolao da Maya na
Relaçãõ impressa no
anno de 1641.

dos, porque nenhum delles lho recatava, persuadidos, que estas propostas seriaõ bem ouvidas, ainda que se naõ admittissem. Dom Antonio Mascarenhas lhe disse, que tinha convocado a toda a Nobreza para o dia, que o Duque houvesse de passar a Lisboa, accrescentando: *Porque esse dia ha de ser nosso, façalono Vossa Excellencia alegre*; o Duque mostrou o naõ entendia, de que D. Antonio Mascarenhas ficou taõ penetrado, que quando foy o da entrada, naõ quiz voltar à Almada com os mais Fidalgos, que hiaõ ao acompanhamento. O Duque com advertencia naõ conhecendo, os de que devia fiarse, depois de ter sondados os corações de todos, se houve de forte, que se naõ declarou com algum delles, e entre tantas praticas, e persuasões, sómente lhe deixou esperanças em responder ao Monteiro môr Francisco de Mello: *Que ainda naõ havia occasiaõ*. Esta resposta naõ deixou de animar aos interessados, de que se poderia lograr a sua determinação. E supposto, que esta destreza entaõ se referia como irresolução, o tempo a veyo celebrar como grande prudencia.

Para o Duque passar de Almada a ver a Duqueza de Mantua, era preciso, que naõ houvesse de ser alterado o ceremonial, que de Madrid mandara o Conde Duque, regulado pelo que já com seu pay se praticara no tempo, que governava o Archiduque Alberto: porém como nada se executava sem questões, foraõ immensas as que se levantaraõ.

taraõ. Finalmente se ordenou, que o Capitaõ da Guarda esperaria o Duque ao pé da escada, baixando a recebello com huma esquadra da guarda de Sua Magestade, estando a mais posta em ala por onde elle havia de passar, ficando a guarda dos seus Alabardeiros com o seu Capitaõ à porta do Paço: Que os Corregedores do Crime da Corte André Velho da Fonseca, e Diogo Fernandes Salema, o esperariaõ ao pé da escada do Paço, e o acompanhariaõ, e que os Officiaes da Casa Real sahiriaõ a recebello à porta de baixo, e que o Mordomo môr acoderia, e ordenaria a parte, que lhe tocasse, e que a cadeira seria de espaldas, igual em tudo à da Princeza, e seria posta sobre a tarima, ficando debaixo do docel. Desembarcou o Duque no Paço, e sendo acompanhado, na fórma referida, a visitar a Duqueza de Mantua, se dilatou pouco na visita: e havendo ordenado a Duqueza a hum Official da Casa Real lhe mudasse o lugar da cadeira, quando se sentava, atrazando-a este hum passo, acodio logo com igual resoluçaõ, que valor, Thomé de Sousa, e a melhorou ao lugar, em que era razaõ estivesse. Voltou o Duque para Almada na mesma tarde. Havia concorrido toda a Corte a assistirlhe, outros a vello, e todo o povo de Lisboa a festejallo, com taõ excessivas demonstraçoẽs, como sentimento dos afeiçoados ao governo de Castella; porque todo o tempo, que esteve naquella Villa, foy continuamente assistido de toda a Nobreza,

*Ericeira; Historiarum
Lusitanarum, lib. I.
pag. 92.*

breza, de que o Duque se deu por tão obrigado; que disse havia por bem empregada a jornada, que havia feito, só pela boa vontade, que experimentara nos Fidalgos, e toda a mais gente, aos quaes pelos servir havia de empenhar a pessoa, e o Estado, o que depois mostrou a experiencia. Recolheu-se na entrada do Inverno o Duque a Villa-Viçosa livre dos laços, que lhe haviaõ preparado os Castelhanos, porque tendo seguras intelligencias, se desviou dos perigos, que o ameaçavaõ. Não haviaõ passado muitos dias depois do Duque estar em Villa-Viçosa, que não lhe chegasse ordem de Madrid para fazer huma leva de Soldados nas suas terras. Replicou levemente pelo pouco effeito, que havia tido a primeira, succedendo o mesmo em todas as que se fizeraõ no Reyno, ainda que algumas chegaraõ a Catalunha. Não admittio ElRey a replica, e o Duque se dispoz a obedecer por não dar motivo ao Conde Duque ao condemnar; porém mandou obrar tão lentamente, que a leva se fazia de sorte, que não ficava lugar para lhe arguirem a obediencia.

Os que fundavaõ a liberdade da Patria na resolução do Duque, perderaõ muito o animo com a cautella, de que usou em Almada, quando desatendia, e desviava as praticas, que se encaminhavaõ a coroallo. Nesta consternação voltaraõ segunda vez as idéas a Alemanha ao Senhor D. Duarte; porém como o perigo necessitava de remedio
promp-

prompto, tornaraõ a fazer novas instancias ao Duque de Bragança. Entre os mais, que em Portugal viviaõ com huma vontade semelhante, interessados na liberdade da Patria, era o primeiro nos annos D. Miguel de Almeida, de melhor qualidade no sangue, que na sorte, descendente dos antigos Condes de Abrantes; D. Antaõ de Almada, illustre descendente dos Condes de Abranches; Pedro de Mendoça, naõ só amigo da Casa de Bragança, mas particularmente estimado della; Francisco de Mello, Monteiro môr, Antonio de Saldanha, D. Antonio Mascarenhas, Dom Joaõ Pereira, illustre Sacerdote, e outros, inflammados de hum ardente desejo da honra, que naõ duvidavaõ sacrificar-se por libertarem a Patria em tempo, que se via taõ descontente a Nobreza do governo; porque os dous Ministros, que eraõ ambos em sangue, interesse, e espirito hum só, haviaõ usurpado o mando universal do Reyno; em Portugal Miguel de Vasconcellos, e em Castella Diogo Soares, hum a executar, outro a suggerir o conselho: de sorte, que estas eraõ as pedras do escandalo publico, cultivado pelo continuo desprezo procedido da soberba, ou da destra severidade dos taes Ministros.

Renovaraõ-se as instancias no anno de 1640; sendo hum dos que mais vivamente as apertava Francisco de Mello, Monteiro môr, escrevendo ao Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, e ao Conde de Vimioso D. Affonso de Portugal, pedindo-

dindolhe representassem ao Duque D. João as vexações, que sofrião os Portuguezes, que de justiça nascerão seus Vassallos; que aceitasse a Coroa, que voluntariamente lhe offereciaõ; porque era a mesma, que os Castelhanos haviaõ roubado a seu pay, e avô, e que à tal offensa se não devia antepor perigo algum; e que agora o fazia mais remoto, o veremse os Castelhanos divididos em muitas partes: e que assim nenhum tempo lhe poderia ser mais favoravel à sua resolução, que o presente. Por diversas partes chegavaõ estas, e outras semelhantes razoens ao Duque encaminhadas pelo Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimioso por Jorge de Mello, irmão do Monteiro môr, em cuja Casa se ajuntavaõ D. Miguel de Almeida, Pedro de Mendoza, e D. Antão de Almada, a conferirem o caminho, que seguiriaõ para se livrarem dos perigos, que os ameaçavaõ. Estes actos, muitas vezes repetidos, e por muitos, foraõ as primeiras alviças do bom successo: entãõ com louvavel prudencia se fez pausa, julgando, que os corações não podiaõ ser vistos em melhor fórma. Já entãõ conferiaõ, e só faltava dispor a obra, porque ainda no desenhão estava informe.

Tinha neste tempo os negocios da Casa de Bragança em Lisboa com o titulo de Agente João Pinto Ribeiro, professor do Direito Civil, homem erudito, como vemos nos seus Escritos. Amava ao Senhor, e não menos ao Reyno, em cujo obsequio

sequio depois imprimio alguns Tratados. Como Joaõ Pinto por occasião dos negocios, que manejava, fosse ouvido de grandes Ministros, era por esta causa conhecido dos mayores. Não era o seu zelo ignorado, toda a consideração o habilitava para idoneo instrumento, não só para os rogos, mas tambem para as advertencias, que se continuavaõ ao Duque, o qual não desagradoado do meyo proposto, respondia por sua intervenção tão formalmente, que os interessados reconheceraõ o acerto da sua boa eleição. Recebia o Duque os avisos, e reconhecendo o muito, que havia, que vencer, para lograr empreza tão ardua, dilatava em declarar-se; até que o tempo com mais firmes esperanças o segurasse, e com mayores fundamentos, que os males, de que se queixavaõ os que o persuadiaõ. O Conde Duque, que estudava o caminho de destruir na pessoa do Serenissimo Duque de Bragança as esperanças dos Portuguezes, fez, que ElRey lhe mandasse segunda ordem para passar à Almada, e replicando, se desvanecio. Porém em poucos dias recebeu huma Carta delRey, em que depois de varias persuasoens, e promessas, lhe mandava, que se prevenisse para passar com elle a Catalunha, aonde determinava marchar brevemente a socegar as revoluções daquelle Principado, e outras da mesma substancia vieraõ a todos os Fidalgos do Reyno.

Havia succedido naquelle tempo a sublevação

ção dos Catalães , e fortificando-se em Barcelona , se resolverão a buscar a protecção de França. O Conde Duque querendo atalhar este damno , para se não entender , que aquelle excessso era nascido de exasperações do seu governo , persuadio a El-Rey Catholico , que marchasse com hum grande Exercito a castigar os Catalães , porque não se satisfazia com menos a sua vingança ; e tambem com o pretexto da jornada de chamar a Madrid ao Duque de Bragança , e toda a Nobreza de Portugal , para que então se reduzisse a Provincia o Reyno. Tanto , que ao Duque de Bragança chegou a ordem de acompanhar a El-Rey a Catalunha , se resolveo generosamente a aceitar as offertas , que repetidamente lhe tinhaõ feito da Coroa , que de direito lhe pertencia , e livrar a Patria da escravidão , em que estava. Considerava , que se obedecia à ordem , o menos mal , que lhe podia succeder , era perder a liberdade , porque todas as noticias insinuavaõ ser este o fim do Conde Duque , para desta sorte pôr em precipicio o respeito do Duque , e a incomparavel grandeza da Serenissima Casa de Bragança , tantos seculos conservada com Real authoridade , não bastando a tranquillidade , com que vivia satisfeito na delicia de Villa-Viçosa , Corte dos seus Estados , sendo elle o mais poderoso de Europa entre os que não eraõ Soberanos , como diz hum Author Francez. Ainda se adiantou mais a imprudencia dos Castelhanos neste negociado ,
que

que sendo tantas as diligencias, com que procuravaõ apartar de Portugal ao Duque D. Joaõ, antes de o conseguir, haviaõ publicado, que os Grandes lhe haviaõ de preferir em todos os actos publicos; e quando com verdadeira politica o deviaõ obrigar, para o persuadir, lhe negaraõ o Arcebispado de Evora para seu irmão o Senhor D. Alexandre, com a frivola razãõ, de que naõ estava Doutorado em faculdade alguma, havendo muy pouco, que se havia concedido o Bispado de Viseu a Leopoldo de Austria, Archiduque de Tirol, para hum filho seu de tres annos. Estes, e outros motivos resolveraõ generosamente ao Duque de Bragança a aceitar a Coroa, que repetidas vezes lhe tinhaõ offerecido os zelosõs, e leaes Portuguezes.

Corria já facil, e seguro o commercio, ainda que recatado, entre Villa-Viçosa, e Lisboa, havendo já lugar, de que se tratasse com clareza taõ grande causa. Foy enviado Pedro de Mendoça, Alcaide môr, e Senhor de Mouraõ, para que distinctamente offerecesse o Reyno ao Duque de Bragança, e levava memoria dos parciaes, já muitos, e grandes, e o mais era a certeza, de que o povo seguiria a sua voz com largas promessas de vidas, e fazendas, que huns, e outros constantemente se offereciaõ a sacrificar em obsequio de Principe natural, e da recuperaçaõ da liberdade Portugueza. Fez o caminho por Evora, onde communicou ao Marquez de Ferreira, a D. Rodrigo de Mello seu

Tom.VII. K irmão,

irmão, e ao Conde de Vimioso, a commissão, que levava. Escreverão elles ao Duque com novas persuasoens, para que admittisse tão generosa offerta. Passou Pedro de Mendonça a Villa-Viçosa, onde chegou ao tempo, que o Duque andava caçando na sua Tapada. Passados os primeiros cumprimentos, offerecendolhe o campo occasião de fallar ao Duque, lhe deu parte em como a sua jornada se dirigia a pedir-lhe da parte da Nobreza do Reyno aceitasse a Coroa de Portugal usurpada a seus avós, expondo-lhe com vivas razões todos os motivos, que havia para não perder tão gloriosa empresa; e ultimamente lhe pedia, não participasse este negocio a Antonio Paes Viegas, seu Secretario. Era o motivo desta advertencia o temer-se, que Antonio Paes não fosse deste parecer, e desviasse o Duque de aceitar o Reyno. O Duque respondeo, que a materia, em que lhe fallava, era de tão alta ponderação, que lhe pedia tempo para nella se determinar, mas que brevemente lhe daria a resposta: que havella de fiar de Antonio Paes, o podia sem escrúpulo fazer, porque delle tinha largas experiencias da sua fidelidade, e tambem porque não era elle, o que menos o estimulava ao mesmo, que elle o persuadia. Conferio o Duque com o seu Secretario, e depois de ventiladas todas as materias, que sobre este negocio podiaõ occorrer, e ponderadas com a madureza, mostrou com evidencia o quanto lhe importava aceitar a offerta, que lhe faziaõ.

ziaõ. Estimou muito o Duque ter ouvido a opiniaõ de Antonio Paes Viegas , e lhe respondeo , que se havia conformado com a sua idéa , e passou ao quarto da Duqueza sua mulher a darlhe conta do empenho , em que se achava , ao qual naõ queria determinar-se sem o seu parecer. He fama , que a Duqueza o tirara da perplexidade , em que se via , porque sobre grandes virtudes , era dotada de taõ bom entendimento , como animo varonil , como depois acreditaraõ largas experiencias ; assim generosamente lhe disse : Que ainda que a morte fosse a consequencia da Coroa , tinha por mais acertado morrer reynando , que acabar servindo : de mais , que todos os vaticinios seguravaõ a empreza , e que assim sómente a dilacão de se coroar podia ser prejudicial. Achando o Duque taõ conformes as duas opinioens , de que tanto fiava , chamou a Pedro de Mendoça , agradeceolhe o trabalho , e o perigo a que se expuzera por seu respeito , e que elle depois de ponderar tudo , o que elle lhe differa , antepondo a faude da Patria ao risco particular , se resolvio a aceitar a Coroa , para a fazer respeitada de seus inimigos , e commua aos seus leaes Vassallos. Pedro de Mendoça satisfeito , e contente , pertendeo beijar a maõ ao Duque , o que elle recusou , dizendo , que naõ faltaria tempo para aquella cerimonia. Entaõ Pedro de Mendoça para diffimular a jornada , partio para Mouraõ , e despedio hum Correyo a D. Miguel de Almeida , em que lhe dizia :

Que fora à Tapada, que a caça andava levantada, que se fizeraõ alguns tiros, que huns se acertaraõ, e outros se erraraõ, e que era grande a prudencia de Joaõ Pinto Ribeiro. Deixou este aviso taõ cego, e embaraçado a D. Miguel, que o recatou até que chegou Pedro de Mendoça, e dando aos da Junta conta da reposta do Duque, a celebraraõ com grande contentamento; e resolveraõ, que passasse logo a Villa-Viçosa Joaõ Pinto Ribeiro a ajustar com o Duque o dia, e a fórma de se pôr em execuçaõ toda aquella pratica: porém elle se escusou com justo motivo, no que passaraõ alguns dias, que justamente puzeraõ em cuidado ao Duque; e sabendo, que Pedro de Mendoça passara a Evora, lhe escreveo, pedindolhe noticias do negocio, que lhe encommendara. Pedro de Mendoça o fez taõ confusamente, que o Duque se vio embaraçado, e se resolveo a chamar a Joaõ Pinto Ribeiro com o pretexto de lhe dar conta de hum demanda, que fazia à Casa de Odemira. Deu conta desta ordem a D. Miguel de Almeida para que se participasse aos confederados, e sendo encarregado do que havia de dizer ao Duque, partio para Villa-Viçosa. A sua chegada diminuiõ em tudo o cuidado do Duque; porque concordando com o que Pedro de Mendoça lhe referira, accrescentou outras muitas razoes, que facilitavaõ a empreza. Ainda durava a conferencia, quando o Duque teve aviso, de que passayaõ a Madrid algumas pessoas, que

que poderia ter noticia do negocio , porque a Duqueza de Mantua já fazia observar todos os passos dos Fidalgos de Lisboa. Vendo o Duque o quanto perigava a empreza na dilação , despedio a João Pinto com ordem , para que logo em Lisboa tivesse principio a Acclamação , e não em Evora , como lhe tinhaõ avisado ; porque se seguiria poderse prevenir a Duqueza primeiro , que se declarassem os Fidalgos confederados ; e por ultimo , que se desse caso , de que em Lisboa faltassem ao que lhe haviaõ promettido , o que elle não imaginava de taes pessoas , que elle com os Póvos de Alentejo , que estavaõ à sua devoção , tentaria a fortuna , sahindo à campanha. Esta generosa resolução encheo de alegria a João Pinto , e voltou para Lisboa , onde chegou , e communicando tudo aos interessados , entregou duas Cartas do Duque , huma para D. Miguel , outra para Pedro de Mendoça , as quaes encheraõ de huma extraordinaria alegria a todos os confederados ; porque o Duque dizia nas Cartas , que eraõ para todos , e que se desse inteiro credito a João Pinto , no que lhe dissesse da sua parte. Assim se dispuzeraõ com novos brios a pôr fim ao tratado , approvando a resolução de começar por Lisboa aquella gloriosa empreza. Excedeo toda a credulidade a observancia do segredo , em que se fundou a gloria , e a ventura do successo. Juntavaõ-se os Fidalgos em casa de João Pinto , que assistia no Paço , que o Duque de Bragança tinha nesta
Cidade ,

Cidade, com tanta cautella, que deixavaõ os coches, e os cavalloos em differentes partes, tendo anticipadamente Joaõ Pinto retirado os seus criados, e pondo pouca luz para que naõ fossem conhecidos, os que entravaõ nella. Naquella noite, que era Domingo 26 de Novembro, se determinou, que se puzesse em execuçaõ o que estava ajustado, no Sabbado seguinte, o primeiro de Dezembro de 1640, communicando-se a todos, que por intervençaõ do Padre Nicolao da Maya, estavaõ promptos o Juiz do Povo, Escrivaõ, e Mifteres, com alguns dos da Casa dos Vinte Quatro, os quaes atemorizados com os successos de Évora, disseraõ, naõ fariaõ movimento sem verem declarada toda a Nobreza.

Determinado o dia, e considerado o modo da obra, a pezar de todos os accidentes, que a contradiziaõ, assentaraõ de dar a execuçaõ à empresa. Deu-se parte desta conferencia ao Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, Varaõ em quem concorriaõ letras, virtudes, e amor da Patria, como havia mostrado constante em Madrid, donde he fama lhe offereceraõ o Capello de Cardeal, se concorresse para que o Reyno se reduzisse a Provincia, que generosamente desprezou; o qual approvando agora a idéa dos confederados, entrou no numero delles, e o seguiraõ os seus parentes, e todos os Ecclesiasticos, que lhe obedeciaõ. Já naõ faltava mais, que tres dias, quando se deu conta
a D.

a D. João da Costa, que era dotado de grande valor, e entendimento, partes, que em poucos annos o habilitaraõ para conseguir toda a estimacão da Corte, (e depois os mayores lugares) porque contando poucos annos, os ornava de admiravel prudencia: e depois de ouvir attentamente a proposta, considerando a gravidade da empreza, discursou com eloquencia, de que era dotado, mostrando os perigos, e inconvenientes, que nella podiaõ occorrer; e depois de ponderar todos com madureza, concluiu, dizendo, que se elle tivera esta noticia mais anticipada, que fora o seu voto, se dispuzesse a empreza com mayor segurança; porém como já o tempo era taõ pouco, que lhe parecia, se naõ dilataffe, porque se se rompesse o segredo, seria este o mayor inimigo. Hum Author moderno, que escreveo a Historia de Portugal, desfigura este incidente, desconhecendo a D. João da Costa, que elle depois louva muito, quando falla delle na Embaixada de França, naõ sabendo, que era o mesmo. He certo, que as razoes de D. João da Costa, ponderadas no seu entendimento, e desprezadas do seu valor, alteraraõ os animos dos confederados, de sorte, que causou tanta perturbação, que João Pinto avisou ao Duque suspendesse as ordens, que tinha disposto para o dia primeiro de Dezembro. Esta novidade causou grande cuidado ao Duque, de que logo outro expresso o livrou, segurandolhe, que as continuasse, porque infallivelmente

Ericeira, *Historiarum Lusitanarum*, lib. 2. p. 113.

Clede, *Histoire Generale de Portugal*, tom. 7. pag. 55.

velmente se executaria tudo, o que estava tratando.

Assentado para a conclusão desta grande empreza o dia de Sabbado primeiro de Dezembro, se determinou, que com o menor rumor, que fosse possivel, se achassem todos junto do Paço, repartidos por varios póstos, e que tanto, que o relógio dèsse nove horas, sahissẽ todos do coche ao mesmo tempo: que huns ganhassem o Corpo da Guarda, onde estava huma Companhia de Infantaria Castelhana, outros, que sobindo à sala dos Tudescos, detivessem a Guarda dos Archeiros, outros appellidando a liberdade das janellas do Paço, acclamassem ao mesmo tempo o Duque de Bragança Rey de Portugal; e que outros passassem a matar o Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos, diligencia, que julgaraõ importantissima, porque nas aras da sagrada liberdade se não sacrificaria outro animal mais, que o tyranno; porque assim se atalhariaõ as ordens, que a sua atrevida resolução distribuisse, e tambem para incitar o povo, com a satisfação daquelle merecido castigo, revestindo-se dos affectos da Nobreza para seguirem com constancia o seu exemplo.

Passada a noite nos cuidados, de que chegasse o dia de Sabbado, e se haviaõ confessado todos no dia antecedente, implorando o favor de Deos para segurar a empreza, em que não entrava a vingança, senão a justiça, entendendo podiaõ ser elles

licita-

licitamente então os executores. Haviam os quarenta Fidalgos confederados avisado a todos aquelles dependentes daquelle acção, os quaes convidaram outros, e por este motivo he mayor o numero, do que se lê na Relação, que então se imprimio no anno de 1641. O Conde da Ericeira, a quem seguimos, diz, serem quarenta, o que constantemente referiam muitos, dos que se acharam nesta gloriosa empreza; porém com o documento impresso naquelle mesmo tempo, seria injustiça não referir os nomes de todos, os que a dita Relação numerou, porque não queremos privar de hum taõ especial gloria aquelles, que a mereceram.

Ericeira, Portug. Ref-taurado, liv. 2. pag. 98.

Foram elles: D. Miguel de Almeida, D. Antão de Almada, Jorge de Mello, Pedro de Mendoça, Alcaide mór de Moura, D. Antonio Mascarenhas, o Doutor João Pinto Ribeiro, D. Antonio Tello, D. Gastaõ Coutinho, D. Luiz de Almada, D. Alvaro de Abranches, D. Affonso de Menezes, D. Antonio Luiz de Menezes, D. Rodrigo de Menezes, D. João da Costa, D. Antonio da Costa, D. Antonio de Alcaçova, D. João de Sá e Menezes, Camereiro mór, João Rodrigues de Sá, Antonio de Saldanha, João de Saldanha de Sousa, João de Saldanha da Gama, Antonio de Saldanha seu irmão, Bartholomeo de Saldanha seu irmão, Sancho Dias de Saldanha, o Conde de Atouguia, D. Francisco Coutinho seu irmão, D. Vasco Coutinho, Martim Affonso de Mello, Manoel

Relação impressa em 1641.

de Mello seu filho, Francisco de Mello de Magalhães, Antonio de Mello de Castro, D. João Pereira, Prior de S. Nicolao, Fernão Telles da Sylva, Antonio Tellez da Sylva, D. Fernando Tellez, Dom Antonio da Cunha, Tristaõ da Cunha de Attaide, Luiz da Cunha de Attaide e Mello seu filho, Estevaõ da Cunha, Deputado do Santo Officio, Luiz da Cunha, neto de D. Antaõ de Almada, Luiz Alvares da Cunha, Duarte da Cunha seu filho, Tristaõ de Mendoga, Henrique de Mendoga seu filho, Luiz de Mendoga filho de Pedro de Mendoga, D. Manoel Childe Rolim, D. Francisco de Sousa, D. Paulo da Gama, D. Thomás de Noronha, D. Francisco de Noronha seu irmaõ, Miguel Maldonado, Gaspar Maldonado, Vicente Soares Maldonado, Francisco Maldonado, Sebastiaõ Maldonado seus filhos, Gonçalo Tavares de Tavora, o Alcaide mór de Cintra, Gil Vaz Lobo, Ruy de Figueiredo, Luiz de Figueiredo seu irmaõ, Gaspar de Brito Freire, Luiz de Brito Freire seu filho, Manoel Velho, Francisco Brandaõ, Francisco Freire Brandaõ, Francisco de Sampayo, o Padre Nicolao da Maya, o Capitaõ Marco Antonio de Azevedo, o Capitaõ Vasco de Azevedo Coutinho seu irmaõ, Francisco de Vasconcellos, Luiz de Loureiro, Informador de Mazagaõ, o Capitaõ João de Barros de Sousa, Antonio do Rego Beliago, João do Rego Beliago seu filho, Antonio Figueira da Maya, o Padre Bernardo da Costa,
o Al-

o Alferes Manoel Leitaõ de Lima, o Licenciado Gabriel da Costa, Quartanario da Sé, Manoel da Costa seu irmão, Paulo de Sá, o Capitão Diogo Penteado, Manoel de Novaes Carvalho, o Capitão João de Novaes Carvalho, Manoel de Azevedo, João da Sylva do Valle, Miguel da Sylva, Gregorio da Costa, o Alferes Francisco de Tavares, Gonçalo de Sampayo, o Alferes Manoel de Sampayo, Gaspar de Tovar, Pedro de Abreu, Simão Correa da Cunha, Luiz Alvares Banha, Bento da Motta de Gusmaõ, Affonso Mendes, Luiz Godinho, Escrivaõ do Pescado, o Capitão Antonio Franco de Lima, Alberto Raposo, Paulo de Moura, João Ribeiro, o Licenciado Gaspar Clemente, e outros.

Preveniraõ-se, e armaraõ-se todos os referidos; e he bem digno de louvor a constancia, e animo de D. Filippa de Vilhena, Condessa de Atouguia, pois ella mesmo ajudou a armar seus dous filhos D. Jeronymo de Ataide, e D. Francisco Coutinho, aos quaes exhortou a emprender acção taõ gloriosa. Da mesma sorte, com animo varonil o praticou D. Marianna de Lencaestre com seus dous filhos Fernaõ Telles da Sylva, e Antonio Telles da Sylva. Occuparaõ todos os confederados os póstos, de que se encarregaraõ, sem haver hum delles, que se arrependesse, do que tinhaõ determinado. Esperavaõ já com impaciencia as nove horas, e tanto, que deu a primeira, sem esperarem a ul-

tima, sahiraõ todos dos coches, e avançaraõ ao Paço. Jorge de Mello, Antonio de Mello de Castro, e Estevaõ da Cunha, com alguma gente, que os seguiaõ, detiveraõ os Soldados Castellhanos, que estavaõ de guarda. D. Miguel de Almeida, ainda que velho, sobio arrebatadamente à sala dos Tudescos, e disparou hum pistola, final, que se havia ajustado, para que se repartissem pelas partes, de que cada hum estava encarregado. O Porteiro môr Luiz de Mello, e Joaõ de Saldanha e Sousa ganharaõ o lugar, onde estavaõ arrimadas as alabardas dos Soldados. D. Affonso de Menezes, Gaspar de Brito Freire, e Marco Antonio de Azevedo, as lançaraõ todas em terra, impedindo, a que pudessem chegar os Soldados a tomallas, e alguns intentaraõ impedir o passo da porta, que sahe ao corredor, que acaba no Forte, onde morava Miguel de Vasconcellos; mas o valor de Pedro de Mendoga, e Thomé de Sousa, os carregou de sorte, que desampararaõ a porta, e querendo ganhar hum, que hia ao Quarto da Duqueza de Mantua, já a acharaõ occupada por Luiz Godinho Benavente, criado do Duque de Bragança, e por outras pessoas, que o acompanhavaõ, as quaes mataraõ hum Tudesco, e feriraõ outros, e assim os fizeraõ retirar. Neste tempo o primeiro, que com nobre deliberação no Paço Real pronunciou duas altas sentenças ao Povo Portuguez, e à Monarchia Hespanhola, foy D. Miguel de Almeida, veneravel velho de
perto

perto de oitenta annos, com a espada na mão disse gritando : *Valerosos Portuguezes, viva ElRey D. João IV. atégora Duque de Bragança, viva; morraõ os traidores, que nos arrebataraõ a liberdade.* Desta sorte chegou às varandas do Paço, repetindo as mesmas palavras muitas vezes, já ouvido do Povo, que se hia ajuntando no Terreiro.

Buscando outros a casa de Miguel de Vasconcellos, entraraõ pelo corredor D. Antonio Tello, D. João de Sá de Menezes, Camereiro môr, Antonio Tellez, ferido em hum braço de huma bala de pistola, que se disparou na falla dos Tudestcos, o Conde de Atouguia, seu irmão Dom Francisco Coutinho, D. Alvaro de Abranches, Ayres de Saldanha de Sousa, D. Gastaõ Coutinho, Sancho Dias de Saldanha, João de Saldanha da Gama, e seus irmãos Antonio, e Bartholomeo de Saldanha, Tristaõ da Cunha de Ataide, seus filhos Luiz, e Nuno da Cunha, D. Manoel Childe Rolim seu genro, e encontrando a Francisco Soares de Albergaria, Corregedor do Civel da Cidade, que sabia da Secretaria de Estado, lhe disseraõ todos: *Viva El-Rey Dom João*, elle arrebatado, e imprudente, tirando da espada, respondeo: *Viva ElRey Dom Filippe*, e não faltando quem o persuadissee a socerga-se, não sendo possível, com o tiro de huma pistola, lhe abriaraõ na garganta huma ferida, que em poucas horas lhe tirou a vida.

Continuando os confederados a buscar a Miguel

guel de Vasconcellos, romperão facilmente a porta da casa, em que despachava, que era a primeira, que passado o corredor, cahe sobre o Terreiro do Paço, e não achando nella a Miguel de Vasconcellos, entenderão, poderia livrar-se passando à Casa da India, para onde tinha caminho: desta afflicção, em que se achavaõ, os livrou huma escrava, apontandolhes para hum almario de papeis, que logo abrião, e o achavaõ nelles escondido. Dom Antonio Tello lhe fez hum tiro com huma pistola: vendo-se elle ferido, sahio turbado à casa, onde outros lhe deraõ outras feridas mortaes, com que cahio, mas ainda vivo, o lançaraõ ao Terreiro de huma das janella, dizendo: *Viva a liberdade, e El-Rey D. João IV. morraõ os traidores.* Discorria vago hum grande numero de gente do povo no Terreiro, e tanto que viraõ o miseravel corpo moribundo, e prostrado no chaõ, cheyos de furor cevaraõ nelle toda a crueldade, porque não perdoaraõ a desprezo algum, que lhe pudesse ser injurioso, que não executassem contra aquelle cadaver; e acodindo immenso povo a ver aquelle triste, e horroroso espectaculo, de novo o maltratavaõ os que chegavaõ com barbara crueldade, a que a piedade da Santa Irmandade da Misericordia fez depois dar sepultura. Este funesto fim teve Miguel de Vasconcellos, a quem a soberba, e a vaidade do governo absoluto tinha degenerado em violencias, e injustiças, de sorte, que era universalmente temido

do pela authoridade , com que violentamente arrogara a si a soberania , desprezando toda a Nobreza de Portugal. Depois de lançado Miguel de Vasconcellos da janella , entrando em huma das casas interiores , encontraraõ ao Capitão Diogo Garcez Palha com huma cravina , que disparou , e outras armas de fogo , que tinha na casa , sem effeito ; e dandolhe algumas feridas , elle por livrar a vida , se lançou de huma das janellas , e quebrando huma perna , se retirou à Casa da India. Tinha Miguel de Vasconcellos em Lisboa a seu irmão Luiz de Mello , Deaõ de Braga , e do Conselho geral do Santo Officio , taõ mal quisto , que o povo o buscou nas casas , em que morava , que eraõ de seu irmão , (saõ as do Marquez de Angeja) e com hum motim as destruíraõ , com tanta colera , que arrancaraõ janellas , grades , e tudo arrazaraõ ; o Deaõ se tinha acolhido a Santo Eloy , e depois passando escondido a Leiria , õnde era Bispo seu irmão Pedro Barbosa , ambos passaraõ a Castella : e o povo seguindo a sua furia , sabendo as partes , onde o dito Miguel de Vasconcellos tinha fazendas , lhas destruíraõ , arrancandolhe as arvores , e seipas , e tomandolhe tudo quanto achavaõ , e o mais punhaõ em estado de não servir. Taõ mal quistos foraõ estes Ministros , e tanta a vaidade , em que os puzera a fortuna , que conciliaraõ hum geral odio no povo furioso , e inconsiderado no que costuma executar.

*Chronica del Rey Dom
João IV. de Antonio
Coelho , Rey de Ar-
mas , m. f. que está na
Livraria Ericceiriana.*

Ao

Ao mesmo tempo, que a Duqueza de Mantua estava soprendida do grande ruido, que sentia no Paço, e muito atemorizada, os confederados depois de forçarem algumas portas, que acharaõ fechadas, chegaraõ à Casa da Galé, onde estava a Duqueza; eraõ elles D. Miguel de Almeida, Fernaõ Telles da Sylva, D. Joaõ da Costa, que havia atalhado a morte de alguns Ministros, que estavaõ nos Tribunaes, Thomé de Sousa, Pedro de Mendoça, D. Antaõ de Almada, D. Luiz seu filho, Dom Antonio Luiz de Menezes, D. Rodrigo de Menezes seu irmaõ, D. Carlos de Noronha, Antonio de Saldanha, D. Antonio da Costa, D. Antonio de Alcaçova, Joaõ Rodrigues de Sá, Martin Affonso de Mello, Luiz de Mello, Manoel de Mello seu filho, Tristaõ de Mendoça, Luiz de Mendoça, D. Francisco de Sousa, D. Thomás de Noronha, D. Francisco de Noronha, D. Antonio Mascarenhas, D. Fernaõ Tellez de Faro, Ruy de Figueiredo, Luiz Gomes seu irmaõ, Francisco de Sampayo, Gomes Freire de Andrade, seu filho, Gil Vaz Lobo. Turbada, e afflicta a Duqueza, a acharaõ a huma janella das que cahem para a porta da Capella Real, pedindo ao povo, que a soccorresse, e livrasse de taõ perigoso lance. Porém elles com todo o decóro a obrigaraõ, a que se retirasse, e intentando descer ao Terreiro, lho embarçaraõ tambem, o que ella vendo lhes disse: *Senhores, já eslaes satisfeitos, e vingados com a morte do*
Ministro

Ministro culpado, elle está castigado, não passe adiante o furor, que não deve entrar em corações tão nobres: eu prometto, que ElRey Catholico não só perdoe a todos, mas vendo a obediencia, com que respeitae o seu serviço, agradeça ver este Reyno livre dos excessos do Secretario. O Arcebispo de Braga, Presidente do Paço, sahindo do Tribunal chegou a tempo, que a Duqueza acabava de pronunciar estas palavras, e como era de genio violento, e inteiramente entregue ao partido Castelhana, intentou seguir o mesmo estylo; mas o respeito, que se observou com a Duqueza, quebrou D. Miguel de Almeida, não o querendo ouvir, dizendolhe, que lhe rogava, que se callasse, porque lhe havia custado não pouco na noite antecedente livrallo da morte, o que o Arcebispo ouvindo, se retirou a hum dos aposentos interiores: porém a Duqueza revestida de soberania, continuou com novas persuasoens, segurando o perdaõ delRey Catholico; a que immediatamente lhe responderaõ, que já não conheciaõ outro Rey, senão a ElRey D. Joaõ, que de Duque de Bragança haviaõ acclamado. A estas palavras se encheo a Duqueza de furor tão desordenado, que foy preciso a D. Carlos de Noronha atalhalla com menos attençaõ, do que até alli se tinha praticado, e dizerlhe, que lhe rogava se retirasse, porque de outra sorte se lhe poderia perder o respeito. A que ella replicou dizendo: *A mim? Como?* A que D. Carlos respondeo: *Obrigam-*

Passarell. de Dello Lusitano, lib. 1. pag. 21.
Ericeira, *Histórias de Lusitaniam*, lib. 2. pag. 123.

do a V. Alteza, que quando não queira entrar por esta porta, váya por aquella janella: o que ouvindo a Duqueza, perdido o animo, se retirou ao seu Oratorio com as suas Damas, e pedindo-lhe passasse ordem a D. Luiz del Campo, Tenente do Mestre de Campo General, que governava o Castello, para que não fizesse movimento, a assinou na fórma, que estava. Ficou de guarda à Duqueza D. Antão de Almada com algumas pessoas. Os outros Fidalgos sahiraõ ao Terreiro do Paço, e em altas vozes diziaõ: *Liberdade, viva ElRey D. João o Quarto.*

Era grande o estrondo, e mayor a confusão nos moradores da Cidade na incerteza do fim, a que se dirigia toda aquella multidão de gente, que viaõ discorrer confusamente, e assim se recolhiaõ muitos às suas casas; porém tanto, que entenderaõ qual era o negocio daquella resolução, concorreo todo o povo a acclamar o novo Rey. Corria já pela graõ Lisboa a nova voz, que lhe annunciava novo Principe. Concorreo muito para o ditoso fim desta resolução o Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha; porque tendo noticia, que ditosamente se executara tudo, o que se havia afentado, sahio da Sé, e no terreiro, que lhe fica diante, achou a D. Pedro de Menezes, Conde de Cantanhede, Presidente da Camera, com todo o corpo do Senado, D. Alvaro de Abranches com a bandeira da Cidade, seguido de todos, e buscando

do ao Arcebispo, já chegavaõ defronte de Santo Antonio, pouco distante da Sé, quando se ouviu gritar o povo, que huma Imagem de prata de Christo Crucificado, que levava hum Capellaõ diante do Arcebispo, despregara o braço direito, o que todos tiveraõ por milagre; o povo prostrado por terra gritava, que era milagre. Assim todos revestidos de confiança, de que Deos approvava aquella causa, naõ se ouviaõ já em toda a Cidade mais, que vivas, e acclamações ao novo Rey, valeroso Author da liberdade da Patria.

Ao supremo Senado da Casa da Supplicação chegaraõ alguns Fidalgos, e acharaõ as portas fechadas; porém Ayres de Saldanha rogou aos Desembargadores, que as mandassem abrir sem receyo, elles o fizeraõ, e informados da causa, approvaraõ com boa vontade por escrito a resolução, que se havia tomado, firmando-se todos no assento, que fizeraõ, e Ayres de Saldanha os segurou até as suas casas. D. Gastaõ Coutinho dando liberdade aos presos, abrio as cadeas, e todos se acharaõ livres. Chegou o Arcebispo ao Paço, que já achou cheyo de gente de todos os Estados, congratulando-se com a liberdade da Patria resgatada do dominio Castelhana. Voltaraõ ao Paço os Fidalgos, que haviaõ discorrido pela Cidade, deixando tudo em tal socego, que foy cousa maravilhosa, que eternamente se admirará, que dentro em tres horas esteve a Cidade em tal socego, como se naõ fora o

mesmo theatro, onde se haviaõ representado tantos successos differentes: e ainda he mayor a admiracão, que em poucos dias o Reyno, e em seis mezes as Conquistas, mudaraõ todas de Senhor. Sessenta annos do dominio Castelhana exercitado por tres Principes, se esqueceo em hum instante, entregaraõ-se os Póvos a hum Senhor, que muitos dos visinhos não tinhaõ visto, nem ouvido tal vez os distantes.

Deu-se o governo em quanto o novo Rey não chegava de Villa-Viçosa, ao Arcebispo de Lisboa, e ao Arcebispo de Braga, que o aceitou mais por temor, que por vontade, e a D. Lourenço de Lima, Visconde de Villa-Nova de Cerveira, por se escusar D. Francisco de Castro, Inquisidor Geral. Tanto, que os Governadores aceitaraõ, começaraõ logo a expedir ordens a todo o Reyno, participandolhe, que Lisboa havia tomado a resolução de restituir a Coroa de Portugal à Serenissima Casa de Bragança, acclamando Rey ao Serenissimo Senhor D. João, a quem por direito do sangue pertencia; e que em causa tão justa esperavaõ, que como verdadeiros Portuguezes, seguissem o exemplo de Lisboa, armando-se contra a invasão de Castella, que Deos havia de prosperar a justiça da sua causa, concedendolhe como aos seus antepassados a vitoria. Despachados os Correyos, ao meyo dia se recolheraõ os Governadores à sua casa, admirados de verem a Cidade no mesmo socego, que no dia antecedente, as logeas dos Mercadores

cadores abertas, e tudo o mais em tal tranquillidade, que logo se vio abraçada a paz, e a justiça, porque o furor de tantos não custou a vida a hum só, e bem o indicava a disposição Divina, porque sendo semelhantes occasioens as mais proprias de vinganças, ainda os que não estavam conformes, depuzeram as inimizades, ficando no mesmo dia a Republica tão serena, como se houvesse vivido sempre debaixo daquelle mesmo dominio, e assim interpretavam alguns felice o repouso, dizendo: *Não se deve estranhar o novo Principe, porque não he novo: de pay, e de avós Vassallos somos deste Rey, e de seus antepassados.* Socegada a Cidade, João Rodrigues de Sá, D. João da Costa, e outros Fidalgos, em huma das galés, que estavam no rio, renderam tres navios da Armada de Castella, que estavam furtos, e guarnecidos de Infantaria, conseguindo só a gloria de emprender acção tão bizarra. Em tudo se vio o valor, e a fortuna no desaccordo dos Castelhanos, para que os nossos obrassem livremente. Esta gloriosa acção não tem igual na Historia, porque não ha visto o Mundo outra Nação restaurada por semelhantes passos, e por pessoas particulares, sem participação de algum Principe, e sem soccorros premeditados de outras Nações; hum Reyno cercado de seus inimigos, sem outra visinhança, de que se pudesse valer, seguro com treze presidios em outras tantas Fortalezas. As Conquistas distantes, governadas por pessoas
obri-

obrigadas de beneficios. Foy admiravel o successo, que tudo se conformasse de sorte, que entre a grande distancia do Oceano, não houve demora entre o aviso, e a obediencia. Na verdade bem se vê, que foraõ auxiliados do favor Divino na felice conclusão desta gloriosa empreza, que eternamente será applaudida como humas das mayores, que vio o Mundo.

Entregou-se o Castello da Cidade, e no mesmo dia as Torres de Belem, Cabeça Secca, Torre Velha, Santo Antonio, e o Castello de Almada, sendo a Duqueza de Mantua a que passava as ordens, que sem resistencia se guardavaõ. Mandaraõ os Governadores sair do Paço a Duqueza de Mantua para o de Xabregas, onde foy acompanhada do Arcebispo de Braga, e daqui foy mandada para o Mosteiro de Santos das Commendadeiras da Ordem de Santiago. Os Officiaes de Guerra, e Fazenda Castelhanos, foraõ póstos em custodia competente, a saber: D. Diogo de Cardenas, Mestre de Campo General, Thomás de Hibio Calderon, Conselheiro da Fazenda, Dom Diogo da Rocha, Juiz do Contrabando, Dom Fernando de Alvia e Castro, Conselheiro da Fazenda.

Chegou a Villa-Viçosa a nova, do que se passava em Lisboa, e ao mesmo tempo Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello pela posta, a dar conta a El Rey da felicidade, com que se conseguira taõ ardua, e taõ gloriosa empreza. Chegaraõ na
segunda

segunda feira a tempo, que ElRey queria entrar a ouvir o Sermaõ na sua Capella: referiraõ-lhe o successo, beijaraõ-lhe a maõ, e mandou sem alteraçaõ, que se continuasse a solemnidade, socego, que mostra bem o quam digno era da Coroa; porém o alvoroço foy tal, que naõ deu lugar a seguirse a ordem. Já se achava em Villa-Viçosa o Marquez de Ferreira, e o Conde de Vimioso, que haviaõ solemnemente acclamado a ElRey em Evora, com aviso, que tiveraõ de Lisboa. O Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, que à imitação dos seus mayores, manteve sempre em igual amor, que respeito, o parentesco com os Duques, agora foy o primeiro, que se offereceo no serviço delRey D. Joaõ, que agradecido à sua leal correspondencia, naõ tardou muito em darlhe o authorisadissimo lugar de Mordomo môr da Casa da Rainha, e à Marqueza sua mulher, o cargo de Camereira môr, com que o novo Paço com estas, e outras occupaçoẽs ficou servido dos mayores do Reyno.

Reconhecendo ElRey o quanto convinha partir com brevidade para Lisboa, entrou no coche, acompanhando-o nelle o Marquez de Ferreira, o Conde de Vimioso, Pedro de Mendoça, e Jorge de Mello, e a cavallo alguns criados de sua Casa. E sem mais guarda, que o seguisse, partio ElRey para Lisboa a receber a Coroa: entre tanto tomou posse dos applausos dos Póvos circumvisinhos, e dos mais Lugares da Provincia de Alentejo,

tejo, a que se fez aviso; e antes de sahir de Villa-Viçosa o acclamaraõ com mais alegres demonstra-ções, do que ceremonias, porque era grande a alegria dos seus, vendo taõ barata a exaltação do Senhor; a quem serviaõ.

Entrou ElRey em Lisboa seis dias depois da sua acclamação, e foy salvado com tres descargas de artilharia do Castello, e Fortalezas da Cidade. Estavaõ no Paço os Governadores, e como naõ esperavaõ a ElRey taõ brevemente, tanto que se espalhou a nova, correo ao Paço, e ao Terreiro tanta gente, sendo de forte o alvoroço, e as vozes alegres do povo, que por instantes era necessario ElRey chegar às janellas, para satisfazer às demonstra-ções dos seus leaes Vassallos. Na tarde daquelle mesmo dia beijaraõ a mão a ElRey os Tribunaes, e o Auditor da Legacia, o qual levantou o interdicto por seis mezes, que o Colleitor havia deixado, quando sahio do Reyno, escandalizado dos Ministros de Castella. Na noite se vio a Cidade toda illuminada, e festiva com os repiques dos sinos, salvas da artilharia das Fortalezas, acclama-ções, e vivas do povo com taõ excessiva alegria, que deu motivo a hum Fidalgo Castelhana, que observava tudo o que se passava, dizer: *Es possible, que se quite un Reyno a ElRey D. Filipe con solas luminarias, y vivas, sin mas exercito, ni poder? Gran señal, y efeto sin duda del brazo Omnipotente de Dios.* E querendo o Senado da Cidade com pompas festas

Pirago, *Hist. di Port.*
liv.2. pag.206.

tas mostrar o gosto de seus Cidadãos , ElRey o embarçou dizendo , que não queria mais preparações , que as da guerra para defender o Reyno. E assim seguindo todo o Reyno , e as Conquistas a voz de Lisboa , todos contribuirão à sua mesma felicidade ; porque Santarem sem esperar Carta de Lisboa , acclamou a ElRey : na Cidade de Coimbra recebendo-a , forão excessivas as demonstrações de contentamento , de que a sua Universidade nos deixou hum eterno monumento no Livro , que imprimio em Coimbra no anno de 1641 com o titulo de *Applausos da Universidade* , sendo Reytor Manoel de Saldanha , onde se vê os luzidos engenhos , que então floresciaõ. O Porto com leve duvida se veyo a reduzir em breves horas. O Castello de Viana , que estava presidado de Infantaria Castellhana , se poz em defenfa ; porém os seus moradores auxiliados de alguma gente de Braga , Guimaraens , e outros Lugares , o renderaõ. Na Villa de Setuval os Castellos de S. Filippe , a Torre de Outaõ , passados oito dias se entregaraõ. Governava o Reyno do Algarve Henrique Correa da Sylva , que leal , e valeroso , o soube desunir da obediencia de Castella ; e finalmente todas as povoações , que estavaõ nos confins do Reyno , e eraõ balizas da separação dos Reynos , acclamaraõ o novo Rey. Falta sómente a Fortaleza de S. Giaõ , situada à entrada da barra de Lisboa , de taõ boa fortificação , que se fazia inexpugnavel pelo sitio , e por domi-

nar a barra de Lisboa. Governava a Fortaleza o Tenente D. Fernando de la Cueva, o qual logo havia despachado hum caravella com aviso ao Duque de Maqueda, General da Armada delRey Catholico, pedindolhe soccorro, de que pouco necessitara em muitos mezes, se se quizera defender, porque além de muitas munições de guerra, e boca, e seiscentos Soldados, era bastante presidio para a pouca terra, que defendiaõ. A sitiar esta Fortaleza mandou ElRey a D. Francisco de Sousa, para que juntando a gente do Terço, de que estava feito Mestre de Campo, e todos os Soldados da Ordenança, que lhe parecesse, atacasse a Fortaleza. He pouco o sitio, que dá a terra para a expugnação: porém valendo-se de hum monte visinho, que fica padraastro à Fortaleza, levantou nelle hum redução, e começaraõ a jogar quatro meynos canhoens com pouco effeito: mas com melhor o conseguiu Dom Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, que nella se achava prezo injustamente por ordem delRey Catholico, pelo mau successo da empreza de Pernambuco. Vendo aberto o caminho da sua liberdade, se resolveo a propor ao Tenente os grandes interesses, que lhe podiaõ resultar de a entregar, o que o Tenente ouviu com bom semblante; e ajustada a recompensa, se entregou a Fortaleza a 12 de Dezembro, de que tomou posse D. Francisco de Sousa, e ao Tenente satisfez ElRey com hum Commenda, e outras merces, com

com que dourou a infidelidade da sua resolução, mais util, que honrada. A Praça de Cascaes se rendeo a D. Gastaõ Coutinho dous dias antes, que a S. Giaõ.

Vencidas venturosamente todas as difficuldades, se dispoz a solemnidade da Coroaçaõ delRey, e de se lhe dar em nome de todo o Reyno juramento de obediencia, e fidelidade. Determinado o dia 15 de Dezembro, baixando ElRey do Paço a hum grande theatro, que se tinha preparado debaixo das suas janellas, vestido de todas as insignias Reaes, acompanhado da principal Nobreza da Corte na fôrma, com que os Reys de Portugal faziaõ semelhantes actos, vinhaõ exercitando os officios da Casa Real todos aquelles, que por privilegios antigos tinhaõ occupaões nella; e Secretario de Estado Francisco de Lucena, que ElRey havia elegido do lugar, que exercitava em Lisboa de Secretario das Mercês, Ministro antigo, que trinta e seis annos exercitara no Conselho de Portugal em Madrid o lugar de Secretario de Estado, que com grande opiniaõ, e sufficiencia tinha servido: pelo que foy proposto por todos para esta occupaçaõ, indo-o buscar a sua casa, para que empregasse no serviço delRey, e bem publico o seu grande juizo. Já deixámos dito no Capitulo XVIII. do Livro VI. que eraõ seus pays feitoras, e criados da Casa de Bragança. Hia ElRey vestido de riço pardo bordado de ouro, com botoens, e collar de

diamantes de grande valor, e delle pendente o habito da Ordem de Christo em hum circulo de diamantes, espada dourada com opa roçagante de téla branca lavrada de ramos de ouro, sustentavalle a cauda o Camereiro môr; hia diante delRey o Marquez de Ferreira, do Conselho de Estado, que fazia o officio de Condestavel, e logo Fernão Telles de Menezes, que fazia o officio de Alferes môr, com a bandeira enrolada; seguia-se o Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, Mordomo môr, com a sua insignia na mão, e todos os Grandes, e Fidalgos, que logo diremos, todos descobertos, e diante os Reys de Armas Portugal, Arautos, e Passavantes, e os Porteiros da Cana com maças de prata. Tanto, que ElRey chegou ao estrado, o Reposteiro môr descobrio a cadeira, e sentado ElRey debaixo de hum docel rico bordado de ouro, e prata, no seu throno, tomou o sceptro de ouro na mão direita, que lhe deu o Camereiro môr, a quem o entregou Belchior de Andrade, Thesoureiro do Thesouro, que o tinha em huma rica salva. O Condestavel ficou com o estoque nas mãos, em pé, e descoberto, como vinha, no estrado pequeno da parte direita delRey, e o Alferes môr no estrado grande da mesma parte, o Camereiro môr de traz da cadeira, e o Guarda môr adiante do Camereiro môr, tambem à parte direita. No mesmo estrado grande da parte direita estavam os Prelados seguintes: D. Rodrigo da Cunha,

Auto do Levantamento delRey, impr. em 1641.

Cunha , Arcebispo de Lisboa , do Conselho de Estado , o Bispo D. Francisco de Castro , Inquisidor Geral , do Conselho de Estado , Dom Sebastião de Mattos de Noronha , Arcebispo Primaz , do Conselho de Estado , D. Francisco de Sottomayor , Bispo de Targa , Deão da Capella Real , todos descobertos. Da parte esquerda , no mesmo estrado grande encostado à parede delle , o Mordomo môr , e os mais Grandes do Reyno , e Officiaes môres da Casa delRey , e Fidalgos , sem precedencias , a saber : D. Miguel de Menezes , Duque de Caminha , D. Luiz de Noronha , Marquez de Villa-Real , do Conselho de Estado , D. Sancho de Noronha , Conde de Odemira , D. Pedro de Menezes , Conde de Cantanhede , D. Vasco Luiz da Gama , Conde da Vidigueira , D. Duarte de Menezes , Conde de Tarouca , D. Vasco Mascarenhas , Conde de Obidos , D. Fernando Mascarenhas , Conde da Torre , Pedro da Sylva , Conde de S. Lourenço , Francisco Botelho , Conde de S. Miguel , Nuno de Mendoça , Conde de Val de Reys , Simão Gonçalves da Camera , Conde da Calheta , D. Jeronymo de Ataide , Conde de Atouguia , Fernão Telles da Sylveira , Conde de Unhão , D. Francisco de Sá de Menezes , Conde de Penaguiaõ , D. Lourenço de Lima de Brito , Visconde de Villa-Nova de Cerveira , do Conselho de Estado , e Presidente do Desembargo do Paço , D. Luiz Lobo , Barão de Alvito ; e os Officiaes da Casa , a saber : Luiz de Mel-
lo ,

lo, Porteiro môr, Luiz de Miranda Henriques, Estribeiro môr, Bernardim de Tavora, Reposteiro môr, D. Pedro Mascarenhas, Vêdor da Casa, filho mais velho, e successor do Marquez de Montalvaõ, D. Joaõ Soares de Alarcaõ, Mestre Salla, D. Lourenço de Sousa, Capitaõ da Guarda, Pedro da Cunha, Trinchante, Francisco de Mello, Monteiro môr, Manoel de Sousa da Sylva, que servia de Aposentador môr, D. Pedro da Costa, Armador môr, Martim de Sousa de Menezes, Copieiro môr, D. Joaõ de Castellobranco, que fazia o officio de Meirinho môr pelo Conde de Sabugal seu irmaõ.

No segundo degrao do estrado grande estavaõ os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, e Porteiros de Maças, e logo se seguiaõ os Senhores de terras, Alcaides môres, Fidalgos, e Ministros, que se acharaõ presentes nos lugares, em que cada hum se podia melhor accommodar, a saber: D. Antonio Pereira, D. Carlos de Noronha, D. Miguel de Almeida, D. Antaõ de Almada, D. Joaõ de Noronha, D. Antonio de Noronha, Luiz da Sylva Telles, Alcaide môr de Moura, D. Antonio Mascarenhas, D. Duarte de Castellobranco, Dom Francisco de Castellobranco, D. Gastaõ Coutinho, D. Affonso de Menezes, D. Joaõ de Portugal, D. Joaõ Luiz de Vasconcellos e Menezes, D. Sebastiaõ de Vasconcellos, D. Manoel Mascarenhas, D. Pedro de Menezes, D. Luiz de Menezes, D. Joaõ de

de Menezes , D. Luiz de Noronha , D. Antonio de Castro , Thesoureiro môr da Sé de Lisboa, D. Fernão Martins Mascarenhas , D. Jorge Mascarenhas , Dom Luiz de Almada , D. Paulo da Gama , D. Pedro Fernandes de Castro , D. Antonio de Almeida , Dom João da Costa , D. Henrique Henriques , D. João Mascarenhas , Alcaide môr de Montemôr o Novo , e Mertola , Martim Affonso de Mello , Alcaide môr de Elvas , Manoel Telles de Menezes , Ayres de Saldanha , João de Saldanha , Antonio de Saldanha , Julio Cesar de Menezes , Thomé de Sousa , Christovão de Tavora , Prior da Magdalena , D. João Pereira , Prior de S. Nicolao , Gonçalo Tavares , Ruy Lourenço de Tavora , Fernão de Lima Brandaõ , Ambrosio Pereira de Berredo , Gaspar de Brito Freire , Miguel de Quadros , Antonio de Miranda Henriques , Alcaide môr de Panoyas , Rodrigo de Miranda Henriques , Manoel da Cunha da Maya , João de Brito da Sylva , Christovão de Magalhaens , Ruy Fernandes de Almada , Fernão Martins Freire , Antonio Correa da Sylva , Francisco Gonçalves da Camera , Cosme de Paiva de Vasconcellos , Alferes da Ordem de Christo , Fernão Pereira de Castro , Luiz Correa de Menezes , D. Francisco de Menezes , D. João de Carcamo , Manoel Ribeiro Soares , Gaspar de Faria Severim , Affonso de Barros Caminha , Ruy Dias Pereira , Diogo de Tovar , Damiaõ Dias de Menezes , Pedro Vaz de Sá , Christovão de Mattos

Mattos Lucena , D. Antonio de Menezes , Jorge de Figueiredo , Francisco Luiz de Vasconcellos , Pedro Guedes de Miranda , D. Pedro de Menezes , Prior de Obidos , D. Francisco de Noronha , D. Pedro de Alcaçova , Jorge de Mello , D. Antonio de Alcaçova , Francisco Pereira de Betancurt , o Doutor Sebastião Cesar de Menezes , do Conselho de Sua Magestade , e do Geral do Santo Officio , e Desembargador do Paço , o Doutor João Pinheiro , o Doutor Balthasar Fialho , Thomé Pinheiro da Veiga , Procurador da Coroa , o Doutor João Sanches de Baena , todos do Conselho de Sua Magestade , e seus Desembargadores do Paço : o Doutor Pedro da Sylva de Faria , o Doutor Francisco Cardoso de Torneo , ambos do Conselho de Sua Magestade , e do Geral do Santo Officio : o Doutor Antonio das Povoas , o Doutor Rodrigo Botelho , e o Doutor Francisco de Carvalho , todos tres do Conselho da Fazenda : o Doutor Simão Torresão Coelho , o Doutor Estevoão Falleiro de Sande , o Doutor Lopo Soares de Castro , Deputados da Mesa da Consciencia , e Ordens : Gonçalo de Sousa de Macedo , e o Doutor Jorge de Araujo Estação , Juizes da Coroa : o Doutor Luiz Pereira de Castro , Chanceller da Casa da Supplicação : o Doutor Antonio Coelho de Carvalho , o Doutor Lopo de Barros , Desembargadores dos Aggravos : o Doutor Gregorio Homem Mascarenhas , o Doutor Pedro de Castro , o Doutor Valentim da

da Costa de Lemos, Desembargadores da Casa da Supplicação; e todos os referidos Prelados, Grandes, e Fidalgos, estiverão em pé, porque nestes actos não tem pessoa alguma assento, nem se cobre.

Depois delRey estar assentado, o Doutor Francisco de Andrade Leitaõ, Desembargador dos Aggravos, sobindo ao estrado grande, ficando no canto da parte esquerda, e fazendo a devida reverencia a Sua Magestade, disse huma eloquente Oração, mostrando em prudentes, e bem fundadas razões a justiça, com que os tres Estados do Reyno acclamaraõ, e restituiraõ a ElRey a Coroa, usurpada a sua avó a Senhora D. Catharina. Porque assim, que falecera ElRey D. Henrique no ultimo de Janeiro do anno de 1580, logo se devolvea a successão dos mesmos Reynos à linha do varaõ, que era o Infante D. Duarte seu irmaõ, filho delRey D. Manoel, de gloriosa memoria, na qual em beneficio da representação se achava em primeiro, e mais proximo grao ao ultimo possuidor a Serenissima Princeza D. Catharina sua sobrinha direita, filha do dito Infante, e neta delRey D. Manoel, da qual havia nascido o muito Excelente Principe D. Theodosio, Duque de Bragança, pay delRey, que estava presente, a quem pertencia o mesmo direito, e acção, que tinhaõ os Principes seus progenitores para se desforçarem (como já entaõ protestaraõ) e para se investir na

mesma successão, que se lhe havia usurpado, (como depois mostraraõ em doutos Tratados insignes Jurisconsultos) e ultimamente expressou a ElRey a vontade, com que os Póvos se offerenciaõ a defendello, e a fidelidade, com que offerenciaõ as fazendas, e as vidas, por lhe segurarem perpetuamente a Coroa, e o quanto mereciaõ, que Sua Magestade lhes guardasse seus sóros, usos, e louvaveis costumes, privilegios, liberdades, prerogativas, franquezas, e preeminencias, fazendolhe em tudo a honra, e merce, para que unidos no Real amor, e serviço de Sua Magestade, naõ só trataassem de conservar, e defender a Coroa, que acabavaõ de lhe restituir, mas que lhe dilataassem, e ampliassem o seu Imperio.

Tanto, que se acabou a falla, o Reposteiro mór poz diante delRey huma cadeira raza coberta com hum pano de brocado, com almofada do mesmo em cima, e outra aos pés delRey; e logo D. Alvaro da Costa, Capellaõ mór, poz em cima da dita cadeira, e almofada hum Missal aberto, e huma Cruz, e posto ElRey de joelhos, fez o juramento costumado nestes Reynos, ao qual foraõ presentes o Arcebispo Primaz, o Arcebispo de Lisboa, e o Bispo Inquisidor Geral: e póstos de joelhos, Francisco de Lucena, do seu Conselho, e seu Secretario de Estado, hia lendo a fórma do juramento, que ElRey repetia, tendo a maõ direita posta na Cruz, e Missal, e o sceptro na esquerda.

Disse:

Disse : *Juramos, e promettemos, com a graça de Nosso Senhor, vos reger, e governar bem, e directamente, e vos administrar inteiramente justiça, quanto a humana fraqueza permite, e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, merces, liberdades, e franquezas, que pelos Reys passados nossos antecessores forão dados, outorgados, e confirmados.* Acabado o juramento, se tornou ElRey a assentar na sua cadeira, e os Arcebispos, e Bispo voltaraõ para os seus lugares. Seguirãõ-se os Grandes, Seculares, e Ecclesiasticos, e Nobreza do Reyno, que entãõ se achava presente, a que deu principio o Duque de Caminha, que leu o Secretario de Estado, e a fôrma do juramento era a seguinte : *Juro aos Santos Euangelhos corporalmente por minhas mãos tocados, que eu recebo por nosso Rey, e Senhor verdadeiro, e natural, ao muito Alto, e muito Poderoso Rey Dom João o IV. nosso Senhor, e lhe faço preito, menage, segundo foro, e costume destes seus Reynos.* Tanto, que acabou de jurar sobre a dita Cruz, e Missal, foy beijar a maõ delRey, e na mesma fôrma o fizeraõ os outros Grandes, Seculares, e Prelados, sem entre elles haver precedencia, porque o Secretario de Estado declarou, que ElRey assim o mandava. Concluio-se o acto com o Alferes môr desenrolar a bandeira Real, voltado para o povo, dizendo tres vezes em voz alta : *Real, Real, Real, peio muito Alto, e muito Poderoso Senhor Rey Dom João o IV. nosso Senhor ; o que o*

povo repetia entre vivas , e alegres acclamações , demonstradoras do seu contentamento.

Acabada a solemnidade do acto , se levantou ElRey , e foy dar graças ao Senhor à Igreja da Sé Metropolitana de Lisboa , e sahindo do theatro , desceo ao Terreiro , onde estava o Senado da Camera da Cidade com hum paleo de téla branca com oito varas , que levarão o Conde de Cantanhede , Presidente do Senado , e os Doutores Paulo de Carvalho , Francisco Rabello Homem , Alvaro Velho , Manoel Homem , Vereadores do mesmo Senado , e Joaõ Sanches de Baena , Desembargador do Paço , por ser filho de Pedralves Sanches , que foy Vereador , e Francisco Bravo da Sylveira , filho tambem do Vereador , e Conservador da Cidade , por cujo officio lhe pertencia , e Sebastião de Tavares de Sousa , Desembargador da Casa da Supplicação , e todos vestidos conforme as suas dignidades magnificamente. Montou ElRey em hum fermoso cavallo castanho , com manta de veludo negro , e os mais arreos , guarnecido tudo de passamanes , e galoens de ouro ; deulhe o estribo da parte esquerda o Estribeiro mór , e tendo maõ no da direita Miguel Pereira Borralho , seu Estribeiro menor ; levava-o de redea Dom Pedro Fernandes de Castro , na ausencia do Conde de Monsanto , Alcaide mór de Lisboa , a quem tocava. Hiaõ diante a cavallo os Reys de Armas com suas Cotas ricas , e os Porteiros da Cana com maças de prata ,

o conde de Alcantara e Henrique
de Albuquerque, e conde de Albuquerque
e de Albuquerque.

Ainda da sua casa com
e de Albuquerque e de Albuquerque
e de Albuquerque e de Albuquerque
e de Albuquerque e de Albuquerque

de Albuquerque e de Albuquerque e de Albuquerque e de Albuquerque
e de Albuquerque e de Albuquerque e de Albuquerque e de Albuquerque
e de Albuquerque e de Albuquerque e de Albuquerque e de Albuquerque

assim como haviaõ estado no acto do juramento ; sustentavaõ a cauda da Opa roçagante , ou Manto Real delRey , nas ilhargas dous Moços Fidalgos , no meyo dos quaes hia o Camereiro môr , que tambem os ajudava. Hia adiante o Condestavel com o estoque desembainhado levantado , e o Alferes môr com a bandeira Real , a pé , e descobertos , e na mesma fórma o acompanhavaõ os Grandes , Senhores de terras , Alcaides môres , e Fidalgos , que se haviaõ achado no acto do levantamento , e juramento. Na Praça do Pelourinho parou ElRey , e ouviu huma Oraçaõ ao Doutor Francisco Rabello Homem , Vereador da Camera ; e acabada ella , lhe entregou as chaves da Cidade o Presidente do Senado o Conde de Cantanhede , que ElRey tomou , e depois as deu ao mesmo Conde. Na Cathedral o Arcebispo revestido de Pontifical , acompanhado do Cabido , com a Reliquia do Santo Lenho nas mãos , o veyo receber na entrada do taboleiro da porta principal , e no ultimo degrao das escadas , que sobem da rua , se poz em huma alcatafa huma almofada , em que ElRey ajoelhou devotamente , e levantando-se , acompanhado do Arcebispo , e Cabido , foy até o Altar môr , onde outra vez se poz de joelhos , em quanto o Arcebispo disse as Orações costumadas , e lançou a bençaõ. Havia na Igreja diversos Córos de Musica. Voltou ElRey da Sé ao Paço entre vivas , e lagrimas de gosto , de hum numerofo concurso ,
repe-

repetindo-se o applauso , e geral contentamento do povo , desprezando todos os perigos , com que o podia ameaçar hum Rey visinho , e poderoso , com a justiça da causa , que defendiaõ , como bem mostrou depois o tempo.

Antes de darmos noticia dos negocios internos , a que ElRey logo se applicou com grande efficacia , he preciso referirmos como a Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ sua mulher , se transferio de Villa-Viçosa a Lisboa. No dia de Natal passou ElRey a Aldea Gallega a esperar a Rainha , à qual acompanhavaõ o Marquez de Ferreira , que havia partido a buscalla , D. Vasco da Gama , Conde da Vidigueira , e D. Francisco Coutinho , Conde de Redondo , e outros. Elegeo a Rainha por sua Camereira môr a Marqueza de Ferreira , como já dissemos ; nomeou ElRey por seu Mordomo môr a D. Sancho de Noronha , Conde de Odemira , e para Estribeiro môr a D. Luiz de Noronha ; e a Pedro da Cunha , que era seu Trinchante , fez seu Veador. Entraraõ os Reys em Lisboa com novos vivas , e geral contentamento , porque era grande o gosto ver os Reys em idade florente , e a sua familia florecida de tres herdeiros , o Principe D. Theodosio , a Infanta D. Joanna , e a Infanta D. Catharina. Nomeou logo a Rainha por Aya do Principe , e Infantas a D. Marianna de Lencastre , viuva de Luiz da Sylva , Vêdor da Fazenda , e do Conselho de Estado , e ornou-se o Paço das
mais

mais illustres , e fermosas Damas da Corte , e dos meninos de igual qualidade.

A 7 de Dezembro chegou a noticia a Madrid de ser acclamado o Duque de Bragança Rey de Portugal , aviso , que havia mandado o Corregedor de Badajoz ; porém taõ confusamente , que só servio para despacharem Correyos a diversas partes , e ao Emperador de Alemanha pedindolhe segurasse a pessoa do Infante D. Duarte. O Secretario Diogo Soares despedio hum confidente a Lisboa para que o instruisse , do que se passava ; porém tanto que chegou , foy prezo , e manifestando o motivo da jornada , o soltaraõ sem castigo. Causou mayor confusão na Corte de Madrid chegar a ella o Conde de Figueiró , que partira de Lisboa nos ultimos dias de Novembro , sem noticia alguma da acclamação. Conta-se ser estranho o modo de manifestar o Conde Duque a seu Rey a perda de Portugal. Entrou (disseraõ) pedindolhe alviçaras da nova , que lhe levava , porque naquella dia tinha Sua Magestade mais hum grande Estado , que era o de Bragança , dentro de Hespanha , que possuir , ou dar , como fosse servido. Desta forte era dominado ElRey Dom Philippe , de natural mansissimo , dos artificios do Valido. Tanto , que na Corte se rompeo esta noticia , os Fidalgos Portuguezes , que nella se achavaõ , se offereceraõ a ElRey para a conquista de Portugal ; os mais delles com o coração na defenõa da Patria ,
como

como depois , passado pouco tempo , o justificarão.

Parecenos dizer tambem como se achava o Reyno quando ElRey D. Joaõ entrou a reynar. Do Estado da India era Vice-Rey Joaõ da Sylva Tello e Menezes , Conde de Aveiras ; no Brasil governava o Vice-Rey Dom Jorge Mascarenhas , Marquez de Montalvaõ ; em Africa , governavaõ as Praças de Ceuta D. Francisco de Almeida ; Tanger D. Rodrigo Lobo da Sylveira , Conde de Sarzedas ; Mazagaõ Martim Correa da Sylva , cujo pay Henrique Correa governava o Reyno do Algarve ; a Ilha da Madeira Luiz de Miranda Henriques , Senhor de Ferreiros , e Tendaes ; a de S. Miguel o Conde de Villa-Franca , Donatario daquella Ilha ; a de Cabo Verde Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque ; Angola Pedro Cesar de Menezes : e assistiaõ nas Presidencias , o Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro no Conselho Geral do Santo Officio ; no Desembargo do Paço o Arcebispo de Braga D. Sebastiaõ de Mattos de Noronha ; na Mesa da Consciencia , e Ordens , D. Antonio de Ataide , Conde de Castro Dairo ; no Senado da Camera D. Pedro de Menezes , Conde de Cantanhede ; na Misericordia Dom Manrique da Sylva , primeiro Marquez de Gouvea , que sendo Gentilhomem da Camera delRey D. Philippe IV. achando-se na Mesa da Misericordia no tempo , que El-Rey D. Joaõ foy acclamado , e levando-selhe esta noticia,

noticia, tirou logo a chave, e a meteo na algibeira; e perguntandolhe os companheiros, o que haviaõ de fazer, respondeo: *O que nos mandarem*, e foy grande servidor delRey, que o fez seu Mor-domo môr, e do Conselho de Estado, lugares, que já tinha, e Presidente do Paço; e regía a Metropolitana Igreja de Lisboa o Arcebispo Dom Rodrigo da Cunha.

Naõ convem menos à Historia a memoria dos Principes, que na Europa dominavaõ. Occupava a Cadeira de S. Pedro o Papa Urbano VIII. possuía o Imperio o Emperador Fernando III. reynava em França ElRey Luiz XIII. chamado o *Justo*, em Hespanha ElRey D. Filippe IV. a quem os seus appellidaraõ o *Grande*, em Inglaterra ElRey Carlos I. em Suecia a Rainha Christina, filha do grande Gustavo Adolfo, em Dinamarca ElRey Christiano IV.

A este mesmo tempo se achavaõ em Castella, e fóra do Reyno, muy grandes Senhores, e Fidalgos principaes, a saber: Dom Affonso de Lencastre, Marquez de Porto-Seguro, Commendador môr de Santiago, D. Joaõ Coutinho, Arcebispo de Evora, D. Lourenço Pires de Castro, Conde de Basto, Diogo Lopes de Sousa, Conde de Miranda, D. Francisco de Vasconcellos, Conde de Figueiró, D. Jeronymo de Ataíde, Conde de Castro-Dairo, D. Gregorio de Castellobranco, Conde de Villa-Nova, D. Luiz Henriques, Conde de

Tom.VII. P Villa-

Relação impressa em
1642.

Villa-Flor, Luiz Carneiro, Conde da Ilha, Dom Miguel de Noronha, Conde de Linhares, D. Francisco de Castellobranco, Conde de Sabugal, e Meirinho môr, Francisco Pereira Pinto, eleito Bispo do Porto, D. Bernardo de Ataide, eleito Bispo de Portalegre, D. Luiz de Lencastre filho do Duque de Aveiro, os quaes todos se achavaõ em Madrid. D. Manoel de Moura, Marquez de Castello-Rodrigo, Embaixador em Roma, Dom Francisco de Mello, Embaixador em Alemanha, D. Joaõ Pereira, Conde da Feira, servindo em Flandes, Felix Machado da Sylva, Senhor de Entre Homem, e Cavado, Marquez de Monte-Bello, Antonio de Magalhaens, Senhor da Ponte da Barca, D. Francisco Manoel, D. Filippe da Sylva irmão do Marquez de Gouvea, em Flandes; D. Manoel de Castro, D. Francisco de Azevedo e Ataide, D. Lopo de Menezes, e seu irmão D. Bernardo de Menezes, Martim Affonso de Ataide, D. Francisco de Sá, D. Francisco Mascarenhas, e D. Joaõ Mascarenhas seu filho, Francisco Furtado de Noronha, Luiz de Miranda Henriques, Francisco de Vasconcellos, e seu filho Bartholomeu de Vasconcellos, D. Fradique da Camera irmão do Conde de Villa-Franca, D. Fernando de Noronha, e D. Jeronymo de Noronha filhos do Conde de Linhares, Francisco Moniz, Senhor de Angeja, D. Alvaro Coutinho, Senhor de Almourol, D. Francisco Luiz de Lencastre, Commendador môr de Aviz, Dom Simaõ Mascarenhas

Mascarenhas filho do Marquez de Montalvaõ, em Catalunha; D. Alvaro de Mello, Henrique de Sousa, e seu irmão Luiz de Sousa filhos do Conde de Miranda, D. Theotonio Manoel, D. João Sottomayor, D. Antonio da Sylveira, D. Diogo Lobo, Prior môr de Palmella, Affonso Furtado de Mendoça, Deaõ da Sé de Lisboa, Diogo de Sousa, Chantre de Lamego, D. João de Sousa, Antonio de Sousa, D. João de Castellobranco filho do Conde de Sabugal, D. Jorge Manoel, Affonso de Lucena filho do Secretario de Estado Francisco de Lucena, Gil de Goes da Sylveira, Dom Luiz de Sousa, Conde do Prado, D. Alvaro de Ataide filho do Conde da Castanheira D. Antonio de Ataide, Duarte de Albuquerque Coelho, Senhor de Pernambuco, D. Sancho de Faro, Jorge Furtado filho de Lopo Furtado, Pedro Jaques de Magalhães, Dom Jorge Henriques, Estevaõ de Brito, Damiaõ de Sousa de Menezes com dous filhos, hum filho do Estribeiro, D. Diogo Lobo filho do General, D. Thomás seu irmão, Diogo de Freitas Mascarenhas, Almirante, D. Rodrigo, João Rodrigues de Vasconcellos, Conde de Castello-Melhor, D. Luiz de Abranches. filho de D. Antaõ de Almada, Antonio de Mello filho de Martim Affonso de Mello, Dom Rodrigo Lobo, dos quaes muitos se achavaõ em Indias; D. João Tello de Menezes, Dom Francisco Mascarenhas, e outros muitos em Flandes, e Catalunha, que passavaõ de quatro mil

as pessoas de distincão, que se achavaõ fóra do Reyno. Sobre a liberdade de todos foy mandado a Madrid D. Pedro da Motta, Mordomo da Duqueza de Mantua, que não voltou. Quasi todos estes Grandes Senhores, e Fidalgos, se restituiraõ com o tempo ao Reyno, conforme o permittio a occasiã, e alguns com grandes trabalhos, vencidos com leal constancia.

Memorias do tempo
impressas em 1640.

Não dilatou ElRey em nomear Ministros para o governo, e para o despacho de todos os dias, ao Arcebispo de Lisboa, o Visconde D. Lourenço de Lima, e o Marquez de Ferreira, e depois o Marquez de Gouvea. Nomeou para o Conselho de Estado, além dos referidos, ao Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos, o Inquisidor Geral Dom Francisco de Castro, o Marquez de Villa-Real D. Luiz de Noronha, que já na dominação de Castella tinhaõ este exercicio; o Conde de Vimioso, e a D. Miguel de Portugal seu irmão, D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira, e Castro-Dairo, D. Jorge Mascarenhas, Marquez de Montalvão, D. Miguel de Almeida, e Henrique Correa da Sylva. Para o Conselho de Guerra foraõ nomeados Jorge de Mello, General das Galés, D. Joseph de Menezes, Antonio de Saldanha, João Pereira Corte-Real, Fernão Telles, e seu irmão Antonio Telles da Sylva, Mathias de Albuquerque Coelho, Fernão da Sylveira, Martim Affonso de Mello, Dom Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, D. Alva-

ro de Abranches , e D. Gastaõ Coutinho : estes ultimos quatro foraõ encarregados de outros póstos ; como abaixo se dirá , pelo que naõ assistiaõ ao despacho.

Para o supremo Tribunal da Mesa do Desembargo do Paço tambem nomeou Presidente , que foy o Visconde de Villa-Nova de Cerveira , e por Ministros a Sebastiaõ Cesar de Menezes , do Conselho Geral do Santo Officio , D. Rodrigo de Menezes irmaõ do Conde de Cantanhede , o Doutor Joaõ Pinto Ribeiro , o Doutor Francisco de Andrade Leitaõ , e o Doutor Antonio Coelho de Andrade. Para a Casa da Supplicação foy nomeado Regedor o Conde de S. Lourenço Pedro da Sylva , e Governador da Relação do Porto Joaõ Gomes da Sylva , e Presidente da Mesa da Consciencia , e Ordens D. Carlos de Noronha. Para Védores da Fazenda D. Miguel de Almeida , e Henrique Correa da Sylva , e Contador mór o Doutor Joaõ Pinto Ribeiro. Ordenou huma Junta para o provimento das Provincias , a saber : D. Vasco da Gama , Conde da Vidigueira , D. Joaõ de Menezes , Rodrigo Botelho , do seu Conselho da Fazenda , Pedro Vieira da Sylva , seu Procurador da Fazenda , e D. Pedro de Menezes , Conde de Cantanhede , que nella presidia , e por Secretario Affonso de Barros Caminha , Escrivaõ da sua Fazenda. Entaõ , depois das Cortes , teve principio a Junta dos Tres Estados , como adiante diremos.

Era

Era o principal cuidado delRey a defenſa do Reyno, e aſſim tratou logo de nomear Generaes, e Cabos para as Provincias. Elegeo para Capitaõ General de todo o Reyno a D. Affonſo de Portugal, Conde de Vimioſo, em quem concorriaõ excellentes partes por ſer dotadõ de valor, de juizo, e de eleiçaõ; porém naõ chegou a gozar as grandes preeminencias deſte poſto, porque o Secretario Francisco de Lucena, mudando o animo delRey, lhe aconselhou, que naõ era juſto antepor com differença taõ deſigual hum Vaſſallo a tantos benemeritos, a quem devia iguaes finezas. Paſſou a Elvas a exercitar o ſeu poſto na Provincia de Alentejo, e para a meſma Praça foy mandado Mathias de Albuquerque com o titulo de Governador das Armas, em que ſuccedeo ao Conde, onde tinha por Fronteiro ao Conde de Monte-Rey, que aſſiſtia em Badajoz. Ao Reyno do Algarve ſe mandou por Governador, e Capitaõ General ao Conde de Obidos D. Vaſco Mascarenhas, que fez a ſua reſidencia em Caſtro Marim, Villa fronteira de Ayamonte, onde aſſiſtia como Governador General das Coſtas de Andaluzia o Duque de Medina Sidonia com o Marquez da meſma Villa, e outros Senhores. D. Alvaro de Abranches foy mandado governar a Beira com patente de Capitaõ General, e fez a ſua reſidencia em a Villa de Pinhel, tendo por aquella parte viſinho o Duque de Alva. Entre Douro, e Minho ſe encarregou ao General D. Gaſtaõ Coutinho,

nho, que assistia em a Villa de Valença, fronteira de Tuy do Reyno de Galliza, que governava o Marquez de Val Paraíso. Traz dos Montes se dividio em dous Fronteiros môres, Ruy de Figueiredo, que assistia em Chaves, e Francisco de Sampaio em Villa-Flor.

O Castello de Lisboa, em que pertendeo ficar D. Alvaro de Abranches, por ter tomado posse delle em nome delRey no dia, em que o evacuação os Castelhanos, ElRey o confirmou ao Conde de Monsanto, como cargo hereditario da sua Casa; a Fortaleza de S. Giaão se encarregou a D. Joseph de Menezes, e por seu Tenente Luiz de Lomba de Araujo; a Praça de Cascaes a Martim Affonso de Mello, de donde depois foy governar as Armas da Provincia de Alentejo, e por Mestre de Campo a Francisco de Madureira; a Torre de Belém a Antonio de Saldanha, e por seu Tenente Jacintho de Sequeira; a Torre da Cabeça Secca S. Lourenço ao Capitão Rolaõ, e por seu Tenente Bernardo Botelho; a Torre Velha a seu Capitão môr Ruy Lourenço de Tavora; em Peniche o Conde de Atouguia; no Castello de S. Filippe de Setuval D. Noutel de Castro, e a Fortaleza do Outaõ na mesma Villa a Antonio de Moura; e no Reyno do Algarve a de Sagres a Francisco Ribeiro; no Castello de S. Joaão da Foz na Cidade do Porto o Conde de Penaguião, seu Donatario D. Francisco de Sá de Menezes; em Vianna Manoel Telles irmão do

do Conde de Unhaõ ; em a Praça de Olivença o Mestre de Campo Francisco de Mello , e lhe succedeo Rodrigo de Miranda Henriques ; em Castello de Vide D. Nuno Mascarenhas ; em Serpa Manoel de Mello em lugar de seu pay Luiz de Mello , Porteiro môr ; para Béja foy mandado por Mestre de Campo D. Francisco de Sousa , sobrinho , e herdeiro do Conde de Prado , e à sua obediencia os Lugares visinhos ; para Moura o seu Alcaide môr Luiz da Sylva ; e em Mouraõ Francisco de Mendoça Furtado filho do Guarda môr da Pessoa Pedro de Mendoça ; na Praça de Campo Mayor Fernaõ de Lima por Pedro de Alcaçova ; as Comarcas da Guarda , e Castello-Branco D. Fernando de Menezes ; na Villa de Monçaõ , e seus contornos Dom Affonso de Menezes à ordem de Gastaõ Coutinho ; Coimbra , e sua Comarca a Gaspar de Brito , a quem succedeo D. Luiz de Almada na Capitanía môr de Coimbra ; para Buarcos foy mandado Gonçalo da Costa Coutinho ; e para a Guarda Pedro de Mello ; para Alcoutim Fernaõ Pereira ; em Lamego ficou Bernardo Correa de Lacerda em lugar de D. Gomes de Mello , Capitão , e Alcaide môr da mesma Cidade. Nós Terços , que vagaraõ , entraraõ no de D. Miguel de Almeida D. Francisco de Noronha , e no de Henrique Correa da Sylva Antonio de Saldanha , e no de Martim Affonso de Mello D. Antonio Tello ; a quem succedeo Ruy de Moura Telles , e o Generalato das galés se deu a Jorge de Mello ;

Mello ; e no Reyno se mandaraõ levantar quatro Terços, a Coimbra foy D. Antonio Luiz de Menezes , D. Joaõ de Sousa a Thomar, D. Joaõ da Costa a Evora, e o Balio de Acre Braz Brandaõ ao Minho. Estes foraõ os primeiros Generaes, e Cabos, que no anno de 1641 começaraõ a contrastar o grande poder dos Castelhanos, a que se seguiraõ outros muitos, que deixaraõ glorioso nome à posteridade.

Convocou ElRey Cortes para o dia 28 de Janeiro do referido anno de 1641 na Cidade de Lisboa, e concorreraõ todos os Póvos por seus Procuradores das Cidades, e Villas do Reyno, que tem voto nellas. Juraraõ os Tres Estados do Reyno a ElRey por legitimo Senhor destes Reynos, e por Principe, successor seu, ao Principe D. Theodosio. Dom Manoel da Cunha, Bispo de Elvas, em huma eloquente Oraçaõ representou a ElRey o amor dos Póvos, e a estes a magnanimidade, e resoluçaõ delRey em os querer defender, e amparar. Seguio-se o juramento, em que se observaõ todos os estylos antigos. No dia seguinte, em que foy a primeira proposiçaõ das Cortes, orou segunda vez o Bispo D. Manoel da Cunha, o qual referio, que ElRey havia por levantados todos os tributos impostos por ElRey de Castella: discorreo o Bispo com propriedade sobre a uniaõ, e desinteresse particular, e que ElRey deixava à eleiçaõ dos Tres Estados do Reyno os meynos para a sua defen-

fa, offerecendo para o dispendio da guerra todas as rendas do Patrimonio Real, exceptuando huma curta porção para a Casa Real, e todas as joyas, e prata lavrada, que havia no Thefouro da Casa de Bragança. A esta Oração respondeo o Doutor Francisco Rabello Homem, Vereador da Camera, por parte dos Póvos, em que rendeo as graças a El-Rey de anticipar aos Póvos a merce de lhe levantar os tributos, os quaes em gratidão de tão singular beneficio, lhe offereciaõ as vidas, e fazendas para defenfa, e segurança do Reyno. Acabado o acto das Cortes, mandou ElRey, que os Tres Estados se ajuntassem divididos, em S. Domingos o Ecclesiastico, a Nobreza em Santo Eloy, e em S. Francisco os Procuradores dos Póvos; onde depois de diversas conferencias, concordaraõ nos subsidios para a despeza da guerra.

Entre os negocios do novo reynado, o que pedia mais prompto remedio era o avisar ao Sereñissimo Infante Dom Duarte, irmão delRey, com tanta anticipação, que chegasse primeiro a noticia da restitução de Portugal ao Infante, do que aos Ministros de Castella, que residiaõ na Corte do Emperador Fernando III. em cujos Exercitos o Infante servia. Este era o primeiro negocio do cuidado delRey, avisar do seu reynado a seu irmão. Porém chegou ao Ministro de Castella primeiro o aviso da Acclamação, que ao Infante, porque a sua desgraça foy mayor, que a mesma prevenção; porque
como

como mostrou a experiencia , que 'ou se retardara na execuçaõ , ou no modo ; porque despachados os avisos por Flandes , Hamburgo , Hollanda , e Veneza , todos foraõ perdidos , tal vez , que por naõ se reduzirem tantas Cartas missivas a menos Enviados , que como Cartas vivas pudessem calar , ou dizer o successo , segundo a occasiaõ o pedisse ; mas por acaso o alvoroço , mais que a malicia , foy o culpado nesta inadvertencia , que depois com outra mayor foy punida como maldade , e naõ como advertencia. Em Lisboa se attribuio à omissaõ do Secretario Francisco de Lucena , querendo-se dar antiga origem a este desconcerto , que nascia ser mal affecto ao Infante. Porém outros tambem chegarão a proferir houvera descuido em ElRey , sem razão , com que se costuma julgar de ordinario depois dos successos ; mas he certo , que foy fatal a desgraça , que se armou contra o innocente Infante : e por isso neste tempo o tinha attento o serviço do Cesar , e aquartellado no Paiz de Franconia , distante da Corte Imperial , e por esta causa do commercio , para que desfarmados todos os instrumentos da sua liberdade , perecesse com horrivel , e infame nota dos motores de hum taõ indigno negociado , como já deixámos referido no Capitulo XIX. do Livro VI.

Naõ era de menor consideração , que importancia , a materia das Embaixadas ; porém como ellas se expediraõ taõ proximas ao successo , naõ

Tom.VII. Qii houve

Franco na Relação desta
Embaixada impressa
em 1642.

houve lugar de procurar mais sufficiencia em alguns eleitos , que a fidelidade. Era a diversaõ da guerra de Catalunha huma das mais importantes seguranças do Reyno : pelo que mandou ElRey àquella nova Republica ao Padre Ignacio Mascarenhas da Companhia de Jesu , irmão do Conde de Santa Cruz , Religioso , em quem concorriaõ virtudes , e letras , acompanhado do Padre Paulo da Costa. Aceitaraõ os Deputados a Embaixada , e voluntariamente aceitaraõ a confederação com Portugal. Ao mesmo tempo mandou por Embaixadores para França a Francisco de Mello , Monteiro môr , e ao Doutor Antonio Coelho de Carvalho , Desembargador do Paço , e por Secretario da Embaixada a Christovão Soares de Abreu , Desembargador do Porto. Partiraõ de Lisboa a 28 de Fevereiro , chegaraõ a Rochella a 5 de Março , aonde foraõ recebidos do Graõ Prior de França , da Ordem de S. Joaõ , Governador daquella Cidade , com especiaes demonstrações de affabilidade , e grandeza. Chegando a Orleans , mandaraõ o Secretario Christovão Soares dar noticia a ElRey da sua chegada , e duas legoas antes de chegar a Pariz acharaõ ao Secretario com huma Quinta prevenida por ordem delRey. Meya legoa antes de Pariz os esperava o Marichal de Chatillon , e outras pessoas principaes , com os coches delRey : em hum vinha o Duque de Chevreuse , e nelle os recebeo , e os conduzio a S. Germain , onde ElRey assistia.

Em

Em 25 de Março tiveraõ audiencia delRey Luiz XIII. e do Cardeal de Richelieu, primeiro Ministro daquella Monarchia, que os tratou com agradaveis demonstrações de affecto, e excessiva cortezia. Tiveraõ audiencia da Rainha, e depois de varias conferencias ajustaraõ hum Tratado entre huma, e outra Coroa de paz perpetua, em que asfentaraõ ambos os Reys de naõ ajudar aos inimigos de qualquer delles com gente, dinheiro, munições, ou navios, deixando livre aos Hollandezes entrarem nesta confederação, quando a noticia della lhe parecesse conveniente. Que a guerra a ElRey de Castella se faria com todo o vigor, e por todos os caminhos, que se offerecessem. Que ElRey Christianissimo se obrigava a mandar a Portugal vinte navios nos ultimos do mez de Junho seguinte, para se unirem a outros tantos delRey de Portugal, esperando-se, que os Estados Geraes os auxiliaßem com igual numero. E que aquella Armada intentaria tomar a frota da nova Hespanha, e procuraria fazer todo o damno, que fosse possivel nos pórtos, e navios de Castella, sendo divididos igualmente os interesses. Que se continuaria o commercio entre os dous Reynos na mesma fórma, que no tempo dos antigos Reys de Portugal. E que ElRey Christianissimo permittiria, que pudessem livremente os navios Portuguezes comprar nos seus pórtos toda a forte de munições de guerra, e boca, que lhe fossem necessarias. Concluido

Prova num. 6.

Prova num. 7.

do assim este Tratado, se despediraõ os Embaixadores com Cartas para ElRey, e voltaraõ a Portugal na Armada, que veyo a Lisboa, de que era General o Marquez de Berzé, sobrinho do Cardeal Richelieu.

Haviaõ sahido de Lisboa no mesmo dia, que os Embaixadores de França, os que ElRey mandou a Inglaterra, que foraõ D. Antaõ de Almada, e Francisco de Andrade Leitaõ, Desembargador do Paço, e por Secretario da Embaixada Antonio de Sousa de Macedo, e a 7 de Março chegaraõ a Plemut, sessenta legoas de Londres, para onde partiraõ, adiantando-se o Secretario a pedir licença a ElRey para entrarem na Corte. Intentou embaraçalla Dom Affonso de Cardenas, Embaixador de Castella, porém o Conde de Pembrave o atalhou com ElRey, que determinou, que entrassem com a solemnidade costumada, e permittida aos mayores Soberanos de Europa, havendo pedido primeiro, como satisfação da sua curiosidade, a Antonio de Sousa, que lhe declarasse por hum papel o direito, que ElRey D. Joaõ tinha à Coroa de Portugal, o que Antonio de Sousa fez logo com tanta elegancia, e clareza, que naõ só lhe mostrou o incontestavel direito delRey D. Joaõ, mas a tyrannia de Castella. Depois estando no mesmo Reyno imprimio em Londres no anno de 1645 aquella sua estimadissima Obra de *Lusitania Liberata*, em que diffusa, e egregiamente mostrou quam claro era

era o direito delRey D. João. O Embaixador de Castella vendo desvanecida a sua pertençaõ, sahio da Corte, e os nossos a 7 de Abril fizeraõ a sua entrada, e foraõ recebidos delRey com demonstrações de alegria, achando o mesmo agrado na Rainha Henriqueta Maria, a qual era irmãa delRey de França. Conferiraõ com os Ministros, que se lhe deraõ, e ajustaraõ o Tratado de huma paz perpetua para si, e seus descendentes: que os seus Vassallos conservariaõ hum amigavel trato, e commercio: que poderiaõ os Portuguezes comprar munições em Inglaterra, e os Inglezes terem liberdade de poderem passar a servir na guerra em Portugal. Concluido o Tratado, voltaraõ os Embaixadores para Lisboa, ficando em Londres Antonio de Sousa de Macedo, Secretario da Embaixada, encarregado dos negocios, e depois foy Embaixador delRey na mesma Corte.

No mesmo dia, que sahiraõ do porto de Lisboa os Embaixadores para França, e Inglaterra, deu à vèla para Hollanda o Embaixador Tristaõ de Mendoça, levando por Secretario da Embaixada a Antonio de Sousa Tavares, Ministro de letras, e tanta sufficiencia, que se entendeo podia supprir a falta de Luiz Pereira de Castro, Chanceller da Casa da Supplicação, que fora nomeado para com o mesmo caracter, que Tristaõ de Mendoça, o acompanhar àquella Corte, ao que com justos motivos se havia escusado. Foy o Embaixador recebido
com

com toda a solemnidade, e com grande satisfação de verem o formidavel poder de Hespanha diminuido, e o Throno de Portugal occupado pela Serenissima Casa de Bragança. He de saber, que no tempo da dominação de Castella, se haviaõ os Hol-landezes apoderado de diversas Conquistas do Reyno de Portugal, como na India de Malaca, e na Ilha de Ceilaõ das Fortalezas de Negumbo, e Gale, e já haviaõ em diversas partes edificado Fortalezas, e Povoações. No Brasil occupavaõ Pernambuco, Paraiba, Rio Grande, Ciará, as Ilhas de Tamaracá, e de Fernão de Noronha: e para a parte do Sul Porto Calvo, e Sageripe. Haviaõ formado huma Companhia, em que eraõ interessadas as pessoas de mayor poder dos Estados, sendo grande a utilidade daquelle commercio, que os obrigava a quererem conservar aquellas Conquistas, que possuíaõ sem mais direito, que da usurpação, com que dellas se fizeraõ Senhores, approvada pelo silencio dos Ministros de Castella, quando nas Leys de primeiro possuidor tocavaõ de direito a ElRey D. João, como justo possuidor do Reyno. Concluio o Embaixador huma tregoa por dez annos entre Portugal, e os Estados, que se ajudariaõ com todas as forças contra Castella, e de todos os seus Vassallos, entendendo-se este Tratado no Brasil, e na India, com outras condições pouco uteis ao Reyno; e que os Holandezes mandariaõ à sua custa huma Esquadra de vinte navios
para

para se unirem aos delRey , o qual poderia tirar dos Estados de Hollanda todos os Officiaes de guerra , que lhe parecessem necessarios , os quaes elles mandariaõ à sua custa , e se obrigaraõ a soccorrer em quanto estivessem em Portugal , e que da mesma forte poderiaõ tirar de Hollanda todas as munições , e instrumentos militares para a guerra. Deste Tratado , diz o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes , que se fora manejado com mayor destreza , era indubitavel , que daquella paz se conseguiaõ mayores utilidades , e se evitariaõ depois taõ prejudiciaes controversias , que foraõ causa de innumeraveis damnos. Com effeito os Hollandezes mandaraõ a Lisboa a Armada , de que era Almirante Arnaldo Cyselis , que da parte dos Estados deu os parabens a ElRey da sua exaltação ao throno , revestido com o caracter de Embaixador Extraordinario. Na mesma Armada voltou a Lisboa Tristaõ de Mendoça , trazendo dous Regimentos de Cavallaria , e quantidade de Armas , e petrechos de guerra , que foy o melhor effeito da sua missaõ , pela muita falta , que entaõ havia dellas no Reyno.

Ericeira, Portug. Restaurado, liv. 3. pag. 157.

Para a Embaixada de Dinamarca , e Suecia destinou ElRey a Francisco de Sousa Coutinho , fiel , e antigo servidor seu , em quem concorriaõ partes , e talento , que o habilitavaõ para os mayores negocios. Partio de Lisboa a 18 de Março em hum navio de Dinamarca , levando por Secretario

da Embaixada a Antonio Moniz de Carvalho, Desembargador da Relação do Porto, e chegaram a 15 de Abril a Coppenhague, aonde foram recebidos, e tratados magnificamente pelo Governador daquela Cidade, à despesa delRey por espaço de hum mez, e conhecendo o Embaixador, que toda aquella dilação se havia gastado em escusas apparentes, que nascião das allianças, que ElRey de Dinamarca tinha com a Casa de Austria, e de dependencias, em que estava com ElRey de Castella, se resolveo o Embaixador em mandar a Antonio Moniz, para que claramente dissesse ao Governador, que elle tinha outros negocios importantes em outras Cortes, e que assim não se podia deter mais na de Dinamarca: pelo que, ou pedia audiencia, ou licença para se ausentar. O Governador usando de humas desculpas frivolas, mas attentas, disse, que seu Amo, ainda que desejava muito a amizade delRey de Portugal, o embaraçavaõ algumas difficuldades insuperaveis, pelos negocios daquela Coroa com a de Castella: que se elle quizesse conferir algum negocio, que ElRey lhe nomearia Ministro, com quem o tratasse, ao que ajuntou muitas expressões cortezes. O Embaixador lhe mandou dizer, que elle não pretendia mais, que a audiencia delRey, e que como lha não permittia, não tinha nada, que communicar aos Ministros de Dinamarca; e que reconhecendo as especiaes honras, com que o tinhaõ tratado, as agradecia como parti-

particular , e não como Embaixador , e que assim se lhe permittisse licença para se partir : e que no que tocava às offertas , que se lhe propunhaõ para Portugal , elle deixara o Reyno de sorte , que não necessitava de ninguem para se defender de seus inimigos. Entendendo o Governador a justa queixa do Embaixador , se declarou , dizendolhe , que El-Rey de Dinamarca não podia na presente conjunctura darlhe audiencia , porque serviria de pretexto para o Emperador romper com Dinamarca , e se perderem as dependencias , que aquella Corte tinha com a de Hespanha ; e com muitas razoens pertendeo satisfazer ao Embaixador , ao qual disse , que El-Rey lhe rogava , que quizesse ver o seu Castello de Fredesbourg , antes que sahisse de Dinamarca. No mesmo dia foy à casa do Embaixador hum Almirante , que o havia levado de Portugal , a entregarlhe da parte del-Rey dous mil cruzados , que recebera pela passagem. Não podendo o Embaixador vencer ao Almirante pela ordem , que trazia , os mandou repartir pelos Officiaes , e Soldados , que o haviaõ comboyado. No outro dia , conduzido do Governador , foy ao Castello de Fredesbourg , onde foy recebido pelos principaes Senhores da Corte , e andando divertido na excellente fabrica do Castello , e no rico adorno , com que se compunha o Palacio de singulares estatuas , e pinturas , neste tempo teve noticia , que El-Rey o esperava para lhe fallar. Foy logo o Embaixador

a buscallo , e foy recebido com as mayores demonstrações de affabilidade. ElRey lhe pegou na mão , e lhe repetio o mesmo , que o Governador lhe dissera , a que o Embaixador satisfez com respeito , dizendo , que tantas demonstrações , como elle experimentava da benignidade de Sua Magestade , agradecia como favores particulares à sua pessoa , visto negarlhe a audiencia publica. Convidou ElRey a jantar ao Embaixador , e ficando aquelle na cabeceira da mesa , o poz à sua mão direita , e da esquerda ao Secretario da Embaixada , seguia-se Joaõ de Rochas de Azevedo , cunhado do Embaixador , que o acompanhou nesta jornada , o Conde de Val de Mar , filho delRey , o Governador de Coppenhague , e o Secretario de Estado. Durou largas horas a mesa , assistida dos Senhores da Corte , e dos Musicos da Capella delRey , que cantarão papeis Italianos ; ElRey bebeo à saude delRey de Portugal , e perguntou ao Embaixador , que idade tinha ElRey , e quantos filhos : acabando-se a mesa , ElRey se levantou , e o Embaixador se despedio com as mesmas ceremonias , usando ElRey de Dinamarca com o Embaixador até o fim , das mais excessivas expressões , que cabião na benignidade. Como Francisco de Sousa estava encarregado da Embaixada de Suecia , deste lugar continuou a jornada para aquelle Reyno , onde mandou logo pedir licença à Rainha para entrar na sua Corte. Foy grande a satisfação , e gosto , que a Rainha mostrou

mostrou desta Embaixada, ordenando, que fosse o Embaixador tratado pelos Lugares, donde passasse, magnificamente; e assim em as Provincias de Smolandie, Ostrogothie, e de Sudermanlandie, foy recebido com as mayores honras. Chegou à Cidade de Stochkolm, Corte da Rainha, e logo foy visitado da sua parte, e elle em breve se poz prompto para fazer a sua entrada publica. Foy conduzido em hum coche da Rainha com hum Senador, e Mordomo do Paço, ao qual seguiaõ todos os dos Embaixadores, que residiaõ naquella Corte, e de toda a principal Nobreza: desta sorte, com todas as ceremonias da mayor ostentaçaõ, entrou no Paço. Achou a Rainha Christina, que naõ contava mais que quinze annos, (viva imagem de feu heroico pay o grande Gustavo Adolfo) assistida de cinco Ministros eleitos para a regencia do Reyno; tinha junto da tarima da parte direita as Princezas suas primas, filhas do Conde Palatino de Deux-Ponts, e mais distantes as suas Damas, e os Senhores da Corte. Tanto, que o Embaixador appareceo à porta da ante-camera, se levantou a Rainha, e dando tres passos, lhe fez huma pequena inclinaçaõ. O Embaixador, depois de se haver coberto, deu a Embaixada em Latin, que ella entendeu perfeitamente: o Graõ Chanceller do Reyno respondeo ao Embaixador, assegurandolhe o quanto estimava a Coroa de Suecia contratar huma solida alliança com a de Portugal. Passada a audien-

cia

*Pufendorf De Rebus à
Carolo Gustavo Sue-
ciae Rege, lib.1.pag.9.*

Prova num. 8.

Prova num. 9.

cia publica , começou logo a negociação , para que conduzio muito o Barão de Rotte , Embaixador delRey Christianissimo naquella Corte. O Graõ Chancellor foy nomeado Ministro da conferencia , a que assistiaõ dous Senadores , e tiveraõ ellas poucas controversias , porque estavaõ unidas as vontades ; concluindo finalmente hum Tratado de alliança em cinco artigos na lingua Latina , que continhaõ observar-se entre as duas Nações igual correspondencia , e livre commercio em todos os pórtos de hum , e outro Reyno. Concluido o Tratado , recebeo o Embaixador as Cartas da Rainha de Suecia para ElRey de Portugal , o qual atravessando as Provincias de Uplandie , de Vésminie , de Nericie , e de Vestrogothie , em todas foy tratado pela despeza do Reyno. Concedeolhe a Rainha tres navios de guerra , em que pudesse conduzir artilharia , armas , e munições , para o que logo fez pagar feis mil escudos , segurando o mais em certo tempo nas varias drogas , de que Portugal abunda , e as suas Conquistas. Nesta Esquadra , que mandava o Almirante de Suecia , embarcou o Embaixador , e atravessando pelo Zonte , os Dinamarquezes os deixaraõ passar sem visitarem os navios. Chegou Francisco de Sousa Coutinho a Lisboa , e dando conta a ElRey da sua Embaixada , foy applaudido por todos o bom successo da sua negociação.

Para Roma foy nomeado o Bispo de Lamego D. Miguel de Portugal , Prelado em quem se
ajun-

ajuntavaõ letras, virtudes, sangue, valor, e juizo; ainda que lhe faltava experiencia de negocios grandes: deu-selhe para lhe assistir Pantaleaõ Rodrigues Pacheco, do Conselho de Sua Magestade, e do Geral do Santo Officio, Ministro em quem concorriaõ grandes letras, e eloquencia, declarando-o Agente dos negocios de Portugal na Corte de Roma, e por Secretario da Embaixada foy Rodrigo Rodrigues de Lemos, Desembargador do Porto, digno da occupação, de que o encarregavaõ. Partiraõ de Lisboa a 15 de Abril, e tomando o porto de Arochela, atravessando França foraõ a Pariz, e a 20 de Outubro se embarcaraõ em Toulon, e em poucos dias entraraõ em Civita-Vechia, porto, que dista treze legoas de Roma. Fez o Bispo aviso ao Marquez de Fontanay, Embaixador de França naquella Corte, da sua chegada, o qual mandou sem demora parte da sua familia bem armada para lhe assistir, a que se ajuntaraõ os Portuguezes, e Catalães, que residiaõ na Curia, para o defende-rem. Esta noticia causou desprazer ao Pontifice, porque o haviaõ de sentir os Hespanhoes, e ordenou ao Cardeal Antonio Barbarino, que fizesse segurar os caminhos; porque lhe havia constado, que os Castelhanos se haviaõ armado: o que vendo os Castelhanos, se contentaraõ com ameaçar ao Papa, que sahiriaõ de Roma, se admittisse o Embaixador de Portugal. Entrou o Bispo Embaixador bem acompanhado de hum grande numero de France-
zes,

zes, Portuguezes, e Catalães, e se foy apear ao Palacio do Embaixador de França, que o veyo receber à porta, e lhe deu a mão direita, sobindo atraz delle, fazendolhe todos os mais obsequios devidos ao seu caracter. Demorou-se por muitos dias em casa do Embaixador, e para passar para hum Palacio, que tomara na Praça Navona, lhe custou muito; porque o Embaixador de França estava encarregado delRey Christianissimo para o deter em sua casa até que conseguisse a audiencia do Papa, parecendolhe seria este o mais forçoso modo para controverter as negociações dos Castelhanos, e obrigar ao Papa.

Neste tempo residia em Roma por Embaixador delRey Catholico Dom João Chumacero, e dentro em poucos dias o rendeo o Marquez de los Velles com o caracter de Embaixador Extraordinario, e começou logo a trabalhar o modo de impedir a audiencia do Bispo de Lamego, convocando o partido dos Cardeaes, e dependentes de Hespanha, oppondo-se ao recebimento da Embaixada, para o que se deu ao mesmo tempo ao Papa hum memorial formado de calumnias, e falsas razoes. Pelo que o Papa nomeou para verem os negocios de Portugal aos Cardeaes Nepotes Francisco, e Antonio Barbarino, o Cardeal Gaetano, e o Cardeal Panfylvio, que com o nome de Innocencio X. succedeo ao Papa Urbano VIII. E sendo a primeira supplica, que Pantaleão Rodrigues Pache-

co fez , nas apparencias bem admittida dos quatro Cardeaes encarregados daquelle negocio, o Cardeal Francisco lhe disse , que desejava ver qual era o direito , com que ElRey de Portugal se introduzira na Coroa. Pantaleão Rodrigues Pacheco , que era prompto , lhe respondeo , que ElRey seu amo não mandava hum Embaixada a Roma mais , que a dar obediencia ao Papa , Cabeça da Igreja Catholica , pertendendo só do Pontifice a benção Apostolica ; porque da Santa Sé não queria mais , que reconhecesse o seu respeito , e a fiel obediencia de hum verdadeiro Catholico ; porque o Reyno , de que era Senhor no temporal , era isento de todo o juizo humano. Com tudo , no dia seguinte satisfez Pantaleão Rodrigues à curiosidade do Cardeal com hum papel tão bem fundado , e claro , que se escureceraõ todas as insolentes proposições , que os Castelhanos haviaõ espalhado. E quando deste papel se podia esperar a resolução de se conceder a audiencia ao Embaixador , sahiraõ com novos pretextos , os quaes foraõ claramente respondidos. Neste tempo conseguiu o Bispo Embaixador visitar alguns Cardeaes , que o tratareaõ com todas as ceremonias , e cortezas costumadas sómente com os Embaixadores Regios. Os Castelhanos se deraõ por tão sentidos desta demonstração , que o Marquez de los Velles entendeu , que o Bispo havia conseguido a audiencia do Papa , de que formou novas , e tão indecentes queixas , que são faceis em quem

negoceia com politica pouco Christãa , querendo confundir a verdade com o poder , de que o Summo Pontifice tanto se preocupou , que declarou , que não aceitava a Embaixada do Bispo de Lamego. Esta repulsa foy depois assumpto de diversos Tratados , que se escreverão em Portugal , manifestando o justo sentimento da Christandade Portuguesa , como foy depois aquella excellente Obra do *Tratado Analytico*, escrito pelo Doutor Manoel Rodrigues Leitaõ , Ministro de huma profunda litteratura , e eloquencia , o qual depois com admiravel vocação , deixando o ministerio Senatorio , que lhe promettia , pelo seu admiravel merecimento, os mayores lugares de letras no Reyno , com edificação geral , entrou na Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri , recém-estabelecida na Corte , donde depois foy Fundador da Casa da Cidade do Porto. O Marquez de los Velles ficou com tal vaidade da resolução , que o Papa tomara , que intentou insolente , e aleivosamente prender ao Bispo de Lamego , e remetello a Napoles , e para este horroroso attentado ajuntou em Roma duzentos bandidos , que viviaõ vagamundos espalhados por Italia , sendo taõ imprudente , que publicamente dizia , que havia de matar ao Bispo de Lamego , e para este fim tirou de Napoles sessenta Soldados , e Officiaes , que o acompanhassem ; e assim todas as vezes , que sahia , o acompanhavaõ armados. Sentiraõ-se os Ministros da Corte de Roma do desacordo

do do Marquez de los Velles , de que se seguio mandar o Papa , com grande numero de Soldados , segurar as partes suspeitosas , fazendo , que sahissẽ sem dilação todos os vagamundos de Roma , com que ficou muy diminuida a familia do Embaixador de Castella. Ao mesmo tempo mandou rogar ao Bispo de Lamego pelo Cardeal Bichi , que se acompanhasse de pouca familia ; porque elle lhe dava o seguro da sua palavra , a qual , e as prevenções , que mandava fazer , o podiaõ livrar de todo o receyo. O Cardeal Barbarino assegurou o mesmo a Pantaliaõ Rodrigues Pacheco na presença do Cardeal Bichi.

Confiado o Bispo de Lamego nesta palavra se não servia fóra de casa mais , que de dous Gentis-homens , e dous Lacayos , mostrando nesta resolução o quanto se conformava com a insinuação do Pontifice ; porém conhecendo a insolencia dos Hespanhoes , ordenou à sua familia , que disfarçada ; o seguisse ao longe , para que o soccorresse em qualquer insulto , que na duvida , esta precaução lhe foy muy util. No dia 20 de Agosto sahio o Bispo às cinco horas da tarde a visitar o Embaixador de França. O Marquez de los Velles , que continuamente o observava , o fez seguir : reparando Diogo de Barcellos , hum dos Gentis-homens , que o acompanhava , que hum homem seguia o coche ; conheceo ser espia dos Castelhanos , e avisando ao Bispo , ordenou este logo a hum confidente , que

lhe foubesse, o que passava em casa do Embaixador de Castella, e que achando novidade, lho avisasse em casa do Embaixador de França, onde teve logo a certeza, que os Castelhanos se estavam prevenindo de gente, e armas. Na mesma tarde Pantaleão Rodrigues Pacheco tendo audiencia do Cardeal Barbarino, soube delle a desordenada resolução, em que estava o Marquez de los Velles de buscar occasião de se encontrar com o Bispo para o prender, ou matar, e que assim rogasse ao Bispo não sahisse aquella tarde de sua casa; a que elle lhe respondeo, que já quando elle sahira ficava fóra della; esta noticia, que o Agente levou logo ao Bispo, confirmou mais a que já tinha do desacordo do Embaixador de Castella: pelo que pareceo prevenirse contra qualquer insulto. O Marquez de Fontenay mandou ajuntar a sua familia à do Bispo, mandando ao seu Secretario, de quem muito confiava, o acompanhasse, a que se uniram alguns Francezes, Portuguezes, e Catalães, que se acharam, e faziam o numero de sessenta pessoas. Sahio o Bispo Embaixador, seriam sete horas da tarde, seguido de toda esta gente, conduzida em coches, e outros a pé, mas de forte repartidos, e caminhando de vagar, que todos se achassem juntos. Pouco havia andado o Bispo, quando encontrou ao Marquez de los Velles muy acompanhado, tomando toda a rua, por onde o Bispo havia de passar; andaram os Cocheiros, e vieram a toparse os coches dos

dous

dous Embaixadores. Gritaraõ os Castelhanos, que parassem ao Embaixador de Hespanha, e ao mesmo tempo os Portuguezes, e Francezes gritavaõ, que parassem ao Embaixador de Portugal: sem dilaçaõ sahiraõ os Castelhanos dos coches, e da mesma sorte os Portuguezes, e Francezes, com as espadas na maõ, e os carregaraõ furiosamente, disparando-se de huma, e outra parte quantidade de pistolas, e cravinas: os Portuguezes, e Francezes, se portaraõ com tanto valor, que os Castelhanos foraõ obrigados a retiraremse vergonhosamente, desamparando ao Marquez de los Velles, que em todo aquelle tempo naõ havia sahido do coche, de que lhe mataraõ dous cavallos, mas sahio do coche muito perturbado, e salto de alento, perdido o chapéo; e descomposto se recolheo à logea de hum biscoiteiro, donde passou à casa do Cardeal Albernóz. Da parte do Bispo ficaraõ mortos hum Cavalleiro de Malta, sobrinho do Embaixador de França, e dous pagens seus, e hum criado de Panteleão Rodrigues, e tres, ou quatro Francezes feridos; da parte dos Castelhanos foraõ mortos oito, em que entrou o Capitaõ Dom Diogo de Vargas, que tinha grande opiniaõ de valeroso, e ficaraõ vinte feridos. O Bispo de Lamego revestido do valor, e constancia dos seus mayores, no principio da pendencia sahio do coche com huma cravina nas mãos, e com todo o acordo, em quanto durou a disputa, deu com a sua presença calor aos que o
acom-

acompanhavaõ , e depois voltou à casa do Embaixador de França , donde se recolheu à sua casa. O coche do Embaixador de Hespanha despedaçado esteve dous dias no mesmo lugar da pendencia. O Cardeal Barbarino mandou hum Gentil-homem feu a visitar ao Embaixador de Portugal , onde concorreraõ o Duque de Brachiano , e muitos dependentes da Coroa de França , como tambem o fizeraõ os da facção de Castella ao Marquez de los Velles. O Cardeal Antonio Barbarino montou a cavallo com as guardas do Papa , e seguiu o bairro do Embaixador de Portugal , e de Hespanha. Esta violencia dos Hespanhoes perturbou o animo dos mais graves , e fezudos Senhores Romanos , que chegaraõ a ir a casa do dito Cardeal offereceremse para vingar a afronta , que haviaõ feito à Corte de Roma com a infracção da sua liberdade ; e o Papa sentio tambem muito o excessõ por ver , que era contra o seu decóro , insultarse na sua Corte a hum Ministro publico , que seguro no direito das gentes o buscava. O Marquez de los Velles se retirou de Roma à Cidade de Aquila com os Cardeaes Albornoz , de la Cueva , e Montalto. O Embaixador de Portugal , que entendeu , que aquella occasiaõ podia justificar ainda mais a justica , com que pedia ao Papa audiencia publica , e vendo cerrados os caminhos pelas cavilosas diligencias das Castellhanos , sem embargo de ter da sua parte ao Embaixador de França , que com vivas expressoens requeria,

queria, que de justiça o Papa o devia receber, se resolveo por ultimo desengano a fazer huma supplica ao Papa, em que com solidas, e eloquentes razões lhe mostrava o direito indisputavel, que El-Rey tinha à Coroa de Portugal, que gozava em posse pacifica não só o Reyno, mas todas as suas dilatadas Conquistas, e a prompta humildade, com que lhe mandara dar obediencia, e que se havia passado já hum anno. Finalmente não se resolvendo o Papa a dissaborear a El-Rey Catholico, o Bispo de Lamego se embarcou em Leorne para Lisboa, onde, ainda que molograda a sua missaõ, foy recebido com o applauso, que mereciaõ as suas acções, ordenadas com prudencia, e valor; e durandolhe pouco a vida, acabou cheyo de virtudes, e merecimentos, que fizeraõ recommendavel a sua memoria na posteridade.

Naquelle mesmo tempo se ventilou no Conselho de Estado, se devia El-Rey fazer a mesma demonstração com os Principes, e Republicas de Italia, manifestandolhe por seus Embaixadores a sua exaltação ao throno. Porém a todos pareceo, que por intervenção dos Ministros Portuguezes, que estavam em Roma, se observasse primeiro a inclinação daquellas Potencias; porque dellas não podia receber outra utilidade o Reyno, que o commercio, o qual era tão util a ellas, como a Portugal; e que sendo atados aos seus interesses, não faltariaõ em os continuarem; e assim o confirmou a experiencia:

encia: porque Veneza, Genova, e Florença, na mesma fôrma, que antes, forão seguindo os seus negocios, e remettendo os seus effeitos a Lisboa sem alguma alteraçã; antes por bons meynos de- raõ a entender synceramente, que toda Italia que- ria ver no throno Portuguez a Magestade delRey Dom Joaõ, e que fariaõ publica demonstraçaõ de amisade logo, que o Pontifice se declarasse a fa- vor do Reyno. Estas forão as primeiras negocia- ções, e os primeiros Ministros, que deraõ a conhe- cer na Europa ao Serenissimo Rey D. Joaõ IV. cujos negociados politicos, e os que se seguirã no seu glorioso reynado, naõ pertencem tanto à His- toria Genealogica, que sómente informa das ac- ções, que o elevaraõ à herocidade, mostrando a justiça da causa, com que foy acclamado pelos Tres Estados do Reyno, e as principaes acções, com que o seu valor segurou a Coroa, castigando a infidelidade dos que o mereciaõ, e tambem de- fendendo a hospitalidade dos Principes Palatinos Roberto, e Mauricio, General de Inglaterra, con- tra o poder da mesma Coroa, que o impugnava.

Nas Provincias se continuavaõ as prevenções para a defenfa do Reyno com tanto cuidado, ze- lo, e valor, como depois mostrou o tempo. Havia ElRey roto a guerra com poucos Generaes expe- rimentados, e menos Soldados veteranos, e fulto o Reyno de dinheiro, munições, e armas, contra hum poderoso inimigo, a quem sobrava tudo, o
que

que a elle faltava. Era preciso, com prudente politica, não se fiar de todos, nem menos mostrar, que desconfiava de alguns de seus Vassallos, de que se seguio confundirem-se as resoluções, e perecerem alguns negocios. Porém he de admirar em hum Rey criado no retiro de Villa-Viçosa, com diferentes exercicios, ver os acertos politicos, que manaraõ do seu governo, todos dignos de louvor, com que conseguiu immortal memoria. Com a Rainha D. Luiza consultava os negocios de mayor importancia da Monarchia, porque o seu peito era o centro do segredo, e o seu prodigioso talento tão sublime, que entre os mayores combates, e infortunios, que depois experimentou, lhe brillhou sempre a prudencia, mostrando, que soube reynar para vencer, e vencer para reynar. Dos Ministros, de que ElRey se servia, e fazia mayor estimação, eraõ o Secretario de Estado Francisco de Lucena, e justamente merecida, porque além da intelligencia, e grandes experiencias, se ornava de huma perspicacia, que foy mais util para os negocios, do que para a sua conservação; e Antonio Paes Viegas, zelosissimo, e fidelissimo Secretario da Casa de Bragança, (depois o foy de Estado) de quem ElRey justamente fiava os mayores negocios, o qual com entendimento maduro, zelo, e amor, aconselhava a ElRey, inculcandolhe para os póstos, e lugares as pessoas de mayor prestimo, e capacidade: o qual escreveo em defença da acclama-

ção hum *Manifesto*, e hum livro dos *Principios de Portugal* em Castelhano, que se imprimio no anno de 1641, e foy universalmente estimado, e applaudido. Eraõ estes os que familiarmente tratavaõ a ElRey. Entre os mais Ministros. preferia ElRey justamente ao Arcebispo de Lisboa, e ao Capellaõ môr D. Alvaro da Costa, no qual naõ faltava destreza para manejar os negocios, quanto no outro sobejava synceridade. Favorecia tambem ElRey ao Visconde D. Lourenço de Lima, ao Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha, e ao Conde Camereiro môr Joaõ Rodrigues de Sá, e depois com o tempo se foraõ introduzindo outros.

A Duqueza de Mantua, que vivia no Mosteiro de Santos, para donde a passaraõ do Paço de Xabregas, porque se entendeo ficava mais retirada para communicar os animos duvidosos, e fomentar os que seguiaõ a facção de Castella, o que em breve se veyo a conhecer; pois sem embargo de toda a cautella, ella havia sido a Authora das conspirações contra ElRey, que logo referiremos. Assim se resolveo o mandar-se dizer à Duqueza, se preparasse para passar a Madrid, a que ella respondeo, que o faria depois, que tivesse reposta da Carta, que havia escrito a ElRey Catholico, e naõ se lhe admittindo a replica, se lhe ordenou, se preparasse para partir, o que com effeito fez acompanhada de Luiz Gomes de Basto, Corregedor do Crime de Lisboa, e do Juiz do Crime Simaõ de Oliveira da

da Costa, e da sua familia. Em Elvas a recebeu Martim Affonso de Mello, Governador das Armas, vindo-a esperar duas legoas da Cidade com a Cavallaria, Officiaes, e pessoas de distincção da Praça, observando todas as ceremonias, e respeito devidos à sua pessoa; e na mesma fôrma a acompanhou, quando partio para Badajoz; e assim se despedio mais obrigada da cortezia dos Soldados, do que dos Ministros, que com imprudencia examinaraõ o seu fato, intentando, que na Alfandega pagasse direito, a que se oppoz Martim Affonso de Mello, obrigando-se elle, e Dom João da Costa à sua importancia; porém ElRey ordenou se não fallasse nesta materia.

Não tardou muito, que se não descobrisse a conjuração, que contra ElRey se fabricava. Era o primeiro motor deste desordenado intento o Arcebispo Primaz D. Sebastião de Mattos de Noronha, em quem concorria entendimento sagaz, animo intrepido, e liberalidade, com que facilitava as suas opinioens, e vivia em profundo descontentamento: o que penetrando o povo, porque as paixoens da alma são de ordinario reveladas pelos sinaes exteriores, publicamente clamava contra a sua fidelidade. Já deixámos referido, que esta paixão começara naquella antiga queixa, que o Arcebispo, quando Bispo de Elvas, tivera delRey sendo Duque de Bragança, no tempo das suas vodas, a qual conservada em hum coração activo, e incitada de

novos motivos , andava como o ar violento nas entranhas da terra , acometendo a sabida , ainda que à custa de algum publico terremoto ; não se lembrando , que depois daquelle successo , havia sido a intercessão delRey a causa do seu melhoramento do Bispado de Elvas para o Arcebispado de Braga ; e que depois de haver sobido ao throno , lhe havia feito tantos favores , que a não ser tão obstinado o seu animo , bastariaõ para o moderar da cega paixão , com que seguia a dominação Castelhana. Assim introduzio nas pessoas , que lhe pareceraõ dispostas a seguir as suas maximas , ou por queixosas do governo , ou por dependentes de Castella , a pouca permanencia , que podia ter o novo reynado , por serem poucas as forças para resistir ao formidavel poder delRey Catholico , que ameaçava fatal ruina a todos os que seguiãõ animosamente o novo governo.

O Marquez de Villa-Real D. Luiz de Menezes possuidor daquella grande Casa , que com o appellido de Noronha , e Menezes , conservava a sua varonia delRey D. Henrique II. de Castella , e tinha o sangue delRey D. Fernando de Portugal , o qual se não dava interiormente por satisfeito da confiança , que delle fazia ElRey D. Joãõ ; porque vendo-se com annos aventajados entre os primeiros dos Grandes do Reyno , em nada se via preferido aos outros no Ministerio. Estava em Leiria quando ElRey foy acclamado , e não se lhe havia participado

cupado o segredo , porque o seu talento não lhe havia grangeado o credito , que elle imaginava merecia pelo seu alto nascimento. Era o Marquez facil em se persuadir , e assim se entregou todo à artificiosa industria do Arcebispo , com o qual este fabricou a sua ruina , e a da Casa do Marquez. Communicou este a seu filho D. Miguel de Noronha , Duque de Caminha , a sua queixa , e deliberação , o qual era dotado de animo nobre , e assaz moderado , e com mais valor , que fortuna , estranhou a seu pay a proposta , lembrandolhe o juramento , a que se obrigaraõ , e o quanto lhe seria mais glorioso sacrificarem as vidas pela liberdade da Patria , do que conservar a sua Casa gemendo no duro cativo de Castella. Persuadio o Arcebispo o mesmo delirio a seu sobrinho Ruy de Mattos , primeiro Conde de Armamar , e a D. Agostinho Manoel seu confidente , e a algumas outras pessoas , entre as quaes era a mais util aos seus intentos Pedro de Baeça , Thesoureiro da Alfandega , e homem de negocio , o qual , em serviço del-Rey Catholico , se offereceo assistir com grandes sommas de dinheiro , necessario a qualquer empreza.

He preciso saber ; que já se fazia sospeitosa a fidelidade destes Grandes , porque Dom Duarte de Menezes , Conde de Tarouca , neto daquelle famoso Conde de Vianna , do seu proprio nome , era cunhado do Marquez de Villa-Real além de parente ,

rente, e amigo, o qual estava provido no governo de Tangere, e D. João Soares de Alarcão, Mestre-Salla, no de Ceuta, antes da acclamação; e porque ElRey não derogou merce alguma feita até este tempo por Castella, os mandou governar estas Praças. Havendo recebido os dous Capitaens Generaes de Ceuta, e Tangere, as ordens necessarias, concertaraõ a fogida para Castella, que podiaõ livremente conseguir com o fim da jornada dos seus governos o sahirem do Reyno; porém como esta deliberação fosse tão grande, e convidassem a outros, he fama, que de todo este negoceado interveyo correspondencia com outros interessados do Marquez de Villa-Real, e Arcebispo, servindo-se para a negoceação desta machina da industria, e authoridade de Fr. Manoel de Macedo, Religioso Dominico, de grande discrição, e com grande applauso da Nobreza; o qual não satisfeito com executar a sua commissão, passou adiante, persuadindo a outras pessoas de qualidade, e Senhores de boas Casas, os quaes por moços eraõ excessivamente resignados ao seu conselho, deixassem a Patria, e passassem a Castella.

D. Francisco Manoel,
Tacito Portug. M. S.
liv. 5.

Foraõ estes D. Pedro Mascarenhas, Veador delRey, filho herdeiro do Marquez de Montalvaõ, e seu irmão D. Jeronymo Mascarenhas, já Sacerdote, e Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, Ministro já acreditado por talento, e letras, como depois mostraraõ melhor os seus Escritos, do
que

que entaõ a eleição da sua ausência, em que viveo taõ conforme, que ainda depois da paz se mostrou ingrato à Patria, conseguindo naquella Corte grandes lugares. Eraõ os outros D. Lopo da Cunha, Senhor de Assentar, e seu filho unico herdeiro D. Pedro da Cunha, ao qual por qualidade, e partes naõ podiaõ tardar muito em Portugal os lugares, que esperava; e Luiz da Sylva, proprietario do grande officio de Regedor das Justiças de Portugal, filho de Lourenço da Sylva, que por cego naõ exercitava a occupação de Regedor, para que o filho esperava a idade. Todos estes, com applausos dos conjurados, puzeraõ em effeito, naõ sem risco, a sua fogida quasi à vista do povo, que os seguia no navio, que levava os Governadores de Tangere, e Ceuta, que com largas familias, mal aconselhados, deixavaõ a Patria para sempre. Entraraõ em Gibaltar, e juntos partiraõ de Sevilha para Madrid, donde foraõ recebidos com todas aquellas demonstrações, que pedia a resolução, que tomaraõ em beneficio da Coroa de Castella, e em offensa da Patria: porém o tempo lhes mostrou, que se naõ rendia Portugal a poucos lances, como elles diziaõ, e que difficulosa lhe seria a restituição das suas Casas, de que nunca tiveraõ recompensa.

Foraõ terriveis os effeitos, que produzio aquelle desconcerto, porque entendendo-se, que D. Francisca de Vilhena, Marqueza de Montalvaõ, mãy de D. Pedro, e D. Jeronymo Mascarenhas, tivera
noticia

noticia da fogida de seus filhos, mandoulhe ElRey pôr guardas em sua casa, e foraõ seus criados presos, e sendo examinados, naõ lhe achando culpa, foraõ soltos: porém a Marqueza, que aos indícios accrescentava palavras contra o decóro Real, foy remettida preza ao Castello de Arrayolos: sendo toda esta desordem, a que arruinou com fatal desgraça ao Marquez de Montalvaõ, que tanta fidelidade havia mostrado no Brasil, o qual foy deposto do governo, que com innocencia entregou aos successores, que prezo. o remetteraõ ao Reyno, por se dizer, que os seus o persuadiaõ entregasse o Estado do Brasil às Armas Castellhanas, que sedo chegariaõ em seu soccorro. Da mesma sorte foy prezo Fr. Manoel de Macedo, e depois de rigorosa prizaõ, porque nenhum privilegio isenta o abominavel crime da traiçaõ, passados alguns annos o embarcaraõ para a India, e acabou a vida em Angola, arrependido do seu desatino. Tambem foraõ presos Lourenço da Sylva, e sua mulher D. Maria de Vilhena, e soltos, passado algum tempo, por constar ignorarem a resoluçaõ de seu filho Luiz da Sylva, ao qual ElRey D. Philippe fez Conde de Vagos, e Mestre de Campo de Infantaria em Catalunha, e no soccorro de Lerida foy morto no anno de 1646. Seguiraõ logo este mesmo desacordo D. Francisco de Menezes, Alcaide mór de Proença, onde assistia, a quem chamaraõ o *Barrabás*, e Pedro Gomes de Abreu, Senhor de
Rega.

Regalados. Requereo o Procurador da Coroa, que fossem citados por Edictos todos os que haviaõ passado a Castella, o que se executou: e sendo passado os termos, e feitas as diligencias escritas nas Leys, foraõ declarados por incurfos no crime de leza Magestade, e confiscados os seus bens.

Muitas occasioens haviaõ dado ao sentimento delRey aquelles, que agora se mostravaõ descontentes, tomando este pretexto para lhe fazerem novos deserviços; e parecendolhes, que já seriaõ manifestos os seus designios na Coroa de Castella, trataraõ de os pôr por obra. Alguns politicos, ou cegamente piedosos, se persuadiraõ a naõ serem estes os principios desta conjuraçaõ; porém facil he de interpretar, e de conhecer qualquer acçaõ regulada pelos primeiros successos, e ainda mais quando estes se lhe seguem como infallivel consequencia: pelo que parece injuria, e naõ piedade, querer enfeitar os procedimentos dos criminosos com suppor, naõ tanto a malicia, como o temor, nos cúmplices da conjuraçaõ; porque diziaõ serem muitos dos interessados de animo taõ socegado, que se considerassem seguro o novo reynado, se conformariaõ com a fortuna presente; porém tendo por certo a perda, e naõ menos o favor do Rey antigo, no caso de se opporem ao novo Rey, queriaõ antes porse nos perigos da contingencia com a firme esperança do premio seguro.

Havia Pedro de Baeça communicado, o que
Tom.VII. U tinha

tinha passado com o Arcebispo a Luiz Pereira de Barros, Contador da Fazenda, o qual havia sido favorecido de Miguel de Vasconcellos, e já arguido de ter correspondencia em Castella, pelo que fora prezo, e em breves dias solto, por justificar a sua innocencia. Porém Luiz Pereira, que mostrou a Pedro de Baeça se havia persuadido, passados poucos dias deu conta a ElRey da conjuraçãõ, e antes de o fazer buscou a Pedro de Baeça, e lhe disse, que elle reflectindo no que elle lhe referira, e considerando a importancia da empreza, se não resolvía a entrar nella sem primeiro saber os nomes dos conjurados, e o modo com que se dispunha a facçaõ. Elle lhe respondeo, que eraõ o Marquez de Villa-Real, seu filho o Duque de Caminha, o Inquisidor Geral, o Arcebispo de Braga, seu sobrinho o Conde de Armamar, D. Agostinho Manoel de Vasconcellos, e outras muitas pessoas, e que a ordem para a execuçaõ se esperava de Madrid: todas estas noticias declarou Luiz Pereira a ElRey, dandolhe individual conta de tudo o que passara com Pedro de Baeça. ElRey lhe ordenou, que fosse a casa de Antonio Paes Viegas, e que por escrito lhe referisse tudo quanto lhe havia repetido: assim o fez Luiz Pereira, a quem ElRey remunerou a sua fidelidade com huma grande Commenda. Esta foy a primeira noticia, que ElRey teve da conjuraçãõ, depois se seguirãõ outras testemunhas, que se examinaraõ, e se averiguaraõ juridicamente, como

como foy Manoel da Sylva Mascarenhas, a quem o communicou Manoel de Vasconcellos, o que elle resolutto estranhou, e obrigou a que logo o participasse a ElRey, o que com effeito fez.

Era chegado à Corte o Conde de Vimioso, já desobrigado do governo das Armas de Alentejo, em que lhe succedeo Mathias de Albuquerque, o qual visitando ao Arcebispo, se deliberou este a tentarlhe o seu fidelissimo coração, tal vez por imaginar ao Conde queixoso de se lhe haver tirado o governo de Alentejo, se persuadio, se arrojaría a ser parcial do seu desígnio. Entrou-se à pratica como Ministros, porque ambos eraõ do Conselho de Estado, e houve lugar de fallarem na fórma da defenfa, e a pouca esperança, que havia em Portugal para resistir a Castella, e assim o pertendeo induzir a desesperar da conservação. Nesta fórma declamando o miseravel estado, em que se viaõ, lhe declarou o Arcebispo toda a machina, que havia ordido, ponderando os nomes dos conjurados, e accrescentando outros, que o naõ eraõ, cavillação taõ prejudicial, que deu motivo a se prenderem muitas pessoas sem culpa. O Conde, em quem o brio competia com o valor, revestido de prudencia rebateo a colera, que lhe causou taõ escandalosa pratica, e se despedio, e artificiosamente usou de palavras geraes para se separar do Arcebispo, a quem o respeito da Dignidade, e dos annos naõ davaõ lugar a outra cousa; e deu logo

conta a ElRey , cujo coração ornado de grande valor , e prudencia , sentia , que houvesse Vassallos no seu Reyno tão cegamente precipitados , que se resolviam a trocar a gloria de se defenderem dos Castelhanos pela tyrannia do seu governo. E sendo denunciados Pedro de Baeça , Belchior Correa da Franca , e Diogo Brito Nabo , e depois de juridicamente ser provado o seu crime , se mandaram prender os tres denunciados , que depois pelas suas confissoens concordou tudo com o que Luiz Pereira de Barros havia deposto , e tomou ElRey nesta materia a ultima resolução.

No dia 28 de Julho determinou de ver fazer exercicio aos quatro Terços das Ordenanças , para o que mandou se formassem nas principaes praças da Cidade. Fezse aviso à Corte , que naquella tarde , que era Domingo , fosse ao Paço para acompanhar a ElRey , e juntamente aos Conselheiros de Estado , para que às tres horas da tarde se achassem no Conselho. O Marquez de Villa-Real , a quem a propria consciencia accusava , se penetrou com as prizoens referidas , e ainda mais da admoeftação de seu filho ; e tal vez arrependido , sabendo ElRey aquella mesma manhã da Tribuna de ouvir Missa , lhe disse , que o zelo , que tinha do seu serviço , não soffria dilatarlhe materias muy importantes , que lhe queria praticar. ElRey revestido de Magestade , com admiravel prudencia , sem a menor sombra de perturbação , lhe respondeo , que
às

às tres horas viesse ao Conselho de Estado. Assim o fez o Marquez, e sobindo a escada do Paço achou ao Porteiro môr, que o encaminhou ao aposento, onde estava Thomé de Sousa, o qual tanto, que o Marquez entrou, lhe disse, que ElRey ordenara, que o prendesse. Perturbado, sem replica, entregou a espada. Dom Rodrigo de Menezes, irmão do Conde de Cantanhede, e naquelle tempo Desembargador do Paço, prendeo na mesma forma ao Arcebispo de Braga; D. Pedro de Menezes, depois Bispo eleito do Porto, prendeo ao Bispo Inquisidor Geral, tambem pela mesma maneira; a prizaõ do Duque de Caminha se encarregou a Pedro de Mendoça, e a Antonio de Saldanha, que o esperavaõ antes, que chegasse às escadas do Paço; e sem lhe darem lugar, a que se apeasse, se meteraõ no mesmo coche, em que vinha, e o levarãõ à Torre de Belem, que governava Antonio de Saldanha.

No mesmo dia, e hora foraõ prezos em suas casas, e logo levados a differentes Torres, Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, e Lourenço Pires de Carvalho na Torre de Belém; na de S. Filippe de Setuval D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira; na de Outaõ Gonçalo Pires de Carvalho, Provedor das Obras do Paço; na Fortaleza de Cascaes Antonio de Mendoça, Commisario Geral da Bulla da Cruzada; no Castello de Lisboa Ruy de Mattos de Noronha, Conde de Arma-

Armamar; no Mosteiro de Belem, e depois passado para a Torre, Fr. Luiz de Mello, Religioso dos Eremitas de Santo Agostinho, Bispo eleito de Malaca, parente do Arcebispo de Braga; nas cadeas do Limoeiro prenderaõ a Paulo de Carvalho, Vereador da Camera, e seu irmaõ Sebastiaõ de Carvalho, ambos Desembargadores da Casa da Supplicação; Luiz de Abreu de Freitas, Escrivaõ da Camera delRey, Jorge Fernandes de Elvas, que havia poucos dias antes passado de Castella a este Reyno; Diogo Rodrigues Lisboa, Jorge Gomes de Alema seu filho, e Simaõ de Sousa Serraõ, todos tres homens de negocio de grandes cabedaes; Christovaõ Cogominho, Guarda mór da Torre do Tombo, Manoel Valente, Escrivaõ da Camera de Setuval, e Antonio Correa, Escrivaõ mayor da Secretaria de Estado. No dia seguinte prenderaõ no Limoeiro a D. Agostinho Manoel, e do caminho de Coimbra para Braga trouxeraõ prezo à Torre de Belem ao Bispo de Martyria Dom Francisco de Faria, que fora Provisor do Arcebispo em Elvas, e era seu Coadjutor em Braga. Nesta tormenta pa-deceo tambem Mathias de Albuquerque por muy leves indicios, e por mal entendidas, e peyor executadas as ordens delRey, o levou Manoel Lobo da Sylva a Setuval para o Castello de Outaõ, aonde as vozes do povo desordenadamente o perseguiaõ, o que sabendo ElRey, o mandou mudar para Belem. Nos mesmos dias prenderaõ pelos mesmos

mos indícios, na Torre de S. Giaõ, ao Padre Joaõ da Resurreiçaõ, Geral da Congregaçaõ de S. Joaõ Euangelista, a que chamaõ vulgarmente dos Lo-yos.

Tanto, que ElRey teve aviso, de que se haviaõ feito as prizoens, sahio magestoso com semblante triste a huma casa, onde a Corte toda o esperava, à qual manifestou o sentimento, com que procedera contra os conjurados, mostrando com solidas razoens a justiça, com que passara àquella demonstraçãõ; affirmando com expresssoens synceras, que tratar da segurança do Reyno era mais, que amor da vida, amor de seus Vassallos, que o haviaõ buscado para defenõsa, e liberdade da Patria. E sendo de todos approvada a sua resoluçaõ, mostraraõ a satisfacaõ, que recebiaõ do que naquelle dia determinara. Recolheo-se ElRey, e espalhando-se pelo povo a noticia das prizoens, se alterou contra os Fidalgos, que com difficuldade se recolheraõ a suas casas, os que sahiraõ do Paço.

ElRey, que obrava com prudencia, querendo manifestar a equidade da sua justiça, mandou fixar Editaes nas portas da Cidade, que referiaõ o grande sentimento, que lhe custara o haver de mandar proceder contra os que estavaõ prezos; mas que a saude publica se antepunha à sua vontade, que era de fazer merce a todos: ordenando, que com socego se aguardasse a resoluçaõ, que havia tomado, segurando era ajustada com as obrigações

gações da justiça ; e se por ventura contra esta ordem se levantasse algum rumor , ou succedesse alguma inquietação no povo , se daria por tão mal servido , que mandaria severamente punir os culpados , que alterassem o repouso do Reyno. Soce- gou-se o povo com este Edital da desordenada furia , com que insultava aos Fidalgos , que passavaõ pelas ruas. Os Prégadores dos Pulpitos concorreraõ tambem muito ao seu socego , exhortando-os à uniaõ , mostrando os perniciosos effeitos do contrario. E ainda luzio mais a benignidade delRey , mandando fixar nos lugares publicos segundo Edital , declarando , que perdoava o delicto de qual quer pessoa , que diante dos Juizes nomeados manifestasse a noticia , que houvesse tido da conjura- ção. Servio a muitos comprehendidos este indulto , os quaes fizeraõ mayor a prova , dos que depois se castigaraõ.

Foraõ processados brevemente , observadas todas as regras do Direito , os culpados , os quaes attonitos com o subito golpe , que os ameaçava , escreveraõ diversas Cartas a EiRey , entendendo , que sem manifestação da verdade se não tomaria a ultima resolução em causa tão grande ; toda a sua industria puzeraõ em desculpar a tenção , confessando a obra , com que assim foraõ os primeiros , que affinaraõ na sentença da sua morte. Mandaraõ os Juizes dizer aos reos allegassem a sua justiça no prazo de tres dias. O Marquez de Villa-
Real,

Real, o Duque de Caminha, e o Conde de Armamar, declinaraõ para a Mesa da Consciencia, por serem Cavalleiros professos da Ordem de Christo; porém em 23 de Agosto os relaxaraõ à Justiça secular por lhe ser provado o crime de lesa Magestade da primeira cabeça. Eraõ os Ministros da Mesa D. Leão de Noronha, Francisco Lopes de Barros, Estevaõ Fuzeiro, e Simaõ Torresaõ Coelho. O Procurador da Coroa Thomé Pinheiro da Veiga offereceo contra todos os reos hum Libello, para dentro em tres dias responderem conforme a Ley do Reyno. Finalmente se ajuntaraõ na Relação os Ministros nomeados para sentenciarem aos convencidos no dia 26 de Agosto, os quaes foraõ os Doutores Francisco Lopes de Barros, Juiz Relator, Francisco de Mesquita, Pedro de Castro, Gregorio Mascarenhas Homem, André Velho da Fonleca, Corregedor do Crime da Corte, Francisco de Almeida Cabral, Valentim da Costa de Lemos, Fernaõ de Mattos de Carvalhosa, Marçal Casado Jacome, Duarte Alvares de Abreu, Fernaõ Cabral, Chanceller môr, e Joaõ Pinheiro, Desembargador do Paço. ElRey querendo mostrar, que a sua benignidade justificava em tudo o seu Real animo em huma causa taõ importante, mandou hum Decreto, em que nomeava seis Fidalgos adjuntos nas sentenças do Marquez de Villa-Real, Duque de Caminha, e Conde de Armamar: foraõ estes Pedro de Mendoça Furtado, Fernaõ Telles

de Menezes, D. Pedro de Alcaçova, D. Miguel de Almeida, Henrique Correa da Sylva, e Antonio Telles de Menezes; e dando-se os tres ultimos por suspeitos, se nomearaõ no seu lugar Pedro da Cunha, Tristaõ da Cunha, e Pedro da Cunha, Veador da Rainha. Juntos todos os Juizes nomeados, sentencearaõ à morte ao Marquez de Villa-Real, ao Duque de Caminha, e ao Conde de Armamar. Na tarde do mesmo dia, os Desembarçadores nomeados, sem os adjuntos, condemnaraõ a que fosse degollado D. Agostinho Manoel, e que fossem arrastados, e enforcados, em força mais alta do costumado, Pedro de Baeça, Belchior Correa da Franca, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente. Christovaõ Cogominho foy remettido ao Juizo Ecclesiastico, e depois à Mesa da Consciencia; porém havendolhe mostrado não lhe valerem os privilegios, elle, e Antonio Correa foraõ os ultimos, que enforcaraõ a 9 de Setembro defronte do Limoeiro.

No dia 29 de Agosto de 1641 na Praça do Rocio appareceo hum theatro; onde se puzeraõ quatro cadeiras, a do Duque sobre tres degraos, a do Marquez com dous, a do Conde com hum só, e no pavimento a de D. Agostinho Manoel, buscando a vaidade humana distincções ainda na fatalidade de huma morte criminosa. Depois da huma hora se deu principio à execuçaõ, e foraõ degollados, e ao mesmo tempo padeceraõ em diferentes forcas

forças os acima referidos, sendo castigados com mais espanto, que lastima dos circunstantes; porque o povo, approvando o castigo, gritou: *Viva ElRey D. João*. Ficaram no theatro os corpos dos quatro degollados até à meya noite, que a Tumba da Misericordia os levou à Igreja de Nossa Senhora dos Remedios dos Carmelitas Descalços. Contava o Marquez cincoenta e dous annos, o Duque seu filho vinte e sete, o Conde de Armamar vinte e quatro, D. Agostinho Manoel cincoenta e oito. Este tragico successo deu fim à Casa do Marquez de Villa-Real, huma das mayores de Portugal, pela origem, grandeza, e authoridade, com que se havia conservado por mais de dous seculos, não ficando successão ao Duque de Caminha, a quem pareceo, como alguns dos Juizes entenderão, que podia livrar do ultimo supplicio pela culpa, que só tinha de não accusar a seu pay. Sua irmãa Dona Maria Brites de Menezes, casada com D. Pedro Portocarrero, VII. Conde de Medelhim, que não era Grande, ainda que dos mayores de Hespanha, tomou os titulos de Duqueza de Caminha, e Marquieza de Villa-Real, e seu marido, em razão delles, se cobrio Grande da primeira classe, e depois da paz pertenderão a successão da Casa de Villa-Real para seu filho D. Pedro Lugardo de Menezes, que foy VIII. Conde de Medelhim, Reposteiro mór delRey, e Gentil-homem de sua Camara. No dia das execuções sahio ElRey de luto à

casa, em que assistia toda a Nobreza, e com eloquencia, e gravidade, manifestou em breves palavras o seu grande sentimento, e qual era a sua justiça.

ElRey, que com moderação mostrou castigar o delicto, e não a queixa, lhe pareceo, se devia logo deferir aos mais criminosos, examinando-se as culpas dos que se achavaõ prezos, e não se achando fundamento, foraõ todos soltos, ainda que em diversos tempos. Sahiraõ da prizaõ os Condes da Castanheira, e Val de Reys, e Gonçalo Pires de Carvalho; e seu filho Lourenço Pires tivera o mesmo successo senaõ morrera na prizaõ; Antonio de Mendoça foy mandado passar da Torre de S. Giaõ para o Mosteiro da Trindade de Santarem, sendo restituído aos seus cargos; Mathias de Albuquerque foy solto, e admittido logo à presença delRey, a quem queixoso disse: *Tem V. Magestade aos seus pés o mais leal Vassallo, que pôde desejar*; a que ElRey benigno respondeo, que estava inteirado da sua innocencia, e com vontade de lhe fazer muita merce, o que brevemente se veyo a verificar. O Arcebispo, e o Inquisidor Geral estiveraõ prezos nas casas interiores do Forte do Paço, de donde os passaraõ para a Torre de Belem, e na de S. Giaõ veyo a falecer o Arcebispo, arrependido de haver taõ cegamente seguido a sem razãõ daquella idéa. O Inquisidor Geral foy solto a 5 de Fevereiro de 1643, e restituído logo aos seus lugares; o Bispo de Martyria,

- tyria , depois de estar muitos annos na Torre de Belem , o passaraõ para o Mosteiro de S. Vicente de Conegos Regrantes , onde acabou a vida. Finalmente ElRey seguiu a vida , e o Reyno , conseguindo applausos de prudente , e justo , igualmente dos naturaes , que dos Estrangeiros. Os Castelhanos discursando no modo do castigo , desconfiaraõ da Conquista de Portugal , dizendo , que ElRey D. Joaõ se naõ empenhara com tanta resoluçaõ a castigar pessoas taõ grandes , se duvidara da obediencia , e fidelidade dos seus Vassallos.

No dia 7 de Agosto entrou no Porto de Lisboa a Armada de França ; que se compunha de vinte naos , de que era General o Marquez de Brezê , sobrinho do Cardeal de Rechilieu , e herdeiro da sua Casa , o qual vinha revestido do caracter de Embaixador delRey Christianissimo , para dar os parabens da sua exaltaçaõ ao throno a ElRey D. Joaõ. Teve logo audiencia , à qual entrou conduzido pelo Conde de Vimioso , que em hum bergantim bem adereçado o havia ido buscar. Recebeo ElRey ao Marquez com magnifico apparato , e com todas aquellas demonstrações de agrado , que podia dispensar a Magestade. Depois teve audiencia da Rainha , e do Principe D. Theodosio : recolheo-se o Marquez outra vez a bordo da Armada , recusando o aposento , que se lhe havia magnificamente preparado no Paço da Corte Real. ElRey lhe mandou hum grande refresco. Encorprou-se

rou-se a Armada de França com a Portugueza, que mandava Antonio Telles de Menezes, que chegando de governar a India, na mesma noite sobio a beijar a mão a ElRey, que o fez General da sua Armada, de que era Almirante Fernão da Sylveira irmão do Conde de Sarzedas. Consta a Armada de treze navios, cinco muy possantes, e os mais ainda que pequenos, bem aprestados, e capazes de peleja. Era o intento, com que sahiraõ as duas Armadas, e a de Hollanda, que se esperava brevemente, interpende a Cidade de Cadiz na Costa de Andaluzia; porque o Cardeal de Richieu era de parecer, que a guerra a sentissem primeiro os inimigos delRey, que os seus Vassallos: porém aquella Praça bem preparada, e defendida, fez desvanecer a empreza.

Pouco depois a 10 de Setembro chegou a outra Armada auxiliar de Hollanda, igual à Franceza em numero de navios, e naõ na Nobreza, e galhardia dos aventureiros Francezes, de grande qualidade, e Soldados de estimação, que ficaraõ servindo neste Reyno. Della era General Adriano Gylfels, Soldado de grande valor, e experiencia, que na India havia cedido a Antonio Telles de Menezes, de quem foy vencido em huma batalha naval, e trazia titulo de Embaixador dos Estados. Deulhe ElRey audiencia, e foy conduzido pelo Barão de Alvito, e se recolheu à Armada, o qual sabendo da anticipação da jornada da nossa Armada, e Franceza,

za, procurou ir ser seu companheiro nella, e navegando ao Cabo de S. Vicente, chegou à vista de Cadiz, e não encontrando já as duas Armadas, voltou ao mesmo Cabo, donde fez aviso a ElRey, de que determinava esperar os galeoens da prata, que por Novembro costumavaõ buscar aquelle mar, pedindo a Sua Magestade quizesse mandar engrossar a sua Armada com alguns navios da nossa. Quando chegou este aviso já a Armada Portugueza havia ancorado no rio de Lisboa; porém ElRey querendo contemporisar com os Hollandezes, lhe mandou quatro navios, e por Cabo a Ruy de Brito Falcaõ, o qual sahindo a 11 de Outubro, no mesmo dia tomou hum navio mercante Inglez; que os Mouros haviaõ tomado, carregado de ferro, e levavaõ para Salé: no outro dia encontrou o navio dos Mouros, que rendera ao Inglez, e lhe deu caça, obrigando-o a dar à costa; e seguindo a sua derrota chegou ao Cabo de S. Vicente, e não achando a Armada Hollandeza, informado do caminho, que tinha feito, tomou a mesma derrota; e gastando vinte e nove dias, a não pode encontrar; e recolhendo-se a Lisboa, já a achou refazendo-se do damno; que havia recebido do encontro, que tivera com a Armada Castélhana. Deteve-se a Armada de Hollanda no Porto de Lisboa até Janeiro do anno seguinte de 1642, tempo, em que voltou para Hollanda. ElRey mandou dar ao General huma cadea de ouro com hum anel de diamantes,

mantes, e ao Almirante outra, e outro anel de igual valor, e do mesmo feitio, e a cada hum dos Capitães da Armada huma cadea com o seu retrato em huma medalha de ouro.

Achavaõ-se em Carthagena de Indias algumas reliquias da poderosa Armada, com que o Conde da Torre passou à America em demanda da Conquista de Pernambuco, e na violenta divisaõ da quella Armada, os melhor livrados foraõ aquelles navios, que tomaraõ o porto de Carthagena. E constando a ElRey, que Dom Rodrigo Lobo, General da Armada, que se mandara ao Brasil, havia chegado ao mesmo porto derrotado de hum temporal, e que com elle hia embarcado o Conde de Castello-Melhor Joaõ Rodrigues de Vasconcellos, e outros Fidalgos dignos de toda a estimaçaõ, se resolveo a fazerlhe aviso, manifestandolhe a sua exaltaçaõ, e posse do Reyno, encarregandolhe, do modo possivel, voltaßem ao Reyno com todo o poder, de que estavaõ encarregados, para que como bons Vassallos pudessem chegar a tempo, a ser participantes da defenõsa, e conservaçaõ da Patria.

O Conde de Castello-Melhor, que por sua condiçaõ, bondade, e boas partes, era a quem todos obedeciaõ, se via cercado de parentes, e amigos de grande valor, obedecido dos Officiaes peritos, e applaudido de tres mil Soldados Portuguezes, intentou huma taõ heroica acçaõ, que ainda naõ conseguida lhe será eternamente gloriosa; e
foy

foy a de querer ganhar os galeoens de prata, que de Porto Bello para Carthagená conduzia Francisco Dias Pimenta, e entrar com elles em Lisboa; desta acção diz o Conde da Ericeira na sua estima-

da Historia: *Que de toda a prata, que dos galeoens trouxessem, seria pouco para lhe fabricarem Estatuas.*

Ericeira, Portug. Restaurado, tom. I. liv. 3. pag. 175.

Esta idéa já proxima ao effeito, sem que por algum respeito parecesse duvidosa a sua execução, se frustrou com universal perigo de todos os Portuguezes, que alli se achavaõ; porque fallando Pedro Jaques de Magalhaens com hum Capitaõ de três, que estavaõ alojados, para que entrassem na facção, elles o revelaraõ ao Governador, e Ministros Castelhanos, a quem sendo o trato descoberto, procedeo a prizaõ contra o Conde, e Pedro Jaques, e seus confidentes, que todos foraõ asperamente atormentados com tratos, que a constancia venceo, negando tudo o de que os arguiaõ, com tanto valor, que mostrava bem prevenido, o que emprendiaõ. Sem embargo dos defeitos da prova, pela negação dos reos no tormento, foy Pedro Jaques sentençaado a dez annos de degredo fóra de Carthagená, e seu destriçto, e tanto, que se lhe offereceo occasiaõ, passou a Cadiz, e desta Cidade a Lisboa, na qual ElRey lhe fez merce de humá Commenda, e depois cheyo de serviços occupou grandes póstos. O Conde de Castello-Melhor, que foy prezo no Castello de S. Philippe, e procedendo contra elle o Auditor da Armada com dous Ouvi-

dores por adjuntos, o sentencearão à morte, condemnando-o primeiro a levar tratos, de cuja sentença appellou o Conde, mostrando a nullidade na grandeza das prerogativas do titulo por falta de jurisdicção: e não valendo a razão contra a violencia, fizeraõ despir o Conde, e lhe deraõ sete tratos com o mayor rigor, que excogitou a malicia naquella occasião; porém o Conde os soffreo com tanta constancia, que não pronunciou outra palavra mais, que a com que implorava o soccorro Divino. Os Juizes reconhecendo a falta de poder para o sentencarem, lhe aceitaraõ a appellação, e permittindo a Jorge Furtado a levasse a Madrid, em que elle trabalhou com toda a diligencia pela sua liberdade, e depois delle a conseguir, se passou a Inglaterra, e de Londres a Portugal. O Conde, ainda mal convalecido das feridas, intentou levantar-se com o Castello, em que o haviaõ segurado, mas por falta de meynos se desvanecio a empreza, e depois por modo estranho sahio da prizaõ com alguns Soldados (de que se fiava) para o navio, que ElRey de Portugal lhe mandara, o qual depois cahindo em mãos de Cossarios, elle os reduzio a serem o meyo da sua liberdade: e havendo experimentado todos os desvarios de repetidos infortunios, entrou em Lisboa, e foy recebido delRey com todas as demonstrações de honra, de que o seu merecimento o havia feito acredor, e lhe fez merce do titulo de Conde em duas vidas mais, e

as

as mesmas nos bens da Coroa, e Ordens, e huma Commenda, e o nomeou do Conselho de Guerra, e Governador das Armas da Provincia do Minho, onde com novos serviços conseguiu honrado nome; e premiando igualmente, conforme a sua categoria, a todos os que tiverão parte na liberdade do Conde, deu ao Capitão Hollandez seis mil cruzados, e huma cadea de ouro com huma medalha com o seu retrato, e o Conde, e a Condeffa joyas, e outros presentes de valor.

Bem quizera ElRey, e Ministros de Castella, se achassem as suas Armas em tal estado, que de subito se convertessem contra Portugal, julgando utilissima a pressa, mas ella não lhe era menos impossivel, que conveniente. O Exercito, que em Hespanha se havia levantado com tanto damno, como se outro inimigo o fizesse, se occupava na reducção de Catalunha; porque esta guerra, que no principio fora voluntaria, já era precisa; porque os Francezes não perdendo occasião alguma contra os seus emulos, não tanto haviaão acodido à defenfa dos Catalaens, quanto a cobrar o Condado de Roselhon unido àquelle Principado. Em Flandes havendo tambem occupado os Francezes opulentas Cidades, e os Hollandezes não menos afortunados davaão com as suas operações calor às Armas Francezas: com tudo juntaraão os Castelhanos gente capaz de guarnecer as suas Fronteiras.

Naõ era a guerra igualmente grata a todos os Hespanhoes. Aos Grandes, porque alguns delles sendo interessados com o sangue del Rey, e da Rainha de Portugal, naõ desprazia interiormente a sua elevaçãõ: e tal vez a todos pela conveniencia de ter por taõ visinho hum Rey Catholico de quem se valessem naquelles casos, que a fortuna traz comfigo mayores aos mayores.

O Conde de Monte-Rey, que de Vice-Rey de Napoles naõ havia muito, que descansava na presidencia de Indias, foy nomeado Governador das Armas de Castella, e assistia em Merida, distante de Badajoz nove legoas, que governava o Marquez de Toral. Foy o primeiro movimento das Armas Castelhanas contra Olivença, que defendendo-se com valor, obrigou ao Conde de Monte-Rey a retirar-se, vendo que achava mayor opposiçaõ, do que suppunha, custandolhe o intento duzentos homens mortos, e feridos, em que entravaõ Officiaes de importancia. Depois conseguiraõ as nossas Armas com felicidade diversas acções, e emprezas, de sorte, que em quasi todas as partes se viaõ as bandeiras Portuguezas vitoriosas, naõ só na Provincia de Alentejo, mas na Beira Fernaõ Telles de Menezes, que succedera a D. Alvaro de Abranches, ganhou o Castello de Goardaõ, e conseguiu no seu governo reputaçãõ em diversas emprezas, com que fez respeitadas as Armas, que mandava; Ruy de Figueiredo na Provincia de Traz dos

dos Montes, entrando pelo Reyno de Leaõ, ganhou diversos Lugares, saqueou outros, e depois no de Galliza, onde se apoderou das Villas de Vimbra, e Tamaguelos, e queimando diversas Aldeas, se recolheu não menos rico de opiniaõ, que os Soldados de despojos. D. Gastaõ Coutinho, que obrava com valor, e sorte semelhante, fez diversas entradas por Galliza, destruindo os inimigos com tão valerosa resolução, que ficando em proverbio, durará sempre a gloria, que nesta Provincia conseguiu, fazendo temidas, e respeitadas as bandeiras do seu Rey.

No Algarve, por occasiaõ do terreno, se obra-va menos, que nas outras fronteiras: com tudo de huma bateria opposta ao quartel de Alcoutim, foy mortalmente ferido o Mestre de Campo D. Francisco de Castellobranco, de sorte, que o precisou a huma tão larga cura, que he digna de se escrever. Durou esta cura tres annos, e tantos o perigo da vida; porém Deos pagando a universal compaixão de D. Joaõ de Castellobranco seu pay, que com igual piedade soccorria a todos os necessitados, lhe assegurou a vida com aquelle remedio santo da esmola, de que elle foy muy observantè; e seu filho vivendo veyo, sendo segundo, a ser successor da Casa, e depois Conde de Redondo, e faleceo no anno de 1686.

Eraõ grandes as despezas, que fazia a guerra, e curtos os meyo, que se estabeleceraõ nas primeiras

Cortes do anno de
1642, impressas em
1645.

ras Cortes para a sua subsistencia: o que considerado, se convocaraõ segundas, que se celebraraõ a 18 de Setembro do anno de 1642 na sala dos Tudescos com as ceremonias costumadas. Ajuntaraõ-se os Tres Estados do Reyno, o da Nobreza em Santo Eloy, o Ecclesiastico em S. Domingos, e o dos Póvos em S. Francisco. Era a proposta, que ElRey mandou fazer, que os vinte mil Infantes, e quatro mil Cavallos, que eraõ necessarios para defender as Fronteiras do Reyno, se naõ podiaõ sustentar com menos de dous milhoens, e quatrocentos mil cruzados, e que para esta quantia se apontassẽ os meyos mais suaves para se tirarem do Reyno. Foraõ varias as consultas, e finalmente concordaraõ, que as decimas era o tributo mais conveniente, e igual, em que todos entravaõ com proporçaõ; e depois de disputada em differentes conferencias esta materia, concordaraõ os Tres Estados no tributo dos dous milhoens, e quatrocentos mil cruzados para as despezas da guerra.

Por este tempo formou o Conde Duque humma Junta, a que deu o titulo de *Intelligencias Secretas*, com tanta estimaçaõ, que lhe chamava o seu Esquadraõ, do qual vivia taõ satisfeito, que muitas vezes affirmou, que com elle havia de conquistar a Portugal primeiro, que com os Exercitos do seu Principe: e como no Mundo naõ faltaõ malevolos, naõ faltaraõ calumnias contra os innocentes, porque se promettiaõ grandes premios aos que desco-

descobrissem qualquer obra de infidelidade, e foy Providencia não perecerem todos. Assim se virão injustas prizoens, e ainda que não tragicas, muy penosas. D. Francisco Mascarenhas, que havia sido Vice-Rey da India, e Conselheiro de Estado na Corte, e D. João de Menezes, já graduado com ter já sido Governador da Ilha da Madeira por El-Rey D. Philippe, foraõ prezos na Cadea publica, sahindo de Madrid vindo para Lisboa, mais resolutos, que acautelados; Alvaro de Sousa filho de Gaspar de Sousa, Conselheiro de Estado, foy recluso em grande segredo; Affonso de Lucena filho do Secretario de Estado de Portugal, desappareceo aos olhos da Corte; semelhante violencia chegou às mayores pessoas, e outras de inferior fortuna; alcançando a todas a desgraça. Porém como com este meyo não se satisfazia a vingança, nem a restauração do Reyno, foy logo reprovado dos melhores Ministros, aos quaes se fazia penosa a carga de tantos Portuguezes, e alguns tão grandes, sem meyo algum para se sustentarem, o que havia de fer à custa da fazenda Castelhena, para assim animarem os Portuguezes.

Determinou-se, que das fazendas, que muitos dos que estavaõ em Portugal tinhaõ naquelles Reynos, se fizesse hum computo, e que mandando-as El-Rey cobrar por Ministros seus, se repartisse o rendimento pelos Portuguezes, que elles nomeavaõ fieis, que se achavaõ na Corte; e que a fazenda

da Real supprisse a falta daquelles effeitos. Assim se poz em execuçaõ, acodindo aos Titulos, Fidalgos, e Nobres, cada mez com suas pensoens proporcionadas, que naõ passavaõ de oitenta mil reis aos Grandes, e mayores, nem aos infimos desciaõ de seis: porém este soccorro brevemente começou a ser incerto, e pouco depois faltou pela difficulda- de, que se experimentava na empreza do Reyno.

ElRey D. Joaõ em Lisboa tinha mandado tambem alimentar aos Ministros Castelhanos, de que alguns se excusaraõ, naõ com menor vaidade, que incommodo. Porém consideradas algumas razoens, que naõ pareceraõ desconvenientes, se lhe foy dando liberdade, de cuja acçaõ ElRey cada vez mais satisfeito, foy alargando o indulto, chegando ainda àquelles, que alguns julgavaõ mais importantes a seu tempo este beneficio. Entre os Castelhanos de mais brio, que se achavaõ prisioneiros, foy D. Sebastiaõ Manrique, o qual passando ElRey pela Praça de Santarem, onde D. Sebastiaõ estava prezo, lhe cerrou a janella, o que se referio a ElRey, e mandou lha naõ abrissem mais: durou largo tempo na prizaõ, até que sendo informado ElRey por parte do prezo, que aquella acçaõ fora de modestia, e naõ de odio, como finistramente se lhe interpretara, foy restituído à luz do dia, e pouco depois à liberdade da Patria.

Entre tanto nas Fronteiras de Portugal se hia obrando tanto mais, do que ao principio temiaõ os inimi-

inimigos , e os mesmos Portuguezes esperavaõ , fazendo os Governadores das Provincias do Minho , e Traz os Montes atrevidas entradas nos Reynos de Galliza , Castella , e Leaõ , abrazando Lugares , e fazendo prisioneiros os moradores , com credito , e utilidade dos Soldados. Na Beira , e no Algarve , se passava com mais socego , mas na Provincia de Alentejo , como mais disposta , e opulenta , era o theatro da guerra , porque nunca socegavaõ as Armas , já temidas , ainda que tambem algumas vezes resistidas dos contrarios ; os quaes primeiro estimulados mais do exemplo , do que da ira , procuravaõ com semelhantes correrias impedir , ou vingar , o que padeciaõ. Permanecia ainda na defen-
sa do Castello da Ilha Terceira D. Alvaro de Viveiros , seu Governador , que por quatorze mezes , com igual valor , que disciplina , resistio ao prolixo sitio , que os moradores da Ilha lhe haviaõ posto com mayor valor , que disciplina , e finalmente se rendeo o Governador a 16. de Março de 1642 , sahindo com todas as honras militares , que elle mereceo na defen-
sa , que seguiu até a ultima extremidade , sem mais culpa , que a desgraca ; sendo o Author desta restauração Francisco de Ornellas da Camera , Fidalgo da mesma Ilha. Depois neste mesmo anno conseguiraõ os Soldados da Fortaleza de S. Filippe da dita Ilha huma boa empreza em dous navios de Indias , que chegando a ella na fé , de que se conservava na obediencia del Rey de Cas-

tella, se acharaõ enganados, e quando o reconhecerãõ, era já inevitavel o perigo, e foraõ remettidos a Lisboa, e interessou ElRey nelles consideravel fazenda.

Era grande a vigilancia, com que ElRey se applicava ao governo do Reyno, e querendo com a sua presença dar calor à guerra, resolveo passar à Provincia de Alentejo antes, que o Exercito sahisse à campanha, e assistir em Evora todo o tempo, que ella durasse. Feitas as prevenções necessarias declarou ElRey, que a Rainha ficava em Lisboa governando na sua ausencia, e nomeou para lhe assistirem no governo ao Bispo Capellaõ môr Dom Manoel da Cunha, a Sebastiaõ Cesar de Menezes, e ao Marquez de Ferreira. A 19 de Julho do anno de 1643 de tarde montou ElRey a cavallo, adornado, e os que o acompanhavaõ, de galas militares: foy à Sé a benzer o Estendarte, que entregou a D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, seu Alferez môr, e sem voltar ao Paço entrou no bargantim, e passou a Aldea-Gallega, e no outro dia fez jornada, e avisou a Evora, que havia entrar de noite na Cidade; sem embargo desta prevençaõ, o povo o foy esperar a larga distancia com incrível alegria. Aposentou-se ElRey nas casas do Conde de Basto, que estavaõ prevenidas, e no dia 30 do mesmo mez entrou na Cidade publicamente com grande apparato, e foraõ excessivas as demonstrações na magnificencia, e grandeza de seus naturaes,

raes, de que entaõ se imprimio huma Carta em nome de hum Collegial do Real Collegio da Purificação para hum seu amigo de Lisboa. E porque neste tempo estava a Rainha em vésperas do parto, de que nasceo o Infante D. Affonso, que depois veyo a succeder no Reyno, passou ElRey encoberto a Lisboa a 7 de Agosto; porém vendo, que a dilação era mayor, do que suppunha, tornou a voltar para Evora, e com admiravel attenção dispoz todas as prevenções, que faltavaõ, para sair em Setembro o Exercito em campanha, governado pelo Conde de Obidos, de que era Mestre de Campo General Joanne Mendes de Vasconcellos, General da Cavallaria o Monteiro môr, e da Artilharia D. Joaõ da Costa. Sitiaraõ, e renderaõ a Praça de Valverde, em cuja acção o Governador declarou, que capitulava com o Conde de Obidos, Governador das Armas delRey de Portugal. Chegaraõ depois com o Exercito à vista de Badajoz, reconheceo a Cidade Joanne Mendes de Vasconcellos acompanhado de Mathias de Albuquerque, (que nesta Campanha exercitava o officio de Soldado, como se naõ houvera taõ pouco tempo governado aquelle Exercito) e do Padre Joaõ Paschasio Cosmader, Religioso da Companhia, natural de Lovayna, insigne Mathematico, o qual depois com a pratica foy excellente Engenheiro; mas depois com pouca memoria das obrigações do seu estado, faltando à fidelidade, veyo a acabar

Carta impr. em 1643.

desgraçadamente. Porém como já se avisinhava o Inverno, e o grande presidio, com que se achava a Praça, e outras difficuldades, que encontraraõ para poderse continuar o sitio, depois de ouvidos os Cabos, se resolveo retirar-se o Exercito, e a 20 de Setembro começou a desalojar. O Conde de Santo Estevão, que governava em Badajoz, vendo, que o Exercito se retirava, fez sahir toda a guarnição com o intento de na retaguarda poder conseguir alguma desordem: porém a terra era taõ cortada de sanjas, e vallados, que guarnecendo-se de mangas de Mosqueteiros, impediraõ a resolução da Cavallaria, no que não conseguiu pequeno applauso Joanne Mendes pela disposição desta retirada. Não havia ElRey sabido, de que o Exercito marchara sobre Badajoz, senão depois, que o havia feito; e dissimulando entaõ o enfado com as esperanças, que lhe deraõ de ganhar aquella Praça, ordenou todas as prevenções, que podiaõ conduzir ao fim da empresa começada; e vendo, que os mesmos, que a facilitaraõ, sem consentimento seu levantaraõ o sitio de Badajoz, despachou hum Correyo, em que ordenava ao Conde de Obidos, e a Joanne Mendes de Vasconcellos, se recolhessem a Lisboa, donde sem nova ordem sua não sahiraõ de suas casas, e que o Exercito ficasse entregue a Mathias de Albuquerque; e naquella mesma noite os dous Generaes sahiraõ do Exercito para Lisboa, e ficou entregue ao novo Governador das Armas
com

com grande satisfação dos Soldados, de quem era sumamente amado, assim pelas virtudes, que lhe reconheciaõ, como pela attençaõ, com que procurava as suas commodidades. Não alterou Mathias de Albuquerque a disposiçaõ do Conde de Obidos, e no dia seguinte a 29 de Setembro foy sobre Alconchel, como já estava determinado. Estava dentro do seu Castello D. João de Menezes, Marquez de Castro-Fuerte, Senhor de Alconchel, e tinha trezentos Infantes de guarniçaõ, e todas as munições necessarias para hum largo sitio; porém depois de batido o Castello, e entrada a Villa, seguiu-se logo Figueira de Vargas, tres legoas de Alconchel, adonde Mathias de Albuquerque havia mandado a D. Rodrigo de Castro, a quem Dom Gabriel da Sylva, que governava o seu Castello, o entregou logo com a permissaõ de passar a Xeres, levando a sua familia, e os moradores com a sua roupa. Guarneceu-se o Castello com duas Companhias para segurança dos comboys, em quanto durasse a Campanha. Marchou depois o Exercito para Villa-Nova del Fresno, que sendo vigorosamente batida pela artilharia, se rendeo, o que foy muy sentido dos Castelhanos pela grande oppressaõ, que o presidio daquella Praça dava aos povos vizinhos, custandolhe ainda mais a reputaçaõ, que lo-gravaõ as Armas de Portugal, que viaõ prevalecer contra o mesmo Principe, que intentava dominallas. Recolheu-se o Exercito deixando presidia-
da

da Villa-Nova , arrazado o Castello de Figueira de Vargas , destruida a Villa , executando o mesmo com Cheles , que os Castelhanos haviaõ despovoado , naõ podendo o rigor , com que entrara o Inverno , dar lugar a que Mathias de Albuquerque continuasse com a Campanha. Aquartelado o Exercito , passou Mathias de Albuquerque a Villa-Viçosa , onde ElRey se achava divertindo-se naquella sitio. Recebeo-o com grandes honras , e na mesma fórma experimentaraõ o mesmo favor da sua grandeza os Generaes , e mais Officiaes do Exercito , que tiveraõ a honra de lhe beijar a maõ. Voltou ElRey para Evora , e a 5 de Outubro partio para Lisboa , onde foy recebido com applausos de vitorioso. Achou nascido o Infante D. Affonso , que sendo o segundo , veyo a succeder na Coroa , como adiante diremos. Depois já no anno de 1645 , quando ElRey teve noticia do grande Exercito , com que o Marquez de Legañes sahia em Campanha , havendo applicado os soccorros de Alentejo , e prevenido a defenfa de Lisboa , passou segunda vez àquella Provincia , e bastou sómente chegar a Aldea-Gallega para que a mayor parte da Nobreza partisse para a Praça de Elvas , havendo disposto o Exercito , que mandava o Conde de Castello-Melhor , Governador das Armas da Provincia de Alentejo , e feito todas as prevenções , com que rebateo os designios dos Castelhanos ; e depois de retirado o Exercito do Marquez de Legañes

gañes a Badajoz, sem que executasse facção de importancia, vendo ElRey alguma defuniaõ entre os nossos Generaes, resolveo, depois de ouvir os Cabos principaes, dividir o Exercito, e metello em quartéis, considerando, que o rigor do tempo não era já para empenhar o Exercito em empreza alguma. Nesta Campanha se achou ElRey das Ilhas de Maldiva, Senhor de muitas riquezas, o qual havia passado a Lisboa a pedir soccorro contra hum irmão seu, que se havia apoderado violentamente do Reyno. Joanne Mendes de Vasconcellos o tratou com grande respeito, ordenando, que se observasse com a sua pessoa todas as ceremonias, que na guerra se costumão praticar com os Cabos mayores, advertencia, que ElRey estimou. Fez-lhe ElRey merce de ser na India do Conselho de Estado, como se vê da Carta, que se lhe passou a 23 de Agosto de 1645, e ao mesmo tempo diversas merces no mesmo Estado da India, humas uteis, outras honorificas, para elle, e seus descendentes, com que passou satisfeito a viver em Goa. De Monte-Môr, onde ElRey estava, passou a Setuval, onde detendo-se poucos dias, depois de ordenar a fortificação daquella Praça, entrou em Lisboa a 18 de Setembro, na qual foy festejada com grande satisfação, e gosto de seus Vassallos a sua restituição à Corte.

Corria com prospera fortuna a felicidade do reynado delRey D. João, porque a lealdade dos
corações

Chancel. delRey D.
João IV. liv. 18. fol.
92.

corações Portuguezes, auxiliados do poder Divino, haviaõ sacrificado, e offerecido liberalmente as vidas, e as fazendas pelo amor da Patria, e pela gloria do seu Principe; e desta forte vencerã com constancia aos valerosos Hespanhoes, que rara vez deixaraõ de peleijar com seus inimigos, que naõ fahissem vitoriosos em recontros, choques, e batalhas. Na de Montijo, que no anno de 1644 venceo o General Mathias de Albuquerque, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, à qual deu principio a nossa artilharia carregada de balas de mosquete, e palanquetas, com taõ venturoso emprego, que penetrando todo o corpo da Infantaria inimiga, a descompoz toda, padecendo igualmente os Officiaes, e Soldados hum terrivel estrago. Porém os Castelhanos, que naõ se embaraçaraõ com aquella primeira descarga, tornaraõ a compor a Infantaria, e depois de dispararem duas peßas com pouco effeito, o Baraõ de Molinguen, que mandava o Exercito Castelhanao, carregou com a Cavallaria do seu lado direito as nossas tropas do esquerdo com tal fortuna, que as descompuzeraõ de sorte, que voltaraõ as costas; a este defatino se seguiu outro de desbaratarem hum Terço: e conhecendo os Castelhanos a sua fortuna, a seguirã de sorte, que romperaõ a nossa Infantaria, e ganharaõ a artilharia, o que vendo a Cavallaria do lado esquerdo, se retirou antes de ter recebido damno algum. Os Castelhanos vendo os nossos Terços confundidos

confundidos deraõ a vitoria por conseguida, e se occuparaõ em roubar, e se começaraõ a dividir por toda a Campanha. O General Mathias de Albuquerque acodindo com incrivel valor a todas as partes, lhe mataraõ o cavallo, o que vendo hum Official Francez chamado Henrique de la Morle, lhe deu o seu cavallo, sacrificando a sua vida por salvar a do seu General; porém com tal fortuna, que pelo seu valor cobrou depressa outro. Dom João da Costa; General da Artilharia, discorria como destrissimo Capitaõ com tanto valor, que excede ao mayor encarecimento, animando a huns, e unindo a outros, e encontrando-te com hum Capitaõ de Cavallos Castelhano, se investiraõ, e o matou às estocadas, recebendo das suas mãos huma grande cutilada na cabeça, e certo, que ao seu incançavel cuidado, e valor, se deveo a mayor parte do bom successo deste dia. Unio-selhe Mathias de Albuquerque, e se deliberaraõ a restaurar o damno perdido, ou sacrificar as vidas com taõ glorioso fim. Formaraõ a Infantaria, e com quarenta Cavallos, que juntou de la Morle, avançaõ aos inimigos com as espadas na mão com tanto impeto; que tornaraõ a restaurar a artilharia, que haviaõ perdido, a qual D. João da Costa fez voltar brevemente contra os inimigos com maravilhoso effeito; e dando sobre elles, obrigaraõ aos Castelhanos a se porem em fogida, largando o campo da batalha, que se via coberto de corpos mortos. Os nos-

fos os seguirão tão picados de se terem visto tão mal tratados no principio da batalha, que sem piedade os matavaõ, obrigando a muitos a lançarem-se ao Guadiana, onde afogados não tinhaõ melhor forte. Em fim ganharaõ os nossos a batalha, em que os Castelhanos perderaõ quatro Mestres de Campo, dous Sargentos môres, nove Capitaens de Cavallos, (o Conde de Montijo, e seu filho) quarenta e cinco de Infantaria, e outros muitos Officiaes, e entre mortos, e feridos foraõ mais de tres mil Soldados, tomaraõ-se quatro mil e quinhentas armas dos inimigos mortos, e dos que as largavaõ para mais levemente fogirem. Da nossa parte se perderaõ novecentos homens entre mortos, e feridos, em que entraraõ os Mestres de Campo Ayres de Saldanha, e D. Nuno Mascarenhas, Joaõ de Saldanha, Capitaõ de Cavallos, Bartholomeu de Saldanha, Capitaõ de Infantaria, Rodrigo Starh, Capitaõ de Cavallos Hollandez, e os Sargentos môres Belchior do Crato, e Jeronymo Ferrete, e oito Capitaens de Infantaria, tres, ou quatro da Cavallaria, e outros Officiaes. Os prisioneiros, que levarãõ, quando começou a batalha, foraõ o Mestre de Campo Eustachio Pique, os Capitães de Cavallos Fernão Pereira, e o Conde Francisco Fiesque, Genovez, Manoel de Saldanha, D. Diogo de Menezes, ferido com huma bala em huma perna, Jorge de Mello, Dom Francisco de Almada, ambos Capitaens de Infantaria, e Nuno da

da Cunha , e Francisco Correa da Sylva , que serviaõ de Soldados , com muitas feridas.

Chegou a noticia da vitoria a Lisboa , que ElRey recebeo com gosto , e reconhecendo a mer-
ce , que Deos lhe fazia , lhe foy render as graças à Sé , indo a pé com o Principe acompanhado de toda a Corte , Grandes , e Fidalgos , e seguido de muita gente nobre , e de immenso povo. Depois a mandou applaudir com demonstrações publicas de gosto , e participar aos alliados o bom successo das suas Armas : espalhou-se , entre as mais Nações , a vitoria , e reputação das nossas Armas. A Mathias de Albuquerque fez ElRey Conde de Alegrete. Desta sorte foraõ conseguindo em todas as Provincias do Reyno gloriosos progressos as Armas Portuguezas , que não só defendiaõ as suas Praças , mas entrando pelas fronteiras de Castella , destrui-
raõ Praças , e ganharaõ outras , que conservaraõ por grande numero de annos ; de maneira , que alguns dos successos adversos , que experimentaraõ , foraõ motivo de conseguirem novas occasioens de reputação , e gloria.

Nas Conquistas foy ElRey acclamado , e obedecido , onde os nossos obraraõ milagres de valor contra os Hollandezes , que em odio de Castella invadiraõ algumas Praças do Estado da India , e da America ; e assim por quatorze annos sustentaraõ na Capitanía de Pernambuco a guerra contra os Estados Geraes das Provincias Unidas , em que foraõ

vencidos por diversas vezes em particulares recontros, e nas duas celebres batalhas dos Gararapes, sendo General Francisco Barreto de Menezes; a primeira no anno de 1648, e a segunda no de 1649, devendo-se o principio desta restauração ao heroico, e generoso animo de João Fernandes Vieira no anno de 1645, em que começou a fazer guerra aos Holandezes, em que teve igual gloria André Vidal de Negreiros, e a ambos fez ElRey diversas merces, com que honrou, e ennobreceo suas pessoas, a que se unirão D. Antonio Filippe Camarão, valeroso Brasileiro, Governador dos Indios da sua Nação, e Henrique Dias, Governador dos pretos seus naturaes, os quaes com acções de incrível valor deixarão na nossa Historia honrada memoria, com os quaes ElRey se houve tão grato, como elles satisfeitos; e assim lançarão fóra daquella Capitania aos Holandezes, e veyo ElRey a ficar pacifico Senhor daquelle Estado. Na Africa o Reyno de Angola, em que a industria, e valor do General Salvador Correa de Sá e Benavides no anno de 1648 recuperou aquella Conquista do poder dos Holandezes. Não seguiu a mesma fortuna a Ilha de Ceilão, porque ainda que na sua defenſa se obra-
raõ acções dignas de eterna memoria, que parecem incriveis na esfera do valor; a distancia, e a morte do Vice-Rey Conde de Sarzedas, D. Rodrigo Lobo da Sylveira, difficultava os soccorros necessarios a perigos mais urgentes, e cedendo o
valor

valor à multidão reforçada por tantas vezes, veyo a ficar no dominio de Hollanda. Em Africa alcançou ElRey muita gloria, assim em Angola contra a Rainha Ginga, e outros Principes, como em Mazagaõ contra os Mouros, e em Tangere, donde se distinguiraõ desde o Conde de Sarzedas até o da Ericeira os seus valerosos Capitaens Generaes, fazendo este ultimo levantar o sitio com muita perda a Gaylan, que com vinte e cinco mil Mouros intentava ganhar esta Praça.

Entre as gloriosas acções do seu reynado será sempre admirada a protecção, com que generosamente soube conservar a Ley da hospitalidade contra o poder dos Parlamentarios, que a opprimiraõ, e occuparaõ violentamente a Coroa de Inglaterra, de que formaraõ huma Republica, sem que se embaraçasse do seu grande poder para deixar de acudir aos Principes Palatinos Roberto, Duque de Cumberland, General de Inglaterra, e seu irmão Mauricio, filhos de Federico V. Conde Eleitor Palatino, e de sua mulher a Princeza Isabel Stuard, irmãa do infelice Carlos I. Rey da Grãa Bretanha, a quem serviaõ. Depois da tragica morte daquelle desgraçado Rey, seu filho ElRey Carlos II. andou discorrendo fugitivo com toda a familia Real para se livrar do tyranno Cromwel, de quem tambem os Principes Roberto, e Mauricio, por se livrarem, tomaraõ o porto de Lisboa por asylo da sua crueldade. Seguiu-os o General Blac, e apparecendo

recendo em Cascaes com a Armada Inglesa, composta de quinze navios, pertendeo se lhe entregassem os Principes. Sentio ElRey a ousadia, e lhe respondeo com Real resolução. E pervenindo-se de algum defacato, que pudesse intentar Blac, fez marchar de Alentejo tres Terços de Infantaria, e duzentos Cavallos, prevenindo os Lugares maritimos, nomeando para governar Peniche ao Conde da Ericeira Dom Fernando de Menezes, Setuval o Conde de Prado D. Francisco de Sousa, em Cascaes o Conde de Cantanhede D. Antonio Luiz de Menezes, onde passou a mayor parte da Nobreza. Chamou ElRey o Conselho de Estado, em que elle assistio, a Rainha, e o Principe: vacillaraõ os Ministros nos discursos, sem poderem determinar-se na resolução. Alguns reconhecendo ser indespenfavel a Ley da hospitalidade, diziaõ, que naõ podia haver modo de se poder violar sem injuria propria, e que era difficuloso de praticar o haver de desamparar huns Principes, depois de seguros, e admittidos na protecção delRey. Outros politicos, que naõ ignorando a sua devida observancia, passavaõ considerando o estado, e situação presente; assim tinhaõ por mais acertado attender à conservação propria, quando no risco de quebrar com os Parlamentarios, se lhe seguia o de ter por inimiga huma das Nações mais populosas da Europa, sustentando voluntarios huma guerra com Inglaterra ao mesmo tempo, que na Europa a tinhamos com
Castella,

Castella, e na America, e Asia com Hollanda, e na Africa com os Barbaros; e que assim podia muito bem servirnos de idéa o silencio de França, tão unida em sangue, e outras allianças com o perseguido Rey, e nem por isso soccorrerá ao parente, e ao alliado, e que este exemplo nos era tão favoravel, como a razão de evitarmos a nossa total ruina. Porém o Principe D. Theodosio dotado igualmente de hum espirito vivo, que de hum sublime engenho, cheyo de Real resolução, foy de differente parecer, mostrando com eloquencia, e solidas razoes, que ElRey devia amparar aos Principes Palatinos, quando perseguidos haviaõ buscado a sua protecção; a qual conservada, gozaria Sua Magestade na posteridade tão gloriosa memoria por esta acção, como merecia haver deixado illeso o sagrado direito da hospitalidade, que iniquamente pertendiaõ os Parlamentarios se violasse, e que era indubitavel, que conservando Sua Magestade a justiça, o Ceo defenderia a causa. E se os Parlamentarios pertendessem entrar no Porto de Lisboa contra sua vontade; por nenhum caso nos deviamos deixar opprimir das suas armas, antes as haviamos de rebater; porque sendo constrangidos, a defenſa natural esperava infallivelmente a vitoria: e com outras muitas razoes bem ponderadas mostrou no seu voto o valor, e generosidade do seu animo.

ElRey confirmando a sua idéa com o voto do Principe, se persuadio à protecção dos Principes Palati-

Palatinos. Depois de haverem passado diversas propostas do General Blac , e persistindo elle na entrega , ou no rompimento de huma guerra , mandou ElRey guarnecer a Marinha , e apparellhar huma Armada de treze navios , que em breves dias se puzeraõ prestes para dar à véla. Nomeou por General a Antonio de Sequeira Varejaõ , e por Almirante a D. Pedro de Almeida irmão do Conde de Avintes , que havia pouco chegara por Capitãõ môr das naos da India. Os Principes Palatinos satisfeitos , e alegres ajuntaraõ os seus navios à Armada , e a 20 de Julho deraõ à véla. Os Parlamentarios tanto , que viraõ sahir a Armada , levarãõ as ancoras , e se fizeraõ ao mar. O General Antonio de Sequeira os seguiu , e sem outro progresso se recolheu a Lisboa. Foy murmurada esta taõ prompta volta ao porto sem haver peleijado , o que poderia fazer com muitas ventagens. Alguns approvaraõ esta acçaõ , porém ElRey a condemnou , depondo-o do cargo , que deu a Jorge de Mello , que conservava o titulo de General das Galés , sem em toda a Armada haver outra mudança. Antonio de Sequeira embarcou por voluntario na Armada , que elle havia taõ pouco mandara. Dentro de poucos dias fizeraõ as duas Armadas segunda sahida , naõ com melhor successo. Os Inglezes voltaraõ a Lisboa , e Jorge de Mello querendo dar segunda vez caça à Armada , se foy chegando ao inimigo , mas apenas se havia alargado ao mar ,
teve

teve hum temporal taõ rijo , que espalhou toda a nossa Armada, da qual alguns navios foraõ dar ao Algarve , padecendo os mais delles grandes incommodos por falta de mantimentos. Dom Francisco de Sousa , Capitaõ de hum dos navios da Armada, encontrou a do Parlamento , que o atacou , sustentando elle com valor desmedido huma cruel contenda , naõ se rendendo o seu navio em quanto lhe durou a vida , e sendo morto, e a mayor parte dos seus, foy tomado o navio. O de Manoel Pacheco de Mello teve melhor fortuna , porque achando-se na barra entre a Armada do Parlamento , e fazendo-lhe esta final para que se rendesse , elle lhe respondeu com huma descarga da sua artilharia ; e carregando-o os Inglezes , elle se desembaraçou , e ganhou o porto de Lisboa. Continuou a Armada Ingleza em cruzar na nossa Costa , e encontrando a frota do Brasil , levarãõ quinze navios de commercio ; e porque o Inverno começava a entrar com grande rigor , largarãõ os nossos mares , desembarcando a sahida dos Principes Palatinos , que seguirãõ a sua derrota , reconhecendo os grandes beneficios , que haviaõ recebido delRey , que nesta acção mostrou tanto valor , como constancia , conservando na soberania o respeito devido à Magestade , o que eternamente será applaudido.

Finalmente elle se vio Senhor naõ só do Reyno de Portugal , e Algarves , mas de todos os Dominios Ultramarinos da Coroa Portugueza , naõ fi-

cando em tão dilatadas Conquistas à Coroa de Castella mais, que a Praça de Ceuta em Africa. E vendo-se, que a sua fortuna era incontrastavel a todo o poder de Hespanha, intentaraõ os Ministros de Castella tirarlhe a vida, offerecendo-se para esta aleivosa acção hum Portuguez chamado Domingos Leite, e não sendo de humilde nascimento, era de animo perverso, e aleivoso, e intentou executar este delicto no dia 20 de Junho de 1647, quando ElRey fosse acompanhando o Santissimo Sacramento na celebração da Festa do Corpo de Deos; e não podendo conseguir intento tão atroz, ou por preocupação do horror, ou por permissão Divina, voltou a Madrid, onde forjando varias desculpas lhe foraõ aceitas, e veyo segunda vez a Portugal com o mesmo proposito; e sendo descoberto anticipadamente por hum seu confidente chamado Manoel Roque, que com mayor reflexaõ conheceo a indigna execuçaõ, a que estava convidado, deu conta a ElRey do caso, e sendo prezo Domingos Leite; foy sentenceado, acabando com morte infame o author de delicto tão atroz, que fez mais detestavel o seu crime, o ser elle hum dos primeiros homens, a quem ElRey despachou com a mercede do officio de Escrivaõ do Crime da Corte. Deste beneficio rendeo ElRey as graças a Deos, e a Rainha em testemunho de tão assinalada mercede do Ceo, no mesmo lugar, em que se pertendeo tirar a vida atrevida, e aleivosamente a ElRey, mandando

dando edificar hum Convento com a vocação de *Corpus Christi*, que habitão os Religiosos de Santa Theresa. Edificou de novo o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, que dotou sobre as rendas, que já tinha, com humia larga quantia, para em quanto durassem as obras, que no reynado de seu filho ElRey D. Pedro se acabaraõ. No seu tempo se estabaleceraõ neste Reyno os Clerigos Regulares de S. Caetano, sendo o primeiro, que nelle entrou no anno de 1648 o Padre D. Antonio Ardizone vindo da India, onde havia sido Missionario Apostolico, e feito grandes serviços a Deos na conversão dos Infieis, o qual foy Varaõ douto, com grande zelo, e naõ menor talento. ElRey o favoreceo com Real benignidade, e sendo elle por nascimento Napolitano, era tal o seu modo de vida, que se fez grato à Magestade, que lhe concedeo, que os Religiosos Theatinos Missionarios, sem embargo de Estrangeiros, pudessem passar à India, embarcando-se em Lisboa nas naos, que todos os annos passavaõ àquelle Estado; e juntamente o poder ter hum Hospicio nesta Corte, por hum Alvará passado em Lisboa a 12 de Fevereiro de 1650. No qual depois de relatar os motivos, que o obrigaraõ a esta merce, sejanos licito referir humia clausula do mesmo Alvará por testemunho do respeito, e gratidão, que conservamos à piedade daquelle grande Rey, diz assim: *E tendo a tudo consideração, e particularmente à satisfação, que tenho do procedimen-*

Prova num. 10.

to, e virtude, e letras do dito D: Antonio Ardizzone, e serem os seus Religiosos de muito exemplo, e a sua Religião bem recebida nesta Cidade de meus Vassallos, pelo grande fruto, que faz na Igreja de Deos, e raro exemplo de pobreza, que professa, por viver dependente da Providencia Divina. Neste Hospicio se conservavaõ os Clerigos Regulares por muitos annos, até que ElRey D. Pedro, sendo Regente, lhe concedeo licença para fundarem a Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia, orago que já tinha o Hospicio, por Alvará de 11 de Outubro de 1681.

Prova num. 11.

Prova num. 12.

Prova num. 13.

Tendo ElRey D. Joaõ reynado com prospera fortuna, celebrado diversas Cortes, em que poz na sua observancia as Cortes de Lamego, esquecidas de seus Predecessores, e estabelecido Leys utilissimas, que incorporou nas Ordenações do Reyno, restituiu o Paço à sua Real authoridade no exercicio dos Officiaes da sua Casa, do Reyno, Corte, e Casa, ordenando hum Regimento do modo de servirem a sua Real pessoa, que inalteravelmente era praticado, e outros utilissimos usos pertencentes ao modo das audiencias, que determinou certas nas terças, e quintas feiras de cada semana com muita authoridade, para evitar a confusão, e indecencia, e cada hum tivesse o lugar, que pela sua dignidade, e caracter lhe pertencia, publicando hum Decreto para o Porteiro môr, feito em 23 de Dezembro de 1640, e outro para o Mestre

o Mestre Salla. Erigio novos Tribunaes para maior utilidade de seus Vassallos: a saber, o Conselho de Guerra por Decreto de 11 de Dezembro de 1640, ao qual concedeo huma grande authoridade, e preeminencias, ordenandolhe Regimento, feito em 22 de Dezembro de 1643. As pessoas, que El-Rey nomea para Conselheiros de Guerra não tirão Carta, ou Patente do lugar, o qual exercitaõ sómente pelo aviso, que lhe faz o Secretario de Estado. Não tem este Tribunal Presidente, porque nelle sómente preferem huns aos outros, não pelo tempo do Conselho, mas pelas preeminencias da grandeza, e authoridade dos seus titulos, ou empregos, de sorte, que todos os Conselheiros de Estado, o são de Guerra, como se vê declarado no §. 10. do Regimento, que diz: *Quando os Conselheiros de Estado forem ao Conselho, tomarão lugar conforme a sua preferencia &c.* Porém estes por hum Decreto delRey D. Pedro II. de 9 de Outubro de 1691 preferem nas Juntas, e nos Tribunaes, e em todas as partes, a que forem por ordem delRey, a todos os que não forem Conselheiros de Estado. Costumava ElRey ir a este Tribunal quando lhe parecia, para o que tem sempre docel, e cadeira no topo, e pelas ilhargas bancos de espaldas para os Conselheiros: e quando ElRey hia ao Conselho, dispoem o mesmo Regimento, que se abaixaráõ os espaldares dos bancos, e se tirará a cadeira do Secretario, (que he raza) o qual estará em pé, e quando

Prova nrm. 14.

quando houvesse de escrever, seria de joelhos em hum bofete pequeno, que para isso haverá no Tribunal; sendo este Tribunal, em que o Secretario o he delRey, e não do Tribunal. Ordenou ElRey mais no Regimento, que quando os Conselheiros forem chamados ao Paço por ElRey, terão o assento, que lhes será assinalado, de sorte, que este Tribunal he de grande respeito; porque os Conselheiros de Guerra são sempre as pessoas de mayor authoridade em grandeza, e illustre sangue, como pelos postos Militares, e com honras Militares: e pela nova Ley de 1739. serão todos Mestres de Campo Generaes, e poderão ser tratados por Excellencia.

Prova num. 15.

E por hum Alvará de 18 de Janeiro do anno de 1643 erigio o Tribunal da Junta dos Tres Estados, conformando-se nelle ao que se havia assentado nas Cortes do anno antecedente; e foraõ os primeiros Ministros o Doutor Sebastião Cesar de Menezes, do seu Conselho, e do Geral do Santo Officio, Desembargador do Paço, e Bispo eleito do Porto, D. Antão de Almada, do seu Conselho, que havia sido Embaixador na Corte de Grãa Bretanha, e D. Alvaro de Abranches da Camera, do seu Conselho de Guerra, que eraõ nomeados pelo estado da Nobreza, e o Bispo D. Manoel da Cunha, seu Capellaõ mór, pelo estado Ecclesiastico, e Francisco Carvalho, Conselheiro da Fazenda, os quaes começaram o despacho daquelle Tribunal, a
que

que pertencia a administração dos tributos, e mais assignações pertencentes à guerra, nomeando Secretario da Junta a João Pereira de Castellobranco, Fidalgo da sua Casa, e Escrivão da sua Camera.

Erigio o Tribunal do Conselho Ultramarino por Decreto de 16 de Julho de 1643, dandolhe então por Presidente o Vedor da Fazenda da repartição da India, que era o Marquez de Montalvão, do Conselho de Estado, e por Secretario hum Escrivão do Conselho da Fazenda, creando dous Conselheiros de capa espada, e hum de letras, que foram Jorge de Albuquerque, Jorge de Castilho, e João Figueira Delgado, Inquisidor Apostolico da Inquisição de Lisboa, e dous Porteiros, dizendo, que seriam dos da Casa da Casa Real, e dandolhe hum casa no Paço para o Tribunal: depois se lhe deu Presidente separado do Vedor da Fazenda, lugar que sempre occupavam as mayores pessoas do Reyno, e o Secretario, ainda que com a mesma igualdade de Carta, differente dos Escrivaens da Fazenda, e mayor numero de Ministros. He muy larga a jurisdicção deste Tribunal, porque comprehendendo os Estados da India, e Brasil, Guiné, Ilhas de S. Thomé, e Cabo-Verde, e todas as mais partes Ultramarinas, excepto as Ilhas dos Açores, e da Madeira, e lugares de Africa. Por elle se consulta a provisão de todos os Bispos, e governos das ditas partes, officios de Justiça, Fazenda, e Guerra: por elle se passam as Cartas, e Provimentos,

Prova num. 16.

tos, que delles se fazem, e as Patentes, e despachos dos Vice-Reys, Capitaens Generaes, Governadores, que passaõ às ditas Conquistas, excepto as Cartas das nomeações dos Bispos, que se enviaõ a Roma, porque estas correm pelo Secretario de Estado, as quaes são lavradas pelas Portarias feitas pelo Secretario do Conselho, e assinadas pelo Presidente. Este, os Conselheiros, e Secretario do Conselho, gozaõ dos privilegios concedidos na Ordenação ao Regedor, e Desembargadores da Casa da Supplicação, e aos mais Tribunaes, e Ministros declarados nas ditas Ordenações do Reyno, de sorte, que logra todas as preeminencias, que são concedidas aos mayores Tribunaes, como se vê do Regimento, que ElRey lhe mandou dar, feito a 29 de Janeiro de 1643. A sua origem tambem he mais antiga, porque nelle foy restabelecido o Tribunal do Conselho da India, que creou ElRey D. Philippe III. como se vê do Regimento, que lhe deu, e está na Torre do Tombo, o qual acaba assim: *E mando, que passe pela Chancellaria, e que se imprima, e dê hum copia impressa a cada hum dos Conselheiros, e Secretarios do dito Conselho. Valhedolid a 25 de Julho, Antonio de Almeida o fez 1604, e eu Martim Affonso Mexia, Secretario de Estado, o fiz escrever.* Este Tribunal da India parece não durou muitos annos, pelo que ElRey Dom João, que achou as Conquistas do seu Reyno invadidas de inimigos na India, Brasil, e Angola, quando recuperou

Torre do Tombo liv. 2.
das Leys, fol. 7.

cuperou a Coroa, considerando a sua utilidade, o renovou, erigindo o Tribunal do Conselho Ultramarino.

A Companhia da Junta do Commercio, de que então resultaraõ grandes utilidades ao Reyno, teve principio por hum Alvará por modo de contrato, que ElRey mandou passar a 6 de Fevereiro de 1649, em virtude do qual os homens de negocio desta Corte instituirão com certas condições a Junta do Commercio, sem que a fazenda Real entrasse com cousa alguma, na qual podiaõ entrar todas as pessoas de qualquer qualidade, assim Portuguezas, como Estrangeiras, com a quantia de vinte cruzados para cima, o qual contrato duraria vinte annos; e no caso de o quererem reformar por mais dez annos, ficaria logo reformado, que dentro em dous poriaõ trinta e seis naos de guerra no mar em duas esquadras, cada huma de dezoito naos de vinte até trinta peßas de artilharia para comboyarem as frotas do Brasil, concedendolhe ElRey por Estanco certos generos comestiveis, a que depois se ajuntou a administração do pao do Brasil, e que a Junta seria independente de todos os Tribunaes, com livre administração, e sómente immediata a Sua Magestade. Depois commutando-se os referidos generos em outros direitos, e conveniências, se reduzio a obrigação do Comboy a dez naos de guerra sómente, e foraõ os cabedaes da Junta por Decreto de 19 de Agosto de 1664 incorporados à

Prova num. 17.

Prova num. 18.

Coroa , e às partes interessadas se deraõ confignações para o seu pagamento , dando-se à Junta outra fórma com Presidente , de que foy o primeiro o Conde de Atouguia Dom Jeronymo de Ataide , e com certos Deputados , e Ministros para Tribunal ; e porque no Regimento de 21 de Setembro de 1663 , quando se reformou , e reduzio a Tribunal , se naõ acodio a tudo o que era conveniente , se lhe deu novo Regimento feito a 19 de Setembro de 1672 , e nesta fórma durou muitos annos : porém considerando-se depois , que a instituiçaõ , e conveniencias do Tribunal naõ correspondiaõ às utilidades passadas , foy totalmente abolido este Tribunal por hum Alvará com o vigor de Ley , passado no primeiro de Fevereiro de 1720.

Prova num. 19.

Tambem para mayor expediente , e divisaõ dos negocios Politicos , Militares , e Merces , que corriaõ pela Secretaria de Estado , lhe deu ElRey D. Joaõ IV. huma nova fórma , dividindo as materias , que lhe haviaõ de pertencer , e as que haviaõ de tocar à Secretaria , que chamou das *Merces* , e *Expediente* , como se vê de hum Alvará feito em Lisboa a 29 de Novembro de 1643 , e nesta occupaçaõ foy empregado Gaspar de Faria Severim. E para mais alivio dos Secretarios , e utilidade dos seus Vassallos creou novo Secretario para a Assinatura , a quem eraõ remettidos todos os papeis lavrados pelo expediente dos Tribunaes , e deviaõ fer assinados por ElRey , excepto os das Secretarias de

de Estado, e das Mercês, porque estes mesmos os levavaõ à presença delRey, e nesta fórma duraraõ estas Secretarias até o anno de 1736; porque ElRey D. Joaõ V. lhe deu melhor ordem, creando tres Secretarios de Estado, como diremos em seu lugar.

Desejou muito pôr as Ordens Militares na observancia das suas Definições, Bullas, e costumes, para o que nomeou Commendadores môres. Ao Infante Dom Duarte seu irmão fez Commendador môr de Christo, e pela sua ausencia em Alemanha nomeou seu Tenente a Dom Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, do Conselho de Guerra. Ao Infante D. Affonso seu filho, que depois foy Rey, nomeou Commendador môr de Santiago, e pela sua menoridade, por seu Tenente a Pedro de Mendoça Furtado, Alcaide môr de Mouraõ. E de Aviz, de que era Commendador môr D. Francisco Luiz de Lencaestre, que se achava ausente em Castella, nomeou por seu Tenente a Fernaõ Telles de Menezes, do Conselho de Guerra. Aos Religiosos de S. Bernardo restituio as rendas, que se lhe tinhaõ dividido, com titulo de Abbadia Commendataria do Real Mosteiro de Alcobaça, mandando passar Carta Patente aos Dons Abbades de Alcobaça do cargo de Esmoler môr, feita em Lisboa a 18 de Agosto de 1642, e nella diz: *Que por outra de 4 de Fevereiro do dito anno, restituira ao Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça os bens, e*

Torre do Tombo, liv. 14. da sua Chancelleria fol. 27.

rendas, e jurisdicções, que se havião desannexado, o cargo de esmoler môr, e lho dá para os Abbades Geraes quando estiverem presentes, e para a sua ausencia nomearão por escrito para em virtude della lhe mandar passar Carta. O que na mesma fôrma se pratica. Tambem ordenou, que no mesmo Mosteiro se restituísse o *Lausperenne*, que em tempos antigos tinha havido naquella Casa, e se observa hoje com grande veneração do Santissimo Sacramento, em cuja presença estão Religiosos de dia, e de noite em todo o anno occupados em louvores de Deos. Não teve effeito esta devoção no seu reynado, mas veyo-se a dar a ella comprimento no anno de 1672 no reynado de seu filho. Com o mysterio da Purissima Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa teve tão grande devoção, que nas Cortes, que celebrou em Lisboa no anno de 1646, a declarou por Padroeira, e Defensora dos Reynos, e Senhorios de Portugal. Pelo que em o dia, que a Igreja celebrava a festa da Annunciação da Senhora, que foy no Domingo de Ramos do anno de 1646, pelas tres horas da tarde jurou a Conceição Immaculada, e para eterno padraõ da sua piedade, lançaremos aqui a propria Provisão, que mandou passar, e he a seguinte.

Santos, *Alcobaga illustrada*, tít. 18. pag. 552.

„ Dom Joaõ por graça de Deos Rey de Portugal, e dos Algarves, daquem, e dalem mar, em „ Africa Senhor de Guine, e da Conquista, Navegação, e Commercio de Ethiopia, Arabia, Persia, „ fia,

„fia, e da India, &c. Faço saber aos que esta mi-
„nha Provisão virem, que sendo ora restituído
„por merce muito particular de Deos Nosso Se-
„nhor à Coroa d'esses meus Reynos, e Senhorios
„de Portugal, considerando, que o Senhor Rey
„D. Affonso Henriques, meu Progenitor, e pri-
„meiro Rey deste Reyno, sendo acclamado, e le-
„vantado por Rey, em reconhecimento de tão
„grande merce, de consentimento de seus Vassal-
„los, tomou por especial Advogada sua a Virgem
„Mãe de Deos, Senhora nossa, e debaixo de sua
„sagrada protecção, e amparo lhe offereceo a todos
„seus successores, Reynos, e Vassallos, com par-
„ticular tributo em final de feudo, e vassallagem.
„Desejando eu imitar seu santo zelo, e a singular
„piedade dos Senhores Reys meus predecessores,
„reconhecendo ainda em mim aventajadas, e con-
„tinuas merces, e beneficios da liberal, e poderosa
„mão de Deos Nosso Senhor, por intercessão da
„Virgem Nossa Senhora da Conceição. Estando
„ora junto em Cortes com os Tres Estados do
„Reyno, lhe fiz propor a obrigação, que tinha-
„mos, de renovar, e continuar esta promessa, e ve-
„nerar com muito particular affecto, e solemnida-
„de a festa de sua Immaculada Conceição. E nel-
„las com parecer de todos assentámos de tomar
„por Padroeira de nossos Reynos, e Senhorios a
„Santissima Virgem Nossa Senhora da Conceição,
„na fórma dos Breves do Santo Padre Urbano Oi-
„tavo,

„tavo, obrigandome a haver confirmação da San-
„ta Sé Apostolica, e lhe offereço de novo em meu
„nome, e do Principe Dom Theodosio meu sobre
„todos amado, e prezado filho, e todos meus des-
„cendentes successores, Reynos, e Vassallos à sua
„Santa Casa da Conceição sita em Villa-Viçosa,
„por ser a primeira, que houve em Hespanha des-
„ta invocação, cincoenta cruzados de ouro em
„cada hum anno, em final de tributo, e vassalla-
„gem. E da mesma maneira promettemos, e ju-
„ramos com o Principe, e Estados de confessar, e
„defender sempre, (até dar a vida sendo necessario)
„que a Virgem Maria Mãy de Deos foy concebi-
„da sem peccado original, tendo respeito a que
„a Santa Madre Igreja de Roma, a quem somos
„obrigados seguir, e obedecer, celebra com parti-
„cular Officio, e Festa sua Santissima, e Immacu-
„lada Conceição; salvando porém este juramento
„no caso, em que a mesma Santa Igreja resolva o
„contrario. Esperando com grande confiança na
„infinita misericordia de Deos Nosso Senhor, que
„por meyo desta Senhora Padrocira, e Protectora
„de nossos Reynos, e Senhorios, de quem por hon-
„ra nossa nos confessamos, e reconhecemos Vassal-
„los, e tributarios, nos ampare, e defenda de nos-
„sos inimigos com grandes accrescentamentos des-
„tes Reynos, para gloria de Christo nosso Deos,
„e exaltação de nossa Santa Fé Catholica Roma-
„na, conversão das gentes, e reducção dos Here-
„ges.

„ges. E se alguma pessoa intentar cousa alguma
„contra esta nossa promessa, juramento, e vassalla-
„gem, por este mesmo feito, sendo Vassallo, o ha-
„vemos por não natural, e queremos, que seja lo-
„go lançado fóra do Reyno; e se for Rey, o que
„Deos não permitta, haja a sua, e nossa maldição,
„e não se conte entre nossos descendentes, esperan-
„do, que pelo mesmo Deos, que nos deu o Rey-
„no, e sobio à Dignidade Real, seja della abati-
„do, e despojado. E para que em todo o tempo
„haja certeza desta nossa eleição, promessa, e jura-
„mento, firmada, e estabelecida em Cortes, man-
„damos fazer della tres Autos publicos, hum, que
„será levado à Corte de Roma, para se expedir a
„confirmação da Santa Sé Apostolica; e outros
„dous, que juntos à dita confirmação, e esta mi-
„nha Provisão se guarde no Cartorio da Casa de
„Nossa Senhora da Conceição de Villa-Viçosa, e
„na nossa Torre do Tombo. Dada nesta nossa Ci-
„dade de Lisboa aos vinte e cinco dias do mez de
„Março. Balthesar Rodrigues Coelho a fez, an-
„no do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo
„de mil e seiscentos e quarenta e seis. Pedro Vi-
„eira da Sylva a fez escrever.

REY.

E querendo manifestar mais este testemunho da sua piedade, mandou pôr nas partes mais publicas desta Cidade diversos Padroens, onde se lê:

ÆTER-

ÆTERNIT. SACR.
 IMMACVLATISSIMÆ
 CONCEPTIONI MARIÆ
 IOAN. IV. PORTVGALL. REX
 VNA CVM GENERAL. COMITHS
 SE, ET REGNA SVA
 SVB ANNVO CENSU TRIBVTARIA
 PVBLICE VOVIT,
 ATQVE DEIPARAM IN IMPERII TVTELARĒ
 ELECTAM
 A LABE ORIGINALI PRAESERVATĀ PERPETVO
 DEFENSVRVM
 IVRAMENTO FIRMAVIT,
 VIVERET VT PIETAS LVSITAN.
 HOC VIVO LAPIDE MEMORIALE
 PERENNE
 EXARARI IVSSIT
 ANN. CHRISTI M. DC. XL. VI.
 IMPERII SVI VI.

E para que se inflammassem os seus Vassallos
 em obsequio da Virgem Santissima, mandou bater
 huma medalha de ouro, e prata em louvor da Sa-
 grada Conceição da Virgem com a Imagem da Se-
 nhora, na fórma, que vay esculpida no Livro V.
 que por huma Ley mandou correr, a de ouro pe-
 lô valor de doze mil reis, e a de prata por seis to-
 toens; e tambem ordenou, que na Universidade
 de Coimbra ninguem pudesse fer unido ao seu cor-
 po,

po, tomando grao, sem primeiro jurar a Pureza da Senhora neste Myſterio. O que mandou intimar à Universidade por hum Carta de 17 de Janeiro de 1646, na qual ordenava, que todos os Lentes, e Eſtudentes, quando tomaſſem qualquer grao, jurafſem defender, que a Virgem Noſſa Senhora fora concebida em graça ſem a macula do peccado original, como ſe obſervava na Universidade de Salamanca deſde o anno de 1618, e com a dita Carta mandou a fórma do tal juramento, que ſe imprimio no fim dos Eſtatutos da meſma Universidade. Leo-ſe a Carta em Clauiſtro a 20 de Junho do dito anno, em que ſe aſſentou ſe fizeſſe o juramento com a mayor ſolemnidade poſſivel; e aſſim a 28 do dito mez (precedendo na veſpera à noite luminarias, e repiques na Universidade, e em todos os Collegios, e outras demonſtrações de applauſo) ſe ajuntaraõ os Lentes de todas as faculdades na Capella da Universidade, onde diſſe Miſſa de Pontifical D. Leonardo de Santo Agostinho, Geral dos Conegos Regrantes, e Cancellario da Universidade; prégoi Fr. Leaõ de Santo Thomás, Monge de S. Bento, Lente de Veſpera de Theologia igualado a Prima. Acabado o Pontifical, o Geral Cancellario ſe poz a hum lado do Altar com Mitra, e Bago, e fez o juramento lendo-o em voz alta, eſtando todos de joelhos, e elle em pé; e deſcendo os degraos do Altar, ſe aſſentou no plano em hum cadeira com hum Miſſal diante, e logo o

Reytor acompanhado do Secretario, e Bedeis com maças, posto de joelhos, fez o juramento, e o mesmo fizeram os Lentes de todas as faculdades por sua ordem. Em memoria deste juramento se levantou huma pedra com huma Inscriptão, que está na Capella junto do Altar de Nossa Senhora, e desde então se observa inviolavelmente este obsequioso reconhecimento da devoção delRey.

Finalmente tendo feito liga com poderosissimas Potencias de Europa, em que enterteve os seus Embaixadores com grande luzimento, e recebido com magestade os dos seus Alliados; sendo dotado de tão religiosa piedade, que antepoz sempre as Leys Divinas aos interesses humanos, com tal veneração à Santa Igreja de Roma, que por justificar a sua obediencia buscou todos os meynos, e fez as diligencias mais poderosas pela conseguir, não se persuadindo já mais das razoens, com que os Theologos o persuadirão na materia dos Bispos; e tendo vencido a seus inimigos em Europa, e tendo-se defendido em Africa, pelejado na Asia, e triunfado na America, lhe sobreveyo huma suppressão, em que não obrando os remedios da medicina, luzirão os da piedade Christãa em fervorosos actos de Fé, Esperança, e Caridade, corroborados com o Santissimo Viatico: e tendo com animo Real exhortado a seus filhos ao amor, e amizade, aos Vassallos de mayor distincção à concordia, e ao zelo do bem da Patria, pacificou as Familias, que estavam
desavin-

desavindas , aos Ministros de mayor caracter recom-
mendou as obrigações dos seus lugares , aos Gene-
raes , e Officiaes mandou , que partissem logo para
as suas Provincias , e chamou à sua presença ao
Conde de Soure , Governador das Armas da Pro-
vincia de Alentejo , ao qual advertio todos os acci-
dentes , que podiaõ occorrer depois da sua morte ,
apontandolhe prudentissimos meynos para os ata-
lhar , e depois de lhe segurar a grande confiança ,
que sempre fizera do seu zelo , valor , e prudencia ,
lhe ordenou partisse logo para Alentejo. O Con-
de opprimido do sentimento , brotandolhe os olhos
affectuosissimas lagrimas , foraõ estas as mais elo-
quentes expressões , com que agradeceo a ElRey
a honra , com que repetia as virtudes , de que elle
se adornou , e separado delRey , sem interpolação ,
passou para Alentejo.

Ordenou ElRey o seu Testamento com gran-
de piedade , e religião ; porque nelle se vê o amor,
uniaõ , e estimação , que fazia da Rainha , que dei-
xou por sua Testamenteira , nomeando-a por Tu-
tora , e Curadora do Principe , e Infantes seus fi-
lhos , e Regente , e Governadora , em quanto du-
rassse a menoridade do Principe. E porque no ca-
so de succeder , que falecessse a Rainha , ainda na
menoridade do Principe , mandou , que a Rainha
nesto caso pudesse nomear Tutor , ou Tutores , Cu-
rador , ou Curadores , e Governador , ou Governadores
dos seus Reynos , como a ella lhe parecessse.

Prova num. 20.

o que tudo se compriria como se elle o mandara. Esta substituição authorisou com o poder Real, e absoluto, dispensando as Leys, ou Ordenações, que dispuzessem o contrario. Mandou, que o seu corpo fosse sepultado no Coro da Capella mór do Mosteiro de S. Vicente de Fóra, no lugar, que parecesse mais decente à Rainha, ordenando, que ao mesmo Mosteiro seriaõ trasladados os ossos do Principe D. Theodosio, e da Infanta D. Joanna seus filhos, que estavaõ em deposito no Mosteiro de Belem, instituindo quatro Missas quotidianas, que diriaõ os Religiosos, duas pela sua alma, e duas pela do Principe, e Infantes seus filhos. Deixou nomeada à Rainha a pessoa, que havia de ser Ayo do Principe. Deixou tambem hum papel de coufas particulares, o qual se cumpriria como parte do seu Testamento, e era assinado por ElRey, e pelo Bispo eleito do Japaõ, seu Confessor, pelo Bispo eleito da Guarda, pelo Padre Joaõ Nunes, Confessor da Rainha, Antonio Cavide, e o Doutor Pedro Fernandes Monteiro. Finalmente ao arbitrio da Rainha entregou todas as suas disposições mais particulares com grande confiança, como se vê destas formaes palavras: *Nomeo por minha Testamenteira, executora desta disposição, e dos descargos de minha alma à Rainha, minha sobre todas muito amada, e prezada mulher, e lhe rogo pelo amor, que lhe tenho, e pela grande estimação, que sempre fiz da sua pessoa, e de suas virtudes, se lembre, que a muita confi-*

confiança , com que lhe entrego a minha alma , os Reynos , e os filhos , merece achar tudo isto nella , a correspondencia , que sempre experimentey no seu amor. As Missas , as esmolas , e mais suffragios da alma , e a fôrma do meu enterramento deixo à disposição da Rainha minha Testamenteira , de quem tenho por muito certo fará tudo melhor , e com mais largueza , do que eu o declararia ; e recommendoulhe a educação de seus filhos , e o amparo dos seus criados , e outras memorias dignas de hum Rey prudente , e Christão : e concluindo com as ultimas clausulas do seu Testamento , faremos o mayor elogio da sua pessoa , porque ellas abonaõ o acerto das suas acções , mostraõ a grandeza do seu coração , o amor , que teve aos seus Vassallos , a justiça , com que reynou , e sobre tudo a Christandade , com que obra-va , de sorte , que estas virtudes , que o fizeraõ digno de hum Imperio , devemos piamente crer lho conseguiraõ mais glorioso na eternidade. São as suas proprias palavras as seguintes : Os Principes são mais obrigados , que os outros homens , a justificar seus procedimentos para com o Mundo , principalmente quando delles resulta honra , e credito para a sua Nação , e Vassallos : por esta razão tenho por conveniente declarar neste lugar , que pela hora , em que estou , e pela conta , que hey de dar a Deos , me resolvi a restituirme a esta Coroa , sem nenhum respeito particular da minha pessoa , senão por livrar os Reynos , que me pertencem , das misérias , que lhe via pa-
decer

decer em estranha fogueira, e por entender era obrigado a isso em minha consciencia, fogueitandome por esta causa, a vida, e trabalhos, poderaõ ser differentes da minha inclinação; e como o meu intento foy tão justo, tenho, e tive sempre por certo da bondade, e justiça de Deos, se pague muito delle, e assim o experimentey, e lho desejey merecer no governo de meus Reynos; porque pela mesma hora, em que estou, affirmo, que não fiz nelle cousa contra o que entendi, assim no governo commum, como em requerimentos particulares de meus Vassallos, a que desejey contentar, e fazer merce, quanto a justiça, e estado das cousas do Reyno o permittiraõ. Foy feito o Testamento em 2 de Novembro de 1656, escrito pelo Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, ao qual foraõ presentes, e testemunhas nomeadas por ElRey, o Marquez de Niza, do Conselho de Estado, o Marquez Mordomo môr D. João da Sylva, o Bispo Capellaõ môr, do Conselho de Estado, o Conde de Odemira, do Conselho de Estado, e Presidente do Conselho Ultramarino, o Conde de Villar-Mayor, do Conselho de Estado, o Conde de Villa-Pouca de Aguiar, do Conselho de Estado, o Conde de Miranda, o Conde Camereiro môr, do Conselho de Estado, o Conde de Soure, do Conselho de Guerra, Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, e Védor da Fazenda, o Visconde de Villa-Nova da Cerveira, o Conde de Prado, Estribeiro môr, Luiz de Mello, Porteiro môr, D. João

João de Almeida, Vêdor da Casa delRey, D. Antonio de Mendoça, Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, eleito Arcebispo Primaz, Gaspar de Faria Severim, do Conselho de Sua Magestade, e seu Secretario do Expediente, Rodrigo de Figueiredo de Alarcão, Dom Rodrigo da Cunha, Chantre de Lisboa, Luiz de Sousa, Pedro Severim de Noronha, o Padre Confessor de Sua Magestade, Bispo eleito do Japão, o Doutor Pedro Fernandes Monteiro, do Conselho de Sua Magestade, e seu Desembargador do Paço, Pedro Vieira da Sylva, do Conselho de Sua Magestade, e seu Secretario de Estado, Antonio Cavide, Secretario de Sua Magestade, e do Conselho da Fazenda. E no mesmo dia fez hum papel de algumas cousas, que ordenava, que escreveo o mesmo Secretario. Aggravava-se cada dia a doença, e tendo recebido o Santissimo Viatico com grande devoção da mão do Bispo Capellaõ mór D. Manoel da Cunha, assistido da Rainha, Principe, e Infantes, e depois ultimamente o Sacramento da Unção, e repetindo fervorosamente o Nome de Jesus, e da Virgem Immaculada da Conceição, morreo na Corte de Lisboa em huma segunda feira 6 de Novembro de 1656, tendo de idade cincoenta e dous annos, sete mezes, e dezoito dias, dos quaes foy vinte e seis Duque de Barcellos, dez Duque de Bragança, e dezaseis, menos vinte e quatro dias, Rey de Portugal, coroadõ de vitorias, e gloriosos successos, que

que o fizeraõ amado dos seus, e respeitado dos inimigos, de forte, que nada pode perturbar a felicidade deste grande Principe, do que a morte de seu filho o Principe D. Theodosio, em quem se viaõ as virtudes unidas delRey seu pay, e da Rainha sua mãy, perda a Portugal a mais sensível, em quem as virtudes o faziaõ ainda mais digno da possessão da Coroa.

Creou de novo diversos titulos, confirmou todos os que se haviaõ dado na dominação de Castella, e alguns, que se extinguiã por falta de successão, os renovou em pessoas da mesma Familia, fazendo-lhe nova merce.

Ao Principe D. Theodosio herdeiro do Reyno ordenou por huma Carta Patente se chamasse Principe do Brasil, e Duque de Bragança, annexando este grande Estado para sempre ao successor da Coroa em quanto não succedesse nella: foy a Carta passada em Lisboa a 27 de Outubro de 1645, que está na Torre do Tombo no livro 13. fol. 357 da sua Chancellaria. Por sua morte se passou Carta de Confirmação por successão ao Principe Dom Affonso seu irmão, feita a 23 de Mayo de 1654, que está no livro 27. fol. 20.

Ao Infante D. Pedro seu filho fez Doação da Cidade de Béja com o titulo de Duque, renovando esta dignidade, que tivera ElRey D. Manoel antes de ser Rey, por merce delRey D. Joaõ II. Foy passada a Doação em Lisboa a 11 de Agosto de

de 1654, que está na Chancellaria do dito anno, fol. 99, de que se lhe passou tambem Carta de assentamento feita a 7 de Mayo do anno de 1655, e nella diz: *Faço saber aos que esta minha Carta virem, que havendo respeito a ter declarado ao Infante D. Pedro, meu muito amado, e prezado filho, Duque de Bêja. Hey por bem, e me praz, que tenha, e haja de minha fazenda com o dito titulo de Duque setecentos e cincoenta mil reis de seu assentamento,* liv. 25. fol. 143.

A D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, creou Duque de Cadaval, de que se lhe passou Carta feita em Lisboa a 18 de Julho de 1648, que está na dita Chancellaria, livro 2. fol. 99 vers. Ao mesmo Duque, vivendo seu pay, e não sendo então mais, que Conde de Tentugal, lhe fez merce deste Condado de juro, e herdade para sempre, com as mesmas prerogativas, que tivera o Conde de Alcoutim filho do Marquez de Villa-Real, com duzentos e setenta mil reis, que lhe pertenciaõ, e diz, que o fazia *pelo divido, e parentesco*, que tinha com ElRey. Foy passada a 20 de Março de 1641, e está no livro 3. fol. 186.

A D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, fez Marquez de Aguiar, de que tirou Carta passada a 8 de Setembro de 1643, que está no liv. 17. fol. 114; e nella diz: *Do meu Conselho de Estado, e meu muito amado sobrinho.*

Tom. VII.

Ee

A D.

A D. Alvaro Pires de Castro, VI. Conde de Monsanto, creou Marquez de Cascaes, de que se lhe passou Carta a 19 de Novembro de 1645, que está no dito livro fol. 45.

A D. Vasco Luiz da Gama, V. Conde da Vidigueira, do seu Conselho de Estado, Embaixador Ordinario a França, fez Marquez de Niza, de que se lhe passou Carta a 18 de Outubro de 1646, que está no dito livro fol. 287, e ao mesmo fez merce para seu filho D. Francisco Balthazar Luiz Antonio da Gama do titulo de Conde da Vidigueira de juro, e herdade para sempre, segundo a forma da Ley Mental; e que daquella merce por diante todos os successores, que conforme a Ley Mental herdassem a Casa, se chamariaõ Condes da Vidigueira, sem para isso ser necessario tirar Carta, Provisão, ou licença dos Reys seus successores, a quem na forma desta Carta os Védores da Fazenda lhe fariaõ passar o Padraõ do seu assentamento. Foy feita a Carta a 24 de Outubro de 1646, e está no livro 17. fol. 285.

A João da Sylva Tello de Menezes, I. Conde de Aveiras, do seu Conselho de Estado, e Regedor da Casa da Supplicação, quando foy segunda vez por Vice-Rey do Estado da India, lhe fez merce, entre outras, do titulo de Marquez de hum dos Lugares, de que elle era Senhor, quando chegasse da India, e que pelo referido Alvará se lhe passaria Carta, o qual foy passado a 9 de Fevereiro
de

de 1650, que está no livro 15 fol. 265. E lhe fez merce do titulo de Conde de juro, e herdade para elle, e seus successores, conforme a Ley Mental, e em quanto se lhe não passava Carta de Marquez, se chamaria o Conde João da Sylva, a qual merce foy feita a 9 de Fevereiro de 1650; e tambem lhe fez a do Officio de Regedor, em que o proveria quando voltaſſe da India.

A D. João da Sylva, II. Marquez de Gouvea, VI. Conde de Portalegre, e seu Mordomo môr, a quem dá o tratamento de sobrinho, fez merce entre outras do titulo de Marquez de juro para elle, e seus descendentes, conforme a Ley Mental, em attenção aos serviços do Marquez seu pay, e de estar casado com D. Luiza de Menezes, Dama da Rainha: foy passada a Carta em Alcantara a 20 de Mayo de 1655, e está no livro 16 fol. 422.

A D. Francisco de Faro fez Conde de Odemira de juro, e herdade, conforme a Ley Mental, dandolhe as Villas de Mortagua, e Penacova, por Carta passada a 9 de Julho de 1646, que está no livro 19 fol. 145: dalhe nella o tratamento de meu *muito amado sobrinho*, com o assentamento, que costumão ter os Condes, que tem parentesco com os Reys. Este titulo havia caducado em D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira, por não deixar successão, de quem Dom Francisco ainda que parente transversal, e em grao muito remoto, supposto, que da mesma Real varonia da Serenissima

Casa de Bragança, quiz ElRey continuar este titulo.

A Mathias de Albuquerque, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, creou Conde de Alegrete, de que se lhe passou Carta em Lisboa no primeiro de Junho de 1644, que está no livro 16. fol. 241. vers.

A D. Fernando Mascarenhas, Marichal do Reyno, creou Conde de Serem, como se vê da Carta desta merce feita a 18 de Abril de 1643, que está no livro 16 fol. 112.

A D. Francisco de Sousa em virtude da renuncia, que nelle havia feito seu tio o Conde de Prado D. Luiz de Sousa deste titulo, e das Villas de Prado, e Beringel, lhe mandou passar Carta de Conde de Prado, feita a 17 de Março de 1644, que está no livro 17. fol. 41.

A D. Fernando de Menezes confirmou o titulo de Conde da Ericeira, que seu tio o Conde D. Diogo de Menezes tinha nomeado nelle, em attenção aos seus serviços, e tambem por casar com D. Leonor Filippa de Noronha, Dama que fora da Rainha, e para o filho, que nascesse daquelle matrimonio. Foy feita a Carta a 11 de Abril de 1646, e está no livro 17. fol. 270.

A Antonio Telles de Menezes, do seu Conselho de Estado, e General da Armada, creou Conde de Villa-Pouca de Aguiar, de que tirou Carta feita a 5 de Agosto de 1647, que está no livro 18. fol. 263.

A

A D. Miguel de Almeida creou Conde de Abrantes, renovando este titulo, que já tiveraõ seus antepassados, como se vê da Carta feita a 12 de Novembro de 1645, que está no livro 18. fol. 80.

A Dom João da Costa, do seu Conselho de Guerra, e Mestre de Campo General do Exercito de Alentejo, creou Conde de Soure, de que se lhe passou Carta feita em Lisboa a 15 de Outubro de 1652, que está no livro 22. fol. 206.

A Fernão Telles de Menezes, do seu Conselho de Guerra, Regedor da Casa da Supplicação, e Gentil-homem da Camera do Principe D. Theodosio, creou Conde de Villar-Major, de que se lhe passou Carta a 29 de Agosto de 1652, que está no livro 22. fol. 228.

A D. Vasco Mascarenhas, Conde de Obidos, a quem passou Carta deste titulo, que tinha por Castella, se passou a de Conde sobrinho com o assentamento, que por ella lhe pertencia, a 19 de Mayo de 1646, e está no livro 17. fol. 271.

A D. Vasco Lobo, Barão de Alvito, creou Conde de Oriola, de que se lhe passou Carta a 19 de Dezembro de 1652, que está no livro 25. fol. 63.

A D. Antonio de Noronha creou Conde de Villa-Verde, de que era Senhor, e se lhe passou Carta a 10 de Dezembro de 1654, que existe no livro 27. fol. 32.

A Dom Martinho, Principe de Arração, que
era

era filho delRey de Chitigaõ , e neto do de Aracaõ , Principe herdeiro de seus Reynos, pelos serviços feitos a esta Coroa no Estado da India , depois que fora trazido para Goa de idade de cinco para seis annos , e ter recebido a agua do Bautifmo , fez merce da Capitanía de Goa por Alvará de 19 de Março de 1645 por nove annos , com enterendimento do Paço de S. Lourenço : e do Conselho de Estado da India , com o tratamento de Senhoria , por Alvará de 11 de Janeiro de 1646 , que está no livro 17. fol. 233 , e nelle diz: *Hey por bem de declarar , que se lhe falle por Senhoria , e que assim seja tratado daqui em diante no Reyno , e fóra delle , em geral , e particular , &c.*

A D. Pedro de Castellobranco fez Visconde de Castellobranco junto a Sacavem , de que se lhe passou Carta a 25 de Setembro do anno de 1649 , que está no livro 20 fol. 336.

Seguindo o mesmo methodo , que temos observado nas vidas dos Reys , seus predecessores , referiremos os Fidalgos , que no seu Reynado achámos serviraõ os officios da Casa Real , Corte , e Reyno , sem que pertendamos dar hum Catalogo exacto , como já outras vezes declarámos ; os quaes referimos sem preferencia , mas só como os achámos na sua Chancellaria , ou em outros documentos.

D. Francisco de Mello , Marquez de Ferreira , do seu Conselho de Estado , servio de Condestavel
na

na solemnidade do auto, em que foy levantado Rey a 15 de Dezembro de 1640. E depois no da ratificação do Juramento, que os Tres Estados do Reyno fizeraõ a ElRey, em que tambem foy jurado herdeiro da Coroa o Principe D. Theodosio, na Cidade de Lisboa a 28 de Janeiro de 1641, fez o mesmo Marquez o officio de Condestavel. Depois no auto das Cortes naõ assiste o Condestavel, e sómente a insignia, que he o Estoque, que leva na maõ levantado o Copeiro môr, como entaõ no dia 29 do referido mez levou Martim de Sousa de Menezes, Copeiro môr, por preeminencia do seu officio, e tem differente lugar, que o Condestavel; porque este tem o seu lugar no estrado pequeno, em que fica o throno delRey, e o Copeiro môr está no segundo estrado. E porque no referido auto das Cortes todos os Grandes Seculares, e Ecclesiasticos, os Donatarios, Alcaides môres, e Procuradores das Cidades, e Villas, todos estaõ assentados, assim o esteve o Marquez no lugar, que lhe competia pela dignidade de Marquez: e por esta razãõ parece he que naõ costuma haver mais, que no dia da solemnidade do Juramento a assistencia do Condestavel, que está em pé, e descoberto, como todas as mais pessoas, que assistem, ainda que sejaõ Infantes, estaõ em pé, e descobertos, como se vê nos Autos das Cortes, que se imprimiraõ. E para que naõ equivoquem o officio de Condestavel, como às vezes succede, entendendo-se, que porque
o Co-

o Copeiro môr tem o Estoque , faz o officio de Condestavel , mostramos a differença , que vay de huma a outra occupação ; e assim se vê , que nunca o Copeiro môr faz o officio de Condestavel , cuja occupação se deu muitas vezes aos Infantes , e sempre às mayores pessoas do Reyno , como já deixámos escrito no Capitulo XX. do Livro VI.

D. Alvaro da Costa , Doutor em Theologia , Conegô Magistral da Sé de Coimbra , que havia sido Collegial do Collegio Real de S. Paulo , e Reytor daquella Universidade , foy seu Capellaô môr , lugar , que occupou até 13 de Fevereiro de 1642 , em que faleceo , estando nomeado Bispo de Viseu. Consta do Auto do Levantamento.

D. Manrique da Sylva , Marquez de Gouvea , do Conselho de Estado , foy seu Mordomo môr , lugar , que exercitou até o anno de 1647 , como adiante se verá , e consta do referido Auto.

D. Joaô da Sylva , Conde de Portalegre , depois Marquez de Gouvea , foy Mordomo môr por Carta feita em Alcantara a 18 de Mayo de 1647 , a qual está no livro 16. da sua Chancellaria , fol. 522. Succedeo ao Marquez D. Manrique seu pay , como refere a mesma Carta , dizendo : *Por ser filho do Marquez de Gouvea , do meu Conselho de Estado, &c. e haver o dito seu pay renunciado o dito officio.* O qual no Auto do Levantamento de 15 de Dezembro de 1640 exercitou já o seu officio.

Luiz de Miranda Henriques , Commendador
de

de Cabeço de Vide, Alter Poderoso, e Hospital da Granja na Ordem de Aviz, foy seu Estribeiro môr, como se vê no Auto referido das Cortes de 1641.

Pedro Guedes de Miranda, Senhor de Murça, Branchaes, Agua-Reves, e Torre de Dona Chama, Commendador de Cabeço de Vide, e das mais Commendas de seu pay, succedeo no officio de Estribeiro môr, de que tirou Carta feita em Lisboa a 20 de Junho de 1647, que está no livro 18. fol. 370 da dita Chancellaria.

D. Joaõ de Sá e Menezes, Conde de Penaguião, que depois foy do Conselho de Estado, e Embaixador a Inglaterra, foy seu Camereiro môr, como se vê no Auto das ditas Cortes, acima allegado, e depois tirou Carta passada a 24 de Abril de 1647, que está a fol. 97 do livro 20 da sua Chancellaria.

Pedro de Mendoça Furtado, Alcaide môr de Moura, foy Guarda môr da sua pessoa, como se vê no referido Auto das Cortes.

Bernardim de Tavora, foy seu Reposteiro môr, lugar, que já tinha, e exercitou no seu tempo, como se vê no Auto referido das Cortes acima allegadas, e teve Carta passada no primeiro de Agosto de 1644, que está no livro 16. fol. 254 da sua Chancellaria.

Fernão Telles de Menezes, Commendador de Moura na Ordem de Aviz, e outras, e depois

Conde de Villar-Mayor, servio de Alferes môr no Auto do Levantamento delRey, como nelle se vê.

Luiz de Mello, Alcaide môr de Serpa, Commendador de Santa Maria de Algodres na Ordem de Christo, e de Serpa na de Aviz, foy Porteiro môr delRey, como se vê no Auto referido das Cortes. Foy tambem feu Capitão da Guarda.

Francisco de Mello, Commendador do Pinheiro, e de Santiago de Santarem, e dos Casaes da Feiteira na Ordem de Christo, e outras, que depois foy Embaixador a França, e o primeiro General da Cavallaria da Provincia de Alentejo, foy Monteiro môr do Reyno, como se vê no referido Auto das Cortes.

D. João Soares de Alarcão, Alcaide môr de Torres-Vedras, Commendador de S. Pedro na mesma Villa, da Ordem de Christo, foy Mestre Salla, officio, que exercitou no Auto das Cortes, em que ElRey foy levantado, como nelle se vê, e o teve pouco tempo.

D. Pedro da Costa, Commendador de S. Vicente da Beira na Ordem de Aviz, foy Armeiro môr delRey, como refere o dito Auto das Cortes.

D. João de Castellobranco, Commendador de S. Gabriel da Granja de Ulmeiro, da dos Casaes de Paliaõ, e Casa Velha na Ordem de Christo, e da Espada de Elvas da Ordem de Santiago, servio de Meirinho môr na ausencia de feu irmão Dom Fran-

Francisco de Castellobranco , Conde de Sabugal , de quem era este officio , o que consta do Auto das referidas Cortes.

Dom Lourenço de Sousa , Commendador da Ordem de Christo , foy seu Capitão da Guarda , como se vê no referido Auto.

Pedro da Cunha , Commendador de Monforte na Ordem de Christo , Alcaide môr da Villa de Aldea-Gallega da Merciana , foy Trinchante , como se vê no referido Auto.

Manoel de Sousa da Sylva , Commendador do Casal , e S. Martinho do Bispo na Ordem de Aviz , servio de Aposentador môr , como refere o mesmo Auto das Cortes , e era Mestre Salla do Principe D. Theodosio , e depois foy Veador da Casa da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

D. Pedro Mascarenhas , no referido anno de 1640 , foy Veador da Casa delRey , como se vê no referido Auto das Cortes allegado.

Thomé de Sousa , foy Veador da sua Casa por Carta de 22 de Janeiro de 1646 , e della consta , que este lugar estava vago , como se vê no livro 13. da sua Chancellaria , fol. 359. Já havia sido seu Trinchante , o qual lugar vagou por Pedro da Cunha passar ao de Veador da Casa da Rainha , e se lhe passou Carta a 22 de Abril de 1641 , que está no livro 11. fol. 302 da sua Chancellaria.

D. Francisco de Sousa , Conde do Prado , do seu Conselho , foy Veador da Casa Real , de que
Tom. VII. Ffii se

se lhe passou Carta em Lisboa a 17 de Janeiro de 1650, que está no livro 15. fol. 262.

Fernão de Sousa, foy Veador da Casa Real por Alvará feito em Lisboa a 15 de Janeiro de 1650, e nelle diz: *Tendo respeito aos merecimentos de Thomé de Sousa, que Deos perdoe, Vedor da minha Casa, &c. e principalmente aos que elle me fez depois da minha restituição à Coroa, &c.* lhe faz merce da propriedade do dito officio.

D. Affonso de Menezes, foy Mestre Salla, de que se lhe passou Carta de propriedade feita em Lisboa a 22 de Abril de 1646, que está no livro 18. da sua Chancellaria, fol. 107.

Dom Nicolao Monteiro, Prior de Sedoseita, eleito Bispo de Portalegre, foy Mestre dos Infantes, como se vê no Alvará do seu ordenado, passado a 13 de Abril do anno de 1650, que está no livro 19. fol. 365.

D. Antonio da Sylveira, foy seu Pagem da Caldeirinha, como se vê no Alvará passado em Lisboa a 13 de Outubro de 1647, em que succedeo a Francisco de Mello, livro 20. fol. 36.

Christovão de Almada, foy Pagem da Caldeirinha, que vagou por D. Antonio de Noronha, como se vê no Alvará feito a 28 de Outubro de 1649, que está no livro 20. fol. 18 vers.

D. Antonio de Noronha, foy Pagem da Campainha, em que succedeo a Jeronymo de Mendonça, como se vê no Alvará feito em Lisboa a 27 de
 Julho

Julho de 1649, que está no livro 21. fol. 186.

D. João Mascarenhas, Conde de Palma, foy Meirinho môr por Alvará feito em 17 de Outubro de 1653, e nelle diz : *Que vagara por seu avô Dom Francisco de Castellobranco, Conde de Sabugal, de quem era legitimo successor, &c. fazendolhe merce da propriedade, que começaria a servir quando tivesse idade*; está o dito Alvará no livro 22. da sua Chancellaria, fol. 320.

Dom João Mascarenhas, Conde de Sabugal, servio de Meirinho môr pelo Conde de Palma fer menor, como se vê em hum Alvará feito em Lisboa a 19 de Dezembro de 1653, que está no livro 25. fol. 64.

Dom João de Almeida, foy Veador da Casa por Alvará feito em Lisboa a 18 de Outubro de 1653, e diz, que o fazia por servir o Conde de Prado de Estribeiro môr, o qual Alvará está no livro 22. fol. 321.

D. Francisco de Mello, foy Trinchante por serventia de Diogo de Brito Coutinho, a quem El-Rey tinha feito merce do dito officio, como se vê em hum Alvará passado em Lisboa a 9 de Janeiro de 1651, que está no livro 23. fol. 194.

D. Lucas de Portugal, foy Mestre Salla, de que tirou Carta de propriedade, feita em Alcantara a 12 de Abril de 1652, que está no livro 23. fol. 17.

D. Francisco de Sousa, Conde de Prado, Veador de sua Casa, e do seu Conselho de Guerra, servio

vio de Estribeiro môr por Alvará feito em Lisboa a 22 de Setembro de 1653, e nelle diz: *Por lho pedir Pedro Guedes no seu Testamento*, o qual Alvará está no livro 26. fol. 10.

Gonçalo Pires de Carvalho, do seu Conselho, foy Provedor das Obras do Paço: consta de certa merce, que lhe fez em Lisboa a 4 de Agosto de 1644, que está no livro 18. fol. 59.

Dom João Mascarenhas, Commendador de Mertola, e Alcaide môr de Montemôr o Novo, o qual foy depois Conde de Santa Cruz pelo seu casamento, foy Veador da sua Casa por Carta passada a 2 de Abril de 1641, e nella diz: *Havendo respeito aos merecimentos, e qualidades, que concorrem na pessoa de D. João Mascarenhas, Fidalgo de minha Casa, meu muito amado sobrinho, &c.* Está no livro 11. fol. 99.

Fr. Dionysio dos Anjos, Eremita de Santo Agostinho, foy seu Confessor, como se vê no Alvará do seu ordenado feito em Lisboa a 18 de Março do anno de 1641, que está na dita Chancellaria, fol. 117 do livro 10.

Martim de Sousa de Menezes, foy seu Copeiro môr, por Carta feita a 2 de Abril de 1641, della consta succedeo a seu pay Jorge de Sousa. A dita Carta se conserva no livro 11. fol. 122. Achou-se no Auto do Levantamento delRey.

Diogo de Brito Coutinho, foy seu Trinchante, de que se lhe passou Carta feita em Lisboa a 20
de

de Setembro de 1641. Nella se vê, que succedeo neste officio a D. Diogo Lobo seu tio, e está no livro 12. fol. 206.

Francisco de Lucena, foy seu Secretario de Estado por Carta feita a 31 de Janeiro do anno de 1641, e nella diz: *Do meu Conselho, havendo respeito à qualidade da sua pessoa, merecimentos, e serviços, continuados por espaço de trinta annos.* Livro 12. fol. 42.

D. Fernando Mascarenhas, foy Capitão môr dos Ginetes do Reyno, por Alvará de 27 de Março de 1641, na ausência de seu irmão o Conde de Santa Cruz; está no livro 12. fol. 66.

Dom Jorge de Mello, foy Mestre Salla por Carta de 2 de Abril de 1641, na qual diz, que aquelle lugar se achava vago; e está no livro 12. fol. 87.

Dom Luiz de Portugal, Conde de Vimioso, foy Almirante do Reyno, de que tirou Carta passada em Lisboa a 9 de Setembro de 1646, que está no livro 20. fol. 56.

Dom Carlos de Noronha, foy Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, por Carta feita a 6 de Janeiro de 1641, que existe no livro 12. fol. 8.

Dom Lourenço de Brito, Visconde de Villanova de Cerveira, do seu Conselho de Estado, foy Presidente do Desembargo do Paço, de que tirou Carta passada a 8 de Janeiro de 1641, que está no livro 13. fol. 6.

Jorge

Jorge de Mello, do seu Conselho, foy Capitão General das Galés desta Coroa por Alvará de 8 de Janeiro de 1641, e nelle diz: *Por estar ausente em Castella o Marquez de Porto-Seguro.* Existe o dito Alvará no livro 12. fol. 7.

D. Antonio Luiz de Menezes, do seu Conselho de Estado, foy Védor da sua Fazenda da Repartição do Reyno, por Carta de 16 de Outubro de 1651, que está no livro 15. fol. 382.

Joaõ da Sylva Tello, Conde de Aveiras, do seu Conselho de Estado, foy Regedor das Justiças, o que consta da merce deste officio, quando passou à India, feita em Lisboa a 9 de Fevereiro de 1650, que se conserva a fol. 265 do livro 15.

D. Joaõ de Menezes, do Conselho de Guerra, foy Governador da Relação do Porto por Alvará de 13 de Março de 1648, que está no livro 15. fol. 212.

D. Joaõ de Castellobranco, foy Presidente da Camera de Lisboa, como se vê na Carta, que se lhe passou a 14 de Abril de 1644, e nella diz: *O qual cargo servio atégora o Conde D. Pedro (he o Conde de Cantanhede) o qual o terá em quanto eu houver por bem.* Está no livro 16. fol. 260.

D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, foy Védor da Fazenda por Carta de 18 de Setembro de 1648, e já o havia sido tres annos. Existe a dita Carta no livro 19. da sua Chancellaria, fol. 311.

D.

Dom Rodrigo de Mello, foy Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que succedeo a D. Carlos de Noronha, como se vê na Carta passada em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1649, que está no livro 21. fol. 90 vers.

Antonio de Mendoza, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, eleito Bispo de Lamego, foy Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, em que succedeo a D. Rodrigo de Mello, como refere a sua Carta passada em Alcantara a 14 de Abril de 1654, que está no livro 22. fol. 369.

D. Pedro de Lencastre, do seu Conselho de Estado, foy Presidente da Mesa do Desembargo do Paço por Carta feita em Lisboa a 7 de Novembro de 1651, que está no livro 21. fol. 120.

D. Rodrigo da Sylveira, Conde de Sarzedas, do seu Conselho, foy Presidente do Senado da Camera, em que succedeo a Luiz de Mello, Porteiro môr, como se vê na Carta, que se lhe passou em Lisboa a 4 de Março de 1654, livro 26. fol. 75. Não acabou a Presidencia, porque no anno seguinte foy mandado por Vice-Rey da India.

Dom Joaõ de Sousa da Sylveira, Veador da Rainha, foy Presidente do Senado da Camera, em que succedeo ao Conde de Sarzedas, como se vê na sua Carta feita em Lisboa a 14 de Abril de 1655, que está no livro 26. fol. 295 vers.

Dom Vasco da Gama, Marquez de Niza, do Conselho de Estado, foy seu Vedor da Fazenda

por Carta feita em Alcantara a 16 de Abril de 1654, que está no livro 22. fol. 370.

Ruy de Moura Telles, do seu Conselho de Estado, Veador da Rainha, foy Védor da Fazenda da Repartição de Africa, consta da Carta passada a 22 de Fevereiro de 1649, que está no livro 15. fol. 172: e por outra passada em Lisboa a 2 de Março de 1652, que está no livro 17. lhe foy conferido o mesmo lugar, e depois por outra a 18 de Março de 1655 se lhe reformou a mesma occupação.

O Doutor Fr. Francisco Brandaõ, foy Chronista mór por Carta feita em Lisboa a 19 de Janeiro de 1649, e diz, que o dito lugar vagara pelo Doutor Fr. Antonio Brandaõ. Está no livro 16. fol. 155.

Fr. Francisco de Macedo, foy Chronista Latino deste Reyno por Carta feita a 8 de Abril de 1650, que está no livro 20. fol. 271.

O Padre André Fernandes, Bispo eleito do Japaõ, e do seu Conselho, foy seu Confessor, o que consta da Carta, que tirou de Conselheiro, passada em Lisboa a 28 de Janeiro de 1655, que está no livro 25. fol. 144.

O Doutor Francisco de Carvalho, do seu Conselho, e seu Desembargador do Paço, e Chanceller da Casa da Supplicação, foy Chanceller mór, lugar, em que succedeo ao Doutor Affonso Furta-
do de Mendoça, como se vê na Carta, que tirou,
passada

passada em Lisboa a 6 de Outubro de 1656 , que está no livro 25. fol. 193.

D. Jorge Mascarenhas , Marquez de Montalvão , foy Mestre de Campo General junto à pessoa , por Patente de 17 de Julho de 1648 , que está nos livros de papeis varios do Duque.

Antonio Paes Viegas , Commendador de Nossa Senhora da Caridade na Ordem de Christo , Alcaide môr de Barcellos , achamos , que fora Secretario de Estado , mas devia ser sómente de serventia , porque não encontrámos a Carta.

Antonio Cavide , foy seu Secretario , consta de varios documentos , e do Testamento delRey , em que elle assina , dizendo : *Antonio Cavide , Secretario de Sua Magestade , e do Conselho da Fazenda.* Havia sido Escrivão da sua Camera , e seu Mantieiro , Commendador de S. Pedro de Babe , e da dos Azeites , e Lagares da Villa de Soure na Ordem de Christo , Alcaide môr de Borba , e Provedor das Obras , que se fizessem por conta da Fazenda Real.

Pedro Vieira da Sylva , foy Secretario de Estado , o que consta de certa merce feita a 18 de Outubro de 1645 , que está no livro 18. fol. 124 , na qual diz , que era : *Meu Moço Fidalgo , que serve de Secretario de Estado* , e servio até a morte delRey ; porque no seu Testamento se acha assinado : *Pedro Vieira da Sylva , do seu Conselho , e seu Secretario de Estado.*

Martim de Tavora de Noronha, teve Alvará de Secretario de Estado, que foy passado a 24 de Março de 1653, que está no livro 25. fol. 63, e nelle diz: *Havendo respeito à satisfação, com que Pedro Vieira da Sylva, do meu Conselho, serve o officio de meu Secretario de Estado de muitos annos a esta parte, e desejando eu pelos mesmos respeitos de lhe fazer merce, hey por bem de lha fazer da propriedade do mesmo officio para seu filho Martim de Tavora de Noronha, meu Moço Fidalgo, para que lhe succeda nelle depois dos dias da sua vida, tendo para isso toda a capacidade, para o que desde logo irá continuando na Secretaria, e tomando noticia dos papeis.*

Gaspar de Faria Severim, foy Secretario das Mercês, e Expediente, como se vê na Carta de Conselheiro do dito Rey, onde diz: *Que ora serve de Secretario das Mercês, e Expediente:* foy passada a 20 de Dezembro de 1645, e está no livro 13. da sua Chancellaria, fol. 375.

Pedro Severim de Noronha, teve Alvará de Secretario das Mercês, e Expediente, feito a 24 de Setembro de 1653, e foy passado a Gaspar de Faria Severim, Secretario das Mercês, seu pay, na mesma fórmula do proximamente referido; e existe o dito Alvará no livro 25. da Chancellaria do dito Rey, fol. 65.

Antonio Pereira da Cunha, foy seu Secretario do Conselho de Guerra por Carta feita em Lisboa a 21 de Janeiro do anno de 1641, que está no
livro

livro 13. fol. 13, e nella relatando os seus merecimentos, diz: *Hey por bem de lha fazer do cargo de meu Secretario do Conselho de Guerra.*

Pedro da Sylva, Conde de S. Lourenço, foy Regedor das Justiças, de que teve Carta passada a 8 de Janeiro de 1641, que está no livro 10. fol. 3.

Garcia de Mello, foy Monteiro môr do Reyno, officio, em que succedeo a Francisco de Mello, do seu Conselho: consta da merce das rendas de Aguiar da Beira, Sataõ, Redemoinhos, e Seileiro de Queiraõ, a qual foy feita a 18 de Setembro de 1652, e está no livro 8. fol. 339.

Dom Jorge Mascarenhas, Conde de Serem, foy Marichal do Reyno por Carta de 27 de Janeiro de 1650, a qual está na Chancellaria delRey D. Affonso VI. livro 28. fol. 239, e diz a Carta, que pelos serviços do Conde D. Fernando seu pay, do Conselho de Guerra, o qual faleceo no anno de 1649, tendo sido General da Beira.

Jaz o seu Real corpo em magnifico Mausoleo no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho, em Tumulo com duas faces, que fica debaixo do Sacrario, e da parte do Altar tem este Epitafio: Prova num. 21.

Siste Hospes: Regum virtutes quæris in uno?

Joannes Quartus conditur hoc Tumulo.

Hic Lysiam asseruit, servavit, rexit, & auxit:

Jure, armis, nutu, limitibusque novis.

Da

Da face da parte do Coro o seguinte:

*Impia sacrilegi peteret cum dextra Joannem ,
In niveo Custos adfuit orbe Deus.
Ergo vel in Tumulo Rex hanc se sistit ad aram ,
Custodem ut Custos excubet ante suum.*

No pavimento immediato à Real Urna, mandou o Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes sepultar o seu coração, e se lhe gravou em memoria de taõ insigne Varaõ estes disthicos:

*Hic, ubi Lusitadum jacet Instaurator in Urna ,
Pignus habet positum Cor Marialva suum.
Corde suum sequitur Regem Marialva sepultum ,
Ut vitam credas, non periisse fidem.*

Foy ElRey de meãa estatura, muy gentil-homem antes das bexigas, que alguma cousa lhe diminuiraõ este dote, o cabello era louro, os olhos azues, alegres, e agradaveis, a barba mais clara, que o cabello, o corpo grosso, e taõ robusto, que fenaõ tivera desordem no alimento, parece seria mayor a sua duraçaõ. Naõ fez caso da pompa no vestir, antes applicou grande diligencia, porque se naõ alterassem os trages: pelo que costumava dizer, naõ queria, que as outras Nações se fizessem Senhoras dos seus Vassallos pelos trages, e que todo o alimento sustentava, e todo o pano cobria.

Na

Na conversação foy discreto , agudo , e prompto nas repostas ; e não sendo as palavras as mais polidas , usava dellas com tal arte , e galantaria , que ainda hoje se applaudem em muitos despachos , que se vem da sua propria mão. Delle vimos diversos papeis excellentemente lançados , e dignos de se perpetuarem : entre elles he humma memoria , que deixou à Rainha sua esposa quando no anno de 1643 passou à Provincia de Alentejo , e lhe encarregou o governo do Reyno na sua ausencia , em que com admiravel providencia previo tudo o que podia occorrer , e o modo como se havia de haver , deixando tudo ao arbitrio , e prudencia da Rainha , em que muito confiou a diliberação , quando não houvesse tempo de elle poder ser ouvido. Este Original se conserva na Livraria manuscrita do Duque de Cadaval , e outro , que ElRey mandou lançar nas Cortes com nome supposto , o qual tambem he Original escrito da propria mão delRey : nelle se vê a vigilancia , cuidado , e politica , com que procurava o mayor bem do Reyno , sendo elle o mesmo , que advertia a si mesmo , mostrando os descaminhos , e o modo de evitallos , explicando-se com tanta energia , e enfase , que sendo o estylo claro sem algum artificio , se reconhece a prudência , que faz mais brilhante o seu admiravel talento , de que deu singulares provas , no que temos referido. Não foy menor a politica da idéa de prevenir os animos dos seus Vassallos para os ter contentes,

Prova num. 22.

Prova num. 23.

tentes, e fatisfeitos, com os bons successos das suas armas; e assim elle mesmo compunha as Relações, que naquelle tempo se imprimirão, e ditando-as, as escrevia Antonio Cavide seu criado, que occupou grandes lugares, e de quem fez grande confiança, para que assim espalhando-se pelo Reyno, e Conquistas, chegasse à noticia de todos os seus Vassallos a gloriosa defenſa, com que as suas Tropas triumphavaõ dos seus inimigos, e são as que se vem impressas, e comprehendem desde o anno de 1641 até o de 1653. Amou a Musica com tanto gosto, e inclinação, que foy eminente nesta Arte, sendo tanta a curiosidade, que nem as grandes occupações de Rey lha puderaõ diminuir para deixar de a seguir em quanto viveo: assim todos os dias se levantava às cinco horas, e até às sete se empregava no estudo da Musica, depois continuava com os negocios, e governo de seus Reynos, e tanto que acabava de jantar, nas horas de festa, que eraõ para o descanso, se empregava em provar as Musicas, que lhe vinhaõ de fóra para ver as que havia de mandar cantar na sua Capella, e com os sinaes, que lhe punha, as approvava, ou reprovava, e sempre concluía esta prova com hum *Miserere*. Não queria, que os seus Musicos de ordinario cantassem obras humanas, senaõ Musica de Igreja, porque a outra afeminava as vozes. Compoz as Obras seguintes: *Defensa de la Musica moderna contra la errada opinion del Obispo Cyrillo Franco*, que se imprimio

primio em quarto, sem anno, nem lugar. Depois se imprimio em Lisboa em 1649, tambem sem o lugar da edicão. Outra vez traduzida na lingua Italiana se imprimio em quarto sem dizer onde; porém entende-se, que foy impressa em Roma no anno de 1655. Neste livro se vê no principio hum Soneto do mesmo Author em louvor da Musica moderna, e nas letras iniciaes dos quatorze versos se lê: *ElRey de Portugal*. He dedicado a Joaõ Lourenço Rebello seu criado, taõ insigne na Musica, que mereceo este singular favor delRey, o qual era Fidalgo da sua Casa, Commendador de S. Bartholomeu de Rabal na Ordem de Christo, e no fim da Dedicatoria se vem estas duas letras: *D. B.* que querem dizer: *Duque de Bragança*. O Padre Joaõ Alvares Frowo, Capellaõ, e Bibliothecario delRey, Mestre da Sé de Lisboa, imprimio no anno de 1662 em Lisboa hum livro em quarto intitulado: *Discursos sobre a perfeicão do Diathesaron, e louvores do numero Quartenario, em que se contém hum Encomio sobre o papel, que mandou imprimir o Serenissimo Senhor ElRey D. Joaõ o Quarto em defesa da Musica moderna, e resposta sobre os tres breves negros de Christovaõ de Morales*; nelle vem no fim o referido encomio. Compoz mais: *Respuestas à las dudas, que se pusieron à la Misa: Panis, quem ego dabo, del Palestina*; as quaes correm impressas no livro quinto das suas Missas, que se estamparaõ em Lisboa no anno de 1654 em quarto. Depois se

imprimio esta Obra separada em Roma por Mauricio Balmonti em 1655 em quarto, traduzida em Italiano. Compoz mais dous Motetes, que andão impressos no fim das Obras de João Lourenço Rebello, que se imprimiraõ em Roma, e foraõ ouvidos com admiração dos professores, por se não fazer crível, que hum Rey compuzesse com tanta sciencia. Fez tambem huma *Magnificat* a quatro vozes; o *Psalmo Dixit Dominus* a oito vozes; o *Psalmo Laudate Dominum omnes gentes* a oito vozes; hum Concerto sobre o Canto-Chaõ do Hymno *Ave maris Stella*, e outras Obras miudas. Tinha composto hum livro de Musica, e quando morreo recommendou se mandasse imprimir, o que se não executou. Pelo que, elle foy taõ sciente na Musica, que podera ser hum dos mais celebres professores desta taõ estimada Arte, de que ajuntou a famosa Livraria, que se conserva, a que deixou subsistencia para augmentarse. Foy naquelle seculo muy valida dos Principes a Musica, em que se distinguiraõ tambem o Emperador Fernando III. e ElRey D. Filippe IV. de Castella, os quaes não só foraõ intelligentes desta suave Arte, mas compuzeraõ Motetes, que ElRey D. João tinha na sua Livraria da Musica; e entre outros era hum Soneto, que ElRey D. Filippe compuzera, e havia posto em Solfa, que começa:

*Yaze a los pies de aquel sagrado Leño
Bañada en tiernas lagrimas Maria.*

A Rai-

A Rainha Christina sabendo o gosto, que ElRey fazia da Musica no principio do seu Reynado, lhe mandou hum manuscrito antigo de Guido Aretino, celebre Author, que reduzio a Musica ao estado presente das seis vozes: *Ut, re, mi, fá, sol, lá,* e destas, e de outras excellentes Obras deixou enriquecida a sua famosa Livraria da Musica, da qual se principiou a fazer hum excellente Catalogo, de que o primeiro tomo corre impresso com o titulo: *Primeira parte do Index da Livraria da Musica do muito Alto, e Poderoso Rey D. João IV. nosso Senhor. Por ordem de Sua Magestade, por Paulo Craesbeck anno 1649* em quarto com 521 paginas. Referemse neste Index os livros, que se guardavaõ numerados em quarenta caixoes, dos quaes huma grande parte saõ manuscriptos de notavel estimaçaõ, e compostos pelos mais peritos Authores das Nações Portugueza, Castelhana, Italiana, Franceza, Ingleza, Alemãa, e Hollandeza. Ao exercicio da caça teve ElRey grande propensaõ, e em huma, e outra foy excellente, destro, e bizarro. Amou a justiça sem declinar em severo, de que alguns delinquentes se atreveraõ ao culpar, o que muitas occasioens desmentio com a piedade, com que se houve com os culpados. Da sua devoçaõ, e piedade deixou immortaes monumentos nos publicos testemunhos da sua Religiaõ, e no ardente zelo, com que tomando por Protectora de seus Reynos a Virgem Santissima no soberano Myste-

Prova num. 24.

rio da sua Immaculada Conceição, os fez juntamente tributarios à Igreja deste titulo de Villa-Viçosa, como já deixamos dito; e aquella grande Doação, com que restituiu as rendas do Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça, que estavaõ unidas à Abbadia Commendataria, tornando-as aos Monges na mesma fórma, em que lhas dera o seu invicto avô, e predecessor o Santo Rey D. Affonso I. confirmando-a, e ratificando a dita Doação com generosa piedade: e foy passada a Carta a 4 de Fevereiro de 1642, com condição, e obrigação de sempre terem o Santissimo Sacramento exposto no Altar à publica veneração em Lausperenne, assistido de Monges em turmas, continuando sem interpoção de dia, e de noite os Divinos louvores; o que se verificou no tempo delRey D. Pedro seu filho. Finalmente compunha-se de taõ invencivel valor, como se vio na empreza, que intentou, e conseguiu com taõ poucos meynos: mas com a industria, e com a despeza, resgatou a vida de seus Vassallos, e neste politico segredo despendeo thesouros em publica utilidade: e assim a sua memoria será sempre saudosa, e servirá de admiração aos seculos futuros, pois as suas virtudes o fizeraõ digno de mais largo Imperio.

Casou em 12 de Janeiro do anno de 1633 com a Rainha D. Luiza Francisca de Gusmaõ, entaõ Duqueza de Bragança, a qual havia nascido em hum Domingo 13 de Outubro de 1613 na Cidade de

de São Lucar de Berremeda , a qual havia ganhado ElRey Dom Affonso o Sabio no anno de 1264 aos Mouros , povoação agradavel pela situação , e fertilidade , que tendo contado depois huma larga serie de annos na Casa de Medina Sidonia , ElRey Filippe IV. a unio à Coroa no anno de 1645 nas desconfianças , que teve com esta grande Casa , até que no anno de 1700 lhe restituiu as alcavallas o Catholico , e generoso Rey Filippe V. sendo esta a primeira merce , que fez depois de entrar na Monarchia de Hespanha. Era filha de D. João Manoel Peres de Gusmaõ , VIII. Duque de Medina Sidonia , e da Duquesa D. Joanna de Sandoval. Foy o seu nascimento festejado com extraordinarias demonstrações de seus pays , em cuja Casa , se refere , havia hum Mouro cativo , que entre os seus se jactava de bem nascido , e estimado por Astrologo Judiciario , com engenho agudo : e desejando conseguir a sua liberdade , e dar da sua sciencia huma demonstração , fallou aos Duques dizendolhe , que observada a hora , e a dominação , e conjunção dos Astros de quando nascera a Senhora D. Luiza , indicavaõ , que seria coroada Rainha. Ouviraõ os Duques o prognostico , e sem mais credito , do que deviaõ à pouca fé do Mouro , o despediraõ. Espalhou-se na Cidade a noticia , e com aquella costumada leveza , com que o vulgo discorre , disputavaõ nas conversações qual seria a Coroa , com o fundamento , que não era a primeira , que do sangue de
Gusmaõ

Gusmaõ sobiria ao throno de Hespanha. Esta tradiçaõ ainda hoje se conserva na Corte de Madrid entre as pessoas grandes della, e referida pelos seus mayores, como constante na Casa de Medina Sidonia. Durou esta pratica até o dia do seu casamento, em que deraõ por desvanecido o prognostico; mas não falta quem affirme com memorias daquelle tempo, que nas ultimas expressoens do carinho do Duque seu pay, quando se despedio da Senhora D. Luiza, ao ultimo abraço lhe differe, por lhe aliviar as saudades: *Ide filha muito contente, que não ides para Duqueza, senão para Rainha*; alludindo à grandeza da Casa de Bragança, que no trato, e magnificencia parecia Real, se he que não lhe manifestava com occultas idéas o direito da Coroa Portugueza: porém o que entaõ a casualidade referia, sem que parecessê podia ter cumprimento, veyo o tempo a segurar em realidade. Não sendo na Historia approvado este vaticinio, não he difficultoso o successo, nem menos se faz difficultosa a crença de poder ter sido vaticinado pelo Mouro; porque não era profecia; e ainda estas vimos expressadas pela boca da gentildade, e era formado sobre sciencia, que ainda que fallivel, tem muitas regras, de que lemos admiraveis testemunhos, e fosse, ou não verdade o referido, nada implica à possibilidade. Concertou-se o seu casamento, e recebidos por procuração, se ajustou o dia da partida para Portugal, e sahiraõ de Villa-Viçosa

Viçosa o Duque de Bragança acompanhado de seus irmãos os Senhores D. Duarte, e D. Alexandre, como já deixamos dito. Foy esta Princeza dotada de excellentes virtudes, e prudencia, com grande viveza de espirito, com notavel animo, e coração, naturalmente elevado à gloria de desejos grandes, e magnificos; de sorte, que não falta quem diga, que assim que entrou a ser Duquesa de Bragança, começou apôr os olhos no throno, que pertencia ao Duque seu marido, a quem revestia destas maximas, ainda quando mais affectava o retiro. Todo o tempo, que assistio em Villa-Viçosa, foy venerada como Oraculo, e tão respeitada do Duque seu marido, que na duvida de aceitar a Coroa, o resolveo com a generosa opiniaõ, e prudente maxima, de que era mais conveniente perigar Rey, que Vassallo. ElRey em quanto viveo, lhe communicou os negocios mais graves da Monarchia, em que muitas vezes o seu parecer acreditava a felicidade dos successos, de que nunca fez jaçtancia de se deverem ao seu discurso, porque só amava a gloria delRey, que em tudo lhe mostrou o grande affecto, com que a estimava; e assim lhe fez Doação amplissima de muitas Villas, e Lugares, que ficaraõ hereditarios para as Rainhas destes Reynos. Na morte delRey lhe ficou encommendada a regencia do Reyno, para o que instituio para as materias do governo a Junta nocturna, composta dos Ministros mais zelosos, e mais experimentados, os
quaes

Prova num. 25.

quaes ouvia , e resolvia com tal acerto , que a pe-
zar do formidavel poder de Castella, sustentou a
guerra com tanta reputação das suas Armas, vi-
ctoriosas, e triunfantes, que seguraraõ a Coroa na
sua descendencia. Sustentou a Rainha o grande pe-
zo da Monarchia no tempo, em que os embarços
domesticos, e externos, a combateraõ com mayor
força, naõ servindo de perturbação àquelle varonil
animo as desattenções, que experimentou em El-
Rey seu filho, que dominado de ambiciosas vontades,
deu occasião a que lhe largasse o governo antes
de tempo no anno de 1662: e vivendo no Paço
algum tempo sem governar, com igual Magestade
àquella, que soube mostrar quando imperava; mo-
vida de mayores pensamentos se recolheo ao Mosteiro
de Religiosas Descalças de Santo Agostinho, que ella
fundou, e dotou. No dia 17 de Março de 1663 sahio a
Rainha do Paço acompanhada del-Rey D. Affonso, do
Infante D. Pedro, e de toda a Corte: sahio em publico
em hum coche de veludo negro, com duas Senhoras de
Honor nos estribos, o coche de respeito, a que se seguia
o delRey, precedidos ambos do do Infante, que hia com
El-Rey, e o Estribeiro môr no estrivo da parte direita,
e no da esquerda o Camereiro môr, e quatro coches de
Damas. Tanto que a Rainha se apeou, ElRey, e o Infante
a acompanharaõ até à casa do docel, que estava no seu
quarto, e alli se despedio de seus filhos, e das Damas,
ficando só Dona Isabel

bel de Castro na Claufura , duas Dónas da Camera , e algumas criadas inferiores, o Conde de Santa Cruz seu Mordomo môr , Ruy de Moura Telles , Estribeiro môr , D. João de Sousa , Veador da sua Casa , e o Doutor Belchior do Rego de Andrade seu Secretario , porque a Rainha do Mosteiro governava a sua Casa , e os tres Fidalgos , e Secretario continuaraõ aquella assistencia fóra da Claufura : a ella reduzio toda a Real grandeza , occupando-se em virtuosos exercicios , que piamente cremos lhe abriraõ as portas da Eternidade. Faleceo no dia 27 de Fevereiro de 1666 em hum Sabbado às nove horas da noite , tendo recebido o Santissimo Viatico , e a Unção , com tantas demonstrações de piedade , que manifestavaõ a pureza do espirito. Fez a protestaçaõ da Fé , e com vós clara , e intelligivel pedio perdaõ aos seus criados , que todos consternados da dor da sua falta , respondiaõ com copiosas lagrimas mostrando a sua fidelidade. Havia feito o seu Testamento por maõ do seu Secretario Belchior do Rego de Andrade , e aprovado a 25 de Fevereiro do dito anno , no qual nomeou por seu Testamenteiro , e herdeiro a ElRey seu filho , a quem recommendou os Fidalgos , que a serviraõ , e que lhe agradecesse o cuidado , e amor , com que a haviaõ servido , e juntamente lhe lembra os despachos dos seus criados , e criadas , dizendo : *Que ficaõ muito desamparadas , esperando , que Sua Magestade o faça , como delle espero.* Recommen-

da se acabem as suas fundações, e com poucas clausulas deu o Testamento por acabado, o qual affinou; porém como a doença era mortal, a debilitou de sorte, que já não o pode fazer na approvação, e por seu mandado o fez o Conde de Santa Cruz seu Mordomo môr, e foraõ testemunhas o Marquez de Marialva, o Marquez Almirante, o Conde dos Arcos, Ruy de Moura, Antonio de Mendoça, o Bispo de Targa, Gaspar de Faria Severim, e D. Lucas de Portugal. Em virtude do seu Testamento foy o seu Real corpo depositado na Igreja de *Corpus Christi*, no Hospicio dos Carmelitas Descalços, em quanto se não acabava a Igreja do Mosteiro das Religiosas Descalças de Santo Agostinho, que ella havia fundado, e dotado. Para o que logo se ajuntou o Conselho de Estado, aonde se ordenou o seu funeral, ordenando-se tudo o que se havia executado no delRey seu marido. Pegaraõ no caixaõ o Marquez de Marialva, o Marquez de Niza, os Condes de Miranda, Ericeira, S. Joaõ, Arcos, Santa Cruz, Villa-Verde, Unhaõ, e Ruy Fernandes de Almada. Cantou a Missa de Pontifical o Bispo de Targa, e os Resposos o Arcebispo eleito de Braga, os Bispos eleitos de Leiria, do Porto, Esmoler môr, e o Bispo Confessor. Foy a Rainha D. Luiza ornada de heroicas virtudes, e humas das mais excellentes Princezas, que vio o Mundo, com admiravel constancia, grande resolução, e animo taõ varonil, que nada a perturbava.

bava. Amou com extremo a ElRey seu marido, o qual lhe correspondeo de forte, que nas empresas mais arduas seguio o seu parecer, que estimou tanto, que ao seu arbitrio deixou as disposições da Monarchia, que ella seguio na regencia do Reyno com tanta fortaleza, como sentimento da sua falta; mas com tão grande coração, que a pezar dos embaraços domesticos, triunfou das Armas de Castella, e dos seus negociados no casamento da Infanta sua filha com ElRey de Inglaterra, com tanta politica, como authoridade. Teve hum entendimento sublime com grande discrição; os seus papeis eraõ excellentemente lançados, de que vimos diversos: alguns se conservaõ na Livraria do Duque do Cadaval, e para gloria da sua memoria, e satisfação dos curiosos, lançaremos nas Provas hum, *Prova num. 26.* que escreveo, quando quiz deixar o governo do Reyno, que regeo com Christãas, e uteis maximas, que faraõ recommendavel na posteridade o seu Real nome.

Como a obra do Mosteiro, que a Rainha fundava, era grande, se mudou o seu corpo do lugar, em que primeiro fora posto, por ordem del-Rey D. Pedro seu filho no anno de 1691. Para o que no mez de Fevereiro foraõ nomeados para irem à Igreja de *Corpus Christi* fazer a mudança do corpo da Rainha, os Conselheiros de Estado, a saber: o Cardeal de Lencaestre, o Marquez de Arronches, o Marquez de Alegrete, o Conde de Val de

Memorias m. f. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. 2. dos Copiadores, pag. 235.

Reys, e o Conde de Alvor, e para servir o officio de Reposteiro môr Fernão de Sousa Coutinho, Veador da Casa Real, e Lourenço Pires Carvalho, do Conselho de Sua Magestade, que servia de Provedor das Obras do Paço, e Roque Monteiro Paim, que servio de Secretario de Estado. E estando juntos às tres horas da tarde na Igreja do dito Hospicio com as portas fechadas, vieraõ os Religiosos com Cruz, e vélas accesas, com tres Padres revestidos com Pluviaes de veludo negro com o fundo de ouro, e cantaraõ hum Responso: acabado elle, chegaraõ à Eça, onde estava o caixaõ com o corpo da Rainha, assistido dos Conselheiros de Estado, e tirando o Reposteiro môr de cima do caixaõ a almofada, e Coroa, a poz em hum prato de prata dourada, que tinha nas mãos o Guarda da Tapeçaria: tirou depois o pano, que deu ao mesmo Guarda da Tapeçaria, e elle aos Reposteiros; e o Provedor das Obras do Paço tinha as chaves para se abrir o caixaõ, que era de veludo negro com quatro fechaduras douradas, duas por banda, e sendo aberto, tirou a tampa, que se deu a dous Reposteiros, e chegando-se os Conselheiros de Estado, e os Officiaes da Casa Real, pegaraõ nos cordoens, que estavaõ prezos nas seis azas de outro caixaõ, que estava dentro, que tambem era forrado de veludo negro com quatro fechaduras, e o levarãõ para debaixo do Sacrario no lugar, que se havia preparado para o deposito, ao que ajudaraõ

raõ oito Reposteiros a respeito de ser muito o pezo do caixaõ ; e posto naquelle lugar , o Provedor das Obras mandou logo pôr grades para resguardo , de que o Secretario de Estado fez hum termo , que os Ministros todos assinarãõ , e o Prelado do Hospicio. Depois, que se acabou a Igreja do Mosteiro de Santo Agostinho de Religiosas Descalças , que ella fundara , e em que vivem com grande aspereza , e continuo silencio , sem trato , nem communicacão alguma com o Mundo , ordenou El-Rey Dom João V. seu neto , que em virtude , do que a Rainha sua avó mandara no seu Testamento , se trasladasse o seu corpo para aquelle lugar , encarregando esta mudança ao Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira de Mello , e ao Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real ; assim em hum Sabbado , que se contavaõ 17 de Junho do anno de 1717 , se trasladou o caixaõ , em que estavaõ os ossos da Rainha na Igreja de *Corpus Christi* , para a de Santo Agostinho , onde jaz de traz do Altar môr. A' sua Real pessoa serviraõ entre outras muitas , as que referiremos , que casualmente encontrámos , e saõ as seguintes.

Prova num. 27.

Dona Filippa de Vilhena , Condessa de Atouguia , foy sua Camereira môr com o titulo de Marquieza de Atouguia , e depois foy Aya delRey D. Affonso VI. e delRey D. Pedro.

Foy tambem sua Camereira môr a Marquiza de Ferreira D. Joanna Pimentel , occupacão ,
que

que começou a exercitar sendo casada , quando a Rainha veyo de Villa-Viçosa , em que continuou até que faleceo no Paço a 11 de Setembro de 1657.

D. Sancho de Noronha, VI. Conde de Odemira , foy seu Mordomo môr , o qual sendo nomeado a 25 de Dezembro de 1640 , se lhe passou Carta em nome da Rainha a 6 de Dezembro de 1641 , que está no livro 10. da Chancellaria delRey D. João IV. fol. 60.

D. Francisco de Mello , Marquez de Ferreira , do Conselho de Estado , foy seu Mordomo môr , de que teve Carta passada pela mesma Rainha , feita a 4 de Janeiro de 1642 , que está no dito livro fol. 337.

D. Miguel de Almeida , Conde de Abrantes , do Conselho de Estado , foy Mordomo môr , lugar , que exercitava no anno de 1656 , como se vê no Auto do Levantamento delRey D. Affonso VI. que se imprimio.

Fernão Telles da Sylva , I. Conde de Villar-Mayor , do Conselho de Estado , foy seu Mordomo môr.

D. João Mascarenhas , III. Conde de Santa Cruz , que havia sido Veador da Casa delRey seu marido , foy Mordomo môr , como se vê no Testamento da Rainha , que affinou com este cargo , e depois o foy da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya , como se vê no Juramento do Principe

cipe D. Pedro Regente , feito a 27 de Janeiro de 1668 , que se imprimio.

D. Luiz de Noronha, Alcaide môr de Monforte , Commendador na Ordem de Christo , foy seu Estribeiro môr , e já o havia sido delRey seu marido sendo Duque de Bragança , de que se lhe passou Carta feita no primeiro de Janeiro de 1641 , que se pôde ver na dita Chancellaria. fol.197.

D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo, foy Estribeiro môr da Rainha , e faleceo estando com ElRey em Salvaterra , em attenção do que não foy ElRey naquelle dia à caça.

Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado , Vêdor da Fazenda , foy seu Estribeiro môr , e havia sido Veador da sua Casa , e já exercia este lugar no anno de 1656 , em que acompanhou ao Infante D. Pedro nas Cortes , que então se celebraraõ , como se vê no Auto , que então se imprimio.

He certo , que outras muitas pessoas de grande nascimento se empregaraõ no seu Real serviço ; porém como não fazemos Catalogo dellas , sómente referimos as que casualmente encontrámos em documentos , que não padecem duvida.

Desta Real uniaõ nasceraõ os filhos seguintes.

18 O PRINCIPE D. THEODOSIO , de quem no Capitulo II. se fará menção.

18 A SENHORA D. ANNA , nasceo em Villa-Viçosa a 21 de Janeiro de 1635 , e no mesmo dia pagau-

pagando o tributo à morte, voou à eternidade, e jaz no Coro das Religiosas do Mosteiro das Chagas de Villa-Viçosa, onde tem este Epitafio:

Aqui jaz a Senhora Dona Anna, filha do Duque Dom João II. deste nome, e de sua mulher a Senhora Donna Luiza de Gusmão, nasceu, e faleceu a 21 de Janeiro de 1635 annos.

18 A INFANTA D. JOANNA, nasceu em Villa-Viçosa a 18 de Setembro de 1636, e no ultimo dia do mez recebeu o sagrado Bautismo na Capella Ducal, administrado por Antonio de Brito de Sousa, Deão da mesma Capella: foy seu Padrinho pela devoção, e piedade dos Duques Fr. Antonio da Covilhãa, Sacerdote professo da Provincia da Piedade, Religioso de grande observancia, de muita oração, e asperas penitencias, que depois acabou com fama de santidade. A natureza dotou a Infanta de agradavel fermosura, e estando na flor da idade, depois de dilatada doença, acabou a 17 de Novembro de 1653, e jaz no magnifico Mosteiro de Belém, juntamente com seus irmãos.

18 A INFANTA D. CATHARINA, Rainha da Grãa Bretanha, como se dirá no Capitulo III.

18 O SENHOR D. MANOEL, nasceu em Villa-Viçosa a 6 de Setembro de 1640, e no mesmo dia

dia regenerado pela graça com o Santo Bautifmo, passou ao Ceo, e jaz no Convento dos Religiosos de Santo Agostinho no enterro dos Duques.

18 ELREY D. AFFONSO VI. de quem se tratará no Capitulo IV.

18 ELREY D. PEDRO II. que occupará o Capitulo V.

Teve ElRey fóra do Matrimonio

18 A SENHORA D. MARIA illegitima, que viveo recolhida no Mosteiro de Santa Theresá das Carmelitas Descalças de Carnide, Lugar distante hum legoa da Cidade de Lisboa. ElRey estimou muito a esta filha, porque não só a declarou no seu Testamento, mas nelle lhe fez merce da Comenda mayor da Ordem de Santiago, e das Villas de Torres Vedras, e Collares, e dos Lugares da Azinhaga, e Cartaxo, que juntamente fez logo Villas com jurisdicção à parte, e estas Doações de juro, e herdade para sempre, fogueitas à Ley Mental: e se no decurso do tempo pudesse haver alguma duvida, ordenava ao Principe seu filho, e successor, lhas houvesse de satisfazer em quantia equivalente. Além disto lhe deu mais cincoenta mil cruzados em dinheiro para compor a sua casa; porque ElRey cuidou em dar estado a esta filha, como elle refere no seu Testamento, dizendo, que tudo sabia Antonio Cavide (pessoa de quem muito confiou) e que assim pedia à Rainha, que se informasse del-
le para seguir a sua mesma vontade. Depois El-

Tom. VII.

Kk

Rey

Rey D. Affonso por hum Decreto confirmou esta Doação em observancia, do que seu pay ordenara, e accrescentava : *E pela boa vontade, que tenho a D. Maria minha muito amada, e prezada irmãa ; foy feito em Lisboa a 18 de Novembro de 1656, o que logo passou o mesmo Rey por nova Doação a huma Carta feita em Lisboa a 25 de Novembro de 1656 por Luiz Teixeira de Carvalho, e sobrescrita por Pedro Vieira da Sylva. Antes delRey seu pay falecer lhe escreveo a Carta seguinte, que lancey para demonstração do amor, e equidade deste grande Rey: Minha filha, foy Deos servido, que a primeira vez, que tendes Carta minha seja despedindome de vós, e dandovos a minha benção, acompanhada com a de Deos, que fique convosco, e lembraivos sempre de mim, como eu o fiz de vós: escrita em Lisboa a 4 de Novembro de 1656. (e de propria mão) Vosso Pay, que fica com grande sentimento de não vos ver. REY. Os Reys, e Rainhas, que depois se seguirão, a tratarão com grande attenção, distinguindo-se muito ElRey D. Pedro, que muito estimou esta irmãa. A Rainha D. Maria Francisca a foy ver a Carnide, e para que se faiba a formalidade, com que os Reys costumão honrar aos seus irmãos, ainda que illegitimos, diremos o modo, com que a Rainha D. Maria Francisca de Saboya o fez com esta Princeza, quando a primeira vez foy ao Mosteiro de Carnide. A Senhora D. Maria esperou a Rainha na portaria da*
parte

parte de dentro , e se poz de joelhos para lhe beijar a mão , a Rainha com grande agrado a fez levantar , e indo para o Coro a fazer oração , havia no sitial , que estava para a Rainha , hum almofada , que estava descoberta , mais afastada , para a Senhora D. Maria se pôr de joelhos. Acabada a oração , foy a Rainha para o aposento da Senhora D. Maria , e postas no estrado as almofadas para a Rainha , no mesmo estrado se poz hum almofada para a dita Senhora defronte da Rainha , mais chegada , do que se costuma às Duquezas. Merendou a Rainha , e assentando-se para comer ficou em pé a Senhora D. Maria , não de traz da cadeira , mas na ilharga ; e quando chegou a confeitadeira , deu a Rainha hum bocado de doce à Senhora D. Maria , e quando Sua Magestade tomou a copa para beber , a Senhora D. Maria lhe quiz dar a toalha , o que a Rainha não consentio. Era tratada pela Corte de Alteza , tornando Excellencia aos Grandes , e Senhoria aos Fidalgos de qualidade , que não eram Titulos. Viveo sempre neste Mosteiro em habito de Religiosa , ainda que era de materia mais fina. Fez a Igreja , que ornou com retabolos , e ricas alfayas , preciosa Custodia para expor o Santissimo , em que gastou mais de cincoenta mil cruzados ; mandou lavrar os dous Córos das Religiosas ; a quem deu quarenta mil cruzados para se empregarem em renda para o Mosteiro , em que fez outras muitas obras de grande custo , de sorte , que

veyo a ser Padroeira delle, como o he do Mosteiro de Religiosos da mesma Ordem no Lugar de Carnide da invocação de S. Joaõ da Cruz. Morreo a 6 de Fevereiro de 1693, e jaz no Coro debaixo, onde tem o seguinte Epitafio:

*Maria inclyti Joannis IV. Lusitaniæ
reparatæ Regis filia jacet hic sepulta
sub saxo: sex annis Infans Claustrum
ingressa, condito Templo, & Virginum
Coro fure patronatus fecit esse suum:
expletis denique quinque decennis fi-
nem vitæ fecit viam pacis habens ut
mortua in pace requiescat. Obiit 7 idus
Februarii Anni Domini M.DC.XCIII.*

Por sua morte se recolheo ElRey por cinco dias, e tomou luto de capa comprida por hum mez, e à Corte se fez aviso para assim o observar. Ao seu enterro foraõ assistir alguns Conselheiros de Estado, e Titulos, mas sem ser por ordem mais, que por obsequio devido a tal pessoa: para o que advertidamente acabado o Conselho de Estado, se disse, que era justo acharemse no seu funeral, para que cada hum o participasse aos seus parentes, e amigos para assistirem a esta funcão.

A Rai.

A Rainha
Dona Lui-
za Francis-
ca de Gus-
mao, mu-
lher del-
Rey Dom
João IV.

D. João Ma-
noel Peres de
Gulmao, n.
a 7 de Janei-
ro de 1579,
VIII. Duque
de Medina Si-
donia, Con-
de de Niebla,
Cavalleiro do
Tufão, &c.

D. Alonso Pe-
res de Gusmao,
VII. Duque de
Medina Sido-
nia, Cavalleiro
do Tufão, &c.
+ em Julho de
1615.

A Duqueza D.
Anna da Sylva
e Mendoza.

D. João Carlos de
Gulmao, IX. Con-
de de Niebla, +
em vida de seu
pay no anno de
1554.
A Condeffa Dona
Leonor de Zuni-
ga e Soutomayor.

Ruy Gomes da
Sylva, Principe
de Melito, I. Du-
que de Pastrana,
nasceo em 1516.
D. Anna de Men-
doça de Lacerda,
Princeza de Meli-
to, + a 2 de Fe-
vereiro de 1592.

Dom Francisco
de Sandoval, I.
Duque de Ler-
ma, + Cardeal a
17 de Mayo de
1625.

A Duqueza
D. Joanna de
Sandoval.

A Duqueza D.
Catharina de
Lacerda.

Dom João de La-
cerda, IV. Duque
de Medina Cœli,
Mordomo mór da
Rainha D. Anna
de Austria.

A Duqueza D. Jo-
anna Manoel.

Dom João Alonso de
Gulmao, VI. Duque
de Medina Sidonia,
+ em 1559.
A Duqueza D. Anna
de Aragoão.

D. Francisco de Sot-
tomayor, V. Conde
de Belcazar, III.
Duque de Bejar, &c.
+ no anno 1544.
A Duqueza D. The-
resa de Zuniga e Gus-
mao, + a 25 de No-
vembro de 1565. H.

Francisco da Sylva,
III. Senhor da Cha-
musca, e Ulme, &c.
+ em 1566.
D. Maria de Noro-
nha, + em 1552.

D. Diogo Furtado de
Mendoça de Lacer-
da, Principe de Me-
lito, &c. + a 19 de
Março de 1578.
A Princeza D. Ca-
tharina da Sylva, +
em 1576.

D. Luiz de Sando-
val, III. Marquez de
Denia, &c. Mordo-
mo da Rainha Dona
Joanna, + em 1570.
A Marqueza D. Ca-
tharina de Zuniga.

S. Francisco de Bor-
ja, IV. Duque de
Gandia, &c. Geral
da Companhia, + o
1. de Outub. 1572.
A Marqueza D. Leon-
nor de Castro, + a
27 de Março 1546.

D. João de Lacerda,
II. Duque de Medi-
na Cœli, &c. + a 20
de Janeiro de 1544.
A Duqueza D. Maria
da Sylva, + a 16 de
Agosto 1544. 2. m.

D. Sancho de Noro-
nha, Conde de Ode-
mira.
A Condeffa D. An-
gela Fabra, Came-
reira mór da Empe-
ratriz, 2. mulher.

D. João Alonso de Gusmao, nas-
ceo em Fevereiro de 1464, III.
Duque de Medina Sidonia, + a 16
de Julho de 1507.
A Duqueza D. Isabel de Velasco.
D. Affonso de Aragoão, Arcebispo
de Çaragoça.

Anna Urrea.
D. Affonso de Soutomayor, IV.
Conde de Belcazar.

A Condeffa D. Isabel de Castro.
D. Francisco de Zuniga e Gusmao,
II. Marquez de Ayamonte, + a 26
de Março de 1525.
A Marqueza Dona Leonor Manri-
que, + em 1536.

João da Sylva, II. Senhor da Cha-
musca, &c. + em Fevereiro de
1520.

D. Joanna Henriques.
Ruy Telles de Menezes, V. Senhor
de Unhão, &c. Mordomo mór da
Emperatriz D. Isabel, + em 13 de
Outubro de 1528.

D. Guiomar de Noronha.
D. Diogo Furtado de Mendoça,
I. Conde de Melito.

A Condeffa D. Anna de Lacerda,
Senhora de Miedes, Pastrana, &c.
D. Fernando da Sylva, IV. Conde
de Cifuentes, + a 16 de Set. 1445.
A Condeffa D. Catharina de Andra-
da e Zuniga, + em 1538.

D. Bernardo de Sandoval, II. Mar-
quez de Denia, Conde de Lerma,
+ em 1536.

A Marqueza D. Francisca Henriq-
ue.
D. Francisco de Zuniga e Velhane-
da, Conde de Miranda, Mordo-
mo mór da Emperatriz.
A Condeffa D. Theresa Henriques.

D. João de Borja, III. Duque de
Gandia, + em 1453.

A Duqueza D. Joanna de Aragoão.

D. Alvaro de Castro, Senhor do
Morgado do Torraão.

D. Isabel de Mello.

D. Luiz de Lacerda, I. Duque de
Medina Cœli, + a 25 de Novem-
bro de 1501.

D. Catharina Bique de Orejon, 3. m.
D. João da Sylva, III. Conde de
Cifuentes, + em 1512.

A Condeffa D. Catharina de Tole-
do.

Dom Affonso, Conde de Faro, +
em 1483.

D. Maria de Noronha, Condeffa
de Odemira. H.

Gasp. Fabra, Senhor de Bariga-
du em Sardenha, Embaixador del-
Rey Catholico a Portugal.

D. Isabel de Centelhas, 2. mulher.



CAPITULO II.

Do Principe D. Theodosio , herdeiro da Coroa de Portugal , Principe do Brasil , e Duque de Bragança.

18



STE insigne Principe nasceo em Villa-Viçosa a 8 de Fevereiro de 1634, Duque de Barcellos, às quatro horas da tarde, e foy bautizado a 27 do mesmo mez na Capella Ducal pelo seu Deaõ Antonio de Brito de Sousa, na fôrma já referida, e levado à pia por Ruy de Sousa, Fidalgo velho de muita authoridade, que havia sido Copeiro môr do Duque seu pay: foy seu Padrinho o Senhor Dom Duarte seu tio,

- tio, depois Infante de Portugal: foylhe posto o nome de Theodosio em memoria de seu avô; e fobindo ElRey seu pay ao throno, foy jurado Principe, e herdeiro do Reyno a 28 de Janeiro de 1641.
- Prova num. 28. Depois por hum Carta patente, passada a 2 de Mayo de 1642 o nomeou Coronel da Nobreza, com quatro Terços, dos quaes tres se formariaõ de oito Companhias cada hum da Nobreza, para o que se haviaõ tirado listas no anno antecedente, e o quarto feria das Companhias dos privilegiados, naturaes, e estrangeiros da Cidade de Lisboa, e foraõ nomeados Tenentes do Principe, e Governadores dos quatro Terços, o Marquez de Montalvaõ, os Condes da Torre, Unhaõ, e da Calheta. No anno de 1645 por outra Carta patente feita a 27 de Outubro, o declarou Principe do Brasil, e Duque de Bragança, fazendolhe Doação de todo o Estado desta Casa, com todas as jurisdicções, rendas, Padroados, e datas, que pertenciaõ aos Duques de Bragança, na mesma fórma das Doações da Casa, pelas quaes elle a possuiria até o tempo, em que fora restituído à Coroa destes Reynos, e que na mesma fórma a possuiria o Principe, e passaria a todos os Principes herdeiros do Reyno, ordenando, que em nenhum tempo se pudesse unir à Coroa, da qual totalmente a separava, e que os successores dos Reys deste Reyno se chamariaõ Principes do Brasil, e Duques de Bragança; declarando, que no tempo, que faltasse Principe, os Reys governassem
o Es-

o Estado da Casa de Bragança com a mesma divisaõ de Ministros do seu Tribunal, independente de todos os outros, na fórma, que nella se praticava. E para corroborar esta sua disposiçaõ, usou de poder Real, e absoluto, de motu proprio, dispensando; e abolindo quaesquer Leys, Ordenações, Regimentos, Capitulos de Cortes geraes, ou especiaes, que houvesse em contrario, dando pela dita Carta patente todas por derogadas para a sua validade: em virtude da qual foy o Principe D. Theodosio Duque de Bragança, e depois o foraõ sempre os Principes presumptivos herdeiros do Reyno.

A natureza, e a graça ornaraõ este Principe de virtudes heroicas, porque fundando o edificio da sua vida em santo temor de Deos, se admirou nelle veneraçãõ ao culto Divino, piedade, e grande religiaõ, inviolavel castidade, com que conservou a sua alma pura, com tal modestia, que se offendiã de ouvir palavras obscenas, e nunca mais tornou a conversar voluntariamente com a pessoa, a quem ouvio termos immodestos; liberal com a pobreza, magnanimo, liberal, admiravel juizo, e igual valor, e sobre tudo observantissimo da Ley de Deos. Nos annos da sua puericia lhe foy dado por Mestre D. Pedro Pueros, Cavalhero Irlandez, que o instruiu nas bellas letras; e de poucos annos soube, e fallou perfeitamente a lingua Latina, deixando nella compostos alguns Tratados curiosos, e eruditos de diversas materias, que a sua anticipada morte naõ deixou

deixou aperfeiçoar para se imprimirem, os quaes se intitulaõ : *Aureum Sæculum*, outro *Macareopolis*, nome Grego, que val o mesmo, que Bemaventurada Cidade, de que o Original se conserva na Livraria, que foy do Cardeal de Sousa, e possue o Duque de Lafoens. Este livro foy glorioso instrumento para que a Rainha Christina de Suecia seguisse a Religiaõ Catholica Romana; com esta doutissima Rainha teve o Principe communicacão litteraria, e este foy o motivo da felicidade referida; outro *Historia Universal do Mundo*, semelhante à do Padre Turffelino; outro particular de *Suecia*, e outro finalmente de *Sacramento Altaris*, que ambos dedicou, e mandou à Rainha Christina de Suecia, que contribuiãõ muito para a sua conversão, e pela estimacão, que fez destes livros, tratou o seu casamento com o Principe, querendo vir para Portugal viver em hum Reyno Catholico, pois não podia no de Suecia por causa da Religiaõ. Teve sufficiente noticia da lingua Grega, de cujos caracteres, feitos pela sua propria maõ, illustrava os seus escritos; e da Hebraica não teve menos: entendia a Franceza, e Italiana, e fallava com energia a Castelhana. A sciencia, a que mais o genio o levava, foy a da Mathematica, em que teve por Mestre ao Padre Joaõ Paschasio Sciermans, chamado na nossa *Historia Cosmander*, Flamengo de nascimento, e professor insigne desta sciencia, o qual costumava dizer, que quando entrara a lhe dar lição, o achara

ra

ra mais Mestre, que Discipulo; e na verdade elle tendo excellentes Mestres, parece que só o foy de si mesmo nesta faculdade, em que foy insigne com admiração dos que o trataraõ. Soube com excellencia a Filosofia, e Theologia; naõ contava ainda dezafete annos, quando estava senhor destas sciencias, com tanta vastidaõ, como se as professara para o Magisterio. Da Medicina, e da Chymica teve bastante luz, especulando os termos, com que disputava com os Medicos. Do Direito Canonico, e Civil, tocante às Leys Municipaes, aprendeo o que lhe era necessario para administração do governo do Reyno. Nas Artes liberaes era muy versado, jogava as armas com perfeição, e destreza, e assim no manejo dos cavallos, e na architectura militar se exercitava, delineando, e riscando perfeitamente as fortificações: ainda as Artes mechanicas lhe deveraõ curiosidade, obrando relogios, e torneando ovados, como o mais pratico, e forjando espadas de admiravel tempera. Na lição da Historia humana, e Sagrada era erudito, lendo-a com tanta reflexaõ, que apontava com a penna os lugares mais notaveis, colhendo desta sorte copioso fruto da mais alta doutrina. Naõ perdeu de vista os livros politicos, em que se ensina a arte de reynar; porém destes escolhia a politica Christãa, abominando aquelles, que a encontravaõ. Estimava aos Varoens doutos em qualquer faculdade, ou arte liberal; admittia os eruditos à sua presença, e os tra-

Monconys *Voyages* 1.
part. pag. 129 da edi-
ção de Pariz de 1695.

tava com singular benevolencia , favorecendo-os nas suas pertenções. Aos Soldados de conhecido valor generosamente amparava , sentindo , que algum benemerito se achasse sem premio digno do seu merecimento , como se vio no breve tempo , que assistio na Praça da Cidade de Elvas.

Esta jornada intentou o Principe aconselhado sómente do seu valor , e sem mais companhia , que a de D. Luiz de Portugal , Conde de Vimioso , e João Nunes da Cunha , seus Gentis-homens da Camara ; sahio do Paço de noite , passou a Aldea-Galega , onde João Nunes tinha prevenido o que era necessario para a jornada , a qual executou a 2 de Novembro de 1651 , e chegando à venda do Duque , achou ao General da Cavallaria André de Albuquerque com alguns Cavallos , e a Tropa de D. João de Mendoça , que bastava para a segurança daquelle passo , naquelle tempo pouco arriscado. E passando de Estremoz a Elvas , o esperavaõ quinze Tropas , e na Fonte dos Capateiros tres Terços de Infantaria , com os quaes entrou em Elvas com pompa. André de Albuquerque lhe offereceo as chaves da Cidade , e montado o Principe a cavallo , debaixo de hum Pallio , o levou de redea Dom João da Costa , que governava as Armas da Provincia na ausencia do Conde de S. Lourenço. Chegou à noticia delRey a jornada do Principe , e ouviu o Conselho de Estado , em que foraõ diversas as idéas dos Conselheiros. ElRey lhe mandou es-
crever

crever logo no mesmo dia huma Carta, em que lhe dizia, que assim, que foubra da sua partida para a Fronteira, ordenara a D. João da Costa, que estava encarregado do governo das Armas daquela Provincia, obedecesse, e executasse as suas ordens, da mesma maneira, que o havia de fazer às suas, dizendo estas palavras: *Encomendovos muito tomeis o trabalho de querer governar as Armas dessa Provincia em quanto a visitardes, obrando nella tudo, o que vos parecer, sem exceição de caso, ou de negocio algum: espero me deis conta, do que vos parecer capaz de o fazerdes.* O Conde de Miranda Henrique de Sousa Tavares, e o Conde dos Arcos D. Thomás de Noronha, seus Gentis-homens da Camera, o seguirão com beneplacito delRey, e todos os mais, de que se compunha a sua Casa: o mesmo fez huma grande parte da Nobreza. O Conde de S. Lourenço, que conservava o titulo de Governador das Armas de Alentejo, intentou seguir ao Principe para lhe assistir, mas não lho permittio ElRey. O Conde da Ericeira referindo esta jornada diz, que se entendeu, que ElRey levado de particular inclinação, que tinha à grande prudencia, e zelo de D. João da Costa, não quiz, que entre o Principe, e D. João se interpuzesse outro poder: a que posso accrescentar, que tambem foy a vontade do Principe, que lhe fosse immediato D. João da Costa; porque em huma Carta delRey de 9 do mesmo mez de Novembro, respondendo ao

Ericeira, Portug. Ref-taurado, tom. I. liv. I. 2. pag. 745.

Prova num. 31.

Prova num. 32.

Prova num. 33.

Principe com importantes direcções às perguntas, que lhe fizera, diz: *Aqui tenho mandado responder ao Conde de S. Lourenço o mesmo, que me advertis.* Passados alguns dias, depois do Principe estar em Elvas, lhe escreveo ElRey de propria mão huma larga Carta, feita a 26 do referido mez, mostrando-lhe os inconvenientes da jornada, e o quanto poderia ser prejudicial à mesma defensão do Reyno, com razoes tão concludentes, como nascidas das prudentissimas maximas da sua politica; nella se lê em estylo claro, e agradável, a recta intenção daquelle grande Rey. Tambem a Rainha lhe havia anticipadamente escrito outra da sua propria mão a 11 de Novembro com differente methodo; porque sómente explica carinhosa, e discretamente o seu amor, e a sua saudade, de sorte, que na Carta delRey se admira, o que diz, e na da Rainha, o que calou, e em ambas se vê o brilhante daquelles sublimes talentos. Estes Anedoctos veraõ os curiosos nos Tomos das Provas. De Elvas passou o Principe a Villa-Viçosa, e da montaria, que fez, remetteo a ElRey dous porcos montezes, que matou na Tapada, lisongeando a ElRey com a sua mesma inclinação, que lhe respondeo, que sem a sua companhia nada lhe era agradável, e que o desafiava para os porcos de Salvaterra, porque era justo fazella nos bosques, quando a razaõ pedia suspensão nas Fronteiras. Vendo o Principe, que por nenhum caminho podia vencer a deliberação delRey,

delRey , voltou para Lisboa nos ultimos dias de Dezembro do referido anno, com grande satisfação das Magestades , e applauso da Corte , e povo.

Naõ tardou ElRey em attender ao gosto do Principe , porque o declarou Generalissimo das Armas de todo o Reyno , de que se lhe mandou passar Patente , ficando todos os póstos Militares , e Consultas , que tocavaõ à guerra , ao seu arbitrio , com a mesma jurisdicção , e faculdade , que competiaõ a ElRey , passando as Patentes em seu nome , privando , diminuindo , e accrescentando tudo , o que lhe parecesse. Para o que se mandou ordem ao Conselho de Guerra , Junta dos Tres Estados , Contadoria Geral , Governadores das Armas , e a todos os mais Officiaes , assim de Guerra , como de Fazenda de todo o Reyno , para que ao Principe dirigissem suas Consultas , e negocios , e todos os mais Vassallos de qualquer qualidade , e preeminencia , lhe obedeceriaõ nas materias de guerra , e fazenda della , sem limitação alguma. E que esta Patente , pela preeminencia della , se naõ registaria em livro algum , porque em virtude das Cartas , e Decretos mandados aos Tribunaes , Governadores das Armas , e Cameras principaes do Reyno , seria a todos notoria , a qual foy passada em Lisboa a 25 de Janeiro de 1652 , o que elle soube administrar com admiravel prudencia , e justiça. Entaõ fez o Regimento , a que chamaõ do *Principe* , para administração dos tributos , que ainda hoje na Junta dos

Prova num. 34.

dos Tres Estados se observa. No dia, em que tomou posse deste emprego soberano, fez a seguinte Oração, que todos os dias recitava de joelhos diante da Imagem de Christo Crucificado, de quem esperava com fé os acertos.

„ Domine, qui potestates, & regna toti ter-
 „ rarum Orbi dispensas, præis exercitibus, & Dei
 „ Sabahot nomine dignaris, tu de tua immensa bo-
 „ nitate mihi, etsi vilissimæ creaturæ tuæ, Regnum
 „ istum Lusitanum tuendum dedisti, quod & ad
 „ maiorem laudem tuam suscepi, & pro charitate,
 „ quâ tua gratia fretus, intendo, nil aliud volo,
 „ quam quod tuo Sanctissimo nomini gloriosius, &
 „ decentius fuerit. Unde, potentissime Deus, qui
 „ omnia diligenti Te in bonum cessura promissisti,
 „ qui Salomoni regendi scientiam dedisti, Davidi,
 „ & Josue militarem fortitudinem induisti: Te pre-
 „ cor per Unigenitum Filium tuum, Dominum
 „ meum Jesum Christum, ut dum hoccemet mu-
 „ nere fungere velis, sic fortem, & sapientem me
 „ geram, ut plurimas inde tibi referam gratias, quod
 „ de me spondeo, semper facturus. Amen.

Amou de tal sorte a Nobreza, que quando via a ElRey seu pay desgostado com algum Fidalgo, não cessava sem o restituir à sua graça: com o povo parecia pay, mostrando-se com os pobres compassivo, e com todos clementissimo, e amava tanto o de Lisboa, que poucos dias antes de morrer chamou o Juiz do Povo, e lhe disse: *Dizzy ao*
 povo,

povo , que se Deos me der vida , toda hey de gastar em sua defenſa , e ſenaõ , que mais efficaçmente o defenderey no Ceo. E muitas vezes coſtumava repetir: *Que ſenaõ houvette tempo de ver ſeus Vaſſallos livres das oppreſſoens , que padeciaõ , que naõ queria ſer Rey de Portugal.* Eſtas expreſſoens do amor , que moſtrava aos Vaſſallos , o faziaõ igualmente reſpeitado , que amado , de forte , que naõ havia peſſoa , que lhe fallaffe huma vez , que o naõ deſejaſſe repetir muitas , pela affabilidade , e portentoſa graça , e genio deſte Principe. O ſeu talento foy taõ ſublime , e elevado , que de treze annos co- meçou a aſſiſtir no Conſelho de Eſtado , em que de ordinario o ſeu voto era o mais ſeguro , e mais bem fundado , com diſcurſos taõ ſolidamente ponderados , que ſe ouviaõ como vozes de Oraculo. Quando contava quinze annos , já ElRey lhe fiava os negócios mais graves da Monarchia , eſperando no ſeu voto o mais ſeguro conſelho , ou foſſe nas materias Politicas , ou Militares. Naõ ſó no Conſelho ouvia ElRey ao Principe , mas domeſticamente lhe participava importantíſſimas materias , dizendo eſtas palavras : *Quero ouvir o meu Salamaõ* ; termo , que repetia em ſemelhantes occaſioens. Delle ſe conſervaõ votos nas materias Politicas , e Militares mais importantes , que nas Pro-
vas ſe veraõ , tirados dos Originaes eſcritos da ſua propria maõ , que ſe conſervaõ na Livraria do Conde da Ericeira , os quaes já deixámos referidos no
Capitulo

Prova num. 35.

Capitulo I. deste Livro, quando fallámos na vinda dos Principes Palatinos a este Reyno.

Principiava o dia com exercicios santos, em que gastava muitas horas em profunda contemplação, e vivendo sempre abrazado no amor Divino, persuadia aos que tratava familiarmente a considerarem, que cousa era Deos, sobre o que fazia humildemente altissimas contemplações. As palavras, que ordinariamente repetia, eraõ: *Que grande Deos temos, que immensa fermosura he a sua.* Todas as vezes, que o Relogio dava horas, fazia hum fervoroso Acto de contrição; confessava-se quasi todos os dias, e commungava todos os Domingos, e todas as festas mayores do anno de Christo, Nossa Senhora, e Santos de sua mayor devoção. Nelle se anticipou o uso da razão por especial graça, porque não contava quatro annos, idade incapaz da culpa, quando já a reconhecia para se confessar della. Continuou desde os primeiros annos com tão admiravel impulso a penitencia; que se recreava com a solidão, retirando-se como Eremita no tempo, que assistia na Quinta. Castigava asperamente o seu corpo com cilícios, disciplinas, e jejuns; e assim se exercitava em obras de mortificação, não havendo cousa alguma, em que não desejasse imitar aos mais perfeitos Heroes da Santidade. Ornado de tão admiraveis virtudes, veyo a enfermar, e aggravando-se a doença, apuraraõ os Medicos os remedios: e elle abraçando de todo o coração os Divinos, tendo

tendo recebido com profunda humildade, e terníssima devoção os Sacramentos, desde o dia 9 de Mayo até 15, que gastou em santos exercicios, resignado na vontade Divina esperava alegre a ultima hora, e abraçado com huma Imagem de Christo na Cruz, repetindo fervorosamente: *Præbe mihi cor tuum, & ego dabo tibi cor meum: sicut desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te, Deus;* elevado em profunda contemplação, rendeo a sua ditosa alma nas mãos de seu Redemptor, em que lhe tributou o Sceptro, e a Coroa a 15 de Mayo de 1653 para ser coroado entre os Espiritos por toda a eternidade. Jaz no Mosteiro de Belem, depositado na Capella môr debaixo do Sacrario. El-Rey seu pay ordenou no seu Testamento, que fossem os seus ossos trasladados para o Mosteiro de S. Vicente de Fóra com os de sua irmãa a Infanta D. Joanna, onde manda lhes fação sepulturas magnificas, e instituindo quatro Missas quotidianas naquella Igreja, diz: *Duas por mim, e duas pelo dito Principe, e Infantes meus filhos, com Responso, &c.* Foy este virtuoso, e excellente Principe de estatura proporcionada, e de galharda presença, com o rosto grave, branco, e córado, olhos, e cabellos negros, o corpo robusto, antes que os achaques o debilitassem. O seu casamento tratou a grande politica delRey seu pay com a Infanta de Hespanha D. Maria Theresa, depois Rainha de França, e esteve muy adiantada esta delicada negociação, ma-

nejando este negocio o grande talento do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesu, que passou a Napoles com grandes creditos, e prudentes instrucções: e se o Duque de Guisa soubesse conservar-se, e o tumulto daquelle Reyno se não dissipasse, se ajustaria sem duvida este tratado, e o da paz com Hespanha com condições muy ventajosas a Portugal. A sua Vida compoz em Latim o Padre Manoel Luiz, da Companhia de Jesu; e o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes fez humia larga Dedicatoria à sua memoria, que anda na Vida del-Rey D. Joaõ I. Delle trata como de Varaõ Santo Jorge Cardoso no *Agiologio Portuguez* a 15 de Mayo, e com a sua costumada elegancia o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes no primeiro Tomo do seu *Portugal Restaurado*, que testemunha muitas cousas particulares por se haver creado com este Principe, que fez saudosa a sua memoria entre os seus naturaes. Luiz de Sousa, depois Arcebispo de Lisboa, e Capellaõ môr, e Cardeal da Santa Igreja de Roma, que entre os favorecidos deste Principe conhecidamente teve a sua graça, estampou hum livro com o titulo de *Tumulus Theodosii*, o qual acabou com este Cenothafio:

EPITAPHIUM.

DEO,
Qui aufert
Spiritum Principum
S.
M. E.
THEODOSIUS,
Princeps Lusitanæ,
Et Brasiliæ
Imperator vix dum adolescens :
Spei summæ :
Expectationis maximæ,
Sed victæ :
Nostri nec ævi, nec moris,
Sed prisçi.
Intra florem ætatis maturus :
Ante canos senex :
Citra disciplinam doctus :
Supra mortalem excelsus :
Ultra hominem ingeniosus :
Vix imbutus, cum perfectus :
Ægre in limine,
Jam in limite constitutus :
Acerba morte ereptus,
Non immatura præreptus,
Ante diem,

Sed post lucem.

Magna commendatione famæ

Ingenti splendore gloriæ

Occidit innocenti morte.

Rea vitæ,

Quæ destituit,

Cum pondus virtutum

Ferre non posset;

Sed hæc provocavit ad Superos,

Qui ornarunt: pene culpans,

Quod obruerunt.

Constat nullam in ejus morte

Fuisse culpam, fuisse causam,

Caduca oderat.

Immortalia anhelabat:

Humanum modum excessit:

Cælum attigit. Pulsavit.

Receptus est.

Quem terra non caperet

Ingressus est æternitatem,

Aliena reliquit,

Sua repetiit.

Ne lugem viator

Illius haud lugenda mors est,

Cujus vita fuit admiranda.

Vixit

Annos XIX. votis suorum

Parum, suis diu,

Famæ satis,

Dotibus

*Dotibus nimium.
Desiderio æternum vivet.*

Ei

*Gratiæ, officii, obsequii, amoris,
Doloris ergo*

*Unus ex intimis Aulæ
mæstissimus*

Aloysius à Sousa

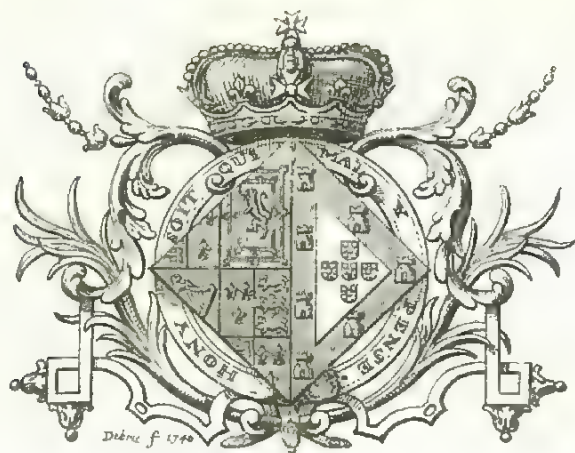
Comitis Mirandæ filius

H. Cænot. P.

Anno M. DC. LIII.



CAP-



CAPITULO III.

*Da Infanta D. Catharina , Rainha da Grãa
Bretanha.*

18



AVENDO em todas as idades a Casa Real Portugueza dado Rainhas , e Princezas às mais poderosas Coroas , e Soberanos de Europa , como fica referido ; tinha passado mais de hum seculo , em que se suspendera esta felicidade , sendo a ultima do Real sangue Portuguez a Infanta D. Maria , mulher de Dom Filippe , Principe herdeiro da Monarchia Castellhana , que pela falta da successão do infeliz Rey D. Sebastião , se apoderou da Coroa de Portu-

Portugal, de que depois de hum intruso dominio, que durou sessenta annos, foy restituída pelo valor dos seus mesmos naturaes ao Magnanimo Rey D. João IV. que sendo casado com a Rainha Dona Luiza, deste Real consorcio, como temos dito, nasceo terceira filha a Infanta D. Catharina, ornada de tão excellentes virtudes, que depois com o exercicio dellas illustrou a Coroa da Grãa Bretanha. Vio a primeira luz do dia no Paço de Villa-Viçosa a 25 de Novembro do anno de 1638 das oito para as nove horas da noite, dia, em que a Igreja celebra a festa da gloriosa Santa Catharina Virgem, e Martyr. A devoção de seus pays lhe quiz conservar o nome como feliz auspicio, dando huma Santa Princeza, e douta, por Protecçora da recém-nascida Princeza, e o tempo depois acreditou a eleição, vendo-se a prudencia, e sabedoria da Infanta D. Catharina, em quem concorreraõ tantas virtudes, que fizeraõ glorioso o seu nome na Grãa Bretanha. Foy bautizada na Capella Ducal de Villa-Viçosa em hum Sabbado 12 de Dezembro deste referido anno, administroulhe este Sacramento o Deão da mesma Capella Antonio de Brito e Sousa, Fidalgo em quem concorriaõ merecimentos para aquella Dignidade, e foy seu Padrinho o Marquez de Ferreira D. Francisco de Mello, que com notavel pompa, e ostentaçã se achou neste acto, mostrando o gosto, com que recebia a honra do novo parentesco espirital, que contrahia com o Duque

Duque de Bragança sobre os repetidos do sangue, estimando agora esta demonstração, com que o Duque manifestava o seu affecto, como premio da boa correspondencia, que a sua Casa conservara em todos os tempos no respeito da Serenissima de Bragança.

Contava poucos dias sobre dous annos, quando trocando a fortuna de Vassallos pela incomparavel felicidade da soberania, passaraõ as Magestades de seus pays de Villa-Viçosa para Lisboa, e sendo creada com as prudentes maximas Christãs daquella admiravel Heroína a Rainha D. Luiza sua mãy, a estimou com notavel carinho, e não menos ElRey seu pay, de que ella se fazia digna acredora: assim o testemunhou ElRey na grande Doação, que lhe fez, dandolhe a Ilha da Madeira com todos seus Lugares, a Cidade de Lamego, e seu Termo, a Villa de Moura, e seu Termo, com todas as suas rendas, fóros, e tributos, officios, datas de Castellos, e Padroados, excepto as Alfandegas, e cisas, e o provimento dos Bispados de Lamego, e Funchal; porque esta nomeação sempre seria da Coroa, como era ao presente: e que gozaria da mesma sorte, que ElRey possuía a Ilha da Madeira, Cidade de Lamego, e Villa de Moura, com toda a jurisdicção, Crime, e Civel, mero, e mixto imperio, e todas as mais prerogativas, que tem as Doações da Casa de Bragança, que alli deu por expressadas, entendendo as que são incorpora-

Prova num. 36.

das na Casa para os successores, e não as pessoas, que por outra Doação concederia à Infanta, como convinha à sua pessoa, e lhe concederiaõ seus successores aos da Infanta; e lhe fez mais merce dos Celleiros de Moura, que pertencem à dita Villa, da mesma maneira, que concedera ao Infante D. Pedro os de Serpa, de que era Donatario. E de mais lhe fez Doação do Paul de Magos, tudo de juro, e herdade na fórma da Ley Mental, para ella, e seus successores, varoens legitimos, em que preferio o neto filho de filha mais velha, falecido antes de succeder, ao tio filho segundo, e mais filhos do ultimo possuidor; querendo seguir o mesmo, que já na Serenissima Casa de Bragança se tinha declarado, como em seu lugar fica escrito. Por obviar embarços, manifestou ElRey, que a Doação da Ilha era sómente no que pertencia à Coroa, salvando o direito dos Donatarios, que nella havia, que ficariaõ em seu vigor em quanto durasse o termo das suas Doações; e que acabando elles, e havendo de os ditos lugares, bens, e jurisdicções, e o mais, que possuissem, de voltar à Coroa, não vagariaõ para ella, senaõ para a Infanta, e seus successores, para os possuirem na fórma, em que ElRey delles lhe fizera Doação: com declaração, que havendo de casar a Infanta fóra do Reyno, dando-lhe a Coroa hum justo equivalente por estas merces, seria a Infanta obrigada a desistir dellas. E porque os Beneficios da Ilha eraõ providos, como perten-

pertencentes à Ordem de Christo, pela Mesa da Consciencia; ElRey os dava à Infanta, e seus successores para os possuirem como Donatarios daquelles Padroados, e o uso delles, da mesma sorte, que a Casa de Bragança provê algumas Commendas da mesma Ordem, o que fazia ElRey de juro, e herdade, e quando nisto pudesse haver duvida, a dava em tres vidas na melhor fórma, que pudesse ter effeito; e que sendo necessario se supplicaria a Sua Santidade para supprir o que preciso fosse. Determinando, que se em alguma parte não podesse ter effeito esta Doação, se lhe suppriria com outra equivalente, de sorte, que se inteirasse o valor da merce, que nesta Doação fazia à Infanta, no que obrava de motu proprio, certa sciencia, poder Real, e absoluto, a qual foy feita na Cidade de Lisboa no primeiro do mez de Novembro de 1656.

Governava a Monarchia Portugueza a Rainha D. Luiza como Regente do Reyno na menoridade delRey D. Affonso seu filho, e achando-se a Infanta D. Catharina com hum bom dote na Doação, que referimos, e com idade para se lhe dar estado, e considerando, que convinha ao Reyno darlhe hum esposo, com cuja alliança se pudessem fazer os interesses communs; depois de varias proposições em diversas partes, concluiu o casamento da Infanta com Carlos II. Rey de Inglaterra, por meyo do zelo, e intelligencia do seu Embai-

Ericeira, Portug. Ref-taur. tom. 2. lib. 6. pag. 369.

Clede, *Hist. de Portug.* tom. 2. p. 708.

Prova num. 37.

Prova num. 38.

xador Francisco de Mello, depois Conde da Ponte, que a pezar das negociações dos Castelhanos, deu feliz conclusão a este negocio; porque não admittio ElRey da Grãa Bretanha as varias proposições, que lhe fizeraõ para a escolha de esposa, de diferentes Princezas, que se lhe nomearaõ, nem menos as ventajosas condições, com que ElRey de Castella o persuadia, a que aceitasse qualquer das Princezas Protestantes, a quem para este fim lhe promettia outro tanto dote, como às Infantas de Hespanha. Tendo ElRey da Grãa Bretanha ajustado o seu casamento com a Infanta D. Catharina, e approvado pelo seu Conselho de Estado, o manifestou ao Parlamento no dia 18 de Agosto de 1661 com huma pratica; e elle com outra chea de reverentes expressoens, agradeceo a honra daquella tão agradavel noticia, e o Chanceller de Inglaterra visitou ao Embaixador, levandolhe os papeis das resoluções, que se haviaõ tomado nas Camaras dos Senhores, e dos Communs, que se veraõ nas Provas com outras do mesmo negocio. Seguio-se hum Tratado de paz, e casamento de vinte artigos publicos, e hum secreto, que continhaõ: Que todos os Tratados feitos do anno de 1641 até aquelle tempo entre as Coroas de Portugal, e Grãa Bretanha, se ratificariaõ, e confirmariaõ por aquelle Tratado: Que ElRey de Portugal faria entregar a Cidade, e Fortaleza de Tangere a ElRey da Grãa Bretanha com tudo o que lhe pertenceffe; e para este effeito manda.

mandaria ElRey da Grãa Bretanha cinco naos de guerra ao porto de Tangere, e que a entrega se effeituaria depois de celebrado o casamento, concedendo-se aos Soldados, e moradores, ou a passagem livre para Portugal, ou ficarem vivendo em Tangere com exercicio livre da Religiao Catholica Romana, e todos os bens, que na dita Cidade possuissem: Que ElRey mandaria a Lisboa a sua Armada com toda a preparacao, e decencia para conduzir a Rainha a Inglaterra: Que ElRey de Portugal se obrigava a dar em dote a sua irmaã dous milhoens de cruzados Portuguezes, hum que em dinheiro, e generos iria na Armada, e outro, que pagaria no termo de hum anno: Que ElRey permittia a toda a familia da Rainha o livre exercicio da Religiao Catholica Romana, para cujo effeito a Rainha em todos os Palacios, em que vivesse, teria Capella com todos os Capellães, que fossem necessarios para o exercicio, e decencia do culto Divino; e que ElRey não persuadiria, nem constrangeria a Rainha por si, ou por outra alguma pessoa, nem lhe daria molestia na profissao da Religiao Catholica Romana: Que dentro de hum anno, depois da chegada da Rainha, lhe constituiria ElRey, e estabeleceria de Doacao, em razao do casamento, trinta mil livras esterlinas Inglezas cada anno, e hum Palacio, em que a Rainha residisse, ornado, e guarnecido com todas as alfayas convenientes à sua grandeza, as quaes lograria em
sua

sua vida, ainda que excedesse em dias a seu marido: Que a sua familia se comporia de todos os criados, e grandeza, que havia tido a Rainha Mãe: Que succedendo viver mais a Rainha, que ElRey, e quizesse tornar para Portugal, ou ir para alguma outra parte, o poderia fazer livremente, e levar comsigo todas as suas joyas, bens, e moveis, para cujo effeito ElRey da Grãa Bretanha se obrigava a si, e a seus herdeiros, e successores, os quaes mandariaõ conduzir a Rainha honorificamente, e com toda a segurança à sua propria custa, e despeza, com o decóro conveniente à grandeza da sua pessoa; obrigando juntamente à seus herdeiros, e successores a pagarem à Rainha as trinta mil libras cada anno, como se estivera em Inglaterra: Que ElRey de Portugal concedia a ElRey da Grãa Bretanha a Ilha de Bombaim na India Oriental, com todas as suas pertencas, e Senhorios, para ficarem daquelle porto mais promptas as suas Armadas para soccorro das Praças de Portugal na India, ficando livre aos moradores, que não quizessem sair das suas casas, o uso da Religiaõ Catholica Romana: Que os Mercadores Inglezes, não excedendo o numero de quatro familias, poderiaõ residir em todas as Praças da India dos Dominios de Portugal, e em todas as Cidades principaes da America: Que restaurando-se a Ilha de Ceilaõ, daria ElRey de Portugal ao da Graõ Bretanha o livre dominio do porto de Gálee, ou se recuperasse a dita Ilha com
as

as Armas de Portugal, ou com as Armas de Inglaterra, ficando livre a Praça de Columbo, e todo o mais Senhorio da Ilha a ElRey de Portugal: Que em consideração de tantas vantagens como Inglaterra recebia no casamento da Rainha, promettia, e declarava, com consentimento do seu Conselho, trazer sempre no intimo do coração as conveniências de Portugal, e de todos os seus Dominios, defendendo-o de seus inimigos com as mayores forças do seu Reyno, assim por mar, como por terra, como à mesma Inglaterra; e que à sua custa mandaria a Portugal dous Regimentos de quinhentos cavallos cada hum, e dous Terços de Infantaria cada hum de mil Infantes, armados à custa delRey da Grãa Bretanha; porém depois de chegarem a Portugal, seriaõ pagos por conta delRey Dom Afonso; e no caso de se diminuirem na guerra, se haviaõ de reencher com novas levas à custa delRey da Grãa Bretanha, assim a Cavallaria, como a Infantaria: Que ElRey da Grãa Bretanha promettia, com consentimento, e deliberação do Parlamento, assistir a Portugal com dez navios de guerra, os de mayor força, e mais bem aparelhados da sua Armada, todas as vezes, que fosse invadido de quaesquer Nações; e que sendo infestadas as Costas de Piratas, mandaria todos os annos tres, ou quatro naos de guerra com mantimentos para oito mezes, que se contariaõ do dia, que dessem à véla de Inglaterra, para seguirem as ordens delRey de Portugal;

tugal; e em o caso, que ElRey de Portugal quizesse, que estes navios se detivessem nas Costas do seu Reyno mais de seis mezes, seria obrigado a fornecellos de mantimento todo o tempo da dilação, e mais hum mez para a viagem de Inglaterra; e que dado caso, que ElRey de Portugal fosse mais estreitamente apertado das Armadas de seus inimigos, todas as naos delRey da Grãa Bretanha, que em qualquer tempo estivessem no mar Mediterraneo, ou porto de Tangere, teriaõ ordens para obedecerem a tudo o que ElRey de Portugal lhe mandasse, assistindo nas partes, onde fossem necessarias para a sua ajuda, e soccorro; e em virtude das sobreditas concessões, os herdeiros delRey da Grãa Bretanha, e seus successores, em nenhum tempo já mais pediriaõ satisfação alguma por estes soccorros: Que além da faculdade, que ElRey de Portugal tinha de fazer gente em Inglaterra em virtude dos Tratados passados, ElRey da Grãa Bretanha pelo presente Tratado se obrigava, no caso, que Lisboa, a Cidade do Porto, ou outra qualquer Praça maritima fosse sitiada, ou apertada pelos Castelhanos, ou outros quaesquer inimigos, de dar soccorros convenientes de Soldados, e naos, conforme os accidentes, que sobreviessem, e a necessidade de Portugal o pedisse: Que ElRey da Grãa Bretanha, com consentimento do seu Conselho, protestava, e promettia, que elle nunca faria paz com Castella, que lhe pudesse directa, ou indirectamente ser inimico

nimo impedimento a dar a Portugal pleno, e inteiro soccorro para sua necessaria defenſa, e que nunca restituiria Dumquerque, ou Jamayca a ElRey de Caſtella, nem ſe deſcuidaria já mais de fazer tudo o que neceſſario foſſe para ajuda de Portugal, ainda que por qualquer reſpeito ſe achafſe obrigado a fazer guerra a ElRey de Caſtella. Acordou-ſe tambem, e ſe ajuſtou por ElRey da Grãa Bretanha, que em virtude do dote, que recebia delRey de Portugal com a Rainha ſua mulher, renunciava todas as ſuas heranças, e direitos, aſſim paternos, como maternos, ou qualquer herança, que pudefſe ter de terras, caſas, moveis, joyas, ou dinheiro, que por qualquer via de direito, ou titulo lhe pertenceſſem, conforme as Leys de Portugal; e que ſó exceptuava não renunciar oſ titulos, que lhe pertenceſſem em direito na falta de ſucceſſor à Coroa de Portugal, na qual entraria a Rainha, e ſeus deſcendentes. E finalmente por Artigo ſecreto ſe ajuſtou, que ElRey da Grãa Bretanha ſe obrigava a mediar a paz entre ElRey de Portugal, e os Eſtados de Hollanda; e que não o podendo conſeguir, mandaria huma Armada à India, que tomafſe poſſe de Bombaim, e fizeſſe guerra aos Hollandezes. Foraõ eſtas Capitulações firmadas ſolemne-mente por ElRey com todas as ceremonias legaes de Inglaterra a 23 de Junho de 1661, e pelo Embaixador Conde da Ponte, que brevemente paſſou a Portugal com ellas, onde foy recebido com gran-

de contentamento da Rainha Regente, e differentes affectos da Nobreza, e povo; porque a Rainha a todo o custo lhe parecia barato conseguir o casamento da Infanta com ElRey de Inglaterra; porém os Póvos sentiaõ vivamente a entrega de Tangere, e Bombaim, por verem ultrajada a Religiaõ Catholica Romana com os erros da heresia. O Conde da Ponte assim que chegou a Lisboa, tendo feito a ratificaçaõ dos Tratados, principiou com todo o segredo a dispor com a Rainha a entrega de Tangere, e Bombaim, e de se ajuntar dinheiro para a satisfacaõ do dote, e aprestos da Casa da Rainha, que no anno seguinte de 1662 partio de Lisboa a 23 de Abril.

Rapin Thoyras' *Histoire d'Angleterre*, t. 8. l. 23. pag. 201. impress. em 1722.

Relacion de las Fiestas, que se hizeron en Lisboa con la ocasion del casamiento de la Serenissima Infanta de Portugal D. Catalina Reyna de la Gran Bretaña con el Rey Carlos II. impress. em 1662.

Celebrou-se o ajuste deste casamento com magnificas festas de fógos, luminarias, e touros, em que tourearaõ com grande luzimento, e destreza da arte, os Condes de Sarzedas, e da Torre, e D. João de Castro, Senhor do Paul de Boquilobo. A Rainha em attençaõ deste negociado fez Marquez de Sande ao Conde da Ponte. Chegou a Armada de Inglaterra ao porto de Lisboa a 10 de Março, a qual havia conduzir a Rainha, que constava de quatorze naos de guerra, e cinco sumacas, e huma barca, de que era General Duarte de Montague, Conde de Sandwich, revestido com o caracter de Embaixador Extraordinario, para conduzir a Rainha a Inglaterra. Mandou-o ElRey visitar a bordo por D. Pedro de Almeida, Veador da sua

sua Casa , que foy em huma falua muy bem adereçada , em que entraraõ alguns criados seus , e em outra hiaõ os de mais da sua comitiva , todos com luzidas galas. Assim , que a falua esteve perto da Capitania , o Embaixador o esperava ao portaló , aonde havia huma bem lançada escada , que o Embaixador desceo quasi toda a receber a D. Pedro , salvando-o ao mesmo tempo com vinte e sete pessoas. Sobiraõ a escada , chegaraõ à camera , dando-lhe sempre a porta , e a melhor cadeira , e depois de se cobrir , estando sentado , se levantou , e descobrindo-se , deu o recado delRey , em que lhe significava o contentamento , que tinha da sua chegada , e a este mesmo tempo se deu outra descarga de artilharia de vinte e sete pessoas : e respondendo o Embaixador com grande apreço à honra , que ElRey lhe fazia , se sentaraõ , e conversaraõ algum tempo. D. Pedro de Almeida se despedio , e o Embaixador o acompanhou até o ultimo degrao da escada , e tanto , que passou a falua , lhe deraõ tres boas viagens , e o salvaraõ com outra descarga de artilharia como a primeira. Depois foy o Embaixador hospedado por tres dias nas casas da Corte-Real do Marquez de Castello-Rodrigo com grande magnificencia , regalo , profusaõ , e abundancia , aonde o conduzio em hum coche da Casa Real D. Duarte de Castellobranco , depois Conde de Redondo , e era Veador da Casa Real , e daqui fez a sua entrada publica , sendo seu Conductor o Marquez de

Prova num. 39.

Prova num. 40.

Prova num. 41.

Gouvea, do Conselho de Estado, e Mordomo môr. Teve audiencia formal delRey, e passados dous dias a teve tambem da Rainha Mãy, e da Rainha da Grãa Bretanha, entregandolhe huma Carta delRey seu esposo, escrita na lingua Castelhana, cheia de affectuosas, e attentas expressoens, e outra à Rainha D. Luiza, que logo lhe respondeo, todas dignas de se perpetuarem na estimaçãõ daquelles, que sabem avaliar semelhantes descobrimentos: pelo que iraõ lançadas nas Provas. Acompanharãõ a Rainha nesta jornada o Marquez de Sande, Embaixador Extraordinario, Nuno da Cunha, Conde de Pontevel, D. Francisco de Mello, depois Embaixador a Hollanda, e Inglaterra, Francisco Correa da Sylva, com as mais pessoas da sua familia, que passavaõ de cem; Duarte de Montaigne, primo do General, como Estribeiro môr da Rainha, Henrique Zevout, Veador da Rainha Mãy de Inglaterra, a cujo cargo vinha toda a despeza, que fazia por conta delRey, Ricardo Russel, Bispo eleito de Portalegre, como seu Esmoler, Dom Patricio, Clerigo Irlandez, com o mesmo cargo, e Monsieur Alse destinado para Estribeiro menor, e outras pessoas de qualidade. Feita a funçãõ da entrada, partio a Rainha a 23 de Abril, na fórma seguinte. Sahio da antecamera da Rainha à sua mão direita, e dous passos adiante ElRey, e o Infante D. Pedro, e os Officiaes da Casa, Grandes, e Fidalgos. Desceraõ pela escada do quarto, que entãõ era da Rainha,

nha , e baixaraõ à falla dos Tudescos , e chegando ao topo da escada , que vay para o pateo da Capella , se deteve a Rainha Regente ; e como era o lugar das ultimas despedidas da Rainha sua filha , pertendeo esta beijarlhe a mão , (o que não consentio a Rainha) e abraçando-a , lhe lançou a sua benção. Baixou a Rainha da Grãa Bretanha a escada entre ElRey , e o Infante seus irmãos , e fazendo instancias para que a Rainha Mãy se recolhesse , antes de chegar o ponto de lhe voltar as costas , o não conseguiu , porque a Rainha esperou , que ella entrasse no coche , o que fez depois de huma profunda reverencia , a que a Rainha lhe correspondeo com outra benção , e voltou as costas antes , que seus filhos entrassem na carroça , onde ElRey dando a mão direita à Rainha , o Infante D. Pedro tomou o assento de diante ; e acompanhados de toda a primeira Nobreza com luzidissimas carroças , e custosas galas , seguindo a carroça Real os Capitães da Guarda , que a cobria , foraõ pela rua nova à Cathedral , entre duas alas de Infantaria , que guarnecia as ruas , que estavaõ ricamente adereçadas com arcos custosamente fabricados. A este tempo se ouviaõ repetidas salvas de artilharia das Fortalezas , e navios , que estavaõ ancorados no rio , e os repiques dos sinos dos Mosteiros , e Freguesias da Cidade , encontrando-se pelas ruas diversas danças , que entre instrumentos , trombetas , e charamellas , faziaõ huma gostosa consonancia. Chegaraõ a Sé
pelas

pelas nove horas da manhã, a qual estava ricamente ornada, e entrando na Capella môr, se cantou o Hymno *Te Deum laudamus*: os Reys se recolherão à cortina, precedendo sempre a Rainha de Inglaterra no melhor lugar. Em quanto durou a Missa, se encommendou a varios Fidalgos entretivessem nos Claustros da Sé ao Embaixador de Inglaterra, o Estribeiro môr, Veador da Rainha, e outros Inglezes de qualidade, que vinhaõ na Armada para acompanhar a Rainha, por serem de differente Religiaõ. Acabada a Missa, tornaraõ os Reys a entrar no coche, e vieraõ buscar o Terreiro do Paço, achando as ruas, por onde novamente passavaõ, com riquissimos adereços, naõ inferiores aos antecedentes, e com arcos de differentes architecturas. Chegaraõ ao Paço pela parte da Campainha, aonde era o jardim, junto à Ribeira das Naos, e no muro se abriu huma porta de boa architectura, por onde entrou só o coche dos Reys, e todos os Senhores, que hiaõ no acompanhamento, se apearaõ, e sahiraõ por outra porta do jardim a huma ponte soberbamente adereçada, que cahia sobre o mar, onde estavaõ os bargantins Reaes. A Rainha de Inglaterra, antes de embarcar, beijaraõ a maõ todos os que a acompanhavaõ, e querendo fazer a mesma cerimonia a ElRey, o naõ consentio em obsequio da Rainha sua irmãa. Entrou a Rainha no bargantim magnificamente preparado, levando-a ElRey pela maõ: seguia o Infante aos Reys, e depois

pois de todos sentados, entraraõ no bargantim a Camereira môr, Damas, e Senhoras de Honor, o Embaixador de Inglaterra, Estribeiro môr, e Veador da Rainha, Inglezes, o Marquez de Sande, Nuno da Cunha, Conde de Pontevel, Francisco Correa da Sylva, e D. Francisco de Mello, que eraõ as pessoas principaes, que acompanhavaõ a Rainha a Inglaterra, e os Officiaes da Casa delRey em varias faluas, e em outras embarcações bem adereçadas embarcou a Nobreza, que tinha acompanhado aos Reys. Tanto, que o bargantim Real começou a navegar, se repetiraõ as salvas da artilharia até a Rainha chegar à Capitania de Inglaterra, chamada o *Graõ Carlos*, que tinha oitenta peſſas de bronze, e seiscentos homens de guarnição. Nella estava prevenida huma escada commoda para sobirem as Magestades: e entrando na camera, que estava ricamente ornada, se despediraõ da Rainha ElRey, e o Infante seus irmãos, e lhe beijaraõ a mão as Damas. A's que foy sómente permittida esta jornada de passarem a Inglaterra com a Rainha, foraõ: D. Elvira de Vilhena, Condeſſa de Pontevel, filha de D. Joaõ de Sousa, Alcaide môr, e Commendador de Thomar, Veador da Casa da Rainha, e Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, que hia já recebida com Nuno da Cunha de Ataide, que por ella teve este titulo, e D. Maria de Portugal, Condeſſa de Penalva, que sem casar morreo em Inglaterra, e era irmãa de D. Francisco de

de Mello , que foy Embaixador naquella Coroa , Alcaide môr de Lamego , e Trinchante delRey , com a grandeza dos titulos de Condeffas, em attenção à jornada , e à eftimação , que dellas fazia a Rainha, a qual acompanhou feus irmãos até o primeiro degrao da escada da Capitania , não querendo voltar para a camera, por mais instancias , que ElRey lhe fez , sem que elle , e o Infante entrassem , e ficassem debaixo do toldo do bargantim ; e despedido do navio, seguia a ElRey todo o acompanhamento. Voltaraõ tambem a Camereira môr, Damas , e Senhoras de Honor Portuguezas em hum falua, que lhe estava prevenida. Navegou ElRey para o Paço , e toda a Armada se fez à véla. Compunha-se esta de quatorze naos de guerra : a Capitania, como dissemos , era o *Graõ Carlos* ; a Almiranta chamada *Henrique*, em memoria do Duque de Escosfester , com sessenta peffas de bronze , e quatrocentos homens de guarnição , nella embarcaraõ alguns criados da Rainha, que por não caberem todos na Capitania , se dividiraõ por todos os navios da Armada : mandava a Almiranta D. João de Menezes, Fidalgo velho, descendente do seu illustre appellido, de grande experiencia, e valor. A Fiscal era a nao *Jaques*, denominada do Duque Jore, com cincoenta peffas de bronze , e quinhentos homens de guarnição. A nao *Monteguit*, em que hia a recamera da Rainha, com cincoenta e quatro peças de bronze, e trezentos homens ; e as naos
York,

York, Lion, Princeza, Breda, Rubi, todas com a mesma lotação, e pessoas, *Duran* com trinta, *Colchestre*, o mesmo, e tres de trinta, em que embarcavaõ mil caixas de assucar; porém o tempo não deu lugar à Armada a fazer viagem, senão no dia 25 de Abril, dilatando-se mais tres dias no porto de Lisboa, em que a Rainha incessantemente mandou saber como passava a Rainha sua filha com os desconmodos do navio, e ElRey, e o Infante se embarcavaõ de noite, levando consigo varias salvas de Musica para divertir a Rainha. Sahio finalmente a Armada para fóra da barra, e navegando com ventos pouco favoraveis, por serem rijos os Nordestes, em que alguns navios padeceraõ, foy preciso entrar em huma Bahia chamada *Monts-Bay*, ou Bahia dos Montes, a 18 de Mayo, e sossegado o vento, tornou a seguir a sua viagem. Nesta Bahia começaraõ a ter principio os obsequios da Nação Ingleza à sua nova Rainha, celebrando o felice desposorio delRey, e a fortuna daquelle Reyno; e assim por toda a Costa resplandeciaõ no ar artificios de fogo, e se ouviaõ em toda a parte retumbar os eccos das salvas da artilharia. Antes de entrar em *Portsmouth* se avistaraõ cinco fragatas de guerra, com que o Duque de York, irmão delRey, andava naquelle lugar esperando a Armada. Assim que reconheceo a Capitania, mandou lançar fóra hum batel, em que mandou o seu Secretario *Ventrich* a pedir licença à Rainha para lhe beijar a mão; ref-

pondcolhe, que qualquer dilação lhe seria penosa. Sahio o Duque de York do seu navio na lancha do General da Armada, acompanhado do Duque de Ormond, Mordomo delRey, do Conde de Chestrefield seu genro, Camereiro môr da Rainha, do Conde de Solfolk, e do Conde de Carlinfod, Irlandez, Mestre das Ceremonias da Rainha, e de outros Cavalheros, e entrou na Capitania acompanhado desta luzida comitiva, com ricas, e vistosas galas. O Marquez de Sande, Conductor da Rainha, e os mais Fidalgos o vieraõ esperar: recebeu-o a Rainha no ultimo gabinete da camera da popa, que por ser o mais interior, era o mais proprio para a cerimonia da familiaridade da visita. Esperou-o a Rainha assentada, vestida à Ingleza de tóla cõr de cana, guarnecida de rendas de prata, e quando entrou o Duque, o sahio a receber tres passos fóra do docel, e querendo o Duque beijarlhe a mão, ella o levantou nos braços, e voltando ao seu lugar, estiveraõ hum pouco em pé fallando, sendo interprete o Bispo eleito Russel. Depois instando a Rainha com o Duque para que se sentasse em huma cadeira de espaldas, que lhe estava prevenida, e recusando-a elle, puxou huma raza, em que se sentou à mão esquerda da Rainha, e fóra do docel. Havia o Duque fallado em pé na lingua Ingleza, e sentado continuou na Castelhana, e depois de largas expressões do seu affecto, e protestações do seu rendimento, a que a Rainha correspondeo com agrada-

agradavel urbanidade , se levantaraõ. Entrou a beijarlhe a maõ o Duque de Ormond, que lhe deu huma Carta delRey , e se seguiraõ o Conde de Cheffrefield , eleito seu Camereiro môr , e outras pessoas principaes. A Rainha antes do Duque se despedir, lhe apresentou os Fidalgos Portuguezes , que a acompanhavaõ , dizendolhe quem eraõ , que elle tratou com grande urbanidade. Despedio-se o Duque de York , e a Rainha deu tres passos , e naõ podendo o Duque impedilla , como intentou , dizendolhe , que reparasse Sua Magestade , em que por elle ser General , aquella casa , em que estava , era sua , a que a Rainha respondeo , que a sua casa era muito mayor, e que o que naõ devesse por obrigação , queria ella fazer por affecto , reposta , de que o Duque muito se obrigou. Todos os dias seguintes veyo o Duque visitar a Rainha , a quem elle havia rogado se vestisse à Portugueza para a ver naquelle trage : ella em huma visita o recebeo assim , o que o Duque applaudio dizendolhe , que lhe parecera muito bem : neste dia fallou a Rainha a todos os Officiaes da nao , que lhe beijaraõ a maõ , e por já estarem muito perto do porto , mandou hum collar de ouro ao Capitaõ , e ao Piloto , e Mestre huma porçaõ de dinheiro , e outra , que se repartio por todos os Marinheiros. Começou logo a Rainha a accommodarse aos estylos da Naçaõ Ingleza , e assim lhe fallava no aposento , em que tinha o leito. Mandava a Rainha correspon-

der às visitas do Duque de York pelo Conde de Ponteval, D. Francisco de Mello, e Francisco Correa. Entrou a Armada em Portsmouth a 24 de Mayo, seguida a Capitania do navio do Duque de York, e desembarcou a Rainha, levando-a pela mão o Duque a embarcar em hum bargantim dourado, e custosamente adereçado. Acompanhou-a a Condeffa de Ponteval, e a de Penalva ficou no navio fangrada seis vezes, mas logo foy conduzida a terra. Estava na praya o Governador, as Justicias, e pessoas principaes, e os da governança com maças douradas. Entrou a Rainha vestida à Ingleza em huma carroça, e passando pelas ruas principaes, começaraõ os seus Vassallos a satisfazerse da sua Real, e galharda presença. Apeou-se nas casas, que lhe estavaõ prevenidas com magnificos adornos. Esperava-a a Condeffa de Solfolk, sua Camereira môr, e quatro Damas, e a familia inferior. No dia seguinte lhe disse Missa Mylord de Aubing, seu Capellaõ môr. Os dias seguintes mandou ElRey saber da Rainha, escrevendolhe varias Cartas. Sobreveyo à Rainha, depois de estar tres dias em terra, huma defluxaõ na garganta, que lhe não permittia levantar-se da cama; porém teve taõ facil remedio, que se não deu do achaque conta a ElRey. Chegou este a Portsmouth a 30 de Mayo, acompanhado de toda a Corte com galas custosissimas. O Marquez de Sande o esperou no pateo com todos os mais Portuguezes, que ElRey recebeu

beo com grande agrado , e ao Marquez de Sande honrou com notaveis expressões , dizendolhe o quanto o estimava ver naquelle Reyno na occasião da sua mayor fortuna. Ao sobir da escada intentou o Principe Palatino Ruberto , que tinha vindo na carroça com ElRey , adiantarse ao Embaixador , ficando mais immediato à pessoa delRey. O Marquez de Sande , que não ignorava as prerogativas do seu caracter , pegandolhe no braço , o deteve , dizendo a ElRey , que lhe dêsse o seu lugar , ao que respondeo , que tinha muita razaõ , e mandou ao Principe , que se apartasse , e dêsse lugar ao Embaixador , o que o Principe reconheceo tanto , que no tempo , que ElRey se dilatou em se vestir , antes de entrar a ver a Rainha , buscou ao Conde de Pontevél , D. Francisco de Mello , e Francisco Correa , e ao Secretario da Embaixada Francisco de Sá de Menezes , e os tratou com grandes cortezias. Entrou ElRey na Camera da Rainha , que ainda estava na cama , porque os Medicos lhe não permitiaõ , que se levantasse : ElRey com finissimas expressões lhe manifestou o seu contentamento , que se diminuiria , se do seu achaque o não tiveraõ informado os Medicos com seguras affirmações , que não merecia o seu cuidado , e lhe fallou na lingua Castelhana , e a Rainha lhe respondeo com tanta prudencia , e discrição , que depois delRey voltar para o seu quarto , manifestou a satisfação da fortuna do seu desposorio. Toda aquella noite se gastou em

em festas, e banquetes, e no dia seguinte se levantou a Rainha já melhorada; e estando prevenido tudo, o que era preciso para esta solemnidade, no dia 31 de Mayo se effeituou o desposorio; e depois de jantar sahio ElRey com a Rainha pela mão a hum grande falla, onde debaixo de hum docel estava hum throno com duas cadeiras, em que os Reys se sentaraõ, e diante de toda a Nobreza, e Povo, que concorreo a esta celebridade, leu o Secretario delRey o Instrumento, que o mesmo Monarca havia dado ao Embaixador, e o Secretario Francisco de Sá e Menezes, o que o Embaixador deu a ElRey; e acabada esta cerimonia, disse o Bispo de Londres em voz alta, que aquella era a mulher, com quem ElRey estava casado. e todos com alegria responderaõ, que vivessem infinitos seculos. Levantou-se ElRey, e tornou a levar a Rainha pela mão ao seu quarto, onde entraraõ a beijarlhe a mão todas as Damas, e pessoas principaes da Corte; e a Camereira môr observando o estylo daquella Coroa em semelhantes actos, tirou os laços de fitas azues, que a Rainha levava em hum vestido de téla encarnado à Ingleza, não lhe deixando nenhum, e deu o primeiro ao Duque de York, e repartio os mais pelos Officiaes, Damas, e Titulos de mayor supposiçaõ. Como a Rainha estava mal convalecida, por conselho dos Medicos se tornou a deitar na cama, despindo-a a Camereira môr, que desde o primeiro dia começou a exercitar

citar o seu officio com todas as mais Senhoras Inglezas , e as duas Damas Portuguezas. Veyo a cea da Rainha , e ElRey , que em tudo mostrou o quanto estava della agradado , ceou com ella sobre a cama , soando ao mesmo tempo diversos instrumentos. Os dias , que a Corte assistio em Portsmouth , mandou ElRey hospedar ao Embaixador , e a todos os Portuguezes , que acompanharaõ a Rainha , pelo Conde de Manchester , magnificamente. Nesta occasiaõ recebeo huma Carta da Rainha Henriqueta de França , mãy delRey , que se achava em Pariz , a qual entregou o Conde de Sant-Alban , seu Estribeiro mór , com grandes expressoens , e conhecimento das suas virtudes , a que a Rainha respondeo com igual affecto , e estimaçaõ.

Detiveraõ-se os Reys poucos dias em Portsmouth , porque a 6 de Junho passaraõ para a Casa de Campo de Hamptoncurt , onde chegaraõ de tarde. As Companhias de pé , e de cavallo estavaõ todas em duas alas , por entre as quaes passaraõ as Magestades , que sahiraõ do coche , em que lhe foraõ assistindo as Condessas de Pontevel , e Penalva , e Miledy Solfolk , que servia de Camereira mór , e os Officiaes da Casa. O Paço estava ricamente ornado com tapeçarias de ouro , e seda , camas , doceis , e cadeiras riquissimamente bordadas , e quadros de pinturas de grande preço : o toucador da Rainha era todo de peßas de ouro excellentemente trabalhadas. O Graõ Chancellor , e todos

Relaçãõ Diaria da jornada da Rainha da Grãa Bretanha Dona Catharina , de Lisboa a Londres. Impressã em 1662.

dos os Tribunaes de Justiça, e o Conselho de Estado, foraõ dar à Rainha os parabens da sua chegada, e beijarlhe a mão, e na mesma fórma todos os mais, e os Ministros Estrangeiros a felicitaraõ igualmente do seu casamento, e da sua chegada àquelles Reynos. A Duqueza de York veyo de Londres em huma gondola, ElRey a foy buscar à porta do Jardim, que cahia para o rio Thamasis, e a trouxe pela mão à presença da Rainha, que a recebeu na sua Camera: a Duqueza lhe quiz beijar a mão, mas a Rainha o não consentio, e levantando-a nos braços a saudou com a paz. Assentaraõ-se os Reys, e os Duques junto da cama da Rainha, onde estiveraõ conversando nas Magestades Portuguezas. Continuava ElRey nas demonstrações do seu agrado multiplicando as finezas em diversos divertimentos, indo huns dias ao campo, e aos Parques, nas noites com Comedias, Musicas, e Saraos, em que entraraõ ElRey, e Suas Altezas, e muitas Damas, e Senhores, a que ElRey excedia no ar, e na graça, com que dançava, o que a Rainha celebrou com grande satisfação delRey. Não faziaõ os divertimentos esquecer à Rainha as devoções, com que fora creada; e assim ouvia Missa todos os dias, para o que tinha bem concertado, e servido Oratorio. Não deixava a Rainha de satisfazer em tudo, no que ElRey mostrava gosto; porém com a mudança dos exercicios taõ diversos, era necessario ao Embaixador pôr toda a diligencia, e rogos, para

para vencerlhe a repugnancia , que tinha de fahir fóra em publico todas as vezes , que ElRey desejava. Mas o novo trage Inglez , a que se não accommodava facilmente , lhe ficava ainda assim tão naturalmente , que lhe accrescentou muito o affecto daquella Nação. A 8 de Agosto chegou a Granvich (Villa , que dista duas legoas de Londres) a Rainha , mãy delRey , que havia vindo de França , e no dia seguinte a foy visitar ElRey , e a Rainha acompanhados de toda a Corte : ao Conde de Pontevel , e Francisco Correa da Sylva mandou Sua Magestade hum coche para que os acompanhassem : o Embaixador Marquez de Sande , e D. Francisco de Mello , o não puderaõ fazer por estarem doentes.

Chegaraõ os Reys pouco depois de haver jantado a Rainha Mãy , que veyo esperar a visita à primeira porta do Paço , depois de sobida a escada , e fazendo a Rainha D. Catharina acção de se pôr de joelhos , e beijarlhe a mão , a levantou nos braços com grande carinho , e mostras de amor , repetindolhe diversas vezes a paz. Entrando na casa , em que se havia de tomar a visita , a Rainha Mãy disse à Rainha , que evitasse todos os cumprimentos , porque ella não passara àquelles Reynos mais , que por ter a ventura de a ver , e de a amar como filha , e servilla como Rainha , e Senhora daquelles Reynos. Satisfez a Rainha com iguaes expressões de respeito , e estimação , mostrando o grande gos-

to, que tinha de a ver, e segurando, que o tempo lhe mostraria, que no amor, e obediencia de servil-la, não lhe havia de exceder nem ElRey, nem o Principe seus filhos. Acabados os primeiros cumprimentos, a Rainha Mãy se sentou em huma cadeira de espaldas à mão direita da Rainha, que estava em outra em tudo igual, ElRey se sentou em huma cadeira raza, a Duqueza de York em outra, e o Duque seu marido ficou em pé. Todos os que se acharaõ presentes beijaraõ às mãos à Rainha com grande satisfação. Offereceolhe a Rainha Mãy de merendar, que não aceitou, porque havia pouco tinha jantado antes, que partisse de Hamptoncurt: durou a visita quatro horas, em que a Rainha Mãy fez quantas demonstrações dicta o gosto, em obsequio, e attenção da nora. Despediraõ-se as Magestades, e a Rainha Mãy as acompanhou até o mesmo lugar, em que as recebera, e com huma hora de noite chegaraõ a Hamptoncurt, onde a Rainha ceou com ElRey em publico, com extraordinaria alegria de todos os que a viaõ. No dia seguinte foy ElRey a Londres, e na tarde foy a Rainha acompanhada dos Officiaes da sua Casa a encontrar a ElRey ao caminho, galantaria, que ElRey estimou tanto, que com finas expressões mostrou agradecerlha, o que foy muy applaudido na Corte. Voltou a Rainha Mãy de Londres em coche, acompanhada de huma grande parte das guardas delRey, a visitar as Magestades. ElRey a foy

foy buscar onde ella se apeou, e alevou pela mão até onde a Rainha a esperava. Tanto, que sobiraõ ao ultimo degrao da escada, sahio a Rainha a recebella, e depois de se cumprimentarem com reciprocas mostras de alegria, entraraõ em huma antecamera, e se sentaraõ ambas as Rainhas debaixo de hum rico docel em cadeiras, ficando à mão direita a Rainha Mãy, e à esquerda a Duqueza de York hum pouco affastada, ElRey esteve em pé, e o Duque de York seu irmão, e hum, e outro serviraõ de interpretes às duas Rainhas. Jantaraõ juntas as Magestades; o Duque, e Duqueza de York, acabado o jantar, passaraõ para a Camera da Rainha, aonde entraraõ os seus Musicos, que a Rainha Mãy applaudio muito.

A grandeza, e a commodidade do Palacio de Hamptoncurt, e a frescura do sitio deu motivo às Magestades passarem nelle todo o Veraõ. Determinando ElRey fazer a sua entrada em Londres pelo rio Thamasis a 3 de Setembro, embarcaraõ em hum dos bargantins Reaes, em que entraraõ o Duque, e a Duqueza de York sua esposa, o Principe Roberto, e o Principe Duarte seu irmão, que tambem não havia muito, que chegaraõ de França com a Rainha Mãy, e a Condeffa de Solfolk, primeira Dama da Camera da Rainha, e não foraõ as Condeffas de Penalva, e Pontevel por estarem doentes, e em outros bargantins hiaõ as Damas da Camera, e Officiaes da Casa Real. Toda

a distancia, que era de sete legoas, estava occupada de Soldados, e gente do povo. Em Brefort, lugar, que dista oito milhas de Londres, esperava hum bargantim grande, que não podia sobir pelo rio acima, guarnecido todo de vidraças, com toldo carmezim bordado de ouro, para as Damas de Honor, e mais criadas da Rainha; e em Potnem, tres milhas de Londres, estava outro bargantim, em que os Reys haviaõ de fazer a entrada, com vinte e quatro remeiros vestidos de escarlate, com as Armas no peito, e nas costas, o qual era todo dourado, com hum toldo de brocado de ouro, por dentro, e por fóra, guarnecido de franjas, e passamanes de ouro, sustentado em quatro pilares, abertos por todos os lados, para melhor verem, e serem vistos de todos, e seguidos de outros muy luzidos, e de diversas embarcações empavezadas. Chegaraõ pelas seis horas da tarde a Londres, e desembarcaraõ em huma ponte, que se havia preparado junto ao Paço, onde a Rainha Mãe esperava, e toda a Corte, e Nobreza do Reyno adornada com riquissimas galas. Seguirãõ-se notaveis festas, em que se mostrou a grandeza do poder, e luzimento, com que a Nação Ingleza se não deixa vencer das mais celebres da Europa. A Casa da Rainha formou El-Rey de pessoas de grande qualidade, e diremos as que achámos em memorias daquelle tempo, além das já referidas. Foy sua Camereira môr a Condesa de Arlington; Damas da Camera a Duqueza de Clerc.

Clereland , a Condeſſa de Tindal , a Condeſſa de Manchester , a Condeſſa de Hertford , a Condeſſa de Linzit , a Condeſſa de Clarendon ; Mordomo môr o Conde de Cheſterfield , Eſtribeiro môr João Arundel , ſeis Conſelheiros , todos titulos , e Chancellor , todas peſſoas de qualidade. Theſoureiro Thomás Tim , Camereiro menor Monſieur Serrans , Secretario Ricardo Belim , Monſieur Ropor , e Monſieur Portor , Gentis-homens da Camera privada ; mais quatro Cavalheros com o meſmo emprego , quatro Eſtribeiros , dous Copeiros , ou Trinchantes , que ſerviaõ quando comia em publico , quatro Pagens de Honor , e outros de inferior foro ; criadas para toucarem , e outras para diversos empregos , e na meſma fórma homens pertencentes ao ſerviço da ſua Caſa , que era tratada com a mayor magnificencia , e Mageſtade , que ſe póde imaginar.

Naõ paſſou muito tempo , que naõ começafſe a Rainha a ſentir os illicitos divertimentos del-Rey , o que tolerava com tanta prudencia , que deu a conhecer ao Mundo ſer o exemplar da mayor conſtancia , aſſim como o manifeſtava na prudencia , e virtudes Catholicas , que deſejava ſe exercitaſſem com mais liberdade. Inflammada no zelo da Fé conſeguio , com intervençaõ do Chancellor , e diligencia do Marquez de Sande , que mandafſe El-Rey da Grãa Bretanha a Roma hum Irlandez chamado Belling , Catholico de conhecida virtude ,
e in:

e intelligencia de largas experiencias, para que observando as intelligencias daquella Corte sobre as cousas de Portugal, soubesse o estado, em que se achavaõ as differenças entre o Pontifice, e ElRey de França, sobre o sabido successo do Duque de Creguy, Embaixador em Roma ao Pontifice Alexandre VII. e que de tudo dèsse particular noticia ao Chancellor. A Rainha escreveo ao Papa huma larga, e bem formada Carta, que continha haver chegado a Inglaterra, e que havendo aceitado aquella Coroa pela grandeza da Monarchia, era nella mais poderoso o desejo de servir a Religiaõ Catholica Romana: e que nos poucos mezes da sua residencia vira manifestado pela misericordia de Deos effeitos, que passando de naturaes, pareciaõ milagrosos; felicidade, que ella attribua ao zelo da Religiaõ do Real sangue de Portugal, de que ella nascera: razao porque se achava obrigada a representar aos pés de Sua Santidade, que não mereciaõ menos attençaõ da Sé Apostolica os serviços dos fidelissimos Catholicos de Portugal, que a infelicidade dos estragos de Inglaterra, e nesta consideração se achava obrigada a expor ao Pontifice pela importancia da Igreja, e pela justiça clara, e manifesta, as muitas, e forçosas causas, que o obrigavaõ a acodir a Portugal; e tirando o escandalo, que dava aos Catholicos, e o motivo, que tomavaõ os Hereges, (ainda que fosse falso) de espalharem não ser a justiça da Cadeira de S. Pedro com a equi-

equidade, que se segurava na infallivel assistencia do Espírito Santo: e que estes motivos, que ella experimentava, não só como Infanta de Portugal, mas como Rainha de Inglaterra, a obrigavaõ, além da veneração de beijar o pé a Sua Santidade, a mandar em qualidade de Enviado a Beling, a quem poderia dar inteiro credito, e fé, a tudo quanto da sua parte lhe representasse, segurando a Sua Santidade, que na sua mão estava sómente abrir a porta a grandes felicidades da Igreja nos Reynos de Inglaterra, para o que se achavaõ tantas disposições opportunas, que lhe seguravaõ ditofo fim; reconhecendo assim os Hereges, que a summa justiça de Sua Santidade começava a abrir caminho ao remedio de Portugal, e que succedendo o contrario, o que não podia esperar, protestava a Sua Santidade o imminente perigo, a que expunha não só os principios da reducção de Inglaterra, senão o risco da constancia de Portugal, de que a uniaõ temporal, em que se achava com Inglaterra, pudesse passar (o que Deos não permittisse) a damnos espirituaes, e que a Sua Santidade, como Vigario de Christo, tocava ponderar, e attender madura, e desinteressadamente à disposição do estado da Religiaõ Portugueza, e Ingleza; huma para sustentar-se, outra para se melhorar, e que da justiça, juizo, clemencia, e bondade de Sua Santidade, esperavaõ os dous Reynos o mais seguro remedio: e que succedendo abandonar-se tão bem fundado discursão,

curso , tomava a Deos por testemunha , de que o unico motivo , que a persuadira a ser Rainha de Inglaterra , fora mais , que de Sceptros , e Coroas , o desejo de servir a Religião Catholica Romana , que confessava , e esperava confessar até os ultimos alentos da vida. Nesta mesma substancia escreveo a Rainha aos Cardeaes , e principalmente ao Cardeal Ursino , recommendandolhe tambem a Milord de Aubing , seu Capellaõ mór , para que fosse nomeado Cardeal pelas suas grandes virtudes , e elevados merecimentos. ElRey de Inglaterra tambem escreveo a muitos Cardeaes , com quem tinha particular correspondencia , pedindo na pertençaõ de Portugal reposta formal , que era a da nomeação dos Bispos , de que temos tratado.

Depois da Rainha despedir o Enviado para Roma , applicou cuidadosamente todas as diligencias possiveis a favor dos Catholicos de Inglaterra , contra a poderosa opposição dos Protestantes , espalhando estes , que as affectuosas diligencias da Rainha persuadiaõ a ElRey a se declarar Catholico: e entendendo ElRey , que em tempo taõ perigoso , e entre animos taõ obstinados , era necessario temperar com a prudencia movimentos revoltosos , chamou o Parlamento , onde deu por escrito huma proclamação , que continha circumstancias essenciaes para melhor direcção do governo do Reyno ; e chegando a fallar nos Catholicos , em hum dos Capitulos , dizia por palavras expressas as razoes seguintes,

guintes, inspiradas pela efficaz diligencia, e zelo da Rainha, como escreve o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes. „ Com a mesma liberdade con-

*Ericeira, Portug. Ref-
taurado, tom. 2. liv. 2.
pag. 600.*

„ fessamos ao Mundo, que a nossa tenção não he
„ excluir da nossa piedade nossos subditos Catholi-
„ cos Romanos, que tão igualmente se portarão
„ em beneficio nosso nos successos passados, que
„ os fizeraõ mercedores por suas acções de nossas
„ Reaes promessas, esperando da prudencia do nos-
„ so Parlamento nos assista à fórma, que lhe pare-
„ cer conveniente para alivio de tenras conscien-
„ cias; porque não seria menos semjustiça, que
„ aquelles, que foraõ mercedores de premio, se
„ lhes negasse alguma parte da misericordia, que te-
„ mos mostrado àquelles, que procederaõ em mui-
„ to differente fórma; e além destas razoens são
„ tão fortes as Leys capitaes, que estão estabelecidas
„ contra elles, que supposto, que fossem jus-
„ tificadas no seu rigor pelos tempos, em que se
„ promulgaraõ, confessamos, que nos seria pezado
„ vir na execuçaõ dellas, dando morte a alguns dos
„ nossos subditos sómente pelas materias da Reli-
„ giaõ. Porém no mesmo tempo, em que decla-
„ ramos o mal, que nos parece effusaõ de sangue,
„ e nossas graciosas tenções sejaõ para aquelles nos-
„ sos subditos Catholicos Romanos, que viverem
„ pacificamente sem escandalo; queremos, que el-
„ les todos entendaõ, que devem fazer aquillo, a
„ que são obrigados pela sua lealdade, e pelo nosso

Tom. VII.

Rr

„ re-

„reconhecimento , não offendendo as Leys , que
 „já estão , ou se fizerem para impedir , ou espalhar
 „sua doutrina em prejuizo da Religião Protestan-
 „te , ou se pela nossa declaração , conforme a qua-
 „lidade Christãa de nos não parecer bem effusão
 „de sangue sómente por Religião , os Sacerdotes
 „tomarem confiança de apparecerem , e se darem a
 „conhecer em offensa , e escandalo dos Protestan-
 „tes , e das Leys em seu vigor contra elles , de
 „pressa conhecerão , que sabemos ser severos , quan-
 „do a prudencia o requiere , assim como somos bran-
 „dos , quando a caridade , e o conhecimento do me-
 „rito o pede. „ Desta maneira soube a Rainha ir
 dispondo o animo delRey , para que o tempo com
 as diligencias espiritalmente politicas fossem com
 o seu poder enfraquecendo as forças dos Hereges ,
 sendo para estas disposições a Rainha gloriosa ex-
 ecutora da grande prudencia , e incançavel disvelo ,
 com que lhas ministrava o Marquez de Sande , Em-
 baixador , o que ella depois soube tão bem mane-
 jar , como mostrou o tempo em perigosas conjun-
 cturas , que nelle aconteceraõ , não só no seu rey-
 nado , mas depois na revolução daquella Coroa ,
 conservando sempre illeso o respeito pelas maximas
 da sua prudencia.

Em differentes occasioens experimentou a Rai-
 nha a opposição dos Inglezes Protestantes , irrita-
 dos com a viva suspeita , de que introduzira no ani-
 mo delRey as verdades Catholicas , e com a cer-
 teza

teza de que contribuiu muito para a conversão de seu cunhado o Duque de York, que depois reynou com o nome de Jacob II. e perdeu o Reyno de Inglaterra por ganhar o do Ceo: e se como seguiu os conselhos da Rainha no verdadeiro zelo, se governasse pela prudencia, com que ella os moderava, pôde ser, que conservasse o Reyno em grande beneficio da verdadeira Religião. E tanto reconheceo o Principe de Orange (que em 1668 tirou a Coroa a ElRey seu sogro) as virtudes da Rainha, que apesar de hum partido tão contrario, lhe conservou o mayor respeito nos cinco annos, que ella residio em Londres, depois que o Principe com o nome de Guilherme III. occupou aquelle throno, tendo-se ausentado para França com toda a sua familia ElRey Jacob II. Antes havia padecido a Rainha grandes contratempos, chegando a ser publicamente accusada no Parlamento por fautora da nobre culpa de querer introduzir a Religião Catholica em Inglaterra, e por outras, que com mais falsidade fomentou a inveja, sendo a esterilidade huma das causas, com que os Protestantes pertendiaõ o divorcio, com horrivel exemplo de Henrique VIII. que repudiou outra Rainha do mesmo nome, e igualmente Catholica, e não infecunda. ElRey defendeo a Rainha com grande constancia, e ainda com perigo, estando muito na memoria a horrenda tragedia, e parrecidio delRey Carlos I. seu pay, e o exemplo da fatal memoria

da Rainha Maria Stuarda , sem que a nenhum privilegiaſſe a innocencia , e o ſagrado da Mageſtade. O Conde de Caſtello-Melhor Luiz de Vaſconcellos e Souſa , que mais por infelice , que por culpado vivia auſente da ſua Patria em Inglaterra , ſervio à Rainha com tanto valor , e zelo , que eſperava ao entrar do Parlamento aos meſmos Deputados , que votavaõ ſe lhe cortaffe a cabeça , o que ella remunerou com precioſas joyas , e groſſas quantias , de que o Conde perpetuou o agradecimento , fundando com ellas hum Morgado , que intitolou de *Santa Catharina* , que deixou aos ſeus deſcendentes. Prevaleceo finalmente a virtude contra a malicia , e ficou a Rainha triunfante ; e ſe mereceſſem fé as Memorias de Burnet , Biſpo de Salisbury , mais credulo nas noticias incertas do povo , que nas verdades infalliveis da Religiaõ , ſe achariaõ nas ſuas Memorias alguns ſucceſſos particulares , ainda que inveroſimeis , da vida da Rainha , que ſem outras provas mais , que a ſua pouca averiguaçaõ , ainda que no eſſencial a vem a juſtificar , refere , que propuzeraõ a ElRey repudiaſſe a Rainha , mas elle o abominou , como merecia taõ ſacrilego projecto. Eraõ os atrevidos fautores deſta machina , que paſſaraõ de temerarios a publicos accusadores , Hoſtk , e Belhõ , e era em ſumma a accusaçãõ , que a Rainha por ſuggeſtaõ do Papa , e de outros Principes Catholicos , ſendo occultos instrumentos deſte negociado Filippe Houvard , Cardeal de Norfolk ,

Burnet , *Histoire des Dernieres Revolutions de Angleterre* , tom. 1. pag. 459 , &c. Impref. na Haya em 1725.

folck , e Thomás Whit , Superior da Companhia de Inglaterra , com outros muitos Padres da mesma Companhia , como de outras Religioens , machinava contra a pessoa delRey seu esposo , contra a Religiaõ Protestante , e estado publico de Inglaterra , com o fim de introduzir naquelle Reyno a Religiaõ Catholica Romana , para cujo effeito se tinha prevenido o Medico delRey com veneno , e com armas Milord Arundel de Wardour , destinado Graõ Chancellor de Inglaterra , o Conde de Powisgran , Thesoureiro , Milord Rellasis , General da Armada , Milord Peters , Mestre de Campo General , e o Visconde de Staffort , Commissario Geral , e Thesoureiro da mesma Armada. A que accrescentavaõ , que morto ElRey , exaltariaõ ao throno o Duque de Yorck por ser Principe Catholico ; sendo o primeiro movel desta detestavel , e blasfema accusação Milord Herbert Cherbury , que sobre a averção , que tinha à Religiaõ Catholica Romana , aborrecia mortalmente ao Duque de Yorck , sentido de em certa occasião o haver tratado mal com as mãos , e palavras na sala do Parlamento , como elle merecia. Esta exacranda novidade chegou à noticia da Rainha , sem outra prevenção , que a sua innocencia ; e vendo-se em taõ imminente perigo , em que poderia triunfar a falsa perfidia daquelles Vassallos , participou ao Principe Regente D. Pedro seu irmaõ , por hum Expresso , o estado , em que a ambição , e odio da Religiaõ Catholica puzera o
seu

Sousa Moreira, *Theat.*
Hist. Geneal. da Casa
de Sousa, pag. 940.

seu Real decóro. Mandou logo o Principe Regente à Corte de Inglaterra ao Marquez de Arronches a assistir à Rainha, que partio desse Reyno a 9 de Fevereiro de 1680, e chegando a Londres a tempo, que havia pouco sahira desterrado daquella Corte o Duque de Yorck com o pretexto de haver descompsto no Parlamento a Milord Cherbury, ficaraõ com a ausencia daquelle Principe desaffombrados os traidores, esforçando intrepidamente a accusação de forte, que já era formidavel o semblante desta perfidia. Porém Deos, que nos maiores perigos sómente póde firmar a felicidade, serenou tanto a tempo esta taõ terrivel tormenta, que se vio ultrajada a calumnia, e sem perigo a innocencia; porque ElRey seu esposo, que por maligna suggestão havia cinco annos, que faltava naõ sómente às attenções de esposo, mas tambem às que devia à sua Real pessoa, lhas restituiuõ fino, e attento, com pleno conhecimento, do que merecia a sua amada Consorte. Belhõ, hum dos accusadores, teve com morte apressada castigo infame; Hostk exposto na praça publica à irrisão, sobreviveo à sua deshonra: ao Doutor Hequemá por premio da sua innocencia, lhe foy restituído naõ só o credito, mas a graça, e merce delRey. Cherbury, que havia sido o primeiro movel desta detestavel machina, e o que a movia, e animava, vendo, que naõ prevalecia a perfidia, passou a huma impiedade, instando no Parlamento pelo repudio da Rainha

Rainha com o exemplo, que temos referido acima, delRey Henrique VIII. Mas finalmente vendo, que o amor, com que ElRey tratava a Rainha, destruiu, e arruinara as suas machinas, antes que cahissem na sua pessoa, se passou a Hollanda, aonde em breve tempo acabou, mas não tão apressadamente, que não visse primeiro restituído à Corte o Duque de Yorck, para que vivamente sentisse acabar sem honra, nem visse satisfeita a vingança, que intentara. Este he em summa todo aquelle terrivel contratempo, que cercou a Magestade da Rainha, em que triunfou não menos a innocencia, do que a constancia, e brilhou o amor do Principe Regente seu irmão na prompta resolução, com que entrou neste negociado, a que a sua Real fortuna conseguiu tão feliz conclusão.

Foy a Rainha D. Catharina de estatura pequena, grossa, e de agradavel presença, ornada de excellentes virtudes, grande Christandade, e devoção, honesta, prudente, e entendida: fallava pouco, mas com bellas palavras, magnifica, liberal, benigna, grandemente esmoler, e com generoso animo, e larga mão fazia este serviço a Deos, e ao proximo, e muito agradavel, sem embargo de estar sempre revestida da Magestade. A larga ausencia, que fez da Patria, não lhe pode trocar a gravidade dos costumes, em que fora criada; e praticando todos os decentes da Nação Ingleza com Magestade, era com tal suavidade, que se fazia
grata

grata à melhor , e mayor parte dos seus Vassallos , de sorte , que nelles experimentou amor , que ella sabia conciliar com natural agrado , sem que lhe diminuísse a affabilidade , com que estimava a Nação Inglesa , o conhecimento daquella natural inconstancia , que ella por qualquer leve accidente costumava usár com os proprios Reys , a qual a Rainha supportou com constancia admiravel , ainda quando esteve exposta a evidentes perigos pelo augmento da Religião Catholica Romana. ElRey seu marido a estimou com publicas demonstrações , como se vio na commissão , que por seu respeito mandou a Roma , e em outras occasioens , e ella se fazia merecedora dos mais reverentes obsequios , porque o amou ternissimamente. Na doença , de que ElRey morreo , foy tal a sua efficacia , que introduzindolhe Ministros Catholicos , abjurou ElRey a heresia , e morreo reconciliado com a Igreja Catholica Romana a 16 de Fevereiro de 1685. A Rainha , em quanto viveo , lhe mandava dizer pela sua alma neste dia hum grande numero de Missas em todas as Igrejas de Lisboa. Quando desta Princeza não souberamos outra cousa mais , que este importante negociado , em que fez , quanto cabe na fé humana , feliz a alma de seu esposo , trocandolhe a Coroa , que perdia , por huma eterna ; esta acção sómente basta para a fazer huma das mais celebres Heroínas , que se coroarão com a Magestade. Burnet referindo a reconciliação del-Rey

Burnet , *Histoire des Dernieres Revolut. d' Anglet.* tom. 1. liv. 2. pag. 643.

Rey Carlos com a Igreja Catholica Romana , declama furiosamente contra ElRey , como costuma sempre , que se lhe offerece occasião de fallar na Religiaõ Catholica, de que se vê , que daqui nascia o motivo , porque taõ arrojadamente se atreveo contra o Real decóro destes Reys. Porém como neste Author vivia o espirito da soberba , e opposição contra a Religiaõ Catholica , naõ admira , que rompesse a sua má vontade nos absurdos , que escreveo contra a Rainha ; porque na Obra , que tambem imprimio da *Historia da Reformaçaõ* , escreveo taõ cegamente preocupado da sua má vontade , que deu motivo ao illustre Prelado Jaques Benigno Bossuet , Bispo de Meaux , para que na sua admiravel Obra da *Historia das variações das Igrejas Protestantes* , impressa no anno de 1688 em dous volumes de quarto , convenceffe os erros de Burnet com o mesmo , que elle havia escrito : e sendo taõ estimaveis as Obras do insigne , e douto Bossuet , nesta parte merecem ainda mayor applauso pela evidencia , com que convenceo a arrogancia daquelle Author. Tambem o Abbade Joachim le Grant convenceo com muita energia a Burnet na *Historia* , que escreveo , do *Divorcio de Henrique VIII. e da Rainha Catharina* , refutando os primeiros livros de Burnet , impressa em Pariz em 1688 em tres volumes de doze ; e nas Notas , e Observações , que fez à Carta de Burnet para Thevont , que imprimio no referido anno , desfez as calumnias

daquelle Sectario. O erudito Poeta Pedro de Azevedo Tojal em hum Poema Heroico de doze Cantos, que intitidou: *Carlos reduzido: Inglaterra illustrada*, e se imprimio em Lisboa no anno de 1716, eternisou com grande elegancia a memoria desta Princeza, louvandolhe as suas virtudes, e descrevendo as festas do seu casamento, do qual formou a idéa para a composição desta Obra.

Residio a Rainha na Corte de Londres na companhia delRey seu marido vinte e dous annos, nove mezes, e oito dias, e depois da sua morte mais de sete annos, até que saudosa da patria escreveu a ElRey Dom Pedro seu irmão, que desejava recolherse a Portugal. Como ElRey entendeu, que podia ser possivel lograr a companhia de sua irmãa, promptamente dispoz tudo o que podia pertencer à vinda de Sua Magestade Britanica para Portugal. Segurou a Rainha as suas rendas com a Corte de Londres na fórma das Capitulações do seu casamento; e deixou por effeito da sua generosidade, e não por obrigação, consignada subsistencia para os ordenados dos criados, que a haviaõ servido naquelle Reyno, pagandolhe em Portugal pontualmente duzentos e quarenta mil cruzados cada anno, que se continuaraõ quasi treze, que viveo neste Reyno. Entrando ElRey Jacob II. como dissemos, a reynar em Inglaterra em 1685, e vendo a Rainha com grande gosto florescer a Religiaõ Catholica, sentio, como tambem já ponderámos, que o zelo se
naõ

naõ moderassẽ com a prudencia; o que deu occa-
siaõ, a que os Inglezes chamaßem, entrando a ma-
yor parte da Naçaõ nesta idéa, a Princeza Maria,
mulher de Guilherme de Nassau, Principe de Orange,
Statouder de Hollanda, pelos motivos, que fo-
raõ causa da liga de Ausburg contra o grande po-
der de Luiz XIV. Rey de França, e vendo a Rai-
nha as consequencias, que podia ter esta mudança,
e que ElRey Jacob havia de passar com a sua fa-
milia para França, cuidou em recolherse a Portu-
gal, para onde já no dito anno de 1685 tinha vin-
do o Conde de Castello-Melhor com permissaõ del-
Rey D. Pedro. Este nomeou depois em 1688 pa-
ra conduzir a Rainha a Nuno da Cunha de Atai-
de, Conde de Pontevel, Estribeiro môr da Infanta
D. Isabel. Partio o Conde para França por terra
com seu sobrinho Nuno da Cunha de Ataide, ho-
je Cardeal, e Inquisidor Geral, que o acompanhou
até Pariz, donde voltaraõ por mudar a Rainha en-
taõ de parecer, vendo podia ser util aos Catholi-
cos a sua assistencia em Londres; e experimentan-
do depois no Principe de Orange, já novo Rey
com o nome de Guilherme III. e na Rainha sua
mulher toda a attençaõ, que mereciaõ as suas gran-
des prerogativas, determinou a sua jornada. Sa-
hio de Londres, e fazendo caminho por França, e
Hespanha, entrou em Portugal pela Provincia da
Beira. Nomeou ElRey para a conduzir ao Mar-
quez de Arronches Henrique de Sousa, do Confe-

lho de Estado, que já fora seu Embaixador na Corte de Londres, cuja pessoa era grata à Rainha. Partio o Marquez para Almeida anticipadamente a esperalla acompanhado do Marquez de Arronches, Principe do Sacro Romano Imperio, casado com sua neta, de D. Joseph de Menezes, e do Marquez de Tavora seus genros, de D. Diogo de Menezes, D. Antonio de Noronha, e do Conde de S. João seus netos, e do Conde da Calheta, em quem concorria a mesma razão por ser casado com sua neta, e de huma boa comitiva de criados muy luzidos. Teve o Marquez Conductor noticia das jornadas, que fazia a Rainha, e de que chegando a Matapossuelos, Lugar da Coroa de Castella, enfermara de huma erysipela: tanto, que o Marquez de Arronches teve esta noticia, mandou à Universidade de Coimbra buscar o Doutor Antonio Mendes, Lente de Prima de Medicina, e Medico da Camera delRey, hum dos mayores professores, que teve aquella sciencia. Tanto, que elle chegou a Almeida, partio o Marquez com elle a Matapossuelos, a Rainha agradeceo muito ao Marquez o seu cuidado, justamente merecido do seu zelo; e convalecida a Rainha, continuou a sua jornada para Almeida: governava as Armas daquella Provincia, com Patente de General da Artilharia, o Visconde de Barbacena Jorge Furtado de Mendoga. Desta Praça continuou a Rainha a jornada para Lisboa, achando por toda a parte aquelle amor, que

os Portuguezes costumão tributar aos seus Príncipes. Entrou em Lisboa a 20 de Janeiro de 1693 entre vivas, e acclamações do povo. ElRey D. Pedro seu irmão a foy buscar ao caminho, e sahio do Paço da Corte-Real às nove horas da manhã acompanhado de toda a Corte, e se encontraraõ na calçada do Lumear, e não dando o sitio lugar de voltar o coche, emparelhou o em que ElRey hia com o da Rainha: do delRey desceraõ logo o Conde de Vianna seu Estribeiro môr, o Marquez de Marialva, Mordomo môr, e o Marquez de Algrete, Gentil-homem da Camera; sahio ElRey do seu coche, e chegando ao estribo do coche da Rainha, lhe mostrou com agrado, e com expressões o grande gosto, que tinha de a ver: depois de Sua Magestade Britanica agradecer o affecto delRey seu irmão, com igual contentamento passou a entrar no coche delRey, e tomando o lugar da mão direita, se continuou o acompanhamento na fórma costumada. Foy conduzida à Quinta de Alcantara, aonde a esperava a Rainha D. Maria Sofia, que a veyo receber ao topo da escada, e depois de se cumprimentarem com grandes mostras de contentamento, se despedio a Rainha D. Maria; e a Camereira môr, as Senhoras de Honor, e Damas, e Officiaes da Casa, que a acompanhavaõ, beijaraõ a mão à Rainha da Grãa Bretanha, e ElRey voltou com a Rainha sua mulher para o Paço. Foy magnifica a hospedagem, que durou por mui-

Memorias m.f. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. XI. pag. 69.

tos

tos dias. Depois quando as Rainhas se avistavam, cada huma na sua casa, cedia huma à outra o melhor lugar, e assim se visitavam muitas vezes, crescendo tanto na amizade, que em effeito della, e do parentesco affentaram, que não sahiriam da casa, em que cada huma se achasse, o que seria reciproco em ambas; e tambem em demonstração da amizade, e carinho affentaram fallarem-se por *vós*. Com todo este amor, e humanidade se trataram estas duas Rainhas, ornadas ambas de excellentes virtudes. Assistia a Rainha D. Catharina na Quinta de Alcantara, e depois buscando sitios accommodados ao seu genio, e saude, occupou alguns Palacios, depois do de Alcantara. Foy primeiro para o do Conde de Redondo junto a Santa Martha, depois para o do Conde de Soure, de donde foy para o do Conde de Aveiras em Belem, e ultimamente edificou hum novo Palacio, Capella, e Quinta no sitio da Bemposta, onde viveo, e para donde só se apartou dos poucos dias, que residio no Palacio da Corte-Real com ElRey seu irmão, e antes tinha feito no mez de Fevereiro do anno de 1699 huma jornada a Villa-Viçosa, onde esteve com gosto, e depois na Cidade de Evora, na qual a 4 de Mayo fez entrada publica; e sendo recebida com magnificas festas, ricos arcos, e com todas as ceremonias devidas à Magestade, voltou para Lisboa, aonde chegou a 8 do referido mez. Conser-
vou sempre alguns criados, e criadas Inglezas, e
tendo

tendo voltado para Inglaterra a Condeſſa de Fingal com huma filha ſua, Senhoras Irlandezas Catholicas, e de muita qualidade, recebeo com o exercicio de Cameristas, e largos ordenados, Senhoras Portuguezas da primeira qualidade, que foraõ as Condeſſas da Ericeira, de Pombeiro, e S. Lourenço, todas viuvras; D. Archangela Maria de Portugal, irmãa do Conde de Sarzedas, viuva de Dom João de Caſtro Telles, D. Ignês Antonia de Tavora, filha do Morgado de Oliveira, e viuva de João de Saldanha de Souſa, D. Joanna de Tavora, viuva de Simão de Vasconcellos e Souſa, Governador da Caſa do Infante D. Pedro, e filha de João Gomes da Sylva, Regedor das Juſtiças.

No anno de 1704, em que o Archiduque Carlos com o nome delRey D. Carlos III. de Caſtella paſſou a Portugal, pouco depois de chegado, enfermou a Rainha de huma eryſipela, que a teve muito tempo de cama, e mandando ElRey Catholico ſaber della por hum Gentil-homem da ſua Camera, e dando o recado à ſua Camerista, que eſtava de ſemana, lhe representou juntamente o grande deſejo, que ElRey tinha de ver a Sua Mageſtade: pelo que a Rainha ordenou ao Duque de Cadaval, que diſſeſſe a ElRey Catholico, que ella o eſperava com grande deſejo de o ver, que o dia, e hora deixava à eleição de Sua Mageſtade. Dous dias depois avisou o Almirante de Caſtella ao Duque, que no Domingo 13 de Abril havia ElRey Catho-

Catholico de ir cumprimentar a Rainha da Grãa Bretanha. Avisou-se pela Secretaria de Estado aos Grandes, e Officiaes da Casa delRey, para que se achassem no Paço da Rainha de Inglaterra, e por parte da Rainha se avisaraõ todas as Senhoras para que se achassem no seu Paço, com o que esteve numerofo, e luzidissimo o concurso da Corte. O Conde de Vianna, Estribeiro môr, teve ordem para mandar os coches, que fossem necessários para ElRey Catholico, que foy em hum coche da pessoa delRey de Portugal, com outro de respeito. Entraraõ no coche, na cadeira de diante, o Principe de Lichtenstein, Ayo, e Mordomo môr, à maõ direita, e da esquerda o Almirante de Castella, e no estribo esquerdo o Principe de Darmstad: hia o coche coberto com a sua guarda de Corpo, e a mais comitiva se meteo nos coches, e o Conde de Assumar se adiantou no seu, naõ indo no acompanhamento, como nunca fez quando era em coche, pelo seu naõ ser precedido pelo dos Cameristas delRey Catholico.

A fórma, que se observou nesta visita foy, que na porta da falla estava Rodrigo de Almeida, Guarda das Damas do Paço delRey de Portugal, seguia-se a primeira, e segunda casa, em que ficou toda a Corte, e à porta da terceira casa estava André Mendes, Porteiro da Camera da Rainha, com ordem para naõ deixar entrar dalli para dentro nenhum Fidalgo: estavaõ nesta terceira casa todas as
Senho.

Senhoras. A porta da Camera da Rainha estava João Carneiro Brûm, tambem seu Porteiro da Camera. Tanto, que ElRey Catholico chegou, toda a Corte o foy buscar a baixo, e o tornou a acompanhar até o coche. ElRey hia descoberto, e por esta causa o foraõ tambem os Grandes de Portugal, e sómente o acompanhou até a Camera da Rainha o Principe de Lichtenstein, seu Ayo, e Mordomo môr, que lhe chegou a cadeira, e sahio para fóra a esperar à porta da Camera, que era a mesma casa, em que estavam as Senhoras; e vendo, que o Almirante estava à porta da casa de fóra, disse ao Porteiro João Carneiro, que deixasse entrar o Almirante, ou o deixasse sair; porém elle observante da ordem, que tinha, respondeo, que Sua Excellencia tinha alli, que fazer, e o Almirante não, que se quizesse sair o podia fazer, mas que o Almirante não podia entrar; porque aquella casa era reservada às Senhoras, e elle não tinha alli occupação. Entrou ElRey na Camera da Rainha, onde estava posta huma cadeira de veludo negro em distancia competente da cama, e chegandolhe a cadeira o seu Ayo, se sentou. Na Camera estava só D. Ignez Antonia de Tavora, Camerista de semana, assistindo aos pés da cama da Rainha, e tanto, que ElRey Catholico chegou para se sentar, se affastou até chegar à parede. Acabada a visita, se levantou ElRey Catholico sem esperar, que lhe affastassem a cadeira, e se despedio da Rainha

com grande cortezia, que foy muito bem correspondida, tendo-se observado huma singular ordem, e advertencia naquella Paço, que dava a reconhecer, que era habitação de huma Rainha tão prudente, e de tantas virtudes, como foy a Rainha D. Catharina.

Prova num. 42.

No mesmo anno de 1704 quando ElRey D. Pedro seu irmão passou à Beira, lhe encarregou a regencia dos seus Reynos, para cujo effeito baixaraõ Decretos a todos os Tribunaes, e ordenou ao Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, que ficasse em Lisboa (ainda que ao depois resolveo o contrario, como adiante se verá) com a incumbencia de assistir ao Principe, e Infantes seus filhos. E em hum papel, que ElRey mandou à Rainha sua irmãa pelo seu Confessor o Padre Sebastião de Magalhaens, da Companhia, entre outras cousas lhe recommendava, que em todas as cousas do governo se servisse das largas experiencias do Duque de Cadaval, e da grande fidelidade; e zelo, com que se havia empregado sempre no seu Real serviço. Deixou tambem em Lisboa para assistirem no Conselho de Estado, além do Duque, a seu filho o Duque D. Jayme, os Marquezes de Cascaes D. Luiz Alvares de Castro, o de Niza D. Francisco Balthasar da Gama, o Inquisidor Geral D. Fr. Joseph de Lencaestre, os Arcebispos de Lisboa D. João de Sousa, e de Braga Ruy de Moura Telles, os Condes de Val de Reys Lourenço

renço de Mendoça, e o de Sarzedas Dom Luiz da Sylveira, o Monteiro-môr do Reyno Garcia de Mello, e D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda Alemãa, o Secretario de Estado Dom Antonio Pereira da Sylva, Bispo de Elvas, e para Secretario das Mercês, e Expediente a D. Thomás de Almeida, (hoje dignissimo Cardeal, e Patriarca de Lisboa) substituindo a Diogo de Mendoça Corte-Real, de quem era o cargo, o qual acompanhava a ElRey seu irmão, exercendo a occupação de Secretario de Estado, e assistia tambem o Secretario Roque Monteiro Paim, o que sempre tinha feito à Rainha. Depois segunda vez no anno de 1705 teve a Rainha D. Catharina a regencia do Reyno pela perigosa enfermidade, que padeceo ElRey seu irmão, concorrendo para a guerra com tanta actividade, que naquella Campanha se ganharaõ Valença de Alcantara, Albuquerque, Salvaterra, e Çarça. No mesmo anno faleceo a Rainha de huma colica em huma quinta feira às dez horas da noite do dia 31 de Dezembro do anno de 1705, havendo cumprido sessenta e sete annos, hum mez, e seis dias. Mandou-se depositar no Real Mosteiro de Belem junto ao Principe D. Theodosio seu irmão, declarando, que em caso, que os seus ossos, se trasladassem para o Convento de S. Vicente de Fóra, como dispuzera no seu Testamento ElRey seu pay, era sua vontade, que os seus se trasladassem na mesma fórma, e se lhe désssem sepultura na

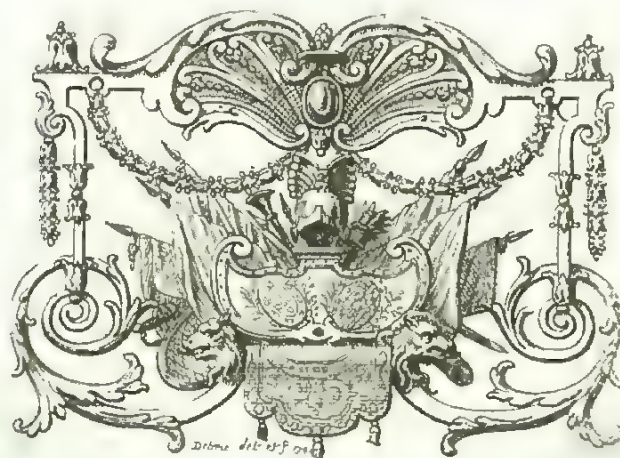
Prova num. 43.

Capella môr do dito Mosteiro. Tinha muy anticipadamente ordenado o seu Testamento em 14 de Fevereiro de 1699, em que instituio por seu universal herdeiro a ElRey Dom Pedro seu irmão, a quem pedia fosse seu Testamenteiro, e reduzindo a hum papel, em que faz menção dos legados, e esmolas aos Mosteiros pobres, e recoletos desta Cidade, e de Villa-Viçosa, e outros legados pios, com que satisfazia a sua devoção, e a sua familia, porque de toda se lembrou liberalmente: com poucas regras deu por acabado o Testamento, que escreveo Roque Monteiro Paim, do Conselho delRey seu irmão, e seu Secretario. Dotou, e mandou edificar huma Casa aos Religiosos da Companhia para nella se criarem pessoas para as Missoens da India, que fica fóra da Cidade de Lisboa no sitio, que chamaõ *Arroyos*.

ElRey Dom Pedro, que havia ido assistir à Rainha, se recolheo a Alcantara depois das nove horas da noite, e ordenou, que o Conselho de Estado ficasse no Paço da Bemposta, para que dispuzesse tudo o que fosse necessario no caso, que morresse a Rainha. Depois da sua morte, logo na presença do Conselho de Estado, se leu o seu Testamento, o qual abriu por especial ordem delRey o Secretario de Estado D. Thomás de Almeida, e o Conselho de Estado resolveo a fórma do enterro, e tambem assentou, que os Officiaes da Casa delRey seu irmão haviaõ de assistir ao serviço do funeral da Rainha. No

No mesmo Paço se fez o Officio de corpo presente , em que celebrou Pontifical D. Antonio de Saldanha , Bispo de Portalegre , eleito da Guarda , assistido dos Bispos do Algarve Dom Antonio Pereira da Sylva , do do Maranhão D. Fr. Timotheo do Sacramento , do de Bona D. Fr. Pedro de Foyos , e do de Hypponia D. Fr. Antonio Botado , e cada hum dos quaes cantou seu Responso. De tarde todo o Clero , Religioens , e ainda as Monacaes , e as que por privilegio não costumão acompanhar , estavaõ distribuidas desde o Paço da Emposta , seguindo-se pela rua de Santo Antonio dos Capuchos , S. Joseph , Annunciada , ao Rocio até a Esperança. Quando houve de começar o enterro tirou o pano , que cobria o caixaõ , Manoel de Vasconcellos e Sousa , que fazia o officio de Reposteiro môr por seu irmão o Conde de Castello-Melhôr. Pegaraõ no caixaõ o Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes , o Conde de Sarzedas D. Luiz da Sylveira , o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora , o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora , o Conde de Villa-Verde D. Pedro Antonio de Noronha , o Conde de Alvor Francisco de Tavora , o Conde das Galveas Diniz de Mello de Castro , e D. Francisco de Sousa , todos do Conselho de Estado ; e assim foy posto na liteira , e levado a Belem com o acompanhamento , e fórma observada nos enterros das pessoas Reaes , e servido de toda a Casa delRey seu irmão ; e os mesmos Conselheiros de
Estado,

Estado , que levarão o caixaõ à liteira , o tiraraõ em Belem , e no adro da Igreja o entregaraõ à Irmandade da Misericordia , conforme se pratica com os dos Reys. O Principe do Brasil com os Infantes D. Francisco , e Dom Antonio lhe foraõ deitar agua benta ao Paço da Bemposta , e acompanharaõ o corpo até se meter na liteira , a cuja cerimonia ElRey naõ assistio por lho naõ permittirem os achaques , que padecia , de que finalmente veyo a falecer. Em demonstraçaõ do sentimento tomou luto a Corte com as suas familias por hum anno , mandando-se suspender por oito dias o despacho dos Tribunaes , e que os Ministros delles , e as suas familias tomassem luto na mesma fórma , que a Corte.



Carlos II.
Rey da
Grãa Bre-
tanha, ca-
fado com a
Infanta D.
Catharina,

Carlos I. Rey
da Grãa Bre-
tanha, nasceo
a 19 de No-
vembro de
1600, e a
30 de Janeiro
de 1649.

Jacobo Stuart,
Rey da Grãa
Bretanha, nasceo
a 19 de Junho
de 1566, e a
27 de Março
de 1625.

A Rainha Anna
de Dinamarca,
e a 2 de Março
de 1619.

A Rain. Hen-
riqueta Ma-
ria de Fran-
ça, e a 10
de Agosto de
1669.

Henrique IV.
Rey de França,
n. a 13 de De-
zemb. de 1553,
e a 14 de Ma-
yo de 1572.

A Rainha Ma-
ria de Medicis,
e a 3 de Julho
de 1642.

Henrique Stuart,
Barão de Darnley,
Duque de Roth-
say, depois Rey
de Escocia, e a 20
de Fev. de 1567.
Maria, Rainha de
Escocia, e a 18
de Fev. de 1587.

Federico II. Rey
de Dinamarca, e
Noruega, e a 4
de Abril de 1588.
A Rainha Sofia de
Mekelbourg, e a
4 de Outubro de
1631.

Antonio de Bour-
bon, Duque de
Vandoma, Rey
de Navarra, nasc.
a 22 de Abril de
1518, e a 17 de
Novembr. 1562.
Joanna de Albret,
Rainha de Navar-
ra, e a 9 de Ju-
nho de 1572.

Francisco de Me-
dicis, Graó Du-
que de Toscana,
e a 9 de Outubro
de 1587.
A Graó Duqueza
Joanna de Austria,
e a 6 de Abril de
1578.

Matth. Stuart, Con-
de de Lenox, Re-
gente de Escocia, e
em 1572.

A Condesa Marga-
rida Douglas, e a 10
de Março 1578. H.

Jacobo V. Rey de
Escocia, nasc. a 15
de Abril de 1512, e
a 13 de Dezembro
de 1542.

A Rainha Maria de
Lorena, e em 10 de
Junho de 1560.

Christiano III. Rey
de Dinamarca, e em
o primeiro de Janeiro
de 1559.

A Rainha Dorothea
de Saxonia, e a 7 de
Outubro de 1571.

Ulrico, Duque de
Mekelbourg, e a 14
de Março de 1603.

A Duqueza Isabel de
Dinamarca, e a 4 de
Outubro de 1586.

Carlos de Bourbon,
Duque de Vandoma,
nasceo a 2 de junho
de 1489, e a 25 de
Março de 1537.

Francisca de Alen-
çon, Duqueza de Be-
aumont, e a 18 de
Mayo de 1513.

Henrique de Albret,
Rey de Navarra, n.
em 1503, e a 25 de
Mayo de 1555.

A Rainha Margarida
de Valois, e a 21 de
Dezembro de 1549.

Cosme de Medicis,
Duque de Florença,
e em 21 de Abril de
1574.

A Duqueza D. Leo-
nor de Toledo, e em
1562.

Fernando I. Empe-
rador, e a 26 de Ju-
lho de 1564.

Anna de Hungria,
Rainha de Hungria,
e em 1517.

Joaõ Stuart, Conde de Lenox, e
em Setembro de 1527.

A Condesa Isabel Stuart.

Archimbaldo, Conde de Angus.

A Condesa Margarida de Ingle-
terra.

Jacobo IV. Rey de Escocia, nasc.
a 16 de Março de 1472, e a 10
de Setembro de 1513.

A Rain. Margarida Tudor, filha de
Henriq. VII. Rey de Ingl. e 1539.

Claudio de Lorena, Duque de Gui-
se, n. a 20 de Outubro de 1496,
e a 12 de Abril de 1550.

A Duqueza Antonia de Bourbon,
e em 1583.

Federico I. Rey de Dinamarca, e
Noruega, e a 3 de Abril de 1533.

A Rainha Anna de Brandebourg,
e em 3 de Mayo de 1514.

Magno II. Duque de Saxonia La-
wembourg, e em 1547.

A Duqueza Catharina Brunswik,
e em 1563.

Alberto V. o Fermofo, Duque de
Mekelbourg, e a 10 de Jan. 1547.

Anna de Brandenburg, e a 19
de Junho de 1567.

Federico I. Rey de Dinamarca.

A Rainha Anna de Brandebourg.

Francisco de Bourbon, Conde de
Vandoma, nasc. em 1470, e a 3
de Outubro de 1495.

Maria de Luxembourg, Condesa
de S. Paulo, e o 1. de Abril 1546.

Renato, Duque de Alençon, e
em o 1. de Novembro de 1492.

A Duqueza Margarida de Lorena,
e em 1521.

João de Allret, Rey de Navarra,
e a 17 de Junho de 1516.

Catharina de Iox, Rainha de Na-
varra, e a 17 de Fev. de 1517.

Carlos de Valoes, Conde de An-
goulesme, e em 1496.

A Condesa Luiza de Saboya, e
em 1531.

Luiz dito João de Medicis, e em
Novembro de 1526.

Maria de Salviati.

D. Pedro Alvares de Tol. Vice-Rey
de Napol. e a 22 de Fev. de 1553.

Dona Maria Oforio Pimentel, II.
Marqueza de Villa-Franca.

D. Filippe I. Rey de Castella, e
em 25 de Setembro de 1506.

D. Joanna, Rainha de Castella. H.
e a 4 de Abril de 1555.

Ladislao, Rey de Bohemia, e Hun-
gria, e em 1516.

A Rainha Anna de Fox, e em
1506.



CAPITULO IV.

Del Rey D. Affonso VI.

18



ANTICIPADA morte do Principe D. Theodosio, como fica escrito, deixou para herdeiro do Reyno de Portugal ao Infante D. Affonso seu irmão, o qual nasceo na Cidade de Lisboa em huma festa feira 21 de Agosto de 1643 pelas oito horas da manhã, estando neste tempo ElRey seu pay na Cidade de Evora : foy baptizado a 13 de Setembro do mesmo anno na Capella Real pelo Bispo Capellaõ môr D. Manoel da Cunha, e por seu mandado benzeo a agua o Doutor Vicente Feyo Cabral, Prior da Fregue-

Freguesia de S. Juliaõ, e foy levado à pia pelo Marquez de Ferreira, Mordomo môr da Rainha, que hia com opa de brocado rico debaixo do Palio, acompanhado de todos os Senhores, e Nobreza da Corte: levavaõ as varas do Palio D. Miguel de Almeida, e Henrique Correa da Sylva, Védores da Fazenda, D. Carlos de Noronha, Presidente da Mesa da Consciencia, e D. Antaõ de Almada, Governador das Armas da Corte, que tinha sido Embaixador a Inglaterra: levava o faleiro o Marquez de Cascaes, a véla o Marquez de Aguiar, a toalha, e veste candida o Conde de Cantanhede, o gomil o Conde de Villa-Franca, e o maçapaõ o Conde de S. Lourenço. Foy Padrinho o Principe D. Theodosio, que hia atraz do Palio, vestido de chamalote anogueirado picado sobre branco, com os cabos brancos, transelim de ricas perolas, e hum rosa de diamantes no chapeo de grande valor, e junto a elle o Bispo Inquisidor Geral D. Francisco de Castro, para o advertir das cousas, a que havia de responder na celebração daquelle Sacramento: hia junto do Principe a sua Aya D. Marianna de Lencaestre, viuva de Luiz da Sylva Telles, Védor da Fazenda, e do Conselho de Estado. Na Tribuna assistio a Rainha sua mãy com as Infantas em quanto durou a função, que foy celebrada com notavel pompa. Foy jurado Principe successor da Coroa Portugueza a 22 de Outubro do anno de 1653. havendo saluido em 15 de Mayo de 1653. Era

*O Varnoso a chamar L. B. Rey. 1653
Pai.*

1. D. Pedro de Henriquez

*D. Joannaz, tinha sete a. que
foi a 15 de 2.º de Maio de 1653
a 17 de Novembro de 1653*

*Catherina, p. de por 17 de 1653
na S. Lourenço, e entao a 17 de 1653
a 17 de 1653*

1653. havendo saluido em 15 de Mayo de 1653. Era

Era curta a idade , em que o Principe do Brazil , e Duque de Bragança D. Affonso se achava , quando pela morte delRey seu pay sobio ao throno. Para o que se destinou o dia 15 de Novembro de 1656 para o auto do levantamento , e juramento , que os Grandes, Seculares, e Ecclesiasticos , e mais pessoas lhe haviaõ de fazer. Era aquelle dia huma quarta feira , na qual pelas tres horas da tarde baixou ElRey do seu aposento à falla dos Tudescos , e sahio a huma varanda , que corria immediata ao Paço , desde o lado do Forte até o outro da varanda , que fica da parte da terra , que estava magnificamente adereçada. Vinha ElRey com opa roçagante de téla de prata com flores de ouro , forrada de carmesim , e vestido de téla de ouro , e pardo , guarnecido de rendas de prata , e ouro , com abotoadura de pedraria , e hum collar ao pescoço de grande valor , e delle pendente o habito da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo em hum circulo de diamantes , espadim dourado , e mangas de téla branca lavrada de ramos de ouro , e no chapeo huma joya de diamantes , que prendia a aba do mesmo chapeo: trazialhe a cauda da opa Joaõ Rodrigues de Sá , Conde de Penaguiaõ , do Conselho de Estado , e seu Camereiro môr : immediato a Sua Magestade vinha o Infante Dom Pedro descoberto fazendo o officio de Condestavel com o estoque desembainhado , e levantado em ambas as mãos , e junto a elle Ruy de Moura Telles , do Conselho

de Estado , e Védor da Fazenda , Estribeiro môr da Rainha D. Luiza , para lhe ajudar a sustentar o estoque por ser o Infante de oito annos. Nomeou a Rainha ao Infante para exercitar este officio por evitar a contenda , que havia entre o Duque de Cadaval , e Conde de Odemira , que com fortes motivos pertendia hum preceder ao outro ; porém era claro o direito do Duque no proximo parentesco da Casa Real Reynante. Antonio Telles de Menezes , Conde de Villa-Pouca de Aguiar , General da Armada Real , e do Conselho de Estado , hia adiante fazendo o officio de Alferes môr com a bandeira desenrolada , e a elle se seguia D. João da Sylva , Marquez de Gouvea , do Conselho de Estado , e Guerra , seu Mordomo môr , e na mesma igualdade D. João Mascarenhas , Conde de Sabugal , fazendo o officio de Meirinho môr , e mais adiante D. Rodrigo de Menezes , Regedor das Justiças , e o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva , e assim se hiaõ seguindo os mais officiaes da Casa Real : à mão direita delRey vinha o Duque de Aveiro D. Raymundo de Lencastre , do Conselho de Estado , e à mão esquerda o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello , ambos em hum andar , tres , ou quatro passos mais adiante delRey : ao Duque de Aveiro se seguia o Marquez de Cascaes D. Alvaro Pires de Castro , Alcaide môr de Lisboa , e ao Duque de Cadaval o Marquez de Niza D. Vasco Luiz da Gama , do Conselho

lho de Estado, e Védor da Fazenda, e assim se seguiaõ por hum, e outro lado os Condes, observando da mesma sorte as suas precedencias, que são reguladas conforme a antiguidade das Cartas das suas Dignidades, e no meyo delles os Officiaes da Casa. Todos os Grandes, e Senhores hiaõ vestidos de gala com collares, e cadeas ao pescoço, e descobertos, por assim ser costume em semelhantes actos. Depois delRey estar no seu throno, e todos em seus lugares, e preparado assim tudo, e depois delRey ter jurado, e promettido de guardar os fóros, costumes, privilegios, graças, e merces, liberdades, e franquezas, que pelos Reys seus predecessores foraõ dadas, concedidas, e confirmadas, disse o Rey de Armas Portugal: *Manda ElRey nosso Senhor, que neste acto venhaõ jurar, e beijar a mão os Grandes, Titulos Seculares, e Ecclesiasticos, e mais pessoas da Nobreza assim como se acharem, sem precedencias, nem prejuizo do direito de algum.* A primeira pessoa, que jurou, foy D. Miguel de Almeida, Conde de Abrantes, Mordomo môr da Rainha, mãy de Sua Magestade, em cujo nome fez o dito juramento, por virtude da Carta de poder, e procuraçaõ, que para esse effeito lhe deu a mesma Senhora, a qual foy lida em voz alta, e intelligivel pelo Secretario de Estado. A segunda pessoa, que jurou, foy o Infante D. Pedro, jurando neste lugar como Infante; porque se o fizesse como Condestavel havia de ser no penultimo, e largando o

estoque a Ruy de Moura em quanto jurava. Depois se seguirão o Duque de Aveiro, e o Duque de Cadaval, o Marquez de Cascaes, o Marquez de Gouvea, e o Marquez de Niza, a que se seguirão logo os Condes, sem entre elles haver precedencia, e depois de jurarem os Grandes, foram jurar os Bispos, e os mais Bispos eleitos, nesta fórma continuando pelos Ministros dos Tribunaes, e Donatarios da Coroa, Alcaides môres, e Fidalgos, e mais pessoas de Nobreza, os quaes foram jurar assim, que podião chegar, sem entre elles se guardar ordem de precedencias, e depois de todos, em ultimo lugar, jurou o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva. Acabado este acto com as demais ceremonias costumadas, descendo ElRey do seu throno com o Sceptro Real na mão encoistado ao peito, voltou pela mesma parte acompanhado sómente, dos que com elle tinhaõ vindo, pelo declarar em voz alta o Rey de Armas Portugal, que elle assim o mandava, e foy à Capella, aonde se cantou o *Te Deum* com geral contentamento dos seus Vassallos.

Ficou ElRey debaixo da tutela daquella sábia, e prudente Matrona a Rainha D. Luiza, que não innovando cousa alguma, se servio dos mesmos Ministros, e Secretarios, e lhe nomeou por Ayo a D. Francisco de Faro, Conde de Odemira, em que concorriaõ grandes virtudes, e declarou a Rainha, que ElRey seu marido antes da sua morte

te lhe havia communicado aquella eleição : deu-
felhe quarto no Paço , e ficou Nicolao Monteiro,
Prior de Cedo-Feita , depois dignissimo Bispo do
Porto , continuando no exercicio de Mestre delRey,
e de seu irmão o Infante D. Pedro , que já logra-
va. Começaraõ logo a luzir a fortuna do filho,
e a virtude da mãy em prosperos successos do seu
reynado , vendo-se as nossas armas em todas as Pro-
vincias vencedoras das de seus inimigos , de que saõ
gloriosos testemunhos a batalha do Forte de S. Mi-
guel em Badajoz , conseguida no anno de 1658,
sendo Governador das Armas Joanne Mendes de
Vasconcellos , General da Cavallaria André de Al-
buquerque , Mestre de Campo General D. Rodri-
go de Castro , Conde de Misquitella , e outros sub-
alternos , que todos obraraõ com valor. Nesta
occafiaõ ficou ferido o Duque de Cadaval , que se
achava como particular , com huma perigosa bala
em hum hombro , e outra ferida mais leve ; e Di-
niz de Mello de Castro , Tenente General da Ca-
vallaria , com sete feridas. No mesmo anno sahio
o Exercito Castelhana mandado por Dom Luiz
Mendes de Haro a pôr sitio à Cidade de Elvas , e
poz em aperto aquella Praça por ser poderoso o
Exercito ; e pela falta de numero de defensores , e
de mantimentos , esteve reduzida à ultima miseria ,
de que a livrou a fortuna , e valor de D. Antonio
Luiz de Menezes , Conde de Cantanhede , a quem
a Rainha Regente encommendou o governo do
nosso

Prova num. 44.

Prova num. 45.

nosso Exercito , buscando elle os inimigos dentro das suas mesmas linhas , que forçadas rompeo com fatal estrago do Exercito Castelhano , e grande gloria das nossas armas a 14 de Janeiro de 1659. Governava a Praça de Elvas Dom Sancho Manoel , e foy mandado meter nella o Conde de Prado , contribuindo tambem muito para a sua defenſa o General da Artilharia Pedro Jaques de Magalhaens , e a Cavallaria governada pelo Commiffario geral D. Joaõ da Sylva , e o Capitaõ das Guardas do General D. Luiz de Menezes com a sua companhia, fazendo a guarniçaõ da Praça huma fortida , que contribuio muito para a vitoria. Sendo vencidos os Hespanhoes , ficou livre a Praça do ſitio , e os nossos vitoriosos com taõ glorioſa acçaõ derão fim à Campanha. Os Castelhanos tiveraõ huma das mayores perdas , que em muitos annos haviaõ experimentado dentro de Hespanha ; porque depois de no ſeu Exercito haverem entrado de ſoccorro trinta e ſeis mil homens , naõ achou D. Luiz de Haro mais , que quatorze mil Infantes , e tres mil e quinhentos Cavallos ; e paſſando-ſe moſtra em Badajoz no dia depois da batalha , ſe naõ acharaõ mais , que cinco mil Infantes , e mil e trezentos Cavallos , de que muitos ainda pereceraõ com o rigor do Inverno , e incommodidades do ſitio. Ficaraõ priſioneiros mais de cinco mil , em que entraraõ grande numero de Officiaes mayores , vivos , e reformados , e muitas peſſoas de qualidade. Perderaõ treze peſſas

fas de artilharia , tres morteiros , cinco petardos , quinze mil armas , muitas bandeiras , quantidade de munições , e mantimentos , que se conduziraõ para a Praça de Elvas. Dos nossos morreo o Mestre de Campo General , e General de Cavallaria André de Albuquerque , perda que se fez muy sentida pelo seu valor , e sciencia militar , tendo adquirido geral opiniaõ , e amor nos Soldados. Naõ foy menor a perda na morte de Fernaõ da Sylveira , irmaõ segundo do Conde de Sarzedas , Conselheiro de Guerra , que depois de ter servido em Flandes , e neste Reyno em muitas occasioens com distincão , acabou gloriosamente. O Mestre de Campo Luiz de Sousa de Menezes morreo das feridas , que recebeu na batalha , onde pereceraõ tambem os Capitaens de Cavallos Joaõ Ferreira da Cunha , e André Gatino , dez Capitaens de Infantaria , dous Ajudantes , dez Alferes , e cento e sessenta e sete Soldados. Ficaraõ feridos os Mestres de Campo Conde de S. Joaõ , o Conde da Torre , Simaõ Correa da Sylva , Miguel Carlos de Tavora , Joaõ Furta-do de Mendoça , Bartholomeu de Azevedo Coutinho , Antonio Galvaõ , Ascenso Alvares , Tenente do Mestre de Campo General , Luiz Francisco Correa Baharem , quatro Sargentos môres , hum Ajudante de Tenente , vinte e tres Capitaens de Infantaria , oito Ajudantes , vinte e dous Alferes ; trinta e dous Sargentos , e seiscentos Soldados , tendo todos obrado com tanto valor , como constancia ,

cia, de sorte, que gloriosamente rompendo aos seus inimigos dentro das linhas, os venceraõ, e totalmente derrotaraõ. Tambem no principio do sitio ficando doente no ultimo perigo o Conde Camereiro môr no Convento de S. Francisco fóra de Elvas, morreo entre os Castelhanos, perdendo o Reyno hum varaõ de grande valor, e fidelidade. Chegou a noticia a Lisboa a tempo, que ElRey estava assistindo ao Sermaõ da festa, que a Nobreza costuma fazer ao Santissimo Sacramento em desagravo do desacato commettido na Freguesia de Santa Engracia; e logo se cantou o *Te Deum laudamus*, e voltou ElRey ao Paço entre applausos do povo, que alegres acclamavaõ a vitoria. O Conde de Cantanhede passou a Lisboa a lograr o applauso, que merecia a vitoria, conseguida pelo seu valor. Quando o Conde chegou à casa, em que ElRey o esperava, deu alguns passos a recombello, honra singular, mas merecida do seu esciarrecido procedimento.

Eraõ grandes as despezas do Reyno, as quaes suavisavaõ os prosperos successos, que em todo elle alcançavaõ as nossas armas contra as de Castella, das quaes se viaõ triunfantes nas batalhas de S. Miguel, e Linhas de Elvas, logrando geral applauso entre as Nações; porém não se podiaõ dissimular as faltas de gente, e cabedaes para se proseguir hum guerra taõ dilatada. A Rainha Regente attenta aos interesses do Reyno considerava prudentemente

mente o quam preciso era conseguir soccorros de alguma Potencia estrangeira, e que de França seria mais facil pela guerra, que tinha com Castella, a qual poderia fazerlha ainda mais dura com as Tropas auxiliares, que mandasse a Portugal. A este fim nomeou Embaixador Extraordinario a ElRey de França o Conde de Soure, do qual era taõ conhecido o valor, como o talento para os negocios politicos, fiando do seu louvavel zelo esta importante negociaçaõ: e agradecendo o Conde à Rainha a escolha, que delle fizera, sacrificou pelo bem publico os pezares, que sentia, e depondo as queixas, e superando os achaques, que padecia, se dispoz a partir para França a 13 de Abril de 1659 em huma Nao Ingleza, levando por Secretario da Embaixada a Duarte Ribeiro de Macedo, pessoa de conhecida estimaçaõ, que depois foy Enviado na mesma Corte. Já quando o Conde chegou a França tinha noticia, que o Tratado de paz entre as Coroas de França, e Castella se dava por ajustado; porque em Flandes se havia publicado huma suspensão de armas até nova ordem. Deu grande pena ao Embaixador esta noticia, porque a verdade della alterava toda a substancia das suas instrucções; porque de todas ellas eraõ os mais importantes pontos, que a Rainha lhe recommendava, representar a perigosa conservaçaõ do Reyno, ainda que vitorioso, com a perda das muitas Tropas veteranas nas Campanhas, e sitios de Badajoz, Elvas, e Monçaõ,

motivo , que a obrigava a pedir a ElRey Christianissimo soccorro de quatro mil homens de Infantaria , e mil Cavallos , que seriaõ pagos por Sua Magestade Christianissima , e de lhe permittir escolher dous Officiaes Generaes de conhecida opiniaõ para occuparem os póstos de Mestres de Campo Generaes , dos quaes a fidelidade , e prestimo seriaõ approvados pelo Cardeal Mazarino , e que ao mesmo tempo pedisse licença para levantar igual numero de gente por conta delRey , entregandolhe logo creditos para este effeito , e ultimamente a conclusaõ da liga offensiva , e defensiva das duas Coroas contra a de Castella , materia já tratada nas Embaixadas antecedentes , e sempre differida.

Continuava o governo da Monarchia de França a Rainha D. Anna de Austria , toda entregue às disposições do Cardeal Mazarino , seu primeiro Ministro , que havia elevado França ao mais alto cume da gloria com as continuas vitorias , que havia conseguido o Marechal de Turene , hum dos mais scientes Generaes , que teve a Europa , cujo nome será sempre glorioso nos Fastos daquella Monarchia. Era o mayor cuidado daquella Corte o casamento delRey Luiz XIV. que entrava na idade de vinte e dous annos , para o qual se propunhaõ quatro Princezas , a Infanta D. Catharina de Portugal , que depois foy Rainha da Grãa Bretanha , Henriqueta de Inglaterra , depois Duqueza de Orleans , Margarida de Saboya , que depois veyo a ser

fer Duqueza de Parma , e D. Maria Theresa Infanta de Castella , a qual preferia a todas no gosto da Rainha , sendo apparentes todas as mais diligencias , que se faziaõ , e sómente dirigidas a dar ciumes à Coroa de Castella , encaminhando-se todo o poder das armas de França a fazer precisa a paz por este matrimonio. E mandando a Rainha a Madrid o Senhor de Lionne para tratar da paz , declarou este aos Ministros delRey D. Philippe IV. que não esperassem a conclusão daquelle Tratado sem esta condição. E ao mesmo tempo mandou a Rainha ao Conde de Cominges , seu Embaixador em Portugal , negociar publicamente o casamento delRey Luiz com a Infanta D. Catharina. E logo publicou , que casava a ElRey em Saboya , para o que passava a Leaõ com ElRey seu filho para se avistar com a Duqueza de Saboya sua cunhada , e ajustar esta alliança com sua filha a Princeza Margarida , e com effeito partiraõ de Turim , e se avistaraõ ; e chegando esta noticia a Madrid ao tempo , que a Rainha havia dado à luz hum Infanta , se concluiu o Tratado do Matrimonio entre a Infanta D. Maria Theresa , e ElRey Luiz XVI. Todas as noticias destes negociados achou o Conde de Soure em Avre de Grace , e que a tregoa estava em pratica , e já declarado o dia da jornada do Cardeal Mazarino para as conferencias com D. Luiz de Haro nos Pyreneos. Partio o Embaixador para Leaõ , onde recebeo hum aviso de Feliciano

Dourado, Ministro de Portugal, que residia em Pariz, que lhe dizia, se não adiantasse sem elle chegar a buscallo, o que logo fez, e lhe disse, que participando ao Cardeal a sua chegada, lhe advertira, que convinha passasse elle incognito a Pariz para tratar os seus negocios; porque não era conveniente receber hum Embaixada publica de Portugal no tempo, em que o Tratado da paz com Castella fazia preciso não amparar os interesses de Portugal.

Neste perigoso estado, em que se achavaõ os negocios, partio o Embaixador de Leão para Pariz, e teve audiencia do Cardeal, a quem expoz brevemente o fim da sua Embaixada; mas que via naquella Corte taõ varios accidentes, que lhe parecia necessario fallar primeiro nelles, que no socorro dos Cabos, que hia buscar; que ouvia estar ajustada a paz de Castella com exclusão de Portugal, o que lhe parecia incrivel, sabendo o quanto Sua Eminencia attendia aos interesses da Monarchia Franceza, houvesse de sacrificar Portugal aos interesses del Rey Catholico; e com hum discurso elegante, e nervoso discorreo mostrando, que não devia desamparar França naquella conjunctura a Portugal: a que respondeo o Cardeal allegando os motivos, que o obrigavaõ àquelle Tratado, concluindo, que no Tratado da tregoa, que conseguira por tres mezes, tinha resolutto mandar hum Gentil-homem a Portugal com proposições, que avaliava praticaveis, e que quando fosse tempo lhe daria parte

te das instrucções , que levava. Desenganado o Embaixador de poder melhorar o empenho naquelle Congresso , suspendeo as diligencias até saber das proposições , que se mandavaõ a Portugal , e dando conta à Rainha Regente de tudo o que passara com o Cardeal , tratou de buscar todos os me-yos , que lhe pudessem fer uteis à sua negociaçaõ.

Neste tempo chegou à Corte de França o Visconde Marechal de Turene de novo vitorioso com a batalha de Dumquerque , em que totalmente havia derrotado o Exercito de Castella , mandado por D. Joaõ de Austria. O Marechal de Turene , que em todas as occasioens havia mostrado a estimaçaõ , que fazia do valor dos Portuguezes , costumava dizer , com o exemplo do Duque de Rohan , que era taõ importante a França desunir Portugal de Hespanha , como Hespanha do Imperio. O Conde de Soure com a occasiaõ da sua chegada o visitou , e elle o recebeo com huma singular estimaçaõ , offerecendo-selhe para da sua parte lhe procurar todos os Officiaes , que elle reconhecesse de mayor merecimento , para mandar a Portugal , e o primeiro , que fez partir para este Reyno , foy Jeronymo Gioviet por Coronel de hum Regimento de Cavallaria , o qual servindo com distincçaõ em quanto durou a guerra , passou depois à Alemanha ao serviço do Principe de Brunswik Lunebourg , e occupou o posto de Mestre de Campo General.

O Ma-

O Marechal de Turene em huma pratica, que teve com o Cardeal sobre a paz de Hespanha, lhe disse, que elle não podia considerar mayor erro, do que expor Portugal à invasão dos Castelhanos, que sempre seriaõ inimigos dos Francezes, e ainda mais, quanto mais poderosos fossem; e que com esta resolução perderiaõ a confiança dos seus alliados, acompanhando o seu discurso de razoens tão solidas, que o Cardeal se persuadio: porém a Rainha, que desejava ver no throno de França sua sobrinha, não deu attenção alguma ao que lhe representou o mesmo Cardeal.

Teve-se neste tempo noticia, de que D. Luiz de Haro havia partido de Madrid para Fuente Rabia, e logo dispoz o Cardeal a sua jornada, com a qual pertendia acabar as longas dissensões de França com Hespanha, e duas horas antes de partir deu audiencia ao Conde de Soure; e tornandolhe a representar a inclusão de Portugal no Tratado da Paz, os Cabos, e soccorros, lhe pedio licença para o seguir tanto, que recebesse novas ordens de Portugal, que já lhe não podiaõ tardar. O Cardeal lhe disse o quanto desejava assistir aos negocios do Reyno, tanto pelos interesses de França, como pelo respeito, com que elle venerava as virtudes da Rainha Mãe de Portugal; porém que elle se achava na presente conjunctura muito embaraçado para lhe nomear Cabos Francezes; porque seguindo-se a paz, seria o primeiro motivo de se ter por huma infracção

fracção do Tratado : porém que elle lhe nomeava dous fôgeitos , com quem se poderia ajustar , que eraõ o Conde Federico Schomberg , Alemaõ de Nação , e o Conde de Inchiquin , Irlandez , pessoas, que haviaõ occupado ospótos de Mestres de Campo Generaes nos Exercitos de França , e adquirido grande opiniaõ de praticos , e valerosos Soldados, e que para o de mais ficava tempo. Approvou o Marechal de Turene as pessoas nomeadas para Mestres de Campo Generaes , e o primeiro , que partio, foy o Conde de Inchiquin , e embarcando na Atrochella , foy atacado de hum cossario Argelino na Costa de Portugal , e depois de hum vigoroso combate , o Conde com hum filho seu foraõ cativos a Argel , e a nossa Rainha o resgatou. E vindo ao Reyno , passou à Alentejo , mas apenas chegou a esta Provincia , teve aviso da restituição de Carlos II. ao throno de Inglaterra , o que lhe facilitou poder voltar à sua Patria , e entrar na posse dos seus Estados , que havia perdido por seguir o seu partido.

Neste tempo fez o Conde de Soure a sua entrada publica. Sahio de Pariz com toda a magnificencia devida ao seu caracter , e lhe deu ElRey audiencia em Fontainebleau , onde se achava a Corte , e no caminho o esperavaõ as carroças delRey , da Rainha , e Duque de Orleans , e entrando na delRey , na qual vinha o Marechal Duque de Aumont , o conduzio a hum quarto do Paço , que lhe esta-

estava preparado. No seguinte dia o veyo buscar o Conde de Soissons, filho do Principe Thomás de Saboya, e o levou à audiencia delRey, e da Rainha. E depois no mesmo dia o Marechal du Plessis, que havia sido Ayo do Duque de Orleans, o levou à casa deste Principe, de donde partio para Pariz. Aqui querendo dissipar os falsos motivos, que os Ministros da Corte de França haviaõ publicado, a fim de se escusarem dos interesses de Portugal, publicou o Conde hum Manifesto na lingua Franceza, que continha vinte e sete razoes, que elegantemente concluiaõ, que o mayor interesse de França, era naõ ajustar a paz com Castella, sem a inclusãõ da de Portugal. Foy geralmente applaudido o Manifesto com tanta aceitaçaõ, que o Cardeal julgou ser preciso supprimir este papel, passando ordem para que se recolhesse, e para ser prezo o Impressor, e tambem aquelle, que o traduzira da lingua Portugueza na Franceza; mas elle se acolheu à casa do Conde de Soure, donde o livrou a immuniidade do Embaixador. Ao mesmo tempo o Senhor de Briene, Secretario de Estado, buscando ao Conde Embaixador, lhe disse da parte do Cardeal, que a materia daquelle papel poderia alterar o socego publico da Corte; que lhe rogava se dignasse mandarlhe entregar todos os exemplares, porque as razoes, que continhaõ, só pertenciaõ a El-Rey seu amo, e aos seus Ministros, e naõ à censura publica, concluindo, que se queizaria a Portugal.

tugal. O Conde de Soure lhe respondeo, que o seu intento fora sómente na publicação daquelle papel instruir aos Ministros delRey de França, e expor as justas razoens, em que se fundava a pertença delRey seu Senhor contra as injustas pertenças de Castella, totalmente ignoradas naquella Corte, e que não podia entender, que pudesse alterar o repouso publico com a impressão de hum papel, que continha conveniencias reciprocas a ambas as Coroas; e que por não faltar à boa harmonia mandava entregar os exemplares, que tinha, os quaes foraõ oito, havendo-se espalhado mais de quinhentos. Ultimamente o Cardeal se deu por tão pouco satisfeito, que se queixou à Rainha do Conde de Soure, que ouvindo as suas razoens se deu por bem servida, e lhe agradeceo, e approvou tudo quanto tinha feito. Foraõ muy delicados os pontos desta missão, que omittimos, e o Conde de Soure os manejou com tanta destreza, que deixou da sua prudencia, e talento, famoso nome naquella Corte, como se vio quando sahindo occultamente de Portugal o Duque de Aveiro, passou a França para seguramente fazer o caminho de Castella, procurando com grande efficacia dissuadir ao Duque dos errados intentos, de que depois sem remedio se veyo arrepender, porque não corresponderaõ as atenções da Corte de Madrid às idéas do Duque.

Finalmente junto aos Pyreneos, onde acabaõ, e começaõ a dividir França de Hespanha, se fabri-

cou huma especie de Palacio de madeira na Ilha dos Fayzoens entre Fuente Rabia, ultima Praça de Guipusqua, e Andaya ultimo lugar da Biscaya: aqui se ajuntavaõ os dous Ministros a conferir, e depois nelle se viraõ os dous Monarcas de França, e Castella, e em fim se veyo a concluir o matrimonio da Infanta D. Maria Theresa com ElRey Luiz XIV. Chegando o Conde de Soure a S. Joaõ da Luz, o Cardeal o mandou cumprimentar por hum feu Gentil-homem, e o mesmo fizeraõ todos os Ministros Estrangeiros. Seguio-se logo ter o Conde de Soure huma conferencia com o Cardeal, e depois de discorridos diversos pontos com a destreza, e engenho, de que eraõ dotados aquelles dous Ministros, disse o Cardeal, que conveniencias se poderiaõ propor aos Castelhanos, para que elles admittissem a Portugal no Tratado da Paz. O Conde Embaixador, que era prompto, sem se alterar, respondeo: *Tudo o que D. Luiz de Haro propuzer, e Vossa Eminencia approvar, salva a soberania, e independencia da Coroa, tenho poderes para o ajustar.* O Cardeal disse, que elle empregaria todos os bons officios para este negocio, e depois de hum largo discurso concluio, que tinha nomeado ao Marquez de Choup para o enviar a Portugal com as condições, que mandava à Rainha Regente. Esta conferencia acabou de persuadir ao Embaixador, que o Cardeal naõ estava de boa fé.

Chegou neste tempo a S. Joaõ da Luz Carlos

los IV. Duque de Lorena , depois de huma larga prizaõ em Castella , noticia , que chegando a Pariz , fez , que o Duque de Guise , e o Conde de Harcourt o fossem logo buscar. Tanto , que o Duque de Lorena chegou , mandou o Embaixador pedir hora para o visitar , de que o Duque se desculpou com as dependencias dos Castelhanos ; e para mostrar mais justa a sua escusa , mandou visitar ao Conde pelo Duque de Guise para lhe segurar o seu affecto , e de toda a sua Casa aos interesses de Portugal , de que era boa demonstração a proposta de mandar servir a este Reyno seu filho o Conde de Vaudemont com dous mil homens póstos em Portugal à sua custa ; e que o Conde de Harcourt se offerecia para ir mandar as armas de Alentejo com o posto de Capitaõ General , levando dous Regimentos de Infantaria , de que seriaõ Mestres de Campo seus dous filhos , e para o effeito desta jornada lhe bastava sómente huma tacita permissaõ de França. O Conde Embaixador rendeo as devidas graças ao Duque de Guise das proposições , que lhe havia feito , e participando-as à Rainha , chegou a ajustar os Tratados , que depois se desvaneceraõ ; porque os ajustes do Duque de Lorena se dilataraõ tanto em França , que não teve meynos de levantar os Regimentos , e o Cardeal negou ao Conde de Harcourt não só a tacita licença de passar a Portugal , mas lhe disse , que se persistisse naquella resolução , perderia o grande officio de Estribeiro môr

delRey, cuja merce já tinha para seu filho o Conde de Armagnac, deixando-se assim conhecer quaes eraõ as apparentes demonstrações do Cardeal Mazarino: porque sendo os dous pontos mais apertados do Tratado da paz a exclusão de Portugal, e a restituição do Principe de Condé, ambos conseguiraõ os Castelhanos com a inclinação da Rainha Mãe, ficando o Principe restituído à graça delRey, e aos seus Estados: e sendo declarado em hum dos artigos da paz, que França, nem directa, nem indirectamente assistiria à defensão de Portugal, este artigo foy abominado de toda a França, como offensivo à gloria da Nação; porém o Cardeal passou pela murmuração geral, porque já era tido por parcial dos Ministros de Castella, e ainda mais abominado, porque de todo julgou Europa por infallivel a ruina de Portugal, que depois o tempo mostrou, que rompendo pelo mesmo, que parecia impossivel, fez mayor a gloria da defensão coroadando-a de triunfos.

Determinado o Cardeal a enviar a Portugal ao Marquez de Choup, mandou communicar as instrucções ao Conde de Soure, o qual com generoso desprezo, confessando, que as vira, disse ao Cardeal, que lhe rogava escusasse daquella viagem ao Marquez, porque lhe assegurava, que ElRey seu Senhor não daria nunca ouvidos a semelhantes proposições, o que se verificou em breve tempo; porque passando a Portugal o Marquez de Choup, depois

pois de ser tratado com toda a attenção por Ministro de tão grande Principe, lhe nomeou a Rainha Regente aos Condes de Odemira, e Cantanhede para conferentes, e assistia a esta conferencia o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva. E depois de ouvidas as suas proposições, ordenou a Rainha ao Conde de Prado buscase ao Marquez, e que entendesse delle se trazia poderes mais amplos, do que as materias, que havia proposto; e confessando ao Conde, que não trazia mais poderes, do que para aquella commissão, o despedio a Rainha com admiravel resolução, e o Marquez voltou para França.

Desfeitas as conferencias, e ajustado o Tratado da paz entre os Reys Christianissimo, e Catholico, voltou este para Madrid, e o outro para Pariz. O Conde de Soure seguiu a Corte, sem embargo de que pela Capitulação da paz ficava Portugal totalmente separado dos interesses de França: gastou alguns mezes no ajuste dos Officiaes, que haviaõ de passar a Portugal com o Conde de Schomberg, escolhendo Artilheiros, e Mineiros, que entre todos faziaõ o numero de seiscentos, a pezar de todas as diligencias do Conde de Fuent-Saldanha, Embaixador de Castella; porém a assistencia do Marechal de Turene dissipava todas aquellas diligencias. Teve o Conde audiencia de despedida, que o Ministro Castelhana pertendeo não fosse publica, mas tambem inutilmente; e não sómente a
confe.

conseguiu com todas as honras costumadas, mas foy recebido delRey com grande agrado, e estimação, e na mesma fórma do Cardeal: e para mayores demonstrações da singular estimação, que faziaõ da sua pessoa, ElRey lhe mandou huma joya de sobido preço, e o Cardeal (contra o costume) hum presente de grande valor, sendo ainda mayor o conceito, em que tinha as suas virtudes. Pois chegando a Pariz o Cardeal de Rets, lhe perguntou o Cardeal Mazarino se tinha visto o Embaixador de Portugal, e dizendolhe, que não, lhe replicou, que o visse, antes que partisse, para conhecer hum homem de tão grande merecimento, que era digno de ser conhecido de todos os que amaõ as virtudes. O Cardeal de Rets o tratou, e conheceo ser o Conde hum Varaõ cabal, e digno da mayor estimação.

Clede, *Hist. de Port.*
liv. 3.º pag. 245. tom. 8.

Deixando o Conde de Soure a Corte, passou a Havre de Grace, onde se deteve algum tempo, esperando os tres navios, que havia fretado em Inglaterra o Conde de Schomberg para a sua passagem para Portugal, para donde fizeraõ viagem com os de mais Officiaes, Soldados, e Gentis-homens Francezes, que passavaõ a servir neste Reyno, e embarcando a 29 de Outubro do anno de 1660, chegaram a Lisboa a 11 de Novembro. A Rainha recebeu ao Conde de Soure inteiramente satisfeita da sua missaõ, e toda a Corte igualmente applaudia a prudencia, e sabedoria, com que elle se houvera em

em França. Ao Conde de Schomberg tratou com iguaes honras, e aos de mais Francezes, de forte; que todos ficaraõ satisfeitos do agrado, e modo da Rainha Regente.

Havia cumprido ElRey dezaseis annos, e resolveo a Rainha ordenarlhe Casa, o que se executou com toda aquella pompa, com que a Magestade deve ser servida: assignou para a sua habitaçaõ hum quarto do Paço, que novamente se havia fabricado à borda do Tejo. Nomeoulhe para Gentis-homens da Camera ao Marquez de Gouvea, ao Conde de Prado, a Garcia de Mello, Monteiro môr do Reyno, a Luiz de Mello, Porteiro môr, e a Dom João de Almeida: servia o Marquez de Gouvea de Mordomo môr, Garcia de Mello de Camereiro môr, o Conde de Prado de Estribeiro môr, e passando este a governar as armas da Provincia de Entre Douro, e Minho, lhe succedeo o Visconde de Villa-Nova da Cerveira, e a D. João de Almeida, que servia de Reposteiro môr pelo Conde de Castello-Melhor. Depois se augmentou este numero com as pessoas dos Condes de Aveiras, Val de Reis, e Obidos, D. Thomás de Noronha, e Francisco de Sousa Coutinho, por cuja morte succedeo o Conde de Pombeiro, ficando o Conde de Odemira com a preeminencia de Ayo, e assim foraõ nomeados outros Officiaes, e criados inferiores para assistencia da Casa delRey. Entrou este a servirse de algumas pessoas, que com diferentes moti-

Clede, *Hist. de Portu-
gal*, tom. 2. pag. 725.

motivos se serviaõ do seu favor , e lhe inspiraraõ maximas pouco decorosas à Magestade ; entre os mais favorecidos era conhecidamente Antonio de Conti, que da humilde occupaçaõ , em que vivia, passou ao Paço a ser cortejado de todos os Grandes. Sentia a Rainha Regente as desordens , que cresceraõ depois da morte do Conde de Odemira seu Ayo , que havia sido a 15 de Março do anno de 1661 , e vendo , que quasi eraõ irremediaveis , desejava dar conclusaõ ao casamento da Infanta D. Catharina com ElRey de Inglaterra, materia sobre que ultimamente tinha voltado àquelle Reyno o Embaixador Francisco de Mello , já Conde da Ponte , como já deixámos largamente referido , quando tratámos da Infanta , e tambem o dar Casa ao Infante D. Pedro com a authoridade , que convinha a hum Principe immediato successor do Reyno , para que livre destes dous pontos , que a embaraçavaõ , entregar a ElRey o governo do Reyno , e passar a viver retirada em hum Convento , ainda que não obrigada à Religiaõ : e desta virtuosa resolução deu conta por hum discreto papel escrito da sua letra , que entregou à conferencia de alguns Ministros , do qual já fizemos mençaõ ; e sendo diversos os discursos , que sobre aquelle papel entaõ se fizeraõ , não pode ter effeito , por urgentes razoes , a deixaçaõ , que a Rainha pertendia fazer naquelle tempo.

Adiantaraõ-se as negociações de Inglaterra , e
se

se effeituou o Tratado do casamento delRey Carlos com a Infanta Dona Catharina, e no anno de 1662 embarcou a Infanta já Rainha da Grãa Bretanha no porto de Lisboa em huma Armada, que ElRey seu esposo mandara para a conduzir, e no mesmo anno deu Casa ao Infante D. Pedro, que começou a servir-se com os criados, que lhe nomearaõ, e entrou a 4 de Junho no quarto, que se lhe tinha preparado, e no mesmo ponto começou a Rainha a dispor a entrega do governo do Reyno a ElRey, mandando declarar pelo Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva aos Ministros, e Tribunaes, que no mez de Agosto, dia de S. Bernardo, determinava pôr o governo nas mãos delRey, o que havia dilatado pelos continuos embaraços militares, e politicos, em que o Reyno se achava, e pela pouca applicação, que ElRey mostrava ao governo da Monarchia, em que quizera, que elle entrasse bem instruido: e que não permittindo Deos pelos seus peccados, que lograsse o fim dos seus bons intentos, os deixava nas mãos de Deos para que amparasse esta Monarchia, e com outras prudentissimas razoes mostrava o zelo, e amor, que a interessavaõ na conservação do Reyno. Eraõ varios os discursos sobre a resolução da Rainha, e respondendo os Ministros, que ella mandara consultar, disseraõ, que todos os Estados do Reyno se achavaõ taõ cabalmente satisfeitos das sabias heroicas acções de Sua Magestade, assim na vigilancia

da guerra, como nos negocios politicos, como eraõ as allianças de Inglaterra, e as assistencias de França, a paz de Hollanda, e outros muitos, de que se seguiraõ as mayores felicidades aos interesses da Monarchia, que com tanta gloria sua havia conservado, triunfando dos seus inimigos. E que agora seria expolla a algum funesto incidente; porque ainda que ElRey se achava com idade para se lhe entregar o governo, a pouca applicação o fazia incapaz, porque entregue aos seus divertimentos, feria deixar a Monarchia às disposições dos seus favorecidos, que dominandolhe a vontade, seriaõ muy perniciosas as consequencias, que se seguiriaõ ao Reyno; e que ao menos ficassem dissipadas aquellas nuvens, que eclipsavaõ a Magestade, e entaõ poderia a Rainha seguir a sua determinação. Não se venceo de todo a Rainha, sem que o Conselho de Estado, a Nobreza, e os Tribunaes, dessem meyo à presente oppressão.

Dissipadas as revoluções de Inglaterra, e restituído ao throno da Grãa Bretanha seu legitimo Senhor ElRey Carlos II. depois de varios negociados se celebrou o contrato do casamento da Infanta D. Catharina, ainda na regencia da Rainha sua mãy, como deixámos escrito no Capitulo III. deste Livro. Determinou-se tambem o modo de se apartarem da pessoa delRey aquellas, que eraõ prejudiciaes com a sua assistencia, e se resolveo, que no tempo, em que ElRey estava no despacho com
a Rai-

a Rainha, se prendessem, e se degradassem para fó-
ra do Reyno. Este negocio se communicou ao
Duque de Cadaval, aos Marquezes de Gouvea, e
Marialva, aos Condes de Soure, e S. Lourenço,
ao Bispo de Targa, a D. Rodrigo de Menezes, a
Jorge de Mello, a Nicolao Monteiro, ao Padre
Antonio Vieira, e ao Secretario de Estado Pedro
Vieira da Sylva. Era Antonio de Conti a primei-
ra pedra do escandalo: pelo que se determinou,
que o prendessem dentro do Paço. A Rainha para
facilitar aquella execucao, entrou com ElRey pa-
ra o despacho em hum Sabbado 20 de Junho de
1662, e o Duque de Cadaval com o Porteiro môr
Luiz de Mello, e seu filho Manoel de Mello, le-
vando consigo a Duarte Vaz de Orta, Corree-
dor da Corte, para prender Antonio de Conti, e
ao mesmo tempo estava ordenado, que prendessem
a seu irmão Joao de Conti, e a outras pessoas da
mesma faccao, e categoria: e supposto, que An-
tonio de Conti se fechou por dentro na casa, que
tinha junto da camera delRey, intentando poder
avisallo, o não conseguiu, porque o Duque de Ca-
daval, vencendo alguns obstaculos, o obrigou a
que se entregasse; porque do contrario se seguiria,
que abrindolhe violentamente as portas, perderia
sem duvida a vida, cujo ameaco o fez render com
o receyo de perder a vida, na confiança da palavra,
que o Duque lhe tinha dado de lha conservar: e
sendo ao mesmo tempo prezos os outros, os em-

barcaraõ com Antonio de Conti em hum navio, que hia para o Brasil, no qual já estava embarcado seu irmaõ, e assim que os recebeo deu à véla, e seguiu a sua viagem.

Tanto, que a Rainha teve noticia de que estava executado, o que se tinha ordenado, mandou entrar na casa do despacho, em que estava com ElRey, aos Grandes, Fidalgos, Tribunaes, Senado da Camera, e Casa dos Vinte e Quatro, e na presença de todos leo o Secretario de Estado hum papel, que continha o motivo, porque a Rainha se encarregara da regencia do Reyno, que fora por satisfazer aos preceitos delRey seu marido, e pelo amor, que tinha a ElRey seu filho, e nelle relatava tudo, o que tinha obrado até aquelle tempo: e que temendo, o que podia succeder em grande prejuizo da Monarchia, mandara chamar a todos os que estavam presentes, para que pedissem a ElRey, que lembrando-se de si, e do Reyno, se empregasse com cuidado, e disvello nos negocios publicos, gastando o tempo em occupaões dignas da sua Real pessoa, para poder governar por si mesmo, naõ expondo a sua vida, como por tantas vezes havia feito, havendo introduzido no Paço, e junto à sua Real pessoa, algumas de inferior qualidade, e de taes costumes, conselhos, e artes, que por estabelecerem a sua fortuna, haviaõ semeado diffenções entre os Grandes, e feito outras perturbações prejudiciaes à Corte, que a todos eraõ notorias,

torias, as quaes tal vez se ElRey as foubra, as castigaria como mereciaõ. Acabada esta representaçãõ, beijaraõ todos a maõ a ElRey, e à Rainha, e se recolheraõ. ElRey naõ havendo percebido nada, perguntou ao Monteiro môr, se aquelle ajuntamento foraõ Cortes. Respondeolhe, que as publicas queixas de todo o Reyno, assim de Antonio de Conti, como de outras pessoas semelhantes, que haviaõ posto em evidente perigo a vida de Sua Magestade, com diminuiçaõ da sua authoridade, obrigaraõ à Rainha a ordenar os separassem da companhia de Sua Magestade, o que se executara com o conselho dos Vassallos mais zelosos, de que lhe dera conta na presença dos Tribunaes naquelle papel, que lera o Secretario de Estado. ElRey entrando em colera, perguntou ao Monteiro môr, onde estava Antonio de Conti, que o queria ir buscar. Respondeolhe com palavras de respeito, moderando-o muito, que havia embarcado para a Bahia em hum navio, que já se fizera à véla pela barra fóra, e ElRey ficou por entaõ moderado.

Naõ durou muito aquelle socego em ElRey, porque inspirado com novas idéas, que lhe haviaõ suggerido, se retirou para a Quinta de Alcantara com o Conde de Castello-Melhor, ordenando, que o seguissem o Conde de Atouguia, (descontente por se lhe haver tirado o governo das Armas de Alentejo) e Sebastiaõ Cesar de Menezes, que ElRey Dom Joaõ IV. deixara prezo por culpas de pouca

pouca fidelidade, e depois da sua morte sahira sobre o indulto de fieis carcereiros. Logo se deu a conhecer esta resolução delRey, que era para tomar posse do governo do Reyno. Porém a Rainha, que nunca intentou encontrar esta determinação, ainda que sentia o modo dos authores daquella machina, a não quiz castigar, havendo quem lhe aconselhava, que antes de dimittir o governo o fizesse. Forão grandes as machinas, que logo daquelles tres Ministros se começaram a forjar; mas o generoso animo da Rainha revestida de huma singular prudencia, evitou toda a dissençaõ, que se podia seguir, mandando pelas dez horas da noite ao Bispo de Targa, Capellaõ môr, com huma Carta a ElRey, que dizia:

„ Muito alto, e poderoso Principe, Eu a
„ Rainha envio muito a saudar a Vossa Magesta-
„ de, como aquelle, que sobre todos meus filhos
„ muito amo, e prézo. Agora soube, que havieis
„ passado à Quinta de Alcantara, e que mandareis
„ levar cama, chamar Fidalgos, e alguns Officiaes
„ de vossa Casa, o que junto a me não dares noti-
„ cia desta jornada, parecem indicios de intentares
„ separarvos da minha companhia, e supposto, que
„ eu não faltey até agora às obrigações de mãy,
„ me chego a persuadir, que vos podereis arrojar a
„ faltar à obediencia de filho, e neste sentido vos ro-
„ go muito, que para fazer cessar o rumor deste
„ povo, vos queiraes logo recolher ao Paço, certi-
„ ficando.

„ ficando-vos, que nenhuma das pessoas, que vos
„ assistem, vos tem tanto amor como eu, nem de-
„ sejaõ mais, que eu a vossa conservaçaõ, e aug-
„ mento, sem me obrigar a este affecto nenhum res-
„ peito particular, porque todos dedico ao mayor
„ interesse, e credito vosso; e se esta vossa acçaõ se
„ encaminha a querer entrar a governar estes Rey-
„ nos, sabe Deos, que o desejo muito mais, que
„ vós, e que só a este fim se encaminharaõ algumas
„ resoluções, de que vós sem causa justa tomarieis
„ sentimento. Comigo deveis tratar esta materia,
„ porque assim podereis conseguir o vosso intento
„ sem estrondos, nem inquietações, e com a sua-
„ vidade, e obediencia, que deveis a Deos, e a
„ vossos pays. Vossos saõ estes Reynos, e eu os
„ governo em vosso nome, e se foraõ meus, só pa-
„ ra vós os quizera. Vinde, como vos peço, e
„ aqui juntaremos o Reyno, como for possivel, e
„ elle, que me entregou este governo, vo lo entre-
„ gará, antes que qualquer desuniaõ; que entre nós
„ haja, o entregue a nossos inimigos, que se achaõ
„ com tres Exercitos poderosos, e com este, se ago-
„ ra se levantar, mais poderoso, que todos, a quem
„ sem duvida se seguirá a total ruina. Querey pe-
„ lo amor de Deos, pelo amor de vossos Vassallos,
„ e pelo que vos mereço, considerar esta materia
„ com madura reflexaõ, pois he taõ importante, e
„ tanto para encommendar a Deos, que guarde a
„ Vossa Magestade, muito alto, e poderoso Prin-
„ cipe,

„cipe, meu sobre todos amado, e prezado filho,
„e o encaminhe como muito muito desejo, e lhe
„peço. Escrita em Lisboa a vinte e hum de Ju-
„nho de mil e seiscentos sessenta e dous. Vossa
„boa mãy.

RAINHA.

A esta Carta respondeo ElRey com outra de sua propria mãõ, de que vi a Original, e a mandou pelo Conde dos Arcos à Rainha, e era a seguinte:

„Muito alta, e muito poderosa Princeza Rai-
„nha de Portugal, e dos Algarves, daquem, e além
„mar em Africa, Senhora de Guiné, da Conquis-
„ta, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e
„da India, minha sobre todas muito amada, e pre-
„zada mãy, e Senhora, Eu ElRey envio muito a
„saudar a Vossa Magestade.

„Tendo respeito ao estado, em que este Rey-
„no se acha pelos Exercitos do inimigo, e deter-
„minar acodir a elles, como obediente filho de
„Vossa Magestade, compadecido do continuo tra-
„balho, que Vossa Magestade depois da morte del-
„Rey meu Senhor pay governa estes Reynos a-
„via, cuja conservação se deve ao desvello, e pru-
„dencia de Vossa Magestade, me resolvi a aliviar
„a Vossa Magestade, pois segundo as Leys do
„Reyno excedo muito nos annos destinados à Tu-
„toria, esperando com o favor Divino, e approva-
„ção de Vossa Magestade, assistencia, e conformi-
„dade

„dade com o Serenissimo Infante D. Pedro meu
„irmão, satisfazer a meus Vassallos, e triunfar dos
„inimigos da Coroa destes Reynos de Portugal.
„Muito alta, e muito poderosa Princeza Rainha
„de Portugal, e dos Algarves, daquem, e de além,
„mar em Africa, Senhora de Guiné, da Conquis-
„ta, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, da
„India, minha sobre todas muito amada, e preza-
„da mãy, e Senhora. Nosso Senhor aja a Vossa
„Magestade em sua guarda, escrita em Alcantara
„aos 21 de Junho de 1662.

„Beija a Real mão de Vossa Magestade
„Seu muito obediente filho.

REY.

A esta Carta se seguirão outras, em que a Rainha
com justificadas, e prudentissimas razoes lhe dizia
voltasse para o Paço, para da sua mão receber nos
Sellos do Reyno o governo. A este fim mandou
ao Infante D. Pedro a Alcantara para que o persua-
disse, e lhe dissesse, que voltasse ao Paço, e nelle
se lhe entregaria logo o governo, ao que ElRey
deu tão pouca attenção, que o Infante voltou pa-
ra a Corte-Real. Estando ElRey em Alcantara
creou seis Conselheiros de Estado, que foram o
Marquez de Cascaes, o Conde de Atouguia, o
Conde dos Arcos, o Visconde de Villa-Nova da

Ericeira, *Portug. Ref-
tarr.* liv. 7, pag. 490.

Cerveira, o Conde de Obidos, e Antonio de Mendoça. Com esta impensada novidade houve muitas conferencias sobre o modo, com que ElRey pretendia tomar posse do governo, sem a formalidade costumada, e depois de se vencerem as duvidas com o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, que acordou o modo, segurando, que a Rainha não tinha duvida alguma em dimittir o governo, e só procurava, que em huma acção tão séria se não confundisse a authoridade, e para livrar a ElRey de toda a duvida, lhe mandou ella huma Carta, que levou o Conde de Pombeiro, em que dizia: *Muito alto, e poderoso Principe, &c. à manhã às dez horas do dia terão recado os Tribunaes para em sua presença vos entregar os Sellos, e com elles o governo destes vossos Reynos na forma, que se costuma; e porque nesta materia não haverá duvida alguma, vos rogo muito vos queiraes recolher à vossa Casa. Muito alto, e poderoso Principe, &c.* Em virtude desta Carta voltou ElRey ao Paço acompanhado do Infante D. Pedro, e entrando na casa, em que a Rainha o esperava, revestida de Magestade, que com tão agradavel severidade, e constancia mostrava quaes eraõ as heroicas virtudes, que tão perfeitamente sabia praticar, se sentou ElRey à mão direita, e o Infante à esquerda, e entraraõ tambem os Grandes, Tribunaes, Fidalgos, e algumas pessoas do povo. Depois do Reposteiro môr pôr diante delRey huma cadeira raza de veludo carmesim com almofada do

do mesmo, e o Secretario de Estado sobre ella humma bolsa, em que estavaõ os Sellos Reaes, a Rainha tomando-os na mesma bolsa, os entregou, dizendo estas formaes palavras : *Estes são os Sellos, com que os Reynos de Vossa Magestade me entregaraõ o governo em virtude do Testamento delRey meu Senhor, que Deos tem : entrego-os a Vossa Magestade, e o governo, que com elles recebi, prazu a Deos, que debaixo do amparo de Vossa Magestade tenhaõ as felicidades, que eu desejo.* ElRey os recebeu sem dizer palavra, e beijandolhe a mão todos os que se acharaõ presentes, se acabou esta cerimonia em o dia 23 de Junho do referido anno de 1662.

Seguiu-se logo ordenarse, que os Gentis-homens da Camera delRey não tivessem exercicio, deixandolhe sómente as entradas livres nas horas desoccupadas. Ordenou-se a Francisco de Sá de Menezes, Marquez de Fontes, servisse o seu officio de Camereiro môr, e ao mesmo tempo nomeou ElRey a Henrique Henriques de Miranda Tenente General da Artilharia do Reyno, e Provedor dos Armazens, satisfazendo-se a propriedade deste officio a Luiz Cesar de Menezes, que o exercitava, e havia sido de seus avós, com o lugar de Alferes môr. Seguiraõ-se outras merces a varias pessoas dependentes dos tres Ministros, sendo escolhido Henrique Henriques para assistir a ElRey nos exercicios domesticos.

Deſta forte diſpuzeraõ o ſerviço delRey , e querendo-ſe elles deſembaraçar de peſſoas , que pela ſua authoridade lhe poderiaõ ſervir de obſtaculo , com o pretexto de haverem aconselhado à Rainha no papel , que ſe deu a ElRey , e prizaõ de Antonio de Conti , (que foy depois reſtituido ao Paço , e ſeu irmaõ Joaõ de Conti , e outros homens , a quem a fortuna ſem algum merecimento havia levado à graça delRey) foraõ deſterrados para os lugares mais remotos do Reyno o Duque de Cadaval , o Conde de Soure , Manoel de Mello , o Monteiro môr , o Conde de Pombeiro , o Secretario de Eſtado Pedro Vieira da Sylva , o Padre Antonio Vieira , e Luiz de Mello teve ordem para naõ entrar no Paço , havendo-ſelhe primeiro feito mercede do officio de Porteiro môr para ſeu filho Chriſtovaõ de Mello , que entaõ governava Mazagaõ , e o de Capitaõ da Guarda para Manoel de Mello ſeu filho ſegundo , ſendolhe negociado eſte deſpacho pelo Conde de Atouguia. O Marquez de Gouvea Mordomo môr , vendo-ſe deſtituido dos amigos , e defraudado nas preeminencias do ſeu officio , pedio licença para ſe retirar da Corte , que ſe lhe negou , e inſtando , ſe lhe concedeo com a clauſula de naõ poder voltar a ella ſem ordem delRey. Para o lugar de Secretario de Eſtado eſcolheo o Conde de Caſtello-Melhor a Antonio de Souſa de Macedo , em quem concorriaõ partes dignas da occupação ; e porque ſe havia retirado o Prior de Cedo-

Feita

Feita para a sua Igreja, foy nomeado para Confessor delRey, e eleito Bispo de Angra Fr. Pedro de Sousa, Religioso de S. Bento, tio do Conde de Castello-Melhor.

Estava o governo entregue à pessoa do Conde de Castello-Melhor, Ministro cheyo de zelo, vigilancia, e com admiravel capacidade, a qual mostrou em tantas occasioens, que o constituirão Atlante da Monarchia, porque nelle descansavaõ os negocios politicos, e militares do Reyno: para o que ElRey o mandou passar com a sua familia para hum quarto do Paço, que havia occupado o Principe D. Theodosio, sem mudança alguma nas portas das serventias interiores, mandandolhe passar Carta de Escrivaõ da Puridade feita a 12 de Julho do anno de 1662, e com poder absoluto de governar o Reyno, e grandes preeminencias, e que em todos os Tribunaes levaria as propinas dos Presidentes, como se vê no Regimento, que lhe foy dado a 12 de Março do anno de 1663. Prova num. 46.

Celebrada a paz entre ElRey Filippe IV. e ElRey Luiz XIV. vendo-se os Castelhanos desembaraçados de tão poderoso inimigo, começaraõ a seguir com todo o calor a guerra contra Portugal, e emprenderaõ pôr nella todo o cuidado, e esforço, e com esta resolução entrou pela Provincia de Alentejo D. Joaõ de Austria, filho não legitimo delRey D. Filippe IV. com hum Exercito tão poderoso, como pedia o empenho de pessoa tão grande, Prova num. 47.

de, que o mandava com o posto de Capitão General, e tinha já ganhado Arronches em 1662, e Juremenha depois de huma vigorosa defensão, e honrosa capitulação, que fez Manoel Lobato Pinto, que a governava, e pondo sitio no anno de 1663 à Cidade de Evora, cabeça daquella Provincia, a rendeo; porém não conservaraõ muito tempo aquella Cidade, porque depois de huma gloriosa vitoria a recuperou o Conde de Villa-Flor, que governava as Armas, auxiliado do valor, e sciencia do Conde de Schomberg, Mestre de Campo General dos Exercitos Portuguezes, que havia passado a este Reyno com o Conde de Soure, e as Tropas Francezas, que vieraõ a soldo delRey de Portugal, como já deixámos referido, o qual depois o creou Conde de Mertola, e lhe fez outras merces, de que os seus relevantes serviços o tinhaõ feito acredor. Feita depois a paz com Castella, passou a França, e foy Marechal daquella Coroa, a quem servio, até que por não abraçar a Religiaõ Catholica Romana, quando Luiz o Grande de França revogou o Edicto de Nantes no anno de 1685, mandando despejar os Hugonotes de seus Reynos, voltou a Portugal, de donde passou ao serviço do Eleitor de Brandebourg, e delle ao serviço delRey Guilherme III. da Grãa Bretanha, e acabou heroicamente, sendo morto no anno de 1690 na batalha de Boyne.

Buscou o nosso Exercito o de Dom Joaõ de
Austria,

Austria, e atacada, e desfeita huma parte delle, se puzeraõ os de mais em desordenada fogida. Dom Joaõ de Austria fez tudo o que manda a arte pelos ordenar, e meter outra vez no conflicto, mas inutilmente; porque abandonando a artilharia, e bagagem, venceraõ os nossos huma completa batalha, porque foy grande a mortandade, e mayor o numero dos prisioneiros. Ficaraõ dos inimigos na Campanha mais de quatro mil mortos de todas as Nações, de que se compunha o seu Exercito, e os prisioneiros passaraõ de seis mil, em que entraraõ dous mil e quinhentos feridos. Dos prisioneiros foraõ os Officiaes de mayor supposiçaõ, cinco Mestres de Campo Castelhanos, dous Coroneis Alemaens, quatro Commissarios Geraes de Cavallaria, hum Tenente de Mestre de Campo General, onze Capitaens de Cavallos, sessenta e cinco de Infantaria, vinte e dous Reformados, trinta Alferes, grande numero de Officiaes menores, e de pessoas de qualidade o Marquez de Liche, o Mestre de Campo D. Anelo de Gusmaõ filho do Duque de Medina de las Torres, o Conde de Escalante D. Joaõ Henriquez, e das Tropas Estrangeiras o Conde de Fiesco, o Conde de But, o Conde de Loccsquin, e outras pessoas de qualidade. Tomou-se o trem da artilharia, que constava de dezoito peßas, hum morteiro, grande quantidade de armas, mil e quatrocentos cavallos, mais de dous mil carros carregados de fato precioso, em que entrava quantidade de

de prata, ouro, e joyas, dezoito carroças, tres dellas de D. João de Austria, a sua Secretaria com todos os seus papeis, que continhão segredos importantissimos, os livros das contas das Védorias do Exercito, e artilharia, doze bandeiras de Infantaria, muitos estandartes da Cavallaria: entre tantos despojos foy o de mayor estimação o estandarte de D. João de Austria com as Armas Reaes de Castella de huma parte perfeitamente bordadas, e da outra huma empresa, que continha o Sol em campo Celeste, dando resplendor à Lua entre Estrellas, com esta letra: *Si nõ es Sol, será Deidad.*

Esta vitoria tão gloriosa conseguida no dia 8 de Junho de 1663 custou entre outros Cabos de distincção a vida de Manoel Freire de Andrade, General da Cavallaria da Beira, que nella morreo: e se não logrou com os vencedores os applausos dos triunfos daquelle dia, em que o seu valor teve tão grande parte, que fez precisa a batalha, atacando primeiro com grande vigor aos inimigos; não deixará de lograr eternamente gloriosa memoria, que elle soube adquirir em repetidas occasioens pelo valor do seu braço. Esta alegre nova mandou logo o Conde de Villa-Flor a ElRey por Jeronymo de Mendoça, que às onze horas da noite entrou no Paço, de donde ElRey logo baixou à Capella a dar graças a Deos por huma tão insigne vitoria, que as suas Armas alcançaraõ, e com piedosa attenção mandou fazer suffragios, e celebrar muitas Missas

fas pelos Officiaes, e Soldados, que morreraõ na batalha. Depois desta vitoria determinaraõ os Generaes recuperar a Cidade de Evora, para onde marchou todo o nosso Exercito, em que tambem se achou mandando outro Exercito, que sahio de Lisboa, o Marquez de Marialva, e reconhecendo a guarniçaõ da Cidade, que naõ podia esperar socorro, se rendeo (capitulando dentro no prazo, que lhe foy dado) a 24 de Junho do referido anno, e o Conde de Villa-Flor, depois de rendida a Cidade, passou a Lisboa. Esta foy a celebre batalha chamada do *Amexial*, e do *Canal*, pelo sitio, em que se deu junto a Estremoz, e libertou a Provincia de Alentejo, de que huma grande parte tinha D. Joaõ de Austria posto em contribuiçaõ; e pela perda de Evora houve em Lisboa hum motim, em que o povo saqueou injustamente as casas de alguns Fidalgos illustres, e outras, sendo huma dellas a do Marquez de Marialva; que constante desprezou esta ingratitude, e concorreo para a liberdade da Patria, tendo sido hum dos motivos principaes desta vitoria o estrago, que os Castelhanos padeceraõ na passagem do rio Vegeve, em que D. Luiz de Menezes, General da Artilharia, a fez plantar com rara actividade nos lugares mais imminentes da Serra visinha, e Diniz de Mello de Castro com a Cavallaria obrou como sempre; sendo estes dous Generaes a causa principal de darse, e vencerse a batalha, em que se distinguio o Conde de Schomberg, e ou-

tros Generaes , e Officiaes , que se não individuaõ pelas muitas Relações impressas , que entaõ se imprimiraõ desta Campanha.

Entrou o anno de 1664, e foy entregue o governo das Armas da Provincia de Alentejo ao Marquez de Marialva com Patente de Capitaõ General, e por alguns motivos , que tinhaõ queixoso ao Conde de Schomberg , o accommodaraõ com o titulo de Governador das Armas Portuguezas , e Estrangeiras. Sahio à Campanha o Marquez com hum Exercito luzido , e formado diante de Badajoz , aonde Dom Joaõ de Austria assistia , resolveo com os Cabos do Exercito sitiar Valença de Alcantara , que rendeo em huma terça feira , dia de S. Joaõ Bautista , em que se contava hum anno , que os mesmos Soldados entraraõ vitoriosos em Evora , e agora o faziaõ naquella Praça , que se rendeo com as condições , se dentro em quatro dias não fosse soccorrida com derrota do nosso Exercito , às sete horas da manhã se entregariaõ as portas , e Castello da Praça , onde só aceitariaõ a guarnição Portugueza , concedendo ao Governador sair com huma peçã de artilharia do calibre , que escolhesse , e que os Religiosos , e Religiosas ficaria a seu arbitrio , sahirem , ou ficarem nos seus Conventos , e que aos Soldados , e Paizanos se fariaõ as commodidades costumadas. Seguio-se logo , que os moradores do Lugar de S. Vicente , os de Santiago , Caruajo , e outros , dessem obediencia ao Marquez ,
que

que em nome delRey de Portugal os reconheceo por seus Vassallos, de que fizeraõ hum termo publico.

Em todo o Reyno era igual a fortuna del-Rey Dom Affonso, porque havendo o Duque de Offuna sitiado Castello-Rodrigo na Provincia da Beira a 7 do mez de Julho do mesmo anno, Pedro Jaques de Magalhaens, Governador das Armas daquella Provincia, o obrigou a levantar o sitio, derrotandolhe o Exercito em huma batalha, em que lhe ganhou a artilharia, e bagagem do Exercito do Duque de Offuna. Hum Author Estrangeiro padeceo equivocacão neste, e em outros grandes successos das nossas armas; porque esta batalha de Pedro Jaques a attribue ao Conde de Villa-Flor, como tambem a de Montes Claros, que foy ganha-da pelo Marquez de Marialva, como logo se verá. Na Provincia de Alentejo intentou Alexandre Farnesio, Principe de Parma, General da Cavallaria Estrangeira, que servia à Coroa de Castella, ganhar por entrepreza a Valença; porém sendo sentido da Praça, foraõ tantas as balas, que se retirou com muito grande perda. Este foy o principio do anno de 1665, em que as nossas armas chegaraõ ao ponto da mayor gloria dos Portuguezes. Eraõ grandes as prevenções de Castella, e estas noticias obligaraõ ao Conde de Castello-Melhor, primeiro Ministro, e Valido delRey D. Affonso, de quem dependiaõ os negocios mayores da Monarchia, pro-

Mauzin. *Abrege de l'Histoire de Portugal.*
Cap. LXXIII. pag. 410,
e 411, Imp. em 1699.

curar com incessante cuidado desarmar as idéas dos Castelhanos, e com fortuna, e diligencia, o conseguiu com felicidade. Nomeou El Rey de Castella D. Filippe IV. ao Marquez de Carracena por General do Exercito da Estremadura, pelo que se retirou D. João de Austria para Consuegra pouco fatisfeito: e havendo o Marquez de emendar os erros da Campanha passada, entrou com hum grande Exercito pela Provincia de Alentejo com tanta soberba, como quem se fiava no poder das suas armas. Poz sitio ao Castello de Villa-Viçosa, que o defendeo valerosamente Christovão de Brito Pereira: e sabendo, que o Marquez de Marialva sahia de Estremoz com Exercito a soccorrella, deixando guarnecidas as linhas, intentou desbaratallo na marcha, e encontrando-se no campo de Montes Claros, se deu huma das mais disputadas batalhas, que até àquelles tempos se vio, o que acreditaraõ o valor, e sciencia dos nossos Generaes diante de tantas Nações da Europa, que se acharaõ militando de huma, e outra parte, e foy esta a ultima batalha das seis, que os Portuguezes ganharaõ aos Castelhanos depois da feliz acclamação do Senhor Rey D. João IV. e a vigesima depois da fundação do Reyno, conseguida no dia 14 de Junho do referido anno.

Foy grande a perda do Exercito de Castella, porque na Campanha ficaraõ mais de quatro mil mortos, e de seis mil prisioneiros. Tomaraõ-se tres mil

mil e quinhentos cavallos , que se dividirão pelas Companhias , e pelo Reyno. As pessoas de mayor distincão , que ficarão prisioneiras, foraõ: o General da Cavallaria D. Diogo Correa, D. Gaspar de Haro, filho do Conde de Castrilho , genro do Marquez de Carracena, e Capitão das suas Guardas , que morreo em Estremoz das feridas, que recebeo na batalha , padecendo a mesma desgraça os Generaes de batalha Dom Manoel Carrafa , e Nicolao de Langres , que tambem ficarão prisioneiros , D. Francisco de Alarcão , filho de D. João Soares de Alarcão , os Tenentes Generaes da Cavallaria Dom Belchior Portocarrero , e D. Joseph de Reategui , os Commissarios Geraes da Cavallaria D. Joseph Rogueira , e D. Garcia Sarmiento , o Principe de Chalê , Coronel de hum Regimento de Cavallaria Franceza , D. Francisco Flanquet , Coronel de Infantaria , o Tenente Coronel Fiderico Henrique de Ganceut, os Sargentos môres Claudio Cubim e Tiburt , D. Antonio Gindaste , Mestre de Campo Reformado, D. Gonçalo da Guerra , Governador das Guardas do Marquez de Carracena , o Conde de S. Martim, o Barão de Estubeque , quatro Capitães de Cavallos , trinta de Infantaria vivos , vinte e sete Reformados , dezanove Tenentes, e seis Ajudantes de Cavallaria , cinco de Infantaria , sessenta e dous Alferes vivos , dezasete Reformados , quatorze Forrieis, sessenta e dous Sargentos , os Administradores Geraes do Exercito , e do Hospital , quatorze pessoas
de

de artilharia , dous morteiros , com grande quantidade de ballas , todas as armas da Infantaria , porque toda , a que se achou na batalha , ficou em Portugal , oitenta e seis bandeiras de Infantaria , dezoito estandartes da Cavallaria , os timballes do Marquez de Carracena , e do Principe de Parma , todos os fornos , e instrumentos de expugnação , que trazia o Exercito.

Com a noticia da vitoria mandou o Marquez de Marialva à Corte a Simão de Vasconcellos , que chegou no outro dia , e foy grande a alegria , e geral o contentamento do povo. ElRey acompanhado do Infante , e da Corte , baixou à Capella a render as graças ao Deos das vitorias por hum taõ manifesta felicidade : houve Sermaõ , que disse com a sua costumada discrição Fr. Domingos de Santo Thomás , hum dos insignes Oradores , e Letrados daquelle tempo. Depois houve Procissão , em que ElRey sahio da Capella acompanhando ao Santissimo Sacramento , que levava o Bispo de Targa , que servia de Capellaõ môr , eleito Bispo de Lamego , e foraõ à Sé , de donde voltou ao Paço acompanhado da Nobreza , e seguido de innumeravel povo , que em alegres expressoens congratulavaõ a ElRey da felicidade da vitoria , com que as suas Armas de novo triunfaraõ de seus inimigos. No mesmo dia despachou o Conde de Castello-Melhor pela posta hum Correyo com Carta delRey para o Marquez de Marialva , em que ElRey lhe engrandecia o valor ,
e dis-

e disposição, com que havia ordenado a batalha, e outras na mesma fórma para os Generaes, e Cabos mayores, com ordem, que deixava no seu arbitrio os progressos da Campanha, e a utilidade das suas Armas.

Naõ foy menos glorioso nas mais Provincias o anno de 1666 às nossas Armas; porque na Provincia do Minho, de que era Governador das Armas D. Francisco de Sousa, III. Conde de Prado, depois I. Marquez das Minas, entrou por Galliza quasi sem opposição, e sitiou a Villa da Guarda, que deixando rendida, a guarneceo depois de hum vigorosa defensão, tendo ganhado outras Praças. Intentou recuperar esta Praça o Condestavel de Castella, que governava as Armas no Reyno de Galliza; porém o Conde de Prado se lhe oppoz com vigilancia, e fortuna. Na Provincia de Traz os Montes conseguiu o Conde de S. João Luiz Alvares de Tavora, depois Marquez de Tavora, os frutos merecidos do seu valor. Na Beira Pedro Jaques de Magalhaens com dura guerra opprimia aos inimigos, faqueandolhe os Lugares, e destruindolhe muitos, tomou Redondo, e Umbrales, em que estava D. João Sallamanques, General da Artilharia, que capitulando livre a sua pessoa, e de alguns Officiaes, e cento e sessenta Cavallos, tudo o mais entregou à merce. Em todas as Provincias os Generaes, Cabos, e Officiaes procedião de sorte, que a sua memoria será sempre gloriosa nas nossas
histo-

historias. Desta torrente de prosperidades , com que os nossos triunfaraõ em memoraveis recontros, e finaladas acções , mereceo ElRey D. Affonso o titulo de *Vitorioso* , sem que lhe pudesse diminuir tanta gloria a perda , que na India recebeo aquelle Estado dos Hollandezes. E sem duvida , que se o governo politico da Corte correspondera às felicidades da Campanha , seria incomparavel a grandeza deste Principe. Porém nos primeiros annos da sua idade hum accidente de ar , que se seguiu a huma febre maligna , que lhe tomou ametade do corpo , o deixou leso , e menos livres , e quasi confusas as deliberações do entendimento , de que se seguiraõ varias desordens , que a Rainha Regente intentou evitar : porém ElRey , que era colerico sem causa , e demasiadamente com ella , se sentio de maneira , que faltou àquella attenção devida à Rainha sua mãy chea de virtudes , que lhe tinha conservado a Coroa combatida de taõ poderosos inimigos , pelo que dimittio a Rainha de si o governo , como fica escrito. Desembaraçado do respeito da Rainha Mãy , correrãõ sem limite as desordens de alguns daquelles , que com o favor delRey , e com a sua protecção se atreviaõ a commetter crimes gravissimos , sem que a prudencia do Valído pudesse modificar hum genio absoluto , e sem reflexaõ , como era o delRey , em quem as operações do entendimento mostraraõ a lesaõ , que padecia nos negocios mais arduos , e ainda de mayor empenho , como
depois

depois se vio quando a Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya se retirou para a Esperança, em que entrando primeiro em colera, com leve motivo se esqueceo daquelle successo, entregando-se aos divertimentos, em que inutilmente gastava o tempo.

Era o negocio de mayor importancia o casamento delRey: e sendo diversas as Princezas, que entao se apontarao para esposas, foy escolhida a Princeza Maria Francisca Isabel de Saboya, a quem chamavao *Madamoisele de Aumale*, em quem concorriaõ sobre fermosura singulares virtudes, que a faziaõ merecedora da Coroa. Ajustados os Tratados do Matrimonio entre Francisco de Mello, Conde da Ponte, Marquez de Sande, Embaixador delRey, como seu Procurador, e o Duque de Estrees Par, e primeiro Marechal de França, e Cesar de Estrees, Bispo Duque de Laon, Par de França, como Procuradores da Princeza, e o Duque de Vandôme, e Madama de Vandôme, tio, avô, e Tutores da Serenissima Princeza; dotou-se a Princeza com seiscentos mil escudos da moeda de França, que faziaõ a quantia de hum milhaõ, e oitocentas mil libras Tornezas, a saber: quatrocentos mil escudos, que seriaõ levados em dinheiro a Lisboa, cem mil libras, que já tinhaõ sido entregues em a dita Cidade por Monsieur Gravier à ordem do Conde de Castello-Melhor; e dos cem, que faltavaõ para a dita somma, se poriaõ noventa mil libras em as

Prova num. 48.

mãos da Princeza para os gastos da viagem , e para outras cousas , que lhe fossem convenientes ao tempo da partida , e que assim feria o dote sem diminuição da dita somma. ElRey se obrigou a dar-lhe o mesmo , que tiveraõ as mais Rainhas deste Reyno ; e que em quanto não succedesse no Dominio da Cidade de Faro , e nas Villas de Alenquer , Cintra , e outras Villas , Castellos , Governos , Jurisdicções , Abbadias , e outros Beneficios annexos aos Estados das Rainhas , que gozava a Rainha sua mãy , lhe daria certas rendas para os seus gastos , e outras condições , que se podem ver neste Tratado , assinado em Pariz a 24 de Fevereiro de 1666 pelo Marquez de Sande , o Duque de Estrees , e Cesar de Estrees , Bispo , e Duque de Laon , Par de França. Em virtude do que se tinha ajustado , dispoz o Marquez de Sande com grande diligencia a sua volta para o Reyno.

Partio a Princeza para Arrochella acompanhada de sua avó a Duqueza de Vandôme , viuva de poucos mezes , e de seu filho o Duque de Vandôme. Esperava-a fóra de Pariz o Marquez de Sande com luzido acompanhamento , e o Duque de Estrees , Marechal de França , e seus filhos o Marquez de Coewres , e o Bispo Duque de Laon , Par de França , e Monsieur de la Nauve , Conselheiro del-Rey no Parlamento de Pariz , Curador da Rainha , e Superintendente da sua Casa , e outras muitas pessoas principaes. Chegou em vinte e dous dias a Arrochella,

rochella , (distante cento e vinte legoas de Pariz) aonde a esperava fóra da Cidade o seu Governador o Duque de Novaylhes , Par de França , com toda a Cavallaria , e Infantaria da sua guarnição , e com todas as ceremonias militares , e politicas , que se costumavaõ fazer nas entradas dos Reys de França , o que se havia praticado com a mesma solemnidade em todas as Villas , e Cidades por ordem delRey Christianissimo. Estava prevenido hum sumptuoso Palacio para assistencia da Rainha , e depois de haver descansado da jornada , deu audiencia publica ao Marquez de Sande em hum Domingo de tarde , que se contavaõ 27 de Junho. Chegou o Embaixador à presença da Rainha , que estava com a Duqueza de Vandôme , assistida das principaes Senhoras de Arrochella , e lhe entregou a Carta de Crença , que levava delRey. E baixando à Capella , onde estava o Duque de Laon , o Bispo de Xaintes , o Bispo de Lucon , o Vigario Geral da Cidade , o Parocho da Freguesia , o Duque de Vandôme , o Duque de Novaylhes , e outras muitas pessoas , e Damas , que concorreraõ das Cidades visinhas , se leu a Procuração delRey , que o Marquez de Sande apresentou , e o Duque de Vandôme a da Rainha , e em virtude dellas o Bispo Duque de Laon celebrou o casamento na fórmula , que ordena a Igreja Romana.

Tanto , que se acabou esta função , foraõ todos , os que nella se acharaõ , aonde a Rainha os

esperava , que era em huma grande falla , sentada debaixo de hum docel de brocado sobre hum throno de quatro degraos , e no segundo estava sentado o Duque de Vandôme em hum tamborete , lugar , que lhe competia diante da Rainha de França. O Marquez Embaixador , depois das costumadas ceremonias , chegou aos pés da Rainha , a quem cumprimentou com hum largo , e bem composto discurso , e lhe entregou huma Carta delRey , mandada para aquella occasião , e beijandolhe a mão , e toda a sua comitiva , o fizeram muitos Gentis-homens Francezes. E tomando o Marquez de Sande o lugar , que lhe tocava , entrou o Duque de Novaylhes revestido do caracter de Embaixador delRey Christianissimo a dar o parabem à Rainha. Seguiu-se hum Gentil-homem delRey de Inglaterra com huma Carta de seu amo , e depois o Enviado de Saboya , e ultimamente o Magistrado da Cidade da Arrochella ; e acabado este acto , se recolheu a Rainha , declarando , que havia de embarcar na quarta feira seguinte , que se contavaõ 30 de Junho. No dia determinado sahio do Paço em huma cadeira de téla verde debaixo de hum Pallio , do qual levavaõ as varas os Magistrados da Cidade , e em outra cadeira se seguia a Duqueza de Vandôme , servindolhe de guarda toda a Infantaria , e Cavallaria da Cidade , e rodeando a cadeira da Rainha toda a Corte a pé , e chegando ao bargantim , se despedio da Duqueza sua avó. O Duque

que de Novaylhes acompanhou a Rainha até a bordo da Capitania, e toda a Armada solemnisou a sua chegada com repetidas salvas, entrando em huma excellente camera ricamente adereçada. Para que a viagem fosse sem susto a respeito da guerra de França com Inglaterra, lhe deu ElRey da Grãa Bretanha hum salvo conducto. Por causa do tempo não partiraõ, senão a 4 de Julho, e depois de alguns contratempos, de que se não livraõ as Magestades pela inconstancia do tempo, chegou ao porto da Cidade de Lisboa em a manhã do dia 2 de Agosto de 1666, conduzida em huma Armada de França composta de dez navios de guerra, de que a Capitania jogava oitenta peças de bronze com setecentos homens de guarnição, da qual era General o Marquez de Ruvigni, pessoa de quem ElRey de França fazia merecida estimação, e os Capitães dos navios eraõ pessoas de grande qualidade. Deu fundo defronte da praya da Junqueira. Foraõ muy repetidas as salvas dos navios, e Torres, e em quanto ElRey se prevenia para ir buscar a Rainha, foraõ logo a bordo da Capitania o Conde de Castello-Melhor, e a Marqueza sua mãy, que já ElRey tinha nomeado Camereira môr, e o Conde de Santa Cruz D. Joaõ Mascarenhas para seu Mordomo môr, Manoel de Sousa da Sylva, que servia de Apofentador môr, e D. Joaõ de Sousa, que depois foy Graõ Prior do Crato, Veadores de sua Casa. Na tarde pelas seis horas sahio ElRey do

Ericeira, *Portug. Ref-
taurado*, tom. 2, liv. 12,
pag. 833.

do Paço custosamente vestido, acompanhado do Infante D. Pedro, e embarcarão em hum bargantim entalhado, e dourado, soberbamente adeieçado com cortinas, e almofadas de brocado carmesim franjadas de ouro, e prata, com trinta remeiros vestidos de damasco carmesim guarnecido de galloens de ouro, e prata. Entraraõ no bargantim o Infante, os Conselheiros de Estado, e entre elles o Marquez de Niza D. Vasco da Gama, Védor da Fazenda da repartição dos Armazens, e India, que exercitou no mar, precedendo a todos nas preeminencias desta occupação naquelle lugar: seguia-se o bargantim do Infante, e outros, que faziaõ agradavel, e vistoso o acompanhamento. Assim, que chegou o bargantim delRey à Capitania, em que a Rainha vinha embarcada, que estava com os de mais navios da Armada Franceza, empavezados, e ornados de flamulas, e galhardetes de differentes cores, abateo a Capitania a bandeira, disparou toda a artilharia, e o mesmo fizeraõ os de mais navios da sua conserva. Desceo o Marquez de Sande, Conductor da Rainha, a beijar a mão a ElRey, e ao Infante, seguio-se o Bispo de Laon (depois Cardeal de Estrees) com grandes expressoens da grande honra, que a sua Casa recebia naquelle dia. Sobio ElRey, e o Infante por huma escada, e no primeiro degrao della estava o Marquez de Ruvigni, General da Armada, a quem ElRey agradeceo o cuidado, e disvello da viagem. A Com-

Companhia do Conde de Mare, que com licença delRey havia passado a casarse em França, e voltando nesta occasião, trazia cem Soldados de Cavallo, que se haviaõ de montar neste Reyno, com fardas de pano verde guarnecidas de prata, dos quaes cincoenta estavaõ com cravinas, e cincoenta com partazanas, postos em ala do portaló até à porta da camera, em que estava a Rainha, onde ElRey, e o Infante entraraõ, e depois de passados os primeiros cumprimentos, com todas as demonstrações de agrado, que o Marquez de Sande explicava, chegou o Infante a beijarlhe a mão, e não consentio, que se puzesse de joelhos: seguiraõ-se todas as pessoas Grandes, que o acompanharaõ, e o Mordomo môr, e Camereira môr lhos hiaõ dando a conhecer. Detiveraõ-se as Magestades na camera hum breve espaço, e ElRey sahio logo com a Rainha ao bargantim, em que entrou ElRey, e a Rainha, o Infante, a Marqueza Camereira môr, e Madama de Puy, que veyo de França com a occupação de Subgovernante, o Marquez de Fontes, Camereiro môr, o Conde de Castello-Melhor, Reposteiro môr, Simaõ de Vasconcellos e Sousa, Gentil-homem da Camera, e Governador da Casa do Infante, que estava de semana, o Porteiro môr, e o Marquez de Sande. Tanto, que o bargantim se apartou da Capitania, tornou a disparar a artilharia, e o mesmo fizeraõ os navios da Armada Franceza, as Torres, e os mais navios, que esta-
vaõ

vão furtos neste porto , com repetidas falvas de artilharia. Chegou o bargantim à ponte , que magnifica , e custosamente estava levantada na praya da Junqueira , digna de hum tal recebimento , e nella esperava toda a Nobreza , e Grandes da Corte com ricas , e luzidissimas gallas. Desembarcaram os Reys , e entraram em hum magnifico coche com o Infante , e em outro a Marqueza Camereira mór , e acompanhados de toda a Corte , se apearam na Igreja das Religiosas Flamengas da primeira Regra de Santa Clara , Convento que fica junto da Quinta delRey , que estava preparada para a sua assistencia nos dias , que fossem precisos para fazerem a sua entrada em Lisboa. Na porta da Igreja , por ser já noite , estavam os Moços da Camera esperando com tochas accesas , e tanto que chegou o coche , em que vinham as Magestades , sahiram da Igreja as Damas , Meninas , e Guarda Mayor D. Violante Henriques , e as Dónas de Honor , que estavam nomeadas para servir a Rainha , e no adro da mesma Igreja beijaram a mão aos Reys. Da parte de dentro estava o Bispo de Targa , eleito de Lamego , Capellão mór , revestido de Pontifical debaixo de Pallio com a Reliquia do Santo Lenho , que Suas Magestades beijaram , tendolhe prevenido almofadas para ajoelharem ; e entoado o *Te Deum laudamus* , que seguiram os Musicos da Capella , foram até à Capella mór , onde estava preparado o sitial , e o Bispo lançou as benções aos desposados : e feita
esta

esta cerimonia com toda a solemnidade, tornaraõ as Magestades a entrar no coche, e se apearaõ na Quinta de Alcantara, que estava magnificamente adereçada. O Infante acompanhou aos Reys até à porta da segunda antecamera, e se recolheu à Quinta de Luiz Cesar de Meñezes, que tinha prevenida. A Rainha ceou em publico, assistida das Damas, Camereira môr, e Officiaes da Casa, e El-Rey no seu aposento, onde entertido com os seus continuos assistentes, se divertio tanto da oppressão, que tivera no tempo daquella função, que chegadas as horas, em que havia de voltar para o quarto da Rainha, não houve diligencia, nem persuasão, que o obrigasse, tomando varios pretextos de indisposições, que deraõ logo, que sentir à Rainha, ainda que El-Rey com galanteos, e musicas as pertendia encobrir; porém estas apparentes finezas se encontravaõ com notoria incongruencia, de sorte, que crescia na Rainha o justo pezar da infelicidade, em que se via, sem que a elevação da Coroa pudesse diminuir a adversidade da fortuna, de que tão depressa começava a ver os effeitos da inconstancia. No dia seguinte foy o Conde da Torre buscar ao Bispo Duque de Laon em hum coche de Sua Magestade, e o aposentou nas casas de D. Antonio de Alcaçova: ao General Marquez de Rovuigni foy conduzir Dom Lucas de Portugal, Mestre Salla, e ordenou Sua Magestade, que todos os Titulos, e Conselheiros de Estado tratastem

de Excellencia ao Bispo, e que elle a restituiria sendo igual, e reciproco o tratamento.

Em hum Domingo 29 de Agosto entraraõ os Reys em Lisboa, e sahindo da Quinta de Alcantara ao meyo dia, se deu principio ao acompanhamento pelos dous Procuradores do Senado com todos os mais Ministros da sua jurisdicção, montados em cavallos bem adereçados, com as librès dos Lacayos vistosas, e todos luzidamente vestidos. Seguiaõ-se os Porteiros delRey com as maças aos hombros, os Reys de Armas, Arautos, e Passavantes, com as suas Cotas de Armas, e cadeas de ouro, e a estes os Corregedores do Crime da Corte com as garnachas forradas de téla branca, os Juizes do Crime, e mais Justiças, todos luzidamente vestidos. Continuavaõ-se os coches, e liteiras douradas, e guarnecidas com todo o primor, e capricho, e o mesmo se admirava nas librès, seguindo-se sem precedencia os da Nobreza até chegar ao do Estribeiro môr delRey, que seguiaõ os de respeito do Infante, da Rainha, e delRey, e não ultimo hiaõ as Magestades. Hia ElRey sentado à mão direita da Rainha, e o Infante na cadeira de diante, e no estribo da parte esquerda a Camereira môr. Não levava o coche tejadilho, e reparava o Sol hum chapeo de damasco carmesim guarnecido de ouro, que levava Rodrigo de Almeida, Moço da Camera, e assim era vista a Rainha de todas as janellas com applauso da sua fermosura. Seguiaõ o coche

os Capitaens da Guarda , Tenentes , e Soldados , e Moços da Estribeira. Era a librè da guarda Real verde , guarnecida de galoens verdes , e prata. Estavaõ as ruas armadas com admiraveis tapeçarias , e com bellos , e ricos arcos levantados pelas nações Franceza , Alemãa , Ingleza , Italiana , Flamenega , e os Misteres dos officios da Cidade. Estava o primeiro às portas de Santa Catharina junto às casas do Marquez de Marialva , onde esperava o Senado da Camera , e o Vereador mais antigo Christovaõ Soares de Abreu fez a falla em nome da Cidade , e acabada , o Presidente da Camera Ruy Fernandes de Almada entregou as chaves a ElRey , que lhe ordenou as dèsse à Rainha , que aceitando-as , lhas tornou a restituir , e caminharãõ à Sé , que estava magnificamente armada: cantou-se o *Te Deum laudamus* , e entre os repiques dos sinos , e salvas de artilharia , e vivas do povo voltaraõ ao Paço. Passou-se Decreto ao Desembargo do Paço para perdaõ geral aos prezos , em que se naõ comprehendia os prizioneiros de guerra , nem os de inconfidencia , e certos crimes exceptuados. Pirmitio-se licença ao Marquez de Liche , a D. Anelo de Gusmaõ , e a D. Belchior Porto-Carrero , para verem a entrada da casa do Enviado de Inglaterra , que morava nas casas da rua direita , que vaõ dar ao poço dos negros no beco , que chamaõ do *Carrasco* , e depois passearaõ as ruas com Gonçalo da Costa de Menezes , Mestre de Campo da Guar-

nição da Cidade , no seu coche , e jantaraõ com elle.

No tempo , em que com mayor contentamento se applaudia o casamento delRey , em que o seu genio se pudera moderar , naõ pode a modestia do Infante Dom Pedro tolerar mais algumas desfatenções , de sorte , que se retirou a assistir na Quinta de Quéluz , donde vinha todos os dias saber da Rainha , que estava doente , a qual persuadida do Conde de Castello-Melhor , disse ao Infante , que por evitar trabalho de taõ largo caminho , ao menos em quanto durava a sua molestia , quizesse ficar na sua casa da Corte-Real , a que o Infante obedeceo. Socogados por entaõ os incidentes , que tanto desgostavaõ ao Infante , e havendo melhorado a Rainha , continuaraõ com alvoroço as prevenções das festas , e entre outras se ordenou humas festa de Canas , que se jogaraõ no dia 15 de Outubro no Terreiro do Paço. Tanto , que as Magestades appareceraõ na tribuna , que lhe estava preparada , e regada a praça , entrou D. Francisco de Sousa , Capitaõ da Guarda Alemãa , com grande luzimento a despejar a praça da grande multidaõ do povo , que a embaraçava , e tanto , que sahio da praça , entraraõ nella Henrique de Sousa Tavares , Conde de Miranda , Governador das Armas , e Relação do Porto , do Conselho de Estado , e D. Diogo de Lima , Visconde de Villa-Nova da Cerveira , Estribeiro môr delRey , e do seu Conselho de Estado , Presidente

da Junta do Commercio , que eraõ os Padrinhos. Depois de haverem cumprido com todas as obrigações devidas naquella função , de pedir licença a ElRey , tornaraõ a sahir da praça , e immediatamente voltaraõ , seguidos cada hum de quatro quadrilhas. Eraõ os Quadrilheiros oito, a saber : Dom João da Sylva , Marquez de Gouvea , Mordomo môr delRey , e do seu Conselho de Estado , a quem sahio nas fortes das cores , que se tiraõ na Secretaria de Estado , a de pardo , e ouro ; Luiz de Vasconcellos e Sousa , Conde de Castello-Melhor , Escrivaõ da Puridade , azul , e ouro ; D. Antonio Luiz de Menezes , Marquez de Marialva , do Conselho de Estado , Védor da Fazenda , Capitaõ General de Alentejo , Governador das Armas de Lisboa , e Provincia da Estremadura , anogueirado , e prata ; Luiz da Sylva Tello e Menezes , Conde de Aveiras , Gentil-homem da Camera do Infante , e Regedor das Justiças , branco , e ouro ; D. João Mascarenhas , Conde da Torre , Gentil-homem da Camera do Infante , do Conselho de Guerra , e Mestre de Campo General da Corte , e Provincia da Estremadura , acamurçado , e prata ; D. João Mascarenhas , Conde de Sabugal , Meirinho môr do Reyno , do Conselho de Guerra , encarnado , e prata ; D. Sancho Manoel , Conde de Villa-Flor , do Conselho de Guerra , alaranjado , e prata ; Luiz Alvares de Tavora , Conde de S. João , Gentil-homem da Camera do Infante , do Conselho de Guerra , Go-

verna-

vernador das Armas da Provincia de Traz os Montes, Mestre de Campo General de Entre Douro, e Minho, verde, e ouro. Cada hum dos Quadrilheiros nomeou cinco Fidalgos seus parentes, e amigos, com que todas as quadrilhas se formaraõ de quarenta e oito Cavalleiros. Havia ordem de naõ poder exceder nenhum, dos que entravaõ nas Canas, de dous Lacayos, nem os Padrinhos de vinte e quatro. Eraõ as librès, e jaezes, tudo taõ luzido, e rico, que a todos se fazia agradavel a bizzarria, e destreza dos Cavalleiros, e o custo, e dispendio, com que brilhavaõ nas invenções, e primores da arte. Houve diversos, e differentes artificios de fogo, e tres dias de Touros: tocou o primeiro dia ao Conde da Torre, que levava doze Lacayos com alamares de ouro batido ao martello; o segundo a D. Joaõ de Castro, Senhor de Boquilobo, que levou cento e sessenta Lacayos vestidos de trages de diversas Nações, de differentes sedas, guarnecidas de passamanes de ouro, e prata; o terceiro tocou ao Conde de S. Joaõ, e a seu irmaõ Francisco de Tavora, depois Conde de Alvor, que levaraõ trezentos homens vestidos de diversas télas, e chamalotes de prata, guarnecidos de passamanes de ouro, e prata, e todos com excellentes cavallo, clinas, e jaezes de muito custo, de sorte, que igualando à despeza a bizzarria dos Cavalleiros, brilharaõ no primor da arte, e nas admiraveis sortes, e manejo dos cavallo.

Naõ

Naõ passou muito tempo , que se naõ começassem logo a sentir os passados desconcertos em domesticos dissabores , sendo o mayor a incapacidade delRey para o matrimonio , a que se seguiraõ diversos incidentes , que pondo em afflicção a Rainha , depois de haver consultado Letrados , tomou a resolução de se recolher ao Mosteiro da Esperança da Ordem de Santa Clara , por ser habitado de Religiosas da primeira Nobreza do Reyno , e de exemplar observancia , onde entrou a 2 de Novembro de 1667 , e logo tratou do divorcio , e separação. As desordens do governo , e a notoria incapacidade delRey para o thalamo , obrigaraõ aos Vassallos mais zelosos da saude da Republica , que viaõ correr infallivelmente à ultima ruina , a que procurassem remedialla com tempo , buscando ao Infante D. Pedro , para que nas suas virtudes evitasse a sua prudencia os imminentes damnos , que então ameaçavaõ ao Reyno. Assim se conseguiu com tanta felicidade , que ElRey dimittio o governo por hum papel assinado por elle , e escrito por Antonio Cavide , que servia de seu Secretario de Estado , tendo-se deposto do lugar Antonio de Sousa de Macedo , pelo desacordo , com que fallou à Rainha. Huma das mayores difficuldades para esta mudança era a presença do Conde de Castello-Melhor ; porém elle com admiravel constancia , sacrificando toda a sua fortuna particular , e publico do Reyno , naõ só naõ usou dos meynos violentos ,
que

Prova num. 49.

que podiaõ fomentar huma guerra civil , mas tolerou os pretextos , que se buscaraõ para a sua deposição , achando-se innocente em muitos , que entaõ se allegaraõ ; deixou a Corte , e entre grandes perigos , de que se naõ livrou sem prodigios , sahio do Reyno , aonde deixava a sua casa , mulher , e filhos , e atravessando occultamente toda Hespanha , achou em Pariz singular estimação em ElRey Luiz XIV. e a mesma teve em Turim , aonde assistio à Duqueza de Saboya , irmãa da Rainha , e ultimamente fixou a sua residencia em Londres , onde tambem buscou a protecção de huma Rainha , irmãa do seu Rey , a quem servio , como já deixamos dito , e depois recolhendo-se a Lisboa , teve com huma larga vida a estimação , que sempre mereceo. Finalmente foy ElRey recluso em hum quarto do Paço em 23 de Novembro de 1667 , e tomou o Infante D. Pedro o governo do Reyno com o titulo de Principe Regente , com approvação das Cortes , que foraõ logo convocadas , e em 27 de Janeiro de 1668 foy o Infante jurado pelos Tres Estados do Reyno Principe herdeiro da Coroa , a qual lhe offerenciaõ ; porém elle revestido de huma singular modestia , a naõ aceitou. Depois por alguns motivos politicos , que entaõ se ponderaraõ , se tomou a resolução de ir ElRey para o Castello da Cidade de Angra na Ilha Terceira , aonde naõ residio muito tempo , e voltou para o Reyno , e sendo aposentado no Palacio de Cintra , nelle acabou

bou a vida de hum repentino accidente em hum Domingo 12 de Setembro do anno de 1683 estando ouvindo Missa. Em pouco espaço foy absolvido pelo seu Confessor, com actos de contrição, e arrependimento, e suffocado de hum tuberculo, espirou, sem dar o mal tempo, a que se applicassem remedios. Tolerou com grande paciencia os trabalhos da sua vida, que lhe seguraraõ a eterna, como piamente podemos crer, e o testemunharaõ Va-roens de grande exemplo acreditados em virtudes. He fama, de que S. Bernardo, de quem foy cordeal devoto, lhe apparecera em fórma visivel, e tam-bem he constante, que nos seus ultimos dias se lhe aclarou o entendimento da lesaõ, que havia pade-cido, quando no tempo, que contava sómente cin-co annos, teve hum febre maligna, que o deixou leso da parte esquerda, como dissemos, a qual foy a infelice causa da inhabilidade, porque foy deposto. Naquella pequena idade o nomeou ElRey seu pay Inquisidor Geral destes Reynos. Manifestou El-Rey D. Pedro (successor immediato de seu irmão na Coroa, que em sua vida não admittio) com vi-vas lagrimas, e as mayores demonstrações de senti-mento, a dor da morte delRey, que amava como irmão, e venerava como Rey: e porque não teve lugar de fazer Testamento, fez executar prompta-mente tudo o que entendeo elle poderia determi-nar, mandando fazer pela sua alma todas as obras pias, e suffragios, que se julgaraõ mais necessarios.

Tom. VII.

Fee

O

[illegible]

O seu corpo foy levado com Real pompa na fórma, que se observara nas mortes dos Reys seus antecessores, ao Mosteiro de Belem, onde jaz depositado.

Foy ElRey D. Affonso de estatura proporcionada, de agradavel presença, alvo, olhos azues, nariz perfeito, o cabello louro, e compido, com grande memoria, que não applicando em nenhuma lição, ainda desta sorte era tão prodigiosa, que fez della em algumas occasioens admiraveis provas. Teve animo Real, e generoso em fazer merces, liberal para todos; e sem embargo da lesão, que padecia em meyo corpo, era muy forte a cavallo, exercicio, de que gostava, sahindo algumas vezes em publico. Firmou Tratados de confederações importantissimas, como foraõ a gloriosa alliança, e correspondencia, que sustentou com Inglaterra, que se governava como Republica, no anno de 1659 aceitando a Embaixada publica de Francisco de Mello; e depois ainda conseguiu mayores utilidades, quando foy a restitução de seu legitimo Rey Carlos II. em que o mesmo Francisco de Mello no anno de 1660 teve a honra de ser recebida a sua Embaixada primeiro, que a de outros Ministros, que a pertenderaõ. O dos Hollandezes, que celebrou no mesmo anno o Conde de Miranda, depois primeiro Marquez de Arronches, e outros muitos gloriosos do seu reynado, e o Tratado da liga offensiva, e defensiva com França, que se celebrou

lebrou em Lisboa em 1666. Na sua morte o Papa Innocencio XI. celebrou solemnes Exequias em Roma; com esta occasião o Cardeal de Estrees, Protector de Portugal, na presença do Papa, junto o Sacro Collegio em Consistorio, fez huma eloquente Oração, rendendo as graças ao Papa, em que mostra o quanto eraõ benemeritos os Reys de Portugal da attenção da Sé Apostolica, e os grandes serviços, que haviaõ feito em seu obsequio, e da Religião, desde o seu principio sem intermissão alguma. O famoso Padre Fr. Jeronymo Vahia, Monge Benedictino da Congregação Portugueza, em hum Poema Heroico, que compunha, intitulado: *Alphonseida*, empregou a suavissima melodia da sua admiravel Musa no Elogio, e na Historia das acções, e virtudes Reaes, e Christãas, de que El-Rey se adornou. Delle se conserva huma copia na Bibliotheca Cadavalense. Na Villa de Santarem edificou El-Rey hum Templo à Virgem Santissima com o titulo da *Piedade*, a quem a devoção commua attribuiu a vitoria do Canal, affirmando-se por sentença da Relação Ecclesiastica de Lisboa dada em 11 de Dezembro de 1663, que sendo aquella Imagem formada de barro, se viraõ nas vésperas daquelle memoravel dia na Imagem Sacrosanta movimentos sobrenaturaes à vista do povo. Passou El-Rey a esta Villa a lançar a primeira pedra na Igreja, que lhe dedicava, situada no Chaõ da Feira. Entrou El-Rey na Villa acompanhado de to-

Prova num. 50.

Vasconcellos; *Histor. de Santarem*, part. 2, liv. 1. cap. 12.

da a Nobreza da Corte a pé, levando-o de redea D. Diogo Fernandes de Almeida, Alcaide môr da dita Villa, a quem tocava este exercicio, e só o Visconde de Villa-Nova de Cerveira, que exercitava o officio de Estribeiro môr, hia a cavallo. No dia seguinte, que era festa feira, em que se contavaõ 25 de Janeiro, lhe lançou a primeira pedra com as ceremonias, que manda o Ritual Romano, onde se lia a seguinte Inscriptão:

*Deiparæ Virgini à Pietate denominatæ
Alphonfus VI. Lusitaniæ Rex,
Quod ejus ope ad miraculum insigni
Joannem Austriacû Philippi IV. Castellæ Regis filium
Pugna Canalensi,
Sexto Idus Junias an. Dñi M. DC. LXIII.
Circa Stremotium commissa
Profligaverit,
Multos hostium interfecerit, plures ceperit,
Tormētis, armis, impedimentis
Potitus sit:
Hoc Sacellum
Impensis suis faciendum curavit,
Primumque fundamentorum lapidem
Propria manu
In æternum, grati, devotique animi monumentum
Posuit
Seq. anno octavo Kalend. Februar.*

Creou de novo os titulos seguintes :

A D. Antonio Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, do seu Conselho de Estado, e Guerra, e Védor da sua Fazenda, Governador das Armas da Cidade de Lisboa, e Estremadura, creou Marquez de Marialva, em duas vidas, por Carta passada em Lisboa a 11 de Junho de 1661, que está no livro 19 da sua Chancellaria. Depois por Carta de 14 de Mayo do anno de 1663 lhe fez mercede deste titulo de juro, e herdade, dispensado humma vez na Ley Mental; e que casando seu filho, o mais velho se pudesse logo cobrir com o mesmo titulo, como consta da Carta, que está no livro 37 da sua Chancellaria. Ao mesmo Marquez fez mercede do titulo de Conde de Cantanhede de juro, e herdade, assim como he a sua Casa duas vezes fóra da Ley Mental. Foy feita a mercede a 15 de Junho de 1661, e está no dito livro 19, fol. 152.

A Francisco de Mello, Conde da Ponte, do seu Conselho de Guerra, e seu Embaixador a Inglaterra, fez Marquez de Sande, de que tirou Carta passada a 21 de Abril de 1662, que está no livro 25, fol. 277, e ao mesmo havia já feito Conde da Ponte por Carta de 16 de Mayo de 1661, que está no livro 24, fol. 154; e depois por Carta de 10 de Outubro de 1665 fez mercede do Condado da Ponte de juro, dispensado duas vezes na Ley Mental, a seu filho Garcia de Mello e Torres, a qual existe no livro 26, fol. 107.

A D.

A D. Francisco de Sá e Menezes, Conde de Penaguiaõ, seu Camereiro môr, fez Marquez de Fontes, de que se lhe passou Carta a 2 de Janeiro de 1659, como se vê no seu assentamento, que está no livro 23, fol. 56. vers.

A Antonio Telles de Menezes, Conde de Villa-Pouca de Aguiar, do Conselho de Estado, lhe fez merce do titulo de Marquez, quando voltasse de Vice-Rey da India para onde foy naquelle anno, e não teve effeito por falecer. Foy este Alvará passado a 2 de Março de 1657, e está no livro 25, fol. 36.

A Dom Rodrigo de Castro creou Conde de Mesquitella por Carta passada a 14. de Mayo de 1658, como se vê no seu assentamento, que está no livro 21, fol. 120.

A D. Sancho Manoel creou Conde de Villa-Flor, de que tirou Carta passada a 23 de Junho de 1661, e está no livro 24, fol. 188. vers.

A Joaõ Nunes da Cunha creou Conde de S. Vicente no anno, em que passou por Vice-Rey do Estado da India, aonde, logo que chegasse, se chamaria Conde. Foy a Carta passada a 2 de Abril de 1666, que está no livro 20, fol. 80.

A Nuno da Cunha de Ataide fez Conde de Pontevel em virtude da merce, que havia feito a sua mulher D. Elvira Maria de Mendoça, Dama da Rainha, por passar a Inglaterra no serviço da Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina, de que
tirou

tirou Carta passada a 15 de Abril de 1662 ; e está no livro 19 , fol. 19.

A D. Pedro de Castello Branco , Visconde de Castello-Branco , fez Conde de Pombeiro , de que tirou Carta passada a 6 de Abril de 1662 , que está no livro 26 , fol. 163.

A D. Manoel da Camera fez Conde da Ribeira Grande de juro , e herdade , conforme a Ley Mental , mudando neste titulo o de Villa-Franca , por Carta de 15 de Setembro de 1662 , que está no livro 27 , fol. 366.

A D. Vasco Mascarenhas , Conde de Obidos , do seu Conselho de Estado , quando passou ao Brasil por Vice-Rey , lhe fez merce deste Condado de juro , e herdade para elle , e seus successores , conforme a Ley Mental , de que tirou Carta feita a 14 de Abril de 1663 , e está no livro 25 fol. 211.

A Dom Luiz de Almeida , do seu Conselho , creou Conde de Avintes , de que tirou Carta passada a 17 de Fevereiro de 1664 , que está no livro 25 fol. 323.

A Lourenço de Sousa da Sylva , seu Aposentador môr , fez Conde de Santiago de Biduido , de que se lhe passou Carta a 12 de Novembro de 1667 , que está no livro 28 , fol. 444 da sua Chancellaria.

A Affonso Furtado de Mendoça , do seu Conselho de Guerra , fez Visconde de Barbacena , de que se lhe passou Carta a 19 de Dezembro de 1661 , que está no livro 41 , fol. 133.

A Martim Correa de Sá fez Visconde de Afseca , de que tirou Carta feita a 15 de Janeiro de 1666, que está no livro 20 , fol.36.

A Luiz de Sousa de Macedo , filho de Antonio de Sousa de Macedo , do seu Conselho, e Secretario de Estado , fez Barão da Ilha Grande de Joannes , de que se lhe passou Carta feita a 27 de Setembro de 1666 , que está no livro 28 , fol.219.

Temos observado nas vidas dos seus antecessores fazer menção dos Officiaes da Casa Real, e do Reyno , sem preferencia das prerogativas dos lugares : agora referiremos os de que achamos noticia serviraõ no tempo do seu reynado.

D. Francisco de Faro , Conde de Odemira , do seu Conselho de Estado , e Presidente do Ultramarino , foy seu Ayo ; e supposto logo , que El-Rey Dom Affonso succedeo na Coroa , entrou o Conde a servir de Ayo , como temos referido , a Carta se lhe passou a 15 de Mayo de 1659 , que está no livro 23 da sua Chancellaria , fol. 165 verso.

João Rodrigues de Sá e Menezes , Conde de Penaguiaõ , do Conselho de Estado , foy seu Camereiro môr , de que tirou Carta passada a 4 de Dezembro de 1656 , que está na dita Chancellaria , livro 19 , fol. 2.

D. Francisco de Sá e Menezes , Marquez de Fontes , succedeo no officio de Camereiro môr ao Conde seu pay , de que tirou Carta passada a 3 de Janeiro

Janeiro de 1659, que está no livro 23 da dita Chancellaria, fol. 215.

D. João da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, foy seu Mordomo môr, como se vê no Auto do Levantamento do mesmo Rey, celebrado a 15 de Novembro de 1656, que então se imprimio, e já o havia sido delRey seu pay, como fica dito.

João Guedes de Miranda, Senhor de Murça, a quem foy feita merce de Estribeiro môr por morte de seu pay, teve Carta passada a 8 de Abril de 1657; porém não exercitou por ser de menor idade, e morreo moço: está no livro da dita Chancellaria, fol. 18.

D. Francisco de Sousa, Conde de Prado, do seu Conselho de Guerra, servio de seu Estribeiro môr, e já havia servido a ElRey seu pay, como deixámos escrito. E sendo mandado o Conde governar as Armas da Provincia do Minho, lhe mandou ElRey passar hum Decreto, para que em vol. Prova num. 51.
tando tornasse a servir o dito officio de Estribeiro môr, e teria na Camera delRey a mesma assistencia, que tinha antes de ir ao governo, o qual Decreto foy passado a 25 de Agosto de 1669.

D. Diogo de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho de Estado, servio de Estribeiro môr, e succedeo ao Conde de Prado.

Luiz de Vasconcellos e Sousa, Conde de Castello-Melhor, foy Escrivão da Puridade por Carta
Tom.VII. Fff de

de 21 de Julho de 1662, como deixámos referido, e se conserva no livro 19, fol. 162 da sua Chancellaria; e era seu Reposteiro môr, e seu Gentil-homem da Camera.

O Doutor Nicolao Monteiro, Bispo eleito de Angra, foy seu Mestre, e Confessor, como refere a Carta do ordenado de Confessor, passada a 25 de Dezembro de 1663, que está na dita Chancellaria, liv. 20, fol. 224.

D. Diogo de Menezes, servio de Reposteiro môr por Alvará de 7 de Agosto de 1659, e nelle diz, que serviria esta occupação *na menoridade do filho mais velho do Conde de Castro-Dairo D. Gaspar de Tavora e Sousa, a quem tinha feito a merce da propriedade*, o qual Alvará está na dita Chancellaria, livro 19, fol. 78.

Lourenço de Sousa da Sylva e Menezes, foy seu Aposentador môr, e o era no anno de 1659, como se vê em hum Alvará de 6 de Outubro do dito anno de certa moradia, que está no livro 25 da sua Chancellaria, fol. 136 vers.

D. Lucas de Portugal, foy seu Mestre Salla, de que tirou Carta passada a 11 de Dezembro de 1656, que está no livro 27, fol. 11 da dita Chancellaria.

D. João de Almeida, foy Veador da sua Casa, como consta do Auto do Levantamento do dito Rey.

D. Pedro de Almeida, depois Conde de Afumar,

sumar, foy Veador da sua Casa, de que se lhe passou Alvará a 15 de Julho de 1661, que está no liv. 19 da dita Chancellaria, fol. 151.

D. Duarte de Castellobranco, foy Veador da sua Casa, e depois foy setimo Conde de Redondo por sua mãy ser herdeira da Casa de seu pay Dom João Coutinho, quinto Conde de Redondo.

Luiz de Mello, foy seu Porteiro môr, e Capitão da Guarda Portugueza, como refere o allegado Auto do Levantamento, e Juramento.

Manoel de Sousa da Sylva, que servia de Apontador môr, servio de Reposteiro môr a ElRey D. Affonso no anno de 1656, como se vê no Auto do Juramento daquelle anno, e depois foy Veador da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

D. João Mascarenhas, Conde de Sabugal, servio de Meirinho môr, como refere o sobredito Auto.

D. Antonio Alvares da Cunha, foy Trinchante, lugar, em que succedeo pela renuncia de Simão da Cunha, de que tirou Carta passada a 31 de Julho de 1658, que está no livro 27 da dita Chancellaria, fol. 207.

D. Lourenço de Sousa, foy Capitão da Guarda Alemãa, e com o mesmo lugar havia servido a ElRey seu pay, e no Auto do Levantamento do anno de 1656 se achou servindo a mesma occupação.

D. Francisco de Sousa, foy Capitão da Guarda

da Alemãa , em que entrou a servir por seu tio D. Lourenço de Sousa , por Alvará do primeiro de Agosto de 1662.

Garcia de Mello, foy Monteiro môr do Reyno, e já o era no anno de 1656, como se vê no Auto do Juramento allegado.

Henrique Carvalho, Senhor da Azambugeira, foy Provedor das Obras do Paço, por Carta feita a 4 de Novembro de 1661, como se vê da merce das tendas da Capella, que está no liv. 22, fol. 269.

Fernão de Sousa Coutinho, foy Veador da sua Casa por Carta passada a 15 de Março de 1664, succedendo no mesmo lugar a seu pay Thomé de Sousa, e está no livro 52, fol. 20.

D. Pedro da Costa, foy seu Armador môr, e se achou no Auto do Levantamento do anno de 1656, e já havia servido a seu pay.

Francisco de Faria da Sylva, foy Almotacé môr do Reyno, e o tinha sido tambem delRey D. João seu pay, como se vê no Auto referido.

Martim de Sousa de Menezes, foy seu Copeiro môr, que tambem havia servido a ElRey seu pay, e como tal o nomea o referido Auto.

D. Theodosio de Mello, irmão do Duque de Cadaval, foy seu Sumilher da Cortina, e como tal faz delle menção o allegado Auto.

Antonio de Mendoga, do seu Conselho, e Presidente da Mesa da Consciencia, foy tambem seu Sumilher, como se vê no dito Auto.

D.

D. Manoel da Cunha, Bispo de Elvas, do seu Conselho de Estado, foy seu Capellão môr, e como tal exercitou no anno de 1656 no juramento, que se fez a ElRey, como se vê no allegado Auto.

D. Francisco de Sottomayor, Bispo de Targa, foy Deão da sua Real Capella, e o era em 1656, como consta do dito Auto.

Dom Vasco Luiz da Gama, do Conselho de Estado, foy Vêdor da sua Fazenda por Carta de 11 de Junho de 1660, que está no livro 27, fol. 226 da sua Chancellaria, e já o era no anno de 1656, que assistio ao Auto do Juramento, que nelle se celebrou.

Pedro Vieira da Sylva, foy Secretario de Estado, e já o havia sido delRey seu pay, como fica dito em seu lugar, e servindo este lugar se achou no anno de 1656 no Auto do Levantamento, e Juramento, que nelle se fez.

Antonio de Sousa de Macedo, do Conselho da Fazenda, e Juiz das Justificações, foy Secretario de Estado, como se vê de hum Alvará passado a 7 de Setembro de 1662, que está no livro 27 da sua Chancellaria, fol. 371.

Luiz Cesar de Menezes, foy seu Alferez môr, de que se lhe passou Carta a 23 de Julho de 1664, que está no livro 20 da dita Chancellaria, fol 44.

A Dom João Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, que havia sido Mordomo môr da Rainha
sua

sua mãy, lhe confirmou o posto de Capitão mór dos Ginetes, e Cavalleiros da sua Guarda, por Carta de 18 de Janeiro de 1660, que está no livro 5 da sua Chancellaria, fol. 79.

D. Rodrigo de Menezes, foy Regedor das Justiças, e se achou com este lugar no Auto do Levantamento, e Juramento, que se fez no anno de 1656, e o foy no anno de 1663, de que se lhe passou Carta a 29 de Julho, que está no livro 25 da dita Chancellaria, fol. 29.

Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, foy Presidente do Paço por Carta de 4 de Fevereiro de 1660, que está na dita Chancellaria, livro 19, fol. 83.

D. Diogo de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, foy Presidente da Junta do Commercio por Carta de 27 de Julho de 1666, lugar, em que succedeo ao Conde de Atouguia: a qual está no livro 22 da dita Chancellaria, fol. 127.

Antonio Cavide, Alcaide mór de Borba, foy Secretario de Estado da Casa de Bragança, como se vê na Carta da dita Alcaidaria mór, feita a 11 de Fevereiro de 1664, onde diz: *Meu Secretario do Estado da Casa de Bragança*, a qual está no livro 25, fol. 93, da dita Chancellaria: e sendo testemunha no Testamento delRey D. João IV. diz: *Antonio Cavide, Secretario de Sua Magestade, e do Conselho da Fazenda.*

Dom João de Castro, Senhor de Reris, &c.
foy

foy Almirante de Portugal por Carta feita a 26 de Abril de 1662, que está na dita Chancellaria no livro 27, fol. 366.

O Doutor Fr. Francisco Brandaõ, Religioso de S. Bernardo, Chronista môr do Reyno, foy Esmoler môr por Carta de 27 de Junho de 1660, sendo Abbade Geral de S. Bernardo Fr. Constantino de Sampayo. Livro 45, fol. 73.

Fr. Luiz Coutinho, Religioso de S. Bernardo, foy tambem Esmoler môr.

D. João da Costa, Conde de Soure, do Conselho de Guerra, foy Presidente do Conselho Ultramarino, de que se lhe passou Carta a 6 de Agosto de 1661, que está na dita Chancellaria, livro 24, fol. 180.

D. Thomás de Noronha, Conde dos Arcos, do Conselho de Estado, foy Presidente do Ultramarino por Alvará de 12 de Dezembro de 1663, que está na dita Chancellaria, liv. 25, fol. 239.

Luiz de Sousa, Deaõ do Porto, (que depois foy Arcebispo de Lisboa, e Cardeal) foy Governador da Relação do Porto por Carta passada a 23 de Setembro de 1659 no tempo, em que seu irmão, Governador proprietario daquella Relação, foy nomeado Embaixador Extraordinario aos Estados Geraes, existe a dita Carta no livro 21 da dita Chancellaria, fol. 82.

Ruy Fernandes de Almada, Senhor de Ilhavo, Gentil-homem da Camera do Infante D. Pedro,

dro, foy Presidente da Camera, de que se lhe paf-
fou Carta a 27 de Julho de 1667, que está na dita
Chancellaria, livro 22, fol. 199.

Francisco Pereira da Cunha, foy seu Secreta-
rio do Conselho de Guerra por Carta de 21 de Ju-
nho de 1660, succedendo a seu pay Antonio Pe-
reira, e está no livro 22 da sua Chancellaria, fol. 272.

Casou em 27 de Junho de 1666 com a Rai-
nha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, a qual
apartando-se delRey seu marido, como fica dito,
e pondo em juizo a causa do divorcio, se proces-
sou, e nomeou por seu Procurador ao Duque de
Cadaval D. Nuno, e seguiu-se a causa até final
sentença, para a qual foram nomeados Ministros
Varoens de grandes letras, costumes, e integrida-
de, a saber: D. Francisco de Sottomayor, Bispo
de Targa, Coadjutor, e Provisor da Igreja Metro-
politana de Lisboa, os Doutores Valentim Foyo
da Motta, Conego da dita Cathedral, e Vigario
Geral do Arcebispado, e Pantaleão Rodrigues Pa-
checo, do Conselho delRey, e do Geral do Santo
Officio, eleito Bispo de Elvas, o qual falecendo an-
tes da sentença, entrou em seu lugar Antão de Fa-
ria da Sylva, Conego da dita Sé de Lisboa, De-
putado do Santo Officio, e da Mesa da Conscien-
cia, e Ordens, e para escrever na causa Sebastião
Diniz Velho, Desembargador da Relação Eccle-
siastica, Prior da Igreja de Santa Marinha; e passa-
dos os termos legaes, e concluso o processo a final,
de

dê que era Relator o Bispo Coadjutor, votando, além do que o haviaõ actuado, Manoel de Saldanha, Sumilher da Cortina, depois Bispo de Viseu, Francisco Barreto, do Conselho delRey, e do General do Santo Officio, depois Bispo do Algarve, Nuno da Cunha de Eça, Conego Doutoral na Sé Metropolitana de Lisboa, que depois recusou o Bispado de Miranda, Pedro de Ataide de Castro, Inquisidor Apostolico da Inquisição de Coimbra, todos Conegos da Sé de Lisboa, e os Desembargadores da Relação Ecclesiastica Gaspar Barata de Mendoça, Prior da Igreja de Santa Engracia, e depois Arcebispo da Bahia, Joaõ de Passos de Magalhães da de S. Juliaõ, Joaõ Serraõ da de S. Thomé, depois Provisor, e Vigário Geral do mesmo Arcebispado, todos Juizes nomeados pelo Cabido. Na Casa delle, e na sua presença foy examinado o processo por cada hum dos Juizes, e com maduro acordo proferiraõ sentença a 24 de Março de 1668, declarando por nullo o matrimonio contrahido de facto, e não de direito; pelo que poderiaõ fazer, o que bem lhe parecesse, e que haveria divisaõ de bens na fórma dos seus contratos. Era filha de Carlos Amadeo de Saboya, ramo da Serenissima Casa de Saboya, o qual nasceo no anno de 1624 Duque de Nemours, de Genebra, de Aumale, Par de França, Marquez de S. Sorlin, e de S. Rambert, Conde de Grifors, Baraõ de Foucigny, e de Beaufort, Senhor de Poncin, de Cedron, e de Bray sobre o Se-

Tom.VII. Ggg na,

Ribeiro, *Paneg. Hist. Genealog. da Casa de Neomurs*, impress. em Pariz em 1669.
Guichenon, *Hist. Genealog. de Savoye*, liv. 3. cap. 21. pag. 1071.

na, Coronel General da Cavallaria ligeira de França, o qual foy morto em hum duelo a 30 de Julho de 1652 por seu cunhado Francisco de Vandôme, Duque de Beaufort: casado com a Princeza Isabel de Vandôme, que faleceo a 19 de Mayo de 1664, filha de Cesar de Bourbon, Duque de Vandôme, e de Mercoeur, de Pentheure, de Beaufort, e de Estampes, Principe de Anet, e de Martignes, Par de França, filho delRey Henrique IV. de França, e de Gabriela de Estrees, Duqueza de Beaufort, e da Duqueza Francisca de Lorena, filha de Filippe Manoel de Lorena, Duque de Mercoeur, e de Pen-thievre, ramo da Serenissima Casa de Lorena. Naõ teve ElRey filhos, ainda que fóra do matrimonio lhe quizerão attribuir algum; porém com evidencia se mostrou ser ficção, levantada com fins particulares.



A Rai-

A Rainha
D. Maria
Francisca
Isabel de
Saboya.

Carlos Ama-
deo de Sabo-
ya, nasc. em
1624. Du-
que de Neo-
murs, + a 30
de Julho de
1652.

Henrique de Sa-
boya, nasc. a 2
de Novemb. de
1572 Duque de
Neomurs, + em
10 de Julho de
1632.

A Duqueza Ana-
na de Lorena,
+ a 14 de Mayo
de 1638. H.

Jaques de Saboya,
nasc. a 12 de Ou-
tub. de 1531 Du-
que de Neomurs,
+ em 15 de Junho
de 1585.
A Duqueza Anna
de Este, + a 7 de
Mayo de 1606.

Carlos de Lorena,
Duque de Auma-
le, nasc. a 5 de
Janeiro de 1555,
+ em 1618.

A Duqueza Maria
de Lorena.

Filippe de Saboya, n.
em 1490 Duque de
Neomurs, &c. + a
25 de Nov. de 1533.
A Duqueza Carlota
de Orleans, + a 8
de Setemb. de 1549.

Hercul. de Este, Du-
que de Ferrara, &c.
nasc. a 4 de Abril de
1508, + em 3 de
Outubro de 1558.
A Duqueza Renata
de França, + a 12
de Junho de 1557.

Claudio de Lorena,
Duque de Aumale,
n. em 01. de Agosto
de 1526, + a 14 de
Mayo de 1573.
A Duqueza Luiza de
Brezé, H.

Renato de Lorena,
Duque de Elboeuf,
n. a 14 de Agosto de
1536, + em 1566.
A Duqueza Luiza de
Rieux, + em 1550.

Antonio de Bourbon
nasc. a 22. de Abril
de 1518 Duque de
Vandome, Rey de
Navarra, + a 17 de
Novemb. de 1562.
Joanna de Albrét,
Rainha de Navar. +
a 9 de Junho, 1512.

Antonio de Estrees,
Senhor de Cozures.

Francisca de Babou.

Nicolao de Lorena,
Duque de Mercoeur,
Cond. de Vaudemont
n. em 1519, + a 23
de Janeiro de 1577.
A Duqueza Joanna
de Saboya, + a 4 de
Julho de 1568.

Sebastião de Lucem-
bourg, Senhor de
Penthievre.

Maria de Beaucaire.

Filippe Duque de Saboya, Rey de
Chipre, nasc. a 5 de Fevereiro de
1438, + a 7 de Nov. de 1497.
A Duqueza Claudia de Brosse, + a
13 de Outub. de 1513, 2. mulher.
Luiz I. Duque de Longueville, +
em 1516.

A Duqueza Joanna Botelin, + em
1504.

Affonso de Este, Duque de Ferra-
ra, Modena, &c. n. a 21 de Junho
de 1476, + a 31 de Out. de 1534.
A Duq. Lucrecia de Borja, + 1520.
Luiz XII. Rey de França, nasc. a
27 de Junho de 1462, + no 1. de
Janeiro de 1515.

A Rainha Anna de Bretagne, + a
20 de Janeiro de 1513.

Claudio de Lorena, Duq. de Gui-
se, n. a 20 de Outubro de 1496,
+ a 12 de Abril de 1550.
A Duqueza Antonia de Bourbon,
+ a 20 de Janeiro de 1583.

Luiz de Brezé, Conde de Manle-
vriér.

A Condesa Diana de Poitiers.

Claudio de Lorena, Duque de
Guise.

A Duqueza Antonia de Bourbon.

Claudio de Rieux, Conde de Har-
court, + em 1532.

A Condesa Sulana de Bourbon,
2. mulher.

Carlos de Bourbon, Duque de Van-
dome, n. a 2 de Junho de 1489,
+ a 25 de Março de 1537.

Francisca de Alençon, Duqueza de
Beaumont, + a 18 de Mayo, 1513.

Henrique II. Rey de Navarra, +
em 1555.

A Rainha Margarida de Valois, +
em 1548.

João de Estrees, Senhor de Val-
lieu, + em 1567.

Catharina de Bourbon Vandome.

Jacobo de Babou, Senhor de Bo-
urdailhere.

Francisca Robert.

Antonio Duque de Lorena, e de
Bari, nasc. a 4 de Junho de 1489,
+ a 15 de Junho de 1544.

A Duqueza Renata de Bourbon.

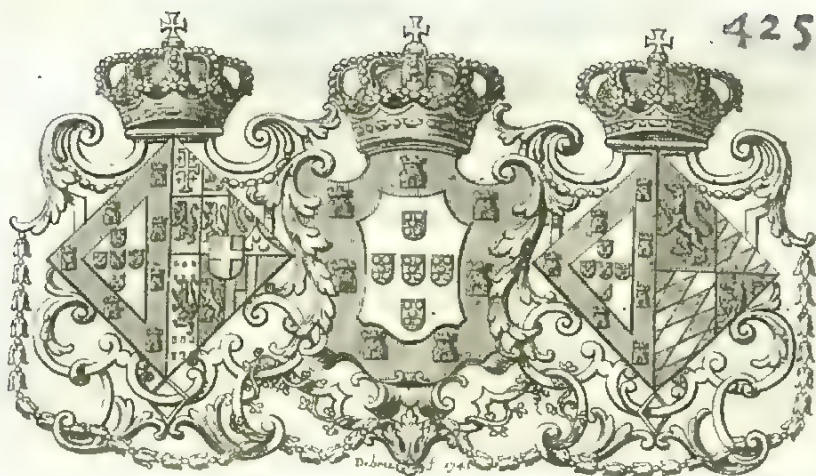
Filippe de Saboya, Duque de Neo-
murs.

A Duqueza Carlota de Orleans.

Francisco de Lucembourg, Vis-
conde de Marigue.

Carlota de Penthievre.

João de Beaucaire, *Chancelier de Poitiers*
N.



CAPITULO V.

Del Rey D. Pedro II.

18



EIXAMOS escrito no Capitulo I. deste Livro, que do Real thalamo dos Augustos Reys D. Joaõ IV. e D. Luiza fora o terceiro filho o Infante D. Pedro, que nasceo em Lisboa em hum Domingo 26 de Abril, em que a Igreja Bracharense celebra a festa de seu illustre Prelado S. Pedro de Rates, do anno de 1648. Foy celebrado o seu nascimento por muitos dias com grandes demonstrações de alegria, e bautizado a 25 de Mayo com Real pompa pelo Bispo Capellaõ môr D. Manoel da Cunha, eleito Arce-

Arcebispo de Lisboa ; foraõ Padrinhos o Principe D. Theodosio, e a Infanta D. Joanna, sendo levado nos braços de D. Miguel de Almeida, Conde de Abrantes, do Conselho de Estado, e Mordomo mór da Rainha, que com opa roçagante hia debaixo do Palio, de que levarão as varas Francisco de Mello, Monteiro mór do Reyno, D. Francisco de Castellobranco, Pedro de Mendoça Furtado, Guarda mór da pessoa delRey, e D. Alvaro de Abranches. Levarão as insignias, principiando pelo mais moderno, D. Antonio Luiz de Menezes, III. Conde de Cantanhede, huma toalha em huma salva ; D. Luiz de Portugal, VI. Conde de Vimioso, o gomil ; Dom Fernão Mascarenhas, I. Conde de Serem, outra toalha em huma salva ; e D. Jeronymo de Ataide, VI. Conde de Atouguia, o gomil, os quaes eraõ para servirem a Infanta, e ao Principe, para que depois, que tocassem, lavassem as mãos ; Joaõ da Sylva Tello, I. Conde de Aveiras, do Conselho de Estado, Regedor das Justiças, levou a fogaça ; Dom Fernão Mascarenhas, I. Conde da Torre, do Conselho de Estado, a véla com a offerta ; D. Francisco Coutinho, VI. Conde de Redondo, o saleiro, e praticando-se tudo na fórma de semelhantes funções, acompanhou à Infanta a Aya D. Luiza de Menezes, a Guarda mayor, Senhoras de Honor, e Damas. A Rainha esteve na Tribuna vendo todo o tempo, que durou a cerimonia.

Contava

Contava o Infante pouco mais de seis annos, quando ElRey seu pay lhe formou hum Estado digno da sua pessoa, a que chamou *Casa do Infante*, ao qual concedeo todos aquelles privilegios, isenções, e prerogativas, que gozava o da Casa de Bragança. Para o que lhe fez Doação da Cidade de Béja, declarando-o Duque daquella Cidade, renovando na sua pessoa esta mesma Dignidade, que tivera seu terceiro avô ElRey D. Manoel, a quem elle succedera na Coroa pelo direito do sangue, querendo nesta acção conservar a memoria daquelle grande Rey, não só na Coroa, que elle gozava, e nos seus descendentes primogenitos; mas tambem a de Duque de Béja, que elle havia possuido antes de succeder no Reyno, que agora nomeava no Infante D. Pedro, para mais com huma Real linha multiplicar os seus descendentes, e segurar nella a conservação, e defensão do Reyno. Com este bem considerado motivo, lhe fez Doação da Cidade de Béja, e seu Termo, e juntamente de todas as Villas, Lugares, Castellos, Padroados, datas, terras, fóros, tributos, com tudo o mais, que se havia confiscado para a Coroa, pela condemnação do Marquez de Villa-Real, e Duque de Caminha seu filho; concedendolhe entre outras prerogativas, que o primogenito do Infante, e todos os mais dos seus successores, logo, que nascessem, se chamaassem Duques de Villa-Real, e teriaão as rendas, e jurisdicção pertencentes à dita Villa.

Prova num. 52.

Prova num. 53.

- Villa. Foy feita esta Doação a 11 de Agosto do anno de 1654. A esta merce se seguiraõ outras, a saber: a da Quinta de Quéluz com as suas pertencas, entaõ confiscada para a Coroa, de que se lhe passou Alvará a 17 de Agosto de 1654. E por hum Carta se lhe mandou assentar a quantia, que lhe pertencia do titulo de Duque, como tinhaõ os demais Duques do Reyno, que venceria da data do dia da Doação acima, a qual Carta foy feita a 7 de Mayo de 1655. E por outra lhe fez merce da Villa de Serpa, seu Termo, e parte dos Celleiros, que foy feita a 16 de Setembro de 1655, e já lhe havia conferido a Dignidade de Commendador môr da Ordem da Cavallaria de Christo, na mesma fôrma, e com as rendas, com que a havia nomeado no Infante Dom Duarte seu irmão, como se vê de hum Alvará passado a 22 de Dezembro de 1654. E porque os possuidores da Casa de Villa-Real alcança-
 raõ por hum Bulla do Papa S. Pio V. passada em Roma no primeiro de Julho do anno de 1556, a faculdade de tirarem certos frutos das Igrejas do seu Padroado, com que formaraõ os Prestimonios, que o Papa lhe concedeo por modo de Beneficios simples, os quaes pertenciaõ de presente ao Infante, lhe concedeo ElRey os conferisse com a Ordem de Christo para ficarem em Commendas na mesma fôrma, que se proviaõ as que pertenciaõ à Serenissima Casa de Bragança, como consta de hum Alvará feito a 22 de Dezembro de 1654. Deulhe tam-
 bem
- Prova num. 54.
- Prova num. 55.
- Prova num. 56.
- Prova num. 57.
- Prova num. 58.
- Prova num. 59.

bem as Lezirias da Golegãa , de Borba , Mouchoens , e Sylveira , sitas por baixo de S. Liborio no Termo de Santarem , de que se lhe passou hum Alvará feito a 3 de Novembro do anno de 1655. E Prova num. 60.
por outro lhe declarou , que podiaõ os Ouvidores Prova num. 61.
das terras da sua Casa prover todas as serventias dos officios de Justiça , assim como o podiaõ fazer os Corregedores das Comarcas , conforme a Ordenação , e Ley do Reyno : foy feito a 23 de Julho de 1656. Fez lhe tambem ElRey seu pay Doação das Prova num. 62.
Saboarias da Cidade do Porto , Villas , e Lugares das Comarcas de Traz os Montes , e Entre Douro , e Minho , que foy feita a 12 de Outubro de 1656. Depois da morte delRey seu pay , ElRey D. Af- Prova num. 63.
fonso VI. seu irmão mandou à sua instancia , que os Ouvidores do Ducado de Béja , e Casa de Villa-Real , pudessem passar Cartas de Seguro na mesma fórma , que as passavaõ os da Serenissima Casa de Bragança ; foy feito o Alvará a 12 de Fevereiro do anno de 1658 : e por outro de 14 de Novembro do Prova num. 64.
dito anno concedeo aos Ouvidores das terras da Casa do Infantado outras prerogativas. Depois lhe fez o mesmo Rey merce por hum Decreto de Prova num. 65.
20 de Agosto de 1662, de poder mandar tirar todos os annos do Estado do Brasil mil quintaes de pao , chamado *Brasil* , cuja quantia lhe dobrou depois por hum Decreto de 2 de Janeiro de 1665. Confirmou Prova num. 66.
ElRey D. Affonso VI. a Casa do Infantado por hum nova Carta de Padraõ , e Doação , em que Prova num. 67.
Tom. VII. Hhh en-

Prova num.68.

encorporou a delRey seu pay , e todas as mais merces , que até àquelle tempo se lhe haviaõ feito , tudo de juro , e herdade para sempre , a qual foy passada em Lisboa a 15 de Setembro de 1663. O Infante D. Pedro logrou a Casa do Infantado ainda depois de Rey , e em quanto viveo , a qual augmentou muito em Villas , Lugares , Padroados , e rendas , e fez della Doação ao Infante D. Francisco seu filho , como adiante veremos.

Pela morte delRey seu pay ficou o Infante debaixo da tutela da sábia Rainha D. Luiza , Regente do Reyno , sua mãy , que o amou muito , e elle se soube fazer acedor de todo o seu carinho. No anno de 1662 vencendo a Rainha as difficuldades , que se lhe oppunhaõ , e já deixamos tocadas no Capitulo antecedente , que a obrigaraõ à resolução de querer largar a Regencia , que entaõ não teve effeito , e vendo , que o Infante havia chegado à idade de quatorze annos , ornado de excellentes virtudes ; porque reconhecendo-se nelle valor , e entendimento , se admirava huma docilidade , que a todos se fazia agradavel. Pelo que , a Rainha se via justamente obrigada de o apartar , quanto lhe fosse possivel , de algumas das pessoas , que indignamente continuavaõ na assistencia da Camera delRey , inculcandolhe indecentes divertimentos , determinou dar casa ao Infante , resolução , que approvaraõ os Ministros de mayor supposição ; e assim elegeo para quarto do Infante as casas do Marquez

quez de Castello-Rodrigo sobre o Tejo, no sitio chamado *Corte-Real*, nome, que tomou do appellido do primeiro, que as possuio. E sendo o costume dos antigos Reys de Portugal, quando davaõ Casa separada aos Infantes, nomearem-lhe Officiaes de igual qualidade aos dos Principes, nomeou para seus Gentis-homens da Camera a Martim Affonso de Mello, Conde de S. Lourenço, do Conselho de Estado, e Vêdor da Fazenda da repartição de Africa; a D. João da Costa, Conde de Soure, do Conselho de Guerra, e Presidente do Conselho Ultramarino; Ruy de Moura Telles, do Conselho de Estado, Presidente do Paço, e Estribeiro môr da Rainha; Dom Rodrigo de Menezes, Regedor da Justiça; Jorge de Mello, do Conselho de Guerra, e General das Galés; João Nunes da Cunha, Governador das Armas de Setuval, e Deputado da Junta dos Tres Estados; e para Sumilher da Cortina Rodrigo da Cunha de Saldanha, Chantre da Sé de Lisboa, e por Secretario Antonio de Sousa Tavares, Desembargador do Paço: e porque as molestias de Nicolao Monteiro, Prior de Sedofeita, o desobrigaraõ do exercicio de Mestre, foy escolhido Francisco Correa de Lacerda.

Foy geralmente approvada a referida eleição, porque as pessoas nomeadas, assim na qualidade, e merecimentos, eraõ as mais capazes do Reyno para a perfeita educação de hum Principe. Estes forã os primeiros criados, que teve o Infante, e

depois por diversos impedimentos lhe deu ElRey outros ; porque o Conde de Soure estava injustamente desterrado , João Nunes da Cunha Entre Douro , e Minho , o Conde de S. Lourenço , e Ruy de Moura Telles com mais politica , que motivo , tomaraõ o pretexto das suas occupaões , ficando só Jorge de Mello. Pelo que foraõ nomeados Gentis-homens da Camera o Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes , Pedro Cesar de Menezes , Ruy Fernandes de Almada , Rodrigo de Figueiredo , D. Diogo de Menezes , e Antonio de Miranda Henriques , pessoas nas quaes concorriaõ merecimentos para aquella occupaõ.

As domesticas dissensoens , e os extraordinarios dissabores , que a Rainha D. Luiza experimentou depois , que ElRey D. Affonso entrou a governar , excedendo a mesma tolerancia , com que as dissimulava a prudencia desta sábia Heroína , a obrigaõ a recolherse no Mosteiro das Agostinhas Descalças no anno de 1663 para acabar a vida neste retiro , como já temos referido. O Infante D. Pedro revestido de huma natural modestia , sentia em extremo os dissabores da Rainha sua mãy , que não podia remediar , nem menos os desabrimentos , que experimentava em ElRey seu irmaõ. Continuavaõ os Gentis-homens da Camera no serviço do Infante , excepto o Conde da Ericeira , que por justo motivo se havia despedido d'elle , quando foy nomeado Simaõ de Vasconcellos, Gentil-homem da

da Camera, e Governador da sua Casa, occupação, que privava quasi totalmente aos Gentis-homens da Camera das suas prerogativas; e assim se foraõ separando do serviço do Infante, Pedro Cesar de Menezes, Jorge de Mello, Rodrigo de Figueiredo, Antonio de Miranda, D. Diogo de Menezes, e Ruy Fernandes de Almada, que foy occupado na Presidencia da Camera, e no seu lugar foy nomeado seu filho Christovão de Almada, e ao mesmo tempo em Secretario do Infante, de que se havia escusado Antonio Cavide, João de Roxas de Azevedo, entã Desembargador dos Aggravos, e depois Desembargador do Paço, e Secretario da Assignatura, merecedor de todos os grandes empregos.

Adiantava-se o Infante nos annos, e juntamente no conhecimento, do que convinha à sua consciencia, e à sua reputação para se separar dos escrupulosos divertimentos delRey; e assim sem que faltasse ao respeito, se foy desviando quanto lhe foy possível da sua assistencia, gastando o tempo proveitosamente na lição da Historia, e no conhecimento pratico das fortificações. Jogava as armas com admiravel destreza; no manejo dos cavalloos se havia taõ bizarro, como sciente; frequentava a caça destro, e robusto, e a estas, e a outras louvaveis doutrinas o inclinava a vigilancia, e cuidado de seu Metre Francisco Correa de Lacerda. E quando estes exemplos poderiaõ servir a ElRey de huma

Ericeira, Portug. Restaurado, tom. 2. liv. 9. pag. 597.

huma louvavel emulação às virtudes , degeneraraõ em inveja , que se augmentou de forte , que sendo publico o desprazer , cresciaõ as circumstancias do defabrimento ; e quando pôdiaõ ser perigosas as consequencias da Monarchia em tempo taõ delicado , brilhou de forte a modestia do Infante , que conseguiu resistir aos combates de taõ poderosos inimigos , eyitando huma fatal ruina , e tirando dos perigos huma immortal Coroa.

No anno de 1666 acompanhou o Infante a ElRey a Salvaterra , aonde tiveraõ a noticia , de que aggravando-se as queixas da Rainha sua mãy , ficava já deplorada , e sem esperanças de vida : neste estado escreveo a seus filhos por ultima despedida , e a Carta , que mandou ao Infante , dizia :

„ Filho , o tempo , que me póde durar a vi-
„ da , he taõ pouco , que por instantes me vejo aca-
„ bar. Sou vossa mãy , e estando de caminho pa-
„ ra a sepultura , naõ vos quero deixar sem a minha
„ benção. Com ella vos encommendo o temor de
„ Deos , e a obediencia de vosso irmaõ , em que
„ vos fica toda a felicidade ; e ultimamente , que de-
„ pois da minha morte vos lembreis da minha al-
„ ma , que tudo deveis ao meu amor. Deos vos
„ guarde felices , e dilatados annos. Xabregas 26
„ de Fevereiro de 1666.

RAINHA.

Causou ao Infante grande sentimento esta Car-
ta,

ta , augmentando-selhe na dilação , com que desejava partir no mesmo instante a tomarlhe a benção , o que lhe impedio outros motivos , que ainda acrescentavaõ mais a sua dor , e havendo de lhe responder , mandou por Simão de Vasconcellos , Governador da sua Casa , huma Carta para a Rainha , que he a seguinte:

„ Minha mãy , e Senhora , se em tão poucas
„ regras pudera explicar as ancias , com que fica o
„ meu coração , depois de haver recebido a Carta ,
„ que Vossa Magestade me fez merce escrever , co-
„ nhecera Vossa Magestade o como correspondem
„ as lagrimas exteriores ao sentimento , que a al-
„ ma padece na consideração da falta de huma tão
„ grande mãy , como Vossa Magestade ; e de hum
„ tão obediente filho , como eu sou , se póde crer ,
„ que pela doutrina de Vossa Magestade não falta-
„ rey nunca no temor de Deos , e na obediencia
„ delRey , meu Senhor. Fio da misericordia Di-
„ vina , que me não castigue tão rigorosamente , e
„ que ha de dilatar a V. Magestade por muitos an-
„ nos a vida , que hey mister. A Real pessoa de
„ V. Magestade guarde Deos como eu mais , que
„ todos desejo. Salvaterra 26 de Fevereiro de 1666.
„ Filho mais obediente de Vossa Magestade.

O INFANTE.

Esta Carta , que chegou juntamente com a delRey , ouvio a Rainha ler com grande ternura ,
conhe-

conhecendo-se huma ancia de ver seus filhos antes de espirar. Os quaes chegaraõ a tempo , em que já destituida de forças , não lhe pode responder mais, que com os affectos , que se lhe observaraõ nos olhos , e beijandolhe a mão o Infante com copiofas lagrimas , por testemunho do seu amor , se recolheu com ElRey ao Paço. Com a morte da Rainha experimentou o Infante mayor contradicção , seguindo-se a hum pezar outros ; porque ElRey dominado dos seus divertimentos , havia entregado o governo ao Conde de Castello-Melhor , que com a morte do Conde de Atouguia , e haver ElRey mandado para o Castello da Feira a Sebastião Cesar de Menezes , ficou o Conde de Castello-Melhor com absoluto dominio na Monarchia , e desembaraçado de toda a controversia , e para se livrar do cuidado , que o Infante lhe poderia causar , pois via , que se adiantava nas virtudes , entendeu , que o segurava com a assistencia de seu irmão Simão de Vasconcellos , a quem o Infante estimava ; porém em breve tempo conheceo o seu engano , porque o Infante vendo-se com poucos criados ao tempo , que se esperava a Rainha , pediu licença a ElRey para nomear Gentis-homens da Camera , a qual lhe concedeo , e assim nomeou a Dom Luiz da Sylveira , Conde de Sarzedas ; a Miguel Carlos de Tavora , (depois Conde de S. Vicente) General da Artilharia da Provincia de Traz os Montes ; a D. Vasco Lobo , Conde de Oriola , e Barão de Alvito ; e a D. Lou-

Lourenço de Lencastre. Publicada a nomeação, passou o Infante à Camera delRey a agradecerlha, e lhe respondeo, que tinha motivos para dilatarlha, mas que lhe concedia a nomeação dos dous ultimos, o que o Infante não aceitou, sem lhe conceder a dos outros dous. Sentio o Infante esta novidade, e sem mostrar perturbação alguma sahio da presença delRey, a quem com a noticia, que no dia seguinte chegara de haver a Rainha partido de Pariz, tornou com novo motivo a fazer nova instancia a ElRey, que lhe respondeo com tanto desabrimento, que o Infante se vio precisado a separar-se (fóra das funções publicas) totalmente da sua assistencia, e deste seu retiro se levantaraõ novas diffenções; porque se espalhou no povo, que o Infante pertendia, revestido de modestia, e affabilidade, ganhar os animos dos mal satisfeitos da condição delRey, e excessos do seu governo; e diz o Conde da Ericeira, que este temor veyo a ser a primeira disposição, que tiveraõ os espiritos dos Varoens esclarecidos, e prudentes a livrarem o Reyno do precipicio, a que caminhava.

Ericeira, Portug. Res-taur. liv. 12. pag. 832. Passarel. De Bello Lituano, lib. 10. p. 450.

Neste tempo chegou ao porto de Lisboa a Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, como deixámos referido no Capitulo antecedente; e havendo de voltar a Armada de França, de que era General o Marquez de Ruvigni, pedio audiencia ao Infante para lhe fallar, e despedir-se. Achava-se a sua Casa sem mais criados, que D. Rodrigo de

Menezes, porque naquelle tempo haviaõ adoecido Simaõ de Vasconcellos, e Christovaõ de Almada : pelo que mandou ElRey a alguns Grandes, que assistissem na casa, em que o Infante dava audiencia ao General. Acabada esta funçaõ, mandou o Infante ao seu Secretario Joaõ de Roxas de Azevedo, dissesse ao Conde de Castello-Melhor, que representasse a ElRey, lhe permittisse poderem assistir no seu serviço os Gentis-homens da Camera, que havia nomeado ; porque era contra o seu decóro, que faltandolhe criados proprios, ficar dependente dos que o naõ eraõ, para lhe assistirem nas funções publicas:

Descuidou-se o Conde de Castello-Melhor de fazer a diligencia, de que o Infante se deu por mal fatisfeito ; porque quando o fez foy inutilmente, pois havendo-se encontrado o Infante com ElRey na praya da Junqueira a tempo, que naõ havia precedido a diligencia, de que tinha encarregado ao Conde de Castello-Melhor, lhe disse ElRey severo, que pois tinha dado em ser teimoso, que elle tambem estava determinado em teimar. O Infante lhe respondeo, que naõ havia dado causa alguma para aquella proposiçaõ, nem podia entender pudesse nascer mais, que da instancia, que havia feito para se servir dos criados, que havia nomeado com permissaõ de Sua Magestade ; e que sendo taõ benemeritos, como todos reconheciaõ, privallo da assistencia delles, naõ podia ter outra causa, do
que

que a de o desgostarem, e que sem criados não podia assistir na Corte com aquelle decóro, que era justo: pelo que pedia licença a Sua Magestade para se retirar della. ElRey lhe respondeo, que elle o não mandava fahir da Corte, mas que se quizesse, o podia fazer. Beijoulhe o Infante a mão com a resolução de se recolher à Quinta de Queluz tanto, que passasse a entrada publica dos Reys na Corte, entendendo prudentemente, que seria justamente notado se faltasse a assistir a ElRey em quanto estava com a Rainha em Alcantara. Dilatou-se o Infante, e ElRey motejando a sua dilação, lhe disse por varias vezes, como não havia partido, a quem respondeo com modestia, que a causa era sómente por não faltar à obrigação de acompanhar a Sua Magestade no dia, que entrasse em Lisboa. Não pezava ElRey as graves consequencias, que se podiaõ seguir dos pezares, que dava ao Infante, o qual sentia interiormente tudo quanto podia, ainda que algumas vezes desaffogava o seu sentimento.

Passava hum dia o Infante da Quinta, em que estava, para a delRey, em hum coche, em que o acompanhava D. Rodrigo de Menezes, e Simão de Vasconcellos, e disse, que estava persuadido, de que em todo o desabrimento, que reconhecia em ElRey, era comprehendido o Conde de Castello-Melhor, porque os affectos naturaes delRey eraõ a seu favor, antes de communicados; e depois

Tom. VII.

Iii ii

todas

*O' May indigno e insolente
homem q' entrou no Paço, e em
se, sem se aldr. e unicamente
Cidadão de, em interm. q' pulp
eyuor do Inf. e sefy d'm Paruial
como elle mymo e mte um digno.*

todas as resoluções eraõ contrarias: pelo que folgaria, que Simaõ de Vasconcellos dissesse a seu irmão, que puzesse cuidado em emendar tantos defacertos, porque o naõ precisassem a tomar outra resolução. Simaõ de Vasconcellos, que era de natural arrebatado, quando devia brandamente moderar o dissabor do Infante, atalhando as consequencias, que poderiaõ seguirse, lhe disse, que visto Sua Alteza fazer taõ contrario conceito, do que seu irmão merecia, se achava obrigado a despedir-se do seu serviço. O Infante revestido de prudencia lhe respondeo, que o advertia lhe naõ tornasse a fallar por aquelles termos. Porém cego da paixão replicou, que estava firme na resolução, que proferia. O Infante lhe disse, que a considerasse bem, para o que lhe dava de prazo o tempo, que se detivesse no Paço, e que se o naõ achasse moderado, como esperava, que estivesse certo, que a porta, que tantas vezes achara franca para entrar, havia de experimentar cerrada para sempre. E quando eraõ bastantes para moderar a colera de Simaõ de Vasconcellos as prudentes palavras, com que o Infante pertendeo modificalla, levado della, naõ esperou, que o Infante voltasse para o acompanhar até o coche, e depois de haver aquelle entrado nelle, lhe ordenou tomasse o seu lugar, e escusando-se de lhe obedecer, instou o Infante, e naõ se persuadindo, mandou andar o coche com firme resolução de o naõ admittir mais ao seu serviço, para o que se
naõ

naõ deixou vencer das diversas diligencias, que depois se fizeraõ para o obrigarem a mudar de resolução, com grande sentimento do Conde de Castello-Melhor, que bem via, que a colera de seu irmão era a primeira porta, por onde entrava a desgraça, abatendo a sua fortuna; pois tinha por infallivel, que o Infante naõ havia de despedir a Simaõ de Vasconcellos sem causa justificada, e que em quanto elle continuasse na sua assistencia, raras seriaõ as pessoas, que se resolvessem a tratar com o Infante cousa alguma, que naõ fosse a favor do Condẽ, o qual depois de ter tentado todos os caminhos para moderar o Infante, tomou a resolução de lhe fallar, buscando o pretexto de lhe communicar alguns negocios politicos. Assim foy hum a tarde à Quinta buscar ao Infante, e depois de hum a larga oração, em que referio os serviços, que havia feito ao Reyno; e os que particularmente fizera ao Infante, concluiu, pedindolhe fosse servido de se persuadir da sua syncera justificação, admittindo-o na sua graça, e no seu serviço a Simaõ de Vasconcellos. O Infante lhe respondeo, referindo, que as repetidas femrazoens, que tinha experimentado em ElRey, tinhaõ sido o motivo do seu justo escandalo, e que se elle conhecera o industrioso author daquella zizania, com a vida lhe fizera pagar os seus atrevidos desconcertos; porém se o Conde se pertendia justificar no que lhe havia relatado, na sua mão tinha o remedio, moderando as acções delRey, governa-

vernadas conhecidamente pela sua direcção ; e que conseguida na experiencia a sua diligencia , daquelle ponto se esqueceria totalmente de tudo o que havia passado , dando-o inteiramente por justificado , e que para então reservava responderlhe sobre tornar a admittir ao seu serviço a Simão de Vasconcellos.

Naõ tirou o Infante fruto algum desta pratica , porque naõ experimentou mudança alguma no trato delRey , motivo , que lhe augmentou o escandalo , e o sentimento. Naõ achou então o Conde inconveniente em o Infante se apartar da Corte , como depois conheceo ; e assim naõ lhe embarçou a partida , como pudera. Sahio o Infante da Corte-Real para Quéluz acompanhado sómente de Dom Rodrigo de Menezes , e da familia inferior ; porque Christovão de Almada estava mal convalecido de huma queixa , que padecera , e Simão de Vasconcellos se havia separado do exercicio de Gentil-homem da Camera. Tanto , que na Corte se espalhou a noticia da ausencia do Infante , passaram a Quéluz aquelles mesmos , que sem attenção a dependencias , costumavaõ assistirlhe na Corte-Real. Causou esta novidade perturbação no Reyno , e nos Castelhanos , que estavaõ prisioneiros , huma alegre esperança , de que por huma guerra civil poderiaõ conseguir pelos mesmos Portuguezes , o que em vinte e seis annos naõ puderaõ alcançar as suas armas.

O Con.

*Foria melhor se lhe cor-
tara a rainha como outro
Conde.*

O Conde de Castello-Melhor conhecendo na deliberação do Infante o perigo , que ao principio desprezara , entrou em justo cuidado , como quem reconhecia tambem a incapacidade delRey ; e ponderando maduramente a delicadeza da materia , buscou todos os caminhos para persuadir ao Infante voltasse para a Corte , e com effeito valendo-se de hum opportuna occasião , que se lhe offereceo na queixa da Rainha , conseguiu por ella , que o Infante ficasse na Corte , ao menos o tempo , que lhe durasse a molestia , como já deixamos referido. Nos dias , que o Infante se deteve , crescerão as negociações , e ultimamente se lhe propoz , que para se desvanecer o principio da desconfiança da falta , com que se achava de Gentis-homens , que contentando-se com quatro , os poderia nomear , não entrando nelles o Conde de Sarzedas , e Miguel Carlos de Tavora. Este meyo pareceo difficuloso ao Infante , porque tinha empenhado a sua palavra na nomeação dos primeiros Gentis-homens , dignos por virtudes , e grande qualidade de toda a attenção ; porém ponderando as consequencias , que se seguiaõ da separação , em que estava delRey , que todas resultariaõ em damno da Monarchia ; porque já constava , que os Castelhanos punhaõ toda a diligencia em fomentar a discordia , superando todos os embaraços com beneplacito dos mesmos excluidos , nomeou para seus Gentis-homens da Camera a Luiz Alvares de Tavora , Con-

de

*abraria melhor se man-
tinha o mesmo mundo. Sue-
vegante*

de de S. João; a D. João Mascarenhas, Conde da Torre; a Luiz da Sylva Tello, Conde de Aveiras, e Regedor das Justiças; e a Manoel Telles da Sylva, Conde de Villar-Mayor. Não foy do agrado del-Rey esta eleição, nem dos Ministros, que familiarmente lhe assistião; mas por se evitar outros novos inconvenientes, ficou approvada por ElRey, e voltou o Infante para o Paço da Corte-Real com geral satisfação da Corte, e do Reyno, mandando-se suspender as prevenções, que se haviaõ mandado fazer na Villa de Almada, onde determinava passar o Inverno. No dia seguinte, em que entraraõ os Gentis-homens da Camera, se despedio do serviço do Infante Christovão de Almada, que era muy parente do Conde de Castello-Melhor, com termos tão cortezaõs, e pretextos tão decorosos, que o Infante os louvou, confessando o muito, que sempre se dera por satisfeito da sua assistencia, pelo amor, e zelo, e acerto, com que o servira; o que acreditou depois no serviço das Rainhas D. Maria Francisca, e D. Maria Sofia, logrando nas assistencias do Paço, as acclamações de singular Cortezaõ.

Não durou muito esta serenidade, porque foy alterada logo com novas desconfianças, pois a aver-são, que ElRey mostrava ao Infante, era já publica, ainda que este a dissimulava com rara prudencia, e ao mesmo tempo cresciaõ as desordens, de forte, que chegaraõ a violar o soberano respeito da Rainha, não só em domesticos dissabores, mas ainda

mente

mente

Clavis extra parqum

ainda na imprudente inadvertencia , com que o Secretario de Estado Antonio de Sousa de Macedo se houve com a sua Real pessoa , fallandolhe com desconcertadas vozes , e pertendendo-a deter quando não o querendo ouvir , lhe voltou as costas , o que com escandalo universal se sentio , e mais quando se determinou satisfazer à queixa da Rainha com se mandar abster a Antonio de Sousa do officio de Secretario por poucos dias para logo tornar ao exercicio da sua occupação. Fazendo-se ainda mais sensivel entre tantas desordens , ver o quanto se augmentavaõ , o que o Infante pertendeo atalhar pelo modo mais suave , livrando o Reyno dos eminentes perigos , a que por outro modo ficava exposto.

Eraõ grandes as desordens , e já passavaõ a escandalo universal , de sorte , que o Infante estimulado daquelle excessõ , e de outros , que se haviaõ executado contra o decóro da sua pessoa , e o risco a que estava exposto o Reyno , que taõ vigorosamente havia sido combatido de seus inimigos , se determinou depois de ter louvavelmente soffrido a irregularidade do humor , que dominava o animo inconstante , fogoso , e colerico delRey , a livrar a patria do precipicio , a que caminhava. Communicou a resolução , em que estava , aos Gentis-homens da sua Camera , a seu Mestre Francisco Correa de Lacerda , ao seu Secretario Joaõ de Roxas de Azevedo , que ajustaraõ se communicasse ao Marquez

*Ofereceu-se a tal foy. May
Dernio p.º q.º q.º*

Q.º de importunidade

*has' foy' de' com Vmb.º que
Sempre tem de governar*

de Marialva, ao Conde de Villa-Flor, ao Conde de Sarzedas, a Miguel Carlos de Tavora, Luiz de Mendoça Furtado, Francisco Correa da Sylva, e D. João da Sylva, e estes a seus amigos, e parentes, e ao mesmo tempo a Dom Luiz de Menezes, que se achava desterrado na Villa de Santarem por esta causa, donde logo veyo occulto a casa de D. João da Sylva, participando-se ao Duque de Cadaval, que havia poucos dias tinha chegado da Praça de Almeida, onde injustamente tinha estado desterrado⁴; e todos os referidos, e outros muitos se forão unindo à justa resolução do Infante, dispondo-se a fôrma de se executar com o segredo, que necessitava materia tão grave. Com tudo não forão estas disposições tão occultas, que não chegassem, ainda que confusamente, à noticia do Conde de Castello-Melhor, que persuadindo-se ser elle o alvo, contra quem se movia toda aquella machina, se resolveo a armar o Paço com todas as chamadas patrulhas delRey, dobrar as guardas, e ter prompta a Cavallaria nos quarteis. Estas demonstrações, não occultas, escandalizaraõ de sorte o animo do Infante, que fazendo aviso aos Fidalgos já nomeados, e de mais ao Conde de Villa-Verde, achando-se todos na Corte-Real, se resolveo fazer por escrito huma larga proposta a ElRey, que continha o seu sentimento em ver se armava o Paço, novidade já mais vista até aquelle tempo em Portugal, e resolução, que o deixara muy confuso, por se

+ O se referiend q' brevia
falei' na' honra e do
trunfo

A mayor pte d'elly era
pobry, e alguns com bom
prometimento, e q'uaes' se
thor de fortuna.

Leois d'ipa q' Comy melhor

Retopto, com q'uaes' encoir
o seu intento q' sempre se
se enleava

se lhe não participar o motivo ; mas que recorrendo aos antecedentes , já executados contra o seu respeito , entendia não haverem nascido das resoluções de Sua Magestade ; e assim estava no inteiro conhecimento , de que aquella demonstração tão arrojada fora effeito do mesmo author das machinas antecedentes , que elle havia desprezado ; e com outras razoes reverentes concluia , que prostrado aos Reaes pés de Sua Magestade , a quem respeitava como Rey , e amava como irmão , lhe rogava quizesse apartar da sua assistencia ao Conde de Castello-Melhor , ao qual como a primeiro Ministro devia attribuir aquella tão desusada novidade , executando nelle hum exemplar castigo , com que ficasse satisfeita a culpa commettida contra o seu decóro : e que succedendo , o que elle não esperava , não deferir Sua Magestade a tão justa supplica , se veria precisado a tomar a resolução de passar a Reynos estranhos.

Mandou o Infante aquelle papel por João de Roxas seu Secretario , que o entregou a ElRey , o qual sem o ver , o deu ao Conde de Castello-Melhor , e juntando-se o Conselho de Estado na presença delRey , e da Rainha , se procurou moderar o Infante com se lhe mandar dizer pelo Marquez de Marialva , que por justas razoes ElRey mandara armar o Paço , e dobrar as guardas , e que o Marquez procurasse modo de ver se o Infante admittiria a demonstração de o Conde de Castello-

Melhor ir beijarlhe a mão, e deitar-se aos seus pés, para que constando ao Mundo aquella submissão do Conde, ficasse dissipada a queixa do Infante, e justificado o procedimento do Conde. Aceitou o Marquez a commissão, de que nada conseguiu; porque o Infante justamente mostrou, que a sua queixa pedia outro genero de satisfação, da que se lhe insinuava, com tanta constancia, que accrescentou em ElRey o receyo, e no Conde de Castello-Melhor mayor cuidado na desgraça, que o ameaçava.

O Infante vendo, que não era a todos manifestado, a razão do seu sentimento, se deliberou a dar conta aos Tribunaes, ao Senado da Camera, e Casa dos Vinte e Quatro, manifestandolhe as justificadas razoes da sua queixa, e de tudo quanto havia representado a ElRey; e no mesmo dia, que foraõ estes papeis, mandou recado aos Conselheiros de Estado, e mais Nobreza, que lhe fossem falar, e a todos os que chegaraõ à sua presença, informou individualmente de tudo o que havia passado. Chegou à noticia delRey o caminho, que o Infante tomara de satisfazer à Corte, e ao Reyno todo do seu justificado procedimento, e ordenou ao Marquez de Marialva, ao Marquez de Sande, e Ruy de Moura Telles, que da sua parte dissessem ao Infante, que tanto, que lhe manifestasse a pessoa, que conspirava contra a sua vida, sem dilação a mandaria juridicamente examinar, e que se-
ria

Portugal Restaurado,
tom. 2. liv. 12. p. 862.

ria logo castigado o delinquente, ou convencido o delator de fallario; e que era razaõ, que entendesse o quanto convinha à conservaçaõ do Reyno a sociedade de ambos. O Infante reconhecendo as dissimulações daquellas propostas concluiu, que não podia haver razaõ para se tratarem materias taõ graves, permanecendo o Conde de Castello-Melhor no lugar, que occupava de primeiro Ministro, sendo já notorio, que se constituía parte, porque do seu poder eraõ todos dependentes para a liberdade, dos que houvessem de ser Juizes naquella materia, sem o soborno da dependencia.

Não conseguido o fim daquelle meyo, nem de outros, que entaõ se tomaraõ, para que ElRey separasse da sua assistencia ao Conde de Castello-Melhor, chegando a declarar, que aquelle pleito do Infante era seu, e não do Conde, prohibio a muitos Fidalgos a assistencia do Infante, e já dominado da colera mandou chamar o Juiz, e Escrivaõ do Povo, a quem notificou o que havia resoluto. Ao mesmo tempo se despacharaõ proprios a todos os Governadores das Armas, a quem ElRey escreveo a resoluçaõ, que havia tomado, e com especialidade ao Conde de S. Joaõ, ordenandolhe, que não se apartasse da sua Provincia sem expressa ordem sua. E mandando participar ao Infante a referida resoluçaõ, a qual communicou, aos que mais familiarmente lhe assistiaõ, com admiravel constancia, e valor invencivel, respondeu

pondeo a ElRey, o que contém o papel seguinte:

SENHOR.

„Pelos Conselheiros de Estado, o Marquez
„de Marialva, o Marquez de Sande, e Ruy de
„Moura Telles, foy V. Magestade servido man-
„dar-me dizer, que tinha resolutó, que o Conde
„de Castello-Melhor não sahisse desta Corte para
„o fim de se apurar a verdade das minhas queixas,
„fundando-se Vossa Magestade nos pareceres dos
„Letrados, que foy servido mandar consultar, cu-
„jos votos me trouxeraõ, dizendome juntamente,
„que Vossa Magestade me ordenava, que me re-
„solvesse a responder logo, por quanto o Reyno
„não podia estar na perturbação, em que se acha-
„va; e reconhecendo, que sou obrigado a me ac-
„commodar com a resolução de Vossa Magestade,
„como fiz em todas as minhas acções, parece que
„sempre me fica salva a liberdade para pedir a V.
„Magestade com todas as veras seja servido tornar
„a mandar pezar esta materia, pois sendo licito em
„negocio de menor importancia, quanto mais o fe-
„rá neste, cujas consequencias levaõ infallivelmen-
„te a perder hum unico Infante, irmão, e fidelissi-
„mo Vassallo de Vossa Magestade? E infiro desta
„resolução, que o intento, a que se encaminha,
„he averiguar-se a minha queixa com mão armada,
„querendo-se com a violencia amedrentar os ani-
„mos,

„mos, e disputar-se huma materia Civil, em que
„se entrou a votar com exquisitas diligencias ante-
„cedentes a som de tambores, e trombetas, vendo-
„se no congresso a minha proposição tão apressada-
„mente, que alguns, dos que votaraõ, a não per-
„ceberaõ, como se vê das declarações, que depois
„fizeraõ; e os que votaraõ a favor do Conde de
„Castello-Melhor, tomaraõ fundamentos contra a
„verdade, do que eu pedia, e contra o effeito,
„que de o conseguir resultava; porque nem eu pe-
„dia, que o Conde se desterrasse, nem de se apar-
„tar por alguns dias da assistencia de Vossa Magestade,
„como eu procurava, se lhe seguia perigo
„na honra, e neste sentido ficava satisfeita a justi-
„ça; porque se acaso se provasse a sua culpa, justo
„era, que perdesse honra, e vida; e quando se não
„averiguasse, tornaria para o seu lugar muito mais
„acreditado, do que se apartara delle: o que sup-
„posto parece, que com pressa, e perturbação se
„consideraraõ os fundamentos de tão grave nego-
„cio; e deve-se inferir, que melhor o penetraraõ os
„Doutores Martim Affonso de Mello, Joaõ de
„Roxas de Azevedo, e Pedro Fernandes Montei-
„ro, mostrando este ultimo com a pratica de vin-
„te e sete annos, que tratou o crime de Magesta-
„de offendida, o exemplo de Francisco de Luce-
„na, que bastaraõ as queixas de alguns Fidalgos
„particulares para ser posto em custodia em huma
„prizaõ; e resolve-se agora, que não basta a mi-
„nha

„nhã queixa para que o Conde se retire das suas
„occupações por alguns dias, deixando por defen-
„sor da sua innocencia não menos, que o favor,
„e grandeza de Vossa Magestade, e a seus Reaes
„lados seus parentes, confidentes, e feitura, cujo
„numero accrescentou neste mesmo tempo a per-
„turbação publica, achando, que era melhor ficar
„com a nota, de que se desviava da averiguação,
„que por se em hum perigo da prova, e conseguio,
„que Vossa Magestade declarasse ser a sua causa
„particular, propria de Vossa Magestade, sendo
„eu o contendor queixoso; mostrando Vossa Ma-
„gestade nesta resolução, que são os interesses do
„Conde inseparaveis da Coroa, ainda a respeito
„meu, unico Infante, e hoje immediato successor
„de Vossa Magestade em quanto à successão, que
„espero ha Vossa Magestade de conseguir o não
„alterar, e crescendo de sorte o favor, que Vossa
„Magestade lhe faz, que sobio a prohibir V. Ma-
„gestade, que não viessem assistirme aquelles Fi-
„dalgos, que o costumavaõ fazer, armando-se,
„com nota de minha pessoa, e de toda a Nobreza,
„o Paço, e Corte com Cavallaria, e Infantaria,
„justificando-se agora aquella minha primeira quei-
„xa, que posto, que Vossa Magestade entendesse
„fora outra a causa, verifica o successo, que aquel-
„le seria o pretexto, com que Vossa Magestade
„fora persuadido; pois com evidencia se alcança,
„que são contra mim as armas, que se preparaõ;
„por-

„ porque, ou eu sou author, e causa de motim, ou
„ entro no perigo delle? Se o primeiro; contra mim
„ se tomaõ as armas: se o segundò; eu sou huma
„ das pessoas Reaes, a quem se havia defender, por
„ cuja causa devia Vossa Magestade mandarme cha-
„ mar para me advertir, que me segurasse do peri-
„ go, que nos ameaçava, e para me mandar, que
„ fosse o primeiro, que assistisse à defensa da Casa
„ Real, e a este passo se me devia dar parte, de
„ que por crescer o receyo, se accrescentaõ as pre-
„ venções no augmento das armas, e como todo o
„ procedimento deste successo tem sido taõ con-
„ trario, venho claramente a conhecer, que todo
„ este ruidoso estrondo das armas he contra mim, e
„ que por minha causa à vista da Nobreza, e Povo
„ deste Reyno se atemoriza, e perturba o estado
„ politico, para que se naõ obre com o juizo livre
„ em huma causa, em que he parte hum irmão de
„ Vossa Magestade: porém, Senhor, a fortuna des-
„ te titulo, e o alento deste sangue me fazem des-
„ prezar as armas, que me ameaçaõ, e sendo taõ
„ estimavel, rasgara as veas para o esgotar, senaõ
„ correspondesse às obrigações, com que nasci, pa-
„ ra imitar os Reys progenitores de Vossa Magestade;
„ e por conclusaõ torno com todo o devido
„ respeito assegurar a Vossa Magestade, que se V.
„ Magestade for servido resolver, que se me negue
„ o que tenho proposto, que sem falta alguma bus-
„ carey em domicilio alheyo a igualdade da justiça,

Tom. VII.

LII

„ que

„que me falta na Patria propria, onde ao menos
„terey segura a minha vida, a dos meus criados,
„e a das mais pessoas, que generosamente pertencem
„dem acompanhar-me, e terey por premio desembarrasar
„o Reyno, e Vassallos de Vossa Magestade da perturbação, que padecem.

Manifesta a resolução do Infante sair da Corte, se della não separassem ao Conde de Castello-Melhor, se introduzio na Nobreza, e Povo hum bem fundado zelo de atalhar os inevitaveis damnos, que se poderia seguir, o que obrigou a ElRey a escreverlhe huma Carta, supposto, que chea de expressões muy affectuosas, não lhe offerencia partido algum, que pudesse suavisar a resolução, que tinha determinado. Esta demonstração fez de novo conhecer ao Infante serem escusadas todas as diligencias, e assim respondeo a ElRey com o ultimo desengano da sua partida. Nesta grande confusão se achava a Corte no anno de 1667, e ao mesmo tempo embaraçado todo o Reyno, quando o Conde de Castello-Melhor com resolução admiravel, e à todas as luzes grande, se determinou a sacrificar os interesses proprios pela faude da Patria, cedendo às proposições do Infante, persuadido das prudentissimas negociações da Rainha, que era dotada de grandes virtudes, e de sublime talento; e querendo atalhar as terriveis consequencias, que ameaçavaõ ao Reyno com a ausencia do Infante, lhe mandou dizer pelo seu Confessor o Padre Francisco

co de Ville, da Companhia de Jesus, que antes de pôr em execução a sua jornada, ella desejava satisfazer com a sua mediação as suas justas queixas. O Infante com admiravel respeito respondeo o quam prompto estava para obedecer a Sua Magestade; e assim se effectuou o negocio, sahindo o Conde de Castello-Melhor da Corte, e em pouco tempo incognito do Reyno, que havia governado com grande fortuna, e acerto, acreditando depois nas Cortes Estrangeiras, onde residio, o seu admiravel talento, e amor da Patria.

Pertendeo o Infante congraçar-se com ElRey apartandolhe todo o receyo, e desconfiança, que se lhe havia introduzido; porém por mayores, que foraõ as diligencias, que o Infante fez, todas sahi-raõ baldadas; porque ElRey inspirado dos que o dominavaõ, faltava ao reconhecimento do carinho, e submissão, com que o Infante o respeitava; de sorte, que considerado com maduro conselho o estado, em que se achava o Reyno com a incapacidade natural delRey, havendo-se já retirado a Rainha para o Mosteiro da Esperança, e convencido o Infante de taõ justificados motivos, se resolveo a libertar a Patria da oppressão, que padecia, depois de haver ElRey feito desistencia do Reyno na pessoa do Infante. Deu este principio ao seu governo por hum Decreto, que mandou aos Tribunaes, Prova num.69. que he hum Manifesto da sua recta intenção, e huma admiravel prova do justificado motivo de se en-

carregar da Regencia do Reyno, em quanto as Cortes não tomassem assento no modo do governo. Foy passado a 24 de Novembro de 1667.

Auto do Jurament. Im-
presso em 1669.

Convocaraõ-se Cortes, em que o Infante foy jurado Principe, e successor da Coroa na tarde de 27 de Janeiro de 1668, na qual baixou do seu quarto acompanhado dos Officiaes da Casa, e dos Grandes, e Titulos do Reyno, vestido de pinhella negra guarnecida de rendas de ouro, e por cima outras negras, chapeo negro com duas rosas de renda de ouro, volta Franceza, e punhos com rendas bordadas, e no peito o habito de Christo de diamantes prezo de fitas negras, e encarnadas, espada dourada, e meyas negras. Hia diante o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, do Conselho de Estado, fazendo o officio de Condestavel destes Reynos, e logo se seguia o Mordomo môr D. João da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço, e adiante D. João Mascarenhas, Conde de Sabugal, que fazia o officio de Meirinho môr, continuando-se assim os Officiaes da Casa com as insignias dos seus cargos, e entre elles vinhaõ os Grandes do Reyno sem precedencia, todos vestidos com custosas galas, collares, e cadeas ricas, e descobertos, como he costume em semelhantes autos. A traz de Sua Alteza hia o Conde de S. João Luiz Alvares de Tavora, Gentil-homem da sua Camera, e do Conselho de Guerra, que estava de
sema-

femana , e fez o officio de Camereiro môr , e Dòm Francisco de Sottomayor , Bispo de Targa ; o de Capellaõ môr , e os Sumilheres da Cortina. Senta-do Sua Alteza , se poz à sua mão direita na ponta do estrado pequeno o Duque de Cadaval , que fazia o officio de Condestavel , e de traz da cadeira o Conde de S. Joaõ , que fazia o officio de Camereiro môr , e da parte esquerda o Mordomo môr com a sua insignia na mão , e logo mais abaixo o Meirinho môr , e no meyo do estrado hum pouco para a parte esquerda o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva , do Conselho de Sua Magestade. E tendo todos tomado os lugares , que lhe competiaõ , depois de fazer a falla D. Manoel de Noronha , Prior môr da Ordem de Santiago , Bispo eleito de Viseo , leo o Secretario de Estado a fórma do juramento , que he a seguinte :

„Juramos aos Santos Euangelhos corporal-
„mente com nossas mãos tocados , e declaramos ,
„que reconhecemos , e recebemos por nosso verda-
„deiro , e natural Principe , e Senhor , ao muito al-
„to , e muito excellente Principe D. Pedro , filho
„legitimo delRey D. Joaõ IV. e da Rainha D.
„Luiza sua mulher , e irmão do muito alto , e mui-
„to poderoso Rey D. Affonso VI. nosso Senhor ,
„seu verdadeiro , e natural successor na Coroa des-
„tes Reynos , e como seus verdadeiros , e natu-
„raes subditos , e Vassallos , que somos , lhe faze-
„mos pleito , e homenagem , e promettemos , que
„depois

„ depois dos dias de Sua Magestade , falecendo sem
 „ filhos legitimos o reconheceremos , e receberemos
 „ por nosso verdadeiro , e natural Rey , e Senhor
 „ destes Reynos de Portugal , e dos Algarves , da-
 „ quem , e dalcém , mar em Africa , Senhor de Gui-
 „ né , e da Conquista , Navegação , Commercio de
 „ Ethiopia , Arabia , Persia , e India , &c. e lhe obe-
 „ deceremos em tudo , e por tudo , e a seus man-
 „ dados , e juizos no alto , e baixo , e faremos por
 „ elle guerra , e manteremos paz a quem nos man-
 „ dar , e não obedeceremos , nem reconheceremos
 „ outro algum Rey , salvo a elle , e tudo o sobre-
 „ dito juramos a Deos , e a esta Cruz , e aos Santos
 „ Euangelhos , em que corporalmente pomos nossas
 „ mãos , de assim tudo , e por tudo o guardar , e em
 „ final da submissão , e obediencia , e reconhecimen-
 „ to do dito Senhorio Real beijamos a mão a Sua
 „ Alteza , que está presente . „

Entraraõ os Tres Estados do Reyno a dar principio aos congressos , propondo ao Principe sú- blimallo ao Throno pela notoria incapacidade de seu irmaõ ; mas foy tal a sua modestia , que recu- sou o coroar-se Rey , não se deixando persuadir das repetidas instancias , com que as Cortes , em nome de todo o Reyno , lho pediraõ , não admittindo mais , que ser Governador do Reyno , e assim sen- do já Principe : depois se determinou a tarde de 9 de Junho de 1668 em hum Sabbado , na qual os Tres Estados do Reyno fizeraõ o Juramento de Regen-

Auto do Juramento do
 Regente o Principe D.
 Pedro , impresso em
 1669.

Regente, e Governador destes Reynos, não querendo usar de outro Titulo em quanto viveo ElRey seu irmão, sem embargo das vivas instancias, que depois se lhe fizeraõ nas Cortes do anno de 1674, em que constantemente o recusou.

Havia-se neste mesmo anno de 1668 proferido a sentença do divorsio entre a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, e ElRey D. Affonso VI. como já dissemos, e vendo-se a Rainha desembaraçada dos laços do matrimonio, mandou declarar aos Tres Estados do Reyno, que em virtude da sentença dada a seu favor, estava resoluta sem dilação voltar para França, o que não podia pôr em execução, sem ser entregue da restituição do seu dote, e que reconhecendo a inteireza das Leys, e equidade dos Portuguezes, esperava se lhe fizesse sem demora a entrega. Quando a Rainha se recolheu no Mosteiro da Esperança, e principiou a causa do seu divorsio, mandou a França a Luiz de Verju, que assistia em Lisboa com o titulo de Enviado do Duque de Vandôme, para informar naquella Corte a ElRey, e a seus parentes das justificadas acções do seu procedimento, e com a certeza, com que se achava de ter a seu favor a sentença do divorsio, a qual tanto, que foy proferida, a mandou pela posta, e referindo, que muito tempo antes de ella tomar a resolução referida, era notoria a incapacidade delRey.

Mandou-se entregar em cada hum dos Tres
Esta-

Estados do Reyno , que estavam juntos em Cortes , o papel da Rainha com a copia da sentença dada a seu favor na separação do matrimonio. Uniformemente se entendeu , que convinha à conservação do Reyno , o celebrar-se o casamento do Principe com a Rainha , não só pelas grandes virtudes , que nella resplandeciaõ , mas por se conseguir com mayor brevidade , sendo a sua Real pessoa a unica esperança da successão do Reyno , e tambem pela difficuldade , que se considerava em restituir com brevidade à Rainha o seu dote , que se havia dispendido nas guerras antecedentes ; e assim depois de dilatadas conferencias , em que maduramente se consideraraõ todos os motivos , porque convinha este matrimonio ao Principe , fez cada hum dos tres braços dos Estados do Reyno a sua consulta ao Principe , em que ultimamente lhe pediaõ com grande efficacia se quizesse accommodar ao commun consentimento dos seus Vassallos , e ao mesmo tempo o Senado da Camera fez igual representação. O Principe depois de ver as propostas , que lhe haviaõ feito , e fazer encommendar a Deos fervorosamente por pessoas de vida exemplar o acerto daquella resolução , ouvindo o parecer dos homens mais doutos , dos Ministros mais interessados no bem da Monarchia , e do Conselho de Estado , se conformou com o seu parecer , dizendo , que estava prompto para executar o que fosse mais do serviço de Deos , e utilidade do Reyno , precedendo

dendo a vontade da Rainha, a quem os Tres Estados, tanto que tiveraõ a reposta do Principe, representaraõ o desejo universal de todo o Reyno, e o quanto estimariaõ de a ter por Senhora; e ella depois de ter feito encommendar a Deos este negocio, que ponderou com a prudencia, de que era largamente dotada, respondeo, que obrigada do affecto, que devia aos Portuguezes, e das razoes politicas, que lhe representaraõ da conservaçã do Reyno, se ajustaria ao que pareceffe mais justificado, e de mayor utilidade ao bem commum. Com a resoluçã da vontade dos Principes, e geral contentamento de todos os Vassallos, se determinou se fizesse o Tratado deste matrimonio, para o que o Principe nomeou por seus Procuradores ao Marquez de Niza, Conde da Vidigueira, Almirante da India, do Conselho de Estado, e Védor da Fazenda; e D. Rodrigo de Menezes, seu Gentil-homem da Camera, e seu Estribeiro mór; e a Rainha nomeou ao Duque de Cadaval, Marquez de Ferreira, Conde de Tentugal, do Conselho de Estado, e ao Marquez de Marialva, Conde de Cantanhede, do Conselho de Estado, e Védor da Fazenda, os quaes em virtude dos seus poderes ajustaraõ o Tratado deste Matrimonio a 27 de Março de 1668. A Princeza se dotou com hum milhaõ de cruzados da moeda do Reyno de Portugal, o qual dote quando veyo de França fora entregue aos Ministros deputados para o receberem: pelo que a Co-

Prova num. 70.

Tom. VII. Mmm roa

roa estava obrigada à restituição; e assim se dava por entregue da dita quantia. O Principe para mostrar a estimação desta alliança lhe dotou todas as Villas, terras, jurisdicções, e Padroados, com todos os mais, que possuiria a Rainha D. Luiza sua mãy, e outras condições costumadas em semelhantes Tratados, que se podem ver nelle.

Prova num. 71.

No tempo, em que se concluía este Tratado em Portugal, succedeo acharse o Cardeal Duque de Vandôme, Legado à Latere em França, com poderes amplissimos do Papa Clemente IX. e em virtude delles, à instancia de Luiz de Verju, que se achava na Corte de Pariz, já informado da vontade do Reyno para o effeito deste negocio, recorreo ao Cardeal Legado, o qual passou hum Breve, em virtude da sentença proferida a favor da Rainha na separação do matrimonio, no qual dispensava o impedimento da publica honestidade para se poder effectuar o casamento entre os Principes D. Pedro de Portugal, e D. Maria Francisca Isabel de Saboya, o qual foy passado em Pariz a 15 de Março de 1668. Com este Breve voltou pela posta a Portugal Luiz de Verju com Cartas delRey de França, e de todos os parentes da Rainha, em que applaudiaõ o acerto da resolução do casamento do Principe, e foy recebido com geral contentamento na nossa Corte, e logo se dispoz a fórma da celebridade do casamento do Principe, que não quiz entã mais, que as indispensaveis para a validade do Sacramento.

to. Nesta conformidade, na primeira Oitava da Pascoa, que se contavaõ 2 de Abril de 1668, os recebeu o Bispo de Targa, que servia de Capellaõ mór, em virtude das procurações, que tinha do Principe o Marquez de Marialva, e da Rainha o Duque de Cadaval, a que sómente assistiraõ os Gentis-homens da Camera do Principe. Depois no dia determinado às tres horas da tarde sahio o Principe do Paço acompanhado de toda a Corte, e foy ao Mosteiro da Esperança, e apeando-se, achou a Princeza na Portaria, e sahindo della entraraõ ambos os Principes no coche, e passaraõ para a Quinta de Alcantara, onde, tanto que chegaraõ, entraraõ no Oratorio, em que esperava o Bispo de Targa, e receberam as benções matrimoniaes na fórma, que determina a Igreja, de que em breve se viraõ conseguidas felices esperanças da desejada successão na fecundidade da Princeza; a qual supposto, que no Breve do Legado do Papa lhe seguravaõ os Letrados a validade do matrimonio, com tudo querendo em negocio taõ grave a mayor justificação, e a mayor segurança da consciencia, mandou a Roma ao seu Confessor o Padre Francisco de Villes, da Companhia, darlhe conta do que havia, para que o Papa declarasse tudo o que fosse mais conveniente, para que naõ pudesse haver o menor esculpulo, ao que o Papa respondeo muy benignamente com hum amplo Breve, passado em Roma em Santa Maria Mayor a 10 de Dezembro de 1668, o qual

Tom.VII. Mmm ii com-

Prova num. 72.

commetteo a Diogo de Sousa , primeiro Inquisidor por authoridade Apostolica no officio da Inquisição contra a heretica pravidade nos Reynos de Portugal , e Algarve ; Antonio de Mendoça , Commissario Geral da Bulla da Cruzada , Deputado no mesmo officio da Inquisição ; Martim Affonso de Mello , Deaõ da Igreja Metropolitana de Evora , Deputado no mesmo officio da Inquisição ; Luiz de Sousa , Deaõ da Igreja do Porto ; e Manoel de Magalhães de Menezes , Arcediago da Igreja de Evora , os quaes depois de justificadas as premissas proferiraõ a sentença em Lisboa a 18 de Fevereiro de 1669.

Prova num. 73.

Começou o Principe Regente o seu governo pela felicidade da paz, conseguida com grande satisfação dos seus povos , depois de mais de vinte e sete annos de dura guerra , sendo ainda mais gloriosa esta paz por ser negociada pelos mesmos Castelhanos , que se achavaõ prisioneiros no Castello de Lisboa , sendo o de mayor supposição o Marquez de Eliche , a quem a Rainha Regente da Monarchia de Castella concedeo poderes para negociar com o Principe o Tratado de Paz. Tanto , que o Marquez recebeo este aviso , o que lhe pareceo mais conveniente foy publicar em Lisboa , e em todo o Reyno , quanto lhe foy possivel , que tinha poderes da Rainha de Castella para tratar da paz com todos os interesses , que Portugal quizesse. Soaraõ estas vozes nos corações dos povos , já cançados

dos de huma prolixa guerra, com tão vigorosas forças, que foraõ bastantes estes clamores para que o Principe não seguisse os impulsos do seu generoso animo, que o inclinavaõ a continuar a guerra, indo governar os seus Exercitos.

Duvidava entaõ o Principe prudentemente entrar no Tratado da Paz com Castella considerando os interesses da Coroa. Sendo o primeiro motivo de querer deferir entrar neste Tratado o da liga offensiva, e defensiva, que ElRey D. Affonso havia celebrado com ElRey Christianissimo pelo seu Embaixador o Abbade de S. Romain, que havia mandado a este Reyno tratar este negocio. Tanto, que este teve noticia do que o Marquez de Eliche propuzera, representou com todo ardor ao Principe as forças razões, que tinha para sustentar em todo o seu vigor o Tratado, que ElRey seu irmão havia feito com França, pois tomara com o Reyno as obrigações d'elle, ajuntando outros motivos, com que sustentava a sua proposta. Não tardou em chegar às mãos do Marquez de Eliche a proposta do Embaixador de França, e fazendo hum papel, em que contradizia as proposições do Abbade de S. Romain, logo o espalhou pela Corte, e pelo Reyno todo. No tempo, que mais vivamente discorriaõ os Ministros, debatendo por huma, e outra parte o mais conveniente à Coroa, entrou em Lisboa, sem haver precedido aviso, o Conde de Sanduick Duarte Montegu, Embaixador

Extra-

Extraordinario delRey da Grãa Bretanha na Corte de Madrid, a quem a Rainha Regente de Castella obrigara a esta jornada, para que encobrando o intento della, unido com o Marquez de Eliche, solicitasse a conclusaõ deste Tratado, o que se seguiu taõ felizmente, que admittindo-se as proposições, nomeou o Principe para Plenipotenciarios ao Duque de Cadaval, aos Marquezes de Niza, Marialva, Gouvea, o Conde de Miranda, e ao Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, e depois de varias conferencias, que os Plenipotenciarios tiveram com o Marquez de Eliche, superadas as difficuldades de huma, e outra parte com a mediação do Embaixador de Inglaterra, se deraõ por ajustados os artigos do Tratado a 10 de Fevereiro de 1668, e se affinaraõ a 13 no Convento de Santo Eloy de Lisboa pelos referidos Ministros, e o Conde de Sanduick o fez como mediador, e fiador em nome delRey Carlos II. de Inglaterra, de quem tinha poderes: e depois de ratificados, e trocados os Tratados, se publicou a paz na Cidade de Lisboa a 2 de Março do referido anno, com condições muy ventajosas à nossa Coroa, e reciprocamente se mandaraõ Embaixadores desta Corte, e da de Madrid, para onde partio o Conde de Miranda, depois Marquez de Arronches, a 13 de Junho de 1669, de donde tambem veyo por Embaixador o Baraõ de Bataville, Conde de Corbiers, Marquez de Ufiã, Gentil-homem da Camera delRey Catholico, e do
Conse-

Conselho de Guerra, e do Estado de Flandes, e de Borgonha, a residir na nossa Corte. Entrou nella a 12 de Novembro de 1668, e depois de ser hospedado magnificamente por tres dias na Quinta do Duque de Aveiro em S. Sebastião da Pedreira, fez a sua entrada publica a 13 de Fevereiro de 1669, sendo conduzido em coche do Principe pelo Conde de Obidos D. Vasco Mascarenhas. Neste anno a 6 de Janeiro nasceo a Infanta D. Isabel Luiza Josefa com universal contentamento de todo o Reyno. Achava-se nesta Corte o Abbade de S. Romain, Enviado da de França, e com esta occasião se declarou Embaixador para dar aos Principes os parabens do nascimento da Infanta, e a 2 de Março fez a sua entrada publica, sendo conduzido à presença do Principe pelo Marquez de Marialva D. Antonio Luiz de Menezes em hum coche da pessoa do Principe.

Mandou o Principe a Roma a D. Francisco de Sousa, Conde de Prado (depois Marquez das Minas) por Embaixador Extraordinario a dar obediencia ao Papa Clemente IX. que então residia na Cadeira de S. Pedro, e partindo de Lisboa fez em Roma a sua entrada publica a 22 de Mayo do anno de 1670, que foy huma das mais magnificas, que vio aquella Corte, residindo já na Cadeira de S. Pedro o Papa Clemente X. por falecer o seu antecessor estando já em Roma o Embaixador. No referido dia fez Antonio Moniz de Carvalho, Secretario

cretario da Embaixada, no Consistorio publico a Oração, conformè o costume das Embaixadas de Obediencia. Nomeou o Principe Prelados para as Igrejas deste Reyno, e suas Conquistas, que todas se achavaõ vagas, e sem Pastores, que as governassem. Em virtude da nomeação do Principe conferio o Papa Clemente X. no anno de 1671 o Arcebispado de Braga em D. Verissimo de Lencastre, do Conselho Geral do Santo Officio, Sumilher da Cortina; o de Lisboa em Antonio de Mendoça, do Conselho de Estado, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens; no de Evora a Diogo de Sousa, do Conselho de Estado, e do Geral do Santo Officio; em Capellaõ môr a Luiz de Sousa, Deaõ, e Governador do Porto, e Bispo titular de Bona. Nos Bispados de Coimbra a D. Manoel de Noronha, Prior môr da Ordem de Santiago; no de Viseu Manoel de Saldanha, Conego da Sé de Lisboa, Sumilher da Cortina; no Porto Nicolao Monteiro, Prior da Collegiada de Sedofeita; em Miranda André Furtado de Mendoça, Deaõ da Sé de Lisboa, Chanceller môr do Reyno; na Guarda Fr. Alvaro de S. Boaventura, Religioso Capucho da Provincia de Santo Antonio; em Lamego D. Luiz de Sousa, Sumilher da Cortina, Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra; em Leiria Pedro Vieira da Sylva, Secretario de Estado; em Portalegre Dom Richardo Russel, Inglez; no Algarve Francisco Barre-

Barreto, do Conselho de Sua Magestade, e do General do Santo Officio. Dos Ultramarinos, foy Bispo do Funchal D. Fr. Gabriel de Almeida, da Ordem de Cister; de Angra D. Fr. Lourenço de Castro, da Ordem dos Prégadores; Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente D. Fr. Christovão da Sylveira, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho; Bispo da Bahia (ainda então não erigido em Arcebispado) D. Estevão dos Santos, Conego Regrante de Santo Agostinho; de Angola D. Fr. Pedro Sanches, da Ordem de Christo; de S. Thomé D. Fr. Manoel do Nascimento, da Ordem de S. Jeronymo; de Malaca D. Fr. Antonio da Paz, Monge de S. Bento; de Cabo Verde D. Fr. Fabião dos Reys, Carmelita Calçado; de Meliapor D. Fr. Antonio de S. Dionysio, da Ordem Serafica da Provincia de Portugal, e outros; com que todas as Igrejas do Reyno, e das Conquistas ficaraõ regidas por proprios Pastores. Estes negociados felices do cuidado do Principe Regente accrescentava em os Povos o amor de forte, que crescendo o contentamento, e o gosto de lograrem em doce tranquillidade a suavidade da paz por muitos annos, ao mesmo tempo, que na Europa ardia huma sanguinolenta guerra: pelo que mereceo ElRey D. Pedro o titulo de *Pacifico*, em que permaneceu até o anno de 1704, como veremos.

Corria com prospera fortuna a Regencia do Principe, e applicado aos negocios domesticos, flo-

recia o commercio com grande utilidade , e abundancia dos Vassallos. Achava-se o Principe casado havia annos , sem que lograsse outro fruto do Real thalamo, do que a Infanta D. Isabel: pelo que convocando-se Cortes , foy jurada herdeira do Reyno a 15 de Janeiro de 1674. Nestas Cortes o Estado da Nobreza propoz aos Póvos por hum papel , que mandou pelo Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello , e o Conde de Villar-Major Manoel Telles da Sylva , para se dar ao Principe , que dizia: „ Unidos ditosamente o Estado do Povo , e „ o da Nobreza , forão duas vezes gloriosos restau- „ radores da Monarchia Lusitana , huma apoyando „ a valente resolução delRey D. João I. outra de- „ fendendo a justiça violentada do Senhor Rey D. „ João IV. Sendo estes os braços , que só podem „ tirar os Reynos aos Principes intrusos , estranhos , „ e violentos , são os que só devem , e podem dar „ as Coroas aos Principes justos , naturaes , e suaves , „ como Vossa Alteza. Estes são os dous braços , „ com que offerecemos a Vossa Alteza esta Coroa , „ a Nobreza com a authoridade do seu amor , do „ seu merecimento , e da sua prudencia ; os Póvos „ com huma assistencia Divina no concurso dos seus „ clamores. Unidos os pareceres dos dous braços como os de muitos Bispos , que se achavaõ na Corte , persuadiraõ ao Principe , que aceitasse a Coroa. Ajuntou-se o Conselho de Estado a 21 de Fevereiro , aonde o Principe mandou se vissem as Consultas,

Memorias m. f. do Du-
que de Cadaval D. Nu-
no , t. VI. pag. 40.

tas, que o Estado da Nobreza, e Povo lhe rogavaõ aceitasse a Coroa: o Marquez das Minas D. Francisco de Sousa, e o Duque de Cadaval vota- raõ com tal energia, e solidas razoens, que todo o Conselho de Estado se conformou com o seu pa- recer, entendendo, que o Principe devia coroar-se Rey: eraõ os Conselheiros Ruy de Moura Tel- les, o Visconde de Villa-Nova da Cerveira Dom Diogo de Lima, o Marquez de Niza Dom Vasco Luiz da Gama, o Marquez das Minas, e o Duque do Cadaval. E sem embargo dos Estados da No- breza, e Povo estarem conformes, e o Ecclesiasti- co, que naõ insistia com ardor, naõ o impugnou; porẽm o Principe com louvavel modestia, naõ quiz admittir a offerta, conservando-se em quanto seu irmaõ viveo, com este titulo, no que mostrou o seu admiravel talento livre, e o quam longe estava de ambiçaõ.

Era a Infanta D. Isabel Luiza Josefa herdeira presumptiva da Coroa, jurada nas referidas Cortes, e achando-se os Principes, ainda que moços, sem esperanças de mais successaõ, determinaraõ dar-lhe estado, e sendo diversos os Principes sobre que entaõ se votou, foy preferido o Duque de Saboya Viõtor Amadeo de Saboya seu primo com irmaõ, por ser filho de Madama Real Joanna Bautista, ir- mãã inteira da Princeza D. Maria Francisca. Op- punha-se a este fim a Ley fundamental do Reyno das Cortes de Lamego, que dispoem, que as filhas

herdeiras não casem fóra do Reyno, de que então os Tres Estados do Reyno juntos em Cortes, dispensarão por aquella vez sómente, em virtude do que se desposou a Infanta com o Duque de Saboya no anno de 1682.

Para conclusão deste Tratado mandou o Duque de Saboya a Lisboa por seu Embaixador Extraordinario ao Marquez de Ornano, que a 10 de Março do mesmo anno fez a sua entrada publica com grande pompa, sendo conduzido pelo Marquez de Fronteira D. João Mascarenhas, do Conselho de Estado, Gentil-homem da Camera do Principe, Védor da sua Fazenda, e Mestre de Campo General da Provincia da Extremadura. Concorrerão todos os coches dos Grandes, e Nobreza da Corte, como he costume, com os seus Gentis-homens; a este cortejo se seguiaõ quatro coches de respeito da Princeza, e cinco do Principe, e em hum da sua pessoa hia o Embaixador à mão direita do Marquez Conductor, com dezoito Lacayos com librés de pano azul fino guarnecidas de passamanes de prata, fitas amarellas, e espadins dourados, oito pagens com uniformes vestidos do mesmo pano, mas com mais custosa guarnição. Levava humaliteira forrada por dentro, e por fóra de veludo carmesí, com grandes franjoens de ouro, e o primeiro coche na mesma fórma, tirado por seis fermosos cavallos bayos; no segundo, que tambem era rico, hiaõ seis Gentis-homens com luzidas galas; no terceiro,

ceiro, que imitava no custo ao segundo, hiaõ alguns Cavalheros Saboyardos, que acompanhavaõ o Embaixador, vestidos de capa de varias sedas de ouro, e prata, guarnecidas de passamanes da mesma qualidade: e depois de ter tido audiencia do Principe na grande sala do Forte no Paço do Terreiro, passou ao da Corte-Real, onde teve audiencia da Princeza, assistindo a ella a Infanta D. Isabel. No dia 25 do referido mez teve o Embaixador segunda função; porque neste dia se haviaõ de celebrar os desposorios da Infanta com o Duque de Saboya, e foy conduzido em hum coche da pessoa do Principe pelo mesmo Marquez de Fronteira, que havendo dado na primeira conducção libré a vinte e cinco Lacayos, sahio neste dia de sua casa às duas horas da tarde com o mesmo numero, e nova libré de pano fino verde cuberta de rendas de ouro, e prata, fitas encarnadas, plumas brancas, e junto aos estribos doze Pagens em corpo com galas de admiravel seda negra, multidaõ de fitas amarellas, e plumas da mesma cor, e todos os Lacayos diante, precedidos de dous trombetas a cavallo, vestidos de melanea verde, guarnecidos de rendas de prata, e ouro, fitas encarnadas, e plumas brancas. Detraz do coche hia o seu Estribeiro montado em hum soberbo cavallo, seguiaõ-se quatro Pallaferneiros vestidos como os trombetas com outros tantos cavallos à mão, com ricas fellas, e jaezes bordados de ouro, e prata; e logo huma liteira, hum coche
de

de respeito , e tres mais , todos de custo , de sorte , que não era facil de decidir qual dos estados era mais luzido. O Embaixador com o mesmo estado , mas differente libré ; porque a dos Lacayos era de pano azul guarnecida de passamanes de ouro , fitas cor de fogo , e plumas brancas , os Pagens com capas do mesmo pano , e quatro ordens de passamanes , giboens de téla amarella , calças Imperiaes com diversas fitas , e plumas de varias cores , os Gentilhomens com galas de capas tão cobertas de rendas de prata , e ouro , que mal se divisavaõ as sedas , de que eraõ os vestidos. Entraraõ os coches do Principe , e do Embaixador no pateo do Paço , onde o esperou D. Francisco de Sousa , Capitão da Guarda Alemãa , e D. Lucas de Portugal , Mestre Sal-la: sobiraõ à falla dos Tudescos , e dahi se encaminharaõ à casa do Forte , onde no seu throno estava o Principe , e a Princeza debaixo de docel com grande magnificencia : no terceiro de grao estava o Marquez de Gouvea , Mordomo môr , exercitando o seu cargo , e o Conde de Villar-Major , Gentilhomem da Camera , que estava de semana , ficou detraz da cadeira do Principe : no segundo degrao estava hum bofete coberto com rico pano , e junto a elle o Duque de Cadaval , o Embaixador , e o Bispo D. Fr. Manoel Pereira , Secretario de Estado ; seguiaõ-se os Grandes Seculares , e Ecclesiasticos com a sua costumada precedencia : da mesma parte no fim da tea , que cerca a casa , estavaõ os cama-

camaradas, e familia do Embaixador; da parte da cadeira da Princeza à mão esquerda ficava a Camereira môr, Senhoras de Honor, Damas, e Officiaes da sua Casa, dando entrada à porta da tea Manoel de Mello, que servia de Porteiro môr por feu sobrinho Luiz de Mello, admirando-se em todos o custoso das galas, a riqueza dos adereços das Senhoras, de admiraveis diamantes, e preciosas perolas, que tudo fazia huma gostosa, e prodigiosa vista. Leu o Secretario de Estado huma Carta do Duque de Saboya, que o Embaixador entregou, na qual promettia achar-se neste Reyno na Primavera do anno de 1682, e logo huma procuração com o poder para o Embaixador celebrar os Esponsaes. Lidos estes papeis, o Marquez Embaixador fez as devidas reverencias aos Principes dandolhe os parabens, e o Marquez Conductor, D. Francisco de Sousa, e D. Lucas de Portugal lhe beijaraõ a mão, e despedidos passaraõ à Corte-Real, onde teve audiencia da Senhora Infanta, a quem o Embaixador, e todos os da sua familia lhe beijaraõ a mão, e o Embaixador lhe entregou humas perolas de grande valor, que se disse serem as mesmas, que ElRey D. Manoel dera à Infanta D. Brites, quando casou com Carlos Duque de Saboya.

Era hum dos artigos, que se contratarãõ, que o Duque seria conduzido a este Reyno em huma Armada Portugueza; e assim mandou o Principe Dom Pedro buscar ao Duque de Saboya em huma
das

das mais ricas Armadas , que vio sobre si o mar Oceano , e Mediterraneo , de que era General Pedro Jaques de Magalhaens, Visconde de Fonte Arcada : compunha-se de oito grandes naos , de que era Capitania S. Francisco de Assis , a que chamaraõ o *Monte de ouro* , em que se via igualmente competir a riqueza com o delicado do gosto, e perfeição. Era o seu primeiro Governador (nome , que naquella occasião se deu aos Capitaens) Dom João de Lencastre ; o segundo Manoel Jaques de Magalhaens , filho do General da Armada ; primeiro Tenente Pedro de Figueiredo de Alarcão. Nesta nao embarcou o Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello , Embaixador Extraordinario , para conduzir o Duque de Saboya , com a prerogativa de o General , e todos os mais Cabos da Armada irem à sua ordem. Servia de Almirante o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora , que embarcou em S. Benedicto , e o seu Governador era Lourenço Nunes ; as demais eraõ Santa Clara , em que hia por Fiscal Gonçalo da Costa de Menezes ; da Conceição Luiz Lobo da Sylva ; de Santo Antonio de Padua o Marquez de Fronteira D. Fernando Mascarenhas ; de S. Francisco de Borja Viçtorio Zagallo ; de Santo Antonio de Flores D. João de Castro ; e de S. Boaventura o Conde de Coculim D. Francisco Mascarenhas. Embarcaraõ voluntarios Francisco de Brito Freire , que havia sido General da Armada do Commercio, e Al-

e Almirante da Armada Real , Tristaõ da Cunha de Ataide, Senhor de Povolide , depois Conde daquella Villa, D. Joaõ Diogo de Attaide, hoje Conde de Alva , e outros, e foraõ os Officiaes da Casa Real para servirem ao Duque de Saboya , D. Joaõ de Almeida, Veador da Casa delRey , depois Conde de Assumar; Trinchante D. Antonio Alvares da Cunha , Senhor de Taboa ; Sumilher da Cortina D. Joaõ de Sousa, que depois faleceo Arcebispo de Lisboa; Escrivaõ da Cosinha Balthasar Rebello; doze Moços da Camera, dezoito Reposteiros , e todos os mais Officiaes , de que se compoem a Casa Real.

Chegou a Armada a Niza com prospera viagem , havendo sabido de Lisboa a 23 de Mayo de 1682. Daquella Cidade passou o Duque de Cadaval a Turim acompanhado de muitos Senhores , e Cabos da Armada , e foy recebido com aquellas demonstrações de obsequio, e gofio, que pedia hum negocio , em que Madama Real se empenhava. Achou ao Duque de Saboya mal convalecido de huma febre , que padecera por quarenta dias com grande perigo da vida , e dilatando-se a restituicão da saude mais, do que se desejava , mostrou o Duque de Cadaval a impossibilidade da Armada invernar nos pórtos de Italia , e assim voltou para Lisboa. Este foy o fim de huma negociação taõ desejada pela Princeza Dona Maria Francisca , que quasi parecia indubitavel a sua conclusão. Porém

Deos , que tinha decretado a felicidade da nossa Monarchia , dispoz , que o Duque de Cadaval , então arrebatado do amor do seu Principe , lhe persuadisſe o quanto devia valerſe da occaſião , que Deos lhe offerencia para deſvanecer aquelle caſamento , o que depois acreditou o tempo , como vimos.

Ericeira, *Compendio da
Vida da Rainha Dona
Maria Francisca*, m.f.

O Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes tão excellente Eſcritor , como Politico , referindo eſte ſucceſſo , diz : *Deſempenhou o Duque neſta acção as obrigações do ſeu ſangue , e o zelo , e amor da Patria , que com a eſpada defendeo , e aſſegurava com a prudencia.*

No anno ſeguinte de 1683 faleceo a 12 de Septembro ElRey D. Affonſo VI. em cuja vida não quiz o Principe mais titulo , do que o de Regente , como temos dito , e depois começou a ſer conhecido pelo de Rey D. Pedro II. de Portugal. No meſmo anno a 27 de Dezembro faleceo a Rainha D. Maria Francisca de Saboya , o que ElRey ſentio com tanto exceſſo , que penetrado da dor de ſua falta , paſſaraõ annos ſem que conſentiffe pratica ſobre haver de paſſar às ſegundas vodas , de que tanto pendia a felicidade do Reyno ; e como já ſe dilatava muito , aſſentou o Conſelho de Eſtado de lhe fazer huma representaçaõ , e no dia 6 de Janeiro de 1685 , em que cumpria annos a Infanta D. Iſabel Luiza Joſefa , foy o Conſelho de Eſtado à preſença delRey manifellarlhe a obrigaçaõ , que tinha Sua Mageſtade de caſar ſegunda vez. Tocou

ao Duque de Cadaval não só por mais antigo, mas
tambem pelo seu titulo, que o preferia aos de mais
Conselheiros, para que em nome daquelle esclare-
cido corpo fizesse huma tão justa representação, a
qual reduzio o Duque a huma breve supplica, di-
zendo-lhe: „Que o Conselho de Estado junto na
„sua Real presença, pedia fosse Sua Magestade
„servido de apressar o importante negocio do seu
„casamento; porque em a sua Real successão esta-
„vão em perigos os seus Reynos, pois a necessi-
„dade, que havia do seu effeito, não era sómente
„do Conselho de Estado, porque era commua a
„todos os seus Vassallos, e tambem à mayor parte
„da Europa. Que o Nuncio do Papa, e os Minis-
„tros Estrangeiros, que residiaõ nesta Corte, lhe
„tinhaõ referido as diligencias, que com Sua Ma-
„gestade tinhaõ feito da parte dos seus Amos. E
„assim o Conselho de Estado confiadamente espe-
„rava de hum Principe tão prudente, como era
„Sua Magestade, que obedecesse ao Papa, e satisfi-
„zesse aos Reys seus parentes, e Alliados, ampa-
„rando, e remediando assim a huns Vassallos, que
„com trabalho mais, que ordinario, buscaraõ na
„pessoa de Sua Magestade a conservação do nome,
„e da gloria Portugueza. „ O Duque em quem
„concorriaõ annos, e authoridade, lhe disse: „Que
„Sua Magestade lhe havia de permittir, que valen-
„do-se da confiança de o haver trazido nos seus
„braços, lhe pudesse dizer, que a Princeza, que
Tom.VII. Ooo ii „ti-

„tiveſſe a dita de Sua Mageſtade a eſcolher para
„eſpoſa, já era naſcida; porque parecia concorria
„Deos naquelle dia com o Conſelho de Eſtado;
„porque não ſem myſterio tinha permittido, que
„em dia de Reys foſſem aos Reaes pés de Sua
„Mageſtade pedir-lhe felicíſſimos Reys para eſte
„Reyno. „

Eſta eloquente, e tão juſta ſupplica, e outras ſemelhantes ajudou muito a poderoſa interpoſição da Santidade do Papa Innocencio XI. que movido do paternal amor, com que eſpecialmente amava a El Rey D. Pedro, entre os mais Principes Catholicos, lhe enviou hum Breve, em que o exhortava, e prudentemente perſuadia para que contrahindo ſegundas vodas, ſeguraffe a ſua Real deſcendencia, da qual ſe ſeguia univerſal contentamento aos ſeus Vaſſallos, e ſocego à Chriſtandade. Communica-va El Rey com homens doutos, e de ſãa conſciencia eſta materia, e todos lhe representavaõ a obrigação, que tinha de caſar ſegunda vez, em que teve grande parte o Padre Manoel Rodrigues Leitão, da Congregaçãõ do Oratorio de S. Filippe Neri, Fundador da Caſa do Porto, aonde foy mandado buscar para eſte negocio, e foy Varaõ eminente em letrãs, e coſtumes, dotado de eloquencia, e igualmente deſinteressado: finalmente lavrou tanto no coração del Rey a razaõ, que deſterrou a magoa, e determinou eſcolher eſpoſa. Propuze-raõ-lhe de todas as Princezas de Europa aquellas, que

que pela soberania do nascimento, e pelo claro das virtudes se faziaõ dignas do Real conforcio, fazendo-se a este fim diversos negociados por parte das mayores Coroas da Europa por meyo dos seus Ministros residentes na nossa Corte, que interpuzeraõ poderosos officios a favor de varias Princezas. Porém ainda que todas eraõ dignas de se coroarem no Real thalamo, foy preferida pelas prerogativas, e partes, que concorriaõ na sua pessoa, a Serenissima Princeza Eleitoral Maria Sofia Isabel, filha do Eleitor Palatino do Rhim Philippe Vilhelmo de Neubourg. E antes de se entrar neste negocio, mandou ElRey à Corte de Heidelberg incognito ao Doutor Antonio de Freitas Branco, entaõ Desembargador da Casa da Supplicação, e depois do seu Conselho, e da sua Fazenda, a fim de se informar sómente da saúde desta Princeza, o que este Ministro fez na fórma, que se lhe havia encarregado; e entendendo-se dos seus avisos, que a disposição da Princeza era a melhor, que se podia desejar, e das insinuações, que da parte delRey havia feito ao Eleitor seu pay dos intentos, que Sua Magestade tinha de se aparentar com a sua Casa, foraõ recebidas todas com particular agrado, e estimação. E tendo dado fim à sua missaõ o Doutor Antonio de Freitas se recolheo a Lisboa, e para a conclusaõ deste negocio nomeou ElRey por Embaixador Extraordinario ao Conde de Villar-Mayor Manoel Telles da Sylva, do seu Conselho de Estado, e Guerra,

Guerra, Gentil-homem da sua Camera, e Védor da sua Fazenda, depois Marquez de Alegrete.

No dia 8 de Dezembro de 1686 sahio de Lisboa o Embaixador, passou o Tejo a Aldea-Gallega, e além da luzida comitiva de criados, o acompanharaõ seu filho João Gomes da Sylva, depois Conde de Tarouca, que com poucos annos de idade começou a observar aquelles mesmos Paizes, que depois foraõ glorioso theatro, em que brilhou o sublime do seu talento por espaço de muitos annos em diversos empregos, até que faleceo em Vienna de Austria. Eraõ os outros Fidalgos Jorge Furtado de Mendoça, Visconde de Barbacena, depois do Conselho de Guerra, e Mestre de Campo General dos Exercitos desta Coroa, e Fernaõ Correa de Lacerda, filho de Francisco Correa de Lacerda, que havia sido Secretario de Estado; e por Secretario da Embaixada foy Antonio Rodrigues da Costa, em quem concorriaõ partes, que o habilitaraõ para grandes empregos, e ultimamente acabou no de Conselheiro do Conselho Ultramarino. A 13 do referido mez passou o Embaixador o rio Caya, que divide o nosso Reyno do de Castella, e seguindo a sua jornada chegou a Alemanha; e depois de haver concluido o Tratado Matrimonial, o assinou a 22 de Mayo do anno de 1687 em virtude do seu pleno poder, como Procurador delRey: e por parte do Eleitor foraõ Procuradores Wolfgang Theodorico, Conde do Sacro Romano Imperio,

perio , Senhor de Castel , do Conselho de Estado do Eleitor , e seu Mordomo môr , Burgario em Alzey , e Joaõ Fernando de Yosch , Senhor hereditario de Castro Mazen , do Conselho de Estado do Eleitor , Chancellor môr , Presidente da Camera Neoburgica , e Governador da Corte Feudal de Neoburg , e do Senhorio de Reycherzhovienfe. Deu o Eleitor de dote à Princeza sua filha cem mil florins do Rheno , (que era o mesmo dote , que havia dado à Emperatriz Leonor sua filha , quando casara com o Emperador Leopoldo) e ElRey lhe prometteo a mesma Casa , rendas , Villas , Lugares , e prerogativas concedidas às outras Rainhas deste Reyno , com outras condições commuas , e reciprocas em semelhantes Tratados , o qual depois foy ratificado por ElRey. Prova num. 74.

Teve o Embaixador audiencia publica no primeiro de Julho para nella fazer a função de pedir a Princeza Maria Sofia para esposa delRey D. Pedro , na fórma , que se tinha ajustado. O Eleitor o veyo esperar à primeira porta da casa , por onde se entrava para o seu quarto , e dandolhe sempre a mão direita , e entrada , o conduzio ao quarto da Eleitriz , que estava com a Princeza Maria Sofia ; e fazendo o Embaixador a supplica a Suas Altezas Eleitoraes com o obsequio devido à Princeza , respondeo o Eleitor com grande satisfação desta alliança , e respeito à pessoa de Sua Magestade : e tanto , que proferio , que estava concedida a Princeza para esposa de Sua Magestade.

Magestade , se levantou o Embaixador , e se poz em pé , reconhecendo-a já como sua Soberana , e depois de cortezes expressoens do Embaixador , e dos Principes , se acabou a audiencia.

Antonio Rodrigues da Costa, *Embaixada do Marquez de Alegrete, e conducção da Rainha D. Maria Sofia*, impressa em 1694.

No mesmo dia à tarde se declarou publicamente a Princeza Maria Sofia, Rainha de Portugal , para o que o Conde Embaixador à hora , que se tinha determinado , acompanhado de toda a sua luzida familia , tanto , que recebeu o recado , que lhe levou o Conde de Castel , sahio do seu quarto , e achou ao Eleitor , que o esperava na parte costumada ; e o tratou com as mesmas ceremonias , e dandolhe sempre a mão direita , e a porta , o conduzio à principal antecamera do Palacio , que estava riquissimamente ornada , e tinha os retratos dos Principes da Casa Palatina , e alliados della , em que já se via o delRey D. Pedro com singularidade ornado. Estava a Rainha debaixo de hum rico docel , e ao lado direito , fóra delle , a Eleitriz sua mãy , e Principes de ambos os sexos , e ao esquerdo a Camereira môr , Aya , e Damas das Princezas ; o Eleitor conduzio o Embaixador até a tarima , que beijando a mão à Rainha , se seguiu o Eleitor seu pay a darlhe os parabens , mostrando querelhe beijar a mão , o que a Rainha não consentio , e se seguiu a Eleitriz , e mais Principes a fazerem a mesma demonstraçãõ , e depois delles se seguiu a Camereira môr , Guarda mayor , Damas , e a estas os Fidalgos Portuguezes , Gentis-homens , e mais familia

familia do Embaixador, e todos os mais Senhores da Corte do Eleitor.

Tanto, que se deu fim ao acto, deu o Eleitor o braço à Rainha, e lhe levou a cauda da roupa Real a Princeza Dorothea sua irmã, (depois Duquesa de Parma) e o Embaixador deu o braço à Eleitriz, e recolhendo-se com todo o acompanhamento ao seu quarto, depois de estar na ultima antecamera, lhe offereceo o Embaixador a joya, que ElRey lhe mandava, que a todos pareceo digna da sua Real grandeza, e a Rainha a recebeo com grande estimação. Na noite houve Comedia Italiana, e se seguiraõ diversos festins, com que se applaudia o gosto desta Real alliança. No dia 2 de Julho em virtude da procuração, que o Conde Embaixador tinha, se fez o acto do recebimento na Capella Eleitoral de Heidelberg, onde o Bispo Coadjutor de Spira revestido em Pontifical o celebrou com grande solemnidade, na fórma ordenada pela Igreja Romana, sendo applaudido com tres salvas de artilharia, e mosquetaria da Praça. Neste dia, e no seguinte repartio o Embaixador ricas joyas pelas Damas, e Senhoras da Corte do Eleitor, e repartio tambem, conforme o costume de Alemanha, grossa quantia de dinheiro por toda a familia inferior, mostrando em tudo a Real grandeza, e poder de Sua Magestade Portugueza. E tendo o Embaixador audiencia de despedida, no dia 5 de Julho pelas sete horas da tarde sahio a Rai-

nha daquella Praça em publico em hum coche , em que hia sómente na cadeira de detraz , e na de diante os Serenissimos Eleitores seus pays , o qual cobriaõ na dianteira duas tropas de Dragoens , a que se seguiaõ quatorze coches do Eleitor , tirados por seis cavallos cada hum , e acompanhada de luzida Nobreza , entraraõ em Manheim , onde a Rainha foy recebida com todas as demonstrações de gosto , entretendo-a com festa de fógos , de grande artificio , e despeza , em que se via a magnificencia do Soberano , e o primor dos artifices. Aqui se deteve a Rainha tres dias , que se gastaraõ em disposições para a jornada. E no dia 10 destinado para lhe dar principio , sahio o Embaixador dos seus aposentos com todo o seu magnifico trem de carroças , e cavallos , na mesma fórma , que havia entrado em Heidelberg , e chegando à margem do Rhim , que fica pouco espaço fóra da Cidadella , em que estavaõ os bargantins , em que haviaõ de embarcar , se apeou com toda a sua comitiva , esperando , que chegasse a Rainha , que naõ tardou , e vinha com hum grande , e luzidissimo acompanhamento em hum rico coche com Suas Altezas Eleitoraes seus pays na mesma fórma , que viera de Heidelberg. Entraraõ no bargantim , que estava prevenido para a Rainha , e aqui se despedio de seus pays , e irmãos com reciprocas , e affectuosas demonstrações de ternura , que a natureza descobre , ainda quando se previne a dissimulaçaõ , e distinguio-se o affecto da

da Princeza Marianna sua irmãa, (depois Rainha de Hespanha) querendo-a acompanhar até Dusseldorp. Entraraõ no bargantim a Condeffa de Wifel, que servio a Sua Magestade de Camereira môr até Hollanda, donde se não atreveo a passar pelo temor do mar; a Condeffa de Gravenek, que servia de Guarda mayor, fez o officio de Camereira môr até Lisboa, e as Baronezas de Speth, e de Retz, Damas da Rainha; accommodaraõ-se no mesmo bargantim algumas Moças da Camera, e a outra familia feminina inferior do serviço da Rainha em outros bargantins. Veyo fervindo tambem à Rainha por ordem do Eleitor, o Conde de Castel, seu Mordomo môr, e os Baroens de Creuter, e Novellis, Gentis-homens da sua Camera, e quatro Pagens do Eleitor, que na qualidade, e foro correspondem o de Moços Fidalgos. O Embaixador embarcou em hum bargantim do Eleitor de Treveris, em que arvorou as Reaes Armas Portuguezas, que levarãõ os demais bargantins, e barcos, em que hia a sua familia, e fato.

Tanto, que a Rainha entrou no bargantim, e se despediraõ os Eleitores, começou a artilharia da Praça com continuas salvas, até que dando à véla o bargantim, em que hia a Rainha, seguido dos mais, perdeu em breve tempo a vista daquella Cidade, e seguiu a sua viagem, sendo comprimentada por todos os Soberanos dos dominios das Cidades, e Praças, por onde passavaõ, não desembar-

cando em nenhuma , e sómente o fez em Dusseldorp , Corte do Principe Eleitoral João Guilherme , Duque de Juliers , seu irmão mais velho , onde com a Archiduqueza Marianna Josefa , sua primeira mulher , filha do Emperador Fernando III. a esperaraõ na margem do Rhim , e seus irmãos os Principes Francisco Luiz , entaõ Bispo de Bressauu Governador de Sillesia , depois Eleitor de Treveris , e Alexandre Segismundo , entaõ Bispo Coadjutor , e depois Proprietario de Ausburg , acompanhados de grande numero de Nobreza , de Cavalheros , e Damas , todos com ricas galas. Depois de se haver entretido nesta Corte com magnificos obsequios daquelles Principes , chegou a Rotherdaõ , onde teve noticia , de que a Armada Ingleza , que ElRey da Grãa Bretanha mandara pôr prompta para conduzir a Rainha a Portugal , era chegada a Brila. Os Estados Geraes a comprimentaraõ pelos seus Deputados , e o Principe de Orange , que depois foy Rey da Grãa Bretanha , com grandes obsequios mostrou o quanto estimava aquella occasiaõ. O Duque de Graffton Henrique Fitz Rey , General da Armada , filho delRey Carlos II. Almirante de Inglaterra , Coronel de hum Regimento de Infantaria das Guardas delRey , Cavalleiro da Jarretiere , veyo logo visitar a Rainha da parte de Sua Magestade Britanica , e lhe entregou huma Carta , em que a congratulava dos seus felices desposorios , dizendo , que mandava aquella Arma-

Armada à sua ordem, a que o Duque ajuntou reverentes expressões da summa estimação, que fazia da honra, que lhe resultava de servir, e obedecer à Rainha. No dia 26 de Julho, desembarcando Sua Magestade do bargantim, entrou em hum Yate Inglez por ser mais seguro para entrar no mar alto, onde estava a Armada, porque não podia subir mais acima, pelo perigo dos baixos daquelle porto; e assim no mesmo dia pelas duas horas da tarde abordou o Yate a Capitania Real, que estava toda empavezada, em que entrou a Rainha, sendo recebida com tres salvas de artilharia, e vozes, como he costume no mar, e com feliz viagem a 11 de Agosto entrou no porto de Lisboa, havendo sido salva das Torres com tres descargas de artilharia, a que o Duque de Graffion mandava responder. Pouco depois do meyo dia deu fundo a Capitania Ingleza defronte da Igreja de S. Paulo, e dando huma salva geral com todos os navios da Armada, lhe responderão os Portuguezes, e todos os mais navios, que estavam furtos no rio. Não havia ainda acabado de entrar a Capitania, quando chegou a ella o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Védor da Fazenda da repartição da Marinha, em hum excellente bargantim, com huma luzida comitiva, que se compunha de dez Gentilhomens, e seis Pagens, todos excellentemente vestidos, e depois de offerecer da parte de Sua Magestade ao General da Armada tudo o que fosse necessario

cessario dos Armazens Reaes para provimento da Armada, passou a beijar a mão à Rainha, e seu filho primogenito D. Francisco Xavier de Menezes, depois Conde da Ericeira, no qual brilhava já em poucos annos o sublime engenho, com que depois havia de assombrar o Mundo com a sua larga erudição; porque explicou à Rainha o seu obsequio em hum breve discurso formado de cinco linguas, a que ella respondeo nas mesmas. Não tardou em chegar o Conde de Santa Cruz Dom João Mascarenhas, Mordomo môr da Casa Real, a comprimentar da parte de Sua Magestade a Rainha, ao qual acompanhavaõ oito Gentis-homens, e seis Pagens, vestidos todos magnificamente; e depois de receber a resposta da Rainha, voltou ao Paço a dar conta a Sua Magestade. Quasi ao mesmo tempo chegou o Conde de Val de Reys Nuno de Mendoça, do Conselho de Estado, Presidente do Ultramarino, e Mordomo môr da Casa da Senhora Infanta D. Isabel, que da parte de Sua Alteza hia significar à Rainha o grande alvoroço, com que esperava a Sua Magestade, e o quanto festejava a sua feliz chegada, e hia ricamente vestido com oito Gentis-homens, e seis Pagens, todos com grande luzimento; e depois de ter beijado a mão à Rainha, e recebido a resposta do seu recado, voltou ao Paço, havendo visitado da parte delRey a Henrique Fitz Jemes, filho delRey Jacobo II. da Graõ Bretanha, que vinha na Armada.

Não

Naõ se deteve ElRey em ir buscar a Rainha mais tempo, que o que foy preciso para se ajustar huma magnifica escada na Capitania para a Rainha poder desembarcar por ella, commoda, e seguramente, como era conveniente. Embarcou ElRey no Paço da Corte-Real em hum bargantim muy rico, e de custosa fabrica, entalhado, e dourado, a camera toda guarnecida de vidraças crystallinas, com toldo, e cortinas de setim de ouro, e carmesim, cadeiras, almofadas, e alcatifa do mesmo, com vinte e dous remeiros vestidos ao uso Africano de escarlata, e galoens de ouro. O Patraõ vestia de borcado encarnado com a mesma guarniçaõ, e o Patraõ môr de pano custosamente guarnecido de ouro, com o Estandarte Real ricamente bordado com as Armas Reaes: hiaõ os Trombetas na proa do bargantim com trombetas de prata, e bandeirollas com as Armas Reaes bordadas. Acompanhavaõ a ElRey os Grandes do Reyno, Officiaes da Casa Real, Presidentes dos Tribunaes, e mais pessoas, que costumaõ acompanhar os Reys em semelhantes occasioens, que para isso tiveraõ aviso, indo todos com os vestidos cobertos de ouro, e prata, taõ magnificos, que esgotavaõ o primor da arte.

ElRey, que era de huma soberana, e galharda presença, excedia na bizarria natural aos mesmos adornos da arte. Levava huma casaca cor de fogo bordada de ouro de inestimavel preço, espadim, e
bastaõ

bastão guarnecido de riquíssimos diamantes, sendo de incomparavel valor hum, que levava na garavata, e os que ornavaõ o habito de Christo, e chapéo. Os que entraraõ no bargantim Real foraõ o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Védor da Fazenda; D. Pedro de Menezes, Marquez de Marialva, Gentil-homem da Camera delRey; D. Joaõ Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, seu Mordomo môr; D. Joseph de Menezes, seu Estribeiro môr; D. Francisco Mascarenhas, Estribeiro môr da Rainha; Manoel de Mello, Graõ Prior da Ordem de S. Joaõ em Portugal, Porteiro môr; D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque de Cadaval, do Conselho de Estado, Mestre de Campo General junto à pessoa de Sua Magestade, Mordomo môr da Rainha; Henrique de Sousa Tavares, Marquez de Arronches, do Conselho de Estado; Luiz de Sousa, Arcebispo de Lisboa, Capellaõ môr, e do Conselho de Estado; D. Luiz de Sousa, Arcebispo Primaz das Hespanhas, do Conselho de Estado; Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, e D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, ambos do Conselho de Estado; o Bispo D. Fr. Manoel Pereira, Secretario de Estado: entrou tambem no bargantim Real por especial graça de Sua Magestade D. Fr. Domingos de Gusmaõ, Arcebispo de Evora, porque todos os mais pelas prerogativas dos seus ministerios lhe era concedida aquella honra.

Depois

Depois delRey ter embarcado no bargantim Real com as pessoas referidas, entraraõ os mais Grandes em vinte e quatro bargantins muy bem equipados, e adereçados de toldos de sedas de diferentes corès com grande numero de remeiros, todos vestidos à proporção do mais, e diversos córos de trombetas: e vogando com pressa se adiantaraõ todos ao bargantim Real, que hia em ultimo lugar. Tanto, que ElRey entrou no bargantim, a Capitania Real colheo a bandeira, e disparou tres vezes toda a artilharia, que se alternou com outras tantas cargas de mosquetaria, e o mesmo fizeram todos os mais navios da Armada.

Chegou ElRey à Capitania, e assim que sobiraõ os Grandes, baixou ao bargantim Real o General Duque de Graffton, a quem ElRey fallou com grande agrado, e attenção, como merecia a sua pessoa, e posto. Ao mesmo tempo baixou tambem o Conde Embaixador, e Conductor a beijar a mão a ElRey, que o recebeo com especial honra, mostrando o quanto se dava por bem servido da sua commissão, como depois mostrou, fazendolhe a merce do titulo de Marquez de Alegrete. Sahio ElRey do bargantim, e havendo baixado o Conde da Ericeira, Védor da Fazenda, a exercitar a sua occupação, sendo huma das preeminencias do seu officio dar a mão a Sua Magestade ao sahir do bargantim, succedeo, que quando houve de pôr o pé na escada da Capitania, onde estava o Duque

de Graffton ; ao mesmo tempo , que o Conde da Ericeira foy dar a mão a Sua Magestade , fez o mesmo o Duque , e ElRey com discreta promptidaõ deu a mão aos dous , dizendo , que a dava a ambos , não querendo faltar em satisfazer ao hospede , e honrar ao Vassallo. Sobindo à Capitania , o esperavaõ no bordo os Fidalgos Inglezes , e Alemaens , que acompanhavaõ a Rainha , aos quaes fallou com agradavel benevolencia , e muy especial a Henrique Fitz Jayme. Entrou ElRey na camera , em que estava a Rainha vestida de riquissima téla de ouro branca , ornada de muitos , e custosos diamantes de inestimavel valor. Feitos aquelles decorosos cumprimentos , que passaraõ nesta primeira vista , em que foy reciproca a satisfação das Magestades , disparou neste tempo a Capitania , e mais navios da Armada toda a artilharia , e todos os mais , que estavaõ no rio ; e sahindo ElRey , e a Rainha , e as Damas , que a acompanhavaõ , e a Marqueza de Alenquer D. Catharina Barbara de Noronha , Camereira môr , que antes de chegar ElRey havia entrado a beijar a mão à Rainha , e exercitar a sua occupação , acompanhada de seus sobrinhos o Conde de Aveiras Joaõ da Sylva Tello , e o Conde de Villa-Verde D. Pedro de Noronha : na camera do bargantim não entraraõ mais , que as duas Magestades , e de mais dos Grandes , que haviaõ ido nelle , foy o Embaixador Conductor. A Marqueza Camereira môr entrou logo no bargantim , em que
havia

havia vindo , e as Damas Alemães em outro , em que as conduzio o Conde de Oriola, Barão de Alvito , Veador da Casa da Rainha ; estes dous bargantins se adiantaraõ aos mais para que a Camereira môr , e Damas , pudessem acompanhar a Rainha quando desembarcasse.

Chegou o bargantim Real a huma ponte , que se havia fabricado na da Casa da India de admiravel architectura , a qual se communicava com o pateo da Capella Real , por onde se encaminharaõ as Magestades acompanhadas de todos os Grandes , e de mais Nobreza , Ministros , Fidalgos particulares , todos luzidamente vestidos , e a Guarda Real : quando chegaraõ ao pateo acharaõ ahi a Senhora Infanta D. Isabel , acompanhada de todas as Damas , e Senhoras de Honor , que havia baixado do Paço a buscar a Rainha. Vestia primavera de ouro sobre setim encarnado , ricamente ornada ; e sobre a riqueza da gala se via huma prodigiosa fermosura , com que a natureza a havia dotado , e as Damas assim da Rainha , como da Infanta , estavaõ vestidas de borcados guarnecidos de rendas de ouro , e prata , com diversas , e magnificas invenções. Intentou a Infanta em demonstração do seu respeito beijar a mão à Rainha , que com grande agrado não o consentio , e levando-a nos braços , com carinhosas expressões mostrou o seu affecto , que foy reciprocamente correspondido. Sobiraõ à Capella , que estava soberbamente ornada , e rece-

beraõ Suas Magestades as benções nupciaes do Arcebispo Capellaõ môr, e baixando, sobiraõ ao Paço, e foraõ ao quarto da Rainha, onde estavaõ esperando as mais Senhoras da Corte com differentes, e ricos vestidos. Na noite houve luminarias, e salvas da artilharia das Torres, e dos mais navios, e Armada, que estavaõ no rio, que por tres dias repetiraõ.

Passados poucos dias teve o Duque de Graffton audiencia delRey, e foy conduzido à sua Real presença por D. Joaõ de Sousa, Veador da sua Casa, e juntamente com Henrique Fitz Jayme seu primo; falloulhe ElRey em hum gabinete interior, e aos mais Officiaes, e pessoas de qualidade da Armada com demonstrações de grande benevolencia, particularizando os dous primos, como filhos de dous Reys de Inglaterra, hum que reynava, e outro, que havia pouco occupara o mesmo throno. Haviaõ-se prevenido casas para os hospedarem com toda a magnificencia, como pediaõ as eminentes prerogativas das suas pessoas; e assim tanto, que a Rainha desembarcou entraraõ na Capitania Dom Joaõ de Sousa, e D. Joaõ de Almeida, Veadores da Casa delRey, que os mandava convidar, D. Joaõ de Sousa ao Duque de Graffton, e D. Joaõ de Almeida a Henrique Fitz Jayme, e para os conduzirem às casas, que lhe estavaõ prevenidas, que eraõ as de Dom Diogo de Menezes, e as de Manoel de Sousa Tavares às Chagas: porém como as ordens do

do General não lhe permittiaõ dormir em terra, não desembarcou entaõ nem elle, nem o outro Principe; e Gonçalo da Costa de Menezes; Mestre de Campo de hum dos Terços da guarnição da Corte, conduzio os Fidalgos Alemaens às casas, que são de Ignacio Xavier Vieira Matoso, hoje General de Batalha, onde se lhe havia preparado a hospedagem, que se lhe continuou todo o tempo, que assistiraõ na Corte, até voltarem para Alemanha.

Quando sahiraõ os dous Principes da audiencia, os dous Veadores acima nomeados, os convidaraõ para as hospedagens, e como se não quiz separar do General o outro, os conduzio D. João de Sousa a ambos ao lugar, que estava prevenido para o Duque; e assim foraõ ambos com as suas comitivas tratados com a magnificencia, e regalo digno da mayor grandeza. Deu ElRey em outro dia audiencia separadamente ao filho delRey Jacobo, e lhe fallou no mesmo gabinete, com novas demonstrações de affabilidade, e de honra. Desejava ElRey, que aquelles Principes se detivessem para verem a entrada da Rainha, e as festas, mas as ordens, que o General trazia, lho não permittiraõ; e assim passados alguns dias partio a Armada, havendo-selhe primeiro mandado hum grande refresco com muita abundancia de carnes, frutas, e doces, que se repartio por toda a Armada. Ao Duque de Graffton mandou ElRey o mesmo espadim, e bas-

e baftaõ de diamantes , que havia levado quando foy ao mar , e ao outro Principe hum broche de grande valor , e joyas de preço a todos os Officiaes , e Cavalheros da Armada , e quantidade de dinheiro à familia inferior , que havia vindo no ferviço da Rainha.

Determinou-fe o dia 30 de Agofto para Suas Mageftades haverem de fazer a entrada publica do Paço à Sé a dar graças naquella Cathedral ao fupremo Author das felicidades , para o que fe erigiraõ vinte arcos de mageftofa fabrica , em que os naturaes , e Eftrangeiros com louvavel emulaçaõ quizerãõ mostrar a Suas Mageftades o gofto , com que celebravaõ as fuas auguftas vodas. Na tarde do dia referido às quatro horas baixaraõ Suas Mageftades , e a Senhora Infanta D. Ifabel do Paço ao pateo da Capella a entrar no coche Real , que era de huma magnifica fabrica , acompanhados de todos os Officiaes das fuas Casas , Grandes , Prefidentes dos Tribunaes , Fidalgos , e Miniftros , todos vestidos de ricas galas , e ornados de preciosas joyas. Seguio-fe o acompanhamento pela parte da Tanoaria , em que fem precedencia caminhavaõ os coches dos Grandes precedidos dos Corregedores da Corte , e mais Miniftros , e eftes dos Porteiros das Maças , Reys de Armas , Arautos , e Paffavantes com as fuas Cotas de Armas defte Reyno , e fuas Conquiftas. Depois de todos os referidos coches hiaõ os dos Eftribeiros môres ; o primeiro , o da Senhora

nhora Infanta, em que não hia o Estribeiro môr de Sua Alteza, o Conde de Ponteval, por ser precisa a sua assistencia no Senado da Camera, de que era Presidente: seguia-se atraz o do Estribeiro môr da Rainha D. Francisco Mascarenhas, e em ultimo lugar o do Estribeiro môr delRey, D. Joseph de Menezes, que depois foy Conde de Vianna, e logo immediatamente os coches de respeito com a mesma preferencia. Seguia-se o coche Real coberto com as guardas dos Archeiros em duas alas, guiadas pelos Tenentes Belchior Rodrigues de Mattos, e Francisco Rodrigues de Almeida, montados em bons cavallos com custosos adereços, e atraz do coche os Capitães das mesmas guardas o Conde de Pombeiro D. Antonio de Castellobranco, e D. Filippe de Sousa, montados em soberbos cavallos ajaezados com grande primor, e custo: hum pouco diante do mesmo coche hiaõ os Estribeiros Manoel Galvão, e Francisco Banha, e os Moços da Estribeira, e logo quarenta Moços da Camera de huma, e outra banda das portinholas do coche Real, todos vestidos com bellas galas: detraz do coche das Magestades, e das guardas marchavaõ as Camereiras môres da Rainha, e Infanta, a que se seguiaõ os coches das Damas, e Senhoras de Honor da Rainha, e Infanta.

Tanto, que o coche Real chegou defronte da porta de Santo Antonio, onde estava o Senado da Camera, o seu Presidente o Conde de Ponteval

Nuno

de Siqueira da Silva

Nuno da Cunha de Ataíde chegou ao coche com os Vereadores, a saber: os Desembargadores João Coelho de Almeida, Ignacio do Rego de Andrade, Antonio da Costa Novaes, Francisco da Forteca Sisnel, Sebastião Ruys de Barros, Francisco Ferreira Bayão, o Escrivão da Camera Antonio Rebello, e os Procuradores da Cidade Miguel de Mello, e Francisco Pereira de Viveiros, e os Procuradores dos Meesteres, com todos os mais Officiaes, e Ministros do Senado: e parando neste lugar o coche, o Doutor João Coelho de Almeida, hum dos Vereadores do Senado, a quem por mais antigo tocou representar a Suas Magestades em nome delle, e da Cidade, a alegria, que lhe causava aquelle dia, de que se havia seguir a felicidade de todos os seus Vassallos, o executou em huma Oração muy bem feita, o que o povo applaudo com alegres yivas. Acabada a arenga, o Presidente offereceo a Suas Magestades as chaves da Cidade em huma salva dourada em nome do povo della, El-Rey pegandolhe as tornou a entregar ao mesmo Presidente.

Entraraõ Suas Magestades na Sé, onde o mesmo Senado os recebeo com hum Paleo muy rico, em cujas varas pegavaõ o Presidente, e Vereadores: estavaõ à porta daquella Cathedral o Cabido com o seu Arcebispo debaixo de rico Paleo com a Reliquia do Santo Lenho, que Suas Magestades, e Alteza adoraraõ, para o que se poz huma alcatifa,

fa, e almofadas, que os Reposteiros trouxeraõ no acompanhamento; e o Marquez de Alegrete Manoel Telles, Gentil-homem da Camera, que affictia de semana, accommodou a almofada para El-Rey ajoelhar, e o Duque de Cadaval D. Nuno a almofada da Rainha, e o Conde de Val de Reys a da Senhora Infanta. Feita a adoração, acompanharaõ Suas Magestades, e Alteza a Sacrosanta Reliquia até o Altar môr, onde estava hum rico sítial, em que Suas Magestades fizeraõ oração. Estava o Templo armado com a mayor grandeza, e custo, que se pôde imaginar; e cantados os Hymnos, e Orações, que a Igreja costuma em semelhantes acções, voltaraõ Suas Magestades pela mesma fórma pelo Terreiro do Paço, aonde se recolheraõ entre acclamações, e demonstrações festivas de toda a Cidade.

Segundo o costume do Reyno se continuaraõ as festas, em que houve tres dias de Touros, em que no primeiro toureou o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, e no segundo Dom Lourenço de Almada, e no terceiro o Conde de Villa-Flor D. Christovaõ Manoel, em que sobre a destreza dos Cavalleiros em primorosas sortes, se admirou a grandeza na excessiva comitiva de criados, com que cada hum cobrio o corro, ricamente vestidos com excellentes invenções. Seguio-se à festa dos Touros a de artificios de fogo, que com grande primor se executaraõ por tres dias no mar,

Tom. VII.

Rrr

e na

ena terra , feitos pela direcção do Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes , Védor da Fazenda , em quem a grandeza do animo competio com as excellentes virtudes , de que foy ornado. Ao mesmo tempo se celebraraõ em todo o Reyno os Augustos desposorios de Suas Magestades.

Foy esta uniaõ abençoada por Deos , porque sobre a grande harmonia , em que viveraõ ditosamente estes Principes , a fecundidade da Rainha , a que se ajuntavaõ grandes virtudes , a faziaõ universalmente amada dos seus Vassallos ; porque deste Real thalamo se seguiu a mayor ventura de Portugal. No dia 30 de Agosto , que se compria hum anno , em que os Reys haviaõ ido à Cathedral de Lisboa , renderlhe as graças daquella uniaõ , e pedirlhe a mayor felicidade della , que era a successão , deu a Rainha à luz hum Principe com grande satisfação dos seus Vassallos , que em breves dias sentiraõ a sua falta. Porém como aquelle naõ era o Principe , que Deos havia promettido para a perpetuidade da Monarchia Portugueza , em breve satisfez os votos de todos os seus Vassallos ; porque a Rainha os encheo de huma viva esperança , que Deos satisfez no dia 22 de Outubro do anno seguinte de 1689 com o Principe D. João , seguindo-se depois , com alguma interpolação , tres Infantes , e duas Infantas , como adiante veremos , glorioso fruto deste Real thalamo , que com geral sentimento naõ chegou a durar doze annos perfeitos , sendo a pena del-Rey inexplicavel. Esta

Esta continuada felicidade, que então applaudiaõ os Vassallos, se fazia ainda mais estimavel na doce tranquillidade, e na suavidade da paz, que por tantos annos gozaraõ, ao mesmo tempo, que na Europa ardia em toda a parte huma sanguinolenta guerra; e por esta causa mereceo então ElRey D. Pedro o titulo de *Pacifico*, como dissemos, nome, que os seus Vassallos repetiaõ com veneraçãõ.

Havia pouco, que respirava Europa da cruel guerra, que havia padecido, quando succedeo a morte delRey D. Carlos II. de Castella em o primeiro de Novembro de 1700, e aberto o seu Testamento se achou chamar à successãõ da sua lãrga Monarchia a Filippe de França, Duque de Anjou, seu sobrinho, que acclamado Rey em Madrid a 24 de Novembro, e entrando de posse, mostraraõ entãõ os interesses do nosso Reyno ser conveniente reconhecer este Principe por verdadeiro possuidor daquella Monarchia, e nesta conformidade passou a Portugal com o caracter de Enviado D. Domingos Cappecellatro, e na Corte de Madrid continuou com o mesmo emprego Diogo de Mendoça Corte-Real, que já havia annos, que residia nella por Enviado Extraordinario delRey D. Pedro. Interessava-se na sua conservaçaõ ElRey Christianissimo Luiz XIV. a quem chamaraõ o *Grande*, avô delRey D. Filippe: e propondo à nossa Corte hum novo Tratado de alliança, o veyo finalmente a conseguir, e outro com Hespanha, e ambos se assina-

raõ no mesmo dia de 18 de Junho do anno de 1701, sendo hum dos artigos o auxiliar as nossas armas com huma Armada, que defendesse o porto de Lisboa de alguma invasão de inimigos, e se segurassem os nossos mares, em virtude do que a 21 de Setembro de 1701 deu fundo em Cascaes huma Esquadra, que mandava o Conde de Chaternau, Vice-Almirante da Armada de França, a qual se compunha de vinte e hum navios de guerra, de fogo, e serviço da Armada.

Memorias m. f. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. X. pag. 392.

Entrou a Armada pela barra, salvando a nao do General as Torres de S. Lourenço, S. Juliaõ, e Belem, que lhe responderaõ com igual numero de tiros. Tanto, que a Armada deu fundo no rio, o Presidente Roville, que residia nesta Corte com o caracter de Embaixador de França, pedio ao Secretario de Estado audiencia de Sua Magestade, dizendo-lhe, que o Conde de Chaternau desejava ir à sua Real presença; porque não queria executar as ordens delRey Christianissimo, sem primeiro receber as de Sua Magestade, como elle lhe mandava. Havia ElRey neste dia sahido fóra, e chegando ao Paço à noite, se avisou ao Embaixador de França, que podia ir à audiencia com o General da Armada: foy esta audiencia particular, e sem as ceremonias costumadas. Entraraõ às nove horas da noite à presença delRey, que mandou cobrir sómente ao Embaixador, e ElRey honrou muito ao General com palavras de estimação, dizendo-lhe a
muita,

muita , que fazia da sua pessoa, e o quanto lhe fora grata a eleição, que della fizera ElRey Christianissimo, e outras semelhantes atenções, com que sahiraõ o Embaixador, e o General muy satisfeitos da sua presença. Ordenou-se a Joaõ Rebello de Campos, Corrector da Fazenda Real, que dispuzesse hum grande refresco para a Armada, o qual levou a 26 do referido mez, em tanta abundancia, que o General o mandou repartir por todos os navios da sua Armada. A 3 de Outubro teve audiencia de Sua Magestade para pôr na sua Real presença os Cabos, Officiaes, e pessoas de mayor distincção da Armada. Foy o General conduzido nos coches do Embaixador de França, e os Officiaes, que vieraõ nos seus escaleres, desembarcaraõ na praya da Corte-Real. Estava ElRey na casa costumada do Paço da Corte-Real, coberto, assistido dos Grandes, e dos seus criados, todos no lugar, que lhe competia. Entrou o Conde de Chaternau com cento e cincoenta Officiaes muy luzidos, e depois de haver fallado a ElRey, lhos apresentou todos, que enchendo a casa fizeraõ hum circulo: ElRey honrou muito a todos com agradavel presença, e estava com o chapeo na cabeça, que nunca tirou, e despedidos, satisfeitos da sua Real atenção, se recolheraõ aos seus navios.

Era o fim desta Armada segurar o porto de Lisboa de algum insulto da Armada Ingleza, que governava o General Rook; porque se tinha espalhado,

lhado , que os Inglezes sentidos do nosso Tratado com França emprenderiaõ alguma facção , sendo ella a que dèsse o primeiro aviso do rompimento. O que deu motivo a determinar-se a defenſa de Lisboa , e a prevenir os Lugares maritimos da nossa Costa. Foy logo guarnecida a Cidade de Infantaria , e Cavallaria , e encarregando-se o governo della a Generaes de grande valor , se distribuirãõ os empregos na fórma seguinte. Na Ribeira desde a porta do Conde de Coculim até Xabregas , o Conde de Atalaya Dom Luiz Manoel de Tavora , do Conselho de Guerra ; da Ribeira até à Boa vista o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva , do Conselho de Estado ; deste lugar até o Forte de Alcantara o Conde de Alvor Francisco de Tavora , do Conselho de Estado. A Torre de S. Juliaõ da Barra como mais importante , se entregou ao Marquez das Minas Dom Antonio Luiz de Sousa , do Conselho de Guerra , juntamente com todos os Fortes até o Paço de Arcos , e os mais , que se seguem até Cascaes , com o governo desta Praça. Os Fortes , que guarnecem toda a Marinha , se encomendaraõ a Officiaes experimentados , e pessoas da primeira grandeza. A Praça de Setuval foy governar Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa , e para Peniche foy o Marquez de Niza D. Francisco Balthasar da Gama , do Conselho de Guerra. A Armada Real se entregou ao seu General o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora , de quem
era

era Almirante o Conde do Rio Grande Lopo Furtado de Mendoça.

Desta sorte se havia preparado o porto de Lisboa, quando se deu por certo, que a Armada Inglesa, que governava o General Rook, se recolhera ao Canal, havendo sómente expedido para fóra trinta navios, cujo destino se ignorava. O General Chaternau com esta noticia, juntamente com o Embaixador, pediraõ audiencia a Sua Magestade, que lha concedeo particular à noite, na qual lhe representaraõ, que era conveniente, que a Armada, que se achava neste porto, passasse ao de Cadiz a unirse com a do Conde de Estrees, para tomarem noticia do rumo, que haviaõ seguido os trinta navios Ingleses, que se apartaraõ do Almirante Rook; e que no caso de ser necessario, que elle fosse à altura das Ilhas dos Açores esperar as nossas frota, o faria seguindo as ordens, que tinha del-Rey de França para este mesmo intento: e que tambem se lhe constasse, que os navios Ingleses tivessem tomado a derrota das Indias de Hespanha, determinava ir em seu seguimento, (e na verdade este era o intento, passar às Indias a conduzir os galeoens com os cabedaes de Hespanha.) ElRey lhe respondeo logo promptamente na mesma audiencia, sem ter ouvido o Conselho de Estado, dizendo-lhe, que podia sair com a sua Armada deste porto quando lhe parecesse, porque naõ desejava saltar a cousa alguma, em que ElRey de França tivesse

vesse conveniencia ; e que assim quera , que o Conde de Chaternau fizesse , o que fosse mais util àquelle fim. Tratou logo o General de pôr corrente a Armada de tudo o que necessitava para se fazer à véla ; e ultimamente pedio audiencia o Embaixador de França para Chaternau se despedir , e agradecerem ambos a Sua Magestade a urbanidade , e grandeza , com que se houvera com a Armada de França neste porto. Era o Duque de Cadaval conferente do Embaixador de França , o qual lhe disse , que a marinhagem da Armada Franceza necessitava de algum tabaco de fumo , e que pedia a Sua Magestade lho mandasse dar no Estanco pelo seu dinheiro , e que fiasse do Embaixador , que aquelle tabaco não teria outro consumo , nem com elle se faria fraude à fazenda Real. Ordenou Sua Magestade , que se lhe désse logo graciosamente por conta da sua Real fazenda quinze mil arrateis de tabaco , que se mandaraõ pagar ao Contratador , e El-Rey mandou ao General huma joya de muito valor.

Despedido o Conde de Chaternau , levou ferro , e passando pela Capitania da Armada Portugueza , que estava por cima de Belem , em que se achava embarcado o Conde de S. Vicente , General della , a salvou com onze peffas , e lhe respondeo o Conde de S. Vicente com outras onze , e passando pela Torre de Belem lhe fez a mesma salva , e a Torre lhe respondeo igualmente ; e sahindo pela

pela barra a 20 de Outubro do referido anno de 1701 foy na volta de Cadis. Estava ordenado neste tempo a D. João Diogo de Ataide, Mestre de Campo de hum dos Terços da Guarnição da Corte, que se achava embarcado, para que sahisse a correr a nossa Costa com outro navio, que governava D. Luiz de Almada; e como D. João levasse ancora primeiro, que a Armada de França, não podendo sair naquella maré, deu fundo na bahia de S. Joseph: logo, que D. João passou a Torre, poz no mastro da mezena a bandeira, que pertencia ao seu posto; quando passou a Capitania de França a salvou D. João com onze pessoas, e Chaternau lhe respondeo com outras tantas, e depois de terem os cumprimentos costumados no mar de se lhe agradecerem as salvas, se foraõ de ambas as partes diminuindo os tiros, até que ficou a Capitania de França em tres; e unindo-selhe na outra maré o navio de D. Luiz, foraõ ambos logo pela barra a correr a Costa. Nesta Armada se embarcou huma grande parte da primeira Nobreza.

No anno seguinte de 1702 em 15 de Julho chegou ao rio de Lisboa em huma fragata de guerra Inglesa o Principe Jorge Darmstad, primo com irmão da Rainha D. Maria Sofia, e dando fundo defronte das Tercenas, na mesma tarde desembarcou, e foy para casa do Conde de Valdestein, Embaixador de Alemanha, que já havia tido a sua audiencia de despedida, e morava este Ministro nas

casas do Visconde da Affeca, que tem communica-
ção com a marinha; e assim na porta, que tem pa-
ra o mar, desembarcou o Principe, e pediu audien-
cia a ElRey, que foy servido darlha no dia 29 às
dez horas da manhã, aonde o conduzio o Conde
de Assumar D. João de Almeida, Veador da Casa
Real, e o esperou no primeiro degrao da escada do
Paço da Corte-Real. ElRey estava na casa de
dentro à em que dava audiencia, e nesta estavaõ al-
guns Officiaes da sua Casa, e alguns Grandes. Na
Camera delRey se achavaõ o Marquez de Marial-
va, seu Mordomo môr, e Gentil-homem da sua
Camera, que estava de semana; o Marquez de Ale-
grete, Gentil-homem da Camera; o Conde de Vi-
anna, Estribeiro môr, e tambem Gentil-homem da
Camera; o Duque de Cadaval; e Joseph de Faria,
que servia de Secretario de Estado, e entre estas
pessoas não houve differença, nem preferencia de
lugares. Entrou o Principe de Darmstad conduzi-
do pelo Conde de Assumar, e ElRey estava en-
costado no bofete, e não poz o chapeo na cabeça,
e lhe fallou com muito agrado, e quando se despe-
dio, ficou no mesmo lugar, em que estava encosta-
do ao bofete. O Conde de Assumar ficou na mes-
ma casa em quanto durou a audiencia, e o tornou
a conduzir ao mesmo lugar. A sua liteira entrou no
saguaõ da Corte-Real; porém as guardas não lhe
pegaraõ nas armas. Era o Principe de Darmstad
muy addicto às conveniencias do Emperador, a quem
servia,

servia, e como ElRey naquelle tempo havia feito a liga com França, e Hespanha, os Ministros destas Cortes, que eraõ o Presidente Roville, Embaixador de França, e o Enviado de Castella Dom Domingos Capecellatro, representaraõ a Sua Magestade, que naõ devia consentir na sua Corte hum Principe totalmente opposto às duas Coroas de França, e Hespanha, com quem Sua Magestade estava ligado, principalmente naõ tendo o Principe negocio, nem interesse proprio, que o trouxesse a Lisboa. Determinou ElRey mandarlhe hum recado pelo Secretario de Estado Joseph de Faria, que lhe dissesse, que a conjunctura presente naõ dava lugar à sua assistencia neste Reyno, e ainda que com muito pezar delRey, era preciso dizerlhe, que sahisse logo delle. O Principe de Darmstad lhe respondeo, que logo o faria, e a 16 de Agosto embarcou no navio Inglez, em que tinha vindo, que estava na bahia de Cascaes, a que se ajuntou outro, em que tinha vindo D. Joaõ Methuwin, pay de D. Paulo Methuwin, Enviado de Inglaterra, que residia nesta Corte, aonde já seu pay havia tido o mesmo emprego, que vinha revestido de grandes poderes, e começou logo a negociar com taõ boa direcção, que elle foy o primeiro motor de entrar ElRey D. Pedro na grande alliança, que o Emperador havia feito com Inglaterra, e Hollanda, como adiante se dirá.

No mesmo anno entrou em Portugal pela Ci-
Tom.VII. Sss ii dade

dade de Miranda o Almirante de Castella D. João Thomás Henriques, e caminhando em direitura a Lisboa, parou no Lugar de Villa-Longa na Quinta do Conde de Val de Reys, de donde escreveu ao Secretario de Estado Mendo Foyos Pereira, dizendo-lhe, que por dependencias particulares suas deixava a Patria, e passara a Portugal, com animo de se pôr aos pés del Rey, e buscar o seu Real amparo. O Secretario lhe respondeu com palavras geraes aconselhando-lhe, que ficasse naquelle sitio; porém elle lhe respondeu, que não tinha alli o necessario para a sua familia, pelo que passava a Belem para a Quinta (que então era) do Conde de S. Lourenço, onde já se achava parte do seu fato. Publicou então o motivo da sua resolução, que nascera, porque a Corte de Madrid o nomeara Embaixador Ordinario para residir na Corte de Pariz, contra o uso daquella Corte, que não permittia, que os homens da sua grandeza aceitassem, senão o caracter de Embaixadores Extraordinarios; e sendo compellido a fazer huma cousa contra a sua pessoa, e grandeza, se passara a este Reyno, e deixando o caminho para França, tomara o de Portugal; e remettendo pelo seu Secretario à Rainha de Castella todas as instrucções, e papeis da sua Embaixada, o despedio da sua companhia, mandando-o para Madrid. O Embaixador de Alemanha, que aqui se achava, tanto, que teve esta noticia, intentou persuadir, que o Almirante vinha determinado a reconhecer

nhecer o Archiduque Carlos Rey de Castella, e foy a Villa-Longa incognito a ver o Almirante; este lhe não quiz fallar, respondendo, que se presumira, que naquelle lugar se havia de encontrar com sua Excellencia, não viera por aquella estrada. Havia já o mesmo Embaixador tomado, e preparado as casas de Manoel Lobo da Sylva a Santa Apollonia, publicando, que eraõ para o Almirante, e mandandolhas offerecer, não as quiz aceitar; e no dia 24 de Outubro do referido anno de 1702 chegou o Almirante a Lisboa, e foy pouzar a Belem na Quinta do Conde de S. Lourenço, onde depois o visitou toda a Corte. Havia trazido comfigo a seu sobrinho D. Pascoal Henriques, filho herdeiro de seu irmaõ o Marquez de Alcaniças, o qual ou fosse suggerido pelo Almirante; ou por propria resolução do mesmo Fidalgo, buscou a casa do Enviado de Castella, que aqui se achava, e lhe disse; que elle queria passarse à obediencia delRey Dom Philippe, e ficando em casa do Enviado, pedio este Ministro a ElRey D. Pedro o mandasse segurar até Badajoz, e se ordenou ao Corregedor do Crime do Bairro Alto Crispim Mascarenhas, que o acompanhasse até o pôr na Raya de Castella, o que com effeito se executou. Não buscou o Almirante ao Enviado de Castella, nem ao Embaixador de França, e teve audiencia delRey. Achava-se na galateria o Porteiro da Camera, e entrando nella o Almirante, sem que fosse conduzido por pessoa alguma,

ma, nem menos haver entrado a sua carruagem no saguaõ do Paço, lhe disse, que se sua Excellencia pertendia fallar a Sua Magestade, daria recado ao Gentil-homem da Camera, que estava de semana, e respondendolhe, que isso pertendia, deu o Porteiro da Camera recado ao Conde de Vianna, e elle lhe ordenou dissesse ao Almirante, que Sua Magestade o esperava; e entrando, ElRey praticou com elle o mesmo, que com o Principe de Darmstad, estando em pé encostado a hum bofete, onde tinha o chapeo, e fallandolhe com muito agrado, se despedio. Na Casa, que era a mesma já referida, estiveraõ o Conde de Vianna, Gentil-homem da Camera, que estava de semana, o Marquez de Alegrete, o Duque de Cadaval, o Secretario de Estado Mendo Foyos Pereira, e Joseph de Faria, que servia por elle a dita occupação. Teve depois audiencia do Principe, e Infantes, na qual se observou o mesmo, que na delRey; porque estavaõ em huma casa immediata à antecamera do quarto da Rainha, em que viviaõ, na qual havia hum bofete com duas cadeiras de cada parte, e encostados ao bofete, e cadeiras estavaõ Suas Altezas; o Principe tinha à sua mão esquerda os Senhores Infantes D. Francisco, D. Antonio, e D. Manoel; de traz da cadeira do Principe estava a Condeffa de Pombeiro, Senhora de Honor, na ausencia da Marqueza de Unhaõ, Aya de Suas Altezas; na casa affistiraõ sem preferencia o Duque Mor-
domo

domo môr, e os Veadores de Suas Altezas, e o Principe, e Infantes tinhaõ o chapeo na mão. Na mesma tarde foy o Almirante à audiencia da Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina, que estava na sua antecamera em estrado, assentada em cadeira debaixo do docel; acompanhavaõ-na da parte direita as Marquezas, Condeffas, e muitas Senhoras, e da parte esquerda muitos Grandes, e Fidalgos, com a mesma ordem, e preferencia, que costumaõ ter na casa delRey, e como a Rainha não havia de mandar cobrir ao Almirante, não mandou cobrir aos Grandes. Entrando o Almirante achou a Rainha em pé encostada à cadeira, que estava no estrado debaixo do docel, e elle por obsequio quando chegou onde estava a Rainha, poz o joelho no chaõ, e dizendolhe a Rainha, que não estava assim bem, se levantou, e fallou em pé descoberto, e a Rainha lhe respondeo com igual agrado, que discriçaõ. Não tardou muito em se descobrir a devoçaõ do Almirante ao Emperador Leopoldo, a quem todo se havia offerecido, como elle declarou em hum Manifesto, que entaõ imprimio, em que vem as repostas das Cartas do Emperador. Em Castella se procedeo contra o Almirante, até que por sentença foy condemnado à morte, e confiscados todos os seus bens, e publicada a sentença no Conselho Real de Castella a 17 de Agosto de 1703. Havia já o Emperador Leopoldo I. feito huma liga offensiva, a que chamaraõ a *Grande Alliança*,
com

com Inglaterra, e Hollanda, na qual depois entrou Saboya, sendo o fim desta alliança meterem de posse da Monarchia de Hespanha ao Archiduque Carlos, filho segundo do Emperador.

Convidaraõ os interessados da grande alliança a ElRey D. Pedro a entrar naquelle Tratado, com o qual lhe offereceraõ condições muy ventajosas à nossa Coroa: e discorrendo os Ministros Portuguezes o estado da Europa, persuadiraõ muitos a ElRey, que abraçasse as proposições, que lhe facilitavaõ os Ministros, que tratavaõ este negocio. Eraõ elles Carlos Ernesto, Conde de Valdestein, Embaixador do Emperador, D. Joaõ Methwin, e D. Paulo Methuwin seu filho, Ministros de Inglaterra, e D. Francisco de Schonomberg, Ministro de Hollanda, que todos residiaõ nesta Corte, e trabalharaõ este negocio com grande cuidado. O qual finalmente depois de debatido por huma, e outra parte, se reduzio a hum Tratado de liga offensiva entre o Emperador, e ElRey de Portugal com as mais Potencias interessadas na grande alliança, o qual se assinou em Lisboa a 16 de Mayo de 1703, em que foraõ Plenipotenciarios por parte de Portugal o Duque de Cadaval Dõm Nuno Alvares Pereira de Mello, o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, o Conde de Alvor Francisco de Tavora, o Secretario de Estado Joseph de Faria, e o Secretario Roque Monteiro Paim, e da parte do Emperador o Conde de Valdestein, e no mesmo dia

dia se affinaraõ outros Tratados com Inglaterra, e Hollanda da mesma liga, em que foraõ os Plenipotenciarios, de Inglaterra D. Paulo Methwin, e de Hollanda D. Francisco Schonomberg, e de Portugal os mesmos referidos acima.

Pelo referido Tratado se obrigou ElRey de Portugal a sustentar à sua despesa sómente doze mil Infantes, e tres mil cavallos. E que para se formar hum Exercito de vinte e oito mil homens, levantaria ElRey mais treze mil homens de gente Portugueza, dos quaes seriaõ onze mil Infantes, e dous mil Cavallos, e seriaõ pagos pelos Alliados, para o que se obrigaraõ a dar a ElRey Dom Pedro hum milhaõ de patacas todos os annos em quanto durasse a guerra, o qual seria pago às mezadas, tendo principio a satisfação no rompimento da guerra. E além do dito milhaõ de patacas, se obrigaõ a dar quinhentas mil patacas para o apresto do Exercito, e mais cousas necessarias, as quaes se haviaõ de entregar ao tempo da ratificação deste Tratado. Os Alliados se obrigaraõ a porem neste Reyno para servirem na guerra todo o tempo, que ella durasse, doze mil homens de Tropas Estrangeiras veteranas, a saber: dez mil Infantes, mil Cavallos ligeiros, e mil Dragoens, todos armados, e pagos à custa dos ditos Alliados, e que à mesma sua despesa mandariaõ hum trem de dez peßas de artilharia de bronze com tudo o que lhe pertenceße, excepto as mulas. E que juntamente com as armas

para os onze mil homens Portuguezes dos treze, que se haviaõ mandar levantar, viria outro trem de dez peſſas de artilharia de bronze de calibre de doze até vinte e quatro, o qual trem, e armas haviaõ de ficar como proprias em Portugal, ſem ſe poderem repetir, nem pedir o custo dellas. E para ſervir na primeira Campanha mandariaõ os Alliados pôr em Portugal quatro mil quintaes de polvora. E em quanto duraffe a guerra, todos os annos poriaõ em Portugal o meſmo numero de quintaes de polvora à ſua custa, antes que ſe abriſſe a Campanha. E que com a gente Eſtrangeira, que vieſſe de ſoccorro, viriaõ dous Meſtres de Campo Generaes, quatro Generaes de Batalha, quatro Officiaes de Cavallaria, dous Tenentes de Meſtre de Campo General, dous Tenentes Generaes da Artilharia, doze Engenheiros, quarenta Condeſtaveis, dez Officiaes de fogo, vinte Mineiros, todos pagos à custa dos Alliados. Com a declaraçaõ, que toda a gente Eſtrangeira, que os Alliados mandaffem a Portugal, eſtaria naõ ſó ſogeita ao mandado ſuperior del-Rey, mas tambem ao dos ſeus Generaes. E que as Potencias maritimas ſuſtentariaõ nas coſtas, e pórtos de Portugal competente numero de naos de guerra para as guardarem com ſegurança dos inimigos; e aſſim tambem tendo-ſe noticia, de que ſe pertendia fazer invaſaõ em algum dos pórtos de Portugal, mandariaõ a elle numero de navios ſuperior aos dos inimigos. E ſuccedendo fazer qualquer Po-
tencia

tencia guerra nas Conquistas de Portugal, e seus Dominios, ou tendo-se noticia, de que a intentava fazer, dariaõ os Alliados todos os navios de guerra, que fossem necessarios para poderem impedir a tal guerra, o que fariaõ em quanto ella durasse. E estariaõ todos os navios de soccorro às ordens delRey para tudo o que lhe ordenasse; e que passando às Conquistas de Portugal, obedeceriaõ ao que se lhe ordenasse da sua parte pelos seus Vice-Reys, e Governadores nas ditas Conquistas, e Dominios. E tambem quando os navios de soccorro das duas Potencias, em qualquer occasiaõ, ou qualquer caso, que se unissem com os de Portugal, o Cabo da Armada, ou Esquadra Portugueza, seria o que faria os sinaes, e chamaria a Conselho, que se faria na Capitania de Portugal, e do que se determinasse passaria as ordens pelo Cabo da Armada, ou Esquadra Portugueza, as quaes executariaõ os Cabos dos navios auxiliares, cada qual na sua Esquadra. E que se não fariaõ pazes, ou tre-goas, sem consentimento reciproco de todos os Alliados. E que o Archiduque Carlos viria a este Reyno a desembarcar com todos os soccorros, a que os Alliados se haviaõ obrigado pelo referido Tratado, e sem que tivessem chegado a este Reyno todos os soccorros, assim de gente, como de navios, não seria ElRey de Portugal obrigado a romper a guerra. E que tanto, que o Archiduque chegasse a este Reyno, Sua Magestade Portugueza o reco-

Tom.VII. Ttt ii nhe-

nheceria, e trataria como Rey de Hespanha, assim como a possuira ElRey D. Carlos II. mas com declaração, que primeiro havia de constar a ElRey D. Pedro juridicamente, que o direito de ser Rey daquella Monarchia estava cedido, e transferido na pessoa do Archiduque; e outras condições comprehendidas em vinte e nove artigos. Houve mais dous artigos secretos pertencentes à mesma liga, nos quaes o Archiduque se obrigava; que assim, que fosse revestido do direito de Rey de Hespanha, e Indias Occidentaes, cederia logo, e faria doação a ElRey Dom Pedro das Praças de Badajoz, Albuquerque, Valença de Alcantara na Provincia da Estremadura, e das Praças da Guarda, Tuy, Bayona, e Vigo no Reyno de Galliza, e todas estas Praças, Cidades, e Fortalezas, com o territorio de cada huma dellas *in perpetuum* para a Coroa de Portugal; e o direito, que tinha, ou pudesse ter às terras sitas na margem Septentrional do rio da Prata, para que por aquella parte se dividissem os Dominios da America de huma, e outra Coroa. O que tudo por hum artigo secreto separado pertencente à liga se corroborou; e depois o Archiduque já revestido da dignidade Real, com o nome de Carlos III. os ratificou, como nelles se continha.

Neste tempo residia nesta Corte com o caracter de Enviado da Corte de Madrid D. Domingos Capecellatro, o qual com pouca reflexão entrou em hum empenho, de que sahio muy mal. Succedeo

cedeo ir a sua casa hum Castelhana , ao qual por ter com elle humas razoens , ou por outro motivo premeditado , o prendeo em sua casa , e a poucos dias de prezo , em huma noite o mandou violentamente embarcar em hum navio Francez : sabido este caso , e tambem , que hum criado Portuguez havia sido o que por sua ordem levara o Castelhana a embarcar , foy o dito criado prezo na Torre de Belem. O Embaixador de França o Presidente Roville se interpoz para compor este caso , dizendo ao Duque de Cadaval , seu conferente , que pedia a Sua Magestade se não queixasse a ElRey de Castella , como determinava ; porque o Enviado reporia o Castelhana outra vez em Lisboa , e que rogava a Sua Magestade mandasse soltar o criado do Enviado. Respondeo-selhe , que a queixa a ElRey Catholico Sua Magestade a suspenderia , e que o criado do Enviado seria solto quando o Castelhana fosse reposto ; porque do contrario correria a mesma fortuna , que o Castelhana , e que Sua Magestade suspendia o Enviado de poder ir à sua presença em quanto se não repunha em Lisboa o Castelhana. Esta reposta poz em grande consternação ao Enviado , porque correu bastante tempo na diligencia de se buscar o Castelhana. Ultimamente antes , que este chegasse a Lisboa , em 15 de Novembro de 1703 escreveo o Enviado ao Secretario de Estado dizendolhe , que ElRey seu amo o mandava recolher , e retirar da Corte , que pedia a Sua Magest.

Magestade o mandasse segurar até à Praça de Elvas, aonde esperaria, que chegasse a Badajoz o Enviado de Portugal, que estava em Madrid, para que hum, e outro se recolhessem às suas Cortes. ElRey D. Pedro sem dar audiencia ao Enviado, nem lhe mandar dar a joya costumada, pelo attentado, que havia commettido contra as Leys da hospitalidade, não quiz faltar em o mandar segurar até Elvas, e foy com elle o Ajudante da Cavallaria João Pereira Fidalgo com trinta Cavallos. Poucos dias antes do Enviado partir, o Castelhana, que elle havia prezo, e remettido a Castella, chegou voluntariamente a esta Corte a casa do Almirante, que mandou dizer ao Secretario de Estado, que em sua casa estava o homem, que o Enviado prendera. Tanto, que este teve noticia da chegada do homem, buscou ao Secretario de Estado, e lhe disse, que o Castelhana, que elle estava obrigado a repor, se achava em casa do Almirante, e que assim pedia se lhe mandasse soltar o seu criado; porém não se lhe respondeo, e o Enviado partio para Elvas, e depois foy solto o seu criado, que estava na Torre de Belem. Neste mesmo tempo se escreveu a Madrid ao Enviado Diogo de Mendoça Corte-Real, que se recolhesse a este Reyno. Poucos dias depois de lhe chegar esta ordem a Madrid, hum noite entrou em casa do Enviado hum Alcaide de Corte, e lhe disse, que se abstivesse de sair fóra, e com effeito o deteve em casa; e dando conta

Diogo

Diogo de Mendoça por hum Expresso , o Conde das Galveas, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, mandou pôr guardas, e sentinellas ao Enviado, mandandolhe dizer, que não tinha outros Alcaides de Corte, com que poder guardar ao Enviado; porém este quiz tomar como obsequio as guardas, que eraõ reclusão. Achava-se nesta Corte já por Embaixador delRey de França o Marquez de Châteauneuf, que quiz com muita prudencia mostrar, que a Corte de Madrid não procedera contra o Enviado Diogo de Mendoça Corte-Real, porque como estando tão proximo o rompimento da guerra entre as duas Corcas de Portugal, e Castella, tendo ElRey Catholico noticia, que o povo se alterava contra o Enviado Diogo de Mendoça, o mandara guardar, e segurar. Finalmente a 13 de Dezembro do referido anno entrou em Elvas o Enviado Diogo de Mendoça, e o Enviado D. Domingos Capecellatro passou a Badajoz.

Em quanto isto passava em Portugal, se apresentava na Corte de Vienna a jornada do Archiduque, para o que o Emperador seu pay o fez acclamar Rey de Hespanha, e dos mais Dominios pertencentes àquella Coroa a 12 de Setembro de 1703, com o consentimento das Potencias interessadas na grande alliança. E assim com o nome de Carlos III. Rey de Castella sahio da Corte de Vienna, e passando a Hollanda, embarcou em huma Armada, que

que os Alliados tinhaõ prompta para nella passar a Portugal com os soccorros , que se haviaõ estipulado no Tratado , de que fizemos menção. A 7 de Março em huma festa feira do anno de 1704 amanheceo sobre a barra de Lisboa a Armada Ingleza , e Hollandeza , de que era Almirante o Cavalleiro Jorge Rook : entrou toda junta por achar vento , e maré , e foy salvada tres vezes com toda a artilharia das Torres , e Fortalezas da marinha , por onde passou , observando-se em cada huma das salvas colherse a bandeira. A Capitania não respondeo a nenhuma das ditas salvas em quanto não deu fundo , o que fez defronte de Pedrouços , e entãõ salvou com huma andaina de artilharia de estibordo , e outra de bombordo ; e tanto , que a Capitania deu fogo à primeira pessa , poz huma bandeira no estais do masto grande por final à Armada , a qual logo toda salvou , e continuando a salva juntamente por toda a Armada , fez huma fermosa , e agradavel vista pelo bem compassado , com que todos os navios seguiraõ a Capitania. Achava-se nesta Corte o Marquez de Châteauneuf , Embaixador de França , que havia sido testemunha dos grandes aprestos , que se haviaõ feito para receber o Archiduque , de que se não deu por entendido , e de novo propoz huma neutralidade para o Reyno de Portugal , de que pedia a resposta no termo de quinze dias ; neste negociado gastou algum tempo , até que chegando a dar fundo a Armada Ingleza , que condu-

Memorias do Duque
de Cadaval D. Nuno
m. 6, t. XL. pag. 213.

conduzia a ElRey Carlos III. havendo tido audiencia de despedida, partio de Lisboa no dia 8 de Março, passando o Tejo a Aldea-Galega para voltar a Pariz por Hespanha.

Estava ajustado o Ceremonial, que se havia de praticar não só entre ElRey Carlos III. e ElRey D. Pedro II. mas entre huma, e outra Corte, de modo, que regulada a fôrma, não pudesse haver dissabor de nenhuma parte. Nesta conformidade o Conde de Villa-Verde, Védor da Fazenda da repartição da Marinha, foy logo no mesmo dia a bordo da Capitania, e offereceo ao General da parte delRey seu amo tudo o que pudesse necessitar para a sua Armada, que promptamente se lhe daria nos Armazens delRey; e passando a ver a ElRey Catholico, o recebeo na sua Camera em pé, e descoberto, e despedindo-se, o General o acompanhou até o portaló com grandes cumprimentos de huma, e outra parte.

Encarregou ElRey ao Márquez de Marialva, seu Gentil-homem da Camera, que servia de seu Mordomo môr, a quem por este exercicio tocava cumprimentar da sua parte a ElRey Catholico, e ao Duque de Cadaval, Mordomo môr, que fora da Casa da Rainha sua mulher, e se conservava a mesma Casa no serviço de Suas Altezas, que fosse da parte da Rainha da Grãa Bretanha, sua irmãa, e do Principe do Brasil, e dos Senhores Infantes, seus filhos, a dar a boa vinda a ElRey Carlos. Po-

rém o Marquez de Marialva se deteve tanto, que entendendo o Duque, que já teria feito a sua commissão, embarcou em hum bargantim acompanhado do General de Batalha Diogo Luiz Ribeiro, e Tristaõ de Mendoça, Tenente General da Cavallaria da Corte, e em outro bargantim hia hum grande numero de Officiaes de guerra. Chegou já de noite, e o General o esperou ao portaló, e o conduzio acima. Entre as pontes eslava o Principe de Lichtenstein, Ayo, e Mordomo môr delRey D. Carlos, que o conduzio até a primeira Camera, dizendo-lhe, que hia dar recado a ElRey Catholico. Entrou o Duque na segunda Camera, em que eslava ElRey só, em pé, e descoberto, e tanto, que o Duque lhe fez a primeira reverencia, deu ElRey huns passos largos a recebello quasi até o meyo da Camera, e deulhe o Duque o recado, que levava: o primeiro foy o cumprimento da Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina, viuva de Carlos II. Rey daquella Coroa, querendo ElRey D. Pedro, que precedesse ao Principe, e deste foy o segundo, e o terceiro da parte dos Infantes. Depois delRey Catholico haver respondido aos referidos cumprimentos, o Duque fez hum da sua parte, a que ElRey respondeo com grande benevolencia; e tanto, que o Duque fez a reverencia para voltar, ElRey deu outros passos, como na entrada, e o Principe de Lichtenstein o acompanhou até o lugar, em que o havia recebido, e na mesma fórma o General da Armada.

imada. O Marquez de Marialva chegou à Capitania às onze horas da noite em hum bargantim, e outro, em que hiaõ os seus criados, a tempo, que ElRey Catholico estava já recolhido, e voltou sem lhe dar recado, o que fez no outro dia, que era Sabbado.

No Domingo, que se contavaõ 9 de Março, levou ferro a Capitania Ingleza, chamada a *Real Catharina*, em que vinha ElRey Catholico, e veyo dar fundo defronte da Corte-Real, sendo salvada de todos os Fortes da Marinha por onde passou, na mesma fórma, que o fizeraõ as Torres, e mais Fortes na entrada da barra. Tanto que deu fundo, mandou ElRey Catholico ao Principe de Lichtenstein, seu Ayo, e Mordomo môr, a cumprimentar a ElRey, e darlhe o pezame da morte da Infanta D. Theresa sua filha, que a 16 de Fevereiro morreo de bexigas, poucos dias antes de cumprir oito annos. ElRey o recebeu na sua Camera só, e descoberto, e havendo-o tratado com grande benignidade, voltou com a resposta para a Capitania. Na hora, que se havia assentado, sahio ElRey do Paço da Corte-Real, (entaõ andava a Corte de luto pela morte da Senhora Infanta D. Theresa, o que ElRey suspendeo nesta occasiaõ, ordenando, que toda a Corte vestisse de gala por tres dias, e depois tambem aliviou o luto, permitindo, que vestisse de pano branco forrado de preto, que naõ fosse seda) e ornando-se ElRey da sua natural gal-

lhardia, brilhavaõ com ventura os adornos. Hia vestido em corpo com casaca de veludo cor de prata, forrada de seda adamaçada cor de fogo, botoens do mesmo veludo, vestia de veludo cor de fogo, forrada da mesma seda, calções do mesmo, meyas da cor da vestia, çapatos negros com fivellas de diamantes, no chapeo centilho, e prizaõ, e o habito de Christo, tudo de diamantes de hum grande valor. Hia acompanhado de toda a Corte, e das pessoas a que he permittido acompanhar aos Reys em semelhantes occasioens, todas vestidas como elle, segundo a Pragmatica, mas com grande luzimento, e despeza; e vindo pelo passadisso do Paço da Corte-Real para o do Forte, desceo à ponte, que se tinha fabricado do Forte até o mar.

Havia ElRey encarregado a obra desta ponte a D. João da Costa, III. Conde de Soure, seu Provedor das Obras, em quem concorriaõ excellentes partes; porque era naturalmente animado de hum espirito generoso, e com huma actividade taõ viva, que nenhuma cousa lhe parecia difficilosa poder executar; e assim o seu cuidado em breves dias fez construir da parte do mar hum magnifico espaço com huma Cupula, ou Domo, taõ bem executada pelos primores da arte, que era de agradável vista; no fim, aonde fazia principio a entrada da ponte, era dourada, e pintada com grande primor, e guarneçada com Estatuas, e Inscripções proprias do assumpto. O portico por onde se entrava no saguaõ

guaõ do Forte era tambem de admiraveis talhas magnificamente dourado, e pintado. Era esta ponte, ou transito do mar para o Paço, espaçosa, e com tanta largura, e proporções geometricas, que sem confusão, nem embaraço, antes com boa ordem, coube todo o grande acompanhamento de Sua Magestade. A guarda dos Archeiros na fórma costumada estava por hum, e outro lado, e na ultima escada, aonde batia o mar, estava o bargantim Real, e por huma, e outra parte os bargantins para os Grandes, Officiaes, e mais pessoas, que acompanhavaõ a ElRey.

Entrou Sua Magestade em hum bargantim todo ornado de huma bella talha dourada com a Camera guarnecida, e toldo de téla encarnada, e por dentro na mesma fórma com duas cadeiras da mesma téla, com vinte e quatro Remeiros vestidos de grãa guarnecidos de prata, e o Estandarte Real soberbamente bordado. Ao entrar ElRey no bargantim, o Conde de Villa-Verde, a quem pelo lugar de Védor da Fazenda da repartição da Marinha tocava a preeminencia de dar a mão a Sua Magestade, cumprio com aquella cerimonia tendo o melhor lugar. Entraraõ no bargantim o Duque D. Jayme, genro delRey, que ainda naõ era do Conselho de Estado, e poucos mezes depois lhe fez ElRey esta merce; o Duque de Cadaval seu pay; o Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Gentil-homem da Camera, ambos do Conselho de Estado;

Estado ; Dom Antonio Pereira da Sylva , Bispo de Elvas , Secretario de Estado , e não se acharão mais Conselheiros de Estado nesta occasião por estarem impedidos ; o Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes , Gentil-homem da Camera , que servia de Mordomo môr na menoridade do Conde de Santa Cruz D. Martinho Mascarenhas ; o Conde de Vianna D. Joseph de Menezes , Estribeiro môr , e Gentil-homem da Camera , que estava de semana ; e Alvaro de Sousa e Mello , Porteiro môr. Assim , que ElRey se embarcou no bargantim Real , os Grandes , e Officiaes da Casa entraram nos bargantins , e escaleres , que estavam promptos , sem que houvesse precedencias , e em cada huma das referidas embarcações estava hum Capitão de mar , e guerra , ou Tenente das naos da Coroa. Todos os bargantins estavam toldados de varias sedas com os Remeiros vestidos de encarnado : o mar estava todo coberto de barcos , e diversas embarcações , que fazião huma fermosa vista , e pelas bordas da marinha grande numero de povo , soando de todos os navios huma harmoniosa confusão de instrumentos , e trombetas.

O Conde Vêdor da Fazenda mandou ao Patraõ môr fizesse vogar o bargantim Real , e o mesmo fizeraõ todos os de mais escaleres , que acompanhavaõ a ElRey , que havia pouco antes ordenado ao Conde , que mandasse ferrar o Estandarte Real , e ferrado elle pelo Patraõ môr , arreou a Capitania

pitania a bandeira, largando ao mesmo tempo im-
mensidade de flamulas pelas vergas, e enfarceas do
navio, que ficou com bella vista. Tanto, que o
bargantim Real chegou à escada, que na Capitania
mandara pôr o Conde de Villa-Verde, sobiraõ di-
ante todos os que acompanhavaõ a ElRey, fican-
do só detraz o Conde de Vianna, Gentil-homem
da sua Camera, que estava de semana, e o Conde
de Villa-Verde deu a maõ a ElRey ao sobir da es-
cada. No portaló da banda de dentro estava El-
Rey D. Carlos III. acompanhado da sua familia;
e assim, que se avistaraõ os Reys, se deraõ os bra-
ços, e com hum breve cumprimento sobiraõ aci-
ma, ElRey Catholico deu sempre a maõ direita a
ElRey de Portugal, e tambem a porta, e a melhor
cadeira. Entraraõ as Magestades na Camera, em
que naõ havia mais, que duas cadeiras, e hum bo-
fete coberto com hum pano; a em que ElRey se
sentou, lhe chegou o Conde de Vianna, seu Gentil-
homem da Camera, a delRey Catholico o Princi-
pe de Lichtenstein seu Ayo, e Mordomo môr; e
depois de estimarem ambas as Magestades recípro-
camente a occasiaõ daquella vista, e uniaõ, dispa-
rou a Capitania toda a artilharia, e todos os mais
navios da Armada seguiraõ a salva: acabada ella,
deu o Conde de Villa-Verde, Védor da Fazenda,
recado, que o bargantim estava prompto. Levan-
taraõ-se os Reys, e pelo mesmo caminho, porque
haviaõ ido, chegaraõ ao portaló, e fazendo ElRey
cumpri-

cumprimento ao Catholico para que passasse primeiro, o fez assim, e na escada, que descia para o bargantim, lhe deu o Conde de Villa-Verde a mão, e fazendo o mesmo a ElRey de Portugal, entraraõ os Reys no bargantim Real, e o de Castella se asentou à mão direita. O Conde de Villa-Verde mandou vogar o bargantim, e largar o Estandarte Real, e em quanto os Reys estiveraõ no mar, naõ largou a Capitania Ingleza a bandeira, que havia arreado. Entraraõ no bargantim Real de mais das pessoas, que haviaõ acompanhado a ElRey, os Principes de Lichtenstein, o de Darmstad, o Almirante de Castella, e o Conde de la Corsana. No bargantim Real nem à ida, nem à volta houve differença de lugares entre os Grandes, nem preferencia, e todos foraõ em pé. Tomaraõ os Grandes, e mais Senhores da Corte os seus bargantins, e esca-leres, e vieraõ seguindo o Real. O Principe, e os Senhores Infantes D. Francisco, e D. Antonio, acompanhados dos seus Officiaes, e alguns Grandes, desceraõ do Paço, e vieraõ pela ponte ao mesmo tempo, que os Reys desembarcavaõ. As trincheiras, que desde Xabregas até o Forte de Alcantara estavaõ guarnecidas de Infantaria, deraõ tres cargas, e juntamente toda a artilharia. Chegaraõ Suas Altezas, e fazendo primeiro cortezia a ElRey seu pay, a fizeraõ a ElRey Catholico, a quem significaraõ o contentamento, que tinhaõ da sua chegada, e da sua presença, a que ElRey respondeo com

Tom. VII.

Xxx

ben

bem à sua esquerda a do Infante D. Francisco, e em ultimo a do Infante D. Antonio. Detraz da cadeira delRey Catholico se poz o Principe de Lichtenstein, da delRey de Portugal o Conde de Vianna, da do Principe, Fernão de Sousa, Védor da Casa Real, da dos Infantes estavaõ Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, e D. Joseph de Menezes, os quaes haviaõ chegar as cadeiras quando as Magestades, e Altezas, se houvessem de assentar, e esta mesma ordem se observou todas as vezes, que os Reys, e Suas Altezas se ajuntaraõ na Tribuna. Acabado o *Te Deum*, se levantaraõ os Reys, e Suas Altezas, e se encaminharaõ à Camera do quarto, que estava preparado, e soberbamente adereçado para ElRey Catholico. Na Camera havia cinco cadeiras postas na fórma referida, mas a do Principe chegou-a o Duque de Cadaval. Acabada a visita se recolheu ElRey, e Suas Altezas ao Paço da Corte-Real pelo passadisso, acompanhados de toda a Corte. Naquella noite houve luminarias, e nas duas seguintes, com salvas de artilharia das Torres, e Fortes, que guarnecem a Cidade. Suspende-raõ-se os Tribunaes por tres dias, ordenando ElRey, que fossem à presença delRey de Castella a felicitaremno da sua vinda, e entraraõ assim como chegaraõ sem guarda, nem ordem, nem precedencia, e foy o primeiro, que entrou, o Senado da Camera, e o ultimo a Casa da Supplicação.

Havia-se assentado, que as Magestades Portu-
gueza,

gueza, e Catholica, o Principe, e o Senhor Infante D. Francisco haviaõ de cear juntos em publico; e assim à hora determinada voltou ElRey com o Principe, e Infante, e entrando na Camera delRey Catholico, sahiraõ todos para a mesa: o Conde de Assumar, Veador da Casa delRey, que tinha sido nomeado para assistir a ElRey Catholico, ordenou aos Moços da Camera fossem buscar as iguarias, e depois de feita a cerimonia da prova, deu recado às Magestades, e pôstos os Reys, e Principes à mesa, antes de se assentarem, no topo da banda, aonde estava ElRey Catholico, benzeo a mesa D. Pedro de Sousa, Dom Prior de Guimaraens, Sumilher da Cortina, por impedimento do Capellaõ môr. D. Pedro Alvares da Cunha, Trinchante da Casa Real, fez à mesa o seu officio, e a ElRey Catholico servio o Conde de Althen, seu Gentil-homem da Camera. Mandou ElRey de Portugal cobrir os Grandes, e em quanto durou a mesa, os Musicos da Capella Real em huma casa separada cantaraõ muito suavemente. Acabada a mesa, o mesmo Sumilher posto no lugar referido, foy dar graças a Deos, e em quanto o fez, Suas Magestades, e Altezas, estiveraõ em pé, e acabadas as graças, se recolheraõ, e tornaraõ com ElRey de Castella até a sua Camera, e alli se despediraõ: ElRey Catholico sahio com Sua Magestade, e Altezas até a casa de fóra, e rogandolhe ElRey, que ficasse, o fez, e Sua Magestade com seus filhos se recolheo para o Paço

da Corte-Real, acompanhados na fôrma costumada.

No dia seguinte, que era segunda feira 10 de Março, foy ElRey D. Pedro acompanhado de toda a sua Corte visitar a ElRey Carlos, que o veyo esperar na terceira casa da Camera do Paço, em que estava, e sempre ElRey de Portugal lhe deu a porta, e a melhor cadeira, por huma convenção, que se havia assentado entre o Duque de Cadaval, e o Almirante de Castella, e havia sido firmada por ambos em nome de seus Senhores. Nella se declarava, que em todas as partes deste Reyno, teria a preferencia ElRey Catholico; porque tambem em todas as partes do seu Reyno, elle daria o melhor lugar a ElRey de Portugal. Entrou este na Camera delRey de Castella, onde os criados de cada hum lhes chegaraõ as cadeiras na fôrma, que se havia determinado; a casa se despejou, e depois de breve tempo, Sua Magestade Portugueza se levantou, e Sua Magestade Catholica veyo com elle até sahir da casa, em que lhe tomou a visita, que era aonde tinha a sua cama; e depois de passar a porta para a segunda casa, ElRey rogou a ElRey de Castella, que se deixasse ficar, e assim o fez. No outro dia foy ElRey Catholico ver a ElRey ao Paço da Corte-Real acompanhado da sua familia, e o veyo esperar à terceira casa acompanhado de toda a Corte, e voltaraõ para a em que tinha a cama, aonde só entraraõ os criados, que chegaraõ as cadeiras, obser-

observando-se o mesmo ceremonial em tudo, como na visita passada. Neste mesmo dia foy o Principe com os Senhores Infantes visitar a ElRey Catholico, e sahiraõ do Paço da Corte-Real pelo passadisso, acompanhados dos Officiaes da Casa, e dos Grandes, e nesta visita praticaraõ com ElRey Catholico o mesmo, que havia praticado ElRey seu pay com o mesmo Monarcha. Chegaraõ-lhe as cadeiras ao Principe o Duque de Cadaval, e aos Infantes os seus Veadores; e porque succedeo declarar-se, que havia bexigas no Paço da Corte-Real, jantaraõ Suas Altezas nas casas do Arco, que chamaõ do *Ouro*, de D. Antonio da Costa, Armeiro mór, e à noite se recolheraõ à Quinta de Alcantara acompanhados do Duque, seu Mordomo mór e de Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, seu Veador.

Neste mesmo dia o Almirante Rook mandou a terra o Contra-Almirante Dilkes para cumprimentar a ElRey da parte da Rainha Anna da Grãa Bretanha, e foy levado à audiencia por D. Paulo Methwin: ElRey o recebeo com agrado, e despedido, teve depois audiencia delRey Catholico. Teve tambem audiencia delRey o Duque de Schomberg, General das Tropas Inglezas, que haviaõ de servir neste Reyno, e lhe apresentou a Milord Portmore, e todos os mais Generaes, e Officiaes daquela Coroa, que acharaõ em ElRey huma doce benignidade, de que ficaraõ muy satisfeitos.

No

No dia seguinte, que era o de 12 de Março; mandou ElRey D. Pedro hum Gentil-homem da Camera saber como tinha passado ElRey Catholico. O Camerista entrou na sua Camera, e estando ElRey Catholico em pé, e descoberto, lhe deu o recado, e recebeu a resposta. Seguiu-se outra visita com a mesma formalidade da parte do Principe, e Infantes, cujo recado levou o Duque seu Mordomo môr; e todos os dias pela manhã mandavaõ os dous Reys saber hum do outro, e a satisfazer à visita do Principe, e Infantes, foy o Principe de Lichtenstein da parte delRey Catholico a Alcantara, os quaes o receberaõ em pé, e descobertos, e lhe deraõ a resposta com muita affabilidade. Neste mesmo dia desembarcou o Almirante Rook com todos os Officiaes principaes da sua Armada, e teve audiencia delRey no Paço da Corte-Real, e foy levado por D. Paulo Methwin, e Sua Magestade os recebeu com demonstrações de estimação, de quem o Almirante Rook se despedio muy obrigado.

Havia Sua Magestade mandado ao Conde de Assumar, Veador da sua Casa, para assistir a ElRey Catholico, exercitando o seu officio: e assim nomeou a D. Carlos de Noronha para servir de Porteiro môr, com os Porteiros da Cana necessários para assistirem, e para Porteiro da Camera a Miguel Diogo da Gama; e a João de Seixas, seu Manticeiro, com os Moços da Camera, e Reposteiros
necessa-

necessários para aquella assistência. Nos primeiros dous dias levarão os Moços da Camera as iguarias para a mesa delRey Catholico, e o serviraõ da mesma maneira, que he uso, e costume no nosso Reyno; porém depois o serviraõ os seus Pagens, que hiaõ com a sua guarda buscar as iguarias, e o serviraõ os seus criados à mesa, e sómente ficou o Mantieiro delRey, Joaõ de Seixas com a mantearia, e Reposteiros, e por sua ordem se punha a mesa, e tudo o mais, que pertencia à mantearia, em quanto durou esta hospedagem.

No Paço se accommodaraõ os criados precisos para o serviço delRey Catholico, como também algumas pessoas de mayor supposição, que aposentou o Conde de Santiago, Aposentador mór. Ficaraõ no Paço os Principes de Lichtenstein, e Darmstadt, o Almirante de Castella, e alguns criados Alemaens, de que eraõ os principaes os Condes de Althen, Colloredo, e Sinsendorf, e o Marquez da Laufrani, Gentis-homens da Camera, o Conde de Ulfeld, Capitão da Guarda, e a todos se lhe concertaraõ os seus quartos com grande magnificencia, e com o mesmo apparato foraõ servidos nas mesas, que eraõ differentes, conforme a categoria das pessoas, e dos lugares, sendo servidos pelos Reposteiros de Sua Magestade Portugueza; e tudo o que pertencia à hospedagem delRey Catholico, dentro no Paço, encomendou Sua Magestade se seguisse a direcção, e ordem do Conde de Assumar, que

que com admiravel disposiçaõ ordenou tudo de forte, que todos foraõ tratados com muita grandeza, e todo o tempo, que ElRey Catholico assistio em Portugal, foy hospedado por conta, e despeza de Sua Magestade, que foy em tudo magnifica, com huma grande abundancia de iguarias, vinhos, e licores, e huma incrivel profusaõ, de forte, que se gastavaõ cada mez cem mil cruzados.

Haviaõ-se preparado os presentes, que ElRey, o Principe, e Infantes, haviaõ de mandar a ElRey Catholico: pelo que ordenou ElRey D. Pedro ao Conde de Vianna, seu Estribeiro mór, que da sua parte fosse offerecer a ElRey Catholico doze cavallos. Sahiraõ estes das Cavalhariças da Corte-Real com mantas de veludo carmesim guarnecidas com franjas de prata, e os quatro cantos bordados, e sobre a anca com humas cifras grandes de prata, e bridoens, e ferraduras tambem de prata: levavaõ-nos os moços, que tratavaõ delles, com hum Sota das mesmas Cavalhariças, que hia atraz a cavallo. O Conde de Vianna sahio do Paço da Corte-Real, e pelo passadisso entrou na Camera delRey Catholico a darlhe o recado de Sua Magestade. ElRey Catholico depois de agradecer, e estimar muito os cavallos, disse, que os queria ver: o Conde o levou a huma janella, que cahia para o Terreiro do Paço, da qual vio os cavallos, e os gabou muito, e de novo os tornou a agradecer ao Conde, e logo alli ordenou ao Principe de Lichtenstein os mandasse

dasse recolher, e ter nelles grande cuidado. Mandou dar aos moços, que os levavaõ, duzentas moedas de ouro, do valor de quatro mil e oitocentos, que elles naõ aceitaraõ, como tinhaõ por ordem.

No mesmo dia, que era hum Sabbado 15 de Março, foy o Duque de Cadaval, Mordomo mór de Suas Altezas, a offerecerlhe da sua parte o presente, que lhe mandavaõ. ElRey Catholico o recebeu na sua Camera, e depois de lhe dar o recado, e responder, ElRey dando as graças a Suas Altezas, disse ao Duque, que desejava, que lhe mostrasse, o que Suas Altezas lhe mandavaõ, e sahindo à casa de fóra os quatro Moços da Camera, que levavaõ as bandeijas, as puzeraõ sobre dous bofetes, que estavaõ prevenidos. O presente do Principe era hum espadim de ouro guarnecido de diamantes, e o do Infante D. Francisco duas pistolas, todas guarnecidas de ouro, e diamantes, e o do Infante D. Antonio hum bastaõ guarnecido de diamantes, tudo obra de grande custo, e primor; e o do Infante D. Manoel constava de luvas, e outras cousas de ambar, feitas com admiravel perfeiçaõ, e cada peçça destas hia de per si em huma bandeija de ouro, coberta com huma toalha de ló. Vio ElRey o espadim, e depois de o gabar muito, ordenou ao Principe de Lichtenstein, que lhe tirasse o que tinha à cinta, e lhe puzesse aquelle; e ficando com o bastaõ na maõ, tornou a dizer ao Duque a estimaçaõ, que fazia da attençaõ de Suas Altezas. Depois dis-

to, e poucos dias antes delRey D. Carlos fahir de Lisboa, em attençaõ das pessoas, que conduzirão estes presentes, mandou ao Duque huma fonte de prata, que tambem era relógio, e ao Conde de Vianna hum relógio tambem de grande artificio, guardado de prata, que tambem era espelho.

Desejava ElRey Catholico fahir ao campo, mas achava-se impossibilitado por não ter cavallos para montar a guarda de Corpo, que trazia, nem para a sua comitiva: e dando-o o Principe de Lichtenstein a entender ao Conde de Assumar, ElRey mandou ao Conde de Vianna, seu Estribeiro mór, que das Cavalhariças dêsse todos os cavallos, que fossem necessarios para a familia delRey Catholico, e ordenou ao Duque Mestre de Campo General, que das tropas de Lisboa mandasse para a guarda todos os necessarios, de sorte, que em huma segunda feira 4 de Abril pode ElRey Catholico fahir em publico a cavallo. Acompanhou-o o Almirante, o Principe de Lichtenstein, o Conde de la Corfina, e toda a Corte, não havendo naquelle acompanhamento preferencia, e só de traz delRey Catholico hia o Conde de Ulfeld, Capitão da sua guarda de Corpo, com huma esquadra de vinte cavallos. O Conde de Assumar, Veador da Casa Real, dizendo-lhe ElRey Catholico, que folgaria o acompanhasse, o fez, e assim foy até o sitio de Pedrouços. Em outro dia querendo ElRey Catholico ir ver o Convento de Belem, baixou u do Paço acompanhado

panhado da sua Corte, e da sua Guarda ao pateo da Capella, e alli entrou no coche, levando na cadeira de diante ao Principe de Lichtenstein, seu Ayo, e Mordomo môr, à mão direita, e da esquerda o Almirante de Castella, e o Principe de Darmstad no estribo esquerdo, e levava outro coche com Gentis-homens da sua Camera: o Conde de Assumar se adiantou partindo primeiro, que El-Rey. Os Religiosos o receberam com *Paleo*, *Reliquia*, e *Te Deum*, da mesma sorte, que recebem os Reys deste Reyno, menos na Oração: *Regem nostrum*. Vio o Convento, e os Religiosos lhe ofereceram hum refresco, que elle não aceitou, e recolhendo-se ao Paço, o foram buscar doze Moços da Camera com tochas, e o foram allumiando até acima. Teve El-Rey D. Pedro noticia pelo seu Confessor o Padre Sebastião de Magalhaens, a quem o Principe de Lichtenstein havia representado, que El-Rey Catholico se achava com falta de dinheiro, porque se retardavam as remessas, que esperava: pelo que El-Rey D. Pedro lhe mandou gratuitamente cem mil patacas, que se entregaram à ordem do Principe de Lichtenstein.

Neste anno de 1704 a 26 de Abril compriu El-Rey D. Pedro cinquenta e seis annos. El-Rey Catholico pela manhã o foy ver ao Paço da Corte-Real com toda a sua Corte de galla, e depois de cumprimentar a El-Rey foram ambos para a Tribuna da Capella, e juntamente o Principe, e In-

fantes; e acabada a Missa, se recolherão os Reys. Deve-se saber o modo, com que estes Reys se juntavaõ quando hiaõ à Tribuna. Vinha Sua Magestade do Paço da Corte-Real, e na casa, que lhe parecia, que costumava ser na que está antes da que chamaõ da *Galé*, se detinha em quanto ElRey Catholico chegava à casa, que tambem se chama *do Conselho de Estado*; e na outra casa, que se lhe segue, se encontravaõ os dous Reys, e quando voltavaõ, no mesmo lugar se despediaõ.

Na tarde do mesmo dia dos annos de Sua Magestade mandou ElRey Catholico ao Picadeiro os seus Trombetas, e Timbaleiros, vestidos com luzidas librés, a celebrarem os annos de Sua Magestade com os seus instrumentos, e lhe mandou dar huma consideravel somma de dinheiro, que elles não aceitaraõ. Nesta mesma tarde o Principe de Lichtenstein disse ao Conde de Assumar, que a Corte delRey Catholico desejava ter a honra de ir cumprimentar a Sua Magestade ao Paço da Corte-Real, para o que lhe pedia mandasse abrir o passadiffo: abrio-se este, e foy toda a Corte delRey Catholico vestida de galla com grande pompa, em que hia o Almirante de Castella, o Principe de Darmstad, o de Lichtenstein, o Conde de la Corssana, já Grande de Hespanha, e os de mais Gentis-homens da sua Camera, e Officiaes, e pessoas de distincão, e pararaõ todos na gallaria da Corte-Real. O Principe de Lichtenstein pedio pelo Conde de Vianna,

Vianna, que estava de semana, audiência a Sua Magestade, que sahindo à casa, aonde a costumava dar, lhe fallou sem pôr o chapeo. O Principe de Lichtenstein lhe disse, que ElRey Catholico seu amo mandava a sua Corte assistir no Paço de Sua Magestade, em obsequio daquelle dia, cuja celebriedade elle festejava, como devia: e depois de Sua Magestade com palavras de estimação lho agradecer, passou ao quarto do Principe, e Infantes a fazerlhes as mesmas expressões, e Suas Altezas o receberam na mesma forma, que ElRey seu pay. Da Corte delRey Catholico, só o Principe de Lichtenstein fallou a Sua Magestade, e Altezas, e todos se detiverão na gallaria até à noite, e se recolherão pelo mesmo passadisso, que estava allumiado com tochas em tocheiras de prata. Temos com alguma individuação referido o que então se passou na vinda delRey Carlos III. a Portugal, como materia, que costuma ser poucas vezes succedida, ver-se a junção de Reys; e assim se fará agradável ao Leitor, o instruir-se do Ceremonial, que se observou, e de tudo o mais, que na nossa Corte então se passou. No fim deste mez de Abril declarou ElRey Dom Pedro ao Duque de Schomberg, (que pouco durou no serviço deste Reyno por lhe succeder Milord Conde de Gallovay) e ao Barão de Fagel, por Mestres de Campo Generaes dos seus Exercitos, dando ao mesmo tempo a outros Generaes Inglezes, e Hollandezes, semelhante graduação

ção nas suas Tropas, conforme os póstos, que exercitavaõ nas suas, rolando a mesma igualdade com os nossos Cabos nacionaes, por evitar disputas, conforme o que se havia ajustado pelo Tratado, e tambem porque as pessoas, e experiencias militares os faziaõ dignos daquella merce.

Era o fim da vinda delRey Carlos, como já dissemos, introduzirse na Monarchia de Hespanha, o que facilitaraõ tanto os seus parciaes, que lhe assistiaõ, que achavaõ escusados todos os aprestos, que se faziaõ para a Campanha; e em breve tempo se defenganaraõ, vendo os poucos, que estavaõ à sua devoção, como os malcontentes por fins particulares espalharaõ, dizendo estes, que o mesmo seria apparecer ElRey Carlos na Raya, que divide Portugal de Castella, que daremlhe obediencia os Póvos, e as mesmas Tropas passarem a unir-se com as suas, porque raro seria dos Hespanhoes, que não seguisse a sua voz, acclamando a sua pessoa.

Memorias do Duque
de Cadaval m. f. tom.
XI. pag. 140.

Depois de varios pareceres, e não conformes, resolveo ElRey D. Pedro partir para a Provincia da Beira, seguindo o projecto ideado de ser esta a parte, por donde se havia de introduzir ElRey Carlos naquella Monarchia, ainda que primeiro se fizesse as preparações da guerra pela Provincia do Alentejo. Depois delRey chegar a Santarem, fez huma promoção de Conselheiros de Estado, em que creou de novo os seguintes: a D. Joseph de Lencaestre, Inquisidor Geral, e seu Capellaõ mór,

môr, Ruy de Moura Telles, Arcebispo Primaz, D. João de Sousa, Arcebispo de Lisboa, D. Simão da Gama, Arcebispo de Evora; aos Marquezes de Marialva D. Pedro de Menezes, de Cascaes Dom Luiz Alvares de Castro, das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, e de Niza D. Francisco Balthasar da Gama; aos Condes de Vianna Dom Joseph de Menezes, de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, de Val de Reys Lourenço de Mendonça, de Villa-Verde D. Antonio de Noronha, de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, de Sarzedas Dom Luiz da Sylveira, das Galveas Diniz de Mello de Castro, e o da Castanheira Simão Correa da Sylva; a Garcia de Mello, Monteiro môr, e a D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda Alemã, e havia dous mezes antes feito do Conselho de Estado ao Duque de Cadaval D. Jayme, seu genro. Neste grande lugar estava então sómente o Duque de Cadaval Dom Nuno Alvares Pereira, o Marquez de Arronches, o de Alegrete, o Conde de Alvor, e o de Castello-Melhor, que antes o havia sido, e depois o exercitou. Encarregou na sua ausencia o governo dos seus Reynos à Rainha da Grãa Bretanha sua irmã.

Elegeo ElRey para o acompanharem a Manoel Telles da Sylva, Marquez de Alegrete, D. Pedro de Menezes, Marquez de Marialva, D. Joseph de Menezes, Conde de Vianna, D. Francisco Xavier de Menezes, Conde da Ericeira, Dom
Anto-

Antonio Joseph de Mello, Conde da Ponte, D. Rodrigo da Sylveira, Conde de Sarzedas, Fernão Telles da Sylva, Conde de Villar-Mayor, Manoel Telles da Sylva seu filho primogenito, tambem Conde de Villar-Mayor, João Gomes da Sylva, Conde de Tarouca, Aleixo de Sousa, Conde de Santiago, D. Pedro de Noronha, Conde de Villa-Verde, D. João de Almeida, Conde de Affumar, D. Thomás de Lima, Visconde de Villa-Nova da Cerveira, D. Pedro de Castellobranco, Conde de Pombeiro, D. Martinho Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, Dom Jeronymo de Ataíde, Conde de Atouguia, e Dom Rodrigo Telles de Menezes, Conde de Unhão, que de Santarem pedio licença para o acompanhar. Alguns destes tambem eraõ Officiaes da Casa, que he preciso nomear. O Marquez de Marialva, Mordomo môr, e Gentil-homem da Camera, o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera, o Conde de Vianna, Estribeiro môr, e Gentil-homem da Camera, o Conde de Affumar, Veador da sua Casa, D. Pedro de Sousa, Dom Prior de Guimaraens, Sumilher da Cortina, D. Joseph de Almada, Sumilher da Cortina, Fr. Pedro de Lencastre, Esmoler môr, D. Pedro da Cunha, Trinchante, João Gonçalves da Camera Coutinho, Almotacel môr, o Conde de Santiago, Aposentador môr, Francisco de Mello, Monteiro môr do Reyno, D. Lourenço de Almada, Mestre Salla, D. Antonio da Costa, Armador môr, o Conde

Conde de Pombeiro, Capitão da Guarda Portuguesa, Diogo de Mendça, Secretario das Mercês, e Expediente, para exercitar a occupação de Secretario de Estado; e de Fidalgos foraõ Antonio Telles da Sylva, filho segundo do Conde de Villar-Mayor, e Thomé de Sousa Coutinho, filho de Fernão de Sousa, Veador da Casa Real, depois Conde de Redondo. As pessoas referidas, que acompanharaõ a ElRey, tiveraõ Cartas firmadas da sua Real maõ, na fórma, que se póde ver nas Provas.

Prova num. 75.

Havia nomeado para Capitaens da sua Guarda de Corpo aos Condes de Assumar, de Tarouca, de Sarzedas, e o Visconde de Villa-Nova da Cerveira, de que tiraraõ Patentes pelo Conselho de Guerra, com a graduacão de Tenentes Generaes da Cavallaria, os Tenentes com a de Capitaens de Cavallos, os Alferes com a de Tenentes, os Furrieis com a de Alferes, e os Cabos de Esquadra com a de Furrieis. Nomeou, já na Beira, para levarem as ordens com o nome de Ajudantes delRey, ao Conde de Villar-Mayor Fernão Telles, ao Conde de Prado D. João de Sousa, ao Conde de Atalaya D. Pedro Manoel, e ao Conde de Atouguia D. Jeronymo de Ataide. Para Governadores das Armas das Provincias tinhaõ sido nomeados a 24 de Junho do anno antecedente de 1703, para a Beira o Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, para o Minho o Conde de Atalaya D. Luiz Ma-

Tom. VII.

Zzz

noel,

noel, para Traz dos Montes o Conde de Alvor Francisco de Tavora, a de Alentejo governava o Conde das Galveas Diniz de Mello de Castro, todos do Conselho de Estado, e na da Estremadura ficava o Duque de Cadaval, Mestre de Campo General junto à Pessoa. O Reyno do Algarve governava o Conde de Avintes D. Antonio de Almeida. A D. Fernando Mascarenhas, Marquez de Fronteira, se encarregou o governo da Marinha de Belem até Cascaes: a Torre de Belem, na ausencia do Conde de Atalaya, ao Conde da Ribeira Grande Dom Joseph Rodrigo da Camera: para a Praça de Setuval foy Ayres de Saldanha de Sousa, e para a de Peniche D. Fernão Martins Mascarenhas, que havia sido Governador da India.

No mez de Abril passou ElRey D. Philippe V. de Madrid a Placencia para se pôr em Campanha. Naquella Cidade imprimio a declaração da guerra contra ElRey de Portugal, e o Archiduque Carlos, com a data de 30 de Abril de 1704, que se publicou em Madrid a som de trombetas, com a sua costumada formalidade. Sobre esta declaração, fez ElRey D. Pedro imprimir hum Manifesto a favor delRey D. Carlos III. mostrando os justos motivos, que o obrigavaõ àquella guerra, que logo fez imprimir na lingua Castelhana, e se espalhou por Hespanha, e para ser notorio a todas as Nações da Europa se imprimio outro na lingua Latina com este titulo: *Iusta Lusitanorum, pro vindi-*

vindicanda Hispanorum libertate Gallico dominatu oppressa; e continha mais largamente o mesmo, que o Hespanhol. Passou ElRey D. Filippe depois a Alcantara a 5 de Mayo, e marchou com o seu Exercito contra Portugal, o qual mandava o Duque de Berwik, Marichal de França, e era composto a mayor parte de Cabos, e Tropas Francezas. Não estavaõ as nossas cousas em estado de se poder formar promptamente o Exercito pela parte da Beira; e assim não lhe foy difficil occupar algumas pequenas Praças daquella Provincia, como foy Salvaterra, que era das mais expostas, e visinha de Alcantara, pelo que a 7 de Mayo a fez investir pelo Conde de Aguilar, e o Marquez de Thovi, e a 8 se rendeo o Governador com a guarnição prisioneira de guerra; e escrevendo o General ao Governador de Segura, seguiu aquelle mau exemplo, e lhe dizia, que não expozesse a guarnição a ser passada à espada, resistindo sem força a hum Exercito Real. Continuou o inimigo de se aproveitar da dilação, que as nossas Tropas tiveraõ de sair em Campanha; e assim tomaraõ alguns Castellos, e Povoações, sem resistencia alguma, excepto Monsanto, e Idanha a Nova, que foy por assalto. Entraraõ em Castello-Branco, e passando o Tejo em Villa-Velha, onde lançaõ huma ponte de barcas, entrou o Exercito dos inimigos na Provincia de Alentejo, tendo primeiro já entrado na mesma Provincia o Principe de Tserclaes Tylli, e unindo-se os

dous Exercitos, ganharaõ Portalegre, e depois o Marquez de Villa Darias Castello de Vide, e se apoderaraõ de alguns Lugares abertos, e Praças de pouca defençaõ, o que naõ conservaraõ, porque logo deixaraõ humas, e outras, e se recuperaraõ tanto que os nossos se puzeraõ em campo, e em estado de lhe disputar aquellas emprezas. Como com effeito fez o Marquez das Minas, Governador das Armas da Beira, que vencendo algumas difficuldades, por se haverem feito os Armazens pela parte de Alentejo, sahio de Almeida, e se poz em marcha a 2 de Junho, e chegando à Aldea da Ponte lhe foy preciso dilatar-se alli dous dias, para refrescar as Tropas das grandes marchas, que haviaõ feito: e tendo alli noticia, que a Villa de Fuente Ginaldo se achava com todo o precioso dos moradores de Arganhaõ, que he humas das mais ferteis, e ricas campanhas do Reyno de Castella, ordenou ao Tenente General da Cavallaria o Conde de S. Joaõ Luiz Bernardo de Tavora, que com seiscientos Cavallos, e outros tantos Granadeiros, fosse logo atacar aquella Villa. E supposto, que a povoação era de quatrocentos visinhos, e estava bem guarnecida de Infantaria paga, e miliciana, com sua trincheira, e paliçada, e muy boas cortaduras nas ruas; o Conde de S. Joaõ excitado do ardor do seu espirito, executou com tal valor, o que lhe mandaraõ, que sem embargo da resistencia, a entrou com o primeiro assalto, e a rendeo à merce, sem

sem capitulação alguma, com tanta felicidade, que não perdeu mais, que hum Soldado. Deu-se a Villa a sacco aos Soldados, perdoando porém ao muito, que se havia recolhido às Igrejas, em que se não tocou por ordem, que o Conde levava do Marquez Governador das Armas; mas ainda assim foy o sacco rico, e tão importante, que os Soldados vieraõ bem providos, e contentes. A preza dos gados foy muy consideravel, porque os boys passaraõ de mil, e o numero do gado miudo com grande excessõ. E continuando a marcha, e chegando ao sitio das Talliscas, hum legoa de Penamacor, teve noticia, que o inimigo havia marchado de Castello-Branco para a Raya de Castella, e que as guarnições, que tinhaõ na Idanha, e alguns Lugares abertos, se haviaõ retirado para o seu Exercito. E supposto, que a guarnição da Villa de Monsanto, que constava de cento e cincoenta Francezes, tivesse ordem para se retirar, o não pôde fazer, porque o Marquez se anticipou, mandando na noite de 9 do referido mez trezentos Infantes com os Paizanos daquelle Lugar a atacallos, os quaes degollaraõ todos os Francezes, que acharaõ fóra do Castello; e tendo os inimigos noticia, de que os nossos estavaõ atacando o Castello, marchou para os foccorrer D. Francisco Ronquillo, General deste Exercito, e que governava as Armas, do que teve noticia o Marquez no dia 11 pelas onze horas da manhã, e que o inimigo se poria em
poucas

poucas horas sobre a nossa gente , que atacava o Castello : pelo que mandou logo pegar nas armas, e marchou com a Cavallaria na vanguarda , dando ordem à Infantaria , que o fosse seguindo ; e assim com huma arrebatada marcha se achou o Marquez com a Cavallaria formada diante do inimigo, e vendo, que já haveria pouco mais de huma hora de dia , marchou para elle ainda antes da Infantaria ser metida em batalha ; mas estando já junto à segunda linha da Cavallaria , procuraraõ os inimigõs pelo seu lado esquerdo , em que se achava a mayor parte dos Officiaes da sua Cavallaria , e o melhor della , atacar o nosso lado direito , em que estava o Marquez Governador das Armas ; porẽm foraõ rechaçados depois de hum vigoroso combate : e supposto, que fizeraõ hum grande esforço pelo seu lado esquerdo contra o direito , pertendendo por esta parte meter a nossa linha em confusão ; o Marquez com todos os Cabos , Officiaes, e Soldados , se houve com tal valor, que naõ só rechaçou os deste lado esquerdo , mas tambem os do direito , pondo-os em precipitada fogida , que foraõ seguidos da nossa Cavallaria , em quanto houve dia , para a parte da Idanha a Velha , onde de noite tomaraõ o caminho da Sarã para Castella com grande desordem, deixando muitas barracas , armas , e equipagens dos Officiaes , e tres Estendartes , que lhe ganhámos, pondo fogo na Idanha a alguma parte da bagagem. Nesta derrota da Cavallaria inimiga perderaõ muita

ta gente , entre elles seis Capitaens de Cavallos, seis Tenentes , e muitas pessoas de distincão , entendendo-se , que à sua parte entre mortos , e prisioneiros chegaria a trezentos homens. Dos nossos, entre mortos , e feridos, foram somente cincoenta, e hum dos feridos foy o Capitão das Guardas do Marquez João Dantas da Cunha , e o Ajudante Alexandre Palhares , e o Tenente da Companhia de Antonio Carlos de Castro. O Marquez das Minas não lhe soffrendo o ardor do seu grande coração satisfazer com as obrigações de General, passou a exercitar as de valeroso Soldado com tal esforço , que recebeu varias feridas, levando hum em hum braço , e hum contusão na cabeça: porém o inimigo, que o havia ferido, não pode gloriarse de o haver feito, porque acabou alli. Acharão-se tambem nesta occasião os Condes de Alvor, e Atalaya, que estavam com os soccorros das suas Provincias, e obraram com todo aquelle costumado valor , e prudencia , com que sempre acreditaram os seus nomes , e o mesmo fizeram os Condes de Prado, e Atalaya D. Pedro Manoel , e todos os mais Cabos , e Officiaes do Exercito. Depois, que mandou o Marquez das Minas atacar a Villa , e Castello de Monsanto, como fica dito a 9 do mesmo mez , continuaram os do Castello a defenderse valerosamente; o que vendo o Marquez, o mandou atacar pelo Tenente do Mestre de Campo General Francisco Ferraõ de Castellobranco com quatrocentos

centos Granádeiros; e porque o sitio do dito Castello he quasi inexpugnavel, e se achava com muitos mantimentos, ordenou o Marquez ao Quartel Mestre Francisco Pimentel, que ajuntando algumas faxinas, procurasse queimarlhe as portas, o que assim se executou; e vendo os inimigos queimadas as portas, se retirou ao interior delle para fazer capitulação, o que o Marquez das Minas lhe não admittio, e ficaraõ prisioneiros de guerra, e rendido o Castello em 14 do referido mez. Constava a guarnição de cento e cincoenta Francezes com dous Capitaens de Infantaria, quatro Tenentes, e hum Alferes: da nossa parte ficou morto o Sargento mór do Terço de Antonio de Sá de Almeida, e ferido em huma perna o Quartel Mestre Francisco Pimentel, e mais dez Soldados feridos. No Castello se acharaõ muitas armas, e bayonetas, e varias munições de guerra, e boca. Na Provincia de Alentejo, de que era Governador das Armas o Conde das Galveas, querendo reparar os damnos, que os inimigos no principio desta Campanha haviaõ feito no Termo da Villa de Serpa, e visinhança de Moura, destruindo a Alca Nova, e Villa de Santo Aleixo, mandou a Francisco de Mello, Governador da Villa de Moura, que fizesse huma entrada pelo Condado de Niebla, e o puzesse à obediencia delRey Carlos; e assim com o Terço do Algarve, e com dous de Auxiliares, e algumas milicias, levando tres peças de artilharia, duzentos cavallos,

vallos, e quatrocentas egoas, que por todos os Soldados fariaõ o numero de quatro mil homens: entregou a Cavallaria a seu irmão Joseph de Mello; e no dia 25 de Julho chegaraõ à Villa de Alqueria, que por outro nome chamaõ *Puebla de Gusman*, povoação de mais de novecentos visinhos, distante quatro legoas da nossa Raya, defendida com hum Forte regular de quatro baluartes, presidiado por tres Companhias, o qual se poz em defenfa, ainda que naõ muy vigorosa: o que vendo Francisco de Mello, lhe mandou hum recado, que senaõ cessassem de atirar com a artilharia, havia de passar todos os seus moradores à espada; e avisinhando-se Francisco de Mello, sem disparar tiro para o Forte, os cercados lhe mandaraõ algumas pessoas a dizer, que elles já se rendiaõ. Foy entrada a Villa, e havendo os seus moradores recolhido muitos moveis às Igrejas, mandou Francisco de Mello, que nellas se naõ entrasse, e que se guardasse o decóro ao sexo feminino, o que tudo se observou pontualmente; e foy saqueada toda a Villa, (excepto o que estava nas Igrejas) e mandou pôr fogo à povoação, eximindo as casas dos Ecclesiasticos, e recolhendo-se com trezentos prisioneiros, entre os quaes era o Governador da Praça, e dous Capitães, trazendo o Estandarte do Forte, e muitas armas; e vindo arrebanhando a Campanha, conduzio della mais de dez mil ovelhas, e o sacco foy muy consideravel por ser a Villa muy rica. Os

Soldados Infantes todos trouxeraõ, o que puderaõ carregar, naõ só elles, mas hum grande numero de mulas, que alli tomaraõ: e os da Cavallaria trazia as garupas taõ cheas de despojos, que mal podiaõ com ellas; os Soldados tomaraõ muitas armas, e Francisco de Mello naõ quiz cousa alguma para si. Na mesma Provincia no mez de Agosto o General da Cavallaria D. João de Lencastre, com hum destacamento de mil e duzentos cavallos, rendeo Barcarota, pequena Praça junto de Olivença, e por naõ ser saqueada se compoz pela contribuiçaõ de sete mil patacas.

Em hum Sabbado, que se contavaõ 28 de Mayo do anno de 1704, sahio ElRey D. Pedro de Lisboa para a Beira, e baixando do Paço da Corte-Real acompanhado de toda a Corte, entrou no coche, e levando consigo ao Principe D. João, e aos Serenissimos Infantes D. Francisco, D. Antonio, e D. Manoel, foy fazer oraçaõ à milagrosa Imagem da Madre de Deos, e depois de feita oraçaõ, entrou no coche com seus filhos, acompanhado do Marquez de Marialva, Mordomo môr, e do Conde de Vianna, Estribeiro môr. Parou o coche ao chafariz de Arroyos, aonde se dividem as duas estradas de Sacavem, e Loures, aqui se apartou de seus filhos, e revestido de Magestade, com animo constante vencia o amor de pay; mas os poucos annos de Suas Altezas, naõ se podendo separar do pay, com todos os affectos indispensaveis
ao

ao amor, se pegaraõ ao estribo do coche, rogando-lhe, que os levasse na sua companhia, porque era impossivel a separaçãõ. ElRey ultimamente diffimulando os affectos da natureza, e revestida a Magestade de severidade, imperiosamente mandou a seus filhos, que tomassem o coche, em que se haviaõ de recolher para o Paço: e fazendo caminho pelo da Rainha de Inglaterra sua tia, que acharaõ tambem magoada, e saudosa, se recolheraõ à Corte-Real acompanhados do Duque de Cadaval, seu Mordomo môr, e de Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, Veador da sua Casa. Continuou ElRey a sua jornada pela estrada de Loures, e foy dormir à Castanheira, e foy dentro de poucos dias a Santarem, onde visitou a milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Piedade, e foy adorar o Santo Milagre, que prodigiosamente se conserva por taõ grande numero de annos. Nesta Villa esperou a ElRey Carlos, que partio de Lisboa a 30 de Mayo, acompanhado da sua Corte, e conduzido pelo Conde de Assumar, Veador da Casa de Sua Magestade Portugueza, por cuja despeza se continuou o gasto da jornada da mesma maneira, que se fazia em Lisboa. O dia, que chegou àquella Villa ElRey Catholico, o foy Sua Magestade esperar hum quarto de legoa fóra da Villa acompanhado de toda a Corte, e marchando juntos, chegaraõ a Santarem. ElRey foy com ElRey Catholico até às casas de D. Francisco de Sousa, que lhe estavaõ pre-

venidas para seu aposento , e ElRey se recolheo às do Conde de Unhaõ aonde estava pousado. Nesta Villa se deteve ElRey até o mez de Agosto, no qual a 3 partio para Coimbra, deixando a ElRey Catholico molestado de huma leve queixa, que durou alguns dias. Havia ElRey ordenado ao Conde de Assumar, que o avisasse da desejada melhora delRey Catholico, como tambem do progresso, que corria a molestia, a que sobreveyo febre, e ultimamente se declarou tiricia, com que se suspendeo a jornada delRey Catholico para Coimbra. Sabendo-se da sua molestia em Lisboa, a Rainha da Grãa Bretanha, que havia ficado com a Regencia do Reyno, mandou logo a Santarem ao Conde de Vimioso D. Francisco de Portugal, para que da sua parte significasse a ElRey Catholico o grande cuidado, com que estava na sua queixa; e o Principe, e Infantes fizeraõ o mesmo por Gastaõ Joseph da Camera Coutinho, seu Veador, os quaes dando os recados a ElRey Catholico, voltaraõ com as repostas a Lisboa, aonde tinhaõ ficado muy poucos Fidalgos, que a pezar das instancias, que fizeraõ de acompanhar a ElRey, para o que todos estavaõ prevenidos, foraõ obrigados por Cartas firmadas por sua Real maõ, assistirem à Rainha Regente, e Principe, prevenindo-se para alguma invasaõ, que pudesse haver por mar nas nossas Costas.

Sahio ElRey de Santarem no referido dia;
que

que era hum Domingo, com toda a sua Corte, e foy dormir a Rio-Mayor, dando sempre pelo caminho mesa de Estado a todos os seus Criados, e Officiaes da Casa, e tambem aos Fidalgos, que voluntariamente queriaõ ir comer a ella. A primeira mesa era servida pelos Reposteiros, como he costume; e a segunda dos Capellaens da Capella, e Moços da Camera, pelos Moços da Prata. No dia seguinte entrou na Cidade de Leiria, e pousou nas casas do seu Bispo D. Alvaro de Abranches, o qual com muita grandeza mandou prover as ocharias de carnes, frutas, e doces, e o mesmo fez depois a ElRey Catholico. Deteve-se ElRey hum dia em Leiria, e seguindo a sua jornada, passou a Pombal, dahi a Condeixa, e foy a Coimbra. Antes de entrar na Cidade, como a estrada, que seguia, passava pelo Mosteiro de Santa Clara, pouco antes de chegar a elle, o esperava o Reytor da Universidade D. Nuno Alvares Pereira de Mello com alguns Lentes, que por ser tempo de ferias, e a mayor parte dos Lentes teremse recolhido a suas casas, por esta causa não fez a Universidade mayores demonstrações. Quiz ElRey entrar na Igreja, e apeando-se do coche a fazer oração à Rainha Santa Isabel, seguiu a jornada, e à entrada da Cidade estava a Camera de Coimbra em cerimonia, e depois de hum Oraçãõ, entregou as chaves a ElRey hum Vereador, como he costume; e com luminarias, e repiques, applaudio a sua chegada, obsequio,

sequio, que em toda a parte, que entrava, lhe faziaõ com fiel affecto os seus leaes Vassallos.

Determinou ElRey ver, e adorar o Sagrado Corpo da Rainha Santa Isabel, sua gloriosissima ascendente, que depois de tantos seculos se conserva incorrupto; e assim acompanhado de toda a Corte, foy à Igreja de Santa Clara, onde por ser a Tribuna pequena, ordenou, que ficassem na Igreja os Grandes, e Officiaes da Casa, e que só sobissem com elle os Conselheiros de Estado, que soraõ o Duque de Cadaval, os Marquezes de Marialva, e Alegrete, os Condes de Villa-Verde, e Vianna, e o Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real, e D. Pedro de Sousa, D. Prior de Guimaraens, Sumilher da Cortina, que estava de semana: e porque haviaõ de ser seis dos Grandes, que tirassem o tampo do caixaõ, se avisou ao Conde de Santiago, que sobisse à Tribuna com Sua Magestade, a quem o Conde de Vianna pertendeo pelo cargo de Conselheiro de Estado preceder ao de Santiago; porém ElRey resolveo, que havia preceder o Conde de Santiago por mais antigo. Tem o caixaõ tres chaves, a primeira tem ElRey, a segunda o Bispo de Coimbra, e a terceira o Guardiaõ de São Francisco da Ponte. Com a chave delRey o abriu Diogo de Mendoça Corte-Real, Secretario de Estado, com a do Bispo o Deaõ de Coimbra Antonio Monteiro Paim por se achar a Sé Vacante, e com a terceira o mesmo Guardiaõ da Ponte, em
cujo

cujo poder estava. Tirado o tampo do primeiro caixaõ, que he de prata com crystaes, se tirou tambem o caixaõ, em que está o Corpo, e aberto elle, beijou Sua Magestade a mão à Santa Rainha, naõ só com a veneração merecida de sua Santidade, mas com o affecto, e memoria de sua ascendente: seguiu-se os Conselheiros de Estado na fórma, em que se costumaõ preceder, depois o Conde de Santiago, e o Sumilher D. Pedro de Sousa, e os mais Grandes pela sua antiguidade, e depois os Officiaes da Casa, havendo-se disposto tudo por avisos do Secretario de Estado. Encerrado o Santo Corpo, se recolheu ElRey com toda a sua Corte à Universidade. Depois foy ElRey em publico, acompanhado de toda a Corte, ao Mosteiro de Santa Cruz, e sendo recebido, na fórma do ceremonial, com grande authoridade, fez oração, vio os sepulchros dos Inviçtos Reys D. Affonso I. e D. Sancho I. seus gloriosos predecessores, e entrou a ver o Convento; e assim vio tambem outros Conventos na mesma Cidade.

Antes de Sua Magestade sair de Coimbra, Prova num. 76. lhe pareceo fazer merce às Escolas de algum tempo por lho pedirem os Estudantes; e em attenção ao applauso, com que festejaraõ a sua entrada naquella Cidade, como tambem ao alvoroço, com que esperavaõ a ElRey Catholico, lhe fez graça de seis mezes aos naturaes do Reyno, e aos do Ultramar de oito: foy passado o Decreto a 17 de Agosto

Agosto de 1704. Achava-se a Cadeira da Igreja de Coimbra vaga pela morte do seu Bispo D. João de Mello, e o Cabido Sede Vacante mandou espontaneamente offerecer a Sua Magestade hum donativo de mil moedas, por duas Dignidades da sua Cathedral, que ElRey agradeceo, e aceitou a offerta, e se entregaraõ à ordem de Sua Magestade; o Reytor da Universidade lhe offereceo quatorze mil cruzados das rendas da mesma Universidade, que ElRey aceitou, e agradeceo, e ordenou, que se mandassem receber, e se applicassem da mesma maneira, que os doze mil cruzados do Cabido, para pagamento dos Soldados. A Abbadessa do Mosteiro de Santa Clara mandou a Sua Magestade hum magnifico presente de diversos doces, que Sua Magestade lhe mandou agradecer, e ordenou se repartissem pelos Grandes, Fidalgos, Officiaes da Casa, e Ministros, que o acompanhavaõ. A Camera da Cidade tambem lhe mandou outro grande presente em demonstraçaõ do seu rendimento. Sahio ElRey da Cidade de Coimbra a 23 de Agosto acompanhado de toda a sua Corte, e foy dormir à Vacariça, e no outro dia, que era Domingo, foy a Bussaco, deserto dos Carmelitas Descalços, onde se vive em grande observancia. ElRey naturalmente pio, se agradou muito da amenidade do sitio, e dos santos exercicios, em que frequentemente se vive naquelle deserto, servindo a Deos; e depois de venerar aquelle Santuario, e de pedir aos
Reli-

Religiosos, que o encommendaſſem a Deos, ſe recolheo a Vacariça, de donde continuou a ſua jornada para a Cidade da Guarda, na qual entrou a 30 de Agoſto. Tinhaſe preparado a caſa para a ſua aſſiſtencia o Conde de Santiago, Apoſentador môr, como havia feito em todas as partes, em que ElRey pernoitou; e aſſim agora tinha preparado o Seminario da Cidade para habitação de Sua Mageſtade, entregandolhe a chave da ſua Camera por preeminencia do ſeu officio.

No dia 27 de Agoſto do referido anno, em huma quarta feira, chegou ElRey Catholico à Cidade de Coimbra, e ſe apoſentou no Palacio da Universidade. O Reytor o foy eſperar com os Lentes fóra da Cidade por cima de Santa Clara, aonde chamaõ Noſſa Senhora da Eſperança: alli ſe apeou o Reytor da ſua liteira, e acompanhado do corpo da Universidade cumprimentou a ElRey Catholico: parou elle o cavallo, e com o chapeo na mão, o ouviu, e reſpondendo ao cumprimento, o Reytor, e Lentes ſe puzeraõ a cavallo, e foraõ acompanhando a Sua Mageſtade Catholica, não havendo entre elles preferencia por aſſim o ter determinado ElRey de Portugal. Nas portas da Cidade da banda de dentro eſtava o Senado da Camera da Cidade, e o Vereador Manoel do Valle fez a pratica, e lhe entregou as chaves da Cidade: ElRey tirando o chapeo, lhe poz a mão, e diſſe ao Vereador as tornaſſe a recolher: e ſendo recebido com to-

das as demonstrações de alegria, danças, e folias, com que o povo applaudia a sua vinda, guarnecidas as ruas das Ordenanças da Cidade, passou por entre duas alas de Infantaria ao Palacio da Universidade, que lhe estava preparado. No dia 29 foy ElRey Catholico ouvir Missa ao Mosteiro de Santa Clara, e alli o receberam com Palio, e *Te Deum laudamus*, sem oração alguma, por ser esta cerimonia devida sómente ao Rey natural. Passou ElRey Catholico da Igreja à Tribuna a adorar o Corpo da Santa Rainha, para cujo effeito se mandou entregar ao Reytor da Universidade a chave, que tocava a Sua Magestade Portugueza, e as outras tinhaõ os mesmos a quem pertencia, como já dissemos. Sobio ElRey Catholico à Tribuna com o Almirante de Castella, o Principe de Lichtenstein, e outros seus criados, a quem ElRey encarregou o servissẽm naquella função: aberto o caixaõ pelas pessoas, a quem tocavaõ as chaves, venerou ElRey Catholico com grande piedade aquella prodigiosa Reliquia, e permittio, que a sua familia sobisse à Tribuna a adoralla. Foy ElRey à Capella da Universidade ouvir Missa, aonde foy recebido com *Te Deum*, e Reliquia, e na mesma fórma no Mosteiro de Santa Cruz, no Collegio da Companhia, e outros, que ElRey foy ver. O Cabido lhe offerceo hum presente, que constava de grande numero de caixas de doces, e o Geral de Santa Cruz lhe mandou outro grande presente de doces, frutas, caças, e ou-

e outras carnes. No primeiro de Setembro, em hum segunda feira, sahio ElRey Catholico de Coimbra tomando o caminho para a Cidade da Guarda, acompanhado do Reytor na mesma fórma com os Lentes quando entrara na Cidade. Hum quarto de legoa mandou ElRey Catholico por hum Page dizer ao Reytor, que se podia recolher: apeou-se o Reytor da liteira, chegou ao coche delRey, que lhe fallou com o chapeo na mão, inclinado alguma cousa da cadeira, em que estava assentado, e assim se despedio. Antes de chegar à Cidade da Guarda, ElRey D. Pedro o foy esperar a cavallo com toda a Corte meyo quarto de legoa: avistaraõ-se os dous Reys, e se fallaraõ com a costumada urbanidade. ElRey Catholico, que tambem vinha a cavallo, foy à mão direita delRey; o Almirante de Castella, e mais Senhores Alemaens, acompanharaõ a Suas Magestades adiante, sem haver preferencia, e atraz hia o Principe de Lichtenstein, e à sua mão esquerda o Conde de Vianna, Estrebeiro môr, e o Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera, que estava de semaná, e à sua mão esquerda Milord Conde de Galoway, que no principio de Agosto tinha chegado a este Reyno para General das Tropas de Inglaterra, o qual acompanhava a ElRey Catholico. Foy recebido com todas as demonstrações de obsequio, e na porta da Cidade o aguardava o Senado da Camera, onde o Vereador mais velho Antonio das Povoas de Brito

Tom.VII. Bbbb ii tinha

tinha em hum prato dourado as chaves da Cidade, e parando os Reys com os cavalloos, se encaminhou para ElRey de Portugal, que lhe disse as offerecesse a ElRey Catholico, e fazendo-o assim, ElRey Carlos as tomou, e tornou a pôr no prato : a Cidade o salvou com descargas da artilharia, e deixando ElRey de Portugal ao de Castella na casa, que tinha prevenido, se recolheu à sua. Havia ElRey declarado, que o Duque de Cadaval, Mestre de Campo General da Extremadura junto à sua pessoa, por hum Carta escrita a 28 de Junho de 1703, exercitasse o mesmò posto junto à sua Real pessoa, em qualquer parte destes Reynos, onde se achasse ElRey : pelo que lhe ordenou, que em applauso da celebridade, com que naquelles tres dias se festejava a chegada delRey Catholico, lhe fizesse o obsequio de lhe ir tomar o Santo, e assim o fez naquelles tres dias; porém na Campanha, o tomou sempre a ElRey de Portugal, e na mesma Tenda o passava ao Baraõ de Fagel, Mestre de Campo General : e duvidando os Inglezes recebello do Baraõ de Fagel, o Conde de Galoway, seu General, mandou ao seu Mestre de Campo General Windon o tomasse do Duque. No tempo, que os Reys se detiveraõ nesta Cidade, se visitaraõ reciprocamente, mandando-se cumprimentar com grande cuidado, na mesma fórma, que já temos dito.

Achava-se na Praça de Almeida o Marquez das Minas, Governador das Armas da Beira, maltratado

tratado dos olhos, por cuja causa se deteve em ir à Corte; porém tanto, que cessou a enfermidade, foy logo informar a Sua Magestade de todas as couzas da sua Provincia. O Conde de Alvor, Governador das Armas de Traz os Montes, que se achava no Quartel de Trancofo, e o Conde de Atalaya, Governador das Armas do Minho, que estava no de Pinhel, forão ambos a beijar a mão a Sua Magestade, e na mesma fórma os mais Cabos, e Officiaes do Exercito, sahindo da sua Real presença satisfeitos, e contentes da honra, que experimentavaõ no agrado, e benevolencia delRey. Em hum Sabbado 20 de Setembro sahiraõ os Reis da Guarda para o Exercito, que se achava junto da Praça de Almeida, e ainda que por differentes caminhos, chegaraõ no mesmo dia. ElRey de Portugal chegou primeiro às quatro horas da tarde ao Exercito, que logo vio, passando pela vanguarda da primeira, e segunda linha, e depois foy esperar a ElRey Catholico, e o encontrou antes de chegar à ponte do Rio Coa, e passando ambos os Reis pelo Exercito, o de Portugal levou ao Catholico ao seu alojamento, e despedido d'elle, se recolheu à sua Tenda. Na Campanha, como nas outras partes, se visitaraõ os Reis da mesma maneira, que sempre. Tanto, que entraraõ nos Dominios da Coroa de Hespanha, logo ElRey Catholico cedeu o melhor lugar a ElRey de Portugal; e assim continuaraõ até o Exercito tornar a entrar em Portugal. Em

26 do referido mez fez o Exercito a primeira marcha , e a pouco se reconheceo , que os inimigos tinhaõ occupado os póstos das passagens do Rio Agueda , que impedia totalmente a determinação da empresa de Ciudad Rodrigo. Determinou El-Rey de Portugal pôr em Conselho esta materia , e avisando a El-Rey Carlos , que esperava por elle para o Conselho , que no dia de antes estava assentado entre ambas as Magestades , veyo El-Rey Catholico à Tenda del-Rey de Portugal , em que entraraõ o Duque de Cadaval , o Marquez das Minas , ambos do Conselho de Estado ; o Principe de Lichtenstein , Ayo , e Mordomo mór del-Rey Catholico , o Conde de Ulfeld , Capitaõ da sua Guarda , o Almirante de Castella , o Conde Galoway , General das Tropas Inglezas , o Marquez de Alegrete , do Conselho de Estado , D. João de Lencastre , do Conselho de Guerra , General da Cavallaria de Alentejo , o Conde de Villa-Verde , do Conselho de Estado , o Conde de Alvor , do Conselho de Estado , o Baraõ de Fagel , Mestre de Campo General do Exercito , e General das Tropas de Hollanda , o Marquez de Marialva , do Conselho de Estado , o Conde de Vianna , do Conselho de Estado , o Conde de la Corssana , e o Secretario de Estado Diogo de Mendoça Corte-Real , e todos tiveraõ assento em cadeiras de couro razas , na mesma fórma , que se usa no Conselho de Estado. E propondo-se , se se havia de continuar a empresa de Ciudad

Ciudad Rodrigo, se consideraraõ as difficuldades de ter o inimigo occupado os pórtos da passagem do Rio Agueda, e acharse com o seu Exercito encostado àquella Praça: pelo que pareceo uniformemente, que se continuassem as marchas, e se chegasse ao rio, para que tomando quartel perto delle, se observaria melhor os movimentos do inimigo, e com este parecer se conformaraõ os Reys. Porém ElRey de Portugal se achava já sentido de ver, que lhe faltava o que tantas vezes haviaõ promettido, e ratificado o Almirante de Castella, e o Conde de la Corssana, que tanto, que chegasse o nosso Exercito à Raya de Castella, não ficaria naquella Reyno pessoa, que se não passasse a Portugal, de que tambem alguns Ministros Portuguezes se haviaõ persuadido, dizendo a ElRey, que sem golpe de espada, haviaõ de conquistar Hespanha. Estas, e outras circumstancias na occasiaõ presente, deraõ motivo a alguma impaciencia a ElRey: pelo que queria, que a todo o risco se forçassem os pórtos do Rio Agueda, e passasse o Exercito à outra banda: e cansado das persuasoens, que o zelo, e amor dos seus Ministros lhe faziaõ, determinou reconhecer elle mesmo as difficuldades do porto. E tendo-o intentado, foy preciso, que voltasse, por não ser cortado dos inimigos, porque com valor incrível expoz a sua Real pessoa. No dia seguinte, quatro de Outubro, marchou o nosso Exercito ao rio: governava a linha da vanguarda o Duque

Duque de Cadaval, e a segunda o Conde de Alvor, e depois de duas horas de combate com a artilharia de hum, e outro Exercito, na mesma Campanha chamou ElRey a Conselho aos Ministros, e Generaes, que alli se achavaõ, a saber: o Duque de Cadaval, os Marquezes das Minas, de Marialva, e Alegrete, os Condes de Vianna, de Villa-Verde, de Alvor, de Atalaya, D. Joaõ de Lencastre, o Principe de Lichtenstein, o Almirante de Castella, Milord Galoway, e o Baraõ de Fagel, aos quaes ElRey D. Pedro quiz persuadir, que se naõ devia de desistir de passar o rio; porém a todo o Conselho pareceo (depois de ponderadas muitas razoes, e motivos) o contrario, excepto ao Marquez das Minas, que sustentava, se naõ devia de desistir de passallo: o Almirante de Castella o contrariou, e o Duque de Cadaval, mostrando, que se naõ devia intentar. ElRey Catholico approvando, o que se tinha vencido, disse, que os mesmos motivos, que se haviaõ discorrido, eraõ o fundamento para se conformar, reconhecendo o acerto, com que haviaõ votado aquelles Ministros, e Generaes, e que se dava por satisfeito, pois os interessados na causa commua entendiaõ, que era contra ella o que Sua Magestade pertendia executar; a que ElRey hum pouco sentido, respondeo ao Catholico, que daquella maneira naõ seria Rey de Hespanha, e voltaria para Alemanha. ElRey Catholico mostrou no semblante naõ lhe agradar reposta taõ desabrida.

Hum

Hum illustre Author muy conhecido pela sua muita erudição , que escreveo huns *Commentarios* desta guerra com admiravel estylo , padeceo grande equivocação nas nossas cousas , trocando lastimosamente este, e outros successos , tal vez porque as diversas missões , em que andou occupado fóra de Hespanha , fossem o motivo de ser tão mal informado , do que nella se passou. O successo , que referimos , succedeo na fórma , que acima fica escrito , contado pelos mesmos Generaes , que se acharão naquelle Real Conselho , de que só o Marquez das Minas se conformou com a vontade del Rey D. Pedro , votando se não retirasse o Exercito , e buscasse o dos inimigos , a que se oppuzeraõ todos os mais Generaes , que alli se acharaõ , Portuguezes , e Estrangeiros , com quem El Rey Carlos se conformou , como temos dito. E se , como refere o mesmo Author , foy prejudicial esta resolução aos interesses dos Alliados , que podiaõ entrar , como elle diz , livremente por Castella , e turballa muito ; claramente se tira , que Deos queria conservar no throno de Hespanha a El Rey Philippe , e por isso foraõ inevitaveis estes , e outros erros daquella guerra.

Estava o Exercito acampado junto ao Lugar de Guinaldo , e determinando-se , que não se devia continuar a Campanha , por se haver anticipado o Inverno , e serem grandes as chuvas , retrocedendo a marcha , acampou junto à Praça de Alfayates , de donde El Rey D. Pedro passou à Cidade da Guar-

da, e dalli continuou a jornada para Lisboa. Passou ElRey Catholico à Guarda, aonde já não achou a ElRey de Portugal, que tinha partido para Lisboa, e seguindo a jornada até a Villa de Santarem, achou a ElRey ainda nesta Villa, e nella ficou depois delRey continuar a jornada para Lisboa: e havendo passado alguns dias, depois de ElRey de Portugal estar na Corte, lhe mandou dizer, que desejava accommodar-se na Quinta, que o Conde de Aveiras tinha no sitio de Belem, a qual logo se lhe poz prompta. Na Provincia de Alentejo, por estar impedido o Conde das Galveas seu Governador das Armas, foy nomeado o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, Capitão General da Armada, do Conselho de Estado, para governar o Exercito, que acampou sobre o rio Sever, e poz em contribuição as Villas de S. Vicente, Ferrera, e outros Lugares.

Chegando ElRey D. Pedro a Lisboa a 17 de Novembro do referido anno de 1704, o Principe com os Infantes seus irmãos, o forão esperar ao Campo Grande, e depois de lhe tomarem a benção, e Sua Magestade ter o gosto de ver seus filhos, forão todos a fazer oração à milagrosa Imagem da Madre de Deos, e logo à da Senhora das Necessidades. Tendo ElRey cumprido com a piedade, e devoção daquellas visitas, passou com Suas Altezas ao Paço da Rainha da Grãa Bretanha, que com grande satisfação recebeo a ElRey seu irmão, e
acaba-

acabada a visita, se recolheu com seus filhos ao Paço da Corte-Real. A 17 de Dezembro, em huma quarta feira, chegou ElRey Catholico à Quinta do Conde de Aveiras, e logo no mesmo dia o foy cumprimentar da parte de Sua Magestade o Conde de Vianna, e depois de elleisahir, entrou o Duque de Cadaval a darlhe a boa vinda da parte da Rainha D. Catharina, do Principe, e dos Infantes. O Conde de Assumar teve ordem para assistir em Belem, o que elle fez continuando aquella assistencia, de forte, que merecia o agrado delRey seu Amo, justamente devido ao zelo do Conde, e ao modo, com que sabia agradar a ElRey Catholico. Continuaraõ os Reys sempre em boa correspondencia, mandando por muitas vezes reciprocamente saber hum do outro, e na mesma fórma, da Rainha de Inglaterra, do Principe, e Infantes; e assim se visitavaõ muitas vezes, e ElRey Catholico o fazia tambem algumas à Rainha da Grãa Bretanha.

Havia ElRey Dom Pedro muito antes de ir para a Campanha padecido humas somnolencias fórra do tempo, e horas do descanso, e ainda que ElRey facilmente cahia no somno, cresceo sempre de maneira, que nos despachos, e na força dos mayores negocios, se achava preocupado do somno em fórma, que o não podia vencer, e continuava o achaque, não sem grande cuidado, e reparo dos seus criados, e Ministros, que lhe assistiaõ, de que o zelo de alguns, revestido do amor, com que o ser-

Tom. VII.

Cccc ii

viaõ,

Memorias m.f. do Duque de Cadaval D. Nuno, tom. XI. pag. 258.

viaõ, o advertiaõ, e naõ bastava a advertencia para diminuir a propensaõ, que se originava de vapores, que sobiaõ à cabeça; porque naõ era facil todo o cuidado de os poder emendar. Procedeo este achaque de hum defluxo de estillicido, a que El-Rey era fogeito muitas vezes, e durando mais tempo, dous mezes antes de partir para a Campanha, se queixou por vezes da garganta, até que ultimamente crescendo a inflammaçaõ, teve Sua Magestade difficuldade em engolir, e com ella se fogeitou a usar de alguns medicamentos leves, e os seus Medicos julgavaõ necessarios outros, a que El-Rey se naõ queria fogeitar, já pela repugnancia natural, que tinha a remedios, como tambem por entender lhe deteria a cura a brevidade, com que queria ir à Campanha. Finalmente a 27 de Dezembro, se achou totalmente rendido da queixa, e se fogeitou à disposiçaõ dos Medicos, e antes de se principiar a cura, que lhe haviaõ determinado ser mais conveniente, se começou a aggravar a doença de sorte, que no dia primeiro de Janeiro, que era huma quinta feira, do anno de 1705, amanheceo Sua Magestade com muito somno, e mayor febre: foy logo sangrado naquella manhã, e seguiraõ-se a esta sangria mais tres. Aggravaraõ-se os symptomas no discurso do dia de maneira, que recearaõ os Medicos se constituisse apopletico, e foraõ uniformemente de parecer, que se sacramentasse. Participou o Padre Sebastiaõ de Magalhaens, Confessor del-Rey, o parecer

recer dos Medicos, e o que haviaõ assentado: Sua Magestade, que era naturalmente pio, quiz logo commungar da Freguesia, e fazendo-se Conselho de Estado, pareceo, que na sua Camera entrassem só os Conselheiros de Estado, e os Sumilheres da Cortina Nuno da Cunha de Ataide, e Dom Joseph de Almada; para exercitarem o seu officio, administrandolhe o Santissimo Viatico o Capellaõ môr D. Fr. Joseph de Lencastre, com assistencia dos referidos Sumilheres, o que assim se executou. E recebido o Santissimo Viatico com singular piedade del-Rey, e com grande edificação, dos que lhe assistiaõ, o Principe com toda a Corte acompanhou o Santissimo à Freguesia dos Martyres. Eraõ sete horas da noite, quando ElRey recebeo o Santissimo Viatico, e suspendeo-se a Unção por parecer dos Medicos. Era neste tempo Nuncio Apostolico nestes Reynos D. Miguel Angelo Conti, Arcebispo de Tarso, (depois Cardeal, e Papa Innocencio XIII.) que se achava notificado por ordem da Rainha da Grãa Bretanha, quando na ausencia delRey ficou governando o Reyno, para que não entrasse no Paço, nem fosse admittido pelo seu Conferente a tratar negocio algum, por haver mandado notificar aos Padres da Companhia sobre a satisfação dos quindennios, que o Papa pertendia lhe pagassem de certas Igrejas, que a Companhia possuía em Portugal. No dia seguinte depois ao em que ElRey havia recebido o Santissimo Viatico, man-

mandou o Nuncio dizer ao Duque de Cadaval, que era seu Conferente, que desejava lhe houvesse permissão de Sua Magestade para ir a huma das antecameras do seu Paço, a saber do Gentil-homem da Camera, como Sua Magestade estava. O Duque lhe escreveo, que Sua Magestade dizia, podia ir à sua Real presença, e darlhe a absolvição, e Indulgencias concedidas no artigo da morte. Na mesma manhã da festa feira, foy o Nuncio ao Paço, e na casa immediata à Camera delRey, lhe poz a estola hum seu Capellaõ, e lhe deu o Ritual para a absolvição. Chegou à ilharga da cama delRey, e em pé, depois de repetir a Confissão, perguntou a Sua Magestade, se queria receber as Indulgencias, que elle lhe podia communicar naquella hora: ElRey lhe fez sinal com a cabeça, de que as queria receber, e por estar muy embaraçado da falla, se valeo a sua piedade daquella demonstração. Depois do Nuncio haver applicado a ElRey as Indulgencias, e acabada a cerimonia, lhe disse o seu grande sentimento de o ver naquelle estado: ElRey abraçou o Nuncio com grandes mostras de piedade, e o Nuncio lhe correspondeo com todas aquellas demonstrações, que cabião no respeito, e no sentimento. Passou ElRey o dia com tanto trabalho, que os Medicos entenderaõ, que nelle acabava a vida; e assim às oito horas da noite tomou a Unção, que lha administrou o Parocho da Freguesia de Nossa Senhora dos Martyres, porque o
Capellaõ

Capellaõ môr era muito velho : pelo que se determinou fosse o Parocho , assistindo D. Joseph de Almada , Sumilher da Cortina , que alimpava os Oleos . Na noite teve algum alivio , porém no dia seguinte começaraõ os Medicos a temer o mesmo , e lhe applicaraõ remedios violentos , que foraõ bem succedidos , principalmente a tintura do ouro potavel , que lhe mandou ElRey Catholico . Vendo-se ElRey taõ prostrado , nomeou a Regencia do Reyno na Rainha sua irmãa , na mesma fôrma , que quando fora para a Campanha . Neste mesmo dia , que era Sabbado 3 de Janeiro , foy ElRey Catholico saber de Sua Magestade : naõ lhe fallou , mas sim ao Principe , que o recebeo na casa do Docel , debaixo do qual se puzeraõ duas cadeiras . Neste mesmo dia veyo a Rainha da Grãa Bretanha , e na mesma noite , na presença do Duque , e dos Cameristas , o Confessor delRey entregou ao Bispo de Elvas , Secretario de Estado , o Testamento , e Codicillo de Sua Magestade , o qual havia feito no anno antecedente na Cidade da Guarda . Fizeraõ-se preces publicas em todas as Igrejas da Cidade ; em algumas esteve o Senhor exposto , e nellas concedeo o Nuncio por hum Edital Indulgencias a todos os que confessando-se , e commungando , rogassem a Deos pela saude delRey . Na Cidade se fizeraõ muitas Procissoens com Imagens milagrosas , e todas hiaõ à Capella Real : o povo em grande multidaõ , e com geral sentimento acompanhava
com

com muita devoção as Procissões, pedindo a Deos a vida delRey. A Santissima Imagem do Senhor com a Cruz às Costas, que vulgarmente chamaõ dos *Passos*, veyo do Mosteiro de Nossa Senhora da Graça, e ficou na Capella sete dias, e concorrendo immensa multidaõ de gente, se continuavaõ as preces.

Era ElRey muy devoto da milagrosa Imagem de Nossa Senhora das Necessidades, que fica em hum Ermida fóra da Cidade, onde costumava ir todos os Sabbados a visitalla, e pedir-lhe a sua protecção: pelo que inflammado da sua devoção, pediu, que lha trouxessem, e assim se executou, vindo a Santissima Imagem em Procissão, e se collocou em hum Altar na mesma Camera de Sua Magestade, que ficou livre do perigo, mas continuou a doença com diversos symptomas, que davaõ, que discurrer aos Medicos. Desejou ElRey mudar de sitio, e parecendo conveniente aos Medicos as casas do Conde de Vimioso, em hum Sabbado, que se contavaõ 14 de Fevereiro do referido anno, passou do Paço da Corte-Real para aquelle sitio, onde sobrevindo diversos incidentes à saude de Sua Magestade, continuaraõ os remedios. O desejo, que todos tinhaõ da saude, e vida delRey, fez entender pela mudança o desejado effeito da melhoria: pelo que o Senado da Camera fez hum Procissão publica, que sahio da Cathedral de Lisboa em 20 de Fevereiro, acompanhada do Clero, e Religioens,
e se

e se recolheu na Igreja de S. Domingos. Pareceo a Sua Magestade, que se devia repor a Imagem de Nossa Senhora das Necessidades na sua Ermida, para o que se convocaraõ todas as Religioens ao Paço da Corte-Real, onde foy a Capella Real com Cruz, e se fez aviso aos Grandes, e a outras pessoas, na fórma do estylo; ordenou, que os Grandes, e Conselheiros de Estado, haviaõ de levar o andor, e depois da Capella cantar o *Te Deum*, se poz em ordem a Procissão, e sahindo do Oratorio do Paço da Corte-Real, foy levada a Imagem à sua Ermida em Domingo 28 de Fevereiro. O Principe, e Infantes acompanharaõ a Procissão, indo detraz do Andor vestidos de gala, para o que tambem teve aviso a Corte. No outro dia foraõ Suas Altezas à Ermida de Nossa Senhora, acompanhados da mesma Corte, e houve Missa cantada em acção de graças, e prégoou o Arcebispo de Cranganor D. Diogo da Annunciação Justiniano.

Vendo ElRey, que a mudança do sitio não tinha sido remedio, antes lhe tinhaõ sobrevindo outras molestias, cuidou em passar para Azeitaõ; porém não parecendo conveniente aos Medicos, e reconhecendo gosto em ElRey de ir para a Quinta de Alcantara, onde lhe mostrava a experiencia, que padecia menos defluxos, não tiveraõ os Medicos duvida, em que fizesse a mudança, e em 12 de Março passou Sua Magestade das casas do Conde de Vimioso para aquella Quinta, onde com diversos

medicamentos, em poucos mezes, teve melhora, conhecendo-se com mais forças, e mais nutrido, de forte, que começou a sair fóra, montar a cavallo, e ir à caça: pelo que se suspenderaõ por entaõ os remedios, que se tinhaõ determinado, que totalmente se deixaraõ, porque cessou o achaque, que taõ grande cuidado deu a todos os seus Vassallos.

Neste anno de 1705 faleceo a 5 de Mayo o Emperador Leopoldo I. Achava-se na nossa Corte ElRey Carlos seu filho, que logo mandou participar a ElRey D. Pedro esta noticia. E supposto se naõ tinha recebido ainda a conta delRey dos Romanos, como he costume entre todas as Coroas, serem semelhantes noticias mandadas pelos successõres; pareceo a ElRey, que achando-se ElRey Catholico nesta Corte, que lha participava, e que pelo parentesco, que havia entre elles, Sua Magestade, e Altezas, deviaõ fazer as demonstrações costumadas. ElRey se encerrou por oito dias, que começaraõ a 16 de Junho do referido anno, tomando luto de capa comprida por dous mezes, e tres de capa curta; este luto se estendeo a toda a Corte, sómente nas pessoas, e naõ nas familias. Achava-se ElRey outra vez doente da grande molestia, que acabámos de referir: pelo que mandou ao Marquez de Alegrete, seu Gentil-homem da Camera, que fosse ao Paço delRey Catholico, que ainda estava na Quinta do Conde de Aveiras, e Sua Magestade na de Alcantara, para que da sua parte representasse

se a ElRey. Carlos o grande sentimento, que tinha da morte do Emperador. E no dia seguinte foy o Duque de Cadaval da parte da Rainha da Grãa Bretanha, que se achava com a Regencia do Reyno, e tambem da parte do Principe, e Infantes; depois recebeu ElRey a Carta delRey dos Romanos, escrita da sua propria mão, que lhe levou o Principe de Lichtenstein.

Estava ordenado ao Conde das Galveas, Governador das Armas da Provincia de Alentejo, que fahisse em Campanha com o Exercito daquella Provincia. no principio da Primavera. E a mesma ordem teve o Marquez das Minas, Governador das Armas da Provincia da Beira; e executando os dous Generaes pontualmente as ordens de Sua Magestade, fahio o Conde das Galveas de Estremoz, e marchando dalli com a mayor parte do Exercito à Praça de Arronches, junto della se ajuntou o resto das Tropas, que estavaõ repartidas pelos quarteis; e acabando de formar o Exercito, entrou por aquella parte em Castella. Avistando a Praça de Albuquerque, a deixou, e passando a 2 de Mayo do anno de 1705, se poz à vista da Praça de Valença de Alcantara, huma das melhores, e mais bem fortificadas, que tinha Hespanha na Fronteira de Portugal. Era o General supremo deste Exercito o Conde das Galveas, do Conselho de Estado, e Governador das Armas de Alentejo, e Mestres de Campo Generaes o Conde de la Corffana, o Con-

Lettered Historiques an.
1705.

Ultima noticia da expugnação da Praça de Valença de Alcantara, impr. em 1705.

Tom. VII. Dddd ii de

de de Galoway, General tambem das Tropas Inglezas, que militavaõ no nosso Exercito ; o Baraõ de Fagel, a cujo cargo estava o mando das Tropas Hollandezas : eraõ tambem Mestres de Campo Generaes o Conde de Villa-Verde, do Conselho de Estado, com o governo da Cavallaria, e o Visconde de Barbacena, do Conselho de Guerra, com o governo da Artilharia. Achavaõ-se no Exercito o Conde de Alvor, do Conselho de Estado, e Governador das Armas da Provincia de Traz os Montes, com o partido das Tropas da sua Provincia ; eraõ Generaes de Batalha Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil, D. Joaõ Diogo de Ataide, depois Conde de Alva, o Conde de Monsanto D. Manoel de Castro, depois Marquez de Cascaes, o Conde de S. Joaõ Luiz Bernardo Alvares de Tavora, e o Conde do Rio-Grande Lopo Furtado de Mendocça, que sendo Almirante da Armada, para acharse na Campaõha quiz exercitar este posto. Formado o sitio, e plantadas as baterias debaixo do fogo da Praça, que era muito, e incommodava os nossos com algum damno, matando, e ferindo alguns Officiaes, e Soldados, e hum dos mortos foy o Capitaõ de Cavallos Ayres de Sousa de Castro ; começaraõ a 6 a jogar as baterias contra a Praça, das quaes a principal para abrir a brecha na face do baluarte constava de doze peças de calibre de vinte e quatro, e naquelle dia, e no seguinte, tirou dous mil e quinhentos tiros. Havia outra bateria de oito
peças

peças de Campanha , e outra de seis , e além destas tres , huma de sete morteiros grandes , e quarenta pequenos. Obrou com taõ bom effeito a bataria destinada para a brecha , que naquelles dous dias a poz capaz do assalto ; e recusando o Governador da Praça Dom Alonfo Madariaga , Marquez de Villa Fuerte , entregalla por capitulaçaõ , porque estava resolutõ a defendella , esperando o soccorresse o Marquez de Bay , que havia chegado com quatro mil Cavallos a Piedra Buena , quatro legoas do nosso Exercito , onde elle pertendeo juntar mais tres mil Infantes , e todas as Tropas Francezas , para poder soccorrer esta importante Praça : o que sabendo o Conde das Galveas , Governador das Armas , resolveo mandarlhe dar o assalto ; e assim foy envestida na manhãa de 8 de Mayo por dous Terços de Infantaria Portugueza , e dous Regimentos Estrangeiros , hum de Inglezes , e outro de Hollandezes ; o primeiro foy o de D. Francisco Naper de Lencastre , que ficou morto em cima da brecha , havendo procedido valerosissimamente. Seguio-se o do Conde de Coculim , que procedeo da mesma sorte , desprezando huma contusaõ , que lhe fez huma balla de mosquete , e a este o Regimento do Coronel Dunkinsen , que ficou ferido , e elle , e os seus Soldados , deixaraõ bem acreditado o valor da sua Naçaõ. Na retaguarda hia o Conde de Noyelles , Brigadeiro Hollandez , que todos corresponderaõ à grande opiniaõ do seu esforco. Durou o conflicto

na

na brecha hum bom espaço; e não podendo os Castelhanos já supportar os golpes da nossa gente, se retiraraõ ao Castello, onde logo fizeraõ final, largando bandeira branca, e mandou o Governador capitular: porém ao tempo, que se estavaõ propondo as condições da entrega, se houveraõ com tal desacordo, e perturbação os que estavaõ no Castello, que abriraõ as portas antes de ajustada a capitulação, e entrando por ellas os nossos Soldados, se fizeraõ inteiramente senhores de tudo. Os moradores haviaõ salvado no Castello as suas mais preciosas alfayas para as segurarem, e não se pode embaraçar, que os Soldados as tomassem, segundo o costume, e maximas da guerra. Da nossa parte houve além da perda do Mestre de Campo Dom Francisco Naper, morrer junto a elle hum valeroso Capitaõ de Infantaria do mesmo Terço, chamado Manoel Jorge de Figueiredo; e dos feridos de mayor consideração, foy o General de batalha D. Joaõ Diogo de Ataide, passado com hum balla no peito junto ao hombro, havendo procedido neste assalto com singular valor. No mesmo dia 8 de Mayo, em que foy ganhada a Praça, despedio logo o Governador das Armas a seu filho o Tenente General da Cavallaria Pedro de Mello de Castro, para participar a Sua Magestade esta estimavel noticia, e Sua Magestade em attenção do bom serviço do Conde das Galveas, e remuneração do trabalho de seu filho Pedro de Mello, lhe fez mercede

de o mandar cobrir Conde, para que desde logo lograsse as honras da grandeza em vida de seu pay. O Author dos Commentarios da Guerra de Hespanha referindo, que os nossos ganharaõ esta Praça, diz, que fora o Governador della obrigado a entregalla depois de cinco assaltos, com a guarnição prisioneira de guerra: o assalto não foy mais que hum, e montando-se a brecha, se rendeo na fórma, que deixamos dito; e accrescenta, que a guarnição, sendo prisioneira, fora enviada a Lisboa, escoltada por cento e trinta cavallos, e que deixando os Castelhanos, ainda que despídos, e desfarmados, descuidar aos nossos, os ataraõ, e opprimiraõ repentinamente, e lhe tomaraõ os cavallos, e fogiraõ. Se os successos, que este illustre Author escreveo, acontecidos aos Hespanhoes no theatro daquella guerra em diversas partes, saõ com semelhante verosimilidade, merecem muy pouco credito as suas memorias, pelo mal, que se informou; porque esta guarnição foy remettida a Castello de Vide, e não estava em estado da aventura, de que elle se persuadio, com hum Exercito taõ visinho, e vitorioso, que occupava os passos da Raya por toda aquella parte. Demais, que despídos, e desfarmados, como podiaõ atreverse aos Soldados armados, que elle suppoem descuidados pela arte dos seus? Na verdade, que me causa admiracão, que hum homem, ainda que não militar, sendo erudito, se persuadisse de hum taõ inverosimil successo. De mais, que no mesmo lugar, diz,

Marquez de San Philippe, *Com. de la Guer. de Hespaña*, lib.6. p.183.

diz, que depois de se render Valença, tomaraõ os nossos Albuquerque, e deixando acima ao Marquez das Minas na Beira, a elle attribue o mando, e governo deste Exercito, de que era General o Conde das Galveas; e sendo este grande Varaõ taõ conhecido na Europa, naõ teve delle noticia, nem lha deraõ, que governava neste tempo as Armas da Provincia de Alentejo.

Depois do Conde das Galveas haver ganhado a Praça de Valença, e mandado para a de Castello de Vide centõ e quatorze Officiaes, e duzentos e oitenta e tres Soldados prisioneiros, e ter reparado a Praça, em que se acharaõ muitas munições de boca, e guerra, e além da artilharia de ferro, dez peças de bronze, e hum morteiro grande; no dia 14 de Mayo mandou occupar o Lugar de S. Vicente, advertindo aos Soldados, que se abstivessem de lhe fazer qualquer violencia, por ter aquelle Lugar dado obediencia a Sua Magestade, como já se disse, e marchou logo o Exercito em duas linhas, cobrindo a artilharia, e era o Mestre de Campo General de semana o Conde de la Corssana, e General de Batalha o Conde do Rio-Grande Lopo Furta-do de Mendoça. No dia 15 marchou o Exercito na fórma sobredita, e passando à vista do Castello de Piedra Buena, se mandou hum Alferes com humma partida para que examinasse os frutos, que alli estavaõ recolhidos, e se acharaõ mais de oitenta moyos de trigo, e cevada, muita quantidade de lãas,
e ou-

e outros generos, de que se aproveitaraõ os Soldados, e muitos Paizanos. Chegou o Exercito à vista de Albuquerque, e se aquartelou na sua campanha. Fica esta Praça em hum alto, distante tres legoas da Fronteira de Portugal, com muros antigos, mas de forte fabrica, e hum Castello situado no mais imminente da Praça, reputado por inexpugnavel, sendo o terreno fertil de frutos, e gados, com a visinhança do rio Gebra a meya legoa. Habitavaõ-na dous mil visinhos, repartidos em duas Parochias, com hum Convento de Frades, e outro de Freiras. Era governada a Praça por D. Joseph de Lofada, Coronel de hum dos Regimentos daquella Provincia, Soldado de valor, e experiencias militares. Mandoulhe o Conde das Galveas por hum Bolatim hum escrito, e outro ao corpo Secular, e outro ao Ecclesiastico, os quaes levou o Tenente de Mestre de Campo General Antonio Pessanha de Castro, em que lhe persuadia, se rendessem, sem chegar à violencia das armas, a que o Governador respondeo briosamente, que se havia de defender até a ultima gotta de sangue: o corpo Secular, e Ecclesiastico responderaõ, que elles naõ tinhaõ voto em materias de guerra, e que a Villa estava entregue ao Governador, cujas ordens elles deviaõ seguir. Depois dos Generaes reconhecerem a Praça, mandou o General segundo Bolatim com Carta sua, e havendo-se respondido na conformidade da primeira, foy nomeado o Conde de S.

Joaõ, General de Batalha, para ganhar os póstos com os Terços do Conde da Vidigueira D. Vasco da Gama, e do Conde de Alvor Bernardo Antonio de Tavora, em que hiaõ por particulares o Mestre de Campo Pedro da Cunha de Mendoga, D. Luiz Joseph da Gama, filho do Marquez de Niza, D. Fernando de Noronha, filho do Marquez de Caes, e Antonio de Miranda de Mendoga, e se ganharaõ os póstos com valor, e presteza, a pezar da resistencia dos inimigos, em que da nossa parte houve quinze mortos, e trinta feridos, e da outra mayor numero. No mesmo dia, que eraõ 16, foy nomeado o Conde de Soure D. Joaõ Joseph da Costa para com o seu Terço assistir ao principio dos ataques, e defender seiscentos homens trabalhadores, que lhe deraõ para o trabalho, o que fez com tanto valor, como actividade, deixando-os capazes de logo servirem. Entendeo-se, que o inimigo poderia fazer alguma sortida de noite: pelo que o Conde das Galveas mandou reforçar os dous Terços do Conde da Vidigueira, e Alvor, por outros dous, que foraõ os do Mestre de Campo Francisco de Abreu, e o que governava o Sargento mór Manoel Gomes, os quaes foy meter o Conde do Rio, General de Batalha. No dia 17 começou a artilharia a bater o muro, que cinge a Praça, e constava de seis peças, e tres morteiros, e se mandaraõ mudar os Terços dos arrebaldes pelos dos Inglezes, ficando duas Companhias de Portuguezes para guarda

da das Igrejas. Na noite se deu principio às minas, que pareceraõ serem precisas, pelo pouco effeito, que as ballas da artilharia faziaõ na muralha, que por antiquissima, resistia de sorte, que com pouco sentimento seu rebatia as ballas. Porém o Visconde de Barbacena, Mestre de Campo General, que governava a artilharia, esforçou a bataria com mais quatro meynos canhoens, e a fez laborar incessantemente de dia, acodindo a tudo com tal promptidão, que a elle se lhe deve justamente attribuir hum grande parte do bom successo desta empreza, como o havia tido na expugnação de Valença, acreditando assim o seu valor com as mesmas experiencias. No dia seguinte se mandaraõ pôr promptas mil e duzentas faxinas com novos trabalhadores para as minas, que adiantaraõ de tal sorte, que no dia seguinte ficariaõ na sua ultima perfeição. Neste dia entrou de guarda nos ataques o Marquez de Fontes Rodrigo Annes de Sá, em cujo Terço serviaõ, como particulares, o Conde de Villar-Mayor Manoel Telles da Sylva, seu irmão Antonio Telles da Sylva, e Luiz Gonçalves da Camera Coutinho, por que o Conde da Ericeira, que servia no mesmo Terço, foy nomeado no principio da Campanha Mestre de Campo, e Governador de Evora, e nesta occasião se acharaõ outros muitos Fidalgos; e no arrabalde entraraõ tambem de guarda os Mestres de Campo João de Saldanha da Gama, D. Antonio de Noronha, filho do Conde de Villa-Verde, e o Conde

de S. Vicente Joaõ Albertõ de Tavora. Entrou de semana no dia 20 o Mestre de Campo General Conde de Galoway, e o General de Batalha Marquez de Montandre, e estando já a brecha aberta para se poder investir, pelas dez para as onze do dia fez final a Praça no sitio da brecha para capitular, e cessando as armas, desceo pela brecha hum Sargento mór para refens, e da nossa parte lhe mandaraõ os Sargentos môres dos Terços do Marquez de Fontes, e do Conde de S. Vicente; e entrando-se a capitular, propuzeraõ os inimigos, que entregariaõ a Villa, e naõ o Castello, cuja proposta foy logo regeitada, e outras semelhantes.

Concederaõ-lhe finalmente a de sair pela brecha a guarniçaõ da Villa, e Castello, com balla em boca, bandeira solta, caixa batida, e hum peça de artilharia, e os mandaraõ conduzir com segurança até Merida, com hum bastante escolta. E que entregando-se a Villa, e Castello de Albuquerque, todos os moradores della, assim Ecclesiasticos, como seculares, seriaõ conservados no mesmo estado, em que se achavaõ, guardandolhe os seus privilegios, e fóros, que tinhaõ, até o tempo delRey D. Carlos II. gozando pacificamente todos os seus bens, assim moveis, como de raiz, o que seria inviolavelmente guardado, passando-se para isso ordens aos Cabos, Officiaes, e Soldados. Permittindo-se de mais a qualquer Paisano, morador na Villa, que quizesse sair della até o termo de oito dias,

dias, para onde lhe parecesse, o poderia fazer, levando todos os seus bens moveis, e se lhe daria passaporte. Que aos Officiaes de Capitaõ para cima, se concedia levarem suas bagagens, para o que lhe dariaõ as carruagens, que faltassem, por naõ as haver na Villa, e a guarniçaõ poderia conduzir o mantimento necessario para a marcha, a qual se executaria no dia 22 do mez de Mayo às duas horas da tarde. E que os Officias da Praça entregariaõ todos os prisioneiros, e desertores, que estavaõ ao presente na Villa. E para segurança da capitulaçaõ, entregariaõ na noite do mesmo dia 20 huma porta da Villa, e outra do Castello, e a parte exterior da brecha, os quaes póstos seriaõ guarnecidos pelos Portuguezes até à sahida da Praça. Aceitadas estas capitulações pelo Governador, foy mandado o Marquez de Fontes com o seu Terço guarnecer os sobreditos lugares, o que executou, havendo-se com os rendidos com prudencia, e civilidade. Acharaõ-se nesta empreza, e na de Valença, além dos particulares já referidos, o Conde de Tarouca Joaõ Gomes da Sylva, e o Conde de Sárzedas D. Rodrigo da Sylveira, tendo adoecido o Visconde de Villa-Nova da Cerveira D. Thomás de Lima no principio da Campanha, e todos se fizeram dignos pelo seu valor do applauso commum do Exercito, e da estimaçaõ dos Generaes. As Tropas Inglezas, e Hollandezas, se houveraõ com incrivel valor em todos os conflietos, e accidentes deste

deste sitio , às quaes as nossas em nada lhe cederaõ , de forte , que o Mestre de Campo General Conde de Galoway , recommendava aos Officiaes Portuguezes , que dessem os agradecimentos aos subalternos , e aos Soldados da actividade , desembaraço , e valor , com que se houveraõ. Esta agradavel noticia mandou o Governador das Armas à Corte por seu neto D. João de Almeida , a quem ElRey fez merce de huma Commenda. Estas Praças conservaraõ os nossos até que Valença foy demolida em 1709 , e ambas restituídas pelo Tratado da Paz de Utrech.

Estes gloriosos successos deixaraõ muy satisfeitos aos Generaes dos nossos Alliados , que serviaõ no mesmo Exercito , vendo o valor , com que os Soldados Portuguezes se expunhaõ destimidos aos mayores perigos. O nosso Exercito ficou quinze dias depois junto a Albuquerque , e discorrendo os Generaes , qual seria a empreza , a que se encaminhariaõ , foraõ diversos os pareceres : porque huns votaraõ , fosse o sitio da Praça de Alcantara , Villa forte , e rica , situada sobre o Tejo ; porém a outros pareceo melhor sitiar Badajoz , que era a chave da Extremadura da parte de Castella , mostrando , que tomando-se aquella Praça , a de Alcantara , e outras , facilmente cahiriaõ por si mesmo , vendo-se cortadas para os soccorros : cada huma das partes sustentou o seu parecer , e como se naõ puderaõ concordar , se determinou mandarem à Corte

te ao Conde do Rio Grande, para que levasse as ordens, do que se havia de executar. Com a sua volta houve Conselho de Guerra, em que se resolveo, que no dia 2 de Junho marchasse o nosso Exercito para Badajoz. Haviaõ os Francezes fortificado aquella Praça com muito cuidado, e lhe meteraõ huma numerosa guarnição. O Marichal de Tessé se tinha amparado junto da Praça com o principal Exercito de Castella, em que estava o Marquez de Bay, em tanto, que o Marquez de Thovvy com outro menor, observava o pequeno Exercito do Marquez das Minas na Beira junto a Penamacor. Tudo isto dificultava o sitio de Badajoz, ao qual se fazia preciso darlhe principio para se oferecer huma batalha ao Marichal de Tessé, a qual os nossos Generaes resolveraõ se lhe dèsse, considerando, que estando o Marichal acampado desta parte do Guadiana, naõ recusaria o combate. Nesta esperança marcharaõ para o Exercito dos inimigos a 4 do referido mez, e chegaraõ à noite, duas legoas distantes do seu Exercito, que se achava com ventagem de lugar, e com superior numero de Tropas; porém como da outra parte eraõ os seus maiores interesses, e a perda de huma batalha podia ser de perniciosas consequencias a ElRey D. Philippe, e tambem causa de huma sublevação geral em Hespanha, naõ julgou o Marichal ser conveniente o expor-se a hum lance da fortuna, e fez que o seu Exercito repassasse o Guadiana, tendo tido a precaução

caução de fazer marchar diante as bagagens. E assim se retirou ao amparo da artilharia de Badajoz, que lhe ficava nas costas, e o Guadina defronte. Com esta disposição do Marichal de Tessé, perderão os nossos as esperanças do premeditado sitio de Badajoz, que deixaram, e marcharam no dia 5 da ribeira da parte de Elvas, e no outro dia passaram o vado, malogrando a resistencia do destacamento do inimigo, que havia intentado impossibilitar-lhe o caminho. Depois foy o nosso Exercito acampar, tendo a direita a la Casa, e a esquerda a Campo-Mayor, e como sobrevieram huns calores excessivos, que na Provincia de Alentejo são nesta estação insupportaveis, e não permitem persistir na Campanha em quanto duram, se recolheu o nosso Exercito, e se puzeram as Tropas nos quartéis. Depois o Conde de S. João com hum destacamento recuperou a Praça de Marvão, muito forte pelo sitio, com quatrocentos homens de guarnição. Estando já os Generaes na Praça de Estremoz, faleceu de huma apoplexia a 29 de Junho Dom João Thomás Henriques, Almirante de Castella, que se havia achado naquella Campanha.

Havia ao mesmo tempo na Provincia da Beira sahido de Almeida o Marquez das Minas, Governador das Armas daquella Provincia, com hum pequeno, mas luzido Exercito, formado das Tropas daquella Provincia, e de muitas do Minho, não havendo nelle nenhuma das Estrangeiras; e fazendo

mar-

marcha pela Beira Baixa , e em algumas partes , além da nossa Raya , por terras de Castella , por poupar o proprio Paiz , chegou a 4 de Mayo junto à Praça de Salvaterra , que na Campanha do anno antecedente tinha sido o primeiro emprego do Exercito de Castella , mandado pelo Duque de Berwick , em que vinha ElRey D. Philippe. Nomeou o Marquez das Minas aos Mestres de Campo D. Joaõ Manoel de Noronha , (depois Conde de Atalaya) D. Braz da Sylveira , e Manoel Carlos da Cunha de Tavora , (depois Conde de S. Vicente) para ganharem a estrada encoberta , e se alojarem nella , o que fizeram galharda , e valerosamente , com que conseguiram hum singular applauso ; porque D. Joaõ Manoel se arrojou logo intrepidamente à estacada , correndo algumas estacas com a sua propria mão para se baldear dentro , como fez , e da mesma sorte D. Braz da Sylveira , que depois de estar na estrada coberta , mandou pedir escadas para escalar a muralha , como tambem o fez Manoel Carlos de Tavora , não obstante o fogo , que se fazia da Praça. Foy disputado o ataque , e a Infantaria sahio da Praça a impedir as operações dos nossos , e foy rechaçada com grande valor. Vendo o Marquez o fogo da Praça , mandou para o impedir marchar ao Terço de D. Luiz Manoel da Camera , (depois Conde da Ribeira) que chegou à operação no tempo do mayor fogo , havendo-se os Cabos , Officiaes , e Soldados , com grande resolução ,

ção, e brio: e quando já estava prevenido hum pe-
tardo para romper a porta, que sahe à estrada co-
berta, fez chamada o Governador da Praça D. An-
tonio Lopes Galhardo, pertendendo capitular com
condições ventajosas, as quaes não quiz o Marquez
ouvir; e assim foy forçoso tornar às armas, segun-
da, e terceira vez, porque o Marquez esteve const-
tante em lhe não conceder mais ventagem, que
aquella, com que se havia entregue no anno ante-
cedente, quando ElRey D. Philippe a rendeo pes-
soalmente, com que o Governador se entregou à
discrição do Marquez Governador das Armas,
com a guarnição prisioneira de guerra, que foraõ
trezentos e setenta e tres Soldados, dos quaes eraõ
quarenta e oito Officiaes; e entre elles dous Sar-
gentos môres, hum Tenente Coronel, seis Capi-
taens, e os mais eraõ Tenentes, Alferes, e Sargen-
tos. A perda dos nossos foy de trinta e dous Sol-
dados mortos, e quarenta e seis feridos, em que
entravaõ tres Capitaens; dos offensores morrerãõ
muitos, e os feridos não passaraõ de vinte.

Havendo o Marquez das Minas conseguido
com tanta felicidade a recuperaçãõ da Praça de Sal-
vatterra, teve noticia, que no Lugar da Sarça, hum
dos mais ricos, e populosos daquelle partido, esta-
va alojado hum Regimento Francez de Sellerim,
unido com a muita gente do Lugar, com resolu-
ção de nelle se manter nas fortificações, que tinhaõ.
Marchou o Marquez com toda a Cavallaria, e cin-
co

co Terços de Infantaria a atacallo, mas os Francezes, e moradores, sendo avisados pelos seus batedores, que o Marquez os hia buscar, se retiraraõ com toda a pressa a Saclavim, passando em barcas o rio Alagaõ. Mandou o Marquez dar sacco livre à sua gente, que foy muy consideravel, e com os Soldados entrou tambem a saquear hum grande numero de payfanos Portuguezes, o que permittio o Marquez para os refarcir dos muitos damnos, que os da Sarça lhe haviaõ feito na Campanha passada, e mandou pôr fogo à Villa, demolir os edificios, e tudo o que tocava às fortificações. Acharaõ-se na Sarça tres peças montadas, huma de bronze de calibre de doze, duas de ferro, cincoenta carros manchegos, e trinta galeras, tudo com as armas delRey D. Filippe, ainda que sem rodas, por lhas haverem quebrado os Francezes; quarenta mil alqueires de cevada, grande quantidade de farinhas, e biscouto: e desta quantidade de mantimentos, e das caruagens, se entendeu, que da Sarça intentavaõ os inimigos fazer alguma operaçaõ, que os nossos lhe frustraraõ.

Neste anno de 1705 chegou à barra de Lisboa a Armada de Inglaterra, e Hollanda, da qual era Almirante o Cavalleiro Schowel, e deixando no porto de Lisboa huma Esquadra de quinze naos de guerra, se fez à véla com o restante para as Costas de Hespanha da parte de Gibaltar, e Cadiz. Ficou em Lisboa esta Esquadra às ordens de Milord

Conde de Peterborough, General das forças marítimas, e terrestres de Inglaterra, o qual havia trazido huma Carta a ElRey Carlos da Rainha Anna da Grãa Bretanha, em que offerecia às suas ordens todas as forças da sua grande Armada, no caso de querer embarcar nella para emprender alguma facção, ou se achar com toda na invação, que se intentava fazer nas Costas de Hespanha, o que elle aceitou persuadido dos seus, e resolveo embarcar na Armada; com o designio de desembarcar em Catalunha, onde se esperava o recebesse aquelle Principado: e participando esta resolução a ElRey D. Pedro, elle com muita prudencia, a não reprovou, nem menos o persuadio, deixando toda a resolução ao seu arbitrio, a qual veyo a seguir. Despedio-se ElRey Catholico delRey, da Rainha de Inglaterra, do Principe, e Infantes, com a formalidade costumada, e o Principe com seus irmãos lhe pagaraõ a visita. ElRey o não fez por continuarem as molestias, de que já temos feito menção. Tornou ElRey Catholico a visitar a ElRey de Portugal no dia 23 de Junho, em que embarcou, e dalli foy para o seu Palacio. O Principe com o Infante Dom Francisco, e o Infante D. Antonio, acompanhados do Duque de Cadaval, e de D. Joseph de Menezes, Veador da sua Casa, embarcaraõ na Junqueira em hum bargantim bem adereçado, e dourado, e mandou o Principe vogar para Belem; e chegando defronte da Quinta, em que assistia ElRey Catholico,

tholico, mandou a D. Joseph de Menezes lhe dissesse, que estavaõ alli, para o conduzirem a bordo: chegando ElRey Catholico, o Principe, e Infantes, o receberaõ fóra do bargantim, e entraraõ juntos, acompanhando a Suas Altezas, além do Duque, e D. Joseph de Menezes, o Conde de Assumar D. Joaõ de Almeida, e da familia delRey Catholico, o Principe de Lichtenstein, hum Gentilhomem da Camera, dous Cavalheros mais, e o Conde de Peterborough, General da Armada, os quaes foraõ em pé, e descobertos. Chegou o bargantim à Capitania, chamada Rnol, de oitenta e quatro peças de artilharia, que era o mayor dos navios, que haviaõ ficado da Esquadra. Sobio ElRey Catholico, o Principe, e Infantes, ao portaló do navio, onde se despediraõ, e depois do Principe fazer os cumprimentos a ElRey Catholico, de que fosse para dentro, e ElRey ao Principe, que descesse primeiro, se apartaraõ ao mesmo tempo, ElRey Catholico para a sua camera, e o Principe, e Infantes para o bargantim. O General da Armada, depois delRey recolhido, o salvou com toda a artilharia da Capitania, e de toda a Armada, e na mesma fórma salvou ao Principe, e seus irmãos. No dia seguinte mandou ElRey saber de Sua Magestade Catholica, e o mesmo fez a Rainha da Grãa Bretanha, o Principe, e Infantes. Havia-se prevenido mandar prover a ocharia delRey Catholico com grandeza, e com a attenção, de que o provi-
mento

mento para o mar pareceſſe , que o era da meſma ocharia. Affim foy grande a abundancia de tudo , o que poderia ſer neceſſario para a meſa del Rey , e da ſua familia , de tudo quanto ſe podia imaginar , e podia pertencer ao regalo ; e todos os dias em quanto El Rey Catholico eſteve embarcado no rio de Lisboa , ſe repetiaõ os refreſcos. No dia 26 , que era Domingo , ſe fez a Capitania à vèla do forgidouro , em que eſtava defronte da Junqueira , e ao meſmo tempo levaraõ ancora todos os mais navios da ſua Eſquadra. A Torre de Belem ſalvou a El Rey , e todas as mais Fortalezas na fórma , que quando entrara em Lisboa. A Capitania lhe correſpondeo com toda a artilharia ; e no dia 28 ſahio pela barra com toda a ſua Eſquadra.

Diario da viagem , que o Conde de Affumar D. Joã de Almeida , fez na companhia del Rey Carlos III. m. ſ. que mandou à Corte.

Havia El Rey D. Pedro nomeado para aſſiſtir a El Rey Catholico com o caracter de Embaixador Extraordinario ao Conde de Affumar , com ordem para que depois de ſahir de Lisboa , lhe deſſe a ſua Carta credencial , ſeguindo as formalidades coſtumadas. Embarcou o Conde no navio Pembrock de ſeſſenta e quatro peças de artilharia. No dia referido ſe poz a Capitania , e mais navios à capa , quaſi defronte de Caſcaes , eſperando por alguns navios da ſua conſerva , que ainda tinhaõ ficado no rio de Lisboa. Neſte tempo mandou o Conde de Affumar hum ſeu Gentil-homem com huma Carta ao Principe de Lichtenſtein , em que referia haver chegado àquella Armada com o caracter de Embaixador

xador Extraordinario a Sua Magestade Catholica, para o seguir, e acompanhar naquella expedição, a que o Principe de Lichtenstein respondeo tambem por Carta, dandolhe os parabens do novo emprego para hum ministerio de tanta importancia, de que era tão digno pela sua pessoa. Ao mesmo tempo mandou ElRey Catholico por hum Cavalhero da sua Corte dar ao Embaixador a boa vinda, e significarlhe a grande satisfação, que tinha do novo caracter, que Sua Magestade lhe havia conferido, mostrando, que nenhuma outra pessoa lhe seria igualmente agradavel, e bem aceita. Poucos dias depois mandou o Embaixador o mesmo Gentil-homem ao Principe de Lichtenstein com outra Carta junta com a copia das suas credenciaes para as fazer apresentar a ElRey Catholico, pedindolhe hora para a sua primeira audiencia publica, a que lhe respondeo, que por ser o vento rijo, e estar o mar empollado, e Sua Magestade Catholica alguma cousa enjoado, lhe não era possivel darlhe audiencia naquella occasião; porém, que no primeiro dia de bonança, ou chegando a dar fundo em qualquer porto, faria o Embaixador a sua função. Finalmente depois de passados alguns dias, havendo tido recados muy honrados, e de grande estimação, que ElRey fazia da pessoa do Conde, e das justas impossibilidades, que haviaõ deferido a audiencia; no dia primeiro de Agosto, tendo avistado logo pela manhã terra da Costa de Hespanha, e

as

as montanhas, que estão visinhas a Cadiz, depois de terem embocado o estreito, mandou ElRey Catholico avisar ao Embaixador, que como o tempo era de bonança, e elle se achava melhor da cabeça, (em que muito havia padecido com o mar) lhe desejava dar audiencia na tarde daquelle dia, em que podia fazer a sua função publica. Mandou logo o Conde Embaixador vestir a sua familia de gala, e pôr tudo prompto com muito luzimento, e o participou ao Enviado de Inglaterra por hum Gentil-homem, que mandou hum escaler com outro Gentil-homem para o acompanhar. Estando a hora determinada, fez a Capitania final com dous tiros de mosquete, e sahio della o Conde de Altem; Gentil-homem da Camera delRey Catholico, na chalupa Real com seu toldo, acompanhada de outras, e foraõ ao navio do Embaixador, que o recebeu ao portaló, e levou à Camera, dandolhe a mão, e a porta; e depois de se cumprimentarem, baixaraõ para a chalupa, em que o Embaixador entrou primeiro, e teve o melhor lugar, e toda a mais familia embarcou em outras, que estavaõ prevenidas. Chegou à Capitania, onde o Conde de Sizindorff, tambem Gentil-homem da Camera, o esperava na ultima escada, estando toda a guarnição em armas, que apresentou ao Embaixador, quando passou, e os Officiaes fizeraõ reverencia com a espada, tocando a marcha os tambores. Na segunda escada esperava ao Embaixador o Principe de Lichtenstein, e depois

depois de lhe fazer seu cumprimento , o conduzio à Camera delRey Catholico , que estava em pé , e coberto ; logo , que o Conde Embaixador appareceo , se descobrio , e fazendo este as suas reverencias , deu ElRey tres passos a recebello , e tornando ao seu lugar , poz outra vez o chapeo , e mandou ao Embaixador fazer o mesmo , e depois de se cobrir deu a Embaixada , entregando a Carta de crença , e foy depois conduzido ao seu navio na mesma fórma , com que havia sahido , acompanhando-o o Conde de Altem até à sua Camera , aonde o Embaixador tinha prevenido hum refresco de frutas , e doces , e daquellas cousas , que o mar podia permittir , que lhe offereceo , havendo a mesma providencia para todos os que o haviaõ acompanhado , com varias castas de vinhos ; e despedindo-se o Conde de Altem , o acompanhou o Embaixador até o portaló na fórma , que havia feito antes. Quando o Embaixador sahio da Capitania , depois de lhe darem varias boas viagens , como he costume no mar , o salvou com quinze peças , que o Conde Embaixador satisfez com igual numero , quanto que chegou ao seu navio. Havemos referido a formalidade desta Embaixada dada no mar , como materia rara vez succedida. A Armada seguindo a sua viagem , depois de varias escalas , deu fundo a vinte e dous de Agosto defronte de Barcellona , e pondo a gente de desembarque em terra , se deu principio à Conquista daquelle Prin-

cipado com se renderem algumas Praças.

Depois da gloriosa Campanha, que temos referido, na Provincia de Alentejo, o Conde das Galveas, Governador das Armas, passou à Corte a gozar os merecidos applausos dos triunfos, conseguidos nas Praças, e Lugares, que tomou aos Castelhanos, a quem sempre foy fatal o seu braço, como se vio em tantos successos gloriosos, com que na guerra passada da Acclamação havia triunfado delles; e assim mereceo ser o seu nome respeitado pelo seu valor, o qual lhe adquirio grande reputação entre as Nações Alliadas, e inimigas de Europa. Achava-se o Conde já em idade muy avançada, ainda que nelle o valor, com huma incrível viveza, animava as forças já attenuadas com os duros trabalhos da guerra, e com os muitos annos: a que attendendo ElRey Dom Pedro, querendo não abbreviar com novas fadigas huma vida, que estimava, e se fizera sempre merecedora da sua Real attenção, nomeou, sem que deixasse queixoso ao Conde, o governo das Armas de Alentejo no Marquez das Minas, e deu o governo das Armas da Beira, que elle mandava, ao Marquez de Fronteira D. Fernando Mascarenhas. Determinou o Marquez das Minas no mesmo anno de 1705 fazer huma Campanha no Outono, emprendendo sitiar Badajoz, o que com effeito poz em execução; e assim nos principios de Outubro, com o seu Exercito começou a sitiar a Praça, sendo aberta a trincheira a
tres

tres do referido mez. Acampou o Exercito de forte, que lhe ficava da parte esquerda o rio Guadiana, e da outra parte hum pequeno corpo de Tropas nossas entregues ao Conde de S. Joaõ. Distava duas legoas o Marichal de Tessé com o Exercito inimigo junto a Talavera. Postas as batarias, começaram a laborar contra a Praça, principalmente huma grande bateria, que lhe fazia hum continuado fogo; os inimigos se defendião canhoneando continuamente o nosso campo com a sua artilharia, e com as bombas, que tambem do nosso campo se lançavaõ na Cidade, com bastante damno. No dia onze, em que os nossos começaram a bater a Praça, perdeu o General Conde de Galoway do tiro de huma bala de artilharia o braço direito, que elle logo fez cortar, e foy preciso, para continuar a cura, passar do campo para Elvas. Neste accidente chegou da Corte ao Exercito o Baraõ de Fagel, Mestre de Campo General, para exercitar o seu posto; e assim no dia treze traçou huma trincheira desde o Guadiana até o Xevora, fazendo trabalhar nella com grande ardor, para concluir pôr a linha na sua perfeição, o que lhe não foy possível conseguir, porque os inimigos na mesma noite se puzeraõ em marcha, e ao amanhecer do dia quatorze appareceram diante do nosso flanco. He de saber, que na noite de treze para quatorze, às duas horas depois da meya noite, passaraõ huns desertores, e deraõ noticia, que os inimigos estavaõ em marcha desde

o principio da noite; porém não deraõ noticia por qual das partes do rio marchavaõ. O Marquez das Minas sem perder tempo, mandou pôr o Exercito em armas, e montar a Cavallaria para estar tudo prompto ao primeiro aviso, e os repetio aos Cabos, que estavaõ da parte da ponte; porém ou por casualidade, ou por descuido, como outros differaõ, o Marichal de Tessé passou com o seu Exercito a ponte, sem ser sentido dos nossos, que estavaõ da parte do rio, e ganhou a ponte do Xevo-ra; e se formou contra os nossos. Finalmente os Francezes passaraõ com o seu Exercito, e ficou soccorrida a Praça, depois dos nossos a haverem batido fortemente, de sorte, que pouco faltava para porem a brecha capaz de se dar o assalto. Não foy causa deste successo o descuido do Marquez das Minas, porque tinha dado as ordens com toda a distincão, e clareza, para que a Praça não fosse soccorrida; e não faltou quem attribuisse a alguns Generaes Estrangeiros este descuido, ou por falta do conhecimento do Paiz, ou por paixoens particulares, que tantas vezes tem sido motivo da ruina dos Exercitos. Poucos dias depois sobrevieraõ taõ grandes chuvas, que obrigaraõ ao Marquez, tendo ouvido aos Generaes, a levantar o sitio mais cedo, do que elle desejava: pelo que mandou pôr em marcha o Exercito, levando o trem da artilharia diante, e fazendo tirar não só o que havia servido nos ataques, mas com muito vagar tudo o que podia

dia ter uso aos nossos, e marchou para Elvas, devendo-se ao General da artilharia Pedro Mascarenhas a mayor parte da boa ordem, com que se retirou a mesma artilharia, que com a sua direcção tinha no sitio furiosamente laborado; e encarregando ao Sargento mór de batalha o Conde de Soure aquella diligencia, a executou com o acerto, que costumava, e o mesmo fizeram no sitio os mais Generaes, Cabos, e Soldados, ficando muitos destes mortos, e feridos, entre os quaes foy o de mayor distincção Mathias da Cunha, levandolhe hum balla de artilharia hum perna, e ferindo-o na outra, o que lhe não embarçou continuar o serviço da guerra, primeiro em Portugal, depois em Alemanha, occupando varios póstos com muito valor, e capacidade.

Deixámos a ElRey D. Carlos III. chegado a Catalunha, de donde participou os progressos das armas dos Alliados naquelle Principado; e a ElRey D. Pedro a noticia, de que a Cidade de Barcellona, depois de ter soffrido hum vigoroso sitio, se rendera, capitulando a 9 de Novembro do mesmo anno de 1705. Nesta Cidade estabeleceo ElRey D. Carlos a sua Corte, aonde residio, até que por morte do Emperador Joseph seu irmão, passou a Alemanha, e sendo eleito Rey dos Romanos no anno de 1711, lhe succedeo no Imperio. A esta felice noticia, que agora dava ElRey D. Carlos, se ajuntou rogar a ElRey D. Pedro lhe enviasse alguns soccorros para
poder

poder adiantar a sua Conquista , accrescentando pedir a ElRey , que augmentasse os seus progressos com os seus Exercitos, fazendo huma diversão a seu favor. Mandou ElRey fazer hum Conselho de guerra sobre o referido , e se resolveo com consentimento dos Generaes Inglezes , e Hollandezes, mandar a Catalunha huma parte das Tropas daquellas duas Nações, e que entretanto da parte de Portugal se fizesse tudo o que fosse possivel contra os inimigos , para que acodindo com as suas Tropas à nossa fronteira , se divertissem os soccorros contra Catalunha. Neste tempo chegou de Londres o Doutor Creigon , Medico Escocoz, de grande reputação , e experiencias , o qual o nosso Enviado D. Luiz da Cunha com a noticia da queixa , que ElRey D. Pedro padecia , mandava para o curar; porém como já neste tempo ElRey tinha vencido a queixa, não se julgou conveniente seguir a sua direcção ; e assim voltou para Londres no primeiro comboy Inglez , que sahio do porto de Lisboa, havendolhe ElRey mandado dar huma boa joya, além do dinheiro , que havia recebido em Londres, e foy muy satisfeito da attenção, que experimentara. No fim deste anno faleceo a Rainha da Grãa Bretanha D. Catharina a 31 de Dezembro, como já deixámos escrito no Capitulo III. deste Livro, e sentio ElRey em extremo a morte da irmãa; porque além de venerar as excellentes virtudes, de que a Rainha se adornava , era muy carinhosa a respon-

responderia , com que reciprocamente se tratavaõ.

No principio do anno de 1706 no mez de Janeiro entrou no porto de Lisboa hum navio da Armada Inglesa , em que vinha embarcado Ben Hamet Caron , Embaixador delRey de Maquinez à Rainha Anna da Grãa Bretanha. Escreveo elle ao Secretario de Estado D. Thomás de Almeida , dizendo , que se seu Senhor soubesse , que elle havia de entrar no porto de Lisboa , certamente lhe daria Carta para Sua Magestade ; e que já , que a casualidade o trouxera a Lisboa , desejara ter a honra de se pôr aos seus pés. ElRey lhe deu audiencia na Quinta de Alcantara sem formalidade alguma , sendo interprete Antonio Correa da Franca , Escrivão da Fazenda da Casa de Bragança. Neste anno começaram a ter effeito as promessas , que ElRey D. Pedro mandara segurar a ElRey D. Carlos III. de fazer huma vigorosa diversão contra os seus inimigos ; e he certo , que se della se fouberaõ aproveitar os Alliados , que estavaõ da parte de Catalunha , seriaõ bem differentes os progressos das suas armas. Sahio o nosso Exercito à Campanha , de que era supremo General o Marquez das Minas , Governador das Armas da Provincia de Alentejo , com os partidos das Provincias da Beira , Minho , e Traz os Montes , de que eraõ Governadores das Armas o Marquez de Fronteira , o Conde de Atalaya , e o Conde de Avintes. Governava a Cavallaria o Mestre

*Lettres Historiq. Mois
de May 1706, impres-
sas na Haya no dito an-
no.*

tre de Campo General o Conde de Villa-Verde, e da Artilharia era General Pedro Mascarenhas, e General das Tropas Inglezas o Conde de Galoway, e das Hollandezas o Mestre de Campo General Mons. Frisheim, que havia succedido ao Barão de Fagel, a quem os Ettados Geraes acordaraõ o mesmo soldo, e o Mestre de Campo General o Conde de la Corssana. Serviaõ no mesmo Exercito o Conde de S. Joaõ, General da Cavallaria de Traz os Montes, D. Joaõ Diogo de Ataide, General da Cavallaria da Beira, os Generaes de Batalha os Condes de Soure, S. Vicente, Tarouca, e D. Joaõ Manoel de Noronha, D. Rodrigo de Lencastre, Pedro de Vasconcellos e Souza, e o Conde do Rio-Grande.

Formou-se o nosso Exercito a 25 de Março na Fonte dos Capateiros, e a 31 partio do Campo entre Caya, e Cayola, onde se ajuntou a nossa artilharia, que vinha pela parte de Arronches, escoltada com hum corpo de Tropas de Traz os Montes, que mandava o Conde de S. Joaõ, e foraõ a S. Vicente, e se apostaraõ junto a Membrio, e estas duas Povoações se renderaõ logo aos nossos: e fazendo alto o Marquez das Minas, mandou chamar o Alcaide, e Governança de Brossas, Villa mais populosa, que a de Alcantara, abundante de frutos, e trato dos seus moradores, para que viessem render obediencia a ElRey D. Carlos III. o que elles recusaraõ, dizendo, que o Duque de Berwick vinha
a soc-

a socorrellos com hum grosso das suas Tropas, porque se achava junto da Villa. Na noite de 5 de Abril mandou o Marquez ao General de Batalha D. Joaõ Manoel de Noronha com hum destacamento para tomar posto sobre o rio Solor, que o nosso Exercito devia passar, para guardar os póstos, e o passo chamado dos *Cavalleiros*, que o nosso Exercito por força havia de atravessar, porque os inimigos tinhaõ derribado a ponte, que estava sobre este rio. E no dia 6. passou o Exercito, sem que houvesse quem lhe disputasse a passagem, atravessando despenhadeiros, e cerros, em que os Soldados Portuguezes fizeram hum caminho capaz de poder passar a artilharia, em que teve grande parte a actividade, e industria de Dom Joaõ Manoel, que os mandava. Teve aviso o Marquez das Minas, que o Marichal de Berwick fora para Brossas com as suas Tropas, pelo que resolveo de o atacar no outro dia. Assim a 7 o Marquez, com approvaçaõ dos mais Generaes, dividio o seu Exercito em dous corpos, e se poz diante da mayor parte da Cavallaria, e com dez Terços de Infantaria, e seis peças de Campanha, marchou em direitura a Brossas, deixando o resto do Exercito entregue ao Conde de Galloway, (o qual depois se unio ao Marquez das Minas) Conde de la Corssana, Mestre de Campo General, e o Conde de Tarouca, General de Batalha, para que segurassem a nossa artilharia, bagagens, e provisoes do Exercito, que não haviaõ ainda passado o rio.

Tom.VII.

Hhhh

Mar-

Marcharaõ os nossos com diligencia ao pé das montanhas, a fim de que os inimigos não tivessem tempo de se porem em estado de defenſa ; mas tanto, que os nossos chegaraõ ao plaino, em que esta Villa fica situada, elles se retiraraõ precipitadamente, cobrindo-se com o bosque, que fica entre Brossas, e a Cidade de Carceres. O Marquez das Minas mandou hum pequeno destacamento à ordem do General de Batalha Dom João Manoel para tomar Brossas, (encarregandolhe a guarda do Convento das Freiras da Villa) onde se achou huma boa quantidade de trigo, e farinha. A nossa Cavallaria se avançou além do bosque, e a Infantaria, que se começou a sentir fatigada, por haver marchado desde as cinco horas da manhãa até às quatro da tarde, teve ordem de a seguir do modo, que lhe fosse possível. Finalmente huma parte da nossa Cavallaria atacou a retaguarda dos inimigos com tanto vigor, que o Duque de Berwick, passando da vanguarda à retaguarda com tres Regimentos de Clavineiros, começaraõ a pelejar ; e rebatendo com valor a investida, foraõ finalmente taõ vigorosamente carregados os inimigos, que se retiraraõ com grande precipitação, ficando huma boa parte dos Soldados mortos, e feridos. Neste combate deixaraõ duzentos e quarenta cavallos, e oitenta prisioneiros, em que os principaes foraõ D. Diogo de Monroy, General de Batalha, a quem o Capitão de Cavallos Gonçalo Pires Bandeira havia rendido, havendo-se com

com elle com toda a urbanidade, e o Conde de Canillejas, particular, e outros Officiaes. Da nossa parte ficaraõ alguns mortos, em que entrou o General de Batalha Conde de S. Vicente Joaõ Alberto de Tavora, que durou poucas horas depois do combate, com geral sentimento, pelas esperanças, que promettiaõ a sua pouca idade; porque no mais florido della, se arrojou taõ destimidamente pelas Tropas dos inimigos, que dentro delles peleijou taõ valerosamente, que recebendo algumas feridas, de que veyo a perder de huma a vida, deixando-o afaz vingada no valor do seu braço. Os feridos forã o Tenente General da Cavallaria Pedro Machado de Brito, e os Commissarios da Cavallaria Antonio Passanha de Castro, Francisco Tavares, que morreo das feridas, e Francisco Paulo, sendo feridos de ballas, como foraõ quasi todos os nossos mortos. O Marquez das Minas se empenhou tanto, que se expoz a ficar cortado dos inimigos; porém o Conde de Atalaya D. Pedro seu sobrinho, o soccorreo promptamente, livrando-o do perigo. Acabou o combate já muy avançada a noite, e as nossas Tropas tornaraõ para o campo de Brossas. Os Condes de Atalaya, Avintes, Galoway, Villa-Verde, Marquez de Fronteira, Condes do Rio-Grande, de Soure, de S. Joaõ, e D. Joaõ Diogo de Ataide, obraraõ como se esperava das suas pessoas; e à sua imitação os mais Cabos, e Officiaes se houveraõ com singular valor, e naõ menos as Tropas

das duas Nações Ingleza , e Hollandeza , que deraõ singulares provas, reconhecendo , que em nada lhe foraõ inferiores os Portuguezes. Os Condes de la Corssana , Tarouca , e Dom Joaõ Manoel , naõ se acharaõ neste conflicto , porque assistiaõ nos póstos, que acima dissemos lhe foraõ encarregados. Voltando o Marquez do combate já muito de noite pelos embarços do bosque , chegou a Brossas , cujos habitantes haviaõ abandonado as casas , e fogido para o Duque de Berwick , e outros se haviaõ retirado às Igrejas , repugnando dar a obediencia : pelo que foy saqueada a Villa , e queimadas algumas casas , o que causou taõ grande terror nos visinhos , que grande quantidade de Lugares vieraõ dar a devida obediencia ao Marquez das Minas , que deixando no Castello hum Terço , mandou continuar a marcha para Alcantara , onde chegou a 9 de Abril pelas tres horas da tarde. He a Villa de Alcantara bem conhecida por ser cabeça da illustre Ordem Militar , que della tomou o nome , perdendo o antigo de S. Joaõ de Pereiro , quando foy segunda vez conquistada aos Mouros , e dada aos Cavalleiros daquella Ordem , com que muito se ennobreceo , e tambem com a celebre ponte , que mandou fazer o Emperador Trajano sobre o Tejo , a cuja margem fica situada com mil e duzentos visinhos , dous Conventos de Frades , e outros dous de Freiras , guarnecida de bons muros para a sua defenfa. Chegou o nosso Exercito à vista desta Praça às nove horas da

da manhã, e logo o Marquez soube por hum defertor, que chegou ao Exercito, que nella havia dez Terços de Infantaria, e no mesmo dia deu principio a sitialla, e as Villas de Rey, e Marilla lhe vieraõ render obediencia.

Foy o Marquez das Minas com outros Generaes a reconhecer hum alto visinho para formarem huma bataria, tendo sido sempre seguidos das ballas dos inimigos da Praça, em quanto durou esta diligencia, de que foraõ mortos alguns Engeheiros nossos, e outros feridos. Vindo já na volta da Praça, recebeo o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora, Governador das Armas do Minho, e do Conselho de Estado, huma balla, que lhe sahio a huma ilharga, e parecendo ao principio ser de pouco perigo, foy mortal a poucos dias, e della faleceo a 16 com geral sentimento de todo o Reyno, Exercito, e Cabos delle, porque era muito amado, e respeitado por sua grande authoridade, e valor, principalmente de todos os que haviaõ militado com elle, por haverem experimentado os effeitos da sua liberalidade, na providencia, com que os soccorria; porque havia sido o Conde ornado de excellentes virtudes, brilhando nelle igualmente a generosidade, e valor, partes, com que conseguiu respeito, e reputaçãõ. Na manhã deste dia ordenou o Marquez ao General de Batalha D. Joaõ Manoel de Noronha, que com os Terços de Moura, de que eraõ Mestres de Campo o Con.

de

de de Aveiras Luiz da Sylva Tello, e Dom Luiz Manoel da Camera, herdeiro do Conde da Ribeira Grande, e dous Regimentos, hum de Inglezes, de que era Coronel Blood, e outro de Hollandezes, que foffem atacar o inimigo, que se achava occupando as imminencias, em que se havia pôr a artilharia, e o sitio de S. Francisco, que fica distante da Villa tiro de espingarda, que estava guarnecido por hum Capitaõ, e cincoenta Soldados; aos quaes investio com tanto vigor o Coronel Blood com os Inglezes, que foy tomado com a espada na maõ, fazendo dezaseis prisioneiros. Na tarde do mesmo dia chegou o resto do nosso Exercito, que conduzia a artilharia, e começaram os nossos a trabalhar em duas baterias, huma de oito peças de vinte e quatro, e sete de Campanha, e outra de cinco peças grossas, e sete Culebrinas, que se armaraõ contra a Praça, naõ obstante o muito fogo de artilharia, e mosquetaria, com que das muralhas o procuravaõ impedir: e porque o sitio de S. Francisco era de muita offensa à Praça, intentou o inimigo recuperallo com hum corpo de cem homens, que foraõ rechaçados com perda sua.

No dia antecedente haviaõ entrado na Praça dous Terços de Infantaria, com que os sitiados se animaraõ, e ainda mais com hum recado do Duque de Berwick, que lhe recommendava se defendessem, porque elle passava logo a soccorrellos; e assim com novo brio começaraõ a fazer hum incessante

sante fogo contra os que trabalhavaõ nas baterias, ferindo, e matando muitos. Aos nossos para desviar das muralhas os Mosqueteiros, que offendiaõ os que trabalhavaõ, foy necessario affestar contra a muralha seis peças de Campanha, por naõ estar ainda prompta a artilharia grossa, de que elles fizeraõ pouco caso; porém na mesma tarde de onze começou a laborar a primeira bateria grande, a que se ajuntou seis morteiros, a qual estava assistida dos Inglezes, e Hollandezes, o que faziaõ com tanto vigor, que era maravilhoso o effeito. A doze começou a atirar a segunda bateria com damno consideravel dos inimigos, a qual estava a cargo do General da Artilharia Pedro Mascarenhas, que livrou com bom successo de huma balla de vinte e quatro, que lhe tocou o chapeo, e naõ menos o Mestre de Campo Ignacio Xavier Vieira Matoso de huma de mosquete, que lhe levou o chapeo, e roçou o casco. E finalmente posta a terceira bateria, que laborando com as mais incessantemente, faziaõ hum horroroso estrondo com ruina nas muralhas, e as bombas a faziaõ nas casas, e edificios da Praça; os moradores entraraõ em tal consternação, que o Governador se vio confuso no remedio, que lhe pediaõ os moradores da cessaõ de armas.

Havia o Marquez das Minas, tanto que entrou no campo de Alcantara, premeditado a passagem do Tejo, para o que ordenou ao Quartel Mestre Francisco Pimentel, que fizesse diligencia sobre o sitio,

o sitio, em que se podia lançar a ponte de barcas pela parte, que fica abaixo da Praça, sendo certificado da impossibilidade pelos desfiladeiros, e rochas continuadas daquella parte; porém com a noticia de hum paizano avindo, passou o rio meya legoa acima de Alcantara, onde achando commodo para lançar a ponte, o participou ao Marquez General, que ordenou ao Marquez de Fronteira, e ao Conde de Soure, General de Batalha, que com as Tropas do partido da Beira, fossem com o Quartel Mestre, e procurassem lançar a ponte na parte mais conveniente. O que o Marquez de Fronteira executou com admiravel ordem, e acerto com o partido das Tropas da sua Provincia; e vencendo a difficuldade de passar tambem o rio Alagon, se aquartelou da outra parte do Tejo sobre a Praça a 12 de Abril, plantando outra bateria em sitio tão proporcionado, que conduzio muito para o rendimento da Praça, onde se lhe ajuntou o Visconde de Fonte-Arcada Manoel Jaques de Magalhaens, General da Artilharia da Beira, com quatorze Companhias de Cavallos, e oito Terços de Infantaria, com algumas peças de artilharia, e morteiros, com que daquella banda esperava ao Marquez. Não satisfeito o Marquez desta tão importante operação, mandou ao General da Cavallaria daquella Provincia D. João Diogo de Ataide, que com seiscentos Cavallos, e outros tantos Infantes fosse reduzir à obediencia o Lugar de Seclavim, hum dos mayores
daquelle

daquelle districto, rico, e bem povoado de gente valerosa, e guerreira, e o General o executou com grande actividade, e acerto, porque intentando os moradores a resistencia, elle se houve de sorte, que querendo os Soldados compensar o trabalho com os despojos, o General não consentio, que se fizesse damno aos moradores, por ser esta a intenção del-Rey D. Pedro, tão recommendada nas suas Reaes ordens ao Marquez das Minas. Os inimigos vendo este corpo de Tropas, que mandava o Marquez de Fronteira, entenderão, que era o Duque de Berwick, que chegara com o soccorro, que lhe promettera, e lhe fizeraõ sinaes toda a noite; porém brevemente se viraõ defenganados, e lhe descalhiraõ totalmente os animos, e resolveraõ de se render; porque havendo reconhecido, que era o nosso Exercito, se lhes augmentou o receyo, vendo tomadas todas as entradas da sua grande ponte; porque a artilharia, que o Marquez de Fronteira tinha encarregado ao Conde de Soure, a fez sobir com a sua grande actividade para o alto de huma penha da parte dalém do Tejo, e era a de que recebiaõ mayor damno os sitiados, e foy a causa de tomarem a resolução de se renderem: e levantando bandeira branca na muralha, mandaraõ ao nosso Campo hum Tambor, pedindo refens, e tregoas por duas horas para capitularem, e feriaõ nove para dez do dia, quando vieraõ da Praça dous Coroneis para refens, e da nossa parte mandaraõ ao Mestre de

Campo Antonio Carneiro , filho primogenito do Conde da Ilha , e ao Tenente Coronel do Regimento de Stewart ; mas como elles recusaraõ renderse do modo , que o Marquez das Minas lhes propunha , que era ficarem todos prisioneiros de guerra , e entregue toda a artilharia , se rompeo o tratado , e se retiraraõ outra vez. Depois do meyo dia , que eraõ treze do mez , começaraõ àtirar de novo as nossas baterias, ainda com mayor força, do que até alli tinhaõ feito contra a Praça. E fazendolhe novas proposições , se acordava aos sitiados, que elles seriaõ rendidos prisioneiros de guerra , e que todos os Officiaes, que quizessem assentar praça , seriaõ conservados nos mesmos póstos, em que se achavaõ , e lhe seriaõ pagos os seus soldos na fórma de Inglaterra; e que os que não quizessem servir na guerra , se poderiaõ retirar às suas casas, obrigando-se a não tomarem mais armas contra ElRey Carlos III. porque de outro modo seriaõ levados a Lisboa. Porém sendo regeitadas estas condições, começaraõ as quatro baterias incessantemente a laborar com hum grande fogo, com tal estrago das vidas , e edificios da Praça , que bem mostravaõ qual era o brio dos valerosos Hespanhoes, que estavaõ sitiados ; e porque huma das baterias havia feito huma consideravel brecha , se começaraõ a dispor as cousas para se dar o assalto no seguinte dia.

A 14 pela manhãa mandou o Marquez das Minas ao Conde de Tarouca à Praça , para de novo

vo persuadir ao Governador a entrega, porque de outra forte, nem a elle, nem à guarnição daria algum quartel. O Conde, que era dotado de viveza, discrição, e affabilidade, negociou de forte, que o Governador se determinou às duas horas da tarde, e se deraõ os refens de huma, e outra parte, e convindo na capitulação, foy assinada reciprocamente a 14 de Abril de 1706, em que lhe concedeo o Marquez General, entre outras cousas, que a guarnição sahiria da Praça pela brecha, com todas as honras militares praticadas em semelhantes occasioens, e que seria logo desfarmada, e feita prisioneira de guerra, com condição, que os Officiaes, de Capitaõ para cima, seriaõ pôstos em liberdade depois de seis mezes. Assim ao amanhecer sahio a guarnição da Praça, conforme os artigos, com que fora a capitulação. Nomeou o Marquez General zo mesmo Conde de Tarouca para tomar posse da Praça, defendella das extorsoens, e expedir a sua evacuação, que foy no dia dezaseis; como se havia capitulado. Tanto, que foy desfarmada a guarnição, foy remettida com boa escolta a diversas Cidades, e Villas da Provincia da Beira, a qual consistia em dez Terços de Infantaria, que faziaõ o computo de quatro mil e duzentos homens, em que entrou o Governador da Praça Dom Miguel Gasco, Cavalleiro da Ordem de Santiago, General de Batalha, o Tenente da Praça D. João de Padilha, e o Sargento môr da mesma D. Agostinho de

Aruntura e Benavente, Dom João Joseph Duran, Ajudante mayor, o Engenheiro môr Blond, e o Engenheiro Dedon, nove Coroneis, em que entrou o Marquez de Torrecusa, Grande de Hespanha, Gentil-homem da Camera, tres Capitaens Coroneis, treze Tenentes Coroneis, tres Segundo-Tenentes Capitaens, hum Subfede mayor Tenente Coronel, setenta e seis Capitaens de Infantaria, e tres Capitaens reformados. Acharaõ-se na Praça quarenta e sete peças de artilharia de diversos calibres, grande parte de bronze, duas mil novecentas e sessenta e humas espingardas, e outras muitas desarmadas, tres mil e novecentas arrobas de polvora, mil e oitocentas ballas de artilharia, trezentas e sessenta caixas de ballas de chumbo, seis morteiros, quatrocentos môyos de farinha, cento e tantos de cevada, duzentos toneis de vinho, mil e duzentas fardas novas para as Tropas, e cento e cinco cavallos, e outras muitas munições em grande numero para o serviço da guerra, de que se tomou conta pelos Officiaes da Vedoria do Exercito, a quem tocava. O Marquez das Minas mandou seu filho o Conde de Prado D. João de Sousa com estas agradaveis novas à Corte, e chegou pela posta a 16 de Abril. ElRey rendeo as graças a Deos pelos venturosos principios da Campanha, e houve luminarias por tres dias na Cidade. ElRey fez merce ao Conde de Prado do titulo de Marquez, para que em vida de seu pay lograsse as mesmas preeminencias,

nencias , que a esta dignidade são annexas neste Reyno. No mesmo tempo ganhou o Marquez de Fronteira a Praça de Moraleja , vizinha de Alcantara , com o destacamento , que mandava , a qual era forte por sitio , e com guarnição paga.

No tempo , que o nosso Exercito estava sitiando a Praça de Alcantara , e ella para se render , pois a 14 de Abril se assinou a sua capitulação , no dia antecedente teve noticia o Mestre de Campo General João Furtado de Mendoça , do Conselho de Guerra , que governava as Armas da Provincia de Alentejo na ausencia do Marquez das Minas , que entre o Forte de S. Christovão , e Badajoz , se viaõ algumas barracas , e que no dia seguinte o inimigo marchava com a Cavallaria , Infantaria , e bagagem , e de tarde se acampou a tiro largo de artilharia defronte da porta de S. Vicente da Praça de Elvas , ganhando alguns outeiros a tiro de mosquete da nossa estrada coberta ; e sem mais aproches fez huma bateria de seis morteiros , dous de bombas grandes , e seis de granadas Reaes , e perto da noite começaram a bombear a Praça com mau successo ; porque logo lhe rebentou hum morteiro grande com perda de quatro Bombardeiros , e a mayor parte das granadas Reaes rebentavaõ ao sair dos morteiros , e muitas no ar , no que continuaraõ toda a noite , e sobre a madrugada do dia quinze lhe arrebentaraõ dous morteiros mais pequenos. Da Praça se lhe fez hum grande fogo de artilharia , e
mosque-

mosquetaria , e no outro dia se poz huma bateria de bombas , e outra de granadas Reaes , em que se continuou de huma , e outra parte até o meyo dia , sem que bomba nossa deixasse de lograr o seu effeito , cahindo sobre os ataques , em que lhe mataraõ mais de quarenta homens com alguns Engenheiros de fogo , e hum dos Mestres de Campo , que estava de guarda , de sorte , que o inimigo começou a desisttir do ataque , e a retirar os morteiros : o que vendo João Furtado de Mendoça , mandou sahír vinte Soldados com ordem de se não empenharem , e sómente observar se o inimigo tinha feito algumas trincheiras para pelejar coberto ; porque intentava fazer huma fortida , com que pretendia ganharlhe os morteiros , por ser para isso accommodado o sitio , em que os tinhaõ. Porém quando sahiraõ os vinte Soldados , já estavaõ carregando os ultimos morteiros sobre os carros matos , e acabando de enterar os mortos , desampararaõ o campo com tanta pressa , que deixaraõ ainda algumas ferramentas , bombas , barriz de polvora , e granadas. Da nossa parte não morreo Soldado , nem paizano de balla , ou bomba , e só nas casas da Cidade houve algum damno , de que ficaraõ maltratados poucos moradores. He de saber , que o inimigo intentou esta facção com onze Terços de Infantaria , e perto de setecentos Cavallos , e os Terços , ainda que pagos , cheyos de milicianos. A guarnição de Elvas constava de tres Terços , o pago da Cidade , o de Peniche ,

niche, e o dos Auxiliares de Niza, com os quaes, e seus Officiaes se achou o General João Furtado de Mendça, sem mais algum outro Official, que o Tenente do Mestre de Campo General Manoel de Azevedo Fortes, que mal convalecido de huma doença, assistio com grande prestimo. Assim todo o trabalho se deveo ao cuidado, e sciencia militar de João Furtado de Mendça, adquirida na guerra com grande reputação.

Para livrar a Provincia de Alentejo, de que os Castelhanos não intentassem outra semelhante acção, mandou ElRey, que se formasse hum corpo volante, para segurar a Provincia no seu respeito; e assim se formou hum Exercito, que se compunha de treze Terços de Infantaria, e trinta batalhoens, seis peças de campanha, e quatro morteiros grandes, o qual era mandado por João Furtado de Mendça, que governava as Armas da Provincia. Tinha o posto de Mestre de Campo General o Visconde de Barbacena, servia de General da Cavallaria D. João de Lencastre, Governador, e Capitão General do Reyno do Algarve, de General da Artillaria Antonio de Albuquerque Coelho, Governador da Praça de Olivença, e de General de Batalha o Conde de Avintes D. Luiz de Almeida. No dia vinte e tres de Mayo marchou o Exercito sobre a Cidade de Xeres de los Cavalheros, a qual pertendeo soccorrer o Marquez de Bay, que governava as Armas da Extremadura; porém foy rechaçado
com

com perda de alguma gente, e a Cidade havendo experimentado algum damno da artilharia, e morteiros, se rendeo por capitulaçaõ. Depois de rendida a Cidade, discorrendo 'por toda aquella campanha o nosso Exercito, poz à obediencia delRey Carlos todas as Villas, e Lugares, que avistou, em que entrou Alconchel, cujo Castello deixou presidiado, Barcarrota, que se rendeo a vinte e sete de Junho, ficando a guarniçaõ prisioneira de guerra, e os arrebaldees saqueados, fazendo-se o mesmo em Salva Leaõ pela sua renitencia, de que se livraraõ as Villas da Torre, Nogalles, Almen-dral, e Salvaterra: e porque a estaçaõ já era muy ardente, como he sempre naquelle tempo, e faltavaõ as aguas, foy preciso recolherse o Exercito aos seus quarteis nos principios do mez de Julho.

Depois de ter entrado o Marquez das Minas na Praça de Alcantara, onde se cantou o *Te Deum* na Igreja, em que havia nascido S. Pedro de Alcantara, com a solemnidade, e salvas costumadas, remetteo as bandeiras dos dez Terços à nossa Corte, e o pavilhaõ encarnado, semeado de flores de Lizes, do Regimento das Guardas delRey Dom Filippe, que entrava no numero dos dez. O Duque de Berwick, que havia marchado de Arroyo del Puerto com a sua Cavallaria, a buscar as barcas de Alconete para passar o Tejo, tendo noticia, que a Praça se rendera, as queimou, e voltou para o dito posto de Arroyo. O General Marquez das Minas deteve
o feu

o seu Exercito no campo de Alcantara, em quanto lhe foy preciso para accommodar os prisioneiros, e segurar a Praça, em que deixou huma sufficiente guarnição. No dia 25 de Abril chamou o Marquez das Minas a Conselho todos os Generaes, e propoñdolhes a sua determinação, que era de marchar com o Exercito em direitura a Madrid, o approva- raõ todos, e se resolveo continuasse a marcha para Placencia, onde estava o Duque de Berwick. Af- fim no outro dia se poz o Exercito em marcha, le- vando à mão direita o rio Tejo, e pondo à obedi- encia delRey Carlos todas as Cidades, Villas, e Lugares de huma, e outra margem do rio, e ainda as que ficavaõ em larga distancia, como eraõ as Ci- dades de Coria, Galisteo, Caceres, e Trugilho. A 28 se poz o nõsso Exercito diante da Cidade de Pla- cencia, e o Duque de Berwick com a chegada del- le, se retirou às Ventas de Bazzagana, depois de haver persuadido aos moradores de Placencia, a que se defendessem, o que elles receosos dos nõsso re- cusaraõ: o Duque impaciente pertendeo destruir- lhe naõ só os seus provimentos, mas tambem os frutos, por ser aquella campanha muy fertil, e abun- dante de trigo, vinho, e gados; porém o Povo, e os Ecclesiasticos o naõ consentiraõ; e vendo, que nada podia conseguir, se satisfez com ameaçar ao Governador, e ao Bispo. Porém tanto, que o Ma- richal se retirou, o Povo se declarou por ElRey Carlos, e no mesmo tempo os Lugares, e Villas

circumvisinhas. O Magistrado da Cidade, e o Cabido da sua Cathedral, vieraõ ao Exercito cumprimentar ao Marquez das Minas, e entregarlhe as chaves da Cidade, o qual acompanhado dos Generaes, e Officiaes principaes, entrou na Cidade, e indo à Cathedral foy recebido com *Te Deum*, cantado com muita solemnidade, e depois foy ElRey Carlos aclamado pelos Nobres, e Povo da Cidade. No dia 30 de Abril o nosso Exercito se moveo para ir atacar o inimigo, que estava entrincheirado da outra parte do rio Tietar, ou Bazzagana: o Duque de Berwick mostrando-se firme em o esperar, mudou depressa a resolução; porque o Conde de Soure, General de Batalha, apeando-se do cavallo com a espada na mão, se meteo ao rio seguido do Terço de Moura, de que era Mestre de Campo seu primo o Conde de Aveiras Luiz da Sylva Tello, e das Companhias de Cavallos, de que eraõ Capitaens D. Luiz da Gama filho do Marquez de Niza, e Manoel da Costa; e assim debaixo do fogo dos inimigos passaraõ o rio, devendo-se esta famosa acção ao ardente espirito do Conde de Soure, que sendo cheyo de excellentes virtudes, lhe faltou tempo para as exercitar, por quanto no mais florido vigor da idade faleceo em Denia de huma maligna em 20 de Novembro do mesmo anno de 1706, naõ contando mais que vinte e nove annos, havendo conseguido reputação, e respeito, porque em gentil presença brilhava o valor, prudencia, generosidade, e

scien.

sciencia Militar, de sorte, que na opiniaõ de todos, e ainda mais entre os Generaes, e Cabos Estrangeiros se lhe augurava, que elle viria a ser hum dos melhores Generaes da Europa, se a morte se lhe naõ anticipara. Ao mesmo tempo, que o Conde de Soure distimidamente passou com aquelle pequeno corpo, abalou todo o nosso Exercito, e passando o rio se apostou naquelle mesmo campo, em que havia taõ pouco estivera o inimigo, ficando Placencia poucas legoas distante. Adiantado o nosso Exercito já a Almarás, Lugar distante trinta legoas de Madrid, e vinte e duas de Alcantara, do qual já o Duque de Berwick se havia retirado a Val Moral com quatro mil homens de pé, e cinco mil Cavallos, de que se compunha o seu Exercito, que o nosso foy levando em toda esta campanha diante de si, desejando por muitas vezes obrigallo a huma acção, de que elle se escusava; porque tambem lhe naõ faltavaõ noticias dos movimentos do nosso Exercito, o qual sabendo agora, que marchava para elle, deixando no campo alguma bagagem, se foy retirando para a parte de Talavera, e talando a propria campanha, poz fogo aos Armazens de provimento, assim Reaes, como particulares, ficando por esta causa difficiltoza a continuacão da marcha por aquella estrada: e vendo, que naõ podia obligar ao Exercito inimigo a vir às mãos, tomou o nosso Exercito o caminho de Coria, onde chegando a 14 de Mayo, o Duque de Berwick, que lhe

Tom.VII. Kkkk ii obfer-

observava os movimentos, chegou no mesmo dia junto de Placencia. Porém seguindo o nosso Exercito a marcha, que determinava com bem differente fim, a 17 esteve à vista da Serra de Gata, de que se seguiu moverse o Exercito do Duque, e a 18 foy a Val de Fuentes.

Tinha o Marquez das Minas feito aquella contramarcha sómente para cahir sobre Ciudad Rodrigo, o que já haviaõ approvado os mais Generaes; porque tomada aquella Praça, se abria humma estrada mais franca para Madrid, por ser o Paiz fertil, e abundante, cortando tambem por aquella banda grande parte das provisoens, que daquelles contornos se mandavaõ para o numeroso povo de Madrid. Era a determinação do Marquez das Minas sitiar com a mayor actividade Ciudad Rodrigo, e a do Duque de Berwick de lho impedir, ou ao menos de o incommodar quanto lhe fosse possível. A 22 do referido mez de Mayo se poz o nosso Exercito sobre a Praça de Ciudad Rodrigo, havendo feito largas, e apressadas marchas, para que o Duque de Berwick, que o seguia com a Cavallaria, se não pudesse adiantar a encostar-se à Praça, ou meter-lhe algum soccorro, com que dilataste o rendimento. Havia-se avisado ao Visconde de Fonte-Arcada, que governava as Armas da Beira, que se unisse ao Exercito com seis mil homens, e com a artilharia grossa ao tempo, que o nosso chegasse àquella Praça, o que elle executou com grande acerto.

acerto. Deu-se fórma aos ataques , plantaraõ-se as batarias contra a Praça , em que havia hum Regimento pago , chamado das *Asturias* , e dous mil homens de milicias ; e depois que a brecha esteve capaz de se assaltar , vieraõ os sitiados em se renderem , e a 26 se assinaaraõ as capitulações , em que se concedeo , entre outras , aos Regimentos pagos de se poderem retirar com honras militares , com a condição de por hum anno naõ servirem contra ElRey de Portugal , e seus Alliados ; porém as milicias foraõ desarmadas , e se obrigaraõ a naõ tomarem nunca armas contra ElRey Carlos. O Marquez mandou comboyar os Regimentos pelo Capitaõ de Cavallos Gonçalo Pires Bandeira até S. Pedro del Rio.

Rendida a Praça de Ciudad Rodrigo foy precisa a dilação de alguns dias para se prover o Exercito para taõ dilatado caminho ; mas a actividade do Marquez das Minas , e expedição dos mais Generaes , e Cabos , foy de forte , que o Exercito se poz brevemente em marcha , e já o Duque de Berwick se havia retirado para Salamanca , avisinhandose para a parte de Madrid. No dia 6 de Junho chegou o nosso Exercito huma legoa antes da celebre Cidade de Salamanca , e no mesmo dia recebeu o General Marquez das Minas huma Carta dos Magistrados , na qual lhe significavaõ o desejo , com que estavaõ de se sobmeterem à protecção delRey Carlos III. Continuou o nosso Exercito a marcha , e no outro dia estava junto da Cidade de Salamanca,

ca, que dista dezaseis legoas de Ciudad Rodrigo. Tanto, que o Exercito chegou, vieraõ os Magistrados em quatro coches, vestidos de gala, buscar o Marquez das Minas, e porse às suas ordens, rendendo obediencia a ElRey Carlos III. e voltando para a Cidade foy nella acclamado, e entrou o Marquez acompanhado dos mais Generaes a assistir ao *Te Deum*, que se cantou com grande pompa na Cathedral: deteve-se o Marquez com o Exercito em Salamanca até onze do referido mez, para nesta breve demora poder receber os comboys das munições de boca, e no outro dia se poz em marcha, caminhando para o Guadarrama. O Duque de Berwick, que observava pontualmente as marchas do nosso Exercito, mostrou querer disputarlhe a do rio Tormes, alojando-se com hum lado na Cidade de Alva, e outro no rio; porém no dia antecedente à chegada delle, o nosso Exercito, largando aquelle campo, se retirou à Villa de Penheranda, aonde não permaneceu; porque continuando a marcha mandou o Marquez hum Official à Villa a requerella para que dêsse obediencia a ElRey Carlos; e porque se houve com demora, e não o executou promptamente, lhe mandou hum destacamento, com que não só a obrigou a cumprir as suas ordens, mas castigou a sua renitencia com a multa de duas mil patacas. A Cidade de Avila mandou os seus Deputados a dar obediencia ao Marquez, por não querer ser visitada por algum destacamento.

O nosso

O nosso Exercito foy continuando a marcha sem opposiçaõ, até que ganhado o porto do Guadarrama, no qual são os passos muy asperos, e difficeis, aqui entendeu o Marquez, que o Marichal de Berwick lhe disputasse a passagem; porém no dia vinte e dous passou o Marquez o Guadarrama com toda a Cavallaria, e doze Terços, oito Portuguezes, dous Inglezes, e dous Hollandezes, tendo mandado diante ao General de Batalha D. João Manoel de Noronha com tres Terços, e os Grana-deiros, para segurarem a estrada, deixando o resto do Exercito, e a artilharia no Lugar de Espinar entregue ao cuidado do General Pedro Mascarenhas. Marchou o Marquez com o Exercito em duas columnas com toda a Cavallaria na vanguarda, e a Infantaria na retaguarda: e tendo noticia por hum desertor, que em Foncarral se achava ElRey D. Filippe, o Duque de Berwick, e o Conde de las Torres, com hum corpo de dezaseis mil homens, mandou o Marquez das Minas a Pedro Mascarenhas, que passasse o porto com o resto do Exercito, e artilharia; porém a pouco soube ser falsa a noticia, e que o inimigo se retirara.

Com esta torrente de prosperidades, em que o Marquez das Minas conseguiu huma immortal gloria na conquista de tantas Cidades, Villas, e Praças fortes; porque com huma felicidade incomparavel marchava por huma, e outra Castella com o seu Exercito, havendo submetido à obediencia de

Carlos

Clede Hist. de Portug.
tora. 2. l. 32. pag. 788.

Carlos a mayor parte das Províncias da Extremadura, Castella a Velha, e Reyno de Leaõ, chegou a 21 com o Exercito ao Lugar de Espinar, e na madrugada do mesmo dia entre as tres e quatro da manhã sahio ElRey D. Filippe com a Rainha sua mulher, seguido de poucos Criados, e Officiaes da sua Casa. Os que o acompanharaõ foraõ os Ministros do Gavinete, o Duque de Medina Sidonia, o Duque de Montelhana, o Conde de Aguilar, ou Frigiliana, Grandes de Hespanha, e D. Francisco Ronquillo, Presidente de Castella: os Capitaens das suas guardas, que eraõ o Duque de Populi, e o Duque de Ossuna, e o Conde de Aguilar, o Principe de Sterclaes, e o Marquez de Aytona, que o era das guardas de Infantaria; o Conde de Benavente, Sumilher de Corpo, e os Gentis-homens da Camera, os Marquezes de Quintana, o de Jamaica, e o Conde de Santo Estevaõ de Gormas, o de Banhos, e D. Alonfo Manrique, (depois Duque del Arco.) Tambem o acompanharaõ o Mordomo mór Condestavel de Castella, e os Mordomos de semana, e dirigiraõ a sua marcha ao Lugar de Sopetran, onde estava acampado o Duque de Berwick, e seguiu a sua derrota para Guadalaxara, e a Rainha foy depois para Burgos acompanhada dos Officiaes da sua Casa o Conde de Santo Estevaõ del Puerto, Mordomo mór, e o Marquez de Almonacid, Estribeiro mór. A 24 de Junho entrou o Exercito no sitio chamado *Nossa Senhora de Retamal*, distante quatro

quatro legoas da Corte de Madrid. Daqui mandou hum Trombeta à Corte a darlhe noticia da sua chegada, para o que o Mestre de Campo General Conde de Villa-Verde havia mandado destacar trezentos Cavallos à ordem de D. Pedro Amassa, Tenente General da Cavallaria, com o Commissario della Antonio de Couros, e os Capitaens de Cavallo Gonçalo Pires Bandeira, Manoel de Mello, Dom João de Almeida, e o Tenente do Conde de Atalaya Antonio de Castro, que marcharaõ até o Pardo, e junto ao Paço estava huma partida de Cavallaria dos inimigos, a qual D. Pedro Amassa mandou logo atacar por outra, que a foy carregando de sorte, que se poz em fogida até se encorporar com a sua Cavallaria, que estava em Foncarral com todos os Cravineiros, e era hum corpo de quatro mil Cavallos, que mandava o General Soufouille. Tanto, que os nossos avistaraõ Madrid mandaraõ o Trombeta, que foy bem recebido, e no mesmo dia mandou a Villa os seus Deputados ao Marquez das Minas, o qual conservou até nova ordem no seu emprego de Corregedor ao Marquez de Fuente Pelayo.

A Cidade de Segovia seguindo o exemplo da Corte, mandou os seus Regedores a dar obediencia, e poucos dias depois chegaraõ ao Campo quatro Regedores da Imperial Cidade de Toledo com a mesma submissaõ, e o Marquez os recebeu com particular agrado. Com a obediencia dos de Tole-

do, se seguirão as mais Villas do seu Reyno, e a da Talavera de la Reyna, como mais numerosa, mandou os seus Deputados, como tambem a Cidade de Huete, e todas as Cidades, e Villas, que se estendem desde Madrid até aquella Cidade. Residia na de Toledo a Rainha D. Marianna de Baviera, viuva del Rey D. Carlos II. a quem o Marquez, tanto que chegou, mandou cumprimentar com todo o obsequio devido à Magestade pelo Conde de Atalaya seu sobrinho, com hum corpo de Cavallaria para a sua guarda: cumprio o Conde este cortejo com tanto acerto, e luzimento, que mereceo o Real agrado da Rainha em satisfação do bem, com que se portara na sua commissão. Decampou o Exercito no dia 27, e se aquartelou nas visinhanças de Madrid, alojando-se desde a horta del Cerero até à quinta dos Padres Jeronymos, e alargando-se naquelles contornos, lhe ficava à esquerda o caminho do Pardo, immediato ao alojamento dos Generaes. Levava o Marquez o Exercito em tão boa ordem, e excellente disciplina, que compravaõ os viveres aos Paizanos pelos justos preços, sem que padecessem os Póvos alguma pequena extorção, punindo rigorosamente o mais leve furto, não tirando contribuições permittidas na guerra, e tal vez contra o parecer dos Generaes; porque a grandeza do seu animo, revestido de huma generosidade sem limite, o fazia desprezar os mayores interesses. E assim praticou o Marquez das

das Minas com grande cuidado huma acertada maxima (nelle natural) de grangear os animos com a sua affabilidade , havendo-se com modo taõ agradável , e generoso , que os Hespanhoes o engrandeciaõ com louvores , obrigados da sua cortezia. No dia 29 dedicado à solemnidade do Apostolo S. Pedro , festejou o Exercito o nome delRey com tres descargas de toda a artilharia , e das Tropas , com grande contentamento , a que concorreo toda a Nobreza de Madrid de hum , e outro sexo em coches com luzidas galas a congratular o Marquez das Minas , que com magnificencia tratou a todos os Generaes , e Cabos , que cortejaraõ as Senhoras , e Damas com civil urbanidade.

Determinado o dia 2 de Julho para na Corte de Madrid se acclamar solemnemente a ElRey Carlos III. se executou com todas aquellas formalidades , que de antigo costume saõ usadas em Hespanha em semelhantes funções. Levou o Estandarte Real o Regedor D. Mattheus de Tovar , acompanhado de muita Nobreza , vestidos todos com ricas galas , e seguidos do numerozo povo daquella grande Villa. O Marquez das Minas , acompanhado do Conde de Galoway , estava vendo este pomposo acto de huma janella da Praça mayor , e justamente satisfeito da felicidade daquelle dia , que fará gloriosamente memoravel o seu nome à posteridade , mandou lançar ao povo quantidade de moedas de prata ; e levado da sua natural generosidade , lançou

muitas de ouro com a sua propria mão. O Exercito celebrou aquelle acto com tres descargas de artilharia , e mosquetaria ; na noite houve vistosos artificios de fogo , vendo-se illuminada a Villa por tres dias : e para que não se interrompesse o curso dos negocios , e administração da justiça , mandou o Marquez , que os Conselhos , e Tribunaes proseguissem o seu exercicio até nova ordem delRey Carlos , e com effeito se começou a executar do dia 30 de Junho por diante. Assim despachou o Marquez as suas Consultas , e deu audiencia aos Vassallos daquella grande Coroa , e com muita expedição deu providencia aos muitos negocios , que então occorrerao. Esta grande acção soou com espanto nas Cortes da Europa , e na de Roma foy motivo para que o Papa Clemente XI. reconhecesse ao Archiduque Rey de Hespanha , o que até então resolutamente negara. Em Africa tambem se ouvio esta noticia com admiração , e Muley Ismael , Emperador de Marrocos , felicitou a ElRey D. Pedro este bom successo com huma Carta , que chegou depois da sua morte.

Prova num. 77.

Lettres Historiq. Mois
d' Aout 1706.

Despachou o Marquez das Minas com esta gloriosa noticia a ElRey Dom Pedro a seu filho o Marquez Dom Joao de Sousa. Milord Galoway mandou a Monsieur de Montagu , seu Official de Ordens , à Rainha Anna da Grãa Bretanha , e o Barão de Fresheim a seu filho mais velho aos Estados Geraes de Hoilanda , para lhe participarem a glorio.

gloriosa expedição do nosso Exercito , em que se achavaõ as suas Tropas auxiliares. Chegou à Corte de Lisboa o Marquez D. João de Sousa a 6 de Julho com esta noticia , que foy recebida com grande alvoroço , e applauso. ElRey acompanhado do Principe , e Infantes seus filhos , foy à Igreja Metropolitana desta Cidade em publico com toda a Corte assistir ao *Te Deum* , que se cantou com muita solemnidade. No dia 8 do referido mez fez ainda mais plausivel a celebridade do dia o geral contentamento , que teve o povo , de ser aquella a primeira vez , que viaõ a ElRey em publico , taõ bem restabelecido da grave doença , que padecera. Tanto , que chegou esta noticia , se espalhou pela Cidade com tal avoroço , e satisfação do povo de Lisboa , que correo em grande numero à Quinta de Alcantara , onde ElRey estava , a applaudir , e congratular o triumpho com vivas , e acclamações , e as mulheres da plebe com festins , e danças , chegaraõ ao mesmo tempo àquelle sitio ; e he bem para admirar a generosa grandeza do coração delRey , que chegando a huma janella ao tempo , que as mulheres andavaõ folgando com as suas danças no terreiro , em que está o Paço , lhe disse : *Aqui não , vão para casa da Marqueza das Minas ; querendo com esta publica demonstração honrar Vassallo taõ benemerito ; e he certo , que esta acção eternizará com gloriosa memoria o nome deste General.*

Naõ retardou o Marquez das Minas , assim
que

que chegou ao Escorial , participar a ElRey Carlos, que estava em Catalunha , o que tinha obrado pelo servir , e pôr no throno de Hespanha , para o que estava já a Villa de Madrid , cabeça daquella Monarchia , despejada para nella poder entrar ; e assim lhe rogava , que com as Tropas , que tinha naquelle Principado , passasse a unir-se com o seu Exercito sem demora , porque qualquer lhe poderia fer de hum damno irreparavel. Recebeo ElRey Carlos esta venturosa noticia com grande satisfação , e respondeo ao Marquez com hum Carta escrita da sua Real mão , em que estimava o seu grande zelo , e actividade , com que havia obrado no progresso das armas dos Alliados , e nos interesses de Sua Magestade , explicando nesta primeira attenção o agradecimento devido à sua pessoa , e com estas , e outras expressoens honrava justamente ao Marquez.

Havia elle mandado diversos Expressos a ElRey Carlos , e muitas partidas de Cavallaria ao Reyno de Valença , e outras ao de Aragaõ , para que apressasse a sua jornada para Madrid , e juntamente lhe pedia ajuntasse todas as Tropas , que pudesse , e marchasse logo por Raquena para evitar , que os inimigos pudessem ter tempo de se aproveitarem das que haviaõ feito para o sitio de Barcellogna , à qual depois de estar em grande aperto , levantou ElRey D. Philippe o sitio com muita perda ; e as ditas Tropas a grandes jornadas marchavaõ para
Castella,

Castella, onde já o Conde de las Torres estava unido com o Duque de Berwick, a que se haviaõ ajuntado outras das Provincias: pelo que nos era preciso augmentar as forças do nosso Exercito, para conservarmos a superioridade, ou ao menos hum tal igualdade, que nos não excedessem no numero; porque ainda que em Madrid se havia acclamado a El Rey, e tantas Cidades, e Villas haviaõ seguido o seu exemplo; com tudo os Hespanhoes não se tinhaõ fogueitado tão voluntariamente, que não dessem já sinas de se inquietarem, para o que tinha contribuido muito a longa dilação del Rey Carlos, e o movimento das Tropas del Rey Dom Philippe. Não podia o Marquez, e os mais Generaes deixar de sentir a larga ausencia del Rey; porque esta havia esfriado muito aos Hespanhoes na afeição de huns, e no ardor dos outros, redundando tudo em damno das nossas cousas. Para o que tambem se havia espalhado em Madrid, e Toledo, que era morto El Rey Carlos, não faltando Prégadores, que testemunhassem o terlhe assistido ao seu enterro; e que o viraõ sepultar. Pelo que muitos Officiaes Hespanhoes, os quaes haviaõ promettido declarar-se a seu favor, com aquella noticia se deraõ por desobrigados da palavra. Accrescentava-se o cuidado pelos avisos de haverem entrado por Navarra mais Tropas Francezas, e haver D. Francisco Ronquillo, Presidente de Castella, que entre o povo tinha grande sequito, incitado aos moradores de Arevallo a

toma-

tomarem armas; e com o seu exemplo fizeraõ o mesmo os de Segovia, e de novo em Toledo se havia acclamado ElRey D. Filippe, e tambem o haviaõ feito os de Salamanca, e os Lugares vizinhos, ficando desta sorte a communicacão do nosso Exercito cortada com Portugal: pelo que se persuadiaõ já os Póvos, que os nossos forçosamente seriaõ obrigados a se retirarem. Todas estas cousas punhaõ em grande consternacão aos nossos Generaes por verem, que sómente a dilacão era a causa de se malograr o seu trabalho.

Elegeo ElRey Carlos fazer a marcha por Çaragoça, e a 18 de Julho fez naquella Cidade a sua entrada publica, em que foy levado debaixo de palio rico pelos Deputados, e Conselheiros do Reyno de Aragaõ, de que aquella Cidade he Capital, levando-o de redea o primeiro Jurado, e o estoque o Conde de Sastago, como Camarlengo do Reyno, e acompanhado da Nobreza foraõ à Cathedral com grande pompa, aonde o Arcebispo com o Cabido o recebeo; e depois de se cantar o *Te Deum* com solemnidade, se sentou ElRey em huma cadeira rica debaixo do docel, posto em hum theatro, e alli jurou de guardar os fóros do Reyno nas mãos da Justica mayor de Aragaõ: e reflectindo os nossos no muito, que ElRey se detinha com as cousas de Aragaõ, mandaraõ a Bouger Quartel Mestre General com huma grossa partida de cavallo para representar a ElRey o estado dos negocios, e tambem

bem para positivamente saberem quaes eraõ as medidas, que havia tomado sobre esta tão importante resoluçãõ. Vendo-se o Marquez, e mais Generaes sem reposta alguma, e informados, que os Francezes se augmentavaõ, e que os Póvos da sua vizinhança mostravaõ já publicamente a sua inclinaçãõ a ElRey D. Filippe, pelo que tumultuosamente em Madrid, e Toledo, o acclamaraõ, resolveraõ assegurar aquelle posto, para poderem conservar a communicaçãõ com Portugal, de donde só esperavaõ poder ter algum soccorro: e entendendo, que Toledo era o lugar mais a proposito para o seu intento, resolveraõ mandar hum destacamento com o pretexto de castigar os moradores daquella Cidade da sua rebelliaõ, e fazer alli hum armazem para pôr em seguro as bagagens grossas, e que o nosso Exercito se puzesse em marcha a observar o inimigo, e se retirasse a Toledo, quando lhe parecesse necessario. Porém como a 25 de Julho recebeo o Marquez Cartas delRey Carlos, em que lhe dizia, que marchava, e a vinte e oito chegaria a Molina, mas como havia de passar treze legoas distante dos inimigos, era preciso, lhe fizesse cobrir as marchas. Com este aviso se desvanecio a idéa de Toledo, e se resolveo, que os nossos marchassem em direitura aos inimigos, que tinhaõ o seu principal corpo em Xadraque com o designio de os deterem de sorte, que naõ pudessem ter tempo de mandar algum destacamento contra ElRey Carlos. Marcharaõ os

Tom. VII. Mmmm nossos

nossos em direitura aos inimigos, e sendo o terreno aspero, e cerrado, de sorte, que não podiaõ de nenhuma maneira virem a huma acção geral, os nossos passaraõ tres dias em escaramuças, e alguns tiros de artilharia; mas conhecendo os nossos Generaes, que o numero dos inimigos se augmentava continuamente, resolveraõ tornar ao posto de Guadalaxara, que se julgou ser mais a proposito para cobrirem a marcha das Tropas, que se deviaõ ajuntar ao nosso Exercito, e por evitar hum combate, que os nossos não julgaraõ naquelle tempo conveniente antes da junccão das outras Tropas.

*Lettres Historiq. Mois
de Decembre 1706.*

Finalmente a oito de Agosto chegou ElRey Carlos ao campo do nosso Exercito com huma Companhia das suas guardas, dous Regimentos de Cavallaria, e tres Batalhoens, a saber: dous de Hollandezes, e hum de Italianos, e o Regimento de Dragomens de Milord Raby, e huma parte do de Pierce, hum batalhaõ de Hespanhoes, e outro de Alemaens, que chegaraõ dous dias depois. Houve logo hum Conselho de Guerra, no qual se considerou impraticavel o atacar aos inimigos, não só pela vantagem, que tinhaõ no posto; mas por nos serem muy superiores em Cavallaria, e Infantaria, porque nos excediaõ em vinte e cinco esquadroens, e treze batalhoens, estando os seus esquadroens em muito melhor estado, que os nossos. O Conde de Peterborough, que tinha acompanhado a ElRey, voltou para a sua Armada, e depois de muitos dias de
estar

estar o nosso Exercito detido, a tiro de canhão dos inimigos, e se terem consumido as forragens, e provisões, se resolveo marchar para Chinchon, e Colmenar, para guardarmos estes póstos todo o tempo, que nos parecesse, e podermonos servir nas occasiões, com que a fortuna nos favorecesse. Depois de dous dias de marcha chegaram à dita paragem, e sem embargo, que os inimigos tiverão alguma pequena vantagem sobre as nossas partidas, e combois, o Exercito permaneceu mais de hum mez naquelle campo, onde não lhe faltou nada. Determinou-se, que antes, que começassem as chuvas a incommodar, e impossibilitar o Exercito, marchasse todo para as fronteiras de Valença a dispor os quartéis, de modo, que pudessem cobrir Aragoão, Valença, e Catalunha, assegurando as entradas em Castella, e conservando a communicação com as costas do mar, com cujos soccorros nos podiamos augmentar. Porque da Península de Hespanha possuía ElRey Carlos tres Reynos, não lhe faltando mais, que huma pequena Praça em cada hum; em Catalunha, Rosas; em Valença, Peníscola; e em Aragoão, Xaca; porque as soccorrerão os Francezes.

Mostrou a experiencia bem de pressa, que aos Póvos dos Reynos de Castella os havia submetido o medo, e não a vontade de outro dominio, que não fosse o delRey D. Philippe; porque declaradamente se puzerão à sua devoção, tomando as

armas contra o nosso Exercito, malogrando as nossas operações com todos os modos de opposição. Assim no dia 15 de Agosto sahio o Exercito de Chinchon, e passou o Tejo em Fuente Dueña, sem algum embaraço dos inimigos, que atravessaram o rio quatro legoas distante dos nossos; e a 17 se ajuntou ao nosso Exercito em Velles o General Windham com tres batalhoens Inglezes, e o Regimento de Cavallaria do Conde de Peterborough, trazendo provisão de pão, e biscouto para quatro dias.

Marchou o inimigo com todo o seu Exercito em alguma distancia do nosso, adiantando hum corpo de Cavallaria para nos observar, sem que entendesse lhe convinha obrigarnos a vir às mãos, nem menos incommodarnos na marcha. No dia 25 de Setembro o Duque de Berwick ajuntou todas as suas Tropas, e marchou toda a noite, atravessando o rio Xucar, com o designio de atacar os nossos no campo de Inesta, muy grande, e plano, aoavez do qual haviamos de passar para ganhar o rio Xabriel, e passarem as provisões, que haviamos deixado em Requena, para o que se avançou com tanta diligencia, que a sua vanguarda appareceo no campo ao mesmo tempo, que o nosso Exercito; porém este marchava em tão boa ordem, e com tanta firmeza, e resolução, que o Marichal não julgou serlhe conveniente o podernos atacar com alguma ventagem; porque alguns dos seus esquadroens,

droens, que o intentaraõ fazer, os rebatemos com tanta constancia, que foraõ obrigados a se retirar com bem pressa, e grande desordem. Naõ deixou o Marichal de Berwick de seguir o Exercito até o pequeno rio Imilta, onde se havia formado, e tinha huma boa occasiaõ de poder chegar a huma batalha decisiva; mas vendo a boa disposiçaõ, e admiravel constancia das Tropas dos Alliados, se naõ resolveo a emprender cousa alguma. Aqui succedeo hum caso digno de naõ ficar sepultado no esquecimento, e he, que formado o Exercito no referido campo, se nos adiantou a Corte do Exercito inimigo a observar o campo, e formatura do nosso Exercito; nelle estava no lado esquerdo da primeira linha ElRey Carlos III. aonde já haviaõ chegado duas peças de artilharia. Entre os Generaes, que alli estavaõ, era hum o Marquez de Fronteira, Governador das Armas da Beira, que apeando-se do seu cavallo, chegou a huma das peças, que elle mesmo apontou, e tanto, que o fez, lhe mandou dar fogo, com taõ certa pontaria, que a balla deu no ajuntamento da Corte, matando o General Amezaga; e fazendo segunda pontaria com a outra peça o mesmo Marquez, meteo o tiro na referida Corte, que incontinente se retirou com pressa, passando para lugar mais seguro: hindo depois alguns Soldados ao dito sitio, acharaõ o dito General, e o seu cavallo morto, e lhe tiraraõ as armas, e as trouxeraõ com a cella do cavallo. ElRey Carlos, que

que estava à ilhargá do Marquez, não só o applaudo com todos os Generaes, e Cabos da nossa Corte; mas agradeceo ao Marquez com grandes expressoens a destreza, desembaraço, e sciencia. Assim deixou o inimigo continuar ao nosso Exercito as suas marchas, sem que lhe dêsse algum incommodo, até que entrou em quarteis junto das Fronteiras de Valença, e Murcia. He certo, que os nossos Generaes Portuguezes, e os Estrangeiros, Cabos, Officiaes, e Soldados, que neste Exercito se acharão, em todas as muitas, e diversas occasioens, que tiverão em tão larga Campanha, deraão bem a conhecer o valor, e a promptidaão, com que executavaão, o que se lhe ordenava, supportando com incrível constancia as fadigas, e os trabalhos, na esterilidade tantas vezes experimentada, devendo-se tudo à sábia direcção do Marquez das Minas, que era o General em Chefe, que os mandava, e ao zelo de Milord Conde de Galoway', que com singular desvello lhe assistio sempre, interessando-se igualmente na sua gloria.

Memorias 'do Duque
de Cadaval D. Nuno
m.f. tom. XI. pag. 313.

Continuava ElRey D. Pedro a sua assistencia na Quinta de Alcantara para onde havia passado a convalecer da grande queixa, que deixamos referida, com tanta satisfação do sitio, que sendo preciso fazer algumas obras no Paço, se mudou para humma Quinta, que fica no mesmo lugar de Alcantara, que antigamente fora de Sebastião de Carvalho, e era do Desembargador Joseph Fiuza Correa. Deste
lugar

lugar vinha ElRey algumas vezes a Lisboa, e a 5 de Dezembro de 1706 veyo pela manhã assistir na Tribuna da Capella Real aos Officios Divinos, e ouvir o Sermaõ, que era da segunda Dominga do Advento, e acabada a devoção se recolheo a jantar para Alcantara, alguma cousa quebrantado: de tarde lhe sobreveyo grande febre com huma somnolencia invencivel, não bastando para o acordar ventosas, e outros remedios asperos, que os Medicos entenderaõ serem convenientes. E conhecendo estes a grande debilidade da cabeça, e a força, com que o mal o acometera, lhe fizeraõ differentes remedios, e depois de sangrado até quatro vezes, vendo, que a natural robustez delRey se havia prostrado com excessõ, lhe pareceo devia commungar por Viatico, o que lhe participou o seu Confessor o Padre Sebastião de Magalhaens, da Companhia, e ElRey com animo pio, devoto, e constante, quiz logo receber o Santissimo Viatico; e assim na terça-feira às dez horas da manhã veyo o Santissimo da Freguesia, e o recebeo da mão do Bispo Capellaõ môr. Nuno da Cunha de Ataide com muita devoção, em que se praticou a formalidade já referida na outra doença. Passou ElRey mal a noite por causa de huma pontada, que lhe sobreveyo da parte esquerda, que os Medicos capitularaõ por hum pleuriz legitimo: pelo que resolveraõ, que se sangrassê no dia seguinte pela manhã, que era quarta-feira, o que se executou; porém passou com tanta afflicção,

afflicção, ancias, e dores, que pelas oito horas da noite julgou o Doutor Lopo Gil, Medico da sua Camera, que estava de guarda, que Sua Magestade estava em perigo de vida, e devia receber o Sacramento da Extrema-Unção. Quiz ElRey, que logo se lhe administrasse, e o ungio o Capellaõ môr. Passado algum breve tempo chamou ElRey ao Principe, e Infantes, e com paternal amor disse ao Principe: *Que governasse estes Reynos, em que succedia, com a benção de Deos, e a sua; que tivesse grande cuidado em seus irmãos, conservando-os sempre no seu amor, e amisade, fazendolhe a merce, e honra, que devia como seu irmão, e como seu Rey.* Aos Infantes disse: *Que amassem ao Principe, e que com todo o devido respeito lhe obedecessem, porque desta maneira teriaõ a benção de Deos, e a sua; e com o Infante Dom Manoel, que era de curta idade, que era só de nove annos, se enternecio alguma cousa. E depois do Principe, e os Infantes lhe beijarem a mão, sahiraõ para fóra, e chamou ao Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira de Mello, a quem disse: *Que lhe agradecia havello servido com amor, e lealdade, e que por este motivo, e por outros, lhe encommendava assistisse a seus filhos, e servisse ao Principe com as largas experiencias, que tinha das cousas do Reyno, e que encommendava favorecesse os seus criados em tudo aquillo, que elles necessitassem do seu favor.* O Duque lhe beijou a mão, rendendolhe as graças pela merce, que lhe fazia, honrando-o*

do-o com tanta generosidade, merecida porém do amor, com que sempre assistira a Sua Magestade, a quem havia trazido nos braços, e servido como devia, e pediaõ as suas obrigações, e que em tudo obedeceria a Sua Magestade, como lhe mandava; mas que esperava, que Deos permittisse darlhe saúde para que criasse a Suas Altezas, e amparasse aos seus criados. Fallou tambem ao Duque D. Jayme seu genro, o qual beijandolhe a mão, o abraçou ElRey com estimação, encommendandolhe, que consolasse muito a Senhora D. Luiza, a quem elle já havia fallado antes, que ao Principe, e Infantes. Ao Conde de Vianna, Marquezes de Marialva, e Alegrete, seus Gentis-homens da Camera, agradeceu tambem o grande amor, zelo, e cuidado, com que lhe tinhaõ assistido todo o tempo, que o serviraõ, de que se dava por obrigado, e satisfeito; e elles sentidos, e magoados do estado, em que o viaõ, lhe agradecerão aquella honra com mais respeito, que palavras. Com estas, e outras demonstrações de attenção com os seus Criados, e Vassallos, deu a conhecer ElRey a constancia, e a Religião, conformando-se sem alguma perturbação no animo. Assistiaõ a ElRey o seu Confessor, e alguns Religiosos letrados, e outros de exemplar vida. Ao mesmo tempo fez aviso o Secretario de Estado D. Thomás de Almeida ao Nuncio Cardeal Conti, para que fosse dar a Sua Magestade a absovição do artigo da morte: às onze horas da noite entrou o

Cardeal, e depois de applicar as indulgencias, Sua Magestade com palavras de grande edificacão mostrou a sua christandade na obediencia, com que venerava a Santa Sé Apostolica, e a muita estimacão, que fazia da pessoa do Cardeal, que lhe agradeceo aquella honra com todo o respeito.

No dia seguinte, em que continuando o mal com precipitacão, que era huma quinta feira nove de Dezembro de 1706, à huma hora e meya depois do meyo dia, entre as preces, e orações de muitos Religiosos, actos de amor de Deos, repetidos com grande devoção, e fé, com hum grande conhecimento da morte, e desengano da vida, passou El-Rey da mortal à eterna na mesma casa, em que havia falecido o Principe D. Theodosio seu irmão, o que elle quasi advertio logo, que adoeceo; porque entrando Christovão de Almada, que sabia havia assistido ao Principe, lhe perguntou, em que casa falecera; porém Christovão de Almada, supposto quando entrou a reconheceo, como cortezaõ, e versado nas politicas do Paço, lhe respondeo, que se não lembrava. Viveo El-Rey cincoenta e oito annos, sete mezes, e treze dias, e reynou trinta e nove, mais de quinze como Principe Regente, e mais de vinte e tres como Rey. Tanto, que faleceo, o Marquez de Marialva, seu Gentil-homem da Camera, que estava de semana, lhe cerrou os olhos, e entrando os Medicos por ordem do Marquez, depois de reconhecerem, que havia espirado,
o Mar-

o Marquez na mesma cama, com grande attenção, cobrio o corpo. Esta noticia, que logo se espalhou pela Cidade, foy recebida com grande sentimento de todos os seus Vassallos.

Estava no Paço de Alcantara o Conselho de Estado, em que então se acharão os Duques de Cadaval Dom Jayme, e D. Nuno, os Marquezes de Cascaes, e Marialva, os Condes da Castanheira, S. Vicente, Alvor, Vianna, e D. Francisco de Sousa, e na sua presença o Confessor de Sua Magestade entregou ao Secretario de Estado o Testamento del-Rey, o qual tinha ordem do Principe para o abrir na presença do Conselho de Estado, e fazerlhe o termo com a formalidade costumada. Passou logo a Lisboa o Secretario de Estado, e o Duque de Cadaval, este a dar conta ao novo Rey, do que havia passado, e aquelle a levar o Testamento, que se abrira sem se ler, o qual logo ordenou, que o fizesse presente no Conselho de Estado.

Havia ElRey feito o seu Testamento muy
anticipadamente em tempo, que se achava com ro- Prova num. 73.
busta disposição na Cidade da Guarda a 19 de Se-
tembro do anno de 1704, o qual era escrito pelo
seu Confessor o Padre Sebastião de Magalhaens, e
approvado judicialmente pelo Secretario Diogo de
Mendoça Corte-Real, que então servia de Secre-
tario de Estado, por especial commissão, que para
isso teve de Sua Magestade, e nelle foraõ testemu-
nhas o Duque de Cadaval, o Marquez de Alegre-

te , o Marquez de Marialva , o Conde de Villa-Verde , e o Conde de Vianna , todos do Conselho de Estado , o Conde de Villar-Mayor , o Conde de Assumar , Dom Rodrigo de Mello , (era filho do Duque de Cadaval) Francisco de Mello , Monteiro môr , e D. Lourenço de Almada. Nelle se admira a piedade , religião , e devoção delRey , a caridade nos diversos legados pios , o amor de seus filhos , a quem paternal , e carinhosamente exhorta com uteis documentos. A Casa do Infantado , que elle possuira , e muito augmentara , fez della doação ao Infante D. Francisco , estabelecendo o modo da successão , para que nunca se possa unir à Coroa , e para que andasse na linha do Infante ; e no caso de elle faltar , chama ao Infante D. Antonio , e depois ao Infante D. Manoel , declarando , que todas as vocações , que nella faz , se haõ de entender dos descendentes legitimos , nascidos de legitimo matrimonio : e sómente no caso , que Deos não permitta , de se extinguirem as linhas legitimas de *todos os seus filhos* , poderáõ ter lugar os illegitimos , e bastardos , que delle descenderem. Mandou , que se dissesse hum grande numero de Missas pela sua alma , e que em todos os annos se digaõ quinhentas Missas , todas as que se puderem dizer em Altar privilegiado (o que se cumpre pontualmente ; porque ElRey seu filho deu esta incumbencia ao Tribunal da Mesa da Consciencia , e Ordens , de donde o Presidente no dia seguinte lhe dá conta com as certidoens ,

doens, de que se celebraraõ.) Mandou, que se dissessem cinco Missas quotidianas, deixando ao arbitrio de seus Testamenteiros a renda necessaria. Deixou huma somma grande de dinheiro para fundo de varias obras pias, para todos os annos se cumprirem, a saber: esmolas para cinco cativos, dotes para tres orfãos, e que o remanecente se distribua todos os annos pelos criados da Casa Real, começando pelos que serviraõ a sua Real pessoa, em quanto vivesssem, e depois se teria respeito a seus filhos, o que tambem se cumpre todos os annos com louvavel distribuiçaõ; porque ElRey seu filho deu esta administraçaõ ao Provedor, e Mesa da Santa Casa da Misericordia. Mandou, que o sepultassem no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, junto do tumulo da Rainha Dona Maria Sofia Isabel, sua chara, e amada esposa. Nomea por Testamenteiros ao Principe seu filho, e à Rainha da Grãa Bretanha sua irmãa, encarregando ao Duque de Cadaval, e Marquez de Alegrete, a execuçaõ desta sua ultima vontade. E declara finalmente, que deixa outras disposições particulares, que mandara escrever pelo seu Confessor, que se cumpraõ como parte do seu Testamento, no qual se naõ vê clausula, que naõ mostre qual foy a sua piedade. O referido papel he huma declaraçaõ de seus dous filhos o Senhor D. Miguel, e o Senhor D. Joseph, de que adiante faremos mençaõ, e huma particular lembrança ao Principe para os amparar como seus irmãos; e os criados,

Prova num. 79.

criados, que o haviaõ servido, os recommenda ao Principe para que os favoreça: e que no caso de se não servir delles, lhe dê os mesmos ordenados, e mezadas, que elle lhe dava, de qualquer categoria, ou cor, que fossem, deixando por sua morte livres a todos os seus escravos: foy feita a declaração, e assinada no dia 19 de Setembro do referido anno de 1704.

Lido o Testamento na presença do Conselho de Estado, e determinado tudo o que pertencia ao Real enterro, foy o corpo embalsamado, e quando se fez a operação se achou a região vital infectada com varios achaques, o figado com hum grande inchação, e a cutis, que o cobria pela parte das costas, estava branca, e se deslacerava com os dedos, o boste todo negro, e na concavidade tinha hum receptaculo, que teria tres onças de materia com todas as qualidades, que se requerem para o cosimento della: no fel se acharaõ trinta e cinco pedras da feição de dados, mayores, e menores, a pleura da parte esquerda estava esfacelada com hum grande porção de sangue grumoso, no cerebro tinha algum sangue extravasado, e no ventriculo esquerdo alguma aguadilha. Foraõ os intestinos a enterrar à Igreja das Religiosas Flamengas, que ficaõ contiguas ao Paço, e levados de noite, com a decencia devida, por Antonio Rebello da Fonseca, que lhe servia de Porteiro da Camera. Acabada a operação dos Cirurgioens, o Marquez de Marialva

rialva mandou compor o cadaver, e o vestiraõ com hum vestido de cõr parda, com garavata, e cabel-leira, barrete vermelho, borzeguins, e esporas, e sobre o vestido o habito de S. Francisco, de que era Terceiro, e depois o manto de Cavalleiro da insigne Ordem da Cavallaria de Christo, de que era Governador, e perpetuo Administrador, e a espada à cinta, como determinaõ os Definitorios da mesma Milicia. Nesta fórma esteve o corpo delRey na Camera sobre a mesma cama, em que falecera, em que não entraraõ mais, que os Gentis-homens da Camera, o Duque de Cadaval, o seu Confessor, e os criados domesticos, que lhe assistiaõ. No dia seguinte avisou o Marquez de Marialva aos Officiaes da Casa Real para que metessem o cadaver no caixaõ, na fórma do estylo, o que fizeraõ, e o puzeraõ sobre a Eça, que estava na casa, em que no outro dia se fez o funeral. Manoel de Vasconcellos, que servia de Reposteiro môr por seu irmaõ o Conde de Castello-Melhor, cobrio o caixaõ com hum pano rico, e poz no primeiro degrao, em hum prato dourado, a Coroa, e o Sceptro Real. O Bispo Capellaõ môr celebrou Pontifical, assistido de toda a Capella Real, que cantou o Officio; os Grandes tomaraõ a parede da parte direita, e os Officiaes, e Criados da Casa a esquerda, estando todos em pé, e descobertos. Fôra da casa, em que estava o corpo, estava à porta Alvaro de Sousa e Mello, Porteiro môr, assentado em hum pequeno banco de páo sem cobertura.

No

No Sabbado onze do referido mez à noite o Principe com os Infantes , acompanhados dos Officiaes da Casa , foraõ deitar agua benta no corpo del-Rey : disse o Responso o Capellaõ môr , e deu o hissope ao Principe , e Infantes. Depois o Reposteiro môr tirou o pano , e prato da Coroa , e Sceptro , e o entregou ao Reposteiro menor João de Leiros , e pegaraõ no caixaõ o Duque D. Jayme , o Duque de Cadaval , o Marquez de Marialva , o Marquez de Cascaes , o Marquez de Alegrete , o Conde da Castanheira , o de S. Vicente , o Conde de Val de Reys , o Conde de Alvor , e D. Francisco de Sousa , todos do Conselho de Estado. O Principe com os Infantes ficaraõ no mesmo lugar aonde deitaraõ agua benta , e foraõ depois acompanhando o corpo del-Rey detraz do caixaõ , todos com grande luto de capa comprida , descobertos , sem Moço Fidalgo , que os alumiasse : e tanto , que foy posto o caixaõ na liteira , o Reposteiro môr o cobrio com hum pano rico de brocado franjado de ouro. Assim , que começou a andar a liteira , o Principe , e Infantes lhe fizeraõ reverencia , e se recolheraõ acompanhados dos Criados da Casa da Rainha. Dentro no pateo estava o coche de respeito , os cavallos dos Duques , do Estribeiro môr , e do Capitão da Guarda o Conde de Pombeiro , e posto em ordem , caminhou o enterro para S. Vicente de Fóra. Diante do caixaõ hia o Mordomo môr o Conde de Santa Cruz com a sua insignia , da banda direita

reita o Duque D. Jayme, e da esquerda seu pay o Duque de Cadaval; logo a Capella Real em ordem com Cruz, e adiante os Grandes da banda direita, e os Officiaes da Casa da esquerda com suas insignias; à ilharga do macho da liteira hia o Estribeiro mór Conde de Vianna, e detraz da liteira o Capitão da Guarda Conde de Pombeiro; acompanhavaõ os Moços da Camera com tochas accesas, e diante da liteira hia o coche de respeito coberto com hum rico pano de brocado franjado de ouro, e atraz do coche os Tenentes da Guarda, e Antonio Rebello, que fazia o officio de Estribeiro, todos tres a cavallo, e logo a guarda dos Archeiros, que cobria o estado. Nas ruas da Cidade estavaõ os Terços pagos, e Ordenanças em duas alas, e todo o Clero, e Religioens de todos os Mosteiros da Cidade, com vélas accesas, dentro das mesmas alas.

Chegou o enterro a S. Vicente, e junto às escadas se tirou o caixaõ das andas, e se poz no Esquife da Irmandade da Misericordia, o qual estava sobre hum estrado coberto de veludo negro, em que se poz para se entregar aos Irmãos daquella Mesa. Aqui quebraraõ os Officiaes as insignias, a que vulgarmente chamaõ *Canas*, aquelles a quem pelas suas occupaões saõ permittidas. Cantaraõ os Capellaens da Irmandade hum Responso. Mandou o Escrivaõ da Mesa pegar no Esquife à Irmandade, e a Communidade dos Conegos Regrantes estava es-

perando à porta; e assim levarão o Real corpo até o cruzeiro, onde em huma Eça de téla encarnada, que estava preparada, foy posto. O Capellaõ môr, revestido de Pontifical, cantou o primeiro Responso com a Capella Real, o segundo os Religiosos da Casa, e o terceiro a Misericordia. Pegaraõ no caixaõ os mesmos Conselheiros de Estado, e o levarão à outra Eça, que estava em cima na Capella môr, junto da qual estava hum estrado alto, tambem forrado de téla encarnada; e o Conde Mordomo môr fez a entrega ao Prior da Casa na fórmula seguinte: sobre o mesmo caixaõ se poz hum Misal, que trouxe o Prior da mesma Casa, e pondo sobre elle as mãos o Conde Mordomo môr, disse em voz intelligivel: *Juro aos Santos Euangelhos, que neste caixaõ está o corpo do muito Alto, e muito Poderoso Rey D. Pedro Segundo, meu Senhor; porque eu o vi meter nelle, e Vossa Paternidade dará conta do dito corpo, ou de seus ossos, a seus successores, para o que lhe entrego as chaves deste caixaõ;* e o Prior jurou em seu nome, e de seus successores de assim o cumprir. Pegaraõ os Conselheiros de Estado no caixaõ, e o collocaraõ em huma Eça de tres degraos, metendo-o em outro caixaõ mayor, que sobre ella estava; o Reposteiro môr cobrio o tumulo com hum pano rico de téla encarnada franjado de ouro, e o Secretario de Estado fez o termo, que foy assinado pelos Conselheiros de Estado, e pelo Conde de Santa Cruz, Mordomo môr. Aquelle

le esclarecido Sabio o Padre D. Manoel Caetano de Sousa , que deveo particulares merces à generosidade del Rey D. Pedro , empregando a sua penna no elogio das virtudes , de que foy adornada a sua Real pessoa , compoz o seguinte Epitafio , que se conserva na Collecção das suas Obras Poeticas :

*Hic jacet orbis amor, nulli pietate secundus
Petrus, regna beans, queis erat ipse Pater.*

Eraõ passados oito dias depois da morte del Rey, a 17 do referido mez de Dezembro , segundo o louvavel costume do nosso Reyno , se fez a cerimonia de quebrar os Escudos. Ajuntou-se o Senado da Camera, o Conde de Aveiras Joaõ da Sylva Tello , Presidente , os Vereadores , Cidadãos , e Ministros de vara pertencentes ao Senado , de cuja casa sahiraõ em boa ordem entre as dez , e onze do dia : dava principio a este acompanhamento hum dos Procuradores da Cidade a cavallo, coberto todo de negro , arrastrando hum grande luto pelo chaõ , com hum bandeira negra com a hastea da mesma côr , a qual levava ao hombro , e hia arrastrando hum grande parte por terra. Seguiaõ-se os Cidadãos em duas alas iguaes com varas negras nas mãos , e no meyo hiaõ tres Ministros divididos , a saber: hum Juiz do Civel , e dous Juizes do Crime, sem varas , e cada hum levava hum Escudo preto , e logo o Tribunal do Senado em cerimonia com varas pretas , e todos hiaõ a pé. Tanto , que che-

garaõ junto às escadas da Sé, estava hum Tarima levantada coberta de luto, e sobindo o Juiz do Civil, disse em voz alta: *Choray Nobres, choray Povo, que morreo o vosso Rey D. Pedro II. de Portugal*, e immediatamente quebrou o Escudo, e deixou cahir no chaõ. E continuando este acompanhamento, no meyo da Rua Nova, onde estava outra Tarima, o Juiz do Crime sobio a ella, e repetio as mesmas palavras, quebrando o Escudo, e no Rocio junto às escadas do Hospital estava a terceira Tarima coberta de luto, e sobindo o ultimo Ministro, que levava o Escudo, com as mesmas palavras, e ceremonias, o quebrou. E continuando o acompanhamento, voltou pela Rua das Arcas até à Sé, e entrando na Igreja assistiraõ; e juntamente o Cabido, à Missa, que se cantou pela alma del Rey, por quem toda a manhã estiveraõ dobrando os finos daquella Cathedral.

Foy El Rey de estatura grande, grosso, mas bem proporcionado, os olhos grandes, pretos, e fermosos, nariz aquilino, e cabello preto, naõ era branco, mas com boa côr de rosto, em tudo bizarro, e desembaraçado nas acções, com aspecto taõ magestoso, que a sua pessoa, vista entre outras, naõ podia entrar em duvida, que era Real, pela magestade da presença. Teve forças extraordinarias, que exercitava no jogo da barra com admiração dos que o viaõ, e em outros exercicios. Juggou as armas com grande perfeição, e destreza, com
tanto

tanto desembaraço , como bizzarria. Fez grande gosto do exercicio de andar a cavallo , em que era fermoso , em huma , e outra cella , excedendo aos mais peritos no modo de mandar , e obrar no manejo dos cavallos ; porque teve agilidade , e fortaleza , de sorte , que elle soube scientificamente esta nobre arte , verdadeiramente de Principes , e grandes Senhores. No arriscado , e muy difficil exercicio de correr Touros , excedeo a todos os do seu tempo , em que houve insignes Toureiros de cavallo , em que entravaõ Senhores de grande qualidade , que o acompanhavaõ nestes divertimentos , a que ElRey assistia com satisfação. Amou a caça , ou fosse a do ar , e a miuda , ou a grossa : assim no monte deu excellentes provas da sua bizzarria com os porcos montezes , naõ só acometendo-os com a lança , o que fez com singular desenvoltura ; mas tambem a pé destemidamente , sogeitando-os , e rendendo-os com as proprias mãos ; e igualmente era destro em atirar com a espingarda. Mandava as Tropas scientificamente , para o que no seu pica-deiro fazia ajuntar muitas vezes Soldados Infantes a fazer exercicio , premiando àquelles , que se adiantavaõ no manejo das armas , o que elle fez com summa destreza , e fermosura. A estas partes ajuntou excellentes virtudes , que farão a sua memoria gloriosa em todos os seculos vindouros : porque nelle se admirou praticada a mais rara virtude , que nunca se vio em outro algum Principe , de dar audiencia

diencia a seus Vassallos todos os dias, e ainda de noite, e nas horas mais desacommodadas; porque sempre, que o buscavaõ, estava prompto, de sorte, que muitas vezes se levantou da mesa para os ouvir, e sendo taõ prompto na frequencia, era mayor na paciencia, que mostrava nas mais largas audiencias: aos Sacerdotes fallava em pé, respeitando a ordem, e o caracter, naõ permittindo lhe beijassem a maõ. Teve huma prodigiosa memoria, de sorte, que qualquer pessoa, que via huma vez, ainda que passassem muitos annos, naõ só a conhecia, mas com distincão se lembrava della. Era devoto, e pio naturalmente, venerando com profundo respeito os Mysterios de nossa Santa Fé, como se vio no grande sentimento, e demonstrações publicas, quando succedeo o sacrilego roubo do Santissimo Sacramento na Parochia de Odivellas, na noite de dez para onze de Mayo de 1671, em que escalando a Igreja, profanando as Imagens, atrevida, e sacrilegamente abriraõ o Sacrario, e roubaraõ ao Santissimo Sacramento. Deste execrando caso ficou ElRey taõ horrorosamente penetrado, que mandou vestir toda a Corte de luto até que se restituisse à mesma Igreja o Santissimo roubado, ordenando, que em todas as Igrejas se expuzesse o Santissimo Sacramento à veneração dos Fieis, para que nas suas adorações deprecassẽ a Deos a sua misericordia: ao mesmo tempo escreveo a todos os Cabidos das Cathedras deste Reyno, para que em todo elle se

se fizesse o mesmo, pedindo a Deos, que se lembrasse de todos aquelles, que o adoravaõ, e veneravaõ Sacramentado. E fazendo-se exactas diligencias, recommendadas pelo seu zelo, se achou o reo, e foy punido pela Justiça. E para memoria do desagravo, com que pertendia escurecer aquella offensa, instituiu na mesma Igreja no mesmo dia huma festa, em que com grande solemnidade, e culto se adorasse ao Santissimo Sacramento, e que esta festa se unisse à Irmandade dos Escravos do Santissimo de Santa Engracia, instituida pela Nobreza por outro detestavel caso succedido a 16 de Janeiro de 1630, de que os Reis são Protectores: a huma, e outra festa assistia ElRey com grande devoção; porque tudo o que tocava à Religião Catholica venerava, desejando emendar pela Fé, e obras boas, o que tal vez pela fragilidade da natureza corrupta se desordenava. Muitos dias do anno dormia vestido sobre huma taboa, jejuando tambem muitos a paõ, e agua, havendo-se sempre nos jejuns de preceito nas consoadas com escriptulosa parcimonia. He admiravel prova do quanto desejava ter a consciencia pura, hum papel muy pio, e devoto de propositos, que, mediante a graça de Deos, pertendia observar, que lançarey nas Provas, para que mais com este anedocto se certifiquem os curiosos do quanto desejo satisfazellos. Da Virgem Santissima foy cordeal devoto; e assim todos os Sabbados hia visitar a Sagrada Imagem da Senhora das

Prova num. 81.

Necessi-

Necessidades. Venerou geralmente a todos os Sacerdotes, e Religiosos, especialmente os do Serafico Patriarca S. Francisco, de quem foy especial devoto, e de cuja Ordem Terceira era professo: pelo que se mandou sepultar no seu Habito, como se disse; assim comia todas as festas feiras do anno à sua mesa hum Religioso de S. Francisco, sendo ainda mayor o respeito, e veneração àquelles, que pela sua vida, e exemplo se distinguiaõ em santidade; porque nas expressões, e no affecto se via a sua devoção, desejando muito ter occasiões de os comprazer, e darlhe gosto, para ter parte nas suas orações. Vivia no seu tempo o Veneravel D. Armando João le Bouthillier de Ransay, Abbade da Trappa, o qual com a sua admiravel conversão foy Reformador do mesmo Mosteiro da Trappa da Ordem de Cister em França, Varaõ insigne em virtude, que naquelle Mosteiro restaurou a mais rigida observancia Monastica, com que deu huma universal edificação a toda a Christandade pelo seu raro modo de vida. A este insigne Varaõ mandou El-Rey visitar pelo seu Embaixador, que residia em Pariz, e encommendar-se nas suas orações, já que o não podia fazer pessoalmente, como o fizera El-Rey Jacobo II. de Inglaterra, e a Rainha sua esposa, e outros muitos Principes Soberanos, e do sangue Real de França, como refere a sua Vida. As Almas do Purgatorio lhe devereão grande compaixão, pelo que eraõ immensas as Missas, que no circulo

Inguibert, *Vita dell' Abate di Ranse*, lib. 3, cap. 17. pag. 640.

circulo do anno lhes mandava applicar , e outras por devoções particulares. No Real Mosteiro de Belem instituio cinco Missas quotidianas com hum Officio solemne pelas almas delRey Dom Affonso VI. do Principe D. Theodosio , e da Infanta D. Joanna , seus irmãos , por hum contrato feito a 20 de Fevereiro do anno de 1690 , em que os Religiosos tomaraõ esta obrigação por certa quantia , que lhe fez consignar nas rendas da Casa de Bragança , em quanto lhes não dava hum juro perpetuo. Ao Hospital de Todos os Santos de Lisboa accrescentou renda para sustentação das crianças expostas. Na caridade se distinguio , amando ao proximo , e compadecendo-se das suas necessidades de sorte , que eraõ excessivas as esmolas , que fazia do seu bolsinho , que pareceo inextinguivel ; porque não sahio dos seus pés pessoa alguma desconsolada , que lhe pedisse ajuda de custo por esmola , a que elle não deferisse , nem ainda estando nos negocios mais graves , que deixasse de ter benigno acolhimento nas suas palavras , honrando a todos como pay de seus Vassallos. Nas merces se houve com grande generosidade ; porque mostrava se interessava na conservação das Casas illustres , e nobres dos seus Vassallos , para que continuassem no esplendor dos seus Mayores : pelo que liberalmente lhes fazia merce dos bens da Coroa , e Ordens , que possuiaõ.

Naõ foy nelle menos ardente o zelo das Missoens , para o que se instituio a Junta das Missoens

na Casa Professa de S. Roque, em que se tratavaõ os negocios pertencentes a ellas, e em que presidia o Secretario Roque Monteiro Paim, assistido dos Deputados, que eraõ Religiosos doutos, e exemplares de diversas Familias Religiosas, onde hiaõ por aviso do Secretario Roque Monteiro, e depois da sua morte lhe succedeo Gregorio Pereira Fidalgo, Desembargador do Paço, que pelas experiencias, que tinha da India, havia já entrado na Junta das Missões, para as quaes concorreo ElRey com grande liberalidade, e devoção, estimando aos Missionarios, e com especialidade àquelles, que Apostolicamente haviaõ seguido o emprego do seu ministerio; e assim quando os Vice-Reys do Estado da India, ou os Governadores do Brasil, e mais Conquistas, passavaõ aos seus Governos, lhes recommendava em primeiro lugar favorecessem, e amparassem aos Missionarios em tudo, para que se augmentasse a Christandade. A` Companhia de Jesu ajudou particularmente com grandes esmolas para as Missões, e à sua despeza lhe dotou dous Collegios no Ultramar; não faltando nunca a pessoa alguma, que com o pretexto da Religião Catholica Romana se valesse delle, que com muita promptidaõ não concorresse para o livrar da cegueira, em que estava, de que muitos foraõ Religiosos. O Principe de Bisau, que veyo a este Reyno, catequizado pelos Missionarios da Costa da Mina, a receber o sagrado Bautismo, lho fez El-Rey

Rey conferir na Capella Real, sendo elle mesmo seu Padrinho, e o mandou tratar, não como fora creado entre a brutalidade do gentilismo, mas pelo que representava, com muita politica, e decencia, em quanto não voltou para a sua terra. No seu tempo intentaraõ os homens de nação Hebreia conseguir do Papa, que removeisse a fórma do recto procedimento do Santo Officio da Inquisição destes Reynos, negocio, em que se haviaõ adiantado; porque com os seus cabedaes, que eraõ muitos, negoceavaõ, e tambem porque tinhaõ pessoas de grandes lugares, que se haviaõ persuadido das suas enganosas, e apparentes razoens, votando-as a seu favor. Porém ElRey (entaõ Principe Regente) com hum ardente zelo do augmento da Religião Catholica, não querendo, que nos seus Reynos se diminuísse com a liberdade da gente daquella nação, mandou a Roma no anno de 1675 por seu Embaixador Extraordinario a D. Luiz de Sousa, Bispo de Lamego, depois Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas, Varaõ dos mayores daquelle seculo, em letras, talento, e prudencia, que já contra a pertenção dos Christãos novos, havia feito hum largo, e douto papel. Havendo o Embaixador residido mais de sete annos na Corte de Roma no tempo dos Pontifices Clemente X. e Innocencio XI. e sendo a este ultimo muy aceito, porque fez da sua pessoa particular estimação; no seu tempo venceo o negocio contra a fortissima opposição, que o apa-

drinhava, conseguindo no anno de 1681 com grande utilidade, e alegria do Reyno, a restituição do Santo Officio, que esteve todos estes annos suspenso do despacho, e não menos satisfação do Principe seu Arno, que o nomeou do seu Conselho de Estado, estando ainda em Roma. Depois publicou o mesmo Principe huma Ley passada a 5 de Agosto de 1683, para que fossem exterminados de seus Reynos, e Dominios, todos os Christãos novos, que fossem convictos, e tivessem abjurado em forma nos Autos da Fé, que fazem os Inquisidores, a qual teve alguns annos execucao. Neste mesmo negocio servio na Corte de Roma, onde teve caracter de Enviado Extraordinario, Joseph de Sousa Pereira, depois Conselheiro da Fazenda, Ministro de grande merecimento, como o era Jeronymo Soares, Inquisidor de Lisboa, e ultimamente Bispo de Viseo, a quem a Inquisicao escolheu pelas suas letras, e qualidades; sendo em todo o progresso deste negocio Inquisidor Geral D. Verissimo de Lencastre, que havia sido Arcebispo de Braga, não menos illustre pelas virtudes, que pelo sangue, e que desde o anno de 1686 foy Cardeal da Santa Igreja Romana. Para a guerra contra o Graõ Turco Mahomet IV. que em 1683 tinha posto em ultimo aperto a Praça de Vienna, Corte do Emperador Leopoldo I. soccorreo ElRey generosamente com grandes sommas de dinheiro ao Papa Innocencio XI. que agradeceo com hum Breve cheyo de carinhosas

fas expressões, a grandeza deste subsidio, concorrendo este Santo Pontifice com grossas remessas, e mais com as suas orações para a gloriosa vitoria, que o Duque Carlos de Lorena, e ElRey Joaõ Sobieski de Polonia, conseguiraõ em 7 de Setembro de 1683, derrotando o formidavel Exercito do Graõ Visir Ckara Mustafá, a que se seguiu huma torrente de conquistas, e vitorias nos annos seguintes. Para os lugares Santos de Jerusalem deu tambem ElRey grossas esmolas, e hum rico ornamento bordado, e huma bacia para o lavapés, e duas alampadas de prata de obra primorosa, que ardem no Santo Sepulcro, deixando para a sua subsistencia renda effectiva na Casa da India. Outros semelhantes testemunhos da sua piedade se vem neste Reyno, sendo o mayor padraõ a grandeza, com que fez dar fim ao Mosteiro de Santa Clara de Coimbra, em que se venera o corpo da Rainha Santa Isabel, sua ascendente. Obras suas sãõ o Forte de Alcantara, e outros, com que poz em mayor defenõa a Cidade de Lisboa, e os que ficaõ da banda dalém do rio; e no Reyno reparou, e adiantou muito as fortificações de varias Praças. Quando os Mouros sitiaraõ a Cidade de Oraõ, com grande perigo dos Hespanhoes, que valerosamente defendiaõ aquella Praça, achando-se no estado da ultima ruina, a soccorreo ElRey com huma poderosa armada no anno de 1677, e se naõ fora taõ prompto o soccorro della, de que era General Pedro

dro Jaques de Magalhaens, Visconde de Fonte Arcada, servindo de Almirante o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, embarcando-se nella muitos Fidalgos, não só Officiaes, mas voluntarios, e superando o General os mares, e ventos, que parecia se oppunhaõ a embarçar-se este soccorro, taõ valeroso no mar, como na terra, venceu todas as contrariedades, introduzindo o soccorro, com que os Hespanhoes triunfaraõ da porfia, e contumacia dos Mouros, devendo taõ glorioso successo à generosa promptidaõ, com que ElRey D. Pedro os soccorreo. E segunda vez auxiliou Hespanha com as suas armas, como experimentou a famosa Cidade de Ceuta, quando se vio sitiada pelos Mouros, para cuja defenfa lhe mandou hum Terço de Infantaria, de que era Mestre de Campo Pedro Mascarenhas, depois Conde de Sandomil, que do seu valor deu naquella Praça naõ vulgares provas, e depois mandou as armas na Provincia de Alentejo, com tanta opiniaõ, que conseguiu universal applauso nos Soldados. E contra o Mouros, assim nas Armadas, com que todos os annos seguava as Costas maritimas, como na Praça de Mazagaõ, conseguiu diversas ventagens. No seu tempo se começaraõ a descobrir as minas de ouro, sendo Governador do Rio de Janeiro Artur de Sá, e já de entaõ principiaraõ as frotas a conduzir abundante porçaõ deste taõ desejado metal. No Reyno de Angola, sendo Capitaõ General Francisco de Tavo-

Tavora, (depois Conde de Alvor) alcançou huma importante vitoria do Rey de Dongo, ou das Pedras, de que foy consequencia a tranquillidade, e socego daquelle Reyno. Na Capitanía de Pernambuco, sendo Governador Caetano de Mello de Castro, castigou os Negros levantados nos Palmares, não só reduzindo-os à obediencia, que muitos annos tinhaõ disputado, defendidos em hum sitio, que parecia inconquistavel. No Estado da India, supposto se perdeu a Praça de Mombaça, obraraõ milagres de valor os sitiados, conjurando-se o tempo para a sua desgraça contra a Armada, com que os soccorriaõ, de que era Capitão môr Henrique Jaques de Magalhaens. Tambem em diversos successos no mesmo Oriente, se acreditaraõ as suas bandeiras no mar, e na terra; porque com grande cuidado attendeo sempre ao bem, e utilidade dos seus Vassallos.

He admiravel prova do quanto se empregou na utilidade publica do Reyno, o que praticou na reduçãõ da moeda, em que perdeu grossas quantias de dinheiro, extinguindo toda a que haviaõ falsificado, ou diminuido, e fazendo bater de novo outra, e augmentando huma, e outra. Com a occasiãõ do casamento de Saboya fez lavrar huma medalha de ouro, a qual deixamos estampada no Tomo IV. Liv.V. desta Historia. O Commercio, como principal porçãõ, de que se anima a Republica, amparou com grande benignidade, para que flore-

florecendo ; se augmentassem os cabedaes. O mesmo experimentaraõ os fabricantes dos panos , sedas , e outros muitos generos , que no seu tempo tiveraõ principio , de que se seguio fazeremnos excellentes em algumas terras das Provincias de Alentejo , e Beira , como tambem a cultura dos bichos da seda , entregando a direcçaõ destas , e outras fabricas ao zelo de Dom Luiz de Menezes , Conde da Ericeira , seu Védor da Fazenda , que naõ vivendo muito depois do seu estabelecimento , naõ tiveraõ os progressos , que conseguiriaõ com a sua actividade , se lhe durara mais tempo a vida : e o mesmo , sendo Védor da Fazenda , deu a direcçaõ da moeda , e na Casa desta se accrescentaraõ instrumentos , e officinas , e recolhendo-se toda a do Reyno para se reduzir a nova fórma , se restituiõ prompta , e pontualmente , sem a menor falta. As rendas Reaes se augmentaraõ tambem excessivamente no seu tempo ; porque só o Contrato do Tabaco sobio a milhoens de cruzados , e outros muitos à proporçaõ , com grande utilidade do patrimonio Real. Estabeleceo importantes Leys : entre ellas foy a que mandou passar em Lisboa contra os desafios a 16 de Junho de 1668 com gravissimas penas ; e a que mandou passar a 23 de Novembro de 1674 , na qual se determina o modo da regencia do Reyno , e Tutores dos Reys , que succederem na Coroa , de menos idade de quatorze annos , a qual elle estabeleceo à instancia dos Tres Estados da Nobreza , Povo , e Clero

Torre do Tombo liv.
5. das Leys , pag. 91.

Prova num. 83.

Clero, juntos em Cortes, no referido anno. No Prova num. 84.

de 1698, em que se celebraraõ as Cortes, em que foy jurado o Principe D. Joaõ seu filho herdeiro da Coroa; passou outra Ley a 12 de Abril do referido anno, a qual os Tres Estados do Reyno Prova num. 85.

juntos nas Cortes, approvaraõ, e pediraõ: nella se declara a fórma, em que devem succeder no Reyno os filhos descendentes dos Reys, que legitimamente succeder a seu irmaõ, que falecesse sem descendencia, para que succedaõ por sua ordem, sem ser necessario approvaçaõ, ou consentimento dos Tres Estados do Reyno, declarando, e interpretando as Cortes de Lamego, e derogando-as, se necessario fosse naquella parte para melhor estabelecimento da Monarchia. . Além destas fundamentaes, e taõ importantes, fez outras Leys muyto uteis ao bem, e economia do Reyno.

No principio da sua Regencia no anno de 1668 celebrou ElRey a paz com ElRey D. Carlos II. e conservou depois por tantos annos em huma ditosa tranquillidade os seus Reynos: pelo que o appellidaraõ o *Pacifico*, até o anno de 1704, em que rompendo-se a guerra com Hespanha, conseguiraõ depois as suas armas a immortal gloria na memoravel Campanha do anno de 1706.

Por nomeaçãõ sua proveo o Papa Clemente X. todas as Cathedraes do Reyno, e suas Conquistas de dignissimos Prelados no anno de 1671, e por nomina sua creou o Papa Clemente X. Cardeal a

Cesar de Estrês, Bispo, e Duque de Laon, no anno de 1672. O Papa Innocencio XI. a D. Verissimo de Lencastre, Inquisidor Geral, que havia sido Arcebispo de Braga, no anno de 1686. O Papa Innocencio XII. a Luiz de Sousa, Arcebispo de Lisboa, e seu Capellaõ môr, no anno de 1697. No seu tempo o Papa Clemente XI. fez no anno de 1706 Cardeal a D. Miguel Angelo Conti, então Nuncio nestes Reynos, e Arcebispo de Tarso, que depois foy Papa com o nome de Innocencio XIII. Tambem à sua instancia o Papa Innocencio XI. erigio diversas Igrejas na America, passando a Metropolitano o Bispado da Bahia, por Bulla passada em Roma a 16 de Novembro de 1676; sendo o primeiro sagrado com esta Dignidade o Arcebispo D. Gaspar Barata de Mendoga. O mesmo Papa lhe deu por Suffraganeos os Bispados do Rio de Janeiro, e Pernambuco, erigidos ambos por Bullas passadas no mesmo dia, e anno: do Rio, foy seu primeiro Bispo D. Fr. Manoel Pereira, da Ordem dos Prégadores, que não foy ao Bispado por ser empregado no lugar de Secretario de Estado: de Pernambuco, foy o primeiro Bispo D. Estevão Bioso de Figueiredo, que era Vigario Geral do Arcebispado de Lisboa. O mesmo Papa Innocencio XI. erigio em Bispado o Maranhão por Bulla passada a 30 de Agosto do anno de 1677, de que foy seu primeiro Bispo Dom Fr. Antonio de Santa Maria, Titular de Neocesarea, Deaõ da Capella Real,

Prova num. 86.

Prova num. 87.

Prova num. 88.

Prova num. 89.

Real, que havia sido Religioso da Ordem Serafica da Provincia de Santo Antonio dos Capuchos, que não foy ao Bispado, e depois promovido ao de Miranda: e pela largueza do estado do Maranhão, se erigio depois o Bispado do Graõ Pará, como diremos no Capitulo X. deste Livro. Na Asia, no Imperio da China, erigio tambem à sua instancia o Papa Alexandre VIII. os Bispados de Pekim por Bulla passada a 10 de Abril do anno de 1690, e o de Nankim por Bulla passada no mesmo dia, e anno no primeiro do seu Pontificado.

Prova num. 90.

Prova num. 91.

Como não escrevemos a Historia universal do Reyno, e só nas Vidas dos Principes apontamos aquellas circumstancias, de que achámos documentos, ou aquellas memorias seguras, de que muitas até agora se não trataraõ miudamente por outros Historiadores, nos pareceo resumir neste lugar por mayor algumas noticias dos successos do reynado del Rey D. Pedro II. repartidas por materias, principalmente nas negociações com outros Principes.

Feita a paz com a igualdade, que se devia, entre os Reis de Portugal, e Catholico em 1668, primeiro anno do governo do Principe Regente, recebeo nesta Corte por Embaixador del Rey Catholico ao Barão de Bataville, como já se apontou, e morrendo em Lisboa em 1670, deixou occultamente introduzido em alguns animos descontentes a falsa, e impropria idéa de querer, com as armas de Castella, introduzir outra vez no governo do Rey-

no a ElRey Dom Affonso VI. que estava na Ilha Terceira: e como o Marquez de Eliche D. Anniello de Gusman, e outros prisioneiros illustres, que estavam no Castello de Lisboa, tinhaõ já principiado esta pratica com alguns, dos que indiscretamente os visitavaõ com mais frequencia, achou o Conde de Hummannes, successor no ministerio, mas naõ no talento do Baraõ de Bataville, occasião de continuar aquelle infiel projecto, de que resultou ausentar-se do Reyno para Madrid Francisco de Mendoça, Alcaide mór de Mouraõ, e em 1674 se fizeraõ em Lisboa algumas execuções. Constando depois ao mesmo Principe, que o principal, dos que foraõ degollados, que foy Fernaõ Mascarenhas, estava innocente, e da mesma sorte foraõ soltos depois alguns Fidalgos, que com menos averiguação, e pelo indicio de parentes de Francisco de Mendoça foraõ prezos, entre os quaes era Joaõ de Almada de Mello, que tendo servido com muito valor, (como Fernaõ Mascarenhas tambem o fizera) sabendo, que o queriaõ prender, se ausentava, e sendo o seu brio igual à sua innocencia, o fizeraõ perder o juizo, que depois de mais de quarenta annos, e havendo muitos, que estava livre, se lhe restituõ felizmente antes da sua morte, e Jeronymo de Mendoça, irmaõ de Francisco de Mendoça, foy degradado por toda a vida para a India, onde seu irmaõ Luiz de Mendoça, depois Conde do Lavradio, tinha sido Vice-Rey com grande acerto, e fide-

e fidelidade, independente das fatalidades, que padeceo a sua illustre familia. O Conde de Hummannes tinha feito a sua entrada publica; e porque nella faltou, ou por perturbação, ou por malicia a alguma das formalidades, que devia observar, e se lhe tinhaõ advertido, o mandou o Principe fazer segunda entrada, em que satisfez ao que havia faltado, recolhendo-se logo para Madrid.

Naquella Corte tinha o Marquez de Arronches com a sua costumada experiencia, adquirida em outras Embaixadas, manejado com socego os delicados negocios, que tinhaõ occorrido entre as duas Cortes depois da paz; mas succedendolhe o Marquez de Gouvea D. João da Sylva, de quem era Secretario Miguel da Sylva Pereira, que escreveu huma Relação desta Embaixada com excellente estylo, e foy depois Chanceller da Relação, e Desembargador do Paço, experimentaraõ no povo de Madrid os effeitos do rancor da passada guerra, e separação do Reyno, e dos successos do Conde de Hummannes em Lisboa, e intentou assaltar-lhe a casa, e offender-lhe alguns criados. Não tendo o Marquez a satisfação prompta, que pedia, se retirou com a Marqueza sua mulher para hum Lugar perto de Madrid: mas vendo aquella Corte, que o Principe D. Pedro se preparava para romper huma nova guerra, justificou, que não tivera parte no tumulto, tirou o emprego, e desterrou hum Alcaide de Corte, pelo não dissipar a tempo, e mandou

Memorias do Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes.

Clede Histor. de Portugal, tom. 2. liv. 32 pag. 787.

dou pela posta a Lisboa por Enviado ao Abbade de Mazarate, que morreo em Lisboa depois de alguns annos, em que exercitou com prudencia o seu ministerio. Nelle lhe succederaõ em Lisboa, entre alguns Ministros de menos caracter, que residiraõ nesta Corte, o Bispo de Avila D. Fr. Diogo Fernandes de Angulo, da Ordem de S. Francisco, com o caracter de Embaixador Extraordinario, que havia sido Arcebispo de Sardenha, e Vice-Rey do mesmo Reyno, em cujo tempo naõ houve cousa memoravel, mais que as festas, que fez com muito luzimento, quando se ajustou o casamento delRey D. Pedro em 1687. Nestas demonstrações se distinguio D. Manoel de Sentmanat e Lanusa, que no tempo de Enviado, e depois no de Embaixador, conseguiu o agrado delRey, mas naõ que se declarasse a favor de Hespanha, como elle, e seus successores procuraraõ, e se conservou Portugal na neutralidade. No anno de 1680 governava D. Manoel Lobo a Nova Colonia do Sacramento, que junto ao Rio da Prata pertence a Portugal, pelas antigas demarcações, e novos Tratados, e está situada na America Meridional, e contra a boa fé ganhou esta Fortaleza o Governador de Buenos Aires, fazendo prisioneiro ao Governador, e a guarnição: com esta noticia, justa, e generosamente estimulado o Principe Dom Pedro, se preparou para ir em pessoa fazer guerra a Hespanha, para o que tinha já nomeada, mas naõ publicada a promoção dos Generaes,

neraes, de que ainda naquelle tempo havia muitos valerosamente experimentados na ultima guerra; sem embargo de acharse Hespanha em paz, pela que havia firmado em Nimega nos annos antecedentes. Por não entrar neste novo empenho por tão injusta causa, mandou ElRey Catholico Dom Carlos II. por seu Embaixador Extraordinario a D. Domingos Judice, Duque de Giovenazzo, e Principe de Cellamare em Napoles, que tinha sido Embaixador em outras partes, e satisfazendo à nossa Corte com a restituição da Colonia, e prisioneiros, e com o Tratado, de que já fizemos menção no Livro IV. Capitulo III. pag. 119. sobre o que houve em Badajoz conferencias de homens doutos de ambas as Nações, ficando depois a Portugal a inteira cessão daquella Colonia, e seu territorio pela paz de Utrecht. Estando o Duque de Geovenazzo em Lisboa, intentou o Marquez d'Oppet, Embaixador de França, insultallo com gente armada, quando sahia de noite de visitar o Nuncio Marcello Durazzo, parece que com alguma ordem secreta, que teve de Pariz, por outro encontro, que o Duque tivera com o Embaixador de França na Corte de Saboya. Sabendo o Principe este intempestivo movimento do Embaixador de França, chamou na mesma noite o Conselho de Estado, e mandou promptamente com Tropas assegurar a retirada do Embaixador, e a sua casa com guardas nos dias successivos, fazendo ao Embaixador de França retirar a gente

gente da sua Nação , que juntara , tendo-selhe advertido efficazmente quanto se havia estranhado , o que emprendera. Aos dous Marquezes de Arronches , e Gouvea , succederaõ os Enviados Duarte Ribeiro de Macedo , Joseph de Faria , Mendo de Foyos Pereira , e Diogo de Mendoça Corte-Real , sendo os tres ultimos depois Secretarios de Estado , e dando todos naquella Corte taõ continuas provas do seu talento , que ainda hoje dura nella a sua memoria , e conservaraõ o Reyno em paz até os ultimos tempos , tendo Portugal , como dissemos , soccorrido generosamente Oração , e Ceuta.

Com a Corte de França tinha ElRey D. Afonso VI. concluido em 1666 a ventajosa liga , que referimos , e como a pezar das instancias do Abba-de de São Roman , Embaixador à nossa Corte , se concluiu a paz com Hespanha , não houve naquelle tempo negocio de grande importancia entre as duas Coroas , ainda que o Marquez de Guenegaut , Enviado de França , procurou , offerecendo a Portugal grandes ventagens , de que imprimio hum papel , que se mandou recolher , que nos declarassemos contra Hespanha , a quem França fazia , e a Hollanda , e a outros Principes a guerra , que principiou em 1672 , e acabou em 1678 com a paz de Nimega. Para entrar neste Tratado , e ser mediador , foy convidado o Principe Regente , que nomeava primeiro para Embaixador ao Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes , e depois a Francisco de Tavo-

Tavora, que ainda não era Conde de Alvor, porém ou fosse politica, ou irresolução, não foram Ministros Portuguezes a este Congresso, discorrendo os Estrangeiros nos seus livros, que Portugal não quizera concorrer para o excessivo poder, que tinha França, procurando, que fosse o Tratado da Paz ainda mais ventajoso, do que foy àquelle Reyno, nem para que Hespanha tivesse mayores interesses. Ao Marquez d' Oppet, que se seguiu ao Enviado Guenegaut, e fez huma luzida entrada, succederam os Embaixadores Marquez de Amelot, e o Vidam d' Esnault, que trouxeram suas mulheres, e tambem tinha voltado em 1683 o Abbade de S. Roman, que foy Embaixador pouco tempo, e não houve no do ministerio destes Ministros, que todos o executaram com grande luzimento, e acerto, mais negocio de importancia, do que o das pertenções, que fizeram para o casamento da Infanta D. Isabel, e depois para o delRey D. Pedro, procurando, que fossem com Principes, ou Princezas de França, ou que estivessem nos seus interesses, o que se não conseguiu, porque a Infanta não casou, e ElRey o fez com huma filha do Eleitor Palatino, Principe dos mais oppostos às vastas idéas de Luiz XIV. Veyo depois a Lisboa o Abbade de Esté, e residindo alguns annos, passou à Embaixada de Hespanha, com cujo Exercito entrou em Portugal acompanhando a ElRey Catholico, e ultimamente foy por largo tempo Embaixador o Presidente Ro-

wille, que com diversa fortuna correo na sua negociação, pois tendo Portugal acedido ao Tratado da partilha, que França, Inglaterra, e Hollanda, fizeraõ em 1700, em que dividiaõ da Monarchia de Hespanha alguns de seus Estados em Italia, e outras partes, conseguiu em 1701 huma liga de Portugal com França, e Hespanha, que depois, como dissemos, passou a huma neutralidade, e em fim a hum Tratado inteiramente opposto, e retirando-se por esta causa o Presidente Rowille, tinha vindo nomeado Embaixador em 1703 o Marquez de Chauftauneuf, que a pezar das suas activas negociações, e das Carras, que trouxe do Cardeal de Estreés, não pode embarçar a execuçaõ da nova alliança, recolhendo-se quando chegava o Archiduque Carlos de Austria. Na Corte de França forã Enviados, no tempo deste Reynado, Duarte Ribeiro de Macedo, por pouco tempo, e com muito acerto, e com igual, e mais annos Salvador Taborda Portugal; e a dar os pezames da morte da Rainha de França D. Maria Theresa de Austria, foy D. Joã de Ataide, filho do Conde de Castro Dairo D. Jorge de Ataide, vindo a Lisboa com semelhante commissão pela morte da Rainha D. Maria Francisca de Saboya o Marquez de Torci, filho do grande Colbert, e depois famoso pelo seu emprego de Secretario de Estado dos negocios Estrangeiros. Depois se seguiu Francisco Pereira da Sylva, e Joseph da Cunha Brochado, que com grande talento

lento havia sido Secretario da Embaixada do Marquez de Cascaes D. Luiz Alvares de Castro, que não achando esquecidas as memorias, que em quasi sessenta annos ficaraõ impressas naquella grande Corte da magnificencia da Embaixada do Marquez D. Alvaro seu pay, as soube renovar com mais annos de residencia em Pariz, havendo feito a sua entrada, e conservando igual luzimento, com aceitação universal dos Francezes, e distincções particulares do seu grande Rey Luiz XIV. o que até mostrou na joya, que lhe deu de mayor preço, do que se costuma aos Embaixadores, declarando, que por especial attenção, que fazia da sua pessoa, não serviria de exemplo para os mais. Igual attenção deveo o Marquez ao Duque de Orleans, irmão unico delRey, a quem deu magnificamente de ceiar em sua casa; e recolhendo-se com igual satisfação de ambas as Cortes, ficou na de Pariz Joseph da Cunha Brochado por Enviado, e depois que a guerra se rompeo com Hespanha, se recolheo a Lisboa, como dissemos. Em 1693 appareceo na Bahia de Lagos o Marechal de Tourvil com huma grossa Armada para esperar a frota de Esmirna, que os Inglezes comboyavaõ com alguns navios de guerra. ElRey puchou Tropas de Alentejo, que governava Diniz de Mello de Castro, em quanto não soube o fim da Armada Franceza, que foy o de derrotar, como fez, parte daquella frota, offerecendo a ElRey os seus navios, que nesta, e em outras oc-

casioens foraõ bem recebidos nos nossos pórtos, como os das outras Nações, segundo as clausulas dos Tratados.

Com Inglaterra conservou ElRey a boa correspondencia, que quasi sempre houve entre as duas Nações, e que até o anno de 1685 acrescentou o parentesco dos dous Reys. Em Londres não houve mais Embaixador, que o Marquez de Aronches, e o tinha sido D. Francisco de Mello, e de ambos fazem memoria com louvor merecido os Escritores de varias Nações, como tambem dos Enviados Joseph de Faria, Simão de Sousa de Magalhaens, e o Visconde de Fonte-Arcada Manoel Jaquez de Magalhaens, e com hum commissaõ extraordinaria Pedro de Figueiredo de Alarcão, e outros Ministros, em que se distinguio D. Luiz da Cunha, que depois teve o caracter de Embaixador: e no tempo do seu ministerio, que comprehendeo quasi dez annos na vida delRey D. Pedro, mostrou desde o anno de 1696 naquella Corte, e depois nas mayores da Europa, o seu grande talento, e virtudes politicas; concorrendo para os soccorros, que Inglaterra mandou a Portugal desde o anno de 1704 para a nova alliança, e escrevendo em seis grandes volumes todas as suas negociações, memorias, e tratados da Europa, que offereceo depois à magnifica Livraria delRey D. João V. excellentemente escritos na materia, e na fórma com admiraveis reflexoens, e tratados particulares, de que os primei-

primeiros volumes podem servir muito para a Historia delRey D. Pedro II. Outro negocio se tratou em Londres, e não se conseguiu, pois sabendo ElRey, que o de Inglaterra Carlos II. queria demolir, e abandonar a Praça de Tangere, que tinha sido dote da Rainha sua mulher, como deixamos escrito, ouvindo o projecto, e o voto do Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, do Conselho de Estado, que tinha sido cinco annos Governador; e Capitão de Tangere com grande acerto, e com o mesmo escrito a historia daquella Cidade, que corre impressa, como dissemos no Livro VI. Capitulo V. propoz comprar Tangere por evitar, que a occupassem os Mouros, e para restituir a Portugal este antigo padraõ de acções tão gloriosas; mas o Parlamento teve por mais util fazer a despeza de arruinalla, que evitando-a, achar a conveniencia de vendella; e assim deixando-a demolida, e o seu porto embarçado, a occuparaõ os Mouros, não se seguindo a idéa, que o mesmo Conde até à sua morte repetio de restaurar Tangere. Em Lisboa foraõ Ministros de mayor caracter, depois que se fez a paz, em que Inglaterra teve tanta parte, como dissemos, pelo Conde de Sanduick, nos ultimos tempos delRey Joaõ Methwin, e Paulo Methwin seu filho, ambos de grande capacidade, e Milord Galloway, todos tres Embaixadores, e outros Enviados de muito merecimento, como tambem o foraõ os Generaes Inglezes, depois do Duque de Lensteir

Ar-

Armando de Schomberg, havendo voltado a Lisboa o Marichal Frederico seu pay, Conde de Mertola em Portugal, quando Luiz XIV. o fez fahir de França com os mais, a que comprehendeo a revogação do Ediçto de Nantes, e em Lisboa confereio com o Conde de Mansfelt, Ministro do Emperador, que veyo de Madrid, as primeiras idéas da liga, que se fez contra França em 1688; e honrando ElRey muito ao Marichal, a quem, e a seus filhos pagava pontualmente cada anno dezoito mil cruzados em premio dos seus grandes serviços; e ElRey de França, em quanto elle esteve em Portugal, lhe pagava os soldos, e pensoens, que tinha naquelle Reyno; depois passou o Marichal ao serviço do Eleitor de Brandemburgo, e depois ao de Inglaterra, aonde morreo de larga idade, vencendo em Irlanda a batalha de Boyne.

Em Hollanda foy Embaixador depois do Marquez de Arronches, que duas vezes teve este emprego, D. Francisco de Mello, que com grande juizo, e discrição tratou as dependencias de Portugal, que se reduziraõ a alguns pontos do commercio na Costa da Mina, e mais Conquistas, e ao pagamento, que ElRey fez executar pontualmente pela consignação, que pelos ultimos Tratados se estabeleceo no sal de Setuval: e na Haya foraõ depois Ministros os Enviados Diogo de Mendoça Corte-Real, e Francisco de Sousa Pacheco, ambos bem conhecidos de todas as Nações pelas suas rele-

relevantes circumstancias, e merecimentos. Em Lisboa successivamente houve Enviados, e Residentes de Hollanda, e com caracter de Plenipotenciario, quando em 1703 se affinou a liga de Portugal, residio em Lisboa, aonde depois morreo, Francisco de Schonemberg.

Com o Emperador se estreitaraõ os vinculos pelo casamento delRey com a irmãa da Emperatriz Leonor, e ultimamente com a vinda do Archiduque, e a grande alliança; e foy à Corte de Vienna por Embaixador Extraordinario Carlos Joseph de Ligne, que neste Reyno foy Marquez de Arrouches por casar com D. Marianna de Sousa, herdeira desta grande Casa, e a Lisboa veyo por Embaixador Extraordinario o Conde de Walftein, que com igual luzimento residio nesta Corte, aonde primeiro teve o pezar de ver concluir em 1701 a liga com França, e depois a fortuna de affinar em 1703 a grande alliança; mas recolhendo-se a Alemanha por mar em huma nao de guerra Hollandeza, o fizeraõ prisioneiro os Francezes. E a huma, e outra Corte, em occasioens de pezames, e parabens, e outras, foraõ diversos Cavalheiros da parte de ambos os Monarcas.

Com a Corte de Turim houve reciproca correspondencia, de que temos dado bastante noticia, e agora, que só fazemos memoria dos Ministros, que houve no Reynado delRey D. Pedro, e por mayor do estado politico dos trinta e nove annos do

do seu governo diremos , que a uniaõ , e o parentesco da Rainha de Portugal , e de Madame Real Maria Joanna Bautista de Saboya , e o casamento , que depois se desvaneeo , foraõ causa dos Ministros , que tiveraõ os dous Principes nas Cortes reciprocas. O Conde de Atalaya D. Luiz Manoel de Tavora foy por Embaixador Extraordinario à Corte de Turim no anno de 1676 , e mostrando nesta occasiaõ , como em todas , o seu talento , e generosidade , teve , quando se recolheo a Portugal , nova occasiaõ de exercitar o grande valor , que tinha mostrado na guerra passada ; porque ao navio , em que vinha , envestiraõ cinco de Argel com muita força , e com grande numero de Mouros , e naõ se atrevendo abordallo , o combateraõ vigorosamente com a artilharia ; e o Conde , a quem acompanhava D. Luiz Balthasar da Sylveira , e outros Fidalgos de distincãõ , fazendo fogo contra os cinco navios , os deixou muito maltratados com grande perda de gente , e os seguio , quando fogiraõ , desprezando huma perigosa balla , que recebeo , e mandando , que o puzessem ao pé do mastro grande , de donde dava as suas ordens , ao mesmo tempo , que o curavaõ : e vencedor lhe fez o Principe D. Pedro a honra de o visitar , concedendolhe varios despachos , e distinguindo-o no seu favor , que lhe continuou muitos annos , occupando-o depois nos lugares , que temos dito , até perder gloriosamente a vida , quando se ganhou Alcantara. Em Turim effiveraõ

tiveraõ por Enviados Duarte Ribeiro de Macedo, Diogo de Carvalho de Serqueira, depois Desembargador do Paço, e outros. O Duque de Cadaval teve, como dissemos, o caracter de Embaixador Extraordinario, quando havia de conduzir o Duque de Saboya, que em Lisboa não teve mais Embaixador, que o Marquez de Ornero para os esponsaes com a Infanta, que referimos, e por Enviado o Conde de Governatis, vindo a outras commissoens o Abbade de la Tour, o Marquez de Vougera, e outros.

O Graõ Duque de Toscana pertendeo, como os mayores Principes da Europa, o casamento da Infanta D. Isabel, e o Duque de Parma mandou para o mesmo effeito ao Conde de Simoneta. A El-Rey de Prussia reconheceo El-Rey D. Pedro, e houve Ministros em ambas as Cortes, e tambem de outros Principes; e sendo o nosso Padrinho de hum filho do famoso Rey de Polonia Joaõ Sobieski, mandou àquella Corte a Francisco Pereira da Sylva, e foraõ àquelle Reyno, e ao de Hungria, Francisco Pimentel, e outros Officiaes, e Engenheiros Portuguezes, que se acharaõ valerosamente com Antonio Machado de Brito, depois famoso General na India, no sitio de Neuhasel, e em diversas occasioens. A Lisboa chegou em Fevereiro de 1688 incognito o Principe Jorge Augusto de Saxonia, irmão do Eleitor Joaõ Jorge de Saxonia, que veyo a succeder a seu irmão no Eleitorado, e Ducado de Saxo-

Memorias m. f. do Du-
que de Cadaval, tom.
VI. pag. 204.

nia, e depois foy o famoso Rey Augusto II. de Polonia, e pedindo audiencia pelo Secretario de Estado a ElRey, à Rainha, e à Senhora Infanta D. Isabel, ElRey lha deu na sua Camera, aonde o conduzio o Marquez de Marialva, Gentil-homem da Camera de semana, que o foy receber ao topo da escada do Paço; o seu coche entrou no pateo do Paço, e a guarda dos Archeiros lhe tomou as armas, e levando-o o Marquez à sua mão direita até à Camera delRey, onde se achava o Conde de Santa Cruz, Mordomo môr, e o Conde de Vianna, Estribeiro môr, que sahiraõ para fóra tanto, que o Principe chegou à presença delRey, ficando todos à porta da Camera. ElRey estava em pé com o chapeo sobre hum bofete, e tanto, que chegou o Principe, deu tres passos a recebello, e nesta fórma lhe fallou, sendo Interprete o Padre Leopoldo Suefs, Confessor da Rainha. ElRey o recebeu com muito agrado, dando os mesmos passos quando se despedio: o Marquez de Marialva o conduzio à presença da Rainha, e Infanta, que estavaõ na casa interior da ante-camera, e ambas deraõ os mesmos passos, que ElRey; na casa se achavaõ os Officiaes da Rainha, e Infanta, as suas Camereiras môres, Senhoras de Honor, e Damas. Acabada a audiencia, o Marquez de Marialva o conduzio ao mesmo lugar, em que o recebeu. Depois teve audiencia mais particular da Rainha, e o conduzio o Conde Baraõ de Alvito, Védor da Casa da Rainha,

nha, com a mesma cerimonia, que o Marquez de Marialva; ultimamente teve audiencia de despedida, em que se praticou o mesmo. Sempre fallou à Rainha em Alemão, e ella lhe respondia na mesma lingua, e nesta audiencia cumprimentou à Infanta em Francez, em que ella lhe respondeo. Foy ver a Torre de S. Gão, onde o salvarão com treze pessoas, e receberam com todas as honras militares: passou a Cintra a ver o Paço, e aquelle agradavel sitio. Mandoulhe ElRey huma joya para o chapeo de diamantes de grande preço, que elle recebeu como favor especial, e mostrando gosto de hum cavallo dos da pessoa delRey, o Escribeiro mór lho mandou com huma rica manta. Desjhou muito ElRey, e o Principe, terem occasião de poderem ver exercitar as extraordinarias forças, e agilidade, em que ambos não tinham entre os particulares, quem os igualasse no Mundo. Tambem o Graõ Duque Cosme III. sendo Principe, veyo a Portugal, e fallou a ElRey, que lhe fez hum presente de huma joya de diamantes, huma faca com o cabo guarnecido de diamantes, alcatifas, e hum docel bordado da China, e outras cousas da India de estimação, e o modo, e formalidade deixamos escrito no Livro III. Cap. V. pag. 441.

Já tratámos os negocios de Roma, sendo os mayores a Embaixada do Marquez das Minas, e a do Arcebispo de Braga, e nas varias occasioens das duas Cortes, continuaraõ com acerto as negocia-

ções os Residentes, e Enviados João de Roxas de Azevedo, Ministro de grande supposição, depois Desembargador do Paço, Chanceller mór do Reyno, e Secretario da Assinatura; o Doutor Domingos Barreiros Leitaõ, depois Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens; Bento da Fonseca, Desembargador dos Aggravos, que faleceo em Roma, o Padre Antonio do Rego, da Companhia de Jesu, que foy Residente, e ultimamente André de Mello de Castro, filho do Conde das Galveas Diniz de Mello, sendo primeiro Enviado Extraordinario, conseguiu neste caracter grandes distincções no tratamento, e mostrou desde entaõ as qualidades, que o fizeraõ depois nomear por El-Rey D. João V. Embaixador na mesma Curia, como largamente se dirá, tendo feito celebrar com extraordinaria magnificencia as Exequias del Rey na Igreja nacional de Santo Antonio, de que ha hum livro, em que vem estampado o Mausoleo, e toda aquella Real pompa funebre. Os Nuncios, que vieraõ a este Reyno, foraõ Monsenhor Raviza, de quem foy Auditor Tarugi, depois Cardeal. Seguiu-se Marcello Durazzo, Genovez, residindo muitos annos com aceitação em Lisboa, e depois foy Cardeal, e lhe succedeo Mons. Nicolini, que morreo brevemente. Com a occasião do nascimento do Principe D. João lhe trouxe as fachas Mons. Tanara, que tambem foy Cardeal, e Decano do Sacro Collegio; e logo lhe succedeo Mons. Cornaro,

ro, e sendo feito Cardeal, se recolheu a Italia, seguindo-se D. Miguel Angelo Conti, que por dez annos mostrou em Lisboa, que correspondiaõ as suas acções ao seu alto nascimento: e sendo feito, como dissemos, Cardeal, foy depois Protector do mesmo Reyno, como o havia sido o Cardeal de Estrée, e elevado ao summo Pontificado com o nome de Innocencio XIII.

Desejamos dar dos successos das Conquistas, e de outros militares, politicos, e civis, noticias mais individuaes; mas já ponderamos as razoes, porque o não faziamos, só diremos, que para todas as partes do Mundo, a que os Reys de Portugal estendem o seu vasto dominio, fez ElRey D. Pedro Vice-Reys, Capitaens Generaes, e Governadores de muito merecimento. Na Praça de Mazagaõ em Africa sustentou a guerra com os Mouros, em que houve a pezar da desigualdade do numero, occasioens muito ventajosas aos Christãos, e querendo ElRey de Mequines, temido Emperador de Fez, e Marrocos, ficiar Mazagaõ, que governava Luiz de Saldanha da Gama, depois Conselheiro de Guerra, e que se preparava para a defenõa com o valor, de que era dotado, e que he hereditario na sua illustre familia; ElRey mandava soccorrer aquella Praça pelo Conde do Rio Grande, e o Rey barbaro com esta noticia desistio da empreza. Em Angola entre as ventagens, que se alcançaraõ contra os negros, foy a mayor, a que já referimos, a
de

de Francisco de Tavora contra ElRey das Pedras. Para recuperar Pate mandou o Principe em 1677 a D. Pedro de Almeida, que foy feito Conde de Assumar, e Vice-Rey da India, onde morreo brevemente, naõ sendo esta occasiaõ taõ bem succedida, nem a defenõa de Mombaça, que se perdeo, naõ se descuidando ElRey em procurar recuperalla com a Armada, que governava Henrique Jaques de Magalhaens, o que por entaõ se naõ conseguiu. Tambem ElRey mandou à India outras cinco naos de guerra no anno de 1685, de que hia por Capitã môr Manoel de Saldanha de Albuquerque para soccorrer o Conde de Alvor, que com o Seva-gi teve hum arriscada guerra, em que na Ilha de Santo Estevaõ o livrou o seu valor, só com cinquenta Soldados, de hum grande numero de barbaros. Os Vice-Reys, naõ contando os Governadores da India, que houve no tempo delRey D. Pedro, foraõ Luiz de Mendoça, Conde do Lavradio, que em varias occasioens, que teve, conservou as armas, e o Estado com reputaçã, e morreo vindo para o Reyno; D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, que como dissemos viveo pouco; Francisco de Tavora, Conde de Alvor; D. Pedro Antonio de Noronha, Conde de Villa-Verde, depois Marquez de Angeja, e Vice-Rey do Brasil, que mostrou igualmente na India o seu acerto, do que na Europa o seu valor, e fez hum ligavantajosa com ElRey da Persia. Havia pouco, que falecera

lecera Xa Solimaão, Rey da Persia, e succendolhe na Coroa Xa Sultan Ossen seu filho, mandou o Vice-Rey, por ordem que teve delRey D. Pedro, dar os parabens ao novo Rey da sua exaltação ao throno; esta attenção delRey Dom Pedro com o da Persia, assentava na boa correspondencia, que aquelle Rey conservava com o Estado da India, que no Porto de Bender-Congo tem hum Feitoria, onde sempre assiste hum Feitor posto pelo Vice-Rey, que cobra a pensão do dinheiro, e cavallos, que todos os annos nos pagaão. Escolheo o Vice-Rey para esta Embaixada ao Doutor Gregorio Pereira Fidalgo da Sylveira, depois Desembargador do Paço, em quem concorriaõ capacidade, e talento, o qual executou a commissão com prudencia, e luzimento. He de saber, que os Arabios, com quem os nossos sempre tiveraõ guerra, mandaraõ algumas embarcações ao porto de Bender-Congo, que fica no Golfo Persico, e quebrando a paz, em que estavaõ com os Persas, desembarcaraõ, e roubaraõ a povoação, e mataraõ hum grande numero dos moradores: deste desfacato se sentio ElRey da Persia, pelo que ajustou hum ligã com o Estado para fazerem guerra aos Arabios; sendo hum dos artigos mandar o Estado àquelle porto hum Armada, na qual havia de embarcar hum numeroso Exercito para desembarcar nas terras do Arabio, que ficaõ do porto em distancia de menos de dez legoas. ElRey da Persia ordenou se levantasse

tasse gente, e nomeou o General, que havia mandar o Exercito; porém não pode conseguir a expedição d'elle, porque foy fatal a esterilidade, que padeceo aquelle Reyno, o que impossibilitou o poderse conduzir a gente, que havia de embarcar na nossa Armada, por haverem de caminhar mais de cento e cincoenta legoas até o porto de Bender-Congo, onde estava a nossa Armada, de que era Capitão môr Francisco Pereira da Sylva, o qual depois de invernar naquelle porto inutilmente, esperando as ordens da Persia, não pode conseguir o desejado effeito de meter os Persas nas terras dos Arabios. Fica a Corte de Haspaam duzentas legoas distante do referido porto, onde desembarcou o Embaixador Gregorio Pereira, e fez a sua jornada para Haspaam com huma luzida comitiva, entrando nella em Junho de 1696, e foy recebido com grande estimação, praticando-se com elle o ceremonial, que aquella Corte não concede, senão acertos Soberanos; porque não houve cousa de singular distinção, que se não concedesse ao Embaixador, a quem na sua instrucção lhe era muy recommendada a restituição do Bispo daquelle Cidade D. Fr. Elias de Santo Alberto, Religioso Carmelita Descalço, Varaõ de grande espirito, e letras, que naquelle Reyno havia feito grande serviço a Deos, o qual por machinas ordidas pelos Armenios Schismaticos, que na Cidade de Zulfa tem cinco Freguesias, em odio do Bispo lhe haver apartado dos seus erros hum

hum grande numero de Schismaticos , e reduzillos à verdade da Religião Catholica Romana , conseguiraõ , que a Corte mandasse expulsar o Bispo, e os Religiosos Carmelitas Descalços seus Compãheiros , do Convento , que tinhaõ na referida Cidade , e levaraõ o Bispo prezo à Corte, com os Religiosos a pé , diante de huma esquadra de Cavallos , e com grande pena de todos foy demolida a sua Igreja. Depois de varios trabalhos foy o Bispo posto na sua liberdade , e participando ao Papa Innocencio XII. que entaõ governava a Igreja de Deos , os seus trabalhos , lhe supplicava , que escrevesse a ElRey da Persia , e na mesma fórma o fez a ElRey Dom Pedro , para que interpuzesse o seu respeito , para que fosse com os seus Religiosos restituído à sua antiga residencia : pelo que ElRey ordenou ao Vice-Rey Conde de Villa-Verde , recommendasse muito ao Embaixador , que havia de mandar à Persia , este importante negocio , o que o Vice-Rey fez muy vivamente , como quem reconhecia o quanto ElRey seu Senhor se interessava de coração nas materias pertencentes ao augmento da Religião Catholica. Depois de estar na Corte de Haspaam Gregorio Pereira, recebeo o Bispo Cartas da Europa , e entre ellas hum Breve do Papa para ElRey da Persia : nelle lhe recommendava , que visto a desgraça , em que elle se achava , se valesse de algum Ministro de qualquer Potencia Catholica , que estivesse naquella Corte , para que pela

Prova num. 92.

- Prova num. 93. sua mão passasse o Breve à delRey da Persia. Recorreo o Bispo ao nosso Embaixador, porém elle, que se não podia encarregar daquella commissão em direitura, por não poder fazer as funções, que não tocavaõ ao seu carácter, tomou o arbitrio de se valer de Mirzarthaer, primeiro Ministro daquella Corte, de quem era muy attendido, fazendolhe taõ bons officios em virtude das suas instrucções, conseguiu, que ElRey da Persia respondesse ao Papa, e fosse o Bispo restituído, com os seus Compañheiros, à sua residencia, como elle refere nas Cartas, que escreveo de agradecimentos a ElRey D. Pedro, de Haspaam de 10 de Dezembro de 1697, e ao Vice-Rey Conde de Villa-Verde. O nosso Embaixador para mostrar a veneração, com que respeitava a Igreja Catholica, quiz fazer pomposo este acto; porque elle mesmo levou o Bispo à Cidade de Zulfa, que fica defronte da Corte, mediando hum rio, e entre huma, e outra huma fermosa ponte, sendo acompanhado de toda a sua luzida comitiva, a que se aggregou hum grande numero de Catholicos Romanos, Portuguezes, Armenios, Francezes, e Italianos, de que ha muitos naquella Corte, o que viraõ com inexplicavel pezar os Armenios Schismaticos. ElRey mandou reedificar a Igreja, e Convento, que se tinha demolido, que ainda hoje permanece. O Embaixador depois de ter recebido muitas honras delRey da Persia, e respondido ao Conde Vice-Rey, voltou a Goa, aonde
- Prova num. 94.
- Prova num. 95.
- Prova num. 96.

aonde recebendo os agradecimentos do bem, que satisfizera a sua commissão, teve depois a approvação do seu Soberano, com premio digno do seu merecimento. Succedeo ao Conde de Villa-Verde o Vice-Rey Antonio Luiz Coutinho, Almotacémôr, que faleceo vindo para Portugal, tendo mostrado na India, como o havia feito no Brasil, e outros governos, summa justiça, e desinteresse; Caetano de Mello de Castro, que antes havia governado os Rios de Senna, e Pernambuco, com muito acerto, e na India conseguiu consideraveis victorias, ganhando as Ilhas de Corjuem, e Panellim, adjacentes às terras de Bardês, que possuía Osar Desay, Bonsulo, chamado Chema Saunto, destruindo no Poço de Surrate o Almirante D. Antonio de Menezes a Armada dos Arabios de Mascate, pondo-a em precipitada fogida, e dandolhe caça por muitas horas, e mostrou summa capacidade, peleijando, quando voltava para o Reyno em 1706, com grande valor na Costa do Brasil com hum Cofario, a que fez fogir com muita perda.

Na America houve só de consideravel, o que dissemos da perda, e restituição da Nova Colonia, que depois de rota a guerra em 1704, resistio a hum apertado sitio, que lhe puzeraõ os Castelhanos, e defendeo Sebastião da Veiga Cabral, depois General de Batalha. A guerra dos Palmares, e outras com os Gentios de menos importancia, o descobrimento das Minas em tempo de Artur de Sá, e An-

tonio de Albuquerque Coelho, e os governos de Affonso Furtado de Mendoça, Roque da Costa Barreto, ambos de grande distincão, e entre outros o do Marquez das Minas D. Antonio Luiz de Sousa, e os mais, que se podem ver na *America Portugueza*, que escreveu Sebastião da Rocha Pita. E no Maranhão houve o tratado Provisional com França, que já referimos.

Creou ElRey de novo os Titulos seguintes:

A D. Francisco de Sousa, Conde do Prado, fez Marquez das Minas por Carta de 7 de Janeiro de 1670, que está na sua Chancellaria, livro 35. fol. 24.

A Dom João Mascarenhas, Conde da Torre, fez Marquez de Fronteira por Carta de 7 de Janeiro de 1670, liv. 35. fol. 25.

A Luiz Alvares de Tavora, Conde de S. João, fez Marquez de Tavora por Carta de 18 de Agosto de 1687, que está na sua Chancellaria, liv. 18. fol. 14.

A Henrique de Sousa Tavares, Conde de Miranda, fez Marquez de Arronches, de que era Alcaide môr, por Carta de 28 de Junho de 1674, liv. 31. fol. 161. vers.

A Manoel Telles da Sylva, Conde de Villar-Mayor, fez Marquez de Alegrete, por Carta de 19 de Agosto de 1687, que está na sua Chancellaria, liv. 18. fol. 14.

A Frederico, Conde de Schonberg, do seu Confe-

Confelho de Guerra , Governador das Armas da Provincia de Alentejo , creou Conde de Mertola de juro , e herdade , conforme a Ley Mental , de que se lhe passou Carta a 31 de Março de 1668 , que está no liv.28. fol.417.

A Luiz de Mendoça fez Conde de Lavradio , de que se lhe passou Carta feita a 16 de Março de 1670 , que está no liv. 46. fol. 276. na do seu assentamento.

A D. Francisco Mascarenhas fez Conde de Coculim , de que tirou Carta passada a 3 de Junho de 1676 , que está na sua Chancellaria, liv.24. fol. 343.

A Francisco de Tavora fez Conde de Alvor , de que tirou Carta passada a 4 de Fevereiro de 1684, que está no liv. 51. da sua Chancellaria , fol. 34.

A D. Pedro de Almeida fez Conde de Assumar por Carta de 11 de Abril de 1677 , que está na dita Chancellaria , liv.31. fol.357.

A Diniz de Mello de Castro fez Conde das Galveas por Carta passada a 10 de Novembro de 1691, que está na dita Chancellaria , liv.49. fol.327.

A D. Manoel Coutinho fez Conde de Redondo (que havia vagado para a Coroa) por Carta de 20 de Dezembro de 1693 , que está na dita Chancellaria , liv.38. fol.291.

A Lopo Furtado de Mendoça fez Conde do Rio-Grande por casar com D. Antonia Barreto de Sá , filha de Francisco Barreto de Menezes , por cu-
jos

jos finalados serviços se lhe fez esta merce, de que tirou Carta passada a 5 de Março de 1689, liv.21. da sua Chancellaria, fol.149.

A D. Miguel Luiz de Menezes fez Conde de Valadares por Carta de 20 de Junho de 1702, que está na dita Chancellaria, liv.28. fol.224.

A D. Joseph de Menezes fez Conde de Vianna, de que tirou Carta passada a 8 de Fevereiro de 1692, e está na dita Chancellaria, livro 37. fol. 368.

A D. Luiz de Lencafre fez Conde de Villanova, titulo, que renovou na sua pessoa por acções, que tinha a esta Casa, em que succedeo a seu irmão o Conde de Figueiró.

A João Gomes da Sylva fez Conde de Tarouca, titulo, que renovou na sua pessoa por casar com D. Joanna de Menezes, herdeira da Casa de Tarouca, de que tirou Carta, feita a 20 de Fevereiro de 1698.

A Manoel de Mello, Graõ Prior do Crato, da Ordem de S. João de Malta, deu as honras de Conde, de que tirou Carta, feita a 18 de Fevereiro de 1668, que está no livro 32. fol.375.

A Manoel Jaquez de Magalhaens fez Visconde de Fonte Arcada, como se vê da Carta, que se lhe passou a 6 de Fevereiro de 1671, que está no livro 41. fol.59.

E nas mais Casas continuou os titulos, ainda nas em que não havia vidas, e nas de seus pays, deu

deu tambem titulo aos filhos , havendo dous , e alguma vez tres nas mesmas Casas.

Supposto, que os Criados, que serviraõ os officios da Casa Real , e Reyno , foraõ confirmados por ElRey quando entrou na Regencia do Reyno, eraõ os mesmos , que serviraõ a ElRey seu irmão, e já ficaõ referidos ; com tudo para mayor clareza , e porque depois se seguiraõ outros , nos pareceo dar conta delles , e daquelles , que immediatamente serviraõ a sua Real pessoa , como foraõ os Gentis-homens da sua Camera , que entraraõ a servir às semanas : pelo que não teve exercicio o officio de Camereiro môr, que naquelle tempo era D. Francisco de Sá de Menezes , I. Marquez de Fontes, a quem o Secretario de Estado Pedro Vieira da Sylva, quando se celebraraõ as primeiras Cortes no anno de 1668 , fez aviso para acompanhar a ElRey , (entaõ Principe) e assistir detraz da cadeira , com declaração , que havia de levar o melhor lugar o Gentil-homem da Camera de semana , precedendo , e ficando o Marquez à sua mão esquerda , o que lhe protestou , de que o Secretario de Estado , e o Notario publico Jacintho Fagundes Bezerra , Escrivaõ da Camera delRey , lhe deraõ por escrito o seu protesto , como consta do mesmo Auto.

E porque o governo delRey começou pela Regencia nas Cortes , em que foy jurado Principe , e successor da Coroa , em huma sexta feira da tarde
de

de 27 de Janeiro do anno de 1668, e nas que se celebraraõ em 9 de Junho de 1669, como temos dito, referiremos sem precedencia, os que se acharaõ neste Auto, occupando os officios da Casa Real, e Reyno, e foraõ os seguintes:

D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque do Cadaval, do Conselho de Estado, fez o officio de Condestavel.

D. Joaõ da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, e Presidente do Desembargo do Paço, Mordomo môr.

Luiz Alvares de Tavora, III. Conde de S. Joaõ, do Conselho de Guerra, Gentil-homem da Camera, que estava de semana.

Luiz da Sylva Tello de Menezes, que tambem era Gentil-homem da Camera, e occupava o lugar de Regedor da Casa da Supplicação.

D. Joaõ Mascarenhas, Conde da Torre, do Conselho de Guerra, Gentil-homem da Camera, depois do Conselho de Estado.

Manoel Telles da Sylva, II. Conde de Villar-Mayor, depois Marquez de Alegrete, Gentil-homem da Camera, depois do Conselho de Estado.

× D. Rodrigo de Menezes, Gentil-homem da Camera, e seu Estribeiro môr, depois do Conselho de Estado.

D. Francisco de Sottomayor, Bispo de Targa, Deaõ da Capella Real, Bispo eleito de Lamego, que exercitou a occupação de Capellaõ môr.

D.

D. Theodosio de Bragança , irmão do Duque de Cadaval.

D. Verissimo de Lencastre , do Conselho de Sua Magestade , e do Geral do Santo Officio , depois Arcebispo de Braga , Inquisidor Geral , e do Conselho de Estado.

Manoel de Saldanha , Conego da Sé de Lisboa , todos tres Sumilheres da Cortina.

D. Antonio Luiz de Menezes , Marquez de Marialva , do Conselho de Estado , Capitão General do Exercito de Alentejo , e Governador da Provincia da Extremadura , e Praça de Cascaes , Vedor da Fazenda.

D. Vasco Luiz da Gama , Almirante da India , I. Marquez de Niza , e Martim Affonso de Mello , II. Conde de S. Lourenço , ambos do Conselho de Estado , que eraõ Védores da Fazenda.

Henrique de Sousa Tavares , III. Conde de Miranda , (depois Marquez de Arronches) do Conselho de Estado , e Governador da Relação do Porto.

D. Joaõ Mascarenhas , Conde de Sabugal , do Conselho de Guerra , fez o officio de Meirinho môr.

Luiz de Mello , Porteiro môr , e Capitão da Guarda Portugueza , depois tirou Carta passada a 2 de Julho de 1671 , que está no livro 36. da sua Chancellaria , fol. 58. em que diz succedera a seu pay.

D. Lucas de Portugal, Mestre-Salla da Casa Real.

Lourenço de Sousa de Menezes, Conde de Santiago, Aposentador môr.

Fernão de Sousa Coutinho, (depois Conde de Redondo) Vêdor da Casa Real.

D. Diogo de Menezes, fez o officio de Reposteiro môr nas Cortes de 1668.

Luiz de Mello da Sylva, Conde de S. Lourenço, fez o officio de Reposteiro môr nas Cortes de 1669.

D. Alvaro Pires de Castro, I. Marquez de Cascaes, do Conselho de Estado, Coudel môr, Fronteiro môr, e Alcaide môr de Lisboa.

D. Pedro da Costa, Armador môr.

Garcia de Mello, Monteiro môr do Reyno.

Martim de Sousa de Menezes, Copeiro môr.

D. Francisco de Sousa, Capitão da Guarda Alemãa.

Francisco de Faria, Almotacé môr do Reyno.

D. Antonio Alvares da Cunha, Trinchante da Casa Real.

Henrique Carvalho e Sousa, Senhor da Azambugeira, Provedor das Obras do Paço.

D. Thomás de Noronha, do Conselho de Estado, que era Presidente do Conselho Ultramarino.

D. Diogo de Lima, VIII. Visconde de Villa-Nova da Cerveira, do Conselho de Estado, Presidente da Junta do Commercio.

D.

D. Antonio de Mendoça, do Conselho de Estado, Sumilher da Cortina, era Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, eleito Arcebispo de Braga.

Pedro Vieira da Sylva, do seu Conselho, e Secretario de Estado.

Pedro Sanches Farinha, do seu Conselho, e Secretario das Mercês, e Expediente.

Antonio Cavide, Alcaide môr de Borba, do Conselho da Fazenda de Sua Magestade, e seu Secretario.

Pedro Jaques da Magalhaens, do Conselho de Guerra, General da Armada Real.

Francisco de Brito Freire, Almirante da Armada Real.

O Doutor Joaõ Velho Barreto do Rego, do seu Conselho, e do Desembargo do Paço, Chanceller môr do Reyno.

Acharaõ-se nos mesmos Autos das Cortes outros Fidalgos, que eraõ do Conselho de Estado, que não devemos omitir, além dos já referidos.

D. Francisco de Sousa, III. Conde do Prado, (depois Marquez das Minas) Governador das Armas do Minho, do Conselho de Estado.

Nuno de Mendoça, II. Conde de Val de Reis, do Conselho de Estado.

Ruy de Moura Telles, Estribeiro môr da Princeza, do Conselho de Estado.

E tambem foraõ do Conselho de Guerra outros, além dos já mencionados.

D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, depois do Conselho de Estado.

D. Sancho Manoel, Conde de Villa-Flor.

Francisco Barreto de Menezes.

Gil Vaz Lobo.

Todos estes foraõ, e exerceraõ as occupaões, que tinhaõ no Reynado delRey D. Affonso, e o continuaraõ depois desde o principio do governo delRey D. Pedro, e sendo largo o seu Reynado, occuparaõ os mesmos empregos differentes Fidalgos, e foraõ os seguintes:

Dom Joaõ Mascarenhas, V. Conde de Santa Cruz, foy seu Mordomo môr por Carta de 24 de Setembro do anno de 1686, que está no livro 33. fol. 42. e nella diz: *Com declaração, que o servirá com as Ordens, e Regimento, que lhe mandarey dar, com o qual haverá aquella tença, fôros, proes, e percalços, interesses, e todos os poderes, e superioridades, jurisdicção, mando, preeminencias, e liberdades, graças, e privilegios, com que sempre obtiveraõ o dito officio, e de todo usáraõ os outros Mordomos môres das Casas dos Senhores Reis destes Reynos, como de direito lhe pertence. Notifico-o assim ao Veedor da minha Casa, e a todos os Officiaes della, e quaesquer outros Officiaes, e pessoas, a que tocar o conhecimento desta, e lhes mando, que lhe obedeçaõ em tudo aquillo, que pelo poder, e jurisdicção do seu officio, por meu serviço*

ço da minha parte lhes mandar assim , e taõ inteiramente como deve fazer , sob aquellas penas , que por bem do dito officio elle lhes pôde pôr , as quaes dará à execuçaõ naquelles , que nellas encorrem , e por esta o hey por metido de posse do dito officio , para logo o servir , e delle usar.

D. Martinho Mascarenhas , que depois foy Marquez de Gouvea , succedeo a seu pay no officio de Mordomo môr , de que se lhe passou Carta a 8 de Outubro de 1701 , que está no livro 26. fol. 527, e na sua menoridade servio este officio o II. Marquez de Marialva D. Pedro de Menezes , que era Gentil-homem da Camera , e do Conselho de Estado.

D. Joseph de Menezes , Conde de Vianna , foy seu Estribeiro môr , de que não tirou Carta , e depois foy Gentil-homem da Camera , e do Conselho de Estado.

Luiz de Sousa , depois Arcebispo de Lisboa , do Conselho de Estado , e Cardeal da Santa Igreja de Roma , foy Capellaõ môr , e sagrado Bispo de Bona a 28 de Agosto de 1671

Dom Fr. Joseph de Lencaestre , que tinha sido Bispo de Leiria , e foy Inquisidor Geral , e do Conselho de Estado , foy seu Capellaõ môr , em que succedeo ao Arcebispo Luiz de Sousa , de que se lhe passou Carta a 17 de Janeiro de 1702 , que está no livro 44. fol. 223. da sua Chancellaria.

Nuno da Cunha de Ataide , seu Sumilher da
Corti.

Cortina, Inquisidor de Lisboa, Deputado da Junta dos Tres Estados, que havia recusado o Bispado de Elvas, e depois sagrado Bispo de Targa, foy seu Capellaõ môr, de que teve Carta passada a 7 de Setembro de 1705, que está no liv. 63. fol. 168. depois foy Cardeal da Santa Igreja Romana, como veremos adiante.

D. Fernando Martins Mascarenhas, II. Conde de Obidos, e de Sabugal, foy Meirinho môr do Reyno por Carta de 8 de Fevereiro de 1672, que está no liv. 42. fol. 4.

D. Marcos de Noronha, Deputado da Junta dos Tres Estados, Capitaõ General de Mazagaõ, e Governador da Fortaleza de S. Juliaõ da Barra, foy seu Mestre-Salla por Carta de 25 de Janeiro de 1685, que está no liv. 32. fol. 15. da dita Chancellaria.

D. Lourenço de Almada, Senhor de Pombalinho, Deputado da Junta dos Tres Estados, Governador, e Capitaõ General da Ilha da Madeira, do Reyno de Angola, e Estado do Brasil, foy seu Mestre-Salla por Carta feita a 22 de Outubro de 1696, que está no livro 52. fol. 38.

D. Antonio Estevaõ da Costa, foy Armeiro môr, como se vê na Provisaõ do seu ordenado passada a 18 de Novembro de 1704, que está no livro 19. fol. 252.

Francisco de Mello, Deputado da Junta dos Tres Estados, foy Monteiro môr do Reyno por Carta de 29 de Abril de 1706, liv. 56. fol. 228..

D.

D. Filippe de Sousa, Deputado da Junta dos Tres Estados, Capitão da Guarda Alemãa, que começou a servir nos impedimentos de seu pay D. Francisco de Sousa por Alvará de 2 de Outubro de 1692, que está no livro 19. fol. 252.

D. Antonio de Castellobranco, foy Capitão de huma das Companhias da Guarda Portugueza, que exercitou até a morte.

Manoel de Mello, Graõ Prior da Ordem de S. João em Portugal, que foy Capitão de huma das Companhias da Guarda Portugueza, e era tambem Porteiro môr.

Alvaro de Sousa e Mello, foy tambem Porteiro môr, e Capitão da Guarda Portugueza, como consta da sua Carta passada a 31 de Março de 1696, e que succedera a seu pay Manoel de Mello.

D. Francisco de Castro, Senhor de Reris, foy Almirante de Portugal por Carta de 30 de Julho de 1675, que está no liv. 42. fol. 213. e succedeolhe seu filho D. Luiz Innocencio no mesmo posto, e foy Capitão de huma das Companhias da Guarda Portugueza, de que se lhe passou Carta a 19 de Julho de 1705, que está no livro 63. fol. 137. e na sua menoridade servio este posto Lopo Furtado de Mendoça, I. Conde do Rio Grande, por Alvará de 19 de Julho de 1705, que está no livro 63. fol. 137.

Aleixo de Sousa de Menezes, II. Conde de Santiago, foy seu Aposentador môr, de que tirou
Carta

Carta feita a 27 de Abril de 1695 , que está no livro 39. e succedeo a seu pay.

Gonçalo Joseph Carvalho Patalim, Senhor da Azambugeira , foy Provedor das Obras Reaes , e na sua menoridade servio este lugar seu tio Lourenço Pires Carvalho, Commiffario Geral da Cruzada, e por sua morte succedeo

D. João da Costa, III. Conde de Soure, e tirou Carta feita a 24 de Março do anno de 1703, que está no livro 54. fol. 344.

Martinho de Sousa de Menezes, III. Conde de Villa-Flor, foy Copeiro môr.

D. Pedro Alvares da Cunha, Senhor de Tavoa , foy Trinchante pela renuncia de seu pay D. Antonio Alvares da Cunha , de que se lhe passou Carta a 6 de Junho de 1687, e está no livro 18. fol. 62.

Manoel de Vasconcellos e Sousa, foy tambem Trinchante por Carta de 9 de Dezembro de 1703, que está no liv. 45. fol. 256. vers. lugar, em que succedeo a seu sogro Diogo de Brito Coutinho.

Antonio Luiz da Camera Coutinho , depois Vice-Rey da India , foy Almotacé môr por Carta de 8 de Janeiro de 1671, que está no liv. 46. fol. 255. succedeo a seu tio Francisco de Faria, e a elle seu filho João Gonçalves da Camera Coutinho.

D. João de Almeida, depois Conde de Assumar, Embaixador Extraordinario a ElRey Carlos III. foy Védor da Casa Real, como se vê de hum Alvará

Alvará passado a 18 de Novembro de 1679, que está no liv. 32. fol. 358.

D. João de Sousa, General da Artilharia do Minho, com o governo das Armas daquella Provincia, teve o mesmo emprego, e succedeolhe no lugar de Veador seu filho D. Francisco de Sousa, como se vê de hum Alvará passado a 20 de Mayo de 1706, que está no livro 63. fol. 198.

Luiz Cesar de Menezes, que foy Governador, e Capitão General de Angola, e da Bahia, teve o officio de Alferes môr por Carta de 23 de Julho de 1664, que se vê no liv. 20. fol. 44.

Forão Sumilheres da Cortina D. Luiz de Sousa, Lente de Prima de Theologia na Universidade de Coimbra, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e do Santo Officio, depois Bispo de Lamego, Embaixador Extraordinario a Roma, e ultimamente Arcebispo Primaz, do Conselho de Estado.

Lourenço Pires Carvalho, Deputado do Santo Officio, da Mesa da Consciencia, e da Junta dos Tres Estados, Arce-diago da Sé de Lisboa, Commissario Geral da Bulla da Cruzada, que recusou o Bispado de Lamego.

D. Alvaro de Abranches, Conego na Sé de Lisboa, e Deputado da Inquisição, depois Bispo de Leiria.

D. João de Sousa, Deputado do Santo Officio, depois Bispo do Porto, Arcebispo de Braga, e Lisboa, do Conselho de Estado.

D. Antonio de Vasconcellos , Deputado do Santo Officio , Deaõ da Sé de Lisboa, Bispo de Lamego , e de Coimbra.

D. Simaõ da Gama , Conego da Sé de Lisboa , Deputado do Santo Officio , Reytor da Universidade de Coimbra , depois Bispo do Algarve , Arcebispo de Evora , do Conselho de Estado.

D. Joseph de Menezes , que foy Dom Prior de Guimaraens , e teve grandes lugares , e ultimamente Arcebispo Primaz das Hespanhas.

Diogo de Sousa , do Conselho de Estado , e do Geral do Santo Officio , e depois Arcebispo de Evora.

Ruy de Moura Telles , Thesoureiro môr , e Conego da Sé de Evora , Reytor da Universidade de Coimbra , Deputado da Mesa da Consciencia , e Ordens , depois Bispo da Guarda , Arcebispo Primaz , e do Conselho de Estado.

D. Pedro de Sousa , Dom Prior da Collegiada de Guimaraens.

Nuno da Sylva Telles , Deaõ de Lamego , Conego de Evora , Reytor , e Reformador da Universidade de Coimbra , Deputado do Santo Officio , e da Mesa da Consciencia , e Ordens . -

D. Nuno Alvares de Portugal , Conego da Sé de Coimbra , Deputado do Santo Officio , e do Tribunal da Bulla da Cruzada.

D. Joaõ de Sousa , Inquisidor da Inquisição de Lisboa , e Dom Prior de Guimaraens.

D.

D. Joseph de Almada , Arcipreste da Sé de Lisboa.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello , Deaõ da Sé de Portalegre , Deputado do Santo Officio , e da Junta dos Tres Estados , Inquisidor de Coimbra, Reytor , e Reformador da Universidade de Coimbra , e ultimamente Bispo de Lamego.

Antonio de Saldanha , Conego da Sé de Lisboa , Deputado do Santo Officio , que foy depois Bispo de Portalegre , e da Guarda.

D. Joaõ Mascarenhas , Conego , e Arcediago da Sé de Lisboa , Deputado da Inquisição , que foy Bispo de Portalegre , e da Guarda.

D. Alvaro Pires de Castro e Noronha , Arcediago da Sé de Lisboa , Deputado do Santo Officio , que foy Bispo de Portalegre.

D. Fernando de Faro , Deputado da Mesa da Consciencia , e Ordens , que foy Bispo de Elvas.

D. Francisco de Sousa , do Conselho Geral do Santo Officio , Deputado da Mesa da Consciencia , Conego Doutor da Sé da Guarda , Commisário Geral da Bulla da Cruzada.

D. Joseph de Mello , Conego de Coimbra ; Deputado da Junta dos Tres Estados.

Francisco Correa de Lacerda , foy Secretario de Estado , o que consta da Carta do Conselho feita a 25 de Setembro de 1679 , na qual diz: *Francisco Correa de Lacerda , meu Mestre , e meu Secretario de Estado.*

D. Fr. Manoel Pereira, Bispo do Rio de Janeiro, onde não foy pela renuncia, que fez do dito Bispado, do seu Conselho, e do Geral do Santo Officio, foy Secretario de Estado por Carta do anno de 1680, que está no liv. 39. fol. 316.

Mendo de Foyos Pereira, do seu Conselho, que havia sido Enviado Extraordinario na Corte de Madrid, foy Secretario de Estado por Carta de 20 de Agosto de 1686, que está no liv. 32. fol. 373.

Joseph de Faria, do seu Conselho, e do da sua Fazenda, que havia sido Enviado Extraordinario na Corte de Madrid, Guarda môr da Torre do Tombo por Carta de 25 de Janeiro de 1695, que está no liv. 39. fol. 221. (a quem succedeo Luiz do Couto Felix no dito lugar de Guarda môr por Carta de 17 de Dezembro de 1703) e Chronista môr do Reyno por Carta de 11 de Abril de 1695, foy Secretario da Assinatura, e depois por impedimento de Mendo de Foyos servio de Secretario de Estado.

D. Antonio Pereira da Sylva, do seu Conselho de Estado, Bispo de Elvas, que havia sido Conego Doutoral de Evora, Deputado do Santo Officio, e Junta dos Tres Estados, foy Secretario de Estado, de que teve Carta passada a 2 de Setembro de 1703, que está no livro 45. fol. 239.

Dom Thomás de Almeida, do seu Conselho, e seu Sumilher da Cortina, Deputado da Mesa da Consciencia, e Ordens, e do Santo Officio, Chancellor

celler môr do Reyno , fervio de Secretario das Mercês , e Expediente , e foy Secretario de Estado por Carta de 3 de Março de 1705 , que está no liv. 30. fol. 79. e tendo occupado os mayores lugares , e illustrado as Igrejas do Porto , e Lamego , he Patriarcha de Lisboa , e Cardeal da Santa Igreja Romana , como diremos.

João de Roxas de Azevedo , que havia sido Secretario delRey , quando Infante , e nomeado Embaixador , e Plenipotenciario à paz de Nimega , foy depois seu Secretario da Assinatura , e Chancel-ler môr do Reyno por Carta de 2 de Mayo de 1681 , que está no liv. 48. fol. 3. e nella diz: *Meu Secretario , do meu Conselho , e Desembargador do Paço.*

Roque Monteiro Paim , do seu Conselho , e da sua Fazenda , foy seu Secretario.

Bartholomeu de Sousa Mexia , do Conselho da Fazenda , foy Secretario da Assinatura. *32*

Dom Luiz de Menezes , Conde da Ericeira , que havia sido Governador das Armas de Traz dos Montes , e General da Artilharia , foy Vêdor da Fazenda por Carta de 16 de Outubro de 1681 , que está no liv. 34. fol. 106.

Manoel Telles da Sylva , Conde de Villar-Mayor , (depois Marquez de Alegrete) de quem já dissemos , que era seu Gentil-homem da Camera , foy do Conselho de Estado , e Vêdor da sua Fazenda por Carta de 24 de Outubro de 1684 , que está no liv. 18. fol. 111. e havia sido Regedor da Casa da Supplicação.

Hen-

Henrique Correa da Sylva, Conde da Castanheira, do Conselho de Estado, foy Védor da Fazenda.

D. Luiz da Sylveira, Conde de Sarzedas, que foy do Conselho de Estado, Védor da Fazenda por Carta passada a 12 de Agosto de 1701, que está no livro 54. fol. 113.

Dom Pedro Antonio de Noronha, Conde de Villa-Verde, do Conselho de Estado, Mestre de Campo General com o Governo da Cavallaria de Alentejo, foy Védor da Fazenda.

D. João da Sylva, Marquez de Gouvea, do Conselho de Estado, foy Presidente do Desembargo do Paço, que foy muitos annos, e o era no de 1686, como consta da sua Carta passada a 16 de Janeiro do referido anno, que está no liv. 16. fol. 198.

Garcia de Mello, Monteiro môr do Reyno, do Conselho de Estado, foy tambem muitos annos Presidente do Desembargo do Paço por Carta de 11 de Março de 1688, que está no liv. 18. fol. 176. tinha sido Presidente do Senado da Camera, da Mesa da Consciencia, e Ordens, por Carta de 4 de Outubro de 1672, que está no livro 30. fol. 76. e Regedor da Casa da Supplicação.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello, Duque de Cadaval, do Conselho de Estado, Mordomo môr da Rainha, Mestre de Campo General junto à pessoa delRey, foy Presidente do Conselho Ultramarino por Carta de 29 de Junho de 1670, que está

está no livro 29. fol. 133. depois Presidente da Junta do Tabaco, quando se erigio este Tribunal, lugar, que occupou até o anno de 1698, em que entrou a ser Presidente do Desembargo do Paço, que exercitou até que faleceo no anno de 1727.

D. Antonio Luiz de Sousa, Marquez das Minas, do Conselho de Estado, Governador das Armas com mando supremo na Beyra, Alentejo, e Catalunha, foy Presidente da Junta do Tabaco, de que teve Carta passada a 27 de Novembro de 1704, que está no liv. 56. fol. 42.

Nuno da Cunha de Ataide, Conde de Pontével, do Conselho de Guerra, Estribeiro môr da Infanta D. Isabel, foy Presidente do Senado da Camera de Lisboa, de que tirou Carta passada a 15 de Janeiro de 1686, que está no liv. 17. fol. 222. foy depois Presidente da Junta do Commercio.

D. Francisco de Sousa, do Conselho de Estado, Capitão da Guarda Alemã, foy Presidente do Senado da Camera de Lisboa por Carta de 2 de Abril de 1692, que está no liv. 19. fol. 163. e depois Presidente da Mesa da Consciencia, e Ordens, de que se lhe passou Carta a 27 de Março de 1705, que está no liv. 29. fol. 287.

João da Sylva Tello de Menezes, III. Conde de Aveiras, Deputado da Junta dos Tres Estados, foy Presidente do Senado da Camera de Lisboa, de que se lhe passou Carta a 14 de Novembro de 1702, que está no liv. 44. fol. 286.

D.

D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira, do Conselho de Estado, que havia sido Governador, e Capitão General de Tangere, foy Regedor das Justiças por Carta de 4 de Outubro de 1672, que está no liv. 30. fol. 76. vers.

Francisco de Tavora, Conde de Alvor, do Conselho de Estado, que havia sido Governador de Angola, e Vice-Rey da India, foy Regedor da Casa da Supplicação por Carta de 11 de Março de 1688, e está no livro 34.

Lourenço de Mendoça, Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado, Deputado da Junta dos Tres Estados, foy Regedor das Justiças.

D. Francisco de Sousa, Marquez das Minas, foy Presidente do Conselho Ultramarino por Carta de 15 de Julho de 1673, está no liv. 37. fol. 128.

Nuno de Mendoça, Conde de Val de Reys, do Conselho de Estado, Mordomo môr da Casa da Infanta D. Isabel Luiza Josefa, foy Presidente do Conselho Ultramarino por Carta de 11 de Setembro de 1696, que está no liv. 17. fol. 281.

Fr. Luiz Coutinho, que tinha sido Geral da Ordem de Cister neste Reyno, foy Esmoler môr por Carta de 22 de Mayo de 1680, que está no livro 40. fol. 23.

Fr. Pedro de Lencastre, da Ordem de Cister, foy seu Esmoler môr por Carta de 5 de Outubro do anno de 1693, que existe no livro 58. da sua Chancellaria, fol. 376. Foy depois Bispo de Elvas.

Casou

Casou a primeira vez a 2 de Abril de 1668 com a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, que havia nascido na Corte de Pariz a 21 de Junho de 1646, chamada a Princeza de Aumale, filha de Carlos Amadeo de Saboya, Duque de Neomurs, e da Duqueza Isabel de Vandome, como deixamos escrito no Capitulo precedente. A natureza a adornou de singular fermosura, e de excellentes virtudes, com hum talento sublime, em que brillhou o seu entendimento dentro nos limites da prudencia com singular moderação, como se vio nos importantes negocios, que occorrerão no principio do seu Reynado, em que a constancia pode superar as mayores difficuldades, desprezando as conveniencias proprias, por não manchar a consciencia; e assim soube romper com resolução os mayores embarços, com animo verdadeiramente Real, e Christão. Contava a Rainha poucos annos, quando perdeu o Duque seu pay, e ficando com sua irmã a Princeza Maria Joanna Bautista, depois Duqueza de Saboya, debaixo da tutela da Duqueza sua mãy, cuja prudencia era tanta, que com todo o cuidado a instruiu em todas as artes, e virtudes, convenientes à sua altissima esfera, sendo mais efficazes as lições, que lhe dava com o proprio exemplo. Foraõ as principaes os exercicios devotos à frequencia da Oração, e Sacramentos, de sorte, que habituada nestas virtudes, as conservou todo o curso da sua vida. E conformando-se com os esty-

D. Fernando de Menezes, Conde da Ericeira: *Compendio Historico, e Panegyrico da Vida da Rainha D. Maria Francisca*, m. 1.

los da Corte de França, assistia com sua mãy, e as outras Princezas, aos licitos divertimentos, que se permittem. Frequentava com mayor gosto a communicacão das Capuchas Descalças de Pariz da primeira Regra de Santa Clara na Reforma da Beata Collecta, e com ellas tinha particular correspondencia, por serem os Senhores da sua Casa Padroeiros daquelle observante Mosteiro. Com estas Religiosas conferia materias espirituaes, e devotas, causando admiracão, que hum Princeza na flor da idade se applicasse tanto a estes exercicios; e assim continuou até a idade juvenil com a Princeza sua irmã. Mas vendo-se destituidas do mayor alivio, porque arrebatada a Duqueza de hum grave doença perdeu a vida, foy este golpe tão sensivel às duas Princezas, que elegerão (conforme o louvavel estylo de França) para consolação, e alivio da mayor pena, apartaremse dos divertimentos da Corte, e recolheremse no Mosteiro de Santa Maria na mesma Cidade, da filiação de S. Francisco de Sales, de quem a Rainha era devota, atrahida da sua doutrina espiritual, e nelle jazia a Duqueza sua mãy. Porém era tal a afeição, que as Princezas tinhaõ ao Mosteiro das Capuchas, que as suas visitas, quando sahiaõ do seu Convento, era só para aquelle, e às Religiosas tratavaõ com grande carinho, sendo o seu trato o mais estimado entretenimento. Era tão grande a inclinacão, que a Rainha tinha às Capuchas, e tão inseparavel do seu
 animo,

Fundação do Convento do Santo Crucifixo m. s. de que tenho copia.

animo, que quando passou de França a Portugal trouxe em sua companhia quatro Religiosas do referido Mosteiro, precedendo licença dos seus Prelados, e da Santa Sé Apostolica, com a determinação de fundar hum Mosteiro, em que se professasse o seu Instituto, como com effeito edificou. Foraõ ellas a Madre Maria de Santo Aleixo, que era a Prelada, e foy a primeira Abbadessa do Mosteiro do Santo Crucifixo, que vulgarmente chamaõ as *Francezas*, nome derivado destas, que primeiro o habitaraõ; mulher de grande religião, e observancia, a quem a Rainha tinha em muita estimação, que já havia conseguido nos Principes da sua Casa, a qual faleceo a 4 de Novembro de 1689 cheia de merecimentos, como neste dia diremos no *Agiologio Lusitano*. As outras eraõ Soror Amada de Santa Clara, Soror Isabel de S. Paulo, e Soror Cecilia de Pariz, as quaes todas embarcaraõ na mesma nao da Armada, em que a Rainha veyo, sendo tratadas com tanto cuidado, e amor, como quem as estimava como Companheiras, sendo a Madre Maria de Santo Aleixo inseparavel da sua Real pessoa, de sorte, que a toda a hora estava com ella, e em quanto viveo, a tratou sempre com grande amisa-de, e respeito.

Entre as virtudes, que luziraõ na Rainha, foy a prudencia, com que se havia nos negocios politicos, e a affabilidade, com que tratava a todos. Em breve tempo se fez capaz de fallar a lingua Por-

*Ericeira: Compendio da
Vida da Rainha.*

Tom. VII.

Yyyy ii

tugue-

tugueza, e tomou o trage, largando, o que usava, tanto, que entendeu dava nisto gosto ao Principe seu esposo, e praticando os costumes, parecia mais nascida em Lisboa, que em Pariz; e sem embargo da sua Real pessoa ser revestida de respeitosa Magestade, com tudo tratava às Senhoras Portuguezas com benignidade, escolhendo muitas para os seus divertimentos, com que honesta, e decorosamente se entretinhava; e favorecendo algumas, fez sempre grande estimação da Nobreza; e assim era entre todos bemquista, e respeitada. Conservou no Paço os antigos costumes, sem que se alterasse a authoridade, e respeito no serviço, sendo ella o principal instrumento, para que se guardasse a formalidade, e eticheta Portugueza em todo o seu vigor. El-Rey seu marido venerou justamente as suas virtudes; communicavalhe os negocios mais graves, em que mostrava juizo nos discursos, e prudencia nas resoluções, assistida porém de singular modestia, e sujeição ao arbitrio de seu esposo; e se algumas vezes discordava as opinioens, julgava só conveniente, o que elle resolvia. He grande prova, do que referimos, a occasião, em que se tratou a paz com Castella, opposta então aos interesses de França, em que venceo a prudencia à mesma natureza; porque revestida sómente da gloria de seu esposo, que a queria conceder, quando estava as suas armas vitoriosas, ella sem entrar em duvida, abandonou os negociados del Rey de França, propostos
com

com grande ardor pelos seus Ministros. Assim El-Rey a estimou com tão extremosa paixão, sendo na sua morte tão excessivo o sentimento, que esteve resoluta a não passar a segundas vodas, como dissemos. Creou sua filha em prudentes, e tantas maximas, sendo a primeira lição a observancia dos preceitos Divinos, e exercicios devotos: instruhio-a na lingua Franceza, e Italiana, na lição das Historias, e achando na Infanta juizo claro, suave inclinação, e prompta obediencia, facilmente conseguiu, o que desejava. Porém como sempre na sua vida, entre as mayores felicidades, encontrou a Rainha motivos de exercitar a paciencia, lhe sobreveyo novo sentimento, malogrando-se a esperança de dar ao Reyno outro successor, que o segurasse com mayores fundamentos.

Sahio a Rainha da Corte no anno de 1670 pelo Tejo no bargantim Real com a Infanta, acompanhada das Damas, e Officiaes da sua Casa a assistir ao Principe, de quem nunca se apartava, na casa de Campo de Salvaterra: chegou a Rainha a Villa-Franca, situada na borda do Tejo, aonde determinou ficar aquella noite. Achava-se segunda vez pejada de tres mezes, e com alguma molestia, que encobrio: no outro dia de madrugada quiz continuar a jornada, veyo o almoço, e pondo-se à mesa lhe deraõ humas dores tão vivas, que não pode comer nada. D. João de Sousa, hum Fidalgo velho, e venerando, Commendador da Ordem de Malta,

Malta, que depois foy Graõ Prior do Crato da mesma Ordem em Portugal, e seu Veador, que estava de semana, disse à Rainha, que era de parecer, que não continuasse a jornada, vendo-se tão molesta; porque della se poderia seguir dar, que sentir, e que chorar a todo o Reyno, e não sem injuria dos seus Criados, que justamente culpariaõ em lho não representar, o que de nenhuma forte devia permittir: a Rainha com severidade respondeo, que havia logo de partir: instou D. Joaõ, e ultimamente, revestido do zelo de Vassallo, do amor de Criado, e da authoridade dos seus annos, lhe disse: que no bargantim não iria Sua Magestade, porque elle lhe poria anticipadamente o fogo. Mostrou a Rainha no semblante desagradarse da liberdade; porém como era dotada de grande prudencia, e entendimento, levantando-se da mesa disse ao Duque de Cadaval, seu Mordomo môr, que ficava em Villa-Franca, e que avisasse logo ao Principe, que já se achava em Salvaterra, e voltando para D. Joaõ de Sousa com muito agrado, de que naturalmente era dotada, lhe fallou dizendo: *Naõ estou mal convosco, porque fizestes tudo, o que eu esperava da vossa pessoa, das vossas cans, e do grande zelo, com que me assistis.* Dom Joaõ com o mais profundo respeito lhe beijou a mão, e quando sahio à casa de fóra, todos os Companheiros o abraçaraõ, agradecendolhe a resolução de dizer à Rainha, o que convinha à sua Real pessoa, e à utilidade publica. Deste caso se collige

collige o sublime talento , e grandeza de espirito da Rainha , com que soube justamente avaliar o amor do Criado, merecedor verdadeiramente de tão grande honra. Cresceraõ os symptomas, e não valendo os remedios da medicina, teve finalmente a Rainha hum aborto , que foy do Principe seu esposo, e de todos sentido com excessõ ; e parecendo aos Medicos prevenir os damnos futuros, applicaraõ remedios , que só serviraõ de lhe offender a saude , se bem com a natural constancia, de que era dotada, encobria os achaques de tal modo, que não augmentasse o cuidado ao Principe ; porque parecera livre delles, se os não descobriraõ outros indicios : portando-se de sorte, que nunca lhe impediraõ as audiencias , e applicação aos negocios publicos de conferencias com os Ministros naturaes, e Estrangeiros, que admirando o seu juizo, achavaõ resolução das mayores difficuldades. Ainda no seu tempo foraõ os Reys algumas vezes ao Conselho de Estado, levando comlgo as Rainhas , e ElRey D. Pedro o praticou algumas vezes indo com a Rainha D. Maria Francisca ao Conselho de Estado. No delRey D. Affonso foy a mesma Rainha com ElRey aos Conselhos de Estado , quando se tratava das queixas do Infante D. Pedro seu irmaõ. No Reynado delRey D. João IV. tambem a Rainha D. Luiza foy algumas vezes ao Conselho de Estado , em que se observava o seguinte. Sahia ElRey do seu quarto ao da Rainha , onde esperava , que o Secretario de Estado

tado chegasse a dar recado, o qual participava ao Pagem da Campanhia, que o fazia presente a El-Rey. Sahião os Reys acompanhados dos Officiaes, e Criados das suas Casas, a Camereira môr, e Senhoras de Honor, e assim entravaõ na casa do Conselho de Estado, que era dentro no mesmo Paço: os Conselheiros estavaõ arrimados à parede, e depois que as Magestades se sentavaõ nas cadeiras, que estavaõ debaixo do docel, a Rainha à mão esquerda del Rey, costume da nossa Corte, (que El-Rey D. Pedro nunca usou, porque sempre deu a mão direita às Rainhas suas esposas) sahiao para fóra da casa todos os que acompanharaõ às pessoas Reaes, e mandava El Rey sentar, e cobrir aos do Conselho. Na casa immediata ficavaõ as Senhoras de Honor sentadas em huma alcatifa, e a Camereira môr em almofada, preeminencia, que gozaõ pelo seu lugar, ainda que não sejaõ Marquezas, como se vio na Condeffa de Unhaõ D. Francisca de Tavora, Camereira môr da Rainha Dona Maria Francisca Isabel de Saboya. Acabados os negocios, que levaraõ as Magestades ao Conselho, sahiao acompanhados na mesma fórma, que entraraõ, e os Conselheiros de Estado tanto, que os Reys se levantavaõ, voltavaõ a buscar a parede, de donde faziaõ as ultimas continencias aos Reys.

*P. de Orleans la Vie de
la Reine de Port.*

Entrou a Rainha em outros negocios mais importantes, em que brilhou o seu admiravel talento. Como sempre foy bem inclinada, e devota, nos ultimos

timos annos da sua vida , começou a entrar na idéa do caminho da perfeição , para o qual depois Deos a chamou ; porque sendo esta resolução no anno de 1680 , em que passou até o mez de Janeiro de 1682 , quando com ElRey foy para Almeirim , Casa de campo dos antigos Reys , muy abundante de caça grossa , exercicio , de que ElRey muito gostava : neste sitio , agradada a Rainha da solidão , lhe começou Deos a dar o gosto de qual era a verdadeira perfeição ; e assim continuando a seguir as inspirações Divinas , entrou pelo caminho da vida devota , em que gastava o tempo escondidamente em exercicios santos , de que tirou a reflexão , que fez sobre os diversos estados da sua vida , e affirmava , que nunca havia tido socego , nem havia conhecido qual era a verdadeira paz , que satisfizesse o animo , senão depois , que se dera de todo a Deos sem reserva. Deste motivo tirou assumpto , com que escreveu huma Elegia , em que retratando-se a si mesma , explicava o seu sentimento em huma alma , que buscava a paz fóra de Deos ; a qual deu à Condesa da Ericeira D. Joanna de Menezes , muito favorecida sua pelas suas virtudes , e intelligencia da lingua Franceza , que a traduzio em Oitavas. Costumava dizer , que a devoção era boa para fazer feliz neste Mundo , e no outro. Toda resignada na vontade de Deos , e na direcção do seu Confessor o Padre Pedro Pomerô , da Companhia de Jesu , continuou em exercicios santos , com hum de-

Prova num. 97.

Tom.VII. Zzzz sejo

Prova num. 98.

sejo de conseguir a perfeição, a que não faltando, nem por isso deixava de cumprir as obrigações do alto estado, em que Deos a havia posto, para o que se armava de huma pura intenção, e verdadeira humildade. Depois da Corte voltar para Lisboa, passou para a Quinta de Alcantara, já depois da Pascoa. Neste sitio, onde encontrava mais retiro, fez os exercicios espirituaes por dez dias, com direcção do seu Confessor, e então escreveo de propria mão certos propositos, que foraõ a guia da sua vida. Desta sorte vivia a Rainha com tanto cuidado, que hum anno antes da sua morte, não entrava na sua idéa mais, que o desejo de huma morte Christãa, com hum tal desprezo do Mundo, que nada mais desejava, que estar em graça, e morrer, sem que a pompa, e a grandeza do Real estado lhe pudesse servir de remora a embarçar os bons propositos. No anno seguinte de 1683 na quinta feira depois da Pascoa, em que a Rainha havia meditado sobre a vida, e a morte, reflectindo, que esta de ordinario costumava ser semelhante à vida, na mesma semana no Sabbado se achou com febre, e este foy o primeiro correio, que ella teve do mal, de que faleceo. Não conheceraõ os Medicos a doença, fazendolhe remedios oppostos, e delles se lhe originou huma hidropisia, que foy a occasião da sua morte. Foy longa a enfermidade, em que com diferentes symptomas houve intervallos, que pareciaõ se restabelecia da queixa, de forte,

te; que pelo tempo da Ascensão, se lhe conheceo tanta melhora, que pode fazer de propria mão humma larga Carta ao seu Confessor, informando-o do que dentro em si passara, desde que principiara a doença, referindo as turbações, em que se achara; que durando poucos dias, com nova confiança se resignava na bondade de Deos, e tornara à primeira paz, em que vivera.

Continuou a melhora de sorte, que todos entenderão estava a Rainha restabelecida; porque depois da Pascoa do Espírito Santo, que foy a 6 de Junho, começou a ir à Tribuna da Capella, dar audiencia, attender aos negocios pelo seu costumado modo; mas não durou neste estado muito, porque no fim do mesmo mez se sentio peyor, que antes: e continuando os remedios, e o tempo, no mez de Setembro fez humma Confissão geral, commun-gando com tal disposição, que o fez por Viatico, com todos aquelles actos, que se praticão com os moribundos, e determinou as disposições do seu Testamento, que escreveo de propria mão. Lembrou-lhe o Emperador Carlos V. e tendo na idéa imitallo, quiz fazer viva as suas proprias Exequias: porém reparando, que era precisa a pompa devida à Magestade, o não executou; porque não queria cousa alguma, que embaraçasse a sua devoção. Finalmente continuando a queixa, mudou-se para o sítio de Palhavãa para a casa do Conde de Sarzedas, e crescendo o mal, tomou o Santissimo Viatico da

mao do Arcebispo de Lisboa, Capellaõ mór, a 6 de Novembro, com grande edificação de todos os circunstantes; e depois agradecendo ao Arcebispo o haverlhe dado taõ singular consolação, lhe pediu lhe dèsse a Extrema-Unção, quando lhe parecesse tempo. Mandou chamar o Nuncio, que entaõ era Marcello Durazzo, para lhe applicar as Indulgencias da hora da morte, e depois de feita esta cerimonia, e recebida a sua benção, lhe disse, que lhe rogava, que assegurassẽ ao Papa, que ella morria obediente filha da Igreja Catholica Romana; accrescentando, que esperava da piedade do Pay universal da Christandade, se lembrasse da sua alma. Dilatou-se a doença, e continuou a Rainha nos seus santos propósitos, soffrendo com grande resignação, e paciencia os trabalhos da queixa. Consolava-a El-Rey, e a Princeza sua filha, e sendo estas só as pessoas, que no Mundo lhe podiaõ causar afeição, totalmente desenganada, aspirava unicamente ao premio eterno; e assim corroborada com os Sacramentos determinados pela Igreja, se poz nas mãos do seu Confessor, e do Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, e outros Religiosos de exemplar vida, e abraçada com hum Christo, tendo presente a Imagem da Virgem Senhora Nossa, repetindo actos de Fé, Amor, e Esperança, e devotas orações nas linguas Latina, e Franceza, sem as confundir, corroborada com as Indulgencias, que o Summo Pontifice lhe concedera para aquella hora, entre

entre orações dos Padres , que lhe assistiaõ , com grande acordo , devoção , e tranquillidade de animo , faleceo a 27 de Dezembro de 1683 em Palhavã. Havia anticipadamente feito o seu Testamento , e mandado escrever pelo Doutor Sebastiaõ de Matos e Sousa , (que depois se recolheo na Congregação do Oratorio) e assinou a 20 de Novembro do referido anno , e approvado no dia seguinte pelo Secretario de Estado o Bispo D. Fr. Manoel Pereira , em que foraõ testemunhas o Duque de Cadaval , seu Mordomo môr , o Marquez de Arronches , o Arcebispo Inquisidor Geral , o Arcebispo de Lisboa , Capellaõ môr , o Visconde D. Diogo de Lima , todos do Conselho de Estado , D. Francisco Mascarenhas , seu Estribeiro môr , o Conde Baraõ , o Conde da Castanheira , e o Conde de S. Lourenço , Veadores da sua Casa. Nelle se admirava a sua Real piedade , e a caridade com o proximo , attendendo às necessdades dos pobres em todos os estados. Instituiõ por sua universal herdeira a Infanta D. Isabel sua filha , em que entrava o seu dote , que era hum milhaõ de cruzados , além de prata , joyas , e muito movel precioso , de grande valor. Nomeou por seu Testamenteiro a ElRey seu esposo , dizendo estas palavras : *Sempre desejei quanto coube na humana fragilidade servir , e agradecer a ElRey , meu Senhor , e Marido ; e porque Sua Magestade he fiel , e verdadeira testemunha do muito , que sempre o amey , não tenho nesta parte , que encarecer ,*

Prova num. 99.

carecer , só pedir-lhe , que pelo reciproco amor , que entre nós houve , se sirva (por me fazer merce) de querer ser meu Testamenteiro , e por tal o nomeyo , suppondo o seu beneplacito. Em segundo lugar nomeou a Infanta sua filha , e depois roga a ElRey , que havendo de nomear Ministro , ou pessoa , para a execução do seu Testamento , seja o Duque de Cadaval , seu Mordomo mór , por estar certa do zelo , com que a servio na vida , que o fará na morte de forte , que possa a sua alma gozar da presença de Deos com mayor brevidade : recommendou muito a ElRey as suas criadas , e todas as pessoas , que a serviraõ , nomeando algumas Senhoras , e outras pessoas , às quaes ella desejava , que Sua Magestade gratificasse o seu serviço , e merecimento. A Duqueza de Saboya sua irmãa , deixou humja joya de grande preço. Instituiu duas Missas quotidianas , onde fosse sepultada. Mandou fazer a Capella de S. Francisco de Sales na Igreja do Espirito Santo , da Congregação do Oratorio de S. Filippe Neri , instituindo tres Missas quotidianas , duas pelas almas de seus pays , que em sua vida já se celebravaõ , e humja pela sua alma. Mandou , que se dissessem , com a brevidade possivel , vinte mil Missas : que se casassem vinte orfãos as mais desamparadas : que se resgatassem tres meninos , e cinco mulheres de terra dos Mouros : mandou soccorrer os prezos : deixou esmolos a muitos Hospitaes , Misericordia , e a todos os Mosteiros Capuchos , e pobres ,

bres, que não tinhaõ rendas; e outros muitos legados pios, em que exercitou a caridade, não se esquecendo das pessoas, que a haviaõ servido, com tal amor, e affecto, que bem mostra nas expressões qual era a sua devoção, como se póde ver no seu Testamento, que vay por inteiro lançado nas Provas. No Noviciado da Cotovia da Companhia de Lisboa se vê a Capella dedicada à Conceição da Virgem Senhora Nossa, que ella mandou edificar, e ornar de excellentes marmores. Foy a Rainha dotada de virtudes, e perfeições exteriores, e internas, porque era fermosa, com talhe airoso, o rosto branco, e córado, o cabello louro, os olhos escuros, e alegres, com todas as mais perfeições conformes, e proporcionadas. Na piedade foy insigne, na religião constante, na paciencia invencivel, tão facil em perdoar aggravos, como em conceder beneficios. Foy enterrada com Real pompa no Mosteiro das Capuchas do Santo Crucifixo, que ella havia fundado, onde jaz no Coro das Religiosas, em quanto se não traslada para o Mausoleo, que se lhe tem destinado na Capella môr, para o qual se havia escrito este Epitafio:

Hocce,

Hocce, Viator, in Mausolæo
 Serenissimæ Portugalliæ Reginæ
 D. Mariæ Isabellæ Franciscæ de Sabaudia
 Immortale spirat nomen, & felix memoria perennat;
 Eadem plane Serenissimæ Lusitaniæ Regis D. Petri II. conjux dignissima
 Fuit eximia pietatis norma, sed prudentiæ typus excelluit,
 Et maior omni ipsa imperio præ magnitudine animi, dum viveret,
 Regum Regi, ac Domino Dominantium Jesu Nazareno Cruci affixo
 Hanc ædem, sedemque posuit, magnifica, & munifica fundatrix;
 Atque suo Maria cum esset Jesu Christo amabilis, optimam sibi partem elegit,
 Suo nimirum adherere Deo, & eidem commori Crucifixo:
 Mæsta exinde clientium corda Reginæ certatim parentant suæ,
 Et justæ quidem solvunt obsequia cum lachrymis, & suspiriis.
 Cessit è vivis æternum victura sexto Kalend. Januar.
 Anno Domini M. DC. LXXXIII.

A sua Vida escreveu na lingua Franceza o Padre de Orleans, da Companhia de Jesu, que se imprimio no anno de 1696 em Pariz, não tratando da vida politica da Rainha, mas sómente da espirital, que depois traduzio na lingua Italiana o Padre Carlos Jacintho Ferrero, da mesma Companhia, e se imprimio em Turim em 1698. Em Portuguez vimos outra manuscrita com este titulo: *Monumento Perenne, levantado à saudosa memoria da Serenissima Rainha de Portugal Dona Maria Francisca Isabel de Saboya, &c. offerecido à Serenissima Infanta Dona Isabel Luiza Josefa, construido pelo Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, do Conselho de Estado, e Guerra del Rey D. Pedro II. nosso Senhor, anno 1684.* Nella se vê huma instrucção, que a Rainha escreveu na lingua Franceza da sua propria mão para sua filha, a qual o Conde traduzio fielmente em Portuguez. Esta excellente Obra, digna de seu grande Author, se conserva na Livraria do Conde da

da Ericeira seu neto, e o Duque de Cadaval tem hum copia, que vimos, e outra, que escreveo o mesmo Author na lingua Latina. O Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular, fez à sua morte hum elegante Obra, que intitulou: *Proteus doloris in obitu Serenissimæ Reginæ Portugalliæ D. Mariæ Franciscæ Elisabethæ à Sabaudia*, e lhe compoz hum excellente Panegyrico funebre, que recitou nas Exequias, que lhe celebrou a Misericordia, e que com a sobredita Obra imprimio, e dedicou a Madama Real de Saboya sua irmãa. Desta Real uniaõ nasceo unica

19 A INFANTA D. ISABEL LUIZA JOSEFA, como se verá no Capitulo XII.

Casou ElRey segunda vez a 11 de Agosto de 1687 com a Rainha D. Maria Sofia Isabel de Neuburg, que nasceo a 6 de Agosto de 1666 em Breuvath, no Ducado de Juliers, filha de Filippe Wilhelmo, Conde Palatino do Rhim, Duque de Neuburg, Principe Eleitor, e Graõ Thesoureiro do Sacro Romano Imperio, Cavalleiro do Tosaõ de Ouro, e da Eleitriz Anna Amalia sua segunda mulher, filha de Jorge II. Landgrave de Haffia-Darmstad, e da Landgravina Sofia Leonor de Saxonia, filha de Jorge I. Duque Eleitor de Saxonia, como melhor se vê na Arvore, que vay adiante. Foy a Rainha ornada de esclarecidas virtudes, era fermosa, benigna, e com huma natural affabilidade para os seus Vassallos, honrando a todos sempre, e favorecendo

os que se valiaõ da sua protecção, devota, com hum coração muy pio, e muita compaixão da pobreza, a quem soccorria com grande caridade occultamente, e com os pobres mendigos, que na rua lhe cercavaõ o coche, ella com a sua propria mão lhe dava esmola. Além das muitas, que repartia pela pobreza, sustentava à sua despeza no Hospital Real seis moças orfãs, e quatro mulheres honestas, e seis meninos dos expostos, e no Noviciado da Companhia fazia crear hum para Missionario da Provincia do Malabar. Teve grande compaixão das Almas do Purgatorio, e para as favorecer mandava dizer innumeraveis Missas. Visitava as Igrejas muitas vezes com grande devoção, como quem a tinha de se confessar, e commungar todos os oito dias, para o que se exercitava em actos de humilhação com grande segredo para que não chegasse a perceberse. Havia huma mulher chamada Maria Garcia de boa vida, a quem ella soccorria, a qual indo ao Paço muitas vezes, com ella se recolhia na sua camera em santos exercicios de caridade, e esta foy a pobre, que teve mais particular. Outra mulher pobre, mãy de duas, que serviaõ no Paço, que era natural de Aveiro, teve nove dias nelle no tempo da Quaresma, e em todos elles a servio a Rainha, dandolhe de comer por sua mão, e lavandolhe os pés, e em todos os dias lhe dava huma esmola. Costumava mandar fazer a Novena do Natal na Congregação do Oratorio com huma Missa
cada

cada dia , e as tres daquella noite : pelo que no fim lhe mandava huma esmola. Neste mesmo tempo algumas vezes fazia a Rainha a Novena , e depois dos exercicios fantos , com que começava o dia , em todos dava de comer a huma mulher , hum homem , e hum menino , à honra de Jesus , Maria , e Joseph , e buscando huma casa retirada do Paço , de que só sabia a confidente deste occulto negocio , dandolhe todos os dias a cada huma a sua esmola , em todos se exercitava em singulares actos de humildade , e caridade. Este devoto obsequio da Novena do Natal continuou a Rainha sua successora na Coroa , e na virtude , exercitando-se nos mesmos actos de caridade , e na mesma fórma , que o praticava a Rainha D. Maria Sofia , a qual especulando , se por ventura as taes pessoas eraõ mais necessitadas , lhe mandava remediar a sua casa , reparandolhe as faltas , que padeciaõ , e seus filhos. No discurso do anno , sem que procurasse tempo certo , em nove festas feiras , dava de comer a algumas mulheres pobres , e honestas , e juntamente esmolas de dinheiro , e esta devoção repetia mais vezes. Assim , que tinha noticia de pessoa pobre particular , se mandava informar , e tanto , que lhe seguravaõ a necessidade , a mandava soccorrer com tudo o que lhe podia ser necessario , vestindolhe a familia , dandolhe camas , e tudo o que fosse reparo contra a pobreza , que padecia. Estes actos heroicos de verdadeira caridade , eraõ o mayor cuidado da Rainha ,

naõ recusando nenhuma occasiaõ, que se lhe offercia, de poder soccorrer a pobreza, o que fez com hum coraçãõ pio; e onde ardia o amor do proximo, qual seria o que dedicava ao seu Deos, em cujo temor, e maximas Christãas educava seus filhos, e a todos lhos offercia; porque tanto, que havia convallecido do parto, a primeira vez, que sahia fóra, era à Igreja de S. Roque, e assistindo à Missa, tanto, que o Sacerdote elevava a Sacrosanta Hostia, tomava a Rainha o Infante nos braços, e o offercia a Deos, e depois à protecção de S. Francisco Xavier, de quem foy especial devora. Em obsequio do Santo fundou o Collegio de Béja, que dotou, e ornou com ricas dadivas. Teve por Confessor ao Padre Leopoldo Fufes, Religioso da Companhia, Letrado, de animo candido, e com exemplar modo de vida, que faleceo nesta Corte, e soube taõ bem a lingua Portugueza, que traduzio na Latina o quinto Tomo dos Sermoens do Padre Antonio Vieira, e continuou outros; e lhe succedeo o Padre Miguel Dias, da mesma Companhia, de que foy Provincial, Varaõ de grande litteratura, e de singular vida, e costumes. Amou a Rainha muito a Religiaõ da Companhia; e assim na criaçaõ de seus filhos, escolhia para os ensinar, Padres da mesma Religiaõ, a qual experimentou da sua grandeza, naõ só honra, mas larga generosidade. Naõ estimou menos os Padres da Casa da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, de que havia sido Funda-

Fundador o Veneravel Padre Bartholomeu do Quental, com quem teve grande trato, e com outros da mesma Casa, insignes em virtudes, e letras, que entaõ floreceraõ, com quem communicava o seu espirito, e alguns eraõ o instrumento por onde passava o segredo das suas virtuosas obras de caridade, e de humildade, que temos referido: eraõ os costumes santos da Rainha, e assim buscava homens virtuosos para se adiantar na virtude, naõ lhe servindo de embarço a Real pompa da Magestade, para que deixasse de seguir huma vida santa, e verdadeiramente santa, quando he exercitada na heroica virtude da humildade.

Naõ se esquecia a Rainha das obrigações do Real estado, em que Deos a havia posto; e assim conservou a sua Casa com grande respeito. Estimou muito a Nobreza, tratando as Senhoras com grande benignidade, escolhendo dellas algumas, com quem em honestos divertimentos se entretinha por algum tempo, e em algumas occasiões. ElRey seu marido a estimou com grande veneração, como quem observava as excellentes virtudes, que nella brilhavaõ, fazendo-a universalmente amada. Ella correspondia santa, e extremosamente a ElRey seu esposo de sorte, que foy reciproco o respeito, vivendo em verdadeira uniaõ. Porém quando a Rainha se achava no mais florecente tempo da idade, quando menos se podia esperar, se vio quebrada a Real uniaõ; porque de leves causas lhe sobreveyo
huma

Memorias m.s. do Du-
que de Cadaval D. Nu-
no, Tom. X, pag. 298.

huma furiosa erysipela, que lhe tomou o rosto, e a cabeça, com symptomas muito perigosos, a que se seguiu febre, somnolencia, e delirios, a que os Medicos cuidadosamente applicaraõ remedios proprios da doença. A Rainha, que era naturalmente pia, e muy devota, no quarto dia, naõ se sobressaltando do correio da morte, quiz commungar por Viatico, o que se participou aos Medicos, que lhe pareceo, se naõ devia encontrar à devoçaõ de Sua Magestade, ainda supposto a queixa o naõ pedir. Avisou-se ao Cardeal de Sousa, Capellaõ môr, e veyo o Santissimo da Freguesia de Nossa Senhora dos Martyres, Parochia, em que ficava o Paço da Corte-Real. Concorreo por aviso toda a Corte ao Paço, e tanto, que o Santissimo havia de chegar, ElRey, o Principe, e Infante D. Francisco, acompanhados de toda a Corte, baixou ao saugaõ, e depois de o adorarem, foraõ atécima, onde na antecamera da Rainha estava o Cardeal com Estola, e tomando o Santissimo da maõ do Paroco, o levou até o Altar, que estava na camera da Rainha, e depois de cumpridas as ceremonias do Ritual Romano, recebeu o Santissimo Viatico com tanta piedade, que naõ só enterneceo, mas edificou a todos, os que estavaõ presentes. ElRey, o Principe, e o Infante, seguidos de toda a Corte, acompanharaõ ao Santissimo Sacramento até à Freguesia dos Martyres, e o Cardeal o levou até o pôr no Sacrario. Seguirãõ-se varios symptomas, com que entraraõ

entraraõ os Medicos em mayor cuidado; porque logo, que a Rainha commungou, lhe sobreveyo hum delirio, que a naõ deixou capaz de poder fazer Testamento; porque com poucos intervallos naõ a deixou na sua liberdade, o que se seguiu nos dias da doença até o ultimo da vida. Continuava a queixa precipitadamente, augmentando-se os funestos symptomas, com grande fastio, e debilidade, e sendo já manifesto o perigo, e naõ correspondendo os remedios temporaes às diligencias da medicina, se recorreo aos da Igreja, dando-selhe o Sacramento da Extrema-Unção, que lhe administrou o Cardeal, Cappellaõ môr, assistido da Marquiza de Alamquer, Camereira môr, que compunha aquellas partes, que se haviaõ de purificar com os Santos Oleos. Na Camera assistiaõ as Damas, e Senhoras de Honor, o Duque Mordomo môr, e alguns Religiosos, como se havia praticado, quando Sua Magestade recebera o Viatico.

Tanto, que a Rainha entrou em mayor cuidado, começaraõ por ordem delRey muitas rogativas a Deos particulares, a que se seguiriaõ as publicas. Naõ se via na Cidade mais, que Procissoens por todas as ruas, levando as Imagens milagrosas de humas para outras Igrejas. Na Sé esteve por alguns dias a do Santo Christo dos Passos. Era grande a consternação da Corte, e Povo, que todo pedia com efficazes rogativas a Deos, a vida da Rainha. Assim, que recebeu a Unção, se recolheo ElRey

ao seu quarto, havendo até alli feito huma continua, e fina assistencia, sem se deixar persuadir para o seu descanso dos rogos dos seus Criados, e Vassallos, não só pelo perigo da enfermidade, mas tambem porque ElRey em muitas noites se não despio, e sómente se encoitava por brevissimo tempo na mesma Camera, em que a Rainha estava. Finalmente no Paço da Corte-Real faleceo a 4 de Agosto, em huma terça feira, às cinco horas e meya da tarde do anno de 1699, trocando a Coroa temporal, com huma morte suave, pela immortal, que Deos tem preparado para os que o sabem seguir, como piamente se deve crer da Rainha, que deixando a todos sentidos, deixou tambem admirados aos Religiosos, que lhe assistiraõ. O Duque Mordomo môr, chamando aos Medicos para examina-rem se a Rainha havia espirado, tanto, que o certificaraõ, foy com o Padre Sebastiaõ de Magalhães, Confeissor delRey, ao seu quarto, a participarlhe esta funesta noticia, ElRey a recebeo com mágoa devida à fineza, com que amava a Rainha; mas com igual constancia, christãamente se conformou, com o que Deos havia disposto. A Marqueza de Alamquer sua Camereira môr lhe cerrou os olhos, e composto o Real cadaver, foy vestido no habito de S. Francisco, e metido no caixaõ, que mudado do Paço da Corte-Real para o do Forte, que estava preparado, foy levado particularmente só com a sua familia; o Duque Mordomo môr, avisou

avisou aos Veadores, que pegassem no caixaõ, e o levaraõ pelo passadisso da Corte-Real ao Paço do Forte: diante do caixaõ hia huma Dama com a véla em hum castiçal, na mesma fórma, que costumava alumiar à Rainha em vida; detraz hia a Camereira môr, Damas, e Senhoras da Corte, e chegando à casa, que estava toda guarnecida de télas, e huma Eça de quatro degraos, composta de téla encarnada, com docel sobre quatro balaustes, forrados da mesma téla, se collocou o caixaõ sobre ella. Christovaõ de Almada, que fazia o officio de Reposteiro môr, cobrio o caixaõ com hum pano de téla rico franjado de ouro. No outro dia se lhe celebrou o Officio na mesma casa pelo Cardeal de Sousa, Capellaõ môr, revestido em Pontifical, assistido de toda a Capella Real, e no fim se disseraõ os quatro Responsoes nos quatro cantos, pelos Bispos do Algarve D. Simaõ da Gama, de Leiria D. Alvaro de Abranches, de Bona D. Fr. Pedro de Foyos, e de Hypponia D. Fr. Antonio Botado. Estava à porta da banda de fóra, o Veador D. Joseph de Menezes fazendo o officio de Porteiro môr; na casa immediata ao corpo havia oito Altares, e no transito hum, e dez na segunda casa, em que sempre se estiveraõ dizendo Missas.

A's oito horas da noite o Principe, e o Infante D. Francisco sahiraõ do Paço da Corte-Real pelo passadisso, e foraõ deitar agua benta à Rainha sua mãy: hiaõ diante de Suas Altezas Fernaõ de

Sousa, Védor da Casa delRey seu pay, e D. Lourenço de Almada, seu Mestre-Salla, com suas insignias, hum Moço Fidalgo alumando com a véla em hum castiçal, e detraz de Suas Altezas o Conde de Vianna, Gentil-homem da Camera delRey, e seu Estribeiro môr. Tanto, que chegaraõ Suas Altezas à porta da casa, em que estava a Rainha, o Moço Fidalgo deu a véla a Manoel Ferreira Rebello, Porteiro da Camera, de cuja maõ a tornou a tomar depois para acompanhar a Suas Altezas. Tanto, que o Principe, e Infante entraraõ na casa, onde estava o Real cadaver da Rainha sua mãy, lhe fizeraõ a devida cortezia, e tanto, que chegaraõ à ilharga do caixaõ, outra, e a ultima junto do Altar: puzeraõ-se de joelhos sem almofadas, e depois de hum breve oraçaõ, disse o Cardeal, Cappellaõ môr, o Responso em voz baixa, e deitou a agua benta. O Reposteiro môr tirou o prato, em que estava a Coroa sobre hum almofada, que deu ao Reposteiro menor Joaõ de Leiros, e sobindo acima, acompanhado do mesmo Joaõ de Leiros, tirou o pano, e pegaraõ no caixaõ o Marquez de Niza D. Francisco Balthasar da Gama, o Marquez de Fontes Rodrigo Annes de Sá, o de Alegrete Manoel Telles da Sylva, o Conde de Atalaya D. Luiz Manoel, o Conde de Alvor Francisco de Tavora, o Conde de S. Vicente Miguel Carlos de Tavora, o Monteiro môr Garcia de Mello, e D. Francisco de Sousa, Capitaõ da Guarda Alemãa, e detraz do
caixaõ

caixaõ hia o Principe, e o Infante : estavaõ esperando quarenta Moços da Camera com tochas accesas em duas alas, que acompanharaõ o caixaõ ; e assim baixaraõ até o pateo da Capella, e posto elle na liteira, a cobrio o Reposteiro môr com hum pano de borcado rico franjado de ouro. E começando a andar a liteira, o Principe, e o Infante fizeraõ a reverencia devida à Rainha sua mãy, e quando hia saindo pela porta do pateo, fizeraõ outra, e pondo os chapeos na cabeça, porque até alli estiveraõ descobertos, voltaraõ para cima, alumeados sómente com a véla, que levava o Moço Fidalgo, e acompanhados dos mesmos Officiaes da Casa, e de huma Esquadra da Guarda.

Marchava o Enterro, sahindo da porta da Capella ao Terreiro do Paço até S. Vicente de Fóra, por onde estavaõ em duas alas a Infantaria, e entre ellas todas as Religioens, e Clero da Cidade com vélas accesas. Hiaõ em primeiro lugar os Porteiros da Cana a cavallo, como todos os mais, logo os Corregedores do Crime da Corte, a que se seguiaõ todos os Grandes, e Officiaes da Casa del-Rey em duas alas, os primeiros à mão direita, e da esquerda os outros, sem insignias. Dos Officiaes da Casa da Rainha levavaõ as suas insignias aquelles, que as costumaõ usar. Seguia-se depois a Cruz da Capella Real com os Capellaens com sobrepelizes, e tochas accesas em duas alas : entaõ a liteira, em que hia o corpo da Rainha entre quarenta Mo-

ços da Camera a pé com tochas accesas. O Duque Mordomo môr, hia com sua insignia diante da liteira, atraz o Veador D. Lourenço de Lencastre, que fazia o officio de Escribeiro môr, no lugar, que lhe tocava, e no seu o Capitão da Guarda Real D. Philippe de Sousa. Seguia-se o coche de respeito, coberto com hum rico pano de téla encarnado franjado de ouro, tirado por seis cavallo bayos, e os Moços da Escribeira no seu lugar, as Companhias das Guardas cobrindo o Estado, os Tenentes da Guarda, e Escribeiros, tudo em grande ordem. Chegou o Enterro ao Adro de S. Vicente, onde o Provedor da Irmandade da Misericordia o Marquez das Minas nomeou as pessoas, que haviaõ de pegar no Esquife, como he costume, e entrando na Igreja estava a Communidade em duas alas desde a porta até o cruzeiro, em que estava a Eça, onde a Irmandade poz o caixaõ; e depois do Responso cantado pela Capella, assistindo o Cardeal, Capellaõ mor, revestido de Pontifical, seguiu-se o outro Responso dos Religiosos da mesma Casa, e o ultimo dos Capellaens da Misericordia. Acabadas as ceremonias, que determina o Ritual Romano em semelhantes casos, pegaraõ no caixaõ os mesmos, que o haviaõ feito no Paço; e sendo o caixaõ, em que estava o corpo, metido em outro, tambem forrado por dentro, e por fóra de téla encarnada, o fechou Lourenço Pires de Carvalho, Provedor das Obras do Paço, officio, que servia por seu sobrinho Gonzalo

çalo Joseph Carvalho , e deu as chaves ao Duque Mordomo môr , e se fez a entrega do corpo da Rainha , na fôrma costumada , ao Prior do Convento de S. Vicente D. Antonio de Santa Helena , que se obrigou em seu nome , e de seus successores , ao entregar , ou os ossos. Collocado o caixaõ na Eça , que estava preparada da parte do Euangelho , o Reposteiro môr lhe lançou hum pano de borcado , guarnecido de franjas de ouro , e depois lhe poz a Coroa Real sobre huma almofada. Neste mesmo dia 6 de Agosto cumpria a Rainha trinta e tres annos , e no mesmo mez de Agosto se celebrava com contentamento a memoria da sua chegada a este Reyno , de que foy universalmente amada. Era a Rainha fermosa , de corpo alto , e delgada , airosa , e com natural Magestade nas funções publicas , branca , e loura , olhos verdes , e fermosos , com muita viveza. Em taõ singulares dotes da natureza , era ainda mais brilhante a virtude , em que sempre se exercitou com muita devoçaõ , e desejando , que a sua familia se empregasse em semelhantes obras , e lograsse os frutos dos thesouros da Igreja , e para que todos pudessem conseguir este bem , alcançou do Summo Pontifice Innocencio XII. hum Breve passado a 4 de Setembro do anno de 1698 , em que lhe concedeo Indulgencia plenaria hum vez cada mez , para todas as pessoas domesticas da sua Real Casa , a qual se ganharia no Domingo , que ella affinasse de cada mez , visitando o seu Oratorio , ou

Capella

Capella privada. Depois o mesmo Papa por outro Breve passado a 4 de Outubro do referido anno lhe concedeo para o mesmo Oratorio, que todas as pessoas de hum, e outro sexo, que actualmente a servissem, e não costumavaõ sair fóra, pudessem ganhar certas Indulgencias, visitando o Oratorio do seu Paço, sua costumada morada, em aquelles dias, em que as poderiaõ ganhar, se visitassem algumas Igrejas da Cidade, a que eraõ concedidas; de sorte, que quasi todos aquelles Jubileos, concedidos a diversas Igrejas da Cidade, lhe concedeo o Papa ao seu Oratorio, para ella, e toda a sua familia, o que ainda hoje se pratica; porque a Rainha sua successora na Coroa, o foy nas virtudes, para se exercitar em todas, com tanta piedade, como universal edificação; e assim quiz tambem, que os domesticos da sua Real familia gozasssem dos inextinguiveis, e inexauriveis thesouros da Santa Madre Igreja. Padeceo a Rainha diversas molestias, pelas quaes os Medicos lhe prohibiaõ a abstinencia, e o uso de comer peixe: porém a sua esculpulosa consciencia, não satisfeita do seu parecer, recorreo ao Santo Padre Innocencio XI. que por hum Breve passado a 29 de Novembro de 1687 lhe concedeo, a faculdade de comer carne em todos os dias prohibidos pela Igreja, exceptuando sómente, em memoria da Paixão do nosso Redemptor, a semana Santa, que ella passava em santos exercicios; porque com coração devoto amava a Deos, e ao proximo,

ximo, exercitando-se em actos de verdadeira humilidade, sendo a compaixão dos pobres huma viva chamma, em que o seu piedoso coração ardia. De obras tão gratas a Deos, piamente se deve crer, que lhe seguraraõ huma eternidade gloriosa. Desta Real união nascerão os filhos seguintes:

19 O PRINCIPE D. JOÃO, nasceo em huma segunda feira 30 de Agosto do anno de 1688 às sete horas da manhã. Foy celebrado com universal contentamento o nascimento deste tão desejado Principe pela Corte, que concorrendo toda ao Paço, no outro dia baixou ElRey à Capella acompanhado dos Grandes, Fidalgos, e mais Nobreza, onde se cantou o *Te Deum* com grande solemnidade, e depois de elle acabado, e a Missa, prérgou Dom Luiz de Sousa, Arcebispo Primaz, do Conselho de Estado, com geral applauso; porque pelo seu grande talento, letras, e discrição, era tambem geralmente venerado; ElRey esteve debaixo da cortina, e assistio o Cardeal de Lencastre, o Nuncio do Papa, e o Embaixador de França. ElRey por hum Decreto mandou soltar os prezos, que estavaõ em termos de semelhante graça; não houve Tribunaes por tres dias; e em todos elles houve luminarias, e repiques em toda a Cidade. Tanto, que o Principe nasceo, foraõ as Communidades todas com Cruz à Capella Real a cantar o *Te Deum* em acção de graças pela felicidade de Deos nos dar hum Principe, e pelo bom successo da Rainha. Despacharaõ-se

raõ-se Expressos com a noticia para Heidelberg ao Eleitor seu avô, para a Rainha de Castella sua tia, e para a Rainha da Grãa Bretanha. Porém todos estes alvoroços se trocaraõ depois em hum temor, e cuidado; porque no terceiro dia se descobriraõ no Principe algumas pustulas na cabeça, que se lhe espalharaõ pelo corpo. O que deu motivo à Catholica piedade da Rainha querer, que logo bautizassem o Principe: porém os Medicos resolveraõ, que naõ havia entaõ perigo, o qual se lhe conheceo passados mais alguns dias, de sorte, que na noite de huma segunda feira 15 de Setembro recebeo o sagrado Bautismo particularmente em huma casa immediata à Camera da Rainha, que se preparou com a grande pressa, que era preciso para o Bautismo, que lhe conferio o Arcebispo de Lisboa, Cappellaõ mór, Luiz de Sousa, sendo seu Padrinho o Eleitor Palatino, cuja procuração teve o Cardeal de Lencastre, Inquisidor Geral, e Madrinha a Infanta D. Isabel Luiza Josefa, sua meya irmãa. A Rainha assistio, e porque se achava fraca, se assentou, estando presentes os Officiaes da sua Casa, as Camereiras móres da Rainha, e Infanta, as Donas de Honor, e Damas; e supposto se achavaõ muitos grandes Senhores, e Fidalgos na casa de fóra, naõ entraraõ nesta mais pessoas, que as referidas. Houve Procissão de graças, que sahio da Sé a S. Domingos; e no tempo, que se preparavaõ diversas festas para se celebrar o seu nascimento, entre as quaes esta-

estavaõ destinados Touros, em que haviaõ de tourear os Condes de Aveiras, Avintes, e Monfanto, succedeo trocarle todo o contentamento em dissabor, por falecer o Principe a 17 de Setembro em huma festa feira às sete horas, e com taõ poucos dias de vida sobio felizmente a gozar na Bemaventurança eternos annos.

Foy o Real cadaver do Principe metido em hum caixaõ de borcado carmesim com huma Cruz de borcado branco, e posto na Tribuna da Rainha, armada toda de télas, sobre hum estrado alto, guardado de veludo encarnado, e galoens de ouro, e no topo hum Altar com Cruz, e vélas, e com quatro tochas, e desta sorte esperou o corpo do Principe em quanto se preparou a casa aonde se havia pôr em publico, estando sempre assistido das Senhoras de Honor, Damas da Rainha, e da Senhora Infanta, a qual querendo tambem assistirlhe, lho impediraõ, e se recolheo ao seu quarto. No outro dia passaraõ ao Principe para a casa, em que se havia de pôr em publico, e foy levado o caixaõ pelo Duque Mordomo môr, o Baraõ Conde de Oriola, o Conde de S. Lourenço, Veadores da Rainha, e D. Francisco Mascarenhas, seu Estribeiro môr. O Conde da Castanheira fazia o officio de Reposteiro môr. E assim foy levado a huma falla grande, que nomeavaõ do *Conseho de Estado*, que se via armada de télas brancas, com hum Altar no topo, e no meyo, em hum grande estrado, se via a Eça com

tres degraos , em que se poz o caixaõ coberto com hum pano rico de réla encarnada , debaixo de hum docel de borcado , suspendido de quatro pilares cobertos da mesma téla , e no ultimo degrao em hum prato dourado huma almofada , em que estava a Coroa do Principe.

A's sete horas da noite , estando assistido de toda a Corte , se revestio de Pontifical o Arcebispo Capellaõ môr. Entrou a Capella com Cruz levantada , e os Capellaens com tochas , e depois de se fazer , o que ordena o Ritual , e o Arcebispo dizer a Oraçaõ , entrou ElRey acompanhado dos Grandes , e Officiaes da Casa Real : fez oraçaõ ao Altar sem se lhe pôr almofada , e quando se levantou , o Capellaõ môr lançou a agua benta , e apartando-se ElRey para a parte do Evangelho , o Conde da Castanheira tirou o pano , que cobria o caixaõ , e pegando nelle os Marquezes de Arronches , e Alegrete , os Condes de Val de Reys , e Ericeira , todos do Conselho de Estado , o levaraõ até o pateo da Capella , rodeado de quarenta Moços da Camera com tochas accesas. ElRey hia detraz em alguma distancia , acompanhado do Conde de Santa Cruz , seu Mordomo môr , do Marquez de Marialva , Gentil-homem da Camera de semana , e D. Joseph de Menezes , seu Escribeiro môr , e hum Moço Fidalgo , que o alumiou com a véla. Dom Francisco Mascarenhas , Escribeiro môr da Rainha , abriu a liteira , e o Conde da Castanheira , que servia

via de Reposteiro môr, lhe lançou hum pano de téla encarnado franjado de ouro, que a cobria toda, a qual cercava a guarda dos Archeiros, e montado a cavallo o Duque Mordomo môr, e o Estribeiro môr da Rainha, tomaraõ os seus lugares, e na mesma fórma os Capitaens da Guarda D. Philippe de Sousa, e o Conde de Pombeiro, e os Grandes, e Officiaes da Casa delRey, e da Rainha, na fórma, que já temos referido, e praticando-se tudo o mais conforme o uso do Ceremonial dos Enteros Reaes, foy levado ao Mosteiro de S. Vicente de Fóra. Abrio o Duque o caixaõ, em que pegaraõ os mesmos Conselheiros de Estado, e se fez a entrega ao Prior do Convento, e se collocou na Capella môr o caixaõ em huma Eça, coberta com hum grande pano de téla encarnado franjado de ouro.

19 ELREY DOM JOAÕ V. que será glorioso assumpto do Capitulo VI.

19 O INFANTE D. FRANCISCO, de quem faremos mençaõ no Capitulo XIII.

19 O INFANTE D. ANTONIO, como se verá no Capitulo XIV.

19 O INFANTE D. MANOEL, de quem faremos mençaõ no Capitulo XV.

19 A INFANTA D. THERESA, como diremos no Capitulo XVI.

19 A INFANTA D. FRANCISCA, de quem tratamos no Capitulo XVII.

760 *Historia Genealogica*

Teve ElRey D. Pedro fóra do Matrimonio, os filhos seguintes:

19 A SENHORA D. LUIZA, de quem se tratará no Capitulo XVIII.

19 O SENHOR D. MIGUEL, que occupará o Capitulo XIX.

19 O SENHOR D. JOSEPH, como se verá no Capitulo XX.

A Rainha

A Rainha
D. Maria
Sofia de
Neobourg
mulher
del Rey D.
Pedro II.

Filippe Wi-
lhelmo, Con-
de Palatino,
Eleit. do Im-
perio, n. a 25
de Novemb.
de 1615, *
a 2 de Set. de
1690.

Wolffango Wi-
lhelmo Duq. de
Baviera, Neu-
bourg, &c. n. a
29 de Outubro
de 1578, + a
20 de Março de
1653.

A Duqueza Ma-
gdalena de Ba-
viera, + 1628,
1. mulher.

Filippe, Duque de
Baviera e Neobo-
urg, nasc. em 1. de
Outub. de 1547,
+ a 2 de Agosto de
1614.
A Duqueza Anna
de Cleves.

Guilherme V. Du-
que de Baviera, n.
a 29 de Setembro
de 1548, + a 27 de
Fever. de 1626.
A Duqueza Rene-
ra de Lorena, + a
23 de Mayo de
1602.

Wolffango, Duque de
Baviera, Deux Ponts
n. a 26 de Setembro
de 1526, + a 11 de
Junho de 1569.
A Duqueza Anna de
Hesse, + em 11 de
Junho de 1591.

Guilherme, Duque
de Cleves, e Juliers,
n. a 27 de Julho de
1516, + a 5 de Ja-
neiro de 1592.
A Duqueza Maria de
Austria, + em 1584.

Alberto V. Duque de
Baviera, nasc. a 7 de
Março de 1528, +
a 24 de Out. 1579.
A Duqueza Anna de
Austria, + a 16 de
Outubro de 1580.

Francisco, Duque de
Lorena.

A Duqueza Christina
de Dinamarca, + a 10
de Dezembro, 1590.

Jorge I. Landgrave
de Hesse-Darmstad,
n. a 10 de Setembro
de 1547, + a 7 de
Fevereiro de 1596.
A Landgravina Ma-
gdalena de Lippe.

João Jorge, Eleitor
de Brandebourg, n.
a 11 de Setembro de
1525, + a 8 de Ja-
neiro de 1598.
A Eleitritz Habel de
Anhalt, + em 28 de
Setembro de 1607.

Christiano I. Eleitor,
Duque de Saxonia,
n. a 3 de Novembro
de 1560, + a 25 de
Setembro de 1591.
A Eleitritz Sofia de
Brandebourg, * a 2
de Setemb. de 1622.

Alberto Frederico de
Brandebourg, Du-
que de Prussia, n. a
29 de Abril de 1553.
A Duqueza Maria
Leonor de Juliers, +
em 1608.

Luiz II. Duque de Baviera, n. em
1502, + a 3 de Dezemb. de 1532.
A Duqueza Isabel de Hesse, + a 4
de Janeiro de 1563, filha de Gui-
lherme Landgrave de Hesse.

Filippe Landgrave de Hesse, n. a
13 de Novembro de 1504.

A Landgravina Christina de Saxo-
nia, filh. de Jorge, Duq. de Saxonia.

João III. Duque de Cleves, e Juliers,
+ a 6 de Fevereiro de 1539.

Maria, Duqueza de Juliers, filha II.
de Guilherme, Duque de Juliers.

Fernando I. Emper. de Akmanha,
n. a 10 de Março de 1503.

Anna, Rainha de Hungria, e Bohe-
mia, + a 27 de Janeiro de 1547,
filha de Ladislao, Rey de Hungria.

Guilherme IV. Duque de Baviera,
n. a 13 de Novembro de 1493.

A Duq. Maria Jaquelina de Bade,
filha de Filipe, Marquez de Bade.

Fernando I. Emperador de Alema-
nha, n. a 10 de Março de 1503, +
a 26 de Julho de 1564.

Anna de Hungria, filh. de Ladislao
Rey de Hung. + a 27 de Jan. 1547.

Francisco Duque de Lorena, n. 14
de Julh. 1489, + 15 de Jun. 1544.

Renera de Bourbon, + o 1. de Jan.
1539, filh. de Gilberto de Bourbon.

Christiano II. Rey de Dinamarca,
n. a 2 de Julho de 1481.

A Rainha Isabel de Austria, + a 19
de Janeiro de 1525, filha de Filipe
de Austria I. Rey de Castilla.

Filippe Landgrave de Hesse, n. a 13
de Nov. 1504, + 31 Março 1567.

A Landgravina Christina, filha de
Jorge, Duque de Saxonia.

Bernardo, Conde de Lippe, * em
1563.

A Cond. Cathar. de Waldeck, filha
de Filipe III. Conde de Waldeck.

Joachim II. Eleit. de Brandebourg,
n. 9 de Jan. 1505, + 3 de Jan. 1571.

A Eleitritz Magdalena de Saxonia,
filha de Jorge, Duque de Saxonia.

Joachim Ernesto, Princ. de Anhalt-
Zerbst, n. a 20 de Outub. de 1536.

A Princeza Ignez de Barby, n. a 23
de Janeiro de 1540, filha de Gui-
lherme, Conde de Barby.

Augusto, Eleitor Duq. de Saxonia
n. a 31 de Julho de 1526.

A Eleit. Anna de Dinamarca, filha
de Christiano, Rey de Dinamarca.

João Jorge, Eleitor de Brandebo-
urg, n. a 11 de Setemb. de 1525.

A Eleitritz Isabel de Anhalt, filha de
Joachim Ernesto, Princ. de Anhalt.

Alberto de Brandebourg, Duq. de
Prussia, n. a 17 de Mayo de 1490.

A Duqueza Anna Maria, filha de
Erico, Duque de Brunswick.

Guilherme, Duq. de Juliers, e Cle-
ves, n. a 27 de Julho de 1516.

A Duqueza Maria de Austria, filha
do Emper. Fernando I. + em 1584.

Jorge II. Land-
grave de Hesse-
Darmstad.

Luiz I. Landgrave,
n. a 4 de Setembro
de 1577, + a 27
de Julho de 1626.
A Landgrav. Ma-
gdalena de Brande-
bourg, + aos 14
de Mayo de 1616.

A Eleit. Isa-
bel Amalia, +
a 4 de Agosto
de 1709.

A Landgravina
Sofia Leonor de
Saxonia, + a 2
de Julho 1671.

João Jorge, I. Elei-
tor, Duq. de Saxo-
nia, n. a 5 de Mar-
ço de 1585, + a 8
de Outubr. 1656.
A Eleitrix Magda-
lena Sibila, * a 12
de Fever. 1659.

INDEX

DOS NOMES PROPRIOS, APPELLIDOS, e cousas notaveis.

O numero denota a pagina.

A

A *Clamaração* delRey D. Joáo IV. como foy executada, e por quem, 81, e seg. Que prodigio se vio no dia della na Imagem de prata de Christo Crucificado, 91. Que maravilhas se virão nos Cidadãos, 92, e seg.

Aguiar (Marquezado de) quando foy creado, e a quem conferido, 217.

Ajudantes das Ordens delRey D. Pedro II. na Campanha, quem foram, 549.

Ayo delRey D. Affonso VI. quem foy, 412.

D. Affonso VI. Rey de Portugal, quando nasceo, e como se lhe administrou o Sacramento do Bautismo, 339, e seg. Quando foy jurado successor da Coroa, 340. Quando foy aclamado Rey de Portugal, e como se celebrou este acto, 341, e seg. Quem foy seu Ayo, e Mestre, 344, e seg. Como festejou a vitoria das linhas de Elvas, 348. Quando lhe ordenou a Rainha a sua Casa, e que Fidalgos nomeou para o servirem, 363. Porque causa lhe quiz largar a Rainha o governo do Reyno, e que se passou neste caso, 364, e seg. Como lhe apartaraõ do seu lado algumas pessoas, que lhe eraõ pre-

judiciaes, 367, e seg. Como se lhe participou, e ouvio esta noticia, 369. Porque causa se retirou para Alcantara, e que pessoas o acompanharaõ, 369, e seg. Que resolução tomou a Rainha desta accção, 370. Como lhe respondeo em huma Carta, que se transcreve, 372. Que Conselheiros de Estado fez de novo. Ibid. e seg. Como se fez o acto da entrega do governo do Reyno, 374, e seg. Que Fidalgos mandou retirar da Corte, e que pessoas mandou vir para ella, 376. Como festejou a vitoria da batalha do Ameixial, 380, e seg. E a de Montes Claros, 386. Foy o seu Reynado feliz nas Campanhas, 383, e 387. Com quem casou, e de que condições se formou o Tratado matrimonial, 389, e seg. e 420, e seg. Com que grandeza foy conduzir a Rainha, 394, e seg. Aonde receberam as benções, 396. Que desgostos deu logo a Rainha, 397. Com que magnificencia, e quando fez, e a Rainha a sua entrada publica em Lisboa, 398, e seg. Que festas houve nesta occasião, 400, e seg. Porque causa dimitio o governo do Reyno, 403. Quando faleceo, e que prodigios se affirma experimentara antes da morte, 405. Aonde jaz, 406. Refere-se o seu caracter, virtudes,

- tudes, eacções politicas, 406, e seg. Fundou na Villa de Santarem o Mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, 407. Que Titulos creou de novo, 409. Que Officiaes teve a sua Casa, e Reyno, 412, e seg.
- Albuquerque* (Mathias de) porque causa foy prezo, e para onde conduzido, 158. Como foy solto, e o que disse a ElRey, 164. Quando foy outra vez General do nosso Exercito, 180. Com que valor se portou na batalha de Montijo, 185. Que premio teve pelo bom successo da victoria, 187.
- Albuquerque* (Praça de) com que condições a querião entregar os Castelhanos, 592. Como se rendeo. Ibid. e 593. Quando foy restituida, 594.
- Alcantara* (Villa de) com que capitulações foy rendida, e que despojo tirou o nosso exercito, 623, e seg.
- Alconchel* (Villa de) por quem foy conquistada, 181.
- Alferes mores delRey Dom João IV.* quem foraõ, 226.
- delRey D. Affonso VI. 417.
- delRey D. Pedro II. 717.
- Alferes mór do Reyno*; porque causa se deu este cargo a Luiz Cesar de Menezes, 375.
- Almada* (João de) de Mello, porque motivo perdeu o juizo, e quando se lhe restituiu, 680.
- Almeida* (D. Miguel de) Conde de Abrantes, com que valor se portou no acto da aclamação delRey D. João IV. 84. Foy o primeiro, que jurou no acto do levantamento delRey D. Affonso VI. 343.
- Almeida* (D. Pedro de) Veador da Casa Real, com que formalidade visitou ao Embaixador de Inglaterra, 293.
- Almeida.* Veja-se *Assumar*.
- Almirante de Castella*, que motivo teve para se refugiar em Portugal, 512. Que competencias, e lances teve com o Embaixador do Imperio, 513. Com que formalidade teve audiencia delRey D. Pedro, e mais pessoas Reaes, 514, e seg. Declarando-se parcial dos interesses do Emperador Leopoldo, como se procedeo em Castella contra a sua pessoa, e bens, 515. Quando, e annde faleceo, 596.
- Almirantes do Reyno no tempo delRey D. Affonso VI.* quem foraõ, 419.
- delRey D. João IV. 231.
- delRey D. Pedro II. 715.
- Alqueira* (Villa de) ou Puebla de Gulman, por quem foy tomada, e saqueada, 557.
- Alvor* (Conde de) destruiu a ElRey de Dongo, ou das Pedras, 675.
- Ameixial.* Descreve-se a victoria, que alcançaraõ as nossas armas neste sitio, 379, e seg.
- Angola* (Reyno de) quando, e por quem foy restaurado, 188.
- Aposentadores mores delRey D. Affonso VI.* quem foraõ, 414.
- delRey D. João IV. 227.
- delRey D. Pedro II. 710, e 715.
- Armada*, que conduzio a Inglaterra a Rainha D. Catharina, de que naos constava, e de que lotação eraõ, 298.
- Armada de França unida com a Portugueza*, com que designio sahirão de Lisboa, 166. Qual seguio tambem a de Hollanda. Ibid.
- Armada Franceza.* Veja-se *Chartenau*.
- Armada Portugueza*, que expedições fez contra a dus Parlamentarios, 192.
- Armada Portugueza*, que hia conduzir o Duque de Saboya, de que naos constava, e quem era o General,

B

neral, e Governadores della, 475, e seg. Quando sahio de Lisboa; e porque causa voltou sem o Duque, 477.

Armeiros mōres delRey Dom Affonso VI. quem eraõ, 416.

— delRey D. Joãõ IV. 226.

— delRey D. Pedro II. 710, e 714.

Arraçaõ (Principe de) que merces lhe fez elRey D. Joãõ IV. 222.

Arvore da ascendencia delRey Carlos II. de Inglaterra, 337.

— da Rainha D. Luiza, 261.

— da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, 423.

— da Rainha Dona Maria Sofia de Neoburg, 761.

Asseca (Viscondado de) por quem foy creado, e a quem conferido, 412.

Assumar (Conde de) D. Joãõ de Almeida, foy nomeado para assistir a ElRey Carlos III. 537. E Capitãõ das guardas de Corpus delRey D. Pedro II. 549. Foy Embaixador ao dito Rey, e deu a sua entrada no mar com a formalidade, que se refere, 602, e seg.

Atalaya (Conde de) D. Luiz Manoel de Tavora, quando, e aonde faleceo, 617. Foy Embaixador a Saboya, e que successo teve na retirada, 692. Porque causa o visitou o Principe Regente D. Pedro. Ibid.

Atouguia (Condessa de) com que constancia concorreo para a acclamaçaõ delRey D. Joãõ IV. 83.

Audiencias, com que disvello as deva ElRey D. Pedro II. e como aos Sacerdotes, 666.

Audiencias certas, em que dias as determinou ElRey D. Joãõ IV. 196.

B *Adajoz* (Cidade de) por quem foy fundada, e porque causa se retirou o nosso Exercito, 607.

Bahia (Bispado da) quando foy creado em Arcebisado, 678.

Baraõ da Ilha Grande, quem foy, e quando se creou esta dignidade, 412.

Barbacena (Viscondado de) quando foy creado, e a quem conferido, 411.

Barcarrota (Praça de) por quem foy rendida, e com que capitulações, 558. Em que dia foy outra vez conquistada, 628.

Barcelona (Cidade de) quando, e por quem foy rendida, 609.

Barros (Luiz Pereira de) Contador da Fazenda, participou a ElRey D. Joãõ IV. a conjuraçaõ, que se fazia contra a sua Real pessoa, 154. Que premio teve. Ibid.

Batarville (O Baraõ de) Embaixador de Castella, que lugares teve, quando entrou em Lisboa, e fez a sua entrada publica, 467. Quando faleceo, 679.

Bay (O Marquez de) por quem foy resfachado intentando soccorrer a Cidade de Xeres de los Cavalleros, 627.

Béja (Ducado de) quando foy renovado, e a quem conferido, 216.

S. Bernardo (Religiosos de) quando lhe foraõ restituidas as suas rendas, e o cargo de Esmoler mōr, 203, e seg.

Berwick (Duque de) Marichal de França, que hostilidades fez nas nossas Provincias, 551. Como, e por quem foy dissipado no choque de Brusas, 614, e seg. Que fez sabendo do rendimento da Praça de Alcantara, 628. Que quiz fazer

- fazer aos moradores de Placencia, 629. Para onde se retirou do nosso Exercito. Ibid. Porque causa desamparou o campo de Bazzagana, e que marchas fez, 630, e seg. Porque razão não atacou o nosso Exercito, 648, e seg.
- Bisau* (O Principe de) por quem foy reduzido à Fé, e aonde se lhe conferio o Sacramento do Bautismo, 670, e seg.
- Bispos* nomeados para as Cathedraes do Reyno pelo Principe Regente, quem foraõ, 468.
- Bourbon* (Antonio de) Duque de Vandome, e Rey de Navarra, quando nasceo, e com quem foy casado, 423. Quando faleceo, e que ascendencia, e descendencia teve. Ibid.
- Bourbon* (Antonio de) Duque de Vandome, seu nascimento, casamento, e morte, 337. Que descendencia, e ascendencia teve. Ibid.
- Branco* (Antonio de Freitas) com que negociação foy a Heidelberg, 481.
- Brossas* (Villa de) como, e por quem foy saqueada, 614, e seg.
- delRey D. Pedro II. 707.
- Canas* (Jogo de) com que grandeza se celebrou na occasião do casamento dos Duques de Bragança, 36. Com que magnificencia o houve no tempo do casamento delRey D. Affonso VI. 400, e seg.
- Capecelatro* (D. Domingos) Enviado de Cattella, que atentado commetteo em Lisboa, 521. Que demonstrações fez ElRey D. Pedro, e como se retirou o dito Enviado para Badajoz, 521, e seg.
- Capellaens mores* delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 417.
- delRey Dom João IV. quem era, 224. Quando faleceo. Ibid.
- delRey D. Pedro II. 708, e 713.
- Capitaens da guarda* delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 415, e seg.
- delRey D. João IV. 227.
- delRey D. Pedro II. 710, e 715.
- Capitaens mores* dos Ginetes no Reynado de D. Affonso VI. quem foraõ, 417, e seg.
- no tempo delRey Dom João IV. 231.
- Carlos II.* Rey de Castella, quando faleceo, e quem chamou para seu successor, 503.
- Carlos III.* Rey de Castella, com que formalidade visitou a Rainha D. Catharina, 330, e seg. Quando foy aclamado Rey de Hespânia, e quando chegou a Lisboa, 523, e seg. Por quem o mandou cortejar ElRey D. Pedro, 525. Como recebeu a visita, que lhe fez ahordado o dito Rey, e como foy conduzido ao Paço, 531, e seg. Aonde o foraõ esperar o Principe, e Infantes, 532. Como foy festejada a sua entrada, 534. Como se visitava com ElRey D. Pedro, 536, e seg. Como era servido na mesa, 538, e seg. Quanto importava cada

C

- Abraal* (Fernaõ) foy Chanceller mór do Reyno, 161.
- Cadaval* (Ducado de) quando foy creado, e a quem conferido, 217.
- Camcreiras mores* sempre tem almofada ainda que não sejaõ Marquezas, 732.
- Camereiras mores* da Rainha D. Luiza, quem foraõ, 253, e seg.
- Camereiro mór*, quando principiou a não ter exercicio este cargo, 707.
- Camereiro mores* delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 412.
- delRey D. João IV. 225.

da mez a despeza, que fazia, 540. Que presente lhe mandou ElRey D. Pedro, e como o estimou, 540, e seg. Que estimação fez dos presentes, que lhe mandaraõ o Principe, e Infantes, 541. Como se preparou para sair em publico a cavallo, e em que dia o fez, 542. Que donativo lhe mandou ElRey D. Pedro, 543. Como festejou, e a sua familia os annos do dito Rey, 544, e seg. Em que dia partio para a Provincia da Beira, e como foy recebido em Santarem, 559. Quando chegou a Coimbra, e como o esperavaõ, 565, e seg. E na Cidade da Guarda, 567. Como assistio aos Contelhos de Guerra, que se fizeram no nosso Exercito, 570, e seg. Em que dia chegou a Belem, e como foy cumprimentado, 575. Porque motivo foy para Catalunha, e que obsequio lhe fez o Principe, e Infantes, 600. Quando chegou a Barcelona, 605. Aonde fez assento, e que mandou pedir a ElRey D. Pedro, 609, e seg. Quando, e como fez a sua entrada publica em Çaragoça, 644. Quando chegou ao nosso Exercito, e que operações fez este, 646, e seg.

Carlos II. Rey de Inglaterra, com quem casou, e de que artigos se formou o Tratado matrimonial, 286, e seg. Vindo visitar a Rainha, confirmou a preferencia ao nosso Embaixador, 303. Que beneficio fez por intervenção da Rainha aos Catholicos de Inglaterra, 315. Por officia da dita abjurou a heresia, e quando faleceo, 322. A Arvore da sua ascendencia, 337.

Cascaes (Marquez de) D. Luiz Alvares de Castro, Embaixador a França, que estimação mereceo a ElRey Luiz XIV. e a Corte, 687. Tom. VII.

Cascaes (Marquezado de) quando foy creado, e a quem conferido, 218.

Castello-Branco (Dom Francisco de) sendo mortalmente ferido, como recobrou a saude, e quando faleceo, 173.

Castello-Melhor (O Conde de) que empreza intentou fazer, 169. Sendo revelada, que trabalhos padeceo, e como se restituio a Portugal, 170, e seg.

Castello-Melhor (O Conde de) Luiz de Valconcellos e Souia, com que valor defendeo a innocencia da Rainha D. Catharina, e como lho remunerou, 318. ElRey D. Affonso VI. lhe entregou o governo do Reyno, e o fez Escrivaõ da Puridade com as preeminencias, que se referem, 377. Porque causa se ausentou do Reyno, e em que Cort se assistio, 403, e seg. Como se fez arbitro do governo de Portugal, 436. Querendo congrassar-se com o Infante D. Pedro, que conferencia teve com elle, 441. Porque causa mandou armar o Paço com novas guardas, 446. Como o sentio o Infante D. Pedro, e que demonstração fez, 447. Como se ausentou do Reyno, e quando se restituio a elle, 454, e seg. e 325.

D. Catharina, Rainha de Inglaterra, quando nasceo, e quem foy seu Padrinho, 282. Que doação lhe fez ElRey seu pay, 283, e seg. Com quem se ajustou o seu casamento, e de que artigos se formou o Tratado, 286, e seg. Como foy festejada esta alliança, 292. Que pessoas a acompanharaõ na jornada, e como foy despedida, 294, e seg. Que Damas levou, 297. Quando chegou a Portsmouth, aonde a visitou ElRey seu esposo, 302, e seg. Quando, e aonde se Dddd cele-

- celebrou o casamento, 304. Que affabilidade praticou na visita, que fez á Rainha viúva de França, 307. Quando, e com que magnificencia fez a sua entrada em Londres, 309, e seg. Que diligencias fez em Roma para que o Papa reconhecesse ao nosso Rey, 312. Com que alevosias a inflamarão os Protestantes, 317. Quem foram os Authores desta insolencia, e como foram castigados, 318, e seg. De que partes, e virtudes foy adornada, 321, e seg. Que motivos a fizeram voltar para Portugal, e que Ministros Portuguezes a foram conduzir, 324, e seg. Quando chegou a Lisboa, e como foy recebida pelos Reys, 327, e seg. Com que amor se tratava com a nossa Rainha, e que Palacios habitou, 328. Que Senhoras a serviram, 329. Com que formalidade, e ceremonias a visitou ElRey Carlos II. 330. Sendo Governadora do Reyno, que Fidalgos lhe assistiram, 332, e seg. Quando faleceu, e aonde jaz, 333. Que Casa mandou fundar aos Padres da Companhia, 334. Descreve-se o seu funeral, 335, e seg. Com que formalidade deu audiencia ao Almirante de Castella, 335.
- Cilão*, porque causa ficou em poder dos Hollandezes, 189.
- Centa* (Cidade de) como a soccorreu ElRey D. Pedro II. 674.
- Chancelleres* mōres do Reyno, quem foram, 224, 711, 720, e seg.
- Chateaufort* (Marquez de) Embaixador de França, com que pretexto quiz desculpar a violencia, que se fez em Madrid ao nosso Enviado, 523. Quando, e porque causa se retirou de Lisboa, 524, e seg.
- Chatterau* (O Conde de) General da Armada Franceza, com que incumbencia veio a Lisboa, 504. Com que benevolencia, e generosidade o tratou ElRey D. Pedro, e aos mais Officiaes. Ibid. e seg. Porque causa se retirou da nossa Corte, e que presente teve delRey, 507, e seg. Com que formalidade salvou a Armada Portugueza, 508, e seg.
- Choup* (Marquez de) passando a Portugal com algumas propostas da Coroa de França, a Rainha D. Luiza o mandou despedir, 360, e seg.
- Chromistas* mōres do Reyno no tempo delRey D. João IV. quem foram, 224.
- Ciudad Rodrigo*, que Conselho se fez para a sua expugnação, e como tomou ElRey D. Pedro a resolução delle, 570, e seg. Em que dia a sitiou o nosso Exercito, e como foy rendida, 632, e seg.
- Clerigos Regulares* de S. Caetano, que merces devem à piedade delRey D. João IV. 195.
- Coimbra* (A Universidade de) com que solemnidade jurou o mysterio da Conceição Immaculada da Virgem Santissima, 209. O Cabido da dita Cidade, que donativo fez a ElRey Dom Pedro, e o Reytor, e a Camera della, 564.
- Collar*, que levou o Duque de Bragança D. João II. quando casou, de que valor era, 25.
- Colonia* (Nova) como foy tomada pelos Castelhanos, e quando restituída, 682, e seg.
- Commerdas* com o habito da Ordem de Christo, quaes concedeu ElRey D. João IV. ao Infante D. Pedro para asconferir, 428.
- Commerdadores* mōres das Ordens Militares feitos por ElRey D. João IV.

IV. quem foraõ, 203, e 428.
Conceição da Virgem Maria Senhora Nossa, quando foy jurada por ElRey D. João IV. e quando instituiu a mesma Senhora Padroeira do Reyno, 204, e seg.
Condado de Abrantes, quando foy renovado, e a quem conferido, 221.
 — de Alegrete, quando foy creado, e a quem concedido, 220.
 — de Alvor, &c. 705.
 — de Assumar, 705.
 — de Aveiras, quando, e a quem foy concedido de juro, e herdade, e com promessa do Titulo de Marquez, 218, e seg.
 — de Avintes, quando foy instituido, e a quem dado, 411.
 — de Coculim, &c. 705.
 — da Enceira, em quem foy renovado, 220.
 — das Galveas, quando, e a quem foy concedido, 705.
 — do Lavradio, &c. 705.
 — de Mertola, 705.
 — de Mesquitella, 410.
 — de Odemira, 219.
 — de Oriola, 221.
 — de Penalva, 297.
 — de Pombeiro, 411.
 — da Ponte, 409.
 — de Pontevel, 410.
 — de Prado, 220.
 — de Redondo, a quem foy concedido, 705.
 — da Ribeira Grande, quando foy creado, e a quem conferido, 411.
 — do Rio Grande, 705.
 — de Santiago de Biduido, 411.
 — de Serem, 220.
 — de Soure, 221.
 — de Tarouca, em quem foy renovado, 706.
 — de Temugal, com que preeminencias foy concedido ao possuidor, 217.
 — de Valadares, quando foy creado. n. VII.

do, e a quem concedido, 706.
 — de Vianna, em quem foy renovado, 706.
 — de S. Vicente, quando foy creado, e a quem conferido, 410.
 — da Vidigueira, com que prerogativas foy renovado, 218.
 — de Villa-Flor, quando foy creado, e a quem conferido, 410.
 — de Villa-Nova, em quem foy renovado, 706.
 — de Villa-Pouca de Aguiar, quando se creou, e a quem se conferio, 220.
 — de Villa-Verde, &c. 221.
 — de Villar-Mayor, 221.
Conde Duque, como participou a ElRey D. Philippe IV. a acclamação delRey Dom João IV. 111. Que Junta erigio para a conquista de Portugal, 174. Como era administrada, e que resultou della, 175.
Conde de Obidos, quando foy feito Conde Sobrinho, 221.
Condestavel no tempo delRey Dom João IV. quem foy, 222, e seg. Que lugar tem, e em que occasioens leva o Estoque, 223.
 — no tempo delRey Dom Pedro II. quem foy, 708.
Confessores delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 414.
 — delRey D. João IV. 230, e 234.
Conjurados contra ElRey D. João IV. como foraõ castigados, 162, e seg.
Conselho de Guerra, quando foy instituido, e que preeminencias lograõ os Conselheiros, 197, e seg.
Conselho Ultramarino, quando foy creado, quem foraõ os primeiros Ministros delle, e que jurisdicção tem, 199. Que origem teve, 200, e seg.
Conselheiros de Estado, que fez ElRey D. Pedro quando hia para a Campanha, quem foraõ, 546, e seg.
 Dddd ii Con-

Conselheiros de Estado no tempo del-Rey D. Affonso VI. 372, e 412, e seg.
 — delRey D. João IV. 116.
 — delRey D. Pedro II. 711.
Conselheiros de Guerra no tempo del-Rey Dom João IV. quem foraõ, 116.
Conti (D. Miguel Angelo) Nuncio Apostolico em Lisboa; porque causa foy inhihi do de entrar no Paço, 577.
Copeiro mor, em que occasioes levava a insignia do Condeltavel nos actos das Corres, 223.
Copeiros mōres delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 416.
 — delRey D. João IV. 230.
 — delRey D. Pedro II. 710, e 716.
Coroação delRey D. João IV. quando, e com que formalidade se celebrou, e que pessoas assistiraõ a ella, 99, e seg.
Corregedor do Cível da Cidade; porque causa foy morto, 85.
Cortes, convocadas por ElRey Dom João IV. quem orou, e que se tratou nellas, 121, e seg.
Costa (D. João da) Conde de Soure, dando-selhe parte da aclamação delRey D. João IV. que disse, e que consternação causaraõ as suas razoens, 79. Com outros fidalgos rendeo tres naos Castelhanas no dia da aclamação, 93. Com que valor se portou na batalha de Montijo, 185. Que honras lhe fez ElRey Dom João IV. 211. Sendo nomeado Embaixador a França, quando partio, e que instrucções levava, 349. Que conferencia teve com o Cardeal Mazarino, 352. Que Official militar fez vir para Portugal, 353. Tendo outra conferencia com o mesmo Cardeal, que resultou della, 354, e seg. Como fez a sua entrada, e publi-

cando hum Manifesto contra as pertençaes dos Castelhanos, que consternação causou à Corte de Liz, 355, e seg. Que ajuste fez com o Duque de Guise; e porque causa se delvanecco, 359. Que disse ao d.º Cardeal sobre a missaõ do Marquez de Choup, 360, e seg. Que Officiaes fez vir para Portugal, 361. Naõ tendo effeito a opposição do Embaixador de Castella, se despedio publicamente delRey, e do Cardeal, que o galantearaõ com grandes mimos, 362. Que abonação fez das suas virtudes o Cardeal Mazarino ao de Retz. Ibid. Quando partio, e chegou a Portugal, e como foy recebido na Corte, 362, e seg.
Creigon, Medico Escoccez, com que incumbencia veyo a Lisboa, 610.
Cunha (D. Luiz da) que Obra escreveu, e aonde se conserva, 688. Que annos tem de Ministro da nossa Corte. Ibid.

D

D Armistad (O Principe Jorge) quando chegou a Lisboa, e aonde se aposentou, 509. Com que formalidade lhe deu ElRey audiencia, e em que dia, 510. Porque causa se retirou do Reyno, 511.
Decimas, quando foraõ impostas, e para que, 174.
Dinamarca (ElRey de) como recebeu a Embaixada delRey D. João IV. 129.
Domingos Leite; como foy revelada a aleivosia, com que quiz matar a ElRey D. João IV. 194.
Ducado de Cadaval, quando foy creado, e a quem conferido, 217.

E

ELvas (Cidade de) por quem foy firiada, 345. Quem a libertou com a vitoria da batalha das Linhas de Elvas, que miudamente se refere, 346, e seg. Como foy novamente firiada, e com que valor se defendeo, 626.

Elvas (O Bispo de) D. Sebastião de Mattos de Noronha, que caso lhe succedeo na occasião do casamento dos Duques de Bragança, 27. Tendo prevenido grande hospedagem para elles, se não aroveitaraõ della, nem quiz aceitar a remuneração. Ibid. Quem foy medianeiro para que obtivesse o Arcebispado de Braga, 148. Que principio teve a conjuração, que formou contra ElRey D. João IV. 147. De que pessoas se compunha, 148. e seg. Querendo meter nella ao Conde de Vimioso, de que malicia usou, e praticava quando referia os nomes dos Conjurados, 155. Por quem foy prezo, 157. Aonde morreo, 164.

Embaixadores de Castella em Lisboa, quem foraõ, e com que commissoens vieraõ, 682.

Embaixadores de França em Lisboa, quem foraõ, e que negociações trazião, 684, e seg.

Embaixadores mandados por ElRey D. João IV. a diversos Principes, quem foraõ, e que negociações trataraõ, 124, e seg.

Escrivaõ da Puridade delRey Dom Affonso VI. quem foy, 413, e seg.

Escudos; como, e quando se quebraraõ depois da morte delRey D. Pedro II. 663, e seg.

Esmeres mōres delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 419.

— delRey D. Pedro II. 724.

Este (Anna de) Duqueza de Nemours, com quem foy casada, e quando faleceo, 423. Que ascendencia, e descendencia teve. Ibid.

Estrees (O Cardcal de) sendo Bispo de Laon, veyo a Lisboa conduzir a Rainha D. Maria Francisca de Saboya, 393. Aonde o mandou apotentar ElRey, e que tratamento lhe mandou dar, 397, e seg. Com que motivo recitou em Roma huma Oração, 407. Quando, e por quem foy nomeado para a Purpura Cardinalicia, 677, e seg.

Estrees (Gabriela de) Duqueza de Beaufort, com quem foy casada, e quando faleceo, 423. Quem foraõ seus ascendentes, e descendentes. Ibid.

Estribeiros mōres delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 413.

— delRey D. João IV. 225, e 230.

— delRey D. Pedro II. 708, e 713.

Estribeiros mōres da Rainha D. Luiza, quem foraõ, 255.

Evora (A Cidade de) porque se mostrou taõ briosa nos tumultos, que fez, 49. Como foraõ castigados os fidicijosos, 54.

Exercito volante para que se formou, e que Generaes tinha, 627.

F

Ferreira (O Marquez de) Dom Francisco de Mello acclamou em Evora a ElRey D. João IV. 95. Foy Padrinho da Rainha D. Catharina, 282.

Festas na occasião do casamento dos Duques de Bragança, quaes foraõ, 32. Que Relações se fizeraõ dellas, 40.

Fidalgo (O Desembargador Grego-

- rio Pereira) da Sylveira , Embaixador a ElRey da Persia , como fez a sua entrada publica , 700. Como patrocinou ao Bispo da Cidade de Haspaam , que vivia expulsado da sua Diocese , 701 , e seg.
- Fidalgos* mais interessados em acclamar Rey ao Duque de Bragança , quaes foraõ , 69. Referemse os que concorreraõ para o dito acto , 81 , e seg.
- Fidalgos* , que se achavaõ em Castella ao tempo da acclamação del-Rey Dom João IV. quem foraõ , 113 , e seg.
- Fidalgos* conjurados contra ElRey D. João IV. que fogiraõ para Castella , quem foraõ , 150 , e seg. e 152.
- Filippe IV.* Rey de Castella , que merces fez ao Duque D. João II. 14.
- Filippe V.* Rey de Castella , quando mandou publicar o Manifesto contra Portugal , 550. Que hostilidades fez com o seu Exercito nas nossas Provincias , 551 , e seg. Para onde fogio do nosso Exercito , e que pessoas o acompanharaõ , 636.
- Fontes* (Marquezado de) quando foy creado , e a quem conferido , 410.
- França* (ElRey de) que Tratado fez com ElRey D. João IV. para segurança do Reyno , 124 , e seg.
- D. Francisco Manoel de Mello* , residio em Madrid por ordem do Duque D. João II. 53.
- Fronteira* (Marquez de) D. Fernando Mascarenhas , rara acção sua de valor , destreza , e sciencia para destruição dos Castelhanos , 649 , e seg.
- Fronteira* (Marquez de) Dom João Mascarenhas , com que grandeza conluzo ao Embaixador de Saboya , 472.
- Fronteira* (Marquezado de) quando foy creado , e a quem conferido , 704.

G

- Galvão* (Antonio) que Comendas teve , e que proezas fez a cavallo nas festas do calamento do Duque de Bragança , 32 , e seg.
- Galveas* (O Conde das) André de Mello e Castro he louvado , 696.
- Generaes* das Armas nomeados por ElRey D. João IV. quem foraõ , 118.
- Generosidade*. Como foy insigne nella viltude ElRey D. Pedro II. 669.
- Gentis-homens* da Camera do Infante D. Pedro , porque causa largaraõ esta occupação , 433.
- Gentis-homens* da Camera delRey , quando principiaraõ a tervir às semanas , e preceder ao Camareiro mór , 707.
- Gentis-homens* da Camera delRey D. Pedro II. quem foraõ , 708.
- S. Gilaõ* (Fortaleza de) por quem era governada , e com que partidos se entregou , 98.
- Governadores* das Armas das Provincias , feitos por ElRey D. Pedro II. quem foraõ , 549 , e seg.
- Governadores* dos Castellos , e Praças do Reyno , quem foraõ nomeados por ElRey D. João IV. 119 , e seg.
- Governadores* dos Estados do Reyno , e Presidentes dos Tribunaes , quem eraõ ao tempo da acclamação del-Rey D. João IV. 112.
- Governadores* do Reyno até chegar a Lisboa ElRey D. João IV. quem foraõ , e que dispuzeraõ , 92.
- Gouvea* (Mirquez de) que fez a c. fin , que soube da acclamação del-

delRey Dom João IV. 112.
Gouvea (Marquez de) Embaixador em Madrid, que insulto lhe fize-
 raõ, e que satisfação teve, 681.
 Quem escreveu a Relação da sua
 Embaixada. Ibid.
Gouvea (Marquezado de) com que
 preeminencias foy confirmado,
 219.
Grasson (Duque de) General da Ar-
 mada, que conduzio a Rainha D.
 Maria Sotia, que obsequio lhe fez
 ElRey D. Pedro II. 494. Aonde
 foy hospedado, e que presente lhe
 mandou ElRey, 496, e seg.
Grandes de Castilla, que discursos
 fizeram para destruirem a Casa de
 Bragança, 45.
Guarda do Corpo delRey D. Pedro
 II. que Capitaens nomeou, e que
 gratuação lhe dava, e aos mais
 Officiaes della, 549.
Guarda mór delRey Dom João IV.
 quem foy, 225.
Gusmão (D. João Manoel Peres de)
 Duque de Medina Sitoria, quan-
 do nasceo, e com quem casou,
 261. Quem foraõ os seus ascen-
 dentes. Ibid.

H

H Arcourt (O Conde de) Estru-
 beiro mór delRey de França,
 tendo ajustado vir ser General
 das Armas Portuguezas, quem lhe
 fez suspender este designio, 359.
Haspam (Bispo da Cidade de) na
 Persia, quem o fez restituir à sua
 Diocese, 701, e seg.
Hospital Real de Lisboa, como foy
 soccorrido por ElRey D. Pedro II.
 665. E pela Rainha D. Maria So-
 fia, 742.
Humildade. Como foy insigne nesta
 virtude a referida Rainha, 742.

Hummannes (Conde de) Embaixa-
 dor de Castilla, que conjuração
 formava contra ElRey D. Pedro
 II. e porque razão fez segunda en-
 trada publica, 680, e seg.

I

I Lhas de Maldiva (ElRey das)
 achando-se no nosso Exercito em
 Alentejo, que merces recebeo,
 189.
Ilha Terceira, como, e por quem
 foy restaurada, 177. Que empre-
 za commetteraõ os Soldados della
 nos navios de Castilla. Ibid. e seg.
Imperio (Embaixador do) em Lis-
 boa, quem era, e que desgraça
 teve na retirada, 691.
Inchiquin (Conde de) vindo para
 Mestre de Campo General das Trop-
 as Portuguezas o cativaraõ os
 Mouros, 355. Quem o resgatou,
 e porque causa se retirou. Ibid.
Indulgencia plenaria, foy concedida
 a todas as pessoas da Casa da Rai-
 nha no dia, que ella determinasse,
 753.
Infantado (A Casa do) por quem
 foy instituida, e com que prero-
 gativas, e declarações, 427. Co-
 mo se regulou a fórma da succef-
 são della, 656.
Inglaterra (ElRey de) como rece-
 beo a Embaixada delRey D. João
 IV. e que ajustou com elle, 126,
 e seg.
Inquisição de Portugal, como foy
 combatida pelos Christãos novos,
 e como a defendeo ElRey D. Pe-
 dro II. 671, e seg.
D. João IV. Rey de Portugal, quan-
 do nasceo, 2. Quando foy bauti-
 zado, e por quem, 3, e seg. Quem
 foy seu Ayo, e Mestre, 5. Em
 que exercicios empregou os seus
 princi-

primeiros annos, 6. Que Criados nomeou para o serviço da sua pessoa assim que succedeo nos seus Estados, 8. Que propeſtas ſe lhe fizeram ácerca da eſpoſa para o ſeu caſamento, 9, e ſeg. Qual elegeo, e como celebrou a noticia do ajuſte, 12, e ſeg. Que condições houve no contrato matrimonial, 13, e ſeg. Com que apparatus foy eſperar a Duqueza, 15, e ſeg. E que feſtas houve na occaſião deſte caſamento, 32. Porque cauſa não viſitou a Duqueza de Mantua, 42. Com que pretexto ſe eximio do governo de Milão, e Vigairaria de Italia, que lhe encarregaraõ, 46. Como mandou ſocregar o alvoroço, com que o povo de Villa-Viçoſa o acclamou Rey, 49. Que promeſſa teve de França para que ſe acclamaffe Rey deſta Monarchia, 51. Que ſoccorro de gente ſe lhe mandou tirar das ſuas terras para ſe unir ao Exército Caſtelhano, 57. Quando foy feito Governador das Armas, e que diſcurſos ſe fizeram ácerca deſta nomeação, 64, e ſeg. Como ſe portou no offercimento, que lhe fizeram do Reyno, 65, e ſeg. Com que formalidade viſitou a Duqueza de Mantua, 66, e ſeg. Teve ordem para fazer ſegunda jornada à Villa de Almada, e para acompanhar até Catalunha a ElRey Philippe IV. 71. Que motivo teve para conſentir o acclamaffem Rey, 72. Como ſe diſpoz o acto da dita acclamação, e que Fidalgos concorreraõ para ella, 80, e ſeg. O que obrou em Villa-Viçoſa com a noticia deſta, 95. Com quem partio para Liſboa, aonde foy exceſſivamente feſtejado, e o que diſſe neſte caſo hum Caſtelhano, 95, e ſeg. Em que dia, e com que for-

malidade ſe fez o acto da Coroação, 99, e ſeg. Que Miniſtros nomeou para o deſpacho, e Tribunaes, 116. E que Generaes das Armas para as Provincias, 118. E que Governadores para os Caſtellos, e Praças do Reyno, 119, e ſeg. Quando convocou Cortes, e o que ſe tratou nellas, 121, e ſeg. Que Embaixadores mandou a diverſos Principes, 124, e ſeg. De que Miniſtros fez mais confiança, 145, e ſeg. Com que formalidade mandou prender aos conjurados contra a ſua Real perſoa, 156, e ſeg. Que providencia deu para ſocregar a alteração, que o povo tomou contra algumas perſoas, 159. Nomeou ſeis Fidalgos para ajuſtos a ſentenciarem os proceſſos de alguns dos conjurados, 161. Que demonſtração fez ElRey neſte caſo, 163. Que merces fez ao Conde de Caſtello-Melhor, e que ſatisfação teve da ſua vinda, 171. Que mandou fazer a hum Caſtelhano, que eſtava prezo em Santarem, 176. Quando partio para a Provincia de Alentejo, e com que formalidade entrou na Cidade de Évora, 178. Porque cauſa mandou retirar aos Generaes do noſſo Exército, 180. Paſſando ſegunda vez à meſma Provincia, que diſpoz do Exército, e que merces fez a ElRey das Ilhas de Maldiva, 182, e 183. Como feſtejou a vitoria da batalha de Montijo, 187. Como protegeo os Principes Palatinos, e que diſpoſições fez para deſenſa da Armada Ingleza, 190. Quando jurou a Conceição Immaculada da Senhora, que tomou por Padroeira do Reyno, 204, e ſeg. Que inſcripções, e obras mandou publicar para teſtemunho deſta ſua piedade,

- piedade, e devoção, 208, e seg. Sentindo-se chegado à morte, que disposições fez, assim Chritâas, como politicas, e como ordenou o seu Testamento, 210, e seg. Quando faleceu, 215. Que títulos creou de novo, 216, e seg. Aonde jaz, e que Epitaphio tem, 237. O seu caracter, 238. Que Obras compoz, 240, e seg. De que virtudes foy acunhado, 243, e seg. Quando casou, 244. Que filhos teve, 255, e seg.
- D. João** (O Primogénito) quando nasceu, e como foy festejado o seu nascimento, 755. Quando se lhe administrou o Sacramento do Baptismo, e quem foy os Padrinhos, 756. Quando faleceu, 757. Como se diz o seu enterro, e aonde jaz, 757, e seg.
- João Pinto Ribeiro**, foy Agente dos negócios do Duque de Bragança, e o principal instrumento da sua exaltação ao Throno, 70, e seg. Foy chamado a Villa-Vieja para o dito negocio, e como se ajustou, 76, e seg.
- S. Joseph**. Que principio teve a grande festa, que no seu dia se celebrava em Villa-Vieja, 2.
- Isabel** (A Princeza D.) quando foy jurada herdeira do Reyno, 470. Com quem se ajustou o seu casamento, 471. Em que dia se celebraraõ os desposorios, e que prenda lhe mandou o espôso, 473, e 475. Quem pertenceo calar com ella, 693.
- Italia** (Principes, e Republicas de) seguirão depois da aclamação del-Rey D. João IV. os seus interesses como antes, 144.
- Juizes** da nullidade do casamento del-Rey D. Affonso VI. quem foy, 420.
- Juizes**, que sentenciaraõ os Conjurados Tom. VII.
- dos contra ElRey Dom João IV. quem foy, 161.
- Junta** para o provimento das Provincias, instituida por ElRey D. João IV. de que Ministros se compunha, 117.
- Junta do Commercio**, quando, e com que condições foy creada, e que mudanças teve, 201. Quando se extinguiu, 202.
- Junta dos Tres Estados**, quando foy instituida, e quem foy os primeiros Deputados della, 198, e seg.

L

- Lacerda** (D. Catharina de) Duqueza de Leiria, com quem casou, e que pays, e avós teve, 261.
- Leopoldo** (O Emp.rador) quando faleceu, 582.
- Linhares** (O Conde de) sendo encarregado para dissipar os tumultos de Évora, que obrou neste caso, 53, e seg.
- Lorcha** (Arnaldo de) Duqueza de Neomuns, com quem foy casada, e quando faleceu, 423. Quem foy os seus ascendentes, Ibid.
- Lorcha** (Filippe Manoel de) Duque de Meicoeur, quando nasceu, e morreu, 423. Com quem foy casado, e que ascendencia teve. Ibid.
- Lorcha** (Renato de) Duque de Elbueuf, quando nasceu, e faleceu, 423. Seu casamento, e descendencia. Ibid.
- Luiz XIV.** Rey de França, que Tratado ajustou com ElRey D. Pedro II. 503, e seg.
- D. Luiza**, Rainha de Portugal, que disse ao Duque de Bragança sobre a offerta, que lhe faziaõ do Reyno, 75. Quando chegou a Lisboa, e que Criados lhe nomeou
- Eeece El

ElRey, 110. Ficando governando o Reyno, que pessoas lhe assistirão neste ministerio, 178. Quando nasceu, e casou, 244. Que juizo fez hum Mouro do seu nascimento, 245. Que lhe disse o Duque seu pay no tempo da despedida para Portugal, 246. Que virtudes ornaram o seu espirito, 247, e 251. Em que dia, e com que formalidade foy para o Mosteiro das Religiosas do Cirilo, 248. Quando faleceu, 249. Aonde foy depositado o Real cadaver, 250. Para onde se mudou, e aonde jaz, 252, e seg. Que Criados teve a sua Casa, 253, e seg. Que filhos teve, 255, e seg. A sua Arvore de alcendencia, 261.

M

Macedo (Antonio de Sousa de) com que imprudencia tratou a Rainha, e como foy castigado, 445.

Macedo (Fr. Manoel de) foy instrumento para que alguns Fidalgos se conjurassem contra ElRey D. João IV, 150. Como foy castigado, 152.

Madeira (Ilha da) foy doada com outras terras à Rainha D. Catharina, 283.

Madrid (Villa de) Corte delRey Catholico, como se rendeo ao nosso Exercito, e como acclamou a ElRey Carlos III, 637, e seg.

Mantua (A Duqueza de) D. Margarida de Saboya, quando veyo para o governo de Portugal; e porque causa a não visitou o Duque D. João II. na passagem, 40, e seg. Com que formalidade recebeu em Lisboa ao dito Duque, 66, e seg. Que disse aos Fidalgos no

acto da acclamação do referido Duque em Rey de Portugal, 88, e seg. Como, e por quem foy rebatida a sua tenacidade, e o que obrou nesta occasião, 89, e seg. Para onde a mandaram retirar, 94. Como foy conduzida a Badajoz, e que honras lhe fizeram os nobres Generaes, 146, e seg.

Maranhão (A Cidade do) quando foy cresta em Bispo, 678.

D. Maria (A Senhora) de quem foy filha, 257. Que doações lhe fez ElRey seu pay. Ibid. Como a eltimou, e a Rainha na visita, que lhe fez, 258, e seg. Que tratamento teve, e que obras fez no Mosteiro de Carnide, 259. Quando faleceu, e onde jaz, e que Epitaphio tem, 260. Que sentimento manifestou ElRey D. Pedro pela sua morte. Ibid.

Marialva (Marquezado de) quando foy creado, e a quem conferido, 409.

Marichal do Reyno no tempo delRey D. João IV. quem foy, 237.

Marqueza de Montalvão, como foy castigada pelos indícios do crime da conjuração contra ElRey Dom João IV, 152.

Marquezado de Aguiar, quando foy creado, e a quem conferido, 217.

— de Alegrete, &c. 704.

— de Arronches, 704.

— de Cascaes, 218.

— de Fontes, 410.

— da Fronteira, 704.

— de Gouvea. com que preeminencias foy confirmado, 219.

— de Marialva, 409.

— das Minas, 704.

— de Niza, 218.

— de Sande, 409.

— de Tavora, 704.

Marvão (Praça de) por quem foy recuperada, 569.

Masca-

Mascarenhas (Fernaõ) porque causa foy innocentemente degollado, 680.

Mattos (D. Sebastião de) de Noronha, Bispo de Elvas. Veja-se *Elvas*.

Mazagão (Praça de) porque causa a n.º siouo ElRey de Mequinez, 697.

Mazarino (O Cardeal) como recebeu ao Conde de Soure, e que General fez vir para este Reyno, 352, e seg. Que estimação fez ao dito Conde, e como o louvou ao Cardeal de Retz, 362.

Meiçes (Maria de) Rainha de França, com quem casou, e quando faleceu, 337. Quem ferão seus pays, e avós. *Ibid*.

Meirinhos mores no tempo delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 415.

— de Rey D. João IV. 226, e 229.

— delRey Dom Pedro II. 709, e 714.

Meilbourg (Sofia de) Rainha de Dinamarca, com quem casou, e quando faleceu, 337. Quem ferão seus pays, e avós. *Ibid*.

Mello (D. Diogo de) foy Ayo do Duque D. João II. 5.

Mello (D. Francisco de) Corde da Ponte, com que felicidade ajustou o casamento da Rainha D. Catharina, 286. Que merces teve, 409.

Menezes (D. Fernando de) Conde da Ericeira, que Obras compoz, e aonde se conservaõ, 740, e seg.

Mesa do Duque D. João II. com que ceremonial, e apparatus era servida, 30, e seg.

Mestre dos Infantes filhos delRey D. João IV. quem foy, 228.

Mestres Sallas delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 414.

— delRey D. João IV. 226, 228, 229, e 231.

— delRey D. Pedro II. 710, e 714.

Tom. VII.

Methuin (D. João) Enviado, que tinha sido delRey de Inglaterra, foy o primeiro motor para que ElRey D. Pedro entrasse no Tratado da Grande Aliança, 511.

Minas (Marquez das) Embaixador a Roma, em que dia fez a sua entrada publica, 467.

Minas (Marquez das) em que dia sahio para a Campanha, e que hostilidades fez aos Castelhãos, 552, e seg. Com que valor destruiu o Exercito, de que era General D. Francisco Ronquillo, 554, e seg. Como restaurou a Villa de Monsarato, 555, e seg. Como recuperou a Praça de Salvaterra, 597, e seg. Como ganhou a Villa de Sarça, 599. Quando foy feito General da Provincia de Alentejo, e qual foy a sua primeira operação, 606. Quando sahio à Campanha, e que operações fez o Exercito, 612, e seg. Com que valor, e desembaraço siouo a Villa de Alcantara, e como foy rendida, 616, e seg. Como foy premiada esta acção, 624. Com que designio caminhou com o Exercito, e que conquistas fez, 629. Com que valor siouo a Ciudad Rodrigo, e como foy rendida, 632, e seg. Que progressos mais fez, 633, e seg. Por quem mandou cumprimentar a Rainha viuva de Hespanha, e aonde mandou acampar o Exercito, 638. Com que solemnidade, e gosto celebrou em Madrid a acclamação delRey Carlos III. 639, e seg. Que ordens deixou para administração da justiça, e faz nada, 640. Que diligencias fez para que ElRey Catholico viesse para Madrid, 642, e seg.

Ministros do despacho delRey Dom João IV. quem foraõ, 616.

Ministros Portuguezes, que foraõ a

Eeeee ii

Fran-

França no tempo delRey D. Pedro II. quem eraõ, 686.
Missões; como as promoveo ElRey D. Pedro, e aonde se fazia a Junta dellas, 670.
Monteiros mōres delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 416.
 — delRey D. Joãõ IV. 226, e 237.
 — delRey D. Pedro II. 710, e 714.
Montes Claros (Batalha de) em que dia foy, em que fórma se deu, e como se conseguiu a vitoria, 384.
Montijo (Batalha de) como foy disputada, e como conseguimos a vitoria, 184.
Mordomos mōres delRey D. Affonso VI. quem foraõ, 413.
 — delRey D. Joãõ IV. 224.
 — delRey D. Pedro II. 708, 712, e 713.
Mordomos mōres da Rainha D. Luiza, quem foraõ, 254.
Musica; com que gosto se applicava a ella ElRey Dom Joãõ IV. e que Obras compoz, 240, e seg. Que Livraria teve della, e como foy estimada dos Principes do seu tempo, 242, e seg.

N

N *Inkim* (Bispo de) quando foy creado, 679.
Natal (Noventa do) como a fazia a Rainha D. Maria Sofia, e aonde a mandava celebrar, 742, e seg.
Necessidades (A Imagem de Nossa Senhora das) com que solemnidade foy restituída à sua Igreja, 581.
Neobourg (D. Maria Sofia Isabel de) Rainha de Portugal, de quem foy filha, 741. Com quem casou, 481, e 741. Que dote teve, 483. Quando, e aonde se fez o acto do recebimento, 485. Em que dia

partio para Lisboa, e que reffors a acompanharaõ, 486, e seg. Como foy cortejada por muitos Principes, 487, e seg. Quando chegou a Lisboa, e como foy festejada a sua vinda, 489, e seg. Aonde recebo as benções nupciaes, 496. Em que dia fez a entrada publica, e com que formalidade, e grandeza se fez esta funcão, 498, e seg. De que virtudes foy adornada, 742, e seg. De que queixa principiou a enfermar, e com que piedade recebo os Sacramentos, 746, e seg. Quando faleceo, e com que formalidade se celebrou o Funeral, 748, e seg. Que descendencia teve, 755, e seg. A sua Arvore de ascendencia, 761.
Niza (Marquezado de) quando foy creado, e a quem conferido, 218.
Nuncios Apostolicos em Portugal no reynado delRey D. Pedro II. quem foraõ, 696, e seg.

O

O *Bidos* (Conde de) quando foy feito Conde sobrinho, 221.
Odemira (Conde de) foy Ayo delRey Dom Affonso VI. 344. Quando faleceo, 364. Quando tirou Carta daquelle cargo, 412.
Odivellas; roubo do Sacramento da Parochia deste Lugar, como o sentio ElRey D. Pedro, e que fez em demonstração da sua piedade, 666, e seg.
Offerta; como a fazia de seus filhos a Deos a Rainha D. Maria Sofia, 744.
Olanda (Estados Geraes de) como recebraõ a Embaixada delRey D. Joãõ IV. e que Tratado se celebrou, 127, e seg. Que Ministros Portuguezes foraõ a elles no reynado de D. Pedro II. 690.
Oppes

Oppet (O Marquez de) Embaixador de França, querendo insultar ao de Castella, como se lhe reprimio a ousadia, 683.

Oraõ (Praça de) como a mandou soccorrer ElRey D. Pedro II. 673, e seg.

Orleans (O Padre de) que Obra creveo, 740.

Ornano (Marquez de) Embaixador de Saboya, com que negociação veyo a Lisboa, e quando fez a entrada publica, 472.

P

Pacheco (Pantaleão Rodrigues) que respondeo aos Cardeaes, que querião saber, com que direito cingira a Coroa ElRey D. João IV. 137.

Padrinhos do Duque Dom João II. quem foraõ, 4.

Paes (Antonio) Viegas, que Ingarres teve, e que Obras compoz, 145, e seg.

Pagens da Caldeirinha, e Campainha no reynado de D. João IV. quem foraõ, 228, e seg.

Palatinos (Príncipes) porque causa se refugiaraõ em Lisboa, e como os protegeo ElRey D. João IV. 189, e seg.

D. Pedro II. Rey de Portugal, quando nasceo, 425. Com que grandeza lhe foy conferido o Sacramento do Bautismo. Ibid. e seg. Que doação lhe fez ElRey seu pay, 427. Que Commendas podia conferir por faculdade delRey seu pay, 428. Em que parte se lhe formou a sua Casa, e que Criados teve, 430, e seg. Que desgusto teve com ElRey seu irmão, e como se separou d'elle, 437. Como deu audiencia ao Marquez

de Rovigni, 437. Que conferencia teve com ElRey sobre a nomeação de Criados, 438, e seg. Com que prudencia rebateo a paixão de Simão de Vasconcellos, 440. Que disse ao Conde de Castellan-Melhor pertendendo congrasfarte com elle, 441, e seg. Para onde se retirou, e que alvoroço causou esta noticia, 442. Como se concluiu a nomeação de Cameristas, que pertendia, 443, e seg. Restituindo-se para a Corte, que novidade houve entre os Gentilhomens da sua Camera, 444. Que resolução tomou, vendo o Paço armado com novas guardas, 446. Que lhe respondeo ElRey com o parecer do Conselho de Estado, 447, e seg. Que mais diligencias fez em demonstração do seu sentimento, 448. Novas resoluções delRey em offensa sua, 449. Que representação lhe fez, e que pedia nella, 450, e seg. Que lhe respondeo ElRey, e como se ajustaraõ estas discordias, 454, e seg. Porque causa, e quando tomou a regencia do Reyno, 455, e seg. Quando foy jurado Principe, e successor da Coroa, e como se celebraraõ estas Cortes, 456, e seg. Não querendo ser Rey, admitio sómente ser Regente do Reyno, 458, e seg. Com quem casou, e de que condições se formou o Tratado Matrimonial, 460, e seg. Quando, e como se celebraraõ os desposorios, 463, e seg. Porque causa não queria ajustar o Tratado da Paz com Castella, e como se concluiu, 465, e seg. Que Bispos nomeou para as Cathedraes, 468, e seg. Que proposlas lhe fizeraõ as Cortes para que aceitasse a Coroa, 470. Que resolveo, 471. Quando tomou o titulo de Rey, 478. Que

Que representação lhe fez o Conselho de Estado para que casasse segunda vez, e que lhe disse o Duque de Cadaval sobre a mesma materia, 479, e seg. Com quem determinou casar, e que diligencias se fizeram para este effeito, 481. Com que grandeza foy buscar a Rainha sua esposa, e que pessoas o acompanharaõ nesta occasião, 491, e seg. Que disse ao Duque de Graffton, e ao Conde da Ericeira, 494. Aonde receberam os Reis as bençoens nupciaes, 496. Com que grandeza, e formalidade fizeram a entrada publica, 498, e seg. Reconhecco ao Duque de Anjou Rey de Hespanha, e que Tratado fez sobre esta materia, 503. Como mandou segurar a Marinha de Lisboa, os Fortes, e Castellos das Praças maritimas, 506. Que disse ao Conde de Chateaufort, General da Armada de França, e que presente lhe mandou, 507, e seg. Com que formalidade deu audiencia ao Principe de Darnstadt, 510. Porque causa o mandou sair do Reyno, 511. Que praticou na audiencia, que deu ao Almirante de Castella, 514. Porque causa entrou na liga da *Grande Aliança*, e que Tratados se fizeram, e que continhaõ, 516, e seg. Com que grandeza, comitiva, e formalidade foy visitar a ElRey Carlos III. e conduzi-lo para o Paço, 527, e seg. Como mandou solemnizar a chegada do dito Rey, 534. Que etiqueta se observou quando cearam ambos, e o Principe, e Infantes, 535. Que Ceremonial se ajustou, e praticou nas visitas, que mutuamente fazião os Reis, 536, e seg. Que Criados nomeou para servirem a ElRey Carlos III. 538,

e seg. Sendo por sua despeza a holpedagem, quanto gastava cada mez, 540. Que presente mandou a ElRey Carlos, e como o estimou, 540, e seg. Que promoção fez de Generaes para os Exercitos, 545. Que Conselheiros de Estado fez, e que pessoas nomeou para o acompanharem na jornada da Beira, 546, e seg. Que Capitães nomeou para a guarda de Corpo, e que mais promoções fez, 549, e seg. Que manifestos mandou publicar contra ElRey Filippe V. 550. Em que dia partiu para a Campanha da Beira, e porque caminho, 558, e seg. Como foy recebido em Coimbra, 561. Como venerou o Corpo da Rainha Santa Isabel, 562. Que donativos lhe fizeram o Rei, a Camera, e o Cabido de Coimbra, 564. Com que formalidade conduziu para a Cidade da Guarda a ElRey Carlos III. 567. Que fez assim que chegou ao Exercito, 569. Que conferencias fez para se expugnar Ciudad Rodrigo, e que resultou deste Conselho, 570, e seg. Que disse a ElRey Catholico sobre o seu voto, de que se não passasse o rio Agueda, 572. Em que dia chegou a Lisboa, 574. Em que dia se achou gravemente doente, e que progresso fez a queixa, 576, e seg. Como recebeu ao Nuncio Apostolico, 578. Para onde se retirou, 580. Quando foy para a Quinta de Alcantara, 581, e seg. Que luto tomou, e mandou tomar pela morte do Emperador Leopoldo, 582. Que disse a ElRey Catholico sobre a sua jornada de Castella, e como o mandou cortejar na despedida, 600, e seg. Como auxiliou os interesses de ElRey Catholico, 610. Como deu audi-

audiencia ao Embaixador, que El-Rey de Maquinez mandava à Rainha Anna de Inglaterra, 611. Como fettejou a aclamação del Rey Catholico em Madrid, e o que disse em louvor do Marquez das Minas, 641. Quando principiou a enterrar, e que progressos fez a doença, 651, e seg. Que disse ao Principe, Infantes, e Duque D. Nuno, 652. Como fallou ao Nuncio Apostolico, e quando falleo, 654. Que disposições fez no seu Testamento, 655, e seg. Como se abriu o seu Real cadaver, e que se observou nelle, 658. Como se dispoz o Funeral, 659, e seg. Aonde jaz, 661. Como se fez o acto da quebra dos Escudos, 663, e seg. Refere-se o seu caracter, partes, e virtudes, de que foy ornado, 664, e seg. Que demonstração de sentimento fez pelo sacrilego roubo do Sacramento de Odivellas, 666, e seg. Como defendeo o procedimento do Santo Officio, e que Ley passou contra os Christãos Novos, 671, e seg. Como ajudou ao Papa para a guerra contra os Turcos, 672, e seg. Que soccorro mandou à Praça de Oraõ, 673, e seg. E à de Ceuta, 674. Que Ley fez sobre o modo da Regencia do Reyno, 676, e seg. Como foy appellidado, 677. Que pessoas nomeou para a Purpura Cardinalicia, e que Arcebispos, e Bispos erigio o Papa à sua instancia, 677, e seg. Como recebeu, e que presentes mandou ao Principe Jorge Augusto de Saxonia, 693, e seg. Que presente mandou ao Graõ Duque Cosme III. 695. Que Titulos creou de novo, 704, e seg. Que Officiaes teve a sua Casa, 708, e seg. Quando casou a primeira

vez, 725. Quando, e com quem casou a segunda vez, 741. Com que fineza assistio à Rainha na sua doença, 746, e seg. Que filhos teve, 741, 755, e seg. Como solemnizou o nascimento do Principe D. João, 755.

Pekim (O Bispo de) quando foy erecto, 679.

Penalva (Condessa de) quem era, 297.

Pernambuco (Cidade de) por quem foy restaurada, 188.

Pernambuco (Bispado de) quando, e por quem foy erecto, 678.

Placencia (Cidade de) como se rendeo a El Rey Catholico, 629.

Ponte. (Conde da) Veja-se *Mello*.

Porteiros mores del Rey D. Affonso VI. quem foraõ, 415.

— del Rey D. João IV. 226.

— del Rey Dom Pedro II. 709, e 715.

Portugal (D. Miguel de) Bispo de Lamego, e Embaixador a Roma, que comiriva levou, e como fez a sua entrada, 135, e seg. Com que valor se portou no encontro, que teve com o Embaixador de Castella, 141, e seg. Que fez vendo, que não podia conseguir a sua negociação, e como se retirou, 142, e seg.

Preces, que se fizeram em Lisboa pela melhora del Rey Dom Pedro, quaes foraõ, 578.

Presidentes dos Tribunaes no reynado de D. Affonso VI. quem foraõ, 412, e seg.

— no tempo del Rey D. João IV. 231, e seg.

— del Rey D. Pedro II. 710, e seg. 722, e seg.

Principe (Regimento do) ainda se observa na Junta dos Tres Estados, 271, e seg.

Prizaõ dos Fidalgos, e pessoas conjua-

juradas contra El Rey D. João IV. como se executou, e quem eraõ as ditas, 156. Como foraõ algumas castigadas, 162, e seg. E como se livraraõ outras, 164.
Provedores das Obras do Paço del-Rey D. Affonso VI. quem toraõ, 416.
 — del Rey D. João IV. 230.
 — del Rey Dom Pedro II. 710, e 716.
Pueros (D. Pedro) foy Mestre do Principe D. Theodosio, 265.

R

Rainhas de Portugal, como eraõ conduzidas, e assistiaõ nos Concelhos de Estado, 731, e seg.
Rainhas de Portugal. Veja-se D. Luiza, Neobourg, e Saboya.
Regimento do Principe D. Theodosio ainda se observa na Junta dos Tres Estados, 271, e seg.
Relação da comitiva, com que o Duque D. João II. foy esperar a Duquesa sua esposa, 15, e seg. E das fustas, que se fizeraõ nesta occasião, 32, e seg.
Repositiros môres del Rey D. Affonso VI. quem toraõ, 414, e 415.
 — del Rey D. João IV. 225.
 — del Rey D. Pedro II. 710.
Richelieu (O Cardeal de) que diligencias fez para que se acclamasse Rey de Portugal ao Duque de Bragança, 51.
Rio de Janeiro (Bispado do) quando, e por quem foy erecto, 678.
Roma (Embaixador em) D. Miguel de Portugal, Bispo de Lamego. Veja-se Portugal.
Roma; Ministros Portuguezes, que toraõ a ella no reynado de D. Pedro II. quem toraõ, 695, e seg.
S. Romain (O Abbade de) Embai-

xador de França; quando fez a sua entrada publica, 467.
Rook (Jorge) Almirante da Armada, que conduzio Carlos III. a Lisboa, quando chegou, 524. Que offeria lhe mandou fazer El-Rey D. Pedro, 525.
Ruy Telles de Menezes, Senhor de Unhaõ, quando faleceo, 161. Com quem foy casado, e que uelcendencia teve. Ibid.

S

Saboya (Carlos Amadeo de) Duque de Neomurs, quando nasceo, e morreo, 421, e 423. Com quem foy casado, e que uelcendencia teve, 423.
Saboya (D. Maria Francisca Isabel de) Rainha de Portugal, com quem casou, 389. Com que formalidade, e aonde se celebrou o seu casamento, 391. Em que dia partio para Portugal, e quando chegou a Lisboa, 392, e seg. Como foy felicjada a sua vinda, 393, e seg. Que pezzes lhe deu logo El-Rey, 397. Quando, e porque causa se retirou da companhia del-Rey, 403. Em que dia se proferio a sentença da nullidade do dito casamento, e quem toraõ os Juizes, 421. De quem foy filha, 421, e seg. A sua Arvore, 423. Que representação fez aos Tres Estados do Reyno depois da sentença do divorcio, 459. Que resolução, e como se ajultou o seu casamento com o Principe D. Pedro, 460, e seg. De que condições se formou o Tratado Matrimonial, 461, e seg. Quando, e como se celebraraõ os desposorios, 463. Que diligencia fez para maior segurança da consciencia no parti-

particular da dispensa, 463, e seg. Quando nasceo, e de que virtudes foy ornada, 725. Que Religiofas trouxe consigo para a fundação de hum Mosteiro, e qual foy este, 727. e seg. Que calo lhe succedeo com o seu Veador Dom João de Sousa, 729, e seg. Como era conduzida, e assistia ao Concelho de Ettado, 731, e seg. Quando principiou a exercitar-se na perfeição da vida devota, e que Obra escreveu, 733. Quando principiou a enfermar, e que progresso fez a doença, 734, e seg. Com que piedade recebeu os Sacramentos, 735, e seg. Aonde faleceo, e que disposições fez no Testamento, 478, e 737, e seg. Aonde jaz, e que obras fez, 738, e seg. Que Escritores tratao della, e que descendencia teve, 740, e seg.

Saboya (Victor Amadeo Duque de) com quem ajustou o seu casamento, 471. Que prenda mandou à esposa, 475. Em que tempo determinou vir para Portugal, e que Armada o hia conduzir, 475, e seg. Porque causa se restituio esta a Lisboa sem o referido Duque, 477.

Salamanca (Cidade de) como se rendeo a ElRey Carlos III. 633, e seg.

Salvaterra (Praça de) como, e por quem foy recuperada, 597, e seg.

Sande (Marquezado de) quando foy creado, e a quem conferido, 409.

Sandoval (D. Francisco de) Duque de Lerma, quando faleceo, 261. Com quem casou, e que ascendencia teve. Ibid.

Sand-ick (O Conde de) General, e Embaixador de Inglaterra, como foy visitado, e hospedado, e quem foy seu Conductor, 293, e seg.

Tom.VII.

Com que negociação veyo outra vez a Lisboa, 465, e seg.

Sarga (Villa de) como, e por quem foy tomada, 599.

Saxonia (O Principe Jorge Augusto de) em que anno veyo a Lisboa, e como o recebeu ElRey D. Pedro II. 693, e seg.

Schomberg (O Conde de) que dignidades, e lugares teve, e quando faleceo, 378, e 690.

Sebastianistas, que principio tiverao, e a que fim dirigião as suas paixoes, 60, e seg.

Secretaria de Estado, que forma lhe deu ElRey D. João IV. 202.

Secretaria, instituida pelo referido Monarcha, qual foy, 202.

Secretarios de Estado, e outras categorias, delRey Dom Affonso VI, quem forao, 417, e seg.

— delRey D. João IV. 231, e 235.

— delRey D. Pedro II. 711, 719, e seg.

Sylva (Luiz da) porque causa foy gio para Castella, 151. Que Condado lhe deu ElRey D. Filippe IV, e quando morreo, 152.

Sylva (Ruy Gomes da) Principe de Melito, quando nasceo, e com quem casou, 261. Quem forao os seus ascendentes. Ibid.

Soure. (O Conde de) Veja-se *Costa*.

Soure (O Conde de) com que valor se portou na passagem do rio Tietar, ou Bazzagana, e quando faleceo, 630.

Sousa (Francisco de) Couinho, refugio na Corte de Madrid por ordem do Duque D. João II. 8. Foy seu Aposentador mór, 42. Que commissão levou na Embaixada a Dinamarca, 129. Acção de generosidade, que usou com o Almirante, que o conduzio. 131. Que honras lhe fez ElRey de Dinamarca, 132. Como foy recebido pela

Ffff

la

- la Rainha de Suecia, e que Tratado ajustou com ella, 133, e seg.
- Sousa* (D. João de) Vedor da Casa da Rainha D. Maria Francisca de Saboya, que lhe disse, querendo ella doente continuar huma jornada, 130.
- Stuart* (Jacobo) Rey da Grã Bretanha, quando nasceo, faleceo, e com quem casou, 337. Quem forão seus pays, e avós. Ibid.
- Suecia* (A Rainha de) que gosto teve da Embaixada, que lhe mandou ElRey D. João IV. e que alliança fez com elle, 133, e seg.
- Sumilheres da Cortina* delRey D. Affonso VI. quem forão, 416, e seg.
- delRey D. Pedro II. 709, 717, e seg.

T

- Tangere* (Cidade de) querendo ElRey D. Pedro II. compralla, que fez o Parlamento de Inglaterra, e quem a tem ao presente, 689.
- Taronca* (O Conde de) querendo fogir para Castella, que Fidalgos persuadio para que fossem com elle, 150, e seg.
- Tavora* (Luiz Bernardo de) Conde de S. João, com que valor, e felicidade conquistou a Villa de Fuente Ginaldo, 552.
- D. Theodosio* (O Principe) com que razoes mostrou se deviaõ amparar os Principes Palatinos, 191. Quando foy declarado Principe do Brasil, e Duque de Bragança, 216, e 264. Quando nasceo, e foy bautizado, 263. Quem foy seu Padrinho. Ibid. Quando foy feito Coronel da Nobreza, 264. Que virtudes resplandecção no seu espirito, e quem foy seu Mestre, 265. Que Obras compoz, e que Sciencias cultivou, 266, e seg. De que modo, e em que dia partio para a Provincia de Alentejo, e como foy recebido, 268. Que instruções lhe mandou ElRey, 269. Como se restituiu a Lisboa, 271. Quando foy feito Generalissimo das Armas Portuguezas, e com que jurisdicção, 271. Em que exercicios sagrados empregava o tempo, 274. Quando faleceo, e aonde jaz, 275. Com quem se tratou o seu cataimento. Ibid. e seg. Que Escriitores fazem memoria da sua vida, 276.
- Teffé* (O Marichal de) porque causa não accitou a batalha, que lhe offereceo o nosso Exercito, 595.
- Testamento* delRey D. João IV. com que piedade foy feito, 211, e seg.
- Toledo* (D. Leonor de) Duqueza de Florença, quando faleceo, 337. Com quem casou, e quem forão seus pays. Ibid.
- Tourvil* (O Marichal de) com que designio appareceo na Bahia de Lagos, 687.
- Trappa* (O Abbade da) que obsequio, e supplica lhe mandou fazer ElRey D. Pedro II. 668.
- Tratado* da liga da *Grande Alliança* com ElRey Dom Pedro II. de que condições era formado, 517, e seg.
- Trinchantes* delRey D. Affonso VI. quem forão, 415.
- delRey D. João IV. 227, 229, e seg.
- delRey Dom Pedro II. 710, e 716.

U

Uchia (Fr. Jeronymo) Monge de S. Bento, que *Obra* compoz, e aonde se conserva, 407.

Valença de Alcantara, quem a sitiou, e com que condições se rendeo, 382. Quando, e como foy em outra occasião tomada, 586. Que illusão padecio hum Auihor nesta materia, 587. Quando foy demolida, e em que tempo se reedificou, 594.

Vandome (O Cardeal Duque de) dispensou a Rainha D. Maria Francisca de Saboya do impedimento, que tinha para casar com o Principe Regente, 462.

Vandome (A Princeza Isabel de) com quem foy casada, e quando faleceo, 422. Quem forão seus pays. *Ibid.*

Vasconcellos (Miguel de) por quem foy morto, 86. Como foy livre o seu cadaver da barbaridade do povo, que lhe destruiu as casas, e fazendas, 87.

Vasconcellos (Simão de) foy Gentilhomen da Camera, e Governador da Casa do Infante D. Pedro, 432, e seg. Que incivilidade lhe fez, 440.

Védres da Casa del Rey D. Affonso VI. quem forão 414, 415, e seg.

— del Rey D. João IV. 227, 228, 229, e seg.

— del Rey D. Pedro II. 710, 716, e seg.

Velles (Marquez de los) Embaixador de Castella em Roma, que ordem conseguiu do Papa, 138. Que insolencia quiz fazer ao nosso Embaixador. *Ibid.* Executando-a, como se pôrtou, e sahio della, 141. Para onde se retirou, 142.

Vellido do Duque D. João II. quando recebeo as benções nupciaes, de que adorno, e valor era, 24, e seg.

Vice-Reys da India no tempo del Rey D. Pedro II. quem forão, e que obraraõ, 698, e seg.

S. Vicente (O Conde de) João Alberto de Tavora; quando, e aonde faleceo, 615.

Viegas. (Antonio Paes) Veja-se *Paes*.

Villa-Real (O Marquez de) que motivo teve para se conjurar contra El Rey D. João IV. 148, e seg. Querendo-se accusar deste desatinho, que lhe disse El Rey, e como foy prezo, 156, e seg. Quem prendeo ao Duque de Caminha seu filho, e para onde foy remetido, 157. Como forão sentenciados, e castigados, 161, e seg. Quem pertendeo succeder nesta Casa, 163. A quem se deraõ os bens della, 427.

Villa-Verde (O Conde de) D. Pedro Antonio de Noronha, Vice-Rey da India, como soccorreo a El Rey da Persia, 699. Que Embaixada lhe mandou, e que successo teve. *Ibid.* e seg.

Villar-Mayor (O Conde de) Manoel Telles da Sylva, Embaixador a Heidelberg, com que negociação foy, quando partio, e que pessoas o acompanharaõ, 482. Quando fez a sua entrada publica, e que Ceremonial se observou nas audiencias, que teve, 483, e seg. Em que dia partio para o Reyno, e quando chegou, 486, e seg. Quando foy feito Marquez de Alegrete, 704.

Vinioso (O Conde de) acclamou em Evora a El Rey D. João IV. 95. Sendo nomeado Capitaõ General das Armas de todo o Reyno, quem

quem lhe desviou este emprego, 118. Com que razoes o queria fazer entrar na conjuraçao o Arcebispo de Braga, como se desviou d'elle, e o que fez, 155. Foy Conductor do Embaixador de França, 165. Para as casas do seu descendente foy convalecer ElRey D. Pedro II. 580.
Viscondado de Alseca, quando foy creado, e a quem conferido, 412.
 — de Barbacena, 411.
 — de Castello-Branco, 222.
 — de Fonte-Arcada, 706.
Visita, que o Duque D. Joao II. fez a Duqueza de Mantua, que ceremonial se observou nella, 66, e seg.
Unhao (Ruy Telles de Menezes, V. Senhor de) quando falecco, 261.

W

W Aldeck (Catharina Condeffa de) de quem foy filha, e que descendencia teve, 671.

Wilhelmo (Filippe) Eleitor do Imperio, quando nasceo, e morreo, 761. Com quem casou, e que ascendencia teve. Ibid.

X

X Eres de los Cavalleros (A Cidade de) por quem foy rendida, 627.
Xerora (Rio) com que felicidade o passou o Marichal de Tessé, 608.

Y

Y Orck (Duque de) visitando no mar a Rainha D. Catharina, que esticheta se observou neste acto, 299, e seg. Por quem foy reduzido à Religiao Catholica, 317.

F I M.

